

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









SERMOENS

DO

P. ANTONIO

VIEYRA.

TOMO XII.



**S E R M O E N S**  
D O  
**P ANTONIO VIEYRA**  
Da Companhia de Jesu,  
Prègador de Sua Magestade.  
**PARTE DUODECIMA**  
*DEDICADA*  
A' PVRISSIMA CONCEICAÔ  
**DA VIRGEM MARIA**  
SENHORA NOSSA.



**L I S B O A ,**  
Na Officina de **MIGUEL DESLANDES**,  
Impressor de Sua Magestade.  
*Com todas as licenças necessarias.* Anno de 1699.  
A' custa de **Antonio Leyte Pereyra.**



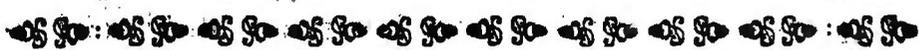


# L I C E N C A S.

## Da Religião.

**E** U Alexandre de Gusmaõ da Companhia de J E S U ; Provincial da Provincia do Brasil , por commissaõ especial , que tenho do N. M. R. P. Thyriso Gonçales, Preposito Gèral, dou licença para que se possa imprimir este livro da Duodecima Parte dos Sermões do Padre Antonio Vieyra da mesma Companhia, Pregador de Sua Magestade ; o qual foi revisto , examinado , & approvedo por Religiosos doutos della , por nòs deputados para isso. E em testemunho da verdade dei esta subscrita com meu final , & sellada com o sello de meu officio. Bahia aos 20. de Junho de 1697.

*Alexandre de Gusmaõ.*



## Do Santo Officio.

**V**istas as informações, pode-se imprimir a Parte Duodecima dos Sermões do Padre Antonio Vieyra da Companhia de JESUS, & depois de impressa, tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 8. de Agosto de 1698.

*Estevão de Brito Foyor. Sebastião Diniz Velho.*

*João Carneiro de Moraes. João Moniz da Sylva. Fr. Gôçalo do Grato.*

Tom. 12.

\* iij

Do



## DO Ordinario.

**V**istas as informações, pode-se imprimir a Duodecima Parte dos Sermões do Padre Antonio Vieyra da Companhia de JESUS, & depois de impressa tornará para se lhe dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa 14. de Agosto de 1698.

*Fr. Pedro Bispo de Bona.*



## Do Paço.

**CENSURA DO ILLUSTRISSIMO, E REVEREN-**  
*dissimo Senhor Dom Diogo Justiniano, Arcebispo de*  
*Cranganor, do Conselho de Sua Magestade, &c.*

S E N H O R:

**M** Andame Vossa Magestade ver o Duodecimo Tomo dos Sermões do Padre Antonio Vieyra, dignissimo Pregador de V Magestade, glorioso timbre da Nação Portuguesa, Mestre universal de todos os Declamadores Evangelicos, venturoso Alumno da sempre esclarecida Companhia de JESUS: & que entrepondo o meu juizo, diga o meu parecer sobre a estampa deste livro, que sendo na promessa do Author o ultimo dos seus Sermões, ainda não he o posthumo. Todas as composições deste grande homem parecem ultimas, porque depois de qualquer dellas, não se pôde esperar outra mayor, nem ainda igual. A sua eloquencia, porém, vence de tal maneira a nossa admiração, que o vimos proromper em doze partes iguaes, & tam perfeitos, que cada hum delles por consummado pareceo o ultimo: & se a mão, que escreveo

escreveo estes discursos ; tivera actividade para depois das cinzas mover a penna , veriamos, que sendo na perfeição cada hum dos seus Tomos ultimo , não poderia haver já mais ultimo algum em os seus Tomos , porque foi inexaurivel a fecunda vea do seu genio. Tudo o que della correo , se pela perfeição foi ultimo , o não ter ultimo foi a sua mayor perfeição.

Dos Sermões do Padre Antonio Vieyra só descubro em Job algũa analogia , se bem que não he proporcionada a semelhança, porque no Padre Vieyra foi a semelhança tam singular , que só nelle se deve buscar o semelhante , Job foi tam grande Prêgador , que confessando-lhe dentro na sua Provincia a superioridade todos os seus contemporaneos , lhe reconheciaõ singularidade no talento para o ministerio do Pulpito, querendo que só a elle em todo o lugar se lhe levantasse a cadeira, como a Mestre: *In platea parabant cathedram mihi, ut Magistro , ac Doctori* , disse Pineda. Este grande Prêgador , querendo deixar os seus Sermões para exemplo da posteridade, delejou muito estampalos no chumbo, ou nas pedras: *Quis mihi tribuat , ut scribantur sermones mei ? Sermones suos desiderat scribi in libro ad doctrinam posterorum* , escreveo Hugo. O Padre Antonio Vieyra deixou aos seus Sermões mais gloriosa estampa , pois no juizo dos homens tem a posteridade o papel mais perduravel para a leitura dos seus escritos. E teve mayor fortuna nos seus Sermões do que Job ; porque Job teve muitos mezes no anno a quem não corresponderaõ os seus discursos , porque se não igualáraõ ao numero dos mezes do anno os seus Sermões : *Ego habui menses vacuos*. A estampa , porém , deste Duodecimo Tomo, fórma dos escritos do Padre Vieyra hum anno inteiro , porque a cada mez do anno corresponde hum Tomo : & se nós pelas materias dos Tomos houvessemos de contar os mezes do anno , seria necessario acrescentar ao anno os mezes , porque nos seus escritos ha materia para muito mais Tomos.

Este insigne homem , verdadeiramente, Senhor , foi hum

monstro daquelles de quem diz o sagrado Texto, que eraõ da geraçõ dos Gigantes: *Vidimus monstra quedam de genere Giganteo*; pois em tudo foi hum monstro o Padre Antonio Vieyra. Nas especulações Gigante, sem ter a profissão das Cadeiras. Nas Theologias expositivas Gigante, como se para elle só fossem as Escrituras. No zelo da honra de Deos Gigante, como se á sua conta só estivesse a reforma do mundo. No amor do proximo Gigante, como se as Missões fossem só para o seu talento. Nas politicas Gigante, como se as razões de estado foraõ sómente a occupaçõ dos seus estudos. Na honra da Patria Gigante, desejando de Reyno, mudala em Imperio. Na emulaçõ de muitos Gigante, mas tam singular, que ainda vencidos os oppostos, ficavaõ gloriosos, porque eraõ de tam desmarcado monstro vencidos. Nos infortunios do mar, & da terra Gigante, porque superior a toda a desgraça, & mayor que toda a fortuna. No conhecimento do mundo Gigante, porque meteo debaixo dos pès as suas promessas. Finalmente Gigante nos passos, pois correo quasi toda a Europa, atravessou grande parte da America, pizou na Africa não pequena parte: & para que a Asia não tivesse a desgraça de lhe faltar a presença de tam grande homem, se lá não chegou a sua voz, lá se lhe ouvio o seu ecco: porque para em tudo ser Gigante, a cuja presença rendesse o mundo as venerações devidas ao seu talento, se converteo nos seus escritos, para que ao mesmo tempo, que no sepulchro está emudecida a sua voz, atroe em todas as quatro partes do mundo o seu brado. E em materias tam differentes, ser o talento igual para tudo, esta foi hũa das monstruosidades do juizo do Padre Antonio Vieyra.

Principe houve, que na urna das suas cinzas poz os seus escritos, & mandou levantar hum mausoleo tam grande, que de todo o seu dominio se pudesse ver o seu tumulo, de todos aquelles, a quem chegou a noticia dos seus discursos. Mais faz V. Magestade ao Padre Antonio Vieyra, porque depois da sua morte, por beneficio da estampa, lhe faz V. Magestade as

*Nosim deste livro estas duas folhas desta censura,* honras  
*pertencem aqui; Si erro do Deuenteo -*

honras com tam Real magnificencia , que em todas as quatro partes do mundo se póde ver a piramide da sua memoria : & se a forte invejosa nolo quiz roubar ao nosso Emisterio, escondendo nos desertos da America este thesouro ; V. Magestade o desenterra, para lhe mandar fabricar a sepultura em todo o mundo , porque só toda a terra he adequado tumulo para homem tam raro.

O Portuguez no parecer do Padre Vieyra he homem de todo o mundo ; todo o mundo lhe deu o ser , porque todo o mundo he o seu berço , toda a terra a sua patria ; & se tudo se resolve no seu principio , não será novidade , que em todo o mundo se veja a resolução do Padre Antonio Vieyra , quando todo o mundo para a estimação , deu o ser a este Portuguez illustre.

Mais se conhece o Portuguez , dizia o Padre Vieyra , pelo lugar aonde morre, que pelo lugar aonde nasce : & para que o Padre Vieyra fosse conhecido como singular entre todos os Portuguezes, era justo , que pelos seus escritos vivesse em todo o mundo, para assim morrer em toda a terra.

Depois de morto levantáraõ em Roma para as exequias de Tullio duas urnas: hũa para as lagrimas dos que tinhaõ ouvido as suas vozes, & lido os seus escritos; outra para as cinzas em que se resolveo tanta eloquencia. Para o Padre Antonio Vieyra duas urnas he pouco tumulo , porque lhe contaremos as piras pelos corações aonde vivirá a sua saudade. A vida eterna , que mereciaõ as suas prendas , se eternizará na nossa dor , para viver perpetuamente nas saudades dos nossos suspiros.

Nos seus doze Tomos nos deixou doze fontes para as nossas lagrimas por hũa tal perda ; mas em cada hũa destas fontes multiplicou Deos como no deserto de Helim as palmas: *Duodecim fontes, & septuaginta palmæ* ; porque em cada hum dos Tomos se vem multiplicados os triunfos do Padre Vieyra. E se não foi novidade haver setenta palmas em doze fontes , menor admiração será em doze Tomos , fontes

No Sermaõ de Te Deũ.

Sermaõ de S. Antonio. prẽgado em Roma.

Exod. c. 15. n. 27

perennes da eloquencia , levantarem-se ao Padre Antonio Vieyra setenta triunfos. E se cada Tomo contem quinze Sermões, multiplicando pelos Sermões as palmas, seraõ quinze os triunfos do Padre Vieyra em cada Tomo. Cada hũa das fontes do deserto , na opiniaõ de Hugo , eraõ os Sermões dos Prègadores : *Sunt Prædicatores , duodecim fontes Helim.* No Padre Vieyra as fontes da sua erudiçaõ , não foraõ doze Sermões , mas doze Tomos , porque se nos outros Prègadores , não passou de doze o numero dos seus Sermões mais celebres ; no Padre Antonio Vieyra foraõ doze os Tomos dos seus Sermões.

Hug. in  
4. Josue  
§. Moraliter.

Absalaõ para a sua memoria ainda vivo , levantou hum arco triumphal para perpetuar depois da morte a sua lembrança , & nelle gravou a sua mãõ , para eternizar o seu nome. : *Hoc erit monumentum nominis mei. Vocavitque titulum nomine suo, & appellatur Manus Absalom.* O Padre Antonio Vieyra para a sua mãõ levantou doze piramides , porque em doze Tomos erigio a lembrança do seu nome , aonde nos deixou os admiraveis partos da sua penna. A sua mãõ será sempre o seu titulo ; porque vivirá eternamente na sua penna a memoria do seu nome. E se para a mãõ de tam grande Principe , em Absalaõ bastou hum triumpho ; para a penna de Antonio Vieyra foraõ necessarios doze Tomos, para lerem as idades futuras, os voos do seu juizo nos triunfos do seu nome.

2. Reg.  
cap. 18.  
n. 18.

Doze pedras mandou Josue levantar em o Jordaõ , & se estas doze pedras , no parecer de Hugo , eraõ a memoria de doze Prègadores : *Duodecim lapides , sunt duodecim Prædicatores* ; quem não vê nos doze Tomos do Padre Vieyra, clamar hum só Prègador mais que os doze de Josue nas doze pedras do Jordaõ ? Porque nestas a estabilidade proporcionava a voz à distancia ; no Padre Antonio Vieyra se lhe ouve em todo o espaço a voz , porque em todo o mundo pela volubildade dos Tomos lhe responde o ecco.

Hug  
ubi sup.

As doze pedras do Racional , que tambem na sentença de Hugo saõ as vozes dos Prègadores , mais propriamente saõ

laõ os doze Tomos deste Prègador infigne , não sò porque todas foraõ preciosas , mas porque no peito do Summo Sacerdote tiveraõ toda a estimaçaõ , pois no juizo do Vaticano , foi o Padre Antonio Vieyra aquelle Orador Euangelico , em quem a verdade da doutrina Catholica fez irreprehensivel a sua sciencia.

*Ob sancti-  
tate do-  
ctrina* ,  
disse en-  
hũ Bre-  
ve do P.  
Vieyra  
Clemēt.  
X.

Aquellas doze Estrellas , que coroavaõ a mulher do Apocalypse , no commento de Hugo , significaõ as vozes dos Ministros do Euangelho ; mas com mayor propriedade lymbolizaõ os doze Tomos deste admiravel homem , porque de semelhante argumento , não tem a Igreja Catholica de outros doze Tomos mais rica coroa.

Hugo  
ubi sup.

Antigamente , diz o sagrado Texto , que era o Sermaõ precioso : *Sermo pretiosus* , porque era raro , diz Laureto : *Quia rarus*. O Padre Antonio Vieyra com o seu engenho pode tirar ao Sermaõ o ser raro , pois nos deixou doze Tomos ; mas não pode fazer com todo o seu engenho , que não fosse precioso o Sermaõ , porque em tam grande numero , soube unir o precioso , & mais o raro.

I. Reg.  
c. 3. n. 1.

O numero de doze em quem se comprehende toda a obra deste Orador admiravel , diz Laureto , he numero superfluo , porque he superabundante : *Numerus duodecimus est superfluus quia superabundans*. O Padre Antonio Vieyra com os seus Sermons soube fazer o numero de doze elcaço , porque para o nosso desejo he ainda diminuto o numero de doze Tomos.

Sylva.  
Allegor  
verb. 12.

O redundante do numero de doze , diz o mesmo Author ; que para todos he afortunado : *Felix illa reundantia* ; mas se fallar do numero de doze em ordem aos Tomos do Padre Antonio Vieyra , he para nós desgraçado este numero , porque para a nossa liçaõ desejamos mais livros , & só entãõ se daria por satisfeita a nossa curiosidade , quando para cada instante tivessemos para o nosso ensino hum Tomo.

Ibid.

Aonde chegou a voz de doze Apostolos repartida em doze bocas , chegou a voz deste Apostolo duvidada em doze Tomos. Esta voz , & aquella voz correraõ o meimo espaço ,  
porque

Os Pa-  
dres da  
Compan-  
hia em  
Portu-  
gal se  
chamaõ  
Aposto-  
los.

porque hũa, & outra se ouvio em todo o mundo : mas aquella foi voz de doze em doze , & esta foi voz de doze em hum. Hũa voz em cada hum dos doze não prêgou em todo o mundo , nem a voz de hum só se ouvio em toda a terra. Do Padre Antonio Vieyra ouvio-se em todo o mundo a mesma voz , porque foi a mesma em cada hum Tomo , & prêgou com a mesma em cada hum livro. Nos Apostolos ouvia cada hum a sua voz, mas só ouviaõ esta aquelles, a quem elles prêgavaõ : deste Apostolo todos ouviraõ a mesma voz, & a mesma lingua , tanto os que ouviaõ , como os que não ouviaõ : os que ouviaõ , porque na sua lingua articulava ; os que não ouviaõ, porque no seu idioma o leraõ.

Aos doze Apostolos custoulhes a vida a sua prêgação : & a este Apostolo não custou menor preço a sua prêgação, que a sua vida. Morreo com este ultimo Tomo nas mãos o Padre Antonio Vieyra ; mas se este perfeito Religioso na vida , foi hum Sermaõ vivo , ou pelo heroico exemplo das suas virtudes , ou pela singular resolução do seu defengano , como o não havia de colher a morte entre mãos com os seus Sermões ? Se cada hum morre , como vive, o Padre Vieyra para morrer como viveo, devia morrer como morreo.

Justamente este seu ultimo Tomo devia fer o seu Benjamin, porque foi o seu ultimo parto. Mas se para o Padre Antonio Vieyra este Tomo foi o seu ditoso filho : *Benjamin , id est, filius dexteræ*, porque o tresladou do desterro para a Patria ; para nõs foi, & sempre será filho infelice, porque o levou da vida para a morte.

Gen. c.  
35. n. 18

Ibid.

O duodecimo filho de Jacob , foi para a mãy o filho da sua dor , porque a deixou morta : *Filius doloris* ; para o pay , com tudo, foi o seu filho ditoso , porque o deixou vivo : *Filius dexteræ*. O Benjamin do Padre Antonio Vieyra foi este Tomo ; porque foi o seu duodecimo filho : mas ainda que foi filho da sua dor , porque a sua geração lhe custou a vida ; foi tambem filho da sua benção : *Filius dexteræ* , porque nelle satisfez a palavra dos seus doze Tomos. E he cousa , que póde causar grande

grande novidade, que prometendo o Padre Antonio Vieyra em annos tem avançados hũa obra , que segundo a sua direcção, ao menos, pedia doze annos, assim medisse a sua vida pela sua obra, que acabou a obra, & mais a vida.

Cicero na morte de Cesar, dizia , q̄ tivera este Imperador hũa notavel desgraça, & fora, que vivendo para a idade muito, para o seu prestimo vivera pouco : *Vixisti etati satis , parem certe reipublicæ*. Para tudo viveo muito o Padre Antonio Vieyra, porque se para a vida contou noventa annos , para o prestimo não foi menor a sua idade: antes medio a sua idade pelo seu prestimo , porque desde a puericia , viveo para servir á nossa admiração.

Communmente aos homens grandes , para as suas empresas lhes falta nos ultimos annos , o que perdêraõ nos primeiros, & aquellas fabricas, que delinea a alteza do seu espirito , ficaõ informes , porque lhes faltaõ as forças primeiro que se acabem as empresas. O Padre Antonio Vieyra como não só foi grande , mas tambem unico , as suas empresas forãõ iguaes ás suas forças : porque prometeo doze livros , & acabou doze Tomos. Não foi daquelles de quem dizia Christo , que principiando a abrir os fundamentos para a torre , não podêraõ acabar o edificio: *Hic homo cepit ædificare, & non potuit consummare*; porque principiou , & acabou a sua fabrica, pondo com este Duodecimo Tomo a coroa à sua obra.

Luc. c.<sup>o</sup>  
14.n. 30

Venturolo filho , que em annos tam crecidos ainda achou forças no pay , para que pudesse gerar obra tam estupenda ! Abençoado filho , que sendo filho da velhice , tem o vigor da mocidade ! E se o duodecimo filho de Jacob aliviou em o pay a laudade da mãy ; nós com a mãy , a quem ficou entregue este duodecimo filho , aliviaremos as laudades do pay , pois em ventre tam fecundo , ainda do pay morto poderemos esperar geração em a mãy viva : & aquellas grãdes obras, que o Author no Prologo da sua Primeira Patte nos diz, que se achãõ forjadas em os seus escritos como na tenda de Vulcano , mas ainda imperfeitas , porque já as forças as não podem

dem bater para as aperfeiçoar : veremos nós ; que depois da morte do Padre Antonio Vieyra , tem ellas com toda a perfeição o seu nascimento; porque ainda que a mãy he mais velha que o filho , com tudo tem mais forças que o filho a mãy. Nem se póde esperar menos da ditosa mãy do Padre Antonio Vieyra , sendo esta a Companhia de Jesus , porque só aqui póde ter o Padre Vieyra companhia.

Genef.  
cap. 23.  
n. 19.  
Hugo  
hic.

Em duas sepulturas enterrou Abrahaõ a Sara em o campo de Hebron : *Sepelivit eam in spelunca duplici* : porque nestes dous sepulchros , diz Hugo , enterrou o contemplativo da alma do morto , & a vida activa do corpo do vivo : *Spelunca duplex, vita activorum , & contemplativorum* ; & na sepultura de Hebron, que quer dizer companhia, *Hebron , societas* , costuma ter companhia o morto , cuja alma contempla com a vida activa do vivo , para que a actividade do vivo publique as contemplações da alma do morto.

Na companhia o vivo faz sociedade ao morto , & o morto tem companhia no vivo , porque no vivo fica resuscitado o morto. E se o morto na companhia , he resuscitado no vivo , teremos em tantos vivos da Companhia , resuscitado o Padre Antonio Vieyra depois de morto. Já não he para admirar aquelle grande segredo , que todos ignoravaõ no tempo do Senhor Rey Dom Joaõ o IV. dignissimo Pay de V. Magestade; vendo todos as incansaveis diligencias com que o P. Antonio Vieyra renunciou as mayores dignidades , só por se conservar , & viver na Companhia : porque sabia , que se fóra desta grande , & generosa mãy , havia de ser resuscitado no ultimo dia como todos os homens, antes deste dia , era bem que este grande homem resuscitasse ; & para ser resuscitado antes da resurreição commua , só em Hebron immediata á sua morte podia ter logo a resurreição.

Esta resurreição , que depois da morte esperamos ver no Padre Antonio Vieyra antes do dia do juizo , por meyo das suas obras , não só firma na Companhia de Jesus o seu complemento, mas tambem no singular cuidado com que V. Magestade .

gestade, & a Rainhã nossa Senhora se applicáraõ para à conservação dos escritos de hum vassallo, que neste seculo nenhum Principe o teve mayor, & só Deos sabe quando V. Magestade o terá igual. Applicou V. Magestade, & a Rainha nossa Senhora a consideração á fragilidade caduca de hũa vida a quem a inveja da sorte quiz acabar com varios infortunios; se bem todos pequenos para hum animo tam grande, & por isso todos foraõ pequeno desejo para o seu triumpho; & para que no pò de tam heroicas cinzas, não tivessem parte os meaes de tam soberana estatua, procuráraõ Vossas Magestades preventivamente o reparo para a conservação do trabalho dos seus estudos.

Os Reys da Persia, para se não perderem as obras heroicas dos seus vassallos, costumavaõ antigamente mandalas lançar nos Archivos publicos: aqui se conservavaõ, mas não se communicavaõ aqui a todos, porque toda a posteridade não podia ler o livro do seu deposito. Vossa Magestade, & a Rainha nossa Senhora com mais superior impulso mandaõ vir da America os escritos do Padre Antonio Vieyra, & para os conservarem em Archivo commum para todos, em todo o mundo haõde lançar as suas noticias, para que todos os homens possaõ ler as obras de penna tam rara, & saberãõ, que se Portugal das suas minas deenterra preciosas pedras, tambem tem depositos onde conserva sagesitos, em quem, quando lhe he necessario, deenterra thesouros.

Thesouro foi o Padre Antonio Vieyra, & thesouro de toda a riqueza, porque nelle não depositou Deos cousa, que não fosse preciosa, & tam preciosa, que sendo os seus Sermons tam unicos, elle os julgava como de nenhum valor em comparação do preço, que se devia ao demais, que conservava no thesouro do seu engenho. Fallando o Padre Antonio Vieyra das preciosas pedras dos seus escritos em hũa carta familiar escrita cõ toda a confiança, dizia, q̃ não sabia qual furor o arrebatára nos primeiros annos para abrir alicesses a grandes Palacios, os quaes vieraõ a acabar nas pobres choupanas

Escrita  
ao Doutor  
Sebastião  
de Mat-  
tos &

dos

dem bater para as aperfeiçoar : veremos nós ; que depois da morte do Padre Antonio Vieyra , tem ellas com toda a perfeição o seu nascimento; porque ainda que a mãe he mais velha que o filho , com tudo tem mais forças que o filho a mãe. Nem se pôde esperar menos da ditosa mãe do Padre Antonio Vieyra , sendo esta a Companhia de Jesus , porque só aqui pôde ter o Padre Vieyra companhia.

Genes.  
cap. 23.  
n. 19.  
Hugo  
hic.

Em duas sepulturas enterrou Abrahaõ a Sara em o campo de Hebron : *Sepelivit eam in spelunca duplici* : porque nestes dous sepulchros , diz Hugo , enterrou o contemplativo da alma do morto , & a vida activa do corpo do vivo : *Spelunca duplex, vita activorum, & contemplativorum* ; & na sepultura de Hebron, que quer dizer companhia, *Hebron, societas* , costuma ter companhia o morto , cuja alma contempla com a vida activa do vivo , para que a actividade do vivo publique as contemplações da alma do morto.

Na companhia o vivo faz sociedade ao morto, & o morto tem companhia no vivo , porque no vivo fica resuscitado o morto. E se o morto na companhia , he resuscitado no vivo , teremos em tantos vivos da Companhia , resuscitado o Padre Antonio Vieyra depois de morto. Já não he para admirar aquelle grande segredo , que todos ignoravaõ no tempo do Senhor Rey Dom Joaõ o IV. dignissimo Pay de V. Magestade; vendo todos as incansaveis diligencias com que o P. Antonio Vieyra renunciou as mayores dignidades , só por se conservar , & viver na Companhia : porque sabia , que se fóra desta grande, & generosa mãe , havia de ser resuscitado no ultimo dia como todos os homens, antes deste dia , era bem que este grande homem resuscitasse ; & para ser resuscitado antes da resurreição commua , só em Hebron immediata á sua morte podia ter logo a resurreição.

Esta resurreição , que depois da morte esperamos ver no Padre Antonio Vieyra antes do dia do juizo , por meyo das suas obras , não só firma na Companhia de Jesus o seu complemento, mas tambem no singular cuidado com que V. Magestade .

gestade, & a Rainhã nossa Senhora se applicáraõ para à conservação dos escritos de hum vassallo, que neste seculo nenhum Principe o teve mayor, & só Deos sabe quando V. Magestade o terá igual. Applicou V. Magestade, & a Rainha nossa Senhora a consideração á fragilidade caduca de hũa vida a quem a inveja da sorte quiz acabar com varios infortunios; se bem todos pequenos para hum animo tam grande, & por isso todos foraõ pequeno desejo para o seu triumpho; & para que no pò de tam heroicas cinzas, não tivessem parte os meaes de tam soberana estatua, procuráraõ Vossas Magestades preventivamente o reparo para a conservação do trabalho dos seus estudos.

Os Reys da Persia, para se não perderem as obras heroicas dos seus vassallos, costumavaõ antigamente mandalas lançar nos Archivos publicos: aqui se conservavaõ, mas não se communicavaõ aqui a todos, porque toda a posteridade não podia ler o livro do seu deposito. Vossa Magestade, & a Rainha nossa Senhora com mais superior impulso mandaõ vir da America os escritos do Padre Antonio Vieyra, & para os conservarem em Archivo commum para todos, em todo o mundo haõde lançar as suas noticias, para que todos os homens possaõ ler as obras de penna tam rara, & saberãõ, que se Portugal das suas minas desenterra preciosas pedras, tambem tem depositos onde conserva thesouros, em quem, quando lhe he necessario, desenterra thesouros.

Thesouro foi o Padre Antonio Vieyra, & thesouro de toda a riqueza, porque nelle não depositou Deos cousa, que não fosse preciosa, & tam preciosa, que sendo os seus Sermões tam unicos, elle os julgava como de nenhum valor em comparação do preço, que se devia ao demais, que conservava no thesouro do seu engenho. Fallando o Padre Antonio Vieyra das preciosas pedras dos seus escritos em hũa carta familiar escrita cõ toda a confiança, dizia, q̃ não sabia qual furor o arrebatára nos primeiros annos para abric aliceses a grandes Palacios, os quats vieraõ a acabar nas pobres choupanas

Escrita  
ao Doutor Sebastião de Mattos &  
dos

Souza  
da Cõ-  
grega-  
ção do  
Orato-  
rio.

dos seus doze Tomos. Se estes são pobres tugúrios da sua eloquência, quaes serão os edificios da sua idea, em cuja sumptuosidade tivesse o Padre Antonio Vieyra Capitolio condigno do seu juizo? Se tanta singularidade no dizer, & tam unica no amplificar, era no conceito do Padre Antonio Vieyra indigno theatro para o seu nome; qual será o carro capaz para o seu triumpho?

Os primeiros partos dos Authores costumão ser o frontespicio do seu talento: mas como o Padre Antonio Vieyra foi Author unico em todos os seus escritos, bastaõ as suas choupanas, para dar a conhecer os seus Palacios, porque para a suspenção de todos bastaõ os abortivos partos do seu engenho. Para o conhecimento dos Pigmeos não basta ainda todo o corpo; mas para os Gigantes basta hum dedo: & como o Padre Antonio Vieyra foi Gigante desmarcado em todo o genero de escriptura, basta o seu dedo para o conhecimento da sua eloquencia.

Estas razoes, Senhor, me obrigaõ a dizer a V. Magestade, que esta obra merece a Real attenção de V. Magestade, que he o que basta para explicar a sua grandeza, & que V. Magestade não só se sirva de conceder a licença, que justamente se pede, mas de mandar aos Religiosos da Companhia, que assim como nos communicarão as noticias das choupanas, assim nos dem o incomparavel gosto de podermos admirar as ideas dos Palacios de hum Architeto, que não teve igual: & se de muitos delles se não achar mais que o fundamento, alicesses do Padre Antonio Vieyra per si só bastaõ, como se foraõ maquinas grandes. Se na sua *Clarvis Prophetarum* falta algũa guarda para poder abrir em algum Capitulo dos Profetas; do Padre Antonio Vieyra não ha chave, que não seja mestra, para poder abrir a fechadura de toda a dificuldade: & se ao ultimo Tomo desta celebre obra, segundo me disserão, faltaõ só duas disputas, melhor he que duas disputas nos falem, do que pela falta de duas disputas ficarmos perdendo a dous Tomos, que forçosamente

deuem

devem ficar sem a ultima mão , porque só a lima do Padre Antonio Vieyra pôde aperfeiçoar condignamente a guarda da sua chave,

Posso afirmar a Vossa Magestade pela noticia , que deu em Roma, quem teve a fortuna de ver esta grande obra , & pelas conferencias, que tive na mesma Corte sobre a materia do seu argumento , q̄ em quanto não apparecerem estes dous livros , ainda está no mundo por saber quem he o Padre Antonio Vieyra , & qual foi a singularissima comprehensão com que Deos dotou a sua agilidade , porque tudo o que se tem visto das suas obras, he hum corpo sem alma a respeito desta grande empreza, & depois que se communicar á noticia publica , veráõ todos tal differença dos outros escritos a este commento , que ou Antonio Vieyra no commento he outro, ou as demais obras não são parto do seu juizo. E se o mundo palmou no que já vio, sendo tudo isto sem comparação algũa menor que hũa só regra da *Clavis Prophetarum* ; vem a ser estes livros sem controversia algũa superiores a todo o genero de escriptura.

Seus naufragios tem tido esta obra primeiro que tenha apparecido na luz da estampa. Hum no furto, que já se lhe intentou fazer , & sem duvida se effectuára , se V. Magestade com a sua Real attenção não fizera restituir ao Padre Balthazar Duarte , como a Procurador do Padre Antonio Vieyra , o thesouro , que nos roubavaõ de Portugal : outro naufragio foi o juizo, que muitos fizeram desta empreza, sem saberem , nem o que ella he, nem o que ella contém. E para V. Magestade evitar segundo furto, & impor perpetuo silencio a quem falla sem saber o que diz, deve mandar logo publicar esta obra, ordenando, que em quanto se estampa este Tomo, se prepare a impressão para estes dous livros, & para tudo o mais, que do Padre Antonio Vieyra escreveo a penna, ou dictou o juizo. E porque não sei se V. Magestade se servirá de me continuar a mercè de me mandar ver as demais obras, assim como foi servido, que eu revisse o Undecimo, & Duodecimo Tomo, suppondo

pondo ser esta a última vez , que por escrito falle nas obras,  
do Padre Antonio Vieyra , peço a V. Magestade , que por  
sua Real grandeza me permita o ter deixado correr a penna  
para dizer em tanto papel tam pouco , porque assim ao me-  
nos se não digo o que devo, profiro o que posso. E concluindo  
com o meu juizo , acabo dizendo, que de tam grande ho-  
mem , não ha letra, que se possa perder , nem sillaba , que se  
não possa estampar. Este he o meu parecer : Vossa Magestade  
mandará o que for servido. Lisboa 5. de Septembro de 1698,

*D. Arcebispo de Cranganor.*



**Q**ue se possa imprimir vistas as licen-  
ças do Santo Officio , & Ordinario ,  
& depois de impresso tornará á Mesa para  
se conferir , & taxar , & sem isso não cor-  
rerá. Lisboa 12. de Septembro de 1698

*Marchão. Ribeyro. Oliveyra.*

**Está**

**E** Stá conforme com o seu original. Lisboa, S. Eloy 7. de Dezembro de 1699.

*Francisco de S. Maria.*

**V** Isto estar conforme com seu original, póde correr. Lisboa 11. de Dezembro de 1699.

*Diniz. Carneiro. Moniz. Fr. Gonçalo.*

**P** Ode correr.

*F. P. Bispo de Bona.*

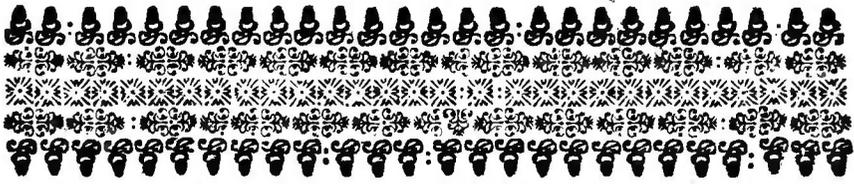
**T** Axaõ este livro em doze tostoens. Lisboa 14. de Dezembro de 1699.

*Duque P. Roxas. Marchaõ. Pereira.  
Oliveira. Costa.*



SERMÕES,  
QUE CONTEM ESTA DVO.  
decima Parte.

Sermão I.	<b>D</b> A Conceição da Virgem Maria.	Pag. 1.
Sermão II.	De São Roque.	pag. 22.
Sermão III.	Da Exaltação da Santa Cruz.	pag. 54.
Sermão IV.	Da Degolação de São João Baptista.	pag. 78.
Sermão V.	De Santo Antonio.	pag. 107.
Sermão VI.	Da quarta Dominga da Quaresma.	pag. 112.
Sermão VII.	Da Ressurreição de Christo.	pag. 148.
Sermão VIII.	Na Nascimento da Princesa nossa Senhora.	pag. 170.
Sermão IX.	Da quarta Dominga da Quaresma.	pag. 183.
Sermão X.	Das Chagas de São Francisco.	pag. 229.
Sermão XI.	De Santo Antonio.	pag. 252.
Sermão XII.	Do Santissimo Sacramento.	pag. 295.
Sermão XIII.	Da primeira Dominga da Quaresma.	pag. 316.
Sermão XIV.	Das Chagas de São Francisco.	pag. 341.
Sermão XV.	De São Joseph.	pag. 362.
Sermão XVI.	De Santo Antonio.	pag. 380.



# S E R M A Õ

D A

## CONCEYÇÃO

### DA VIRGEM SENHORA NOSSA

Prêgado pelo Author, antes de ser Sacerdote, na  
Bahia, & na Igreja da mesma Invocaçãõ, que  
por estar na Praya, se julga extra muros,  
anno de 1635.

*David autem Rex genuit Salomonem ex ea, quae  
fuit Uria. Matth. 1.*

§. I.

I



Omear pelos  
fins, & acabar  
pelos princi-  
pios, são pri-  
mores da Omnipotencia  
de Deos, & sutilezas de  
sua Divina Sabedoria. E-  
Tom. 12.

dificou o Creador esta  
grandiosa fabrica do mû-  
do, & diz o Texto sagra-  
do, que primeiro fez o  
Ceo, & depois a terra: *In* Genes.  
*principio creavit Deus cae-* I. I.  
*lum, & terram.* He expli-  
caçãõ, & admiraçãõ jun-  
tamente de S. Joãõ Chry-  
A sostomo,

S. Joan.  
Chryf.  
Ibid.

sofotomō, o qual diz assim : *Deus præter humanum morem, suum perficiens ædificium, prius cælum extendit, postea & terram substernit: prius culmen, & postea fundamentum. Quis tale vidit? Quis tale audiuit?* Quem vio nunca tal architectura? Quem vio nunca tal traça, diz Chrysofotomō, que para fazer hum edificio, primeiro se arme o tecto, do que se levantem as paredes; primeiro se fechem as abobadas, do que se abraõ os alicesses? Pois isto he o q̄ obrou na creaçãõ, & fabrica do mundo o supremo Architecto del-  
le: *Creavit cælum, & terram.* Primeiro fez o Ceo, & depois a terra: primeiro levantou o tecto, & depois armou as paredes: primeiro correo estas abobadas, & depois tũdou estes alicesses. *Sed ex ipso opificii modo divina natura dignitas innotescit*, conclue o Santo: mas nestes aveços do fraco poder humano consiste o direyto, o sublime, o maravilhoso da Om-

nipotencia Divina: em comear por onde os homẽs acabaõ, em acabar por onde elles começãõ.

2 Toda esta traça tam milagrosa da creaçãõ do mundo, nenhũa outra couza foi, lenãõ hũa planta, ou debuxo da Conceyção purissima de Maria, Mundo segundo, que para o segundo Adãõ Christo, singular, & milagrosamente foi edificado. Toda a architectura andou trocada neste soberano edificio, toda andou às aveças. Nos outros edificios espirituales, nas outras puras creaturas, por mais santas, & santificadas que sejaõ, a primeira pedra he da Natureza, & a segunda da Graça. Primeiro se edificaõ pela parte da terra, & depois pela parte do Ceo. Primeiro nascem tributarias ao peccado de Adam, & depois renascem justificadas pelos merecimentos de Christo. Não assim na Conceyção de Maria. Começou-se este milagroso edificio pelo muyto que ti-  
*nha*

Conceyção da Virgem Senhora nossa.

3

na do Ceo, & acabou-se pelo pouco que participava da terra. Primeiro se fecháraõ as abobadas do espirito, & depois se lança-raõ os fundamentos do corpo. Primeiro ( ou quasi primeiro ) a santificou a Graça, & depois a produzio a Natureza. Que elegante, & que expressamente o disse S. João Damasceno ! *Natura voluit in cõceptione Virginis gratiæ cedere, ut Virginis conceptio gratiæ Dei, non viribus nature tribueretur.* A Natureza, que em todas as outras conceyções costuma ser a primeira, cedeo de seu direyto nesta obra, & concedeo-o á Graça. As prevenções da Graça puzeraõ a primeira pedra no edificio ; & as exceyções da Natureza a segunda. Primeiro foi em Mãria o ser Santa, que o ser mulher. Começou Deos na Virgem Santissima, por onde acabaõ nos outros Santos, & acabou por onde

começa. Lá começa pela Natureza, & acaba pela Graça : cá começou pela Graça, & acabou pela Natureza : manifestando as delicadezas de sua Sabedoria nestes trocados de sua Omnipotencia: *Ut Virginis conceptio gratiæ Dei, non viribus nature tribueretur.*

3 Ora em dia, & em obra, em q o mesmo Deos andou ás aveças, tambem eu não quero pregar ás direytas. Havemos de começar hoje pelo fim, & acabar pelo principio. Havemos de acabar por onde os outros começam, & começar por onde acabaõ. Os outros Sermões começaõ pela explicação do thema, & acabaõ pela prova do assumpto : este hoje ha de começar pela prova do assumpto, & acabar pela explicação do thema. Isto posto, não nos resta mais que pedir a Graça á chea de graça. *Ave Maria.*

## §. II.

*David autem Rex genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uria.*

4 **P**Ois havemos de pregar hoje ás aveças ; pois se ha de começar este edificio pelo ar , seja pelo ar, & graça da mais fermosa de todas as mulheres. O Esposo sagrado nos Cantares fallâdo da fermosura de sua Mãy , & Esposa a Virgem purissima , diz assim no Capitulo sexto : *Pulchra es amica mea , suavis , & decora sicut Hierusalem.* Sois fermosa , & suave amiga minha , tam fermosa como a Cidade de Jerusalelem. Galante comparação por certo ! Já que o Esposo se não fizesse Astrologo , como se fazem communmente todos os amantes ; já que não comparasse a fermosura , que adorava , ao Sol , á Lua, ás Estrellas ; porque a não compara , como pastor , ás flores do campo , ás rolas , aos cra-

vos , aos jasmins , ás açucenas? Comparar a fermosura de hum rosto a hũa Cidade , *Decora sicut Hierusalem* ? Quem vio nunca tal comparação ? Segue varios pensamentos os Expositores : melhor que todos o Legionense : *Ea erat Sponsæ pulchritudinis magnitudo , ea oris & corporis totius maiestas , ut non posse declarari putaret , nisi similitudine earum rerum , quæ non solum pulchræ , sed amplæ etiam , & multa rerum varietate præditæ sunt , quales sunt urbes regie.* Era tam grande a fermosura daquelle rosto ; era tam grande a magestade daquelle fermosura ; havia tanto que ver naquelle pequeno espaço ; havia tanto que admirar naquella breve esfera , que não achou o Esposo coula algũa tam fermosa,

Cant. 6.  
3.

*Conceyção de Virgem Senhora nossa.* 3

fermosa, & grande, a que a comparar, senão ao emporio de muytas grandezas, quaes são as Cidades Reaes, & Metropoles do mundo,

5 Entra hum peregrino em hũa Cidade Metropoli, qual naquelle tempo era Jerusalem, & hoje he Roma, vê Torres, vê Templos, vê Palacios, vê jardins artificiaes, em que vence a arte a Natureza; & por mais que veja sempre he fica mais que ver, por mais que admire, sempre he fica mais que admirar; não lhe basta hum dia, nem muytos dias; quando cuida q̄ acabou de notar tudo, ainda lhe fica muyto que observar de novo. Tal, diz o Verbo encarnado, he a fermosura da sua Esposa: *Decora sicut Hierusalem.* Depois de visto hũa vez, & outra vez, sempre ha que ver nesse rosto: depois de admirada hum dia, & outro dia, sempre ha que admirar nessa fermosura. Chamou Santo Agostinho a fermosura

Tom. 12.

de Deos, *Pulchritudo nova, & antiqua*, fermosura antiga, mas sempre nova. As fermosuras mortaes, no primeiro dia agradão, no segundo entastião; são livros, que hũa vez lidos, não tem mais que ler: não assim a fermosura Divina. Mil & seiscentos annos ha, que o Baptista está vendo o rosto de Deos: mil & seiscentos annos ha, que está lendo por aquelle livro eterno, & sempre acha de novo que ver, sempre acha de novo que contemplar naquelle mar de fermosura, naquelle abismo de perfeições. Taes attributos reconhecia o Esposo na fermosura infinita de Maria; por isso a compara a hũa Cidade Real; em que sempre ha que ver de novo: *Decora sicut Hierusalem.*

6 Com algum escrupulo levantei a comparação de Jerusalem, & a da fermosura da Virgem Maria á do rosto de Deos na Jerusalem do Ceo; mas deste escrupulo me livrou

A iij

São

Nazian.

S. Gregorio Nazianzeno, ( por antonomasia entre todos os Doutores da Igreja o Theologo ) o qual commentando as mesmas palavras do Esposo, *Decorasicut Hierusalem*, as não entende da Jerusalem da terra, senão da do Ceo: *Decorasicut celestis Hierusalem*. Ao mesmo Nazianzeno seguem, & o mesmo sentido approvaõ Theodoro, Ruperto, Pselo, Beda, Apponio, & he o commum dos Doutores. Quer pois dizer este notavel elogio da Esposa següdo o juizo de tam grandes entendimentos, que ha tanto que ver na fermosura da Virgem, quanto ha que ver na fermosura da Gloria. Se na Gloria não houvera fermosura mais que a dos Espiritos Angelicos, nenhũa difficuldade tinha a exposiçãõ, porque o mais gentil-homem Serafim do Ceo se preza muyto de servir de chapim a esta soberana Rainha. O ponto da difficuldade esta, em que na Je-

Theod.  
Rupert.  
Beda.

rusalem celestial mostra-se o rosto de Deus aos Bemaventurados de cara a cara; & sendo isto de Fé, *Func autem facie ad faciem*, como he possivel que haja tanta fermosura na Virgem, como na Jerusalem do Ceo: *Decorasicut celestis Hierusalem*? Para a solução não temos menos q o testemunho de vista do insigne Dionysio Areopagita, chamado, como o Placão da Igreja, o Divino. Foi este Santo tam venturoso, que mereceu ver com seus olhos a Virgem sacratissima, quando ainda vivia em carne mortal: & o que lho succedeo nesta visita, esbreveo o mesmo Santo, fallando com Deus, por estas admiraveis palavras: *Nisi tua divina doctrina me docuisset, ó Deus, haerereum Deum videredixissem, quoniam nulla videri posset maior gloria Beatorum, quam felicitas illa, quam ego tunc felicissimus degustavi*. Quando cheguei a ver o rosto de vossa Mãe Santissima, ó Deus eterno, se a doutri-

1. Cor.  
13. 12.D. Dionys.  
Areopag.

doutrina de vossa Fè me não tivera de sua mão, sem duvida me postrára de joelhos, & a adorára por Deos. Representava tam grande magestade aquelle rosto imperial: sahiaõ rayos tam divinos daquella soberana presença, que me pareceo, que já gozava o estado felicissimo da bemaventurança, & que não tinha mais quillates de gloria aquella sobrenatural vida; que faz aos Anjos bemaventurados: *Quoniam nulla videri posset maior gloria Beatorum, quam felicitas ibi, quam ego tunc felicissimus degustavi.* Os Bemaventurados, quando entrão a ver a Deos, perdem a Fè; porque ver, & creer não se compadecem. Se entrára S. Dionysio sem Fè a ver Maria, parece a adorára com adoração de latria por Deos verdadeiro; ficando idolatra daquella imaginada Divindade: *Nisi tua divina doctrina me docuisset, ó Deus, hanc verum Deum credidissetem.* Tãta razão como esta, teve o

Esposo de comparar a fermosura da sua Esposa à fermosura da Jerusalem do Céo: *Decora sicut celestis Hierusalem.*

6. III. n. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.

7 **A** Sláz ponderada ficava a fermosura de Maria, se parára aqui o Divino Esposo; mas não parou aqui: *Averte* Cant. 6. *oculos tuos á me, quia ipsi me 4. avolare fecerunt.* Tem tanta reputação comigo estas palavras, que ainda que decesse hum Serafim do Céo a ponderálas, não lhes ha de dar o pezo que ellas merecem. Apartai de mim vossos olhos, Senhora, diz Christo a sua Mãy; *quia ipsi me avolare fecerunt;* porque fico arrebatado quando os vejo, fico em extasi. *Uult avertere illam 6. oculos,* diz S. Ambrosio, *ne eam considerans elevetur;* & *ceteras animas derelinquat.* Pede Christo a sua Santissima Mãy, que ponha tregodás à vista, que a parte delle seus fermosos olhos; porque se o não fi-

zer affirm, ficará tam absor- to, tam enlevado na con- sideração de sua fermosura, que não poderá tratar da salvação das outras al- mas; & ficará totalmente suspenso o mysterio, a que veyo, da Redempção. Es- pantoso dizer! Queira Deos que acerte ao pon- derar.

8 E bem, Christo Re- demptor nosso não goza a visão clara de Deos, com o mais perfeito lume de glo- ria, que de ley ordinaria he possível? Pois se a vi- sta perfectissima daquelle abismo, de fermolura não embargava as attensões a Christo, & se occupava com tanto cuidado na sal- vação do mundo; como diz o mesmo Senhor á Vir- gem, q̄ eclipse hum pouco o resplandor de seus olhos, para que não fique suspê- sa a salvação das almas, *Ne eam considerans eleve- tur, & ceteras animas de- relinquat?* Mais, ainda, Chri- sto em quanto Deos não se comprehende a si mes- mo? Não abraça dentro

da infinidade da sua vista aquelle, mar immenso da Divindade? Pois se a vi- são comprehensiva de Deos lhe não suspende o attri- buto da Providencia: se comprehendendo-se a si; lhe ficão bastantes adver- tencias para governar o mundo, como agora o mes- mo Deos pedindo a Maria que aparte d'elle os olhos, dá por razão, que se cui- dar em suas graças, & per- feições, não lhe ficarão cuidados para tratar de outras almas: *Ne eam con- siderans, ceteras animas de- relinquat?* Aqui não ha se- não ou dizer húa heresia, ou não responder nada. Mas este mesmo não saber responder, este mesmo en- colher os hombros, este mesmo palmar, he o ma- yor encarecimento, que se pôde dizer nesta mate- ria. Que veja Christo, em quanto Homem, a fermos- ura de Deos, & nem por isso perca a attenção de outros cuidados! Que cõ- preenda Christo em quã- to Deos toda a Essencia Divina,

Conceyção da Virgem Senhora nossa. 9

Divina ; & não por isso perca o uso de sua Providencia ; & que chegando a contemplar a fermosura daquella Virgem purissima , fique tam arrebatado , fique tam suspenso , em tal calma de lentidos , em tal extasi de potencias , que para poder advertir a outra cousa , seja necessario divertir-se daquelles olhos :

*Averte oculos tuos a me, ipsi me avolare fecerunt !*

9. Já agora me não espanto de hũa cousa , que estranhei sempre muyto na cortesia de S. Martha. Estava a Magdalena aos pès de Christo seu Divino Mestre ; & Martha , que andava muy solícita no adereço da mesa , chega , & diz :

Luc. 10.  
20.

*Domine , non est tibi cura , quòd soror mea reliquit me solam ministrare ?* E bem , Senhor , não tendes cuidado ? Paray ahí divertida Martha : Vos sabeis com quem fallais ? Esse , a quem chamais Senhor , não he aquelle , cuja Providencia cuida dos a alcança até ás avesinhas do ar , & aos bi-

chindos da terra ? Pois como vos atreveis a pôr descuido no mesmo Deos : *Domine , non est tibi cura ?* Andou muito delgado neste lugar hum Doutor grave da nossa Companhia : *Umbra erat Maria Deipara , cujus gratie præ omnibus aliis creaturis sic Deum capiebant , ut posset fieri quòd habens Deus secum Mariam , non multum curaret ceteras creaturas.* Quando Martha fez aquella queixa a Christo , estava o Senhor fallando com Maria Magdalena , figura de Maria Mãe de Deos ; & como tinha diante dos olhos este fermoso retrato , não he muito q Martha chamasse a Christo descuidado : *Domine , non est tibi cura ;* porque quando se poem este Senhor a contemplar as perfeições , & graças de Maria , tanto o cativão , tanto o enlevão , tanto lhe roubão os pensamentos , & embargão os cuidados , que parece lhe não deixão attenção para cuidar de outra cousa : *Domine , non est tibi*

tibi

*tibi aucte.* E como o Verbo encarnado vierá ao mundo com hum cuidado de tanta importancia, como a redempção, & remedio delle, por isso pede á Senhora, que ponha treguas á vista, que aparte hum pouco os olhos, que lhe deslative os pensamentos, & lhe desembargue os cuidados: *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me avolare fecerunt.*

10 Estas ultimas palavras, *Ipsi me avolare fecerunt*, conforme a versão Hebréa ainda tem mais alma. Diz o texto Hebréo: *Averte oculos tuos à me, quia ipsi me superbiere fecerunt.* Tirai de mim vossos olhos, Virgem Mãy minha, diz Deus, porque sua fermosura me faz ensoberbecer. Ensoberbecer? Que quer dizer isto? Na fonte de toda a sãtidade pôde caber soberba? Na pureza da verdade eterna pôde ter lugar a vaidade? Claro está que nem vaidade, nem soberba pôde caber em Deus:

mas foi o mais encarecido hyperbole, com que se pôdiá subir de ponto a fermosura da Virgem Maria. Como se dissera Deus: A gloria que recebo da vista de vossos olhos he tanta, que se em mim coubera vangloria, sem duvida que me ensoberbecera. De Lucifer diz o Profeta Ezechiel, que considerando a fermosura de sua natureza, se ensoberbecera: *Elevalatum est cor tuum in decore tuo.* De Adonias se diz também no livro dos Reys, que se ensoberbecera, & se dá por causa, sua grande fermosura: *Erat autem pulcher valde.* Só de Deus não ha Escritura alguma que diga, ( não digo por verdade, que não pôde fer ) mas nem por figura, ou semelhança, que contemplando-se a si, que contemplando aquella fermosura immentia de seu ser, se ensoberbecesse. Pois Senhor, & Deus meu, se essa fermosura eterna, immentia, infinita, incôprehensivel: se essa fermosura, de que são hûas

Ezech. 28. 17,

3. Reg. 1.6.

Conceyção da Virgem Senhora nossa.

III

hãas participações muy elcaças tudo o que he fermosura no Ceo, & na terra tudo o que he fermosura nos homés, & nos Anjos: se não chega essa fermosura a vós ensoberbecer por metáforas: se não chegais a dizer della que vos ensoberbeceo contemplado-a; como dizeis por vofsa boca, que a fermosura dos olhos de Maria foi poderosa a vos ensoberbecer: *Ipsi me super bire fecerunt?*

II Tudo são exaggerações, tudo são hyperboles, tudo são encarecimentos da fermosura da quella soberana Virgem; mas exaggerações as mais levantadas, hyperboles os mais subidos, e encarecimentos os mais sobrelevados. A fermosura de Eva chegaria a ensoberbecer a Adão; a fermosura de Rachel chegaria a ensoberbecer a Jacob; a fermosura de Esther chegaria a ensoberbecer a Assuero; mas a fermosura de Maria chegou a ensoberbecer, do modo q se póde dizer, ao mesmo

Deos. Chegou a confessar o mesmo Deos, que a fermosura de seus olhos o ensoberbecia: *Ipsi me super bire fecerunt.*

§. IV.

12 **O** Ra vamos ao ponto. Vejo está dizendo o auditorio: todo: Este Prêgador, como novo, & como moço, não sabe o que prêga: hoje he dia de nossa Senhora da Conceyção, havianõs o Prêgador de provar como a Virgem purissima foi concebida sem peccado original; que quanto he retratarnos as fermosuras de nossa Senhora, a q propozto? O proposito eu o direi agora. Conta Plutarcho q em Athenas impõdo-se hũ grave crime a hũa donzella fermosissima chamada Erenes, para se sentenciar a sua causa appareceo em juizo com o rosto cuberto, como era costume apparecerem as accusadas. Começou logo a allegar por sua parte hum Orador com grande

grande copia de palavras, com grande numero de textos, com grande força de razões. Mas as presunções eraõ tam forçosas, & os indícios tam efficazes, que já nos rostos dos juizes se estava lendo sentença contra Frenes. Levanta-se neste passo Pericles, outro Orador famosissimo, lança mão ao manto da quasi convencida donzella, & o mesmo foi apparecer a fermosura de feu rosto, q̄ trocãrem-se subitamente os pareceres de todos. Acclama todo o Senado: Victór, victór, pela parte de Frenes. Em tanta fermosura, dizem, não pôde haver culpas: em tanta fermosura não pôde haver culpas.

13 Eil-aqui a traça, Senhoras, eil-aqui o pensamento, que me levou apoz si neste Sermão. A questãõ mais altercada, ou das mais altercadas, que houve na Igreja Catholica, he esta, em que estamos: Se foi, ou não concebida com culpa original

a Virgem purissima Mãe de Deos? Na especulaçãõ deste ponto tem suado os mais insignes Theologos de toda a Igreja: na confirmaçãõ desta verdade tẽ corrido felizmente as penas mais engenhosas de todo o mundo. Mas ainda está a questãõ indecisa, ainda está a verdade em opiniões. Pois que remedio para sabir com victoria? Que remedio para tapar a boca de hũa vez a todas as razões contrarias? O remedio he, Virgem purissima, já que não posso ser digno Orador de vossa pureza, fazer-me Sumilher de cortina da vossa fermosura. Appareça esse rosto mais fermoso que a Jerusalem da terra, mais fermoso que a Jerusalem do Ceo: appareção estes olhos bastantes a enlevar a Deos, bastantes a o ensoberbecer; & á vista de tanto extremo de fermosura, todos acclamarão a hũa voz, que sois concebida, Senhora, sem culpa original: que em tanta fermosura não pôde haver culpa.

Prê;

14 Prêgando em tal dia como hoje hum Prêgador de contraria opiniaõ , não duvidou dizer publica, & declaradamente que a Virgem Maria fora concebida em peccado original. Estava na mesma Igreja hũa Imagem da mesma Senhora de vulto, & vestida como então se costumava mais ; & em se ouvindo no auditorio aquella proposição , que faria ? ( Escreve o caso Bernardino de Bustes. ) Estendeo o braço direito a Imagem , pegou no manto, & cobrio o rosto. Qual seria o espanto, & assombro, & tambem o applauso de todos, bem se deixa ver. A mim me está lembrando neste passo, o que aconteceu a Sara com ElRey Abimelech. Partio-se Abrahão de sua patria, & fez concerto com Sara , que dalli por diante se chamasse irmaõ, & irmãa, & não mulher, & marido ; porque assim levava a vida mais segura. Chegados ao Egypto, onde Abimelech reynava, le-

váraõ logo o alvitre ao Rey os ministros de seus appetites, dizendo, que era chegada á Corte hũa mulher de estranha fermosura. Informou-se o Rey se era casada, & dizendo-lhe que não, mandou que lha levassẽm a Palacio. Que boa occasião tinhamos aqui para hũa pequena de doutrina ! Era Rey Abimelech, era Gentio, era poderoso, & não tinha Fè, nem tinha hum mandamento da Ley de Deos, que lhe dissesse: *Non concupiscet uxorem proximi tui.* <sup>Deut. 5. 21.</sup> Não dejesarás a mulher de teu proximo ; & com tudo foi tam comedido que não tratou de Sara, senão depois que soube primeiro que era mulher sem marido. E andou muito acerta da Sara em se desterrar para o Egypto, & não para outra de muitas terras, onde pôde ser que não achasse tanto comedimento nos homens.

15 Emfim, não chegou Abimelech a afrontar a Sara, porque Deos, que velava

zelava a honra de Abrahão mais que elle mesmo, appareceo a Abimelech em sonhos muy severo, mandandolhe que restituísse logo a mulher a seu marido, sob pena de lhe tirar a vida a elle, & lhe abraçar o Reyno. Executou-o assim o Rey no mesmo ponto; & mandando dar a Abrahão quatrocentos cruzados, disse assim a Sara:

Genes.  
20. 16.

*Ecce mille argenteos dedi fratri tuo: hoc erit tibi in velamen oculorum ad omnes, qui tecum sunt: Sara, aquelle dinheiro, que mandei a vosso irmão, he para comprares hum manto, ou vèto, com que cobrir os olhos diãte daquelles, que vos conhecem. Cobrir os olhos Sara, porque razão? Não consta da Escriitura, que Abimelech não tocou*

Ibid. 4.

a Sara no fio da roupa: *Abimelech verò non tetigerat eam.* Não consta que o Rey declarou logo o caso, como passára, aos da sua

Ibid. 8.

Corte: *Locutus est uniuersa verba hæc in auribus eorum.* Pois se Sara estava tam in-

nocente, tã livre da culpa; porque havia de cobrir o rosto? Porque havia de tapar os olhos: *Hoc erit tibi in velamen oculorum?* Apenas ha lugar na Escriitura, que tenha tantas exposições dos Doutores; cada hum diz o que lhe parece, o mesmo hey de fazer eu.

16 Diz Abimelech cõ muito razão a Sara, que compre hum manto, com que cobrir os olhos; porque para hũa mulher da authoridade de Sara, não são necessarias culpas verdadeiras, bastaõ culpas imaginadas, para não ter olhos, com que apparecer diante de gente. Ainda que o Rey sabia a innocencia de Sara, & a publicára; como o mundo he tam mão, muitos imaginariaõ o que quizessem; & basta que se imagine hũa culpa em hũa mulher tam santa, para que não tenha rosto com que apparecer, para que tape os olhos: *In velamen oculorum.* De Sara pôderã a Virgem Maria herdar

dar este pundonor , como neta sua que era; mas em si tinha mayores obrigações, que as herdadas. Corre o manto, tapa os olhos, quando ouve dizer de si, que foi concebida em peccado original: não porq̃ esta culpa fosse verdadeira não , mas porque para a pureza da Máy de Deos , bastão culpas imaginadas , para cobrir o rosto ; basta hũa suspeita, ainda que falsa, de culpa , para não ter olhos para apparecer : *Invelamen oculorum.*

17 Assim he , Senhora minha , assim he : mas neste mesmo manto temos o remedio. Se porque vos condenão de culpa original, cobris o rosto ; descobri-o , & todos vos absolverão dessa culpa. A termofura desse rosto he a executoria de vossa pureza. Não sou eu o que volo digo, Senhora ; nos Cantares volo disse vosso Filho , & Esposo sagrado , quando o consultastes deste caso : *Indica mihi ubi pasceas , ubi cubes in meridie.* Decla-

raime , Esposo querido meu, diz a Senhora , onde repoulais descansando ás horas do meyo dia. Ide notando as propriedades do Texto , que são admiraveis. O peccado de Adão , que he, ou donde nasceo o original , foi cômettido ao meyo dia. Assim se colhe do mesmo Texto, em que Deos arguhio a Adão , & elle se escondeo logo depois do meyo dia : *Et cum* Genes. 3. 8. *audisset vocem Dei deambulantis ad auram post meridiem, abscondit se.* E esta he a razão , porque disse Rabano , & bem , que quiz subir o Redemptor á Cruz no pino do meyo dia: *Hora sexta;* para que o peccado fosse pago na mesma hora , em que fora cômettido: *Crucem meridie ascendit, ut qua hora primus homo lignum prævaricationis tetigerat, secundus homo lignum redemptionis ascenderet.* Vem pois a ser a pergunta da Senhora , que lhe declare o Esposo Divino onde descansava por graça no tempo em que Adão peccá-

Apud  
Septua-  
ginta.

peccára; & acrescenta maravilhosamente a nosso intento: *Ne efficiar sicut ad-operta*. Porque em quanto vós, Senhor, não declarares isto, estarei eu com o rosto cuberto, como costumaõ estar as accusadas de culpa: *Ne efficiar sicut ad-operta*.

Ibid. 7.

18 Ouvi agora o que respondeo o Esposo, que he milagrosa prova do nosso assumpto: *Si ignoras te, ó pulcherrima inter mulieres*. Perguntar isto, Esposa, & Mãy minha, perguntar se estava eu em vós por graça no tempo em q̄ peccou Adão, he ignorares vós que loís a mais fermosa de todas as mulheres. Argumenta o Esposo pelas mesmas consequencias, em que o nosso discurso se funda. Diz que duvidar da graça original da Virgem, he ignorar que he a mais fermosa de todas as mulheres; porque quem conhecer sua fermosura, impossivel he que crea que foi concebida em peccado; que em tanta fermo-

sura não pôde haver culpa. Divinamente o Abba-de Ruperto: *O pulcherrima mulierum! Talis, ac tanta causa tua est, ut si te ipsam non ignores, statim scias illud, quod quaeris*. Dessa caula que perguntais, ô fermosissima entre todas as mulheres: dessa questãõ que moveis, comvosco trazeis a resposta, comvosco trazeis a soluçãõ. Vossa fermosura he a prova de vossa immaculada Conceyçãõ. Só poderá duvidar della, quem ignora as excellencias de vossa fermosura: *Si ignoras te, ó pulcherrima inter mulieres*.

¶ V.

19 **E**Ntra agora o nosso thema, & segũdo o que prometti, he bom final: acaba-se o Sermão. *David autem genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uria*. David gerou a Salamaõ da mulher que foi de Urias. Altercaõ muito os Doutores, porque se poem esta mulher no Catalogo da gera-

geração da Senhora. E tem muito mais lugar a duvida no dia de sua purissima Conceyção. Se se passa em silencio Sara, Rebecca, Rachel, & outras mulheres fãtissimas primogenitoras da Virgem ; porque se faz menção desta, que foi muito menos casta, & menos santa? E já que se houvesse de fallar nella, porque se não nomea por seu nome de Bersabè, senão por mulher que foi de Urias? Porque nomear a Urias, he trazer á memoria o aleyvoso homicidio, com que lhe mandou tirar a vida David: & dizer que fora sua mulher ; he lembrar o adulterio, que com tanto escandalo do mundo commetteo. Por todas estas razões entra no Evangelho de hoje Bersabè ; por isso mesmo a põem Deos no catalogo da geração da Virgem. Assim como para fazer Rainha a Bersabè, & para a fazer mãy de Salamaõ, quebrou David todas as leys Divinas, & humanas, matando a

Urias, tirandolhe a mulher, sem reparar em homicidios, nem adulterios: assim Deos para fazer a Maria Rainha dos Anjos, & para a fazer Mãy do verdadeiro Salamaõ Christo, em nenhũa ley reparou, todas as leys quebrou, a quantas estavaõ fugeitos os filhos de Adão.

20 Por filhos de Adão, nascemos filhos da ira; por filhos de Adão, nascemos escravos do demonio ; por filhos de Adão, nascemos desherdados da Gloria ; por filhos de Adão, nascemos fugeitos áquella inclinação má, a que chamaõ *Fomes peccati*. Por todas estas leys cortou Deos no dia da Conceyção de Maria, & a criou tam pura, tam immaculada, tam santa, quanto era bem que o fosse, a que havia de ser Mãy do verdadeiro Salamaõ Christo: *Genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uria*. Bem está até aqui ; mas de havemos de collegir estes privilegios, donde havemos de collegir estas

leys quebradas? Não nolo  
 hão de dizer Doutores, set  
 não o mesmo Texto. Ha-  
 vemos de collegir estas  
 leys quebradas, do mesmo  
 fundamento, porque Da-  
 vid as quebrou. O funda-  
 mento, porque David que-  
 brou todas aquellas leys,  
 não foi outro, como diz o  
 Texto, senão a fermosura  
 de Bersabè: *Vidit mulierem*  
*se lavantem; erat autem mu-*  
*lier pulchra valde.* Pois de-  
 ste mesmo fundamento  
 havemos de collegir tam-  
 bem que quebrou Deos to-  
 das as leys de Adão na  
 Conceyção de Maria: *E-*  
*rat enim mulier pulchra val-*  
*de; antes, Pulcherrima in-*  
*ter mulieres.* Porque he, co-  
 mo tam largamente temos  
 visto, a mais fermosa de  
 todas as mulheres. Diga-  
 mos logo com o Esposo:  
*Tota pulchra es amica mea,*  
*& macula non est in te:* To-  
 da sois fermosa, Senhora,  
 & Mãy minha; & dahi se  
 collige, que não contrahis-  
 tes macula de peccado  
 original. Digamos tam-  
 bem com os Anjos: *Pul-*

*chra, ut Luna, electa, ut Sol:* Cant. 6.  
9.  
 Sois fermosa, Senhora, co-  
 mo a Lua; & dahi se col-  
 lige bem, que fostes esco-  
 lhida como o Sol. O Sol  
 de justiça Christo, he de  
 Fè que foi escolhido, &  
 predestinado sem peccado  
 original: o mesmo confes-  
 sa de vòs, Virgem purissi-  
 ma, a nossa devação, & o  
 fundamos em vossa fer-  
 mosura: *Pulchra, ut Luna,*  
*electa, ut Sol;* que onde a  
 fermosura he total, não  
 póde haver mancha algũa:  
*Tota pulchra es, amica mea,*  
*& macula non est in te.* As-  
 sim o cremos, assim o con-  
 fessamos. Cremolo com o  
 coração, confessamolo cõ  
 a boca, & o defenderemos  
 sempre com o sangue, &  
 com a vida, se for neces-  
 sario.

109; 6dstr; q; d; ba; odl  
 200; 6. VI. 1. 1. 1. 1.  
 050; 19g; 1. 1. 1. 1. 1.

210 **F**ixemos bem Chri-  
 stãos nesta prote-  
 stação, & devação da Cõ-  
 ceção da purissima Se-  
 nhora, & estejamos muito  
 certos, q̄ nenhũa outra lhe  
 agrada

2. Reg.  
 11. 2.

Cant. 4.  
 7.

agrada tanto à mesma Senhora, & que com nenhuma outra a havemos de obligar tanto, como com esta. Duvidaõ os Santos, porq̃ se mostrou Christo tam liberal com o Bom Ladrão, que lhe prometteffe tam effectivamente ao Reyno

Luc. 23. do Ceo : *Hodie mecum eris*  
43. *in Paradiso* : coula que se não lè haver o Senhor feito outra vez ? A razão dizem que foi, a que antecedentemente propoem o Texto. Quando crucificáraõ a Christo entre dous ladrões, o máo ladrão, como diz S. Lucas: *Blasphemabat eum* : blasphemava ao Senhor, dizendo que não era Filho de Deos, nem Messias, pois se não salvara a si, nem a elles, como

Luc. 23. tambem o diziaõ os outros ouvintes : *Prætereuntes blasphemabant*. Acodio  
39. o Bom Ladrão reprehendendo-o, dizendo : *Nos quidem justè, nam digna factis recipimus; hic verò nihil mali gessit*. Os máos, & os culpados somos nós, & assim justamente estamos

Math. 27.39. aqui crucificados ; que quanto he este Senhor, *Nihil mali gessit*, nenhum mal fez, he justo, he Santo, he innocente. E dizendo isto, vira-se para Christo :

Luc. 23. *Domine, memento mei, cum*  
41. *veneris in regnum tuum*. Pois homem, que quando me estaõ blasfemando, impugna aos que me blasfemaõ : homem, que quando todos me tem por malfeitor, elle me confessa por innocente : homem, que quando a minha honra está em opiniões, com tam ruim opiniaõ, acõde por mim, & diz que não tenho culpa : este homem, ainda que seja hum ladrão, ha de entrar comigo hoje no Paraíso : *Hodie mecum eris in Paradiso*. O mesmo digo eu da Virgem purissima. Todas as outras devações, que fazemos ; todos os outros titulos, que damos a esta Senhora, lhe agradaõ muito : mas nenhum a obriga, & rende tanto, como este de sua purissima Conceyção. Dizer da Senhora, que he

*Domine, memento mei, cum*  
*veneris in regnum tuum*.  
Ibd. 42.

agradeõ muito : mas nenhum a obriga, & rende tanto, como este de sua purissima Conceyção. Dizer da Senhora, que he

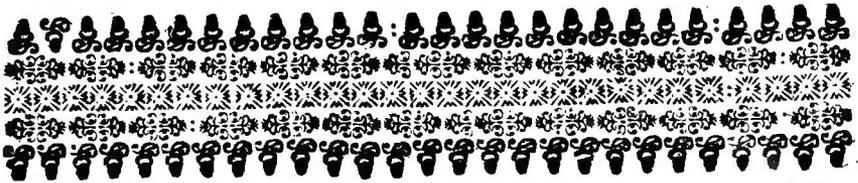
Mãe de Deos ; dizer que foi Virgem antes do parto, no parto, & depois do parto; dizer que he Filha do Padre, Mãe do Filho, & Esposa do Espirito Santo: todos estes titulos a gradação muito á Senhora ; mas não a obrigaçõ tanto, como dizer que foi concebida sem peccado original ; porque aquelles titulos, ainda que grandes, todos os crem, todos os confessão, ninguem já duvida delles. Porém o titulo da Conceyção immaculada, como anda em questãõ, como está em opiniões, como ha quem o duvida: que nos ponhamos nõs da parte da Senhora, que impugnemos os que sentem o contrario, que a confessemos a pezar de todos por concebida sem peccado original, isto obriga tanto á Senhora, que sem duvida, como Mãe de tal Filho, dirá a cada hum destes seus devotos: *Mecum eris in Paradiso*. Bem cabia aqui o *Quam mihi, & vobis*; mas ainda digo mais

hũa palavrinhã.

22 Quando os filhos de Israel hiaõ caminhandõ para a terra de Promissão, adoecco de lepra Maria Irmãa de Moysès. Parou logo o exercito, & não deu mais passo adiante. Sara Maria outra vez, & fica purificada da lepra, & logo no mesmo ponto comecçou o exercito outra vez a marchar: *Et populus non est motus de loco illo, do nec revocata est Maria*. Numer. 12. 15. Pois pergunto: Porque não marcha o exercito; em quanto Maria está cuberta de lepra; & tanto que sara da lepra, porque marcha logo? Origenes responde a esta duvida: Porque era figura de Maria Mãe de Deos. Onde Maria está cuberta da lepra do peccado original; onde ha huns, que tem para si que foi a Senhora concebida em peccado; entendaõ & cuidem os que isso imaginaõ, que não haõ de ir por diante no caminho da terra de Promissão; não haõ de fazer jornada no caminho do Ceo.

Ceo. Porém onde Maria está pura da lepra original; onde ha almas, que tem para si, confessaõ, & protestaõ, que foi a Senhora concebida em graça; assim como lá os filhos de Israel logo marcháraõ para a terra de Promissaõ, assim caminharáõ logo felizmente pelo caminho do Ceo alcançandolhes a mesma Senhora tantos auxilios, & impetrandolhes tâtas graças, quantas lhes segurem, & fação certos os premios da Gloria: *Ad quam nos, &c.*





# S E R M A Õ

DE

# SAÕ ROQUE,

Panegyrico, & apologetico, no Anniversario do  
nascimento do Principe D. Affonso na Ca-  
pella Real, anno de 1644.

*Sint lumbi vestri praecincti, & lucernae arden-  
tes in manibus vestris. LUC. 12. 35.*

§. I.

23



Ora de seu dia  
Saõ Roque! E  
naõ em outro  
dia fenaõ ho-  
je! ( Muy altos, & podero-  
sos Reys, & Senhores nos-  
sos. ) Torno a admirarme.  
Fõra de seu dia S. Roque!  
E naõ em outro dia fenaõ

hoje! Grãdes suspeitas me  
dá este Santo que vem aju-  
darnos a celebrar a nossa  
festa, mais q̃ desejo de ce-  
lebrarmos a sua. Hum anno  
faz neste dia, & nesta hora,  
pouco menos, que em cõ-  
primeto da expectaçãõ,  
em delassombro do temor,  
em latisfaçãõ do desejo,  
em alvoroco dos corações,  
em

em applausos de Lisboa ,  
em gloria de Portugal , &  
em alegria de todos , ama-  
nheceo à luz cômum , &  
nasceo ao mundo o sexto  
Planeta do nosso Emiste-  
rio , a quarta Estrella dos  
nossos dous Soes, o primei-  
ro fructo da geraçãõ at-  
enuada, restituída, o desem-  
penho profetizado dos o-  
lhos de Deos, a uniaõ dos  
dous primeiros Affonsos  
de Portugal, & Bragança ,  
o perfeitissimo retrato dos  
soberanos originaes , que  
no lo deraõ; em fim o nos-  
so bello Infante D. Affon-  
so, que Deos nos crie , que  
Deos nos guarde , & que  
Deos nos faça o quarto ,

como hoje he o ultimo.

24 Não sou de fazer  
mysterios dos acafos ; mas  
folgo de fazer doutrina da  
occafiaõ. E já que S. Ro-  
que veyo a cahir neste dia  
tam particular , em que  
Deos desempenhou suas  
promessas , & lançou no-  
vas raizes a seus benefi-  
cios, quizera eu que S. Ro-  
que hoje nos ensinára aos  
conservar. Roques a Reys,  
peças são que se ajudaõ. A  
este intento procurarei en-  
caminhar todo o Sermaõ.  
O Euangelho nos dará do-  
cumentos, o Santo nos da-  
rá exemplos , queira Deos  
que não resistaõ aos ouvi-  
dos os corações.

§. II.

*Sint lumbi vestri pracinēti, & lucernæ arden-  
tes in manibus vestris.*

25 **M** Anda Christo  
a seus Discipu-  
los , que estejaõ com as  
roupas tomadas no cinto ,  
& com tochas acesas nas  
mãos ; bem assim como os

criados vigilantes , que es-  
peraõ por seu senhor no  
dia das vodas. Este exem-  
plo me faz difficultosa esta  
doutrina. Se o Esposo ha  
de vir, & não vem ainda ,

B iij para

para que haõ de estar todas as tochas accefas? Que esteja accefa hũa, para que cõ ella se accendaõ as outras, parece-me muito bê; mas accelas todas: *Lucernæ ardentes in manibus vestris?* O que Christo Senhor nõ-lo pertendia, como se vê de todo o Euangelho, era vigilancia, & luz: para a vigilancia bastava hũ criado, para a luz bastava hũa tocha. Provo cõ o exemplo da milicia; porque nos olhos de hũa sentinella, vigia todo o exercito, & na braza de hum murraõ, estaõ acelas todas as armas. Pois se parece que bastava hũa só tocha, para que mãda Christo accender tantas? Manda Christo accender muitas tochas, porque quer seguras as luzes. Hũa só luz basta para accender, mas hũa só luz não basta para assegurar; por isso manda Christo, que estejaõ muitas tochas accefas, para em cada hũa deixar o remedio, & em todas juntas assegurar o perigo. Luz que se pôde apagar com

hum assopro, não está segura sem fiador: pois multipliquem-se as luzes, diz Christo, para que hũas sejam fiadoras das outras: na primeira luz nos deu o remedio, nas outras luzes nos tirou o cuidado.

26 Porque cuidamos, Portuguezes, que se acabáraõ as luzes de Portugal? Que causa cuidamos que houve para padecer-mos aquella noite eterna de sessenta annos tam compridos? A causa foi, porque como Deos queria eclipsar as glorias de Portugal, permittio que ficasse a luz pendente de hũa só tocha: hum Rey D. Sebastião, outro Rey D. Henrique, ambos sem successão, ambos sem herdeiros. Porém hoje quando Deos foi servido de nos restaurar, & restituir, engrossa a linha da geração attenuada com dobrados successores, assegura o lume das tochas com multiplicadas luzes, para que assim como se interrompeo o sceptro de Portugal por dous

Reys

Reys sem successor, se perpetue em durações eternas por hum Rey já contados successores. Dous successores temos, & quatro herdeiros. Ditoso o dia, & ditoso o nascimento, em q̄ se cerrou, & aperfeicou este bem estreado numero.

27 Notou São João Chrylostomo, que a Ley Escrita foi fundada em dous irmãos, & a Ley da Graça em quatro: *Primum populū edificavit super unā fraternitatem, hunc autem super duas.* Os dous irmãos, em que se fundou a Ley Escrita, foi Moyses, & Araão: os quatro irmãos, em que se fundou a Ley da Graça, foi S. Pedro, & S. André, S. João, & Santiago. Pois sabemos: porque fundou Deos a Ley Escrita em dous, & a Ley da Graça em quatro? Que se fundasse hũa, & outra em irmandade, com grande providencia está feito; porque os fundamentos da uniaõ, são os mais solidos alicesses do edificio espirital, ou politico. Mas

porque a primeira ley em dous irmãos, & a segunda em quatro? A razão foi: porque quiz Deos lançar os fundamentos a cada ley, conforme a duração que lhe determinava dar. A Ley Escrita, que finalmente se havia de acabar, fundou-a em dous irmãos; a Ley da Graça, que havia de ser eterna, & durar sem fim, fundou-a em quatro. Imperio fundado em dous irmãos dura muito, mas poderá ter fim; porém Imperio fundado em quatro irmãos, assentado sobre quatro columnas, allumiado com quatro tochas, será perpetuo, será perdurável, igualará a duração com a do mundo, medirá os annos com as eternidades: *Hunc autem super duas fraternitates.*

28 Mas noto eu nas palavras de S. João Chrylostomo, que aos fundamentos da Ley perpetua da Graça não lhes chamou quatro irmãos, senão duas irmandades: *Super duas fraternitates.* Taes são os funda-

fundamêtos do nosso Reyno. Está firmissimo Portugal , não só porque está fundado em dous irmãos , senão porque está fundado em duas irmandades : hũa irmandade masculina do nosso Principe , & do nosso Infante ; outra irmandade feminina das nossas Infantas , que Deos nos guarde. De maneira , que não só consiste a nossa firmeza na multiplicação do numero , senão na repartição do sexo : não só em serem quatro irmãos , senão em serem duas irmandades , hũa de irmãos , outra de irmãs : *Super duas fraternitates.*

29 Triste, & descõsolada Anna por se ver estéril , & muito mais desconsolada , & triste por se ver afrontada de Fenenna , mulheres ambas do Principe Helcana , & fecunda Fenenna , & mãy de muitos filhos , diz a Historia sagrada , que foi ao Templo , & com muitas lagrimas fez oração , & voxo a Deos desta maneira: *Domine , si respi-*

*ciens videris afflictionem famula tuæ, dederisque servæ tuæ sexum virilem : dabo eum Domino omnibus diebus vitæ ejus.* Se puzeres , Senhor , os olhos na minha afflicção , & dor , & deres à vossa serva hum filho varão , eu prometo de o dedicar a este mesmo Templo , para que nelle vos sirva todos os dias de sua vida. Assim orou Anna , & foi ouvida de Deos muito mais que assim ; porque depois de lhe dar por filho ao Profeta Samuel , lhe deu mais outros dous filhos , & duas filhas. De todos diz juntamente o Texto : *Visitavit ergo Dominus Annam , & concepit , & peperit tres filios , & duas filias.* Não admiro neste famoso caso a liberalidade de Deos , que sempre he mais largo em dar , do que nós em pedir : he porèm muito digno de reparo , que dando cinco filhos a Anna , quando lhe pedio hum só , & esse varão , não fossem só varões , & filhos , os que lhe deu demais , senão filhos , & filhas ;

filhas; & em número igual de hum, & outro sexo: os filhos dous, & as filhas duas, que vem a ser, como S. João Chryfostomo ponderava, não só quatro irmãos, senão duas irmandades, & hũa de irmãos, outra de irmãs, como nós particularmente notavamos na presente differença da successão dos novos Principes. De forte, que não consiste a nossa firmeza só na multiplicação do numero, senão tambem na repartição do sexo. Isto he, não só em serem quatro irmãos, & duas irmandades, se não hũa de filhos, outra de filhas. E porque? Porq̃ os Reynos, & os Imperios conservaõ-se, & sustentãõ-se em duas raizes: das portas adentro na successão dos Reys naturaes; das portas a fóra com a confederação dos Reys estrangeiros. E por isto nos acabou Deos de dar, em tal dia como hoje, tantos filhos, como filhas: os filhos, para que não faltassem Reys ao Reyno pro-

prio; & as filhas, para que possamos dar Rainhas aos estranhos.

30 O mesmo S. Chryfostomo, que nos quatro Apostolos notou as duas irmandades, nos quatro filhos, que depois de Samuel acrescentou Deos a Anna, nota ser hũa irmandade de filhos, outra de filhas, dizendo que nesta segunda lhe dera Deos para ultima satisfação do gosto, & do desejo, todo o lucro, & augmento, que da successão dos filhos póde ter hũa venturosa familia: *Ex utroque sexu lucrum illius cumulavit, ut illi jam plenum, ac perfectum contingerit gaudium.* Mas porque o Santo não individuou qual fosse, ou haja de ser este lucro: eu o direi, & provarei com admiravel propriedade do mesmo Texto; & he, que a segunda irmandade das duas filhas por beneficio, & extensaõ dos casamentos acrescentarãõ outros tantos filhos à mesma geração. Assim o disse a meisma An-

Homil.

1.

1. Reg.  
2. 5.

na no Cantico da acção de graças, que deu a Deos, pela mercê que de sua tam liberal mão tinha recebido, declarando expressamente na lingua original Hebraea, ou Chaldaica em que fallava, que ella sendo esteril parira sete filhos: *Donec sterilis peperit septem.* Pois se a mesma Escritura sagrada no vulgar Latino diz: *Visitavit Dominus Annam, & concepit, & peperit tres filios, & duas filias,* que visitou Deos a Anna, & pario tres filhos, & duas filhas, que são cinco por todos; como agora diz, que pario sete? Aqui está a propriedade, & maravilha que eu dizia. Porque como a segunda, & ultima irmandade foi de filhas, calando estas em familia estranha, acrescentavaõ cada hũa dellas hum filho à sua propria, & ambas dous com que vinhão a fazer o numero de sete: *Donec sterilis peperit septem.* Desta maneira descreve Isaias o augmento, & propagação de Jerusaleem, dizendo: *Fa-*

*lii tui de longe venient, & filiae tuae de latere surgent,* <sup>4.</sup> que as filhas nascendo a seu lado como proprias, lhe trariaõ de longe pelo vinculo da successão outros tantos filhos; & se ella fosse de Principes, como a de que falla Isaias, & a nossa, outros tantos Reys. 31 Vede agora se está bem fundado Portugal nestas duas irmandades. Vede se está bẽ seguro nestas quatro luzes, & se se deve festejar muito este dia, em que nos amanheceo a quarta. Querome abaixonar por este dia. Digo que o dia de hoje he o mais alegre que nunca teve Portugal; mais ainda que o dia felicissimo da acclamação. Razaõ. Porque então deu-nos Deos o Reyno, hoje mostrou que elle nolo dera: entãõ compriraõ-se as profecias; hoje provou-se que foi verdadeiro o compromisso dellas. 42 Quando ao Patriarca Abrahaõ lhe nasceu Isaac de sua mulher Sara; diz S. Basilio de Selencia; que

que foi gemio este parto. Gemio? pois como assim? Leaõ-se as Escrituras, & acharseha que deste parto de Sara não nasceo mais que Isaac. Pois se só Isaac nasceo, como foi o parto gemio? Foi gemio, diz S. Basilio, porque deste parto de Sara esteril, se bem se nota, nascêraõ dous filhos: nasceo Isaac, & mais nasceo a fê das promessas, que Deos tinha feito a Abrahão: *Sara sterilis in partu suo fidem divinæ promissionis peperit*. Tinha Deos prometido a Abrahão, que lhe daria hum filho, & que em sua geração seria remido o mundo: & como Isaac foi este filho prometido; por isso veyo a ser, & poder-se chamar gemio o parto de Isaac; porque nasceo delle juntamente o filho das esperanças, & mais a fê das promessas: *In partu suo fidem divinæ promissionis peperit*. O mesmo passa no nascimento do nosso Infante D. Affonso. Nasceo hoje a geração Real Portugueza esterilizada o pri-

meiro filho; & nasceo juntamente com elle a fê das promessas Divinas feitas ao primeiro Rey. Estava esteril, pelos peccados de Portugal, a geração de seus Reys, como outra Sara; mas como Deos tinha prometido, que nessa geração esterilizada, & atenuada poria seus olhos; quando a geração Real Portugueza outra vez se vè fecunda, não ha duvida que como primeiro fruto desta fecundidade nos nasceo juntamente a fê daquellas promessas: *In partu suo fidem peperit*. Neste nascimento acabou o final do castigo. Com este nascimento nasceo a fê do remedio. Porque assim como foi final evidente de Deos querer acabar Portugal, fazer a geração Real esteril; assim he confirmação evidente de Deos querer estabelecer Portugal, fazer a geração Real fecunda.

33 E senão, pergunto: qual foi o termo com que Deos declarou, que restauraria Portugal? O

termo

D. Basilio de Se-leucia.

termo foi : *Ego respiciam , & videbo* : Eu olharei , & verei . Pois no dia de hoje , & neste felicissimo nascimento te comprio o *Respiciam , & videbo* . E porque razão ? Porque dar Deos a hũa geração esteril hum filho varaõ , he o olhar , & o ver de Deos . Texto expresso , & continuado . Quando Anna , como vimos , & ainda não ponderamos , disse : *Si respiciens videvis afflictionem famule tue , dederisque servæ tuæ sexum virilem* : Se olhares , Senhor , & vires a afflicção da vossa serva , & lhe deres hum filho varaõ . Demaneira , que dar Deos hum filho varaõ a hũa geração esteril , he o olhar , & o ver de Deos : *Si respiciens videvis : Ego respiciam , & videbo* . A decima sexta geração Real Portugueza estava , como Anna , esteril : *Usque ad decimam sextam generationem , in qua attenuabitur proles* . Tinhanos prometido Deos , que nessa mesma geração attenuada olharia , & veria : *In ipsa sic*

*attenuata ego respiciam , & videbo* . E quando olhou , & vio ? Olhou , & vio , quando deu a essa geração esteril hum filho varaõ : *Si respiciens videvis , dederisque sexum virilem : Ego respiciam , & videbo* .

34 Que resta logo , se não darmos hoje infinitas graças a Deos , & infinitos parabens a Portugal , dizendo cô o Profeta Isaías : *Lauda sterilis , quæ non parit , decanta laudem , & hinni quæ non pariebas* : Isai. 54. 1. Dá graças a Deos , Lusitania , alegrate , & triüfa , pois tendo nestes annos passados tam esteril de Principes , hoje te vês tam fecunda ? E se queres alegrarte com mais admiração , olha para a vizinhança : *Quoniam filii deserte magis , quàm ejus , quæ habet virum* : Ibid. porque a que era esteril , se vê fecunda , & a que era fecunda , esteril . Couza he muito digna de reparar , que tendo Castella ha poucos annos dous Infantes varões , hoje não tem nenhum ; & não tendo Portugal ha poucos annos

nos nenhum Infante , hoje se vê com dous. Parece q̄ Castella enterrava os seus Infantes , para que os nossos nascessem ; porque se bem advertirmos , acharemos , que nas mesmas terras , onde ella enterrou os seus Infantes , nos nasceraõ a nós os nossos. Enterrou Castella hum Infante em Alemanha , o Infante Fernando ; & nasceolhe a Portugal outro Infante em Alemanha , o Senhor Dom Duarte , que Deos guarde , & livre , que nasceo Infante no dia felicissimo da acclamação. Enterrou Castella outro Infante em Hespanha , o Infante Carlos ; & nasceolhe a Portugal outro Infante em Hespanha , o Senhor Infante D. Affonso , que nasceo já filho de Rey , no dia felicissimo de hoje faz hum anno. Que he isto ? He que quando Deos quer eclipsar , como vimos em nós , vai apagando as tochas ; & como quer que resplandeça outra vez Portugal , vai nos dando as luzes às

mãos cheas : *Et lucernæ ardentes in manibus vestris.*

## §. III.

35 **M**As supposto q̄ Deos nos deu tantas luzes : *Lucernæ ardentes* ; & supposto que as poz nas nossas mãos : *In manibus vestris* ; que havemos de fazer para sustentar estas luzes ? Luzes accesas gastaõ , & consomem ; pois que remedio para as sustentar , & para as conservar ? O remedio como tam importante , & necessario já está prevenido , & declarado nas palavras antecedentes do Evangelho : *Sint lumbi vestri præcincti* : Cingivos , apertaivos , estreitaivos. Remedio para sustentar as tochas , apertar os cintos : *Sint lumbi vestri præcincti* , & *lucernæ ardentes in manibus vestris*. E que consequencia tem apertar os cintos para luzirem as tochas ? Muito grande. Porque para luzir he necessario arder , para arder he necessario

rio gastar ; p̄ra gastar he necessario cingir. Cingivos primeiro , podereis luzir depois.

36 Muytas vezes tenho buscado em que consistio a locura das Virgens necias ; porque à primeira vista eu não vejo mais milagres nas prudentes. Se as prudentes ornáraõ as alampadas , tambem as necias as ornáraõ : se as prudentes sahíraõ a receber o Esposo , tambem as necias sahíraõ : & se as necias adormecèraõ, tambem as prudentes não vigiáraõ: *Dormitaverunt omnes ; & dormierunt.* Pois em que esteve a locura tam cano-nizada? Esteve em que as necias tendo menos cabedal de azeite que as companheiras , não soubèraõ poupar com a industria , o que as outras gastavaõ na abundancia. Quizerãõ luzir, quando haviaõ de poupar, & vierãõ a mendigar, quando haviaõ de luzir : *Date nobis de oleo vestro , quia lampades nostræ extinguuntur.* Apagàraõselhes as

luzes , porquẽ não soubèraõ estreitar os cintos ; não soubèraõ poupar antes , não podèraõ luzir depois. Que bem emendou esta ignorancia das Virgens necias , a prudencia, & a providencia de S. Roque! Cõtentou-se com satisfazer à necessidade , & não ao appetite; à natureza, & não à vaidade; por isso pode resplandecer em obras de caridade tam excellentes, & servir ao Rey do Ceo com tanta liberalidade, & grandeza, quanta eu agora quizerã , mas não tenho tempo para ponderar.

37 Só não posso deixar de dizer, & de estranhar muito , q̄ se alarguem agora os cintos , quando era tempo de os estreitar ; & que os tragãõ , & quei-raõ trazer muito largos os mesmos, que noutro tempo os traziaõ assáz estreitos. No outro tempo tam estreitos, & tam delgados , como todos sabem; & agora tam largos , & não sei se tam inchados , que em nenhuma parte cabem , nem ha quem

Matth.  
25. 5.

Ibid. v. 5

3. Reg.  
2. 10.

quem cayba com elles. Cabelles porêm, & vemlhes muito ao justo a frase do soberbo Jeroboam, que são hoje mais grossos pelo dedo meminho, do que eraõ antigamente pela cintura: *Minimus digitus meus grossior est dorso patris mei.* Levão hoje mais roda em hum annel, do que levãõ antigamente no cinto. E o peyor he, que no cabo queixosos, & mal contentes. Ora medi, medi os cintos, & vereis quanto mais largos andais agora, do que andaveis no outro tẽpo. Antigamente (se vos lembra) cabieis nos vossos çapatos, & hoje não cabeis em hum coche, & mais outro coche. E sobre tanta differença, queixas ainda? Estranho isto, mas não me espanto, que quando anda prodigioso o Ceo, vem-se semelhantes maravilhas na terra.

38 Hia S. Paulo caminhãdo para Damasco, desce do Ceo hum rayo de luz, q̄ o derrubou do cavallo, & o deitou em terra. Estava

Tom. 12.

Elias no Jordão, desce do Ceo hum coche de quatro cavallos, que o levou por esses ares. Eis-aqui o que acontece na terra, quando anda prodigioso o Ceo. Ahuns apea, a outros levanta: Paulo q̄ andava a cavallo, ficou a pe; Elias que andava a pè, ficou em coche. Com tudo, a mim me parece muito bem que Elias tenha coche, porque vejo a capa de Elias nos hombros de Eliseo. Que ande em coche Elias zeloso, que cobre a Eliseo com a sua capa, he muito justo; mas que ande em coche Elias zelote, que cobre o coche com a capa de Eliseo, não he bom zelo este Zeloso que não sabe dar a capa, não tem bom zelo. Pois defenganemonos, que quem quizer sustentar as tochas nas mãos, não ha de ter a capa nos hombros. Por isso Christo nos manda ser semelhantes aos criados, cujo estylo, & obrigação he largar a capa para tomar a tocha. Estava Jehu em hũa conversação

C de

de fidalgos ; veyo subitamente hum Profeta ungillo por Rey : & que fizeraõ os circunstantes ? No mesmo ponto, diz o Texto , que tiráraõ todos as capas dos hombros, fizeraõ dellas hum trono , assentáraõ nelle a Jehú, & disseraõ: Viva El Rey : *Regnavit Jehu*. Entaõ vive o Rey, quando se lhe faz o trono das capas dos mayores vassallos. Entrou Christo em Jerusalem triunfando , começáraõ todos a acclamallo por Rey de Israel : & que fizeraõ os que estavaõ pelas ruas ? No mesmo ponto, diz o Evangelho , que tiráraõ tambem as capas , & as lançavaõ por terra , para que o Senhor passasse por cima. Entaõ triunfa o Rey, quando tem postas a seus pès as capas dos seus vassallos. Em nada me aparto do nosso Texto.

39 A duas cousas se compara Christo Senhor nosso neste Evangelho : compara-se a Esposo , & compara-se a ladraõ. A Esposo : *Expectantibus domi-*

*num suum quando revertatur à nuptiis.* A ladraõ : *Si sciret pater familias qua hora fur veniret.* Que se compare Christo a Esposo , está muyto bem , que o he de nossas almas ; mas comparar-se a ladraõ ? a ladraõ , & a Esposo juntamente ? Sim. Compara-se Christo a ladraõ , & mais a Esposo , para que entendamos que ha de ser o nosso amor , & que ha de ser sua a nossa capa. Ao Esposo deveis the o amor , o ladraõ pede vos a capa. E como Christo he nosso legitimo Rey , & Senhor , por isso se compara juntamente a ladraõ , & mais a Esposo : porque ao Senhor natural , ao Rey verdadeiro, ha-selhe de dar o amor , & ha-selhe de dar a capa por amor: oh como fica ayroso quem o faz!

40 Mas advirtovos de caminho , que se deres a capa , dai-a dada , porque alguns daõ a capa no exterior , & por debaixo da capa tornaraõ a tomalla. Capas dadas , são as que estabelecem o trono ao Rey:

4 Reg.  
9. 13.

LUC. 12.  
36.

Rey : capas dadas ; & tornadas a tomar , não. Pouco ha que difsemos que os vassallos d' ElRey Jehú lhe fizerão o trono com as suas capas. Tambem difsemos que os vassallos de Christo lhe puzerão as capas de baixo dos pès, quando o acclamáraõ por Rey. Porèm eu noto hũa grande differença , que o Reynado de Jehú ( como consta do Texto ) durou vinte & oito annos ; & o Reynado de JESU temporalmente , não durou mais que cinco dias. Pois qual he a causa porque o Reynado de JESU dura tam poucos dias , & o Reynado de Jehú dura tantos annos ? A causa Deos a sabe ; a conjectura eu a direi. Aquelles vassallos, que fizerão o trono de Jehú com as suas capas , não as tornáraõ a tomar ; pelo contrario os que puzerão as suas capas aos pès de Christo , tanto que passou o triumpho , tornáraõ a pollas aos hombros. E Reynado como o de Christo, em que os vassallos daõ

as capas , & as tornão a tomar , não he muito que dure pouco : porèm Reynado como o de Jehú , em que os vassallos daõ as capas dadas, durará por muitos annos , & perpetuarleha em muitos successores.

41 Pois por certo que merecia Christo aos seus vassallos, que lhe dessem as capas dadas. Tanto que Christo tomou o titulo de Rey na Cruz , deu os seus vestidos aos soldados , & não só os vestidos exteriores, senão a tunica interior:

*Milites ergo acceperunt vestimenta ejus , & tunicam.* Joann. 19, 28.

E que fizerão logo os soldados? Tomáraõ os dados, & puzerão-se a jugar. Grandes dous documentos. Se o verdadeiro Rey se despe, para que os soldados tenham que jugar ; quanto mais se deve despir , para que tenham que comer ? E se o Rey tira a tunica, para sustentar os soldados ; porque não tirarão os vassallos a capa , para sustentar o Rey? Quereis poder dar as capas ? Sabei apertar as

roupas : *Sint lumbi vestri præcincti*. E se não basta a doutrina, baste o exemplo.

*Amen dico vobis quòd præcinget se*. Porque não fará o vassallo pelo Rey, o que o Rey faz pelo vassallo? Notai a correspondencia do Evangelho entre o criado, & o senhor. Diz o senhor aos criados, que se cingão, & tomem as tochas nas mãos: *Sint lumbi vestri præcincti, & lucernæ ardentes in manibus vestris*. E logo abaixo diz, que o senhor se cingirá tambem, & porá os criados à mesa:

Luc. 12

37.

*Præcinget se, & faciet illis discumbere*. Pois se o Rey se cinge, & se estreita para sustentar a mesa dos criados: *Præcinget se, & faciet illis discumbere*; porque se não cingirão, & estreitarão os criados para sustentar as tochas do senhor: *Sint lumbi vestri præcincti, & lucernæ ardentes in manibus vestris* & Não vemos a moderação verdadeiramente de pay da patria, cõ que ElRey, que Deos

Luc. 12.

37.

garde, estreita os gastos

de sua Real Pessoa, & casa? Não vemos a liberalidade verdadeiramente Real, cõ que a Rainha nossa Senhora se priva de suas rendas, & as applica aos exercitos, & fronteiras? Pois se assim se estreita a grandeza dos Reys; porque não aprenderá a se estreitar a vaidade dos vassallos? Façamos cõmo libertados, pois elles fazem como libertadores.

42 Ora ouvime hũa ponderaçãõ, em que vereis que neste mesmo estreitar-se mostra ser Sua Magestade o nosso verdadeiro Libertador. Quando estavaõ cativos os filhos de Israel no Egypto, desceu Deos em figura de fogo, assentou-se em hũa Carça: *Quòd rubus arderet, & non*

Exod. 3.

*combareretur*; & a Carça ardia, & não se queimava. Pois se o fogo he hum elemento tam activo, tam cõsumidor, tam voraz, porque não queimava a Carça? Portava-se a si o fogo não pelo que era, senão pelo a que vinha. Vinha Deos naquelle fogo a libertar

Exod.  
3. 8.

bertar os filhos de Israel como elle mesmo disse : *Descendi ut liberem eum.* E o fogo libertador sustenta-se de si mesmo , não gasta. Fogo em que Deos vem abraçar , como o do sacrificio de Abel , conforme ; mas fogo em que Deos vem a libertar , como o da Carça de Moysês , não gasta ; sustenta-se de si mesmo. Bem o vemos no nosso Libertador , q̄ se sustenta do seu , que era , & não do nosso , sendo que o seu , & o nosso , tudo he seu. E para que mais estimemos , & agradeçamos esta moderação , notemos que os Reys da terra são como o Rey dos elementos , o fogo. Todos os outros elementos , temos em casa , lê nos fazeré gasto : a terra , a agua , & o ar não nos gastão nada ; o fogo ninguem o teve em sua casa , senão custandolhe. Assim são os Reys da terra. E se não têm são os exemplos passados dos que tam abraçado deixáráo Portugal , lea-se na Escritura , o que Deos dis-

Tom. 12.

se por Samuel ao povo , quando teimárao em pedir Rey. E q̄ sendo esta a qualidade , & condiçãõ de hum , & outro fogo , que não tome para si nada o milagrofo que vemos ! que não toque em hũa folha da Carça ! que se sustente de si mesmo ! he sem duvida , porque está Deos naquelle fogo , & porque está nelle como Libertador : *Descendi ut liberem eum.*

43 E não só como Libertador , senão como Restaurador , & Conquistador , que assim o pede a nossa necessidade , & o prometem as nossas profecias. E porque ? Pela mesma razão , que temos dito. Porque Principe , que quanto pede aos vassallos , nada toma para si , tudo despẽde com elles , será Restaurador , & Conquistador do mundo. Diz S. Agostinho , & he authoridade recebida de toda a Igreja : *Sacramento Eucharistiae totus mundus subjugatus est* , que com o Sacramento da Eucharistia rendeo , & sujei-

C iij

tuo

tou Christo todo o mundo. Na Cruz alcançou a principal vitoria; mas com o Sacramento de seu Corpo, & Sangue foi restaurando, & restituindo a seu Imperio, quanto o demônio lhe tinha tyrannizado. Ora examinemos, & faibamos porque mais com o Sacramento da Eucharistia, que com outro mysterio. Christo nascido, Christo morto, Christo resuscitado não podera restaurar o mundo? Pois porque mais Christo sacramentado? Porque se tomou por instrumento da restauração, & conquista do mundo o mysterio sagrado da Eucharistia? Lavremos hum diamante com outro diamante, & expliquemos hum Santo com outro Santo. S. Thomás fallando do Santissimo Sacramento do Altar nota hũa cousa muito digna de ponderação, & he, que neste soberano mysterio, quanto Christo recebeu de nós, tudo despende conosco: *Et hoc insuper quod*

*de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.* Que recebo Christo de nós na Encarnação? Recebo carne, & recebo sangue. E que nos dá Christo na Eucharistia? Dá-nos essa mesma Carne na Hostia, & dá-nos esse mesmo Sangue no Caliz. E este soberano Principe he tam justo, & tam desinteressado, que quanto recebe de nós, tudo despende conosco, & quanto toma dos homens, tudo despende com os homens para sua sustentação, & proveito: *Quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.* Logo com muito fundamento ao mysterio em q̄ se exercita esta grande acção; mais que a nenhum outro, se deve, & se attribue a restauração, & conquista do mundo: *Sacramento Eucharistiae totus mundus subjugatus est.* Porque Principe que gasta com seus vassallos tudo o que recebe delles, não lhe compete menos conquista, que a do mudo, menos Monarquia, que

que a do universo. Assim o prometem as nossas profecias, o confessaõ as nossas esperanças fundadas no exemplo de tal Rey, & na liberalidade de taes vassallos, para grande augmento da Fè, para grande gloria da Igreja, para grande honra da Nação Portugueza, & ainda para grande opulencia dos bens da fortuna, com mayor abundancia dos bens da graça.

§. IV.

43 **B** Em acabava aqui o Sermaõ, & certamente aqui acabou a parte panegyrica delle. Mas porq̃ o dia, & a festa propriamente he de S. Roque, o Santo, & o que resta no Evangelho tomarão, & satisfarão por sua conta a parte apologetica. Não declaro a materia da questãõ, porque he vulgar, sabida, & praticada de todos nesta Corte, como segunda, & muy necessaria parte da mesma panegyrica, em que até agora fallamos; sup-

pondo só o util, & glorioso della, sem reparar no duvidoso, & perigoso da sua conservaçaõ. Baste por unico fundamento na supposiçaõ, & circumstancias do tempo presente, que em todo o passado Castella, & Portugal juntos não podêrão prevalecer assim no mar, como na terra contra Olanda; & como poderá agora Portugal só permanecer, & conservar-se contra Olanda, & contra Castella? Em defenfa do zelo, que isto duvida, & teme, se deterá hum pouco a nossa apologia contra os juizes Portuguezes (se he que verdadeiramente o são) tam confiados, & bizarros, que impugnaõ como discredito os que suppoem a necessidade, & representãõ o remedio.

44 Os remedios, dizem, suppoem perigos, os perigos causaõ temores, os temores arguem desconfianças, & animos desconfiados, nem são bens, nem são animos. Ora o nosso Evangelho, quando me-

nos, não dilcorre assim; dos mesmos principios tira mais honradas consequencias. Todo o Evangelho, que hoje nos propoem a Igreja, está fundado em temores, & em esperanças; porque como trata da salvação, que he incerta, a esperança anima, o temor acautela. Mas ainda que estes dous affectos, ambos são necessarios para obrar ao futuro; eu com tudo sem ser muito apaixonado do medo, acho melhores raizes ao temor, que á esperança. Vamos ao Texto.

45 Exhorta Christo neste Evangelho a todos os homens a que vigiem sobre sua salvação, & num lugar compara-os aos criados, noutro lugar compara-os ao pay de familias. Mas noto eu, que quando os manda vigiar como criados, diz que esperem: *Similes hominibus expectantibus*; quando os manda vigiar como pay, diz que temão: *Si sciret pater familias qua hora fur veniret, vigilaret*. Pois se o criado,

& mais o pay ambos vigiaõ, qual he a razão porque o criado quando vigia, espera, & o pay quando vigia, teme? Porq̃ o pay he pay, & o criado he criado. O criado quando vigia, espera; porque no criado vigia o interesse. O pay quando vigia, teme; porque no pay vigia o amor. Espera quem serve, teme quem ama. Grande confirmação no mesmo Euágelho. Quando Christo manda vigiar como criados, promette a sua mesa: *Faciet illos discumbere*: quando manda vigiar como pay, não promette nada. Pois porque se promette premio ao criado, & não se promette premio ao pay? Porque? Porque o criado serve, o pay ama. Quem serve, tem por premio a vossa mesa: quem ama, tem por premio o seu cuidado. E quem tem os olhos na vossa mesa, claro está que ha de esperar: quem tem o coração no seu cuidado, claro está que ha de temer.

45 Ainda mais apertada-

tadaméte no mesmo Texto. Quando Christo falla nas esperanças dos criados, diz que esperão por seu senhor: *Expectantibus dominum suum*: quando falla nos temores do pay, diz q̄ teme ao ladraõ: *Si sciret paterfamilias qua hora fur veniret*. He certo, & averiguado entre todos os Doutores, que assim o senhor, como o ladraõ nesta parábola significão a Christo na hora da morte. Pois se he a mesma pessoa, & no mesmo tempo, como em respeito do criado se chama senhor, & em respeito do pay se chama ladraõ? Porque donde o criado tira razões de confiança, o pay, que ama, tira razões de temor. No mesmo tempo, & nas mesmas circumstancias o mesmo que para o criado he senhor, para o pay he ladraõ. Ora queira Deos, que não haja algum criado, que espere como a senhor, o mesmo, que o pay, que ama, teme como a ladraõ! & se quem ama teme; porque não ha de

imaginar perigos? & se que teme, ama; porque não ha de sollicitar remedios? Que estranhar este zelo, perto está de condemnar o de Christo.

46 Lea-se o nosso Evangelho, & em todo elle não se achará outra cousa senão perigos, & mais perigos, remedios, & mais remedios. Virá o ladraõ: *Qua hora fur veniret*, poderá roubar a casa, *per fodi domum suam*, buscarnosha na hora em que estivermos mais descuidados: *Qua hora non putatis, Filius hominis veniet*. Eis-ahi os perigos. Por outra parte, roupas na cinta, tochas accelas, portas fechadas, olhos abertos: eis-ahi os remedios. Pois Senhor, estes são os dous pólos da vossa doutrina, & do vosso cuidado? não imaginais noutra cousa senão em perigos? não fallais noutra cousa senão em remedios? Sim, sim. O mais verdadeiro, & fiel amigo, que ha, nem póde haver no mundo, he Christo: & o fiel, & verdadeiro amigo,

amigo, em matérias q̄ não importão menos que a salvação, não sabe imaginar senão em perigos, não sabe fallar senão em remedios. Este he o zelo de Christo; & porque não será este o zelo Christão?

47 Mas vejo que me diz, ou q̄ me dirá alguem, que ha perigos, que são impossiveis, & ha remedios, que são perigosos. Perigos impossiveis não se hão de temer: remedios perigosos não se hão de aceitar. Admitto no perigo o impossivel, admitto no remedio o perigoso, & respõdo com tudo.

Jo. V.

48 **Q**Uanto ao primeiro. Falla Christo Redemptor nosso dos tempos temerosos do Antechristo, & diz que será tam universal a ruina, que até os mesmos predestinados, em certo modo, não estarão seguros: *Ita ut in errorem inducantur, si fieri potest, etiam electi.* Não

Matth.  
24. 24.

tavel dizer! Os predestinados não he impossivel perderem-se? Claro está que os decretos Divinos são immutaveis, & seus effeitos nada os pôde impedir. Pois se o perigo nos predestinados he impossivel, porque chega Christo a recetar perigo aos predestinados: *Etiam electi?* Porque? Porque os ama muito. Christo Senhor nosso ama muito os seus predestinados. E quem ama muito, até perigos impossiveis teme. O perigo será impossivel, mas o amor he muito verdadeiro. Quem chegou a temer impossiveis, chegou a amar quanto he possivel. Ha-se o amor no temer, como no desejar; & assim como não ha mayor final de amor, que impossiveis desejados; assim não ha mayor final de amor, que impossiveis temidos. Antes mais verdadeiramente ama quem teme impossiveis, que quem deseja impossiveis; porque desejar-me impossiveis, sempre he amor meu; mas temer-vos impossivel

impossiveis , não pôde ser senão amor vosso.

49 Porém dirmehaõ que os impossiveis será amor temelos, mas não será razão temerem-se. Temelosh a amor, que he hum cego; mas não os temerá a razão , que tem os olhos abertos. Tambem a razão.

50 Começaraõ a edificar os filhos de Membroth aquella soberba Torre chamada depois de Babel , com intento de que chegassem luas ameas a topetar com as Estrellas. E diz o Texto sagrado ; que desceo logo Deos a impedir , & desfazer esta obra ; & que a razão que o moveo foi esta : *Non desistent à cogitationibus suis , donec eas opere compleant.* Que era necessario atalhar em seus principios a fabrica daquella Torre , porque os homens a não acabassem ; & chegassem ao Ceo com ella. Galante razão por certo. He demonstraçõ Geometrica que ainda que o globo da terra fora vinte vezes mayor do que he ,

não podera dar bastante materia para se edificar hũa Torre, que chegasse à altura do Ceo, Quanto mais , ( deixados outros mil impossiveis ) que chegando à segunda região do ar , por ser extremamente fria , haviaõ de morrer os homens congelados ; & quando dalli elcaspassem , lá estava a esfera do fogo , onde se haviaõ de abraçar , & consumir todos, antes de chegar ao Ceo. Pois se a fabrica da Torre , & o intento daquelles homens era impossivel ; como diz Deps , que desce à terra ao impedir, porque não acertem de o executar : *Non desistent , donec opere compleant.* A razão he ; porque quem tem inimigos , que possaõ armar Torres contra os seus Reynos , como Deos tinha neste caso , ha de discursar sobre os perigos impossiveis , como se foraõ perigos provaveis. A Torre era impossivel , mas Deos discursava , & obrava como se o não fora. Os perigos que são impossiveis

possiveis para o effeito , haõ-le de imaginar possiveis para a cautela. Quem teme os perigos possiveis , estará acatelado ; mas quem teme os impossiveis , está seguro. O melhor meyo de conservar a segurança, he temella. Assim a temia , ou obrava Deos , como se a temera , dentro das muralhas do Ceo : *Non desistent a cogitationibus suis.* De maneira que recear pe rigos impossiveis , he amor ; & acatelar-se de perigos impossiveis, he providencia. Quê persuade que se temão impossiveis, aconselha como Christo, que assim o aconselhou aos predestinados : & quem se acatela de impossiveis , obra como Deos , que assim se acatelou da Torre. Nem o receyo he discredito do amor , nem a cautela he discredito do poder. O receyo não he discredito do amor , pois assim recea Christo , que ama tanto : a cautela não he discredito do poder , pois assim se

acatela Deos, que pôde tudo.

## §. VI.

51 **T**Enho satisfeito aos perigos impossiveis : respondo agora aos remedios perigosos. Para o primeiro ponderei o Evangelho ; para o segundo contarei parte da vida de S. Roque.

52 Depois de S. Roque haver peregrinado por Italia , recolheo-se outra vez a França , & entrando em Mompelher patria sua, como entre França, & Italia havia naquelle tempo guerras , prenderaõ-no por espia. Por espia a São Roque? Não faltará neste caso quem chame à patria de S. Roque desgraçada , ou quando menos desagradecida. Mas eu chamolle ditosa , & bemaventurada. Bemaventurada a terra onde os que padecem , & os que fazem padecer , todos são zelolos ! S. Roque zeloso , porque o zelo da patria o trouxe a ella. Os Fran-

Francezes tambem zelosos, porque o zelo da patria os fez maltratar a São Roque. Terem todos o mesmo entendimento, não he obrigação; mas terem todos o mesmo zelo, ainda que em pareceres encontrados, he grande ventura. Presumo certo da virtude de S. Roque, que só por conhecer o bom zelo de seus naturaes, levaria com muito bom animo a sua delatoridade. Mas se S. Roque era o remedio unico da sua patria, & os Francezes eraõ tam zelosos della, porque o perseguem, porque o accusaõ, porque o condemnaõ? Isto he zelo da patria? Sim. O zelo não tem mais obrigação, que de ser bem intencionado. Póde ser muito bom, & póde enganar-se. Os Francezes cuidavaõ hũa cousa, & era outra: cuidavaõ que em S. Roque lhes vinha o perigo, & em S. Roque vinhalhes o remedio. Quantas vezes succede isto no mundo?

53 Andavaõ os Apo-

stolos na barquinha de S. Pedro lutando com as ondas: parte de terra Christo a soccorrellos: *At illi putaverunt phantasma esse*, & elles começaraõ a tremer, cuidando q̄ era fantasma. Fátasma? Pois como assim? Não era Christo, q̄ os hia soccorrer? Não era Christo que os hia remediar? Não era Christo, que os hia livrar do perigo? Pois como lhes pareceo que era fantasma? Porque assim como ha fantasmas que parecem remedios, assim ha remedios, que parecem fantasmas. Coula notavel, que o mesmo que lhes metia medo como perigo, os livrou da tempestade como remedio. Visto ao longe entre as trevas parecia fantasma, metido dentro na barca era JESU Christo. Mas he muito de reparar o tempo, & a circunstantia em que Christo effectivamête soccorreo aos Apostolos. Partio Christo de terra, & ainda que os Apostolos andavaõ lutando com a tempestade, pas-

Marc.  
6. 49.

son

fou o Senhor de largo : quando elles víraõ que passava , cuidáraõ que era fantasma : tanto que cuidáraõ que era fantasma , então voltou o Senhor a remedialos. Pois porque os não remediou Christo , quando elles temiaõ , & lidavaõ ló com a tempestade , senão depois que chegáraõ a temer o mesmo Christo , cuidando que era fantasma ? Porque Christo sempre acode nos mayores perigos ; & o mayor perigo não he quando se teme o perigo , he quando se teme o remedio. Quando os Apostolos temiaõ a tempestade , temiaõ o perigo ; quádo temèraõ a Christo , temèraõ o remedio ; & como Christo costuma acudir sèpre nos mayores perigos , por isso não acudio , quando temiaõ o perigo , senão quando temèraõ o remedio. Não digo que não haja remedios perigosos ; mas só mostro que alguns o podem parecer que o não sejaõ , como o de Christo , & o de S. Roque

Quando S. Roque veyo à Mompelher , prendèraõ-no ; quando morreo , os mesmos , que o prendèraõ , o canonizaraõ. E he muito para notar , que o não canonizou o Papa , senão o Povo. Na vida não lhe bastou vir de Roma para o accitarem ; na morte não teve necessidade de Roma para o canonizarem. E sendo quasi de Fè o que canoniza o povo ; como ha de ser caso contra a Fè o que canonizar o Papa ?

54 O remedio temido , ou chamado perigoso , saõ duas companhias mercantis , Oriental hũa , & outra Occidental , cujas frotas poderosamente armadas tragaõ seguras contra Olanda as drogas da India , & do Brasil. E Portugal com as mesmas drogas tenha todos os annos os cabedaes necessarios para sustentar a guerra interior de Castella , que não póde deixar de durar alguns. Este he o remedio por todas as suas circunstancias não só approvado ,  
mas

mas admirado das Nações mais politicas da Europa , excepta sómente a Portuguezia , na qual a experiencia de serem mal reputados na Fè alguns de seus cômmerciantes, não a união das pessoas , mas a mistura do dinheiro menos Christão como Catholico , faz suspeito todo o mesmo remedio , & por isso perigoso. Mas tornemos ao defensor deste perigo.

55 Herdou S. Roque por morte de seus pays hũ grande estado , & muitas riquezas , & quando os outros delejaõ larga vida , & muitos annos para as lograr , elle as repartio logo aos pobres. Oh que grande politica do Ceo esta ! fazer do perigo remedio , & vencer ao inimigo com suas proprias armas. As armas com que o mundo faz mayor guerra aos homens, são as riquezas. Pois que fez S. Roque às suas ? Tirou estas armas da mão ao mundo , converteo-as outra vez contra elle , & desta maneira o venceo , &

meteo debaixo dos pés. Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle , he fazer de hum mal dous bens: hum bem , porque se diminue o poder contrario ; outro bem , porque se accrescenta o poder proprio. E de hum mal fazer dous bens he mal ? Não he melhor que essas riquezas sirvão a S. Roque contra o mundo, que servirem ao mundo contra S. Roque ?

Ao menos assim o entendeu ElRey David , hum varaõ tam santo , tam amigo de Deos, feito em sim pelos moldes de seu coração.

56 Quando Joab tomou a Cidade de Rabba , achou-se alli entre os despojos hum Idolo famoso chamado Melchon , cujo ouro tomou ElRey David , & mandou que lhe fundissem delle , & lhe lavrassem hũa Coroa. Pois pergunto : Hum Rey tam rico, & tam poderoso como David , não tinha outro ouro de que mandar lavar a sua Coroa, senão o ouro de

Mel-

Melchior ? Sim tinha muito. Pois que pensamento teve em querer que do ouro do Idolo se lhe fizesse a Coroa ? Hum Rey tam Catholico, como David, ha de fazer a Coroa da sua cabeça do ouro dos Idolos ? Sim. Antes por isso mesmo ; porque não pôde haver mais gloriosa industria em hum Rey, que saber passar à sua Coroa o mesmo ouro, que enriquece os Idolos. Este ouro está fervendo à infidelidade : pois quero eu que sirva à minha Coroa, diz El-Rey David. Qual he melhor, que o ouro sirva a David contra o Idolo, ou que sirva ao Idolo contra David ? Se este ouro posto da parte da infidelidade está conquistando os Reynos de David, & propagando nelles a heresia; porque não passará David este ouro á sua Coroa, para ajudar a restaurar seus Reynos, & dilatar a verdadeira Fè ? Servir à Fè com as armas da infidelidade, oh que politica tam Christãa!

Alcançar a Fè às vitorias, & pagar a infidelidade os soldos, oh que Christandade tam politica !

57 Não houve no mundo dinheiro mais sacrilego, que aquelles trinta dinheiros, porque Judas vendeo a Christo. E que se fez deste dinheiro ? Duas cousas notaveis. A primeira foi, que daquelle dinheiro se comprou hum campo para sepultura de peregrinos : *In sepulturam peregrinorum* : assim o diz o Evangelista, & assim o tinha Deos mandado pelo Profeta. Houve no mundo mayor impiedade, que vender a Christo ? Nem a pôde haver. Ha no mundo mayor piedade, que sepultar peregrinos ? Não a ha mayor. Pois eis-aqui o que faz Deos quando obra maravilhas ; que o dinheiro, que foi instrumêto da mayor impiedade, passe a servir às obras da mayor piedade. Servio este dinheiro sacrilegamente à venda de Christo ? pois sirva piedosamente à sepultura dos pere-

Math.  
27. 7.

peregrinos. Esta foi a primeira cousa, que se fez dos trinta dinheiros. A segunda foi, que mandou Christo a ElRey D. Affonso Henriques, q̄ destes trinta dinheiros, & mais das suas cinco Chagas se formassem as armas de Portugal: *Ex pretio quo ego genus humanum emi, & ex pretio quo à Judeis emptus sum, insigne tuum compones.* Compozeis o escudo das vossas armas, do preço com que eu comprei o genero humano, que saõ as minhas cinco Chagas; & do preço com que os Judeos me comprãõ a mim, que saõ os trinta dinheiros de Judas. Ha cousa mais sacrilega; que os trinta dinheiros de Judas? Ha cousa mais sagrada, que as cinco Chagas de Christo? E com tudo manda Deos ao primeiro Rey Portuguez, que componha as armas de Portugal das Chagas de Christo, & mais do dinheiro de Judas; para que entendamos, que o dinheiro de Judas christãamente

applicado; nem descompoem as Chagas de Christo, nem descompoem as armas de Portugal. Antes compostas juntamente de hum, & outro preço podem tremolar vitoriosas nossas bandeiras na conquista, & restauraçõ da Fè, como sempre fizeraõ em ambos os mundos. E se Deos compoz assim as armas de Portugal, se Deos não achou inconveniente nesta uniaõ; que muito he, que o imaginasse assim hũ homem? Ora perdoalhe quando menos, que tem bom fiador o pensamento.

58 Mais. Estava São Roque docnte ao pè de hũa arvore, & diz a Historia, que vinha alli hum caõ piedoso, o qual lhe trazia todos os dias hum pão da mesa de seu senhor com que o sustentava. Lembra-me que aos que carecem da verdadeira Fè chama Christo Senhor nosso cães: *Non est bonum sumere panem fratrum, & mittere canibus.* Matc. 7. 27. E com o mesmo nome de cães, afronta justamente a

nossa terra os convencidos do mesmo crime da infidelidade, não pelo nascimêto da Nação, nem pelo exercicio do comércio, em que não ha culpa. Isto posto pois, & levando o caõ na boca o pão de que se sustentava S. Roque, pergunto: E he máo tirar o pão da boca do caõ, para sustentar o Santo? Ora eu não reparo em S. Roque comer o pão da boca do caõ, que pareceria alque-roso; mas reparo em que o caõ lho levasse. Se o caõ tirava o pão da mesa a seu senhor, sabia elle a quem o levava; & se o senhor sabia que o levava a S. Roque, porque lho não leva elle; ou manda ao menos por hum criado? Hade dar o pão o homem, & hade levar o pão o caõ? Sim. Porque aquelles a quem sustenta a providencia Divina, quer Deos que o sirvaõ os homens, & quer que o sirvaõ os cães. A quem Deos sustenta com sua mão, quer que o sirvaõ todas suas creaturas, que o sirvaõ os

racionaes; & que o sirvaõ os animaes.

59 Estava Elias em hum deserto, quando foi a perseguição de Jezabel, & veyo hum Anjo, que lhe deu pão, com que se sustentou quarenta dias. Estava outra vez Elias em outro deserto, quando foi a fome do tempo de Achaz, & vinha todos os dias hum corvo, que lhe trazia tambem de comer. Pois valha-me vossa providencia, Senhor: que mudança he esta? Já se acabáraõ as Jerarquias do Ceo? Já se variou o ministerio dos Anjos? Pois se hũa vez sustentais a Elias com Anjos, porque outra vez sustentais a Elias com corvos? Porque Deos quando sustenta os seus mimosos, quer que os sirvaõ todas suas creaturas. Sirvaõ hũa vez a Elias os Anjos, sirvaõ outra vez a Elias os corvos. Sustentar Deos a Elias por meyo dos corvos, nem era contra a providencia de Deos, nem contra a santidade de Elias.

Tam

Tam Deos era Deos, quando sustentava a Elias por ministerio de corvos, como quando o sustentava por ministerio de Anjos: & tam Santo era Elias, quando recebia o pão das mãos dos Anjos, como quando tomava o pão das unhas dos corvos.

6o E a razão disto qual he? A razão he; porque a bondade das obras está nos fins, não está nos instrumentos. As obras de Deos todas são boas; os instrumentos, de que se serve, podem ser bons, & máos.

61o A Job chamalhe Deos na Escritura servo seu: *Numquid considerasti servum meum Job?* E a Nabuchodonosor chamalhe Deos também seu servo: *Nabuchodonosor; quia servivit mihi.* Todo o mundo sabe quam differentes erão os procedimentos destes dous homens. Job muito Santo, muito justo, muito piedoso; Nabuchodonosor muito máo, muito cruel, muito idolatra. Pois

se isto he assim; como se chama servo de Deos Nabuchodonosor? Que se chame servo de Deos Job, está muito bem, era Santo: mas que se chame servo de Deos Nabucho, que era tam máo homem? Também. Porque entre os servos de Deos ha esta differença: huns são servos de Deos, porque servem a Deos; outros são servos de Deos, porque Deos se serve delles. Os que são servos de Deos, porque servem a Deos, necessariamente hão de ser bons: os que são servos de Deos, porque Deos se serve delles, bem podem ser máos. Eis-aqui a differença com que Job, & Nabuchodonosor, sendo tam dessemelhantes na vida, ambos erão servos de Deos nas obras. Job, como Santo, era servo de Deos, porque servia a Deos? Nabuchodonosor, como máo, era servo de Deos, porque Deos se servia delle. Bons, & máos, todos podem servir a Deos. Os bons sirvaõ

Dij a Deos

a Deos; os máos sirva-se Deos delles. Assim aconteceu a S. Roque no paõ com que se sustentava. Servia-o o homem, em que havia piedade, & servia-o o caõ, que era incapaz de virtude. Hum servia por discurso, outro servia por instinto: mas ambos serviaõ.

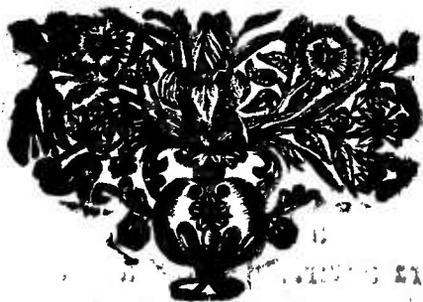
## §. VII.

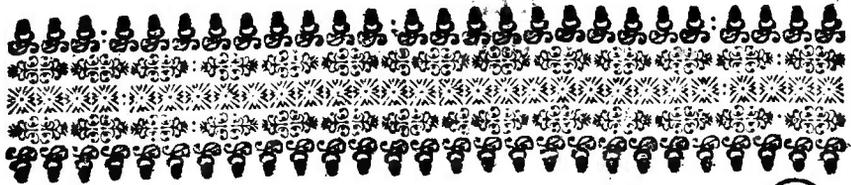
62 **M**uito tinha que dizer ainda nesta materia, mas porque ella se estampa tantos annos depois de se haver pregado, em que se pôde confirmar com os mesmos effeitos, baste por prova ser o arbitrio, ou remedio, que no principio se duvidava como perigoso, disposto, & ordenado, & por vêtura inspirado pela providencia Divina. He consequencia evidente. Porque não se executando todo este remedio, senão só ametade; nem se formando a companhia Oriental, (de que depois houve tantos arrependimentos), se-

não a Occidental unicamente, frotas sufficientes os soccorros, que as suas frotas trouxeraõ ao Reyno, não só para sustentar a guerra interior, sempre com mayor poder, & mayores augmentos; mas para restaurar ametade do mesmo Brasil. Com guerra de vinte & quatro annos estava occupada, & perdida, & já estampados nos mappas com nome de nova Olanda esta ametade do que possuimos na America: & que bastou para recuperar tanta terra, tantos mares, & portos tam invencivelmente fortificados, como suppunha não só a experiencia cõmum, mas a resistencia de tantos, & tam grandes Generaes, não se atrevendo a aceitar hũa tal empreza? Aqui se vio o milagre da providencia. Apareceo a frota mercantil do Brasil de frõte do Recife, a que por sua fortaleza poderamos justamente chamar a Rochella da America, & à ostentação sómente do numero de

de seus valos ; sem morte de hum homem , se renderão dezalete Fortes reaes , guarnecidos de sobeja Infantaria , abastecidos de munições de boca para dous annos , & de guerra para muitos , & em espaço de tres dias se recuperou o que se não podia caminhar pacificamente em muitos mezes , & se tinha ganhado a palmas em vinte & quatro annos. Ao principio não creio tal milagre o mundo ; mas estes foraõ os fins maravilhosos daquela unica companhia mercantil , que havendo mais de quarenta annos cessou a causa porque foi instituida, he tam util , importan-

te , & necessária , que ainda se conserva , & conservará por muitos. Assim se desfizerão os escrupulos em applauso , as duvidas em demonstrações , os impossiveis em milagres , & o imaginado perigo em acções de graças a Deos dadas na Corte, em todo o Reyno , & repetidas todos os annos naquellas Conquistas , triunfando os altissimos conselhos da Providencia , Sabedoria , & Omnipotencia , não só dos vãos temores , interesses , & pretextos , mas do mesmo bom , verdadeiro , & fiel zelo humano , para ultima exaltação , & gloria da bondade Divina.





# S E R M A Õ

## DA EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ,

No Convento da Annunciada em Lisboa, anno  
de 1645.

*Nunc judicium est mundi : nunc princeps hujus  
mundi ejicietur foras : & ego si exaltatus fuero  
à terra, omnia traham ad me ipsum.*

Joann. 12.

### §. I.



63 Uma pratica es-  
piritual com ac-  
cidentes de Ser-  
maõ he o que  
temos hoje para ouvir. En-  
comendáraõ-me ao prin-  
cipio que fizeste neste dia  
hũa pratica da Exaltação

da Cruz, encaminhada fõ-  
mente a Espiritos Religio-  
sos; & depois, mudando-  
se de parecer, ou estendê-  
do-se a caridade, & a de-  
vação, ordenáraõ que a ca-  
deira se trocasse com pul-  
pito, que as portas se abris-  
sem, & o que havia de ser  
pratica particular, fosse  
Sermaõ

Sermão para todos. Assim será : prégaremos à Religião , & prégaremos ao mundo , mas da Cruz espiritual a ambos.

64 Para intelligencia desta não ordinaria materia , havemos de presuppor que ha dous generos de Cruzes neste mundo ; hũa Cruz material , & outra espiritual. A Cruz material he aquelle sagrado lenho, em que Christo Salvador nosso obrou os mysterios Divinos da Redepção do genero humano. A Cruz espiritual he a mortificação interior , & exterior do corpo , & alma ; com que os verdadeiros Christãos , & particularmente os que professamos vida Religiosa , crucificação suas paixões , & appetites. Desta segunda Cruz fallava S. Paulo , quando disse : *Qui carnem suam crucifixerunt cum vitiis , & concupiscentiis suis* : que crucificárao sua carne com seus vicios, & desordenados desejos : & da mesma Cruz fallou Christo naquelle

Galat.  
5.24.

delengano , que deũ a todos: *Si quis vult venire post me , tollat Crucem suam , & sequatur me*. Se alguem quiser vir apoz mim, tome a sua Cruz , & sigame.

Math.  
16. 24.  
Marc. 8.  
34.

65 Estas duas Cruzes com serem tam differentes , ambas são instrumentos de nossa Redempção ; porque , para hum homem se salvar , não bastaõ só os merecimentos de Christo ; são necessarios també merecimentos proprios. Na Cruz material temos os merecimentos de Christo : na Cruz espiritual temos os merecimentos nossos. A Cruz material foi instrumento da Redempção de todos , quanto à sufficiencia : a Cruz espiritual he instrumento da Redempção de cada hum , quanto à efficacia. Donde se segue que, em certa maneira, importa mais para a salvação a nossa Cruz , que a Cruz de Christo : porque sem a Cruz de Christo ninguem se pòde salvar ; mas com a nossa Cruz ninguem se pòde perder : depois de

D iij Christo

Christo morrer na Cruz por amor de nós, muitos se perdem: mas os que tomão a sua Cruz em seguimento perseverante de Christo, todos se salvão.

66 Isto posto, quinta feira celebrou a Igreja a festa da Exaltação da Cruz material, quando o Emperador Heraclio a libertou do cativoiro da Persia, onde a tinha levado Cosroas, tirando-a de Jerusalem; porèm hoje celebraremos a Exaltação da Cruz espiritual, que bem considerada em suas circumstancias, será ainda maior, & mais Christãa solemnidade: porq̃ se a Cruz material esteve cativa quatorze annos; a Cruz espiritual está cativa desde principio do mundo, que na arvore vedada, & na desobediencia de Adaõ, se deu principio a seu cativoiro: & se a Cruz material esteve cativa só em Persia; a Cruz espiritual esteve, & está cativa em todos os Reynos, & em todas as Nações do mundo; porque não só os

Judeos a tem por escandaloso: *Judeis quidem scandalum*; nem só os Gentios a tem por ignorancia: *Gentibus autem stultitiam*; mas ainda os mesmos Christãos, que adoraõ a Cruz material de Christo, a aborrecem, & vituperaõ a espiritual, como chorava S. Paulo: *Nunc autem & fletis dico, inimicos Crucis Christi.* 1. Cor. 1. 23. Ibid. Philip. pens. 3. 18.

67 E como o cativoiro da Cruz espiritual he tanto mais antigo, & tanto mais universal, que o da Cruz material de Christo; se eu hoje conseguisse deste auditorio com as palavras, o q̃ Heraclio antigamente alcançou dos Persas com as armas: se hoje libertassemos a Cruz espiritual do cativoiro, em que a tem tam sepultada, & abatida a opiniaõ, & obstinação dos homens; não ha duvida que seria muito maior Exaltação da Cruz de Christo esta. Mas tam grandes vitorias não se alcançaõ sem grandes socorros da graça Divina: peçamola primeiro ao Espirito

pirito Santo por interces-  
saõ da Senhora.

*Ave Maria.*

§. II.

*Nunc judicium est mundi : nunc princeps hujus mundi ejicietur foras : & ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.*

68 **H**Oje, diz Christo, he o dia do juizo do mundo : hoje hade fer o mundo lançado fóra : & eu le for crucificado, heide trazer a todos a mim. Notaveis palavras ! O dia do juizo do mundo, he de Fè, que ha de fer no fim delle : entaõ ha de vir Christo a julgar vivos, & mortos. Pois se o dia do juizo ha de fer no fim do mundo, como diz Christo que hoje he o dia do juizo do mundo : *Nunc judicium est mundi* ? A razão, posto que a não tocasssem os Expositores, he esta. Neste mundo quer Deos que haja dous dias do juizo : hum dia do juizo, em que os homens se- jaõ julgados ; & outro dia

do juizo ; em que os ho- mens julguem. No dia do juizo [futuro hade julgar Christo entre homens, & homens ; no dia do juizo presente haõ de julgar os homens entre o mundo, & Christo. No dia do juizo futuro ha de Christo de lan- çar de si aos máos, & cha- mar a si aos bons ; no dia do juizo presente haõ os homens de lançar de si ao mundo : *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras* : & haõ de trazer a si, ou fer trazidos de Christo : *Om-  
nia traham ad me ipsum.* Matth.<sup>7</sup> Fi.<sup>24. 30.</sup> nalmente no dia do juizo futuro ha de sabir a Cruz a julgar, & a condemnar : *Tunc parebit signum Filii ho- minis* ; no dia do juizo pre- sente ha de sabir a Cruz a  
fer

fer julgada , & exaltada :  
*Et ego si exaltatus fuero à terra.*

69 Para fazer este juizo entre o mundo , & Christo , entre a Cruz de hum , & a Cruz de outro , he necessario suppor primeiro , que affina os que seguem ao mundo , como os que seguem a Christo , todos nesta vida tem suas Cruzes. He este mundo como o monte Calvario , em que se vem todos os estados dos homens , & todos em Cruz. Todos os homens do mundo , ou são justos , ou peccadores , ou penitentes. Se sois justo , haveis de ter Cruz ; porque Christo era justo , antes a mesma justiça , & tinha a sua. Se sois peccador , haveis de ter Cruz ; porque o máo ladraõ era peccador , & estava crucificado. E se sois penitente , tambem haveis de ter Cruz ; porque o Bom Ladraõ era penitente , & a Cruz era a mayor parte da sua penitencia. Se fores Rey , haveis de ter Cruz ; porque

Christo tinhã hum titulo ; que dizia : *Rex Judæorum* ; & o titulo , & mais o Rey ambos estavaõ pregados nella. E se fores dos que estaõ ao lado do Rey , tambem haveis de ter Cruz ; porque ao lado de Christo estava Dimas , & Gestas , & estavaõ cada hum na sua.

70 Muito em seu lugar , & muito fóra de seu lugar estavaõ estes dous ladrões. Estavaõ muito em seu lugar , porque estavaõ crucificados com as mãos , & pès pregados na Cruz ; & estavaõ muito fóra de seu lugar , porque estavaõ ao lado do Rey. Se viveres na Corte , haveis de ter Cruz ; que pelas ruas de Jerusaleem levou Christo a Cruz ás costas : & se viveres no monte , tambem haveis de ter Cruz ; que no monte Calvario teve a Cruz a Christo nos braços. Emfim , se tiveres vôtade de levar a Cruz , leva-laheis ; que Christo desejou muito levala , & levou-a : & se não tiveres vôtade de a levar , tambem

bem a levareis ; que o Cyreneo não queria levar a Cruz , & forçaraõ-no a q̃ a levasse. De maneira , que ou por acto de virtude , ou por remedio de necessidade , não ha passar esta vida sem Cruz. Antes a mayor felicidade dos vivos he como o enterro dos defuntos : quanto mais pompa , mais Cruzes.

72 Para sabermos quaes devem ser as escolhidas , & quaes as reprovadas , ajustando a festa com o Evangelho , determino fazer hoje hum dia do juizo das Cruzes : *Nunc judicium est mundi*. Chamaremos a juizo as Cruzes de todo o mundo , & da maneira que no dia do Juizo final se haõ de pezar os merecimentos de todos os homens , assim o faremos neste juizo das Cruzes , & julgaremos quaes dellas saõ mais , ou menos pezadas. Sentenciar , & examinar cada Cruz de por si , seria cousa muy dilatada , & impossivel. Pelo que acomodandome às duas partes do

auditorio , secular , & Religioso , & não me esquecendo da Exaltação da Cruz de Christo , que he a solemnidade , reduzirei todos os generos de Cruzes universalmente a tres : Cruz de Christo , Cruz da Religião , Cruz do mundo. O juizo dos homens ha-se de fazer no valle de Josaphat : o juizo das Cruzes faloheemos no monte Calvario : & assim como no dia do juizo do valle de Josaphat Christo hade estar no meyo , & á maõ direita bons , á maõ esquerda máos ; assim neste juizo do monte Calvario , no meyo poremos a Cruz de Christo , á maõ direita a Cruz da Religião , á maõ esquerda a Cruz do mundo. Assentadas nesta fórma as tres Cruzes , começará o rigoroso exame , & para q̃ cada hum de nós conheça , & tome bem o pezo á sua Cruz , faremos entre todas tres duas comparações. Na primeira compararemos a Cruz da Religião com a Cruz de Christo ; & exami-

minare-

minaremos qual he mais pezada, & mais estreita, se a Cruz de Christo, se a Cruz da Religião. Na segunda compararemos a Cruz do mundo com a Cruz da Religião; & examinaremos qual he mais estreita, & mais pezada, se a Cruz da Religião, se a Cruz do mundo. Destas comparações, & exames assim feitos se seguirão no juizo de toda a boa razão as duas consequencias, que Christo promete no nosso Evangelho. Primeira, que o mundo seja condenado, & vá fóra: *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras.* Segunda, que todos se abraçem com Christo por meyo da sua Cruz: *Et ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum*

## §. III.

73 **E**Ntrando no primeiro exame, & comparando a Cruz da Religião com a Cruz de Christo, ainda que a Cruz de Christo, absolutamente

fallando, foi a mais rigorosa de todas as Cruzes; com tudo attendendo a muitas circumstancias particulares, digo, que mais estreita he a Cruz da Religião, que a Cruz de Christo. Parece proposição atrevida, mas tenho fiador abonado della hum grande douto, & grande espiritual, Pedro Blesense: *Audeo, & dico: Petr. Blesens. In strictiore Cruce p̄det vir contemplativus, quàm Christus.* Ouso dizer, & digo, diz Blesense, que a Cruz da Religião he mais estreita que a Cruz de Christo: & provo. *Christo confixus: Galat. 2. 19. sum Cruci:* Eu, diz S. Paulo, estou crucificado na mesma Cruz com Christo. Donde se collige claramente, que mais estreito, & apertado estava na sua Cruz S. Paulo, do que Christo estava na sua: porq̄ Christo na sua Cruz estava só; & S. Paulo na sua estava acompanhado. Christo na sua Cruz não estava com Paulo; & Paulo na sua Cruz estava com Christo: logo mais estreita he a Cruz

Cruz para Paulo Religioso, que para Christo crucificado.

74 Para prova desta mayor estreiteza traz Pedro Blesense hũa razaõ, & eu acho quatro. Começemos pela sua. He mais estreita a Cruz da Religião, que a de Christo, ( diz Blesense ) porque se bem advertis, Christo na Cruz tinha cravados os pès, & as mãos, mas não tinha cravada a lingua, porque fallava; porèm o Religioso não só tem cravado o corpo na Cruz da Religião com tres votos essenciaes de Pobreza, Castidade, & Obediencia; senão que tem cravada, & crucificada a lingua pela regra do silencio, que he outro cravo.

75 Quam terrivel circumstancia seja esta de não fallar, explicou melhor que todos David: *Quoniam tacui, inveteraverunt omnia ossa mea.* Porque não fallei, se me envelhecêraõ os ossos. Grande tormento deve de ser o silencio,

pois se compara á velhice, que tanto doe a tantos. Se dissera David, que com o silencio se lhe fizeraõ brâcos os cabellos, se lhe enrugára o rosto, se lhe entorpecêraõ os pès, grandes eraõ os poderes do silencio; mas o em que reparo he, que não só diz que envelheceo, porque callou, senão que lhe envelhecêraõ os ossos: *Inveteraverunt ossa mea*: sim; que he tam grande violencia em hũa creatura racionalõ callar, que chega a fazer em poucos dias, o que não pôde fazer a morte em muitos annos: he tam penetrante tormento o callar, q̄ calla até os ossos.

76 E qual será a razaõ? He porque a morte he violencia da vida animal, & o silencio he violencia da vida racional. Pela vida nos distinguimos dos mortos, pela falla nos differencamos dos brutos; por isso quando Deos infundio a alma no homem, em lugar de *Factus est ho-*

Gem. 27.

*mo in animam viventem*; 7.

diz

diz o original Hebreo: *In animam loquentem*. E como o silencio violenta hũa parte superior mais delicada, que he a alma, & a morte violenta hũa parte inferior, que he o corpo; por isso são mais excessivos os rigores do silencio, que os da morte.

77 Entra o demonio a atormentar a Job, & cubriñdo-lhe de chagas todo o corpo, só lhe deixa livre a boca, & sem lezaõ a lingua: *Derelicta sunt tantum-*

Job 19.  
20.

*modolabia circa dentes meos*. Pergunto: Se o demonio tem tam pouca piedade, como quem elle he, & que-ria atormentar a Job com intensas crueldades; porque não lhe atormenta também a boca? Porque lhe deixa sem lezaõ a lingua? Vede: Quando Deos deu poder ao demonio sobre Job, exceptuoulhe a alma:

Jobz. 6. *Verumtamen animam illius serva*; & como todo o direito do demonio se limitava ao corpo, & não se estendia à alma; por isso executando martyrios em

todos os membros de Job, lhe deixou livre a lingua. Os outros membros são instrumentos do corpo, a lingua he instrumento da alma, como interprete do entendimento. E porque a lingua he parte da alma, bem dizia eu, que pela circumstancia do silencio, he mais rigorosa a Cruz da Religiaõ, que a Cruz de Christo. Na Cruz de Christo estão cravados os pès, & as mãos, que são membros do corpo; na Cruz da Religiaõ está crucificada também a lingua, que he membro da alma. E para fechar todo o discurso, digo, que na Cruz de Christo havia hum preceito q̃ não lhe tocasse nos ossos: *Os non comminuetis ex eo*, & por isso *Non fregerunt ejus crura*; porèm na Cruz da Religiaõ chegam os tormentos a penetrar os ossos, que he a efficacia do silencio: *Quoniam tacui, inveteraverunt ossa mea*.

Joann.  
19. 36.  
Ibid. 33

§. IV.

78 **S**O vejo que me replicação, que o silencio será grande martyrio, mas que as Religiosas (com quem, & de quem particularmente fallo) também fallaõ. Pudèra tapar as bocas a todos com responder, que ainda que fallaõ as Religiosas, essas mesmas palavras sahem tam crucificadas, quantas são as Cruzes de hũa grade: mas não he isto o que respondo. Digo que o fallar das Religiosas não diminue o martyrio da Cruz, porque ainda que fallaõ algũa vez, fallaõ com taes circumstancias, que fazem mayor o tormento; porque o seu fallar he com escutas, & fallar com escuta he mayor pena, q̄ callar.

79 Veyo o Esposo nos Cantares a bulcar a sua Esposa com alguns amigos, & disse-lhe desta maneira: *Quæ habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam.* Vós Esposa

minha, que habitais nesse horto, fazeime graça de que eu ouça a vossa voz, porque estaõ aqui tambem alguns amigos, que vos escutaõ, & querem ouvir. Que responderia a Esposa a esta proposição? *Heu fuge dilecte mi.* O que eu vos peço, Esposo meu, he que por agora vos vades, em outra occasião vos fallarei. *Non optando loquitur*, reparou bem Beda, que a Esposa neste lugar fallou contra o que queria, & bem o mostra aquelle ay, *Heu*; porque se era seu amado, *Dilecte mi*, claro está que havia de querer fallar, & estar com elle. Pois se a Esposa desejava fallar com o Esposo, porque lhe diz, que se vá, *fuge*? Não vedes o que dizia o Esposo: *Amici auscultant*? Ainda que o Esposo vinha a fallar, trazia os amigos por escutas: & houve-se a Esposa discretamente, que muito melhor era não fallar. Ide vos agora Esposo meu, que outro dia me fallareis, que quanto fallar

Ibid. 14

lar com escutas, melhor he o silencio, que o locutorio; & se isto he quando os que escutaõ são amigos, *amici*; que será quando as escutas forem de saffeição-das?

80 A outra razaõ he; porque ainda que as Religiofas fallaõ, fallaõ com licença; & para os que sabemos que cousa he Religião, he certo que mais custa a licença, que o silencio. E a razaõ he clara; porque o silencio he callar, & a licença he pedir; & muito mais custa abrir a boca para pedir, que fechala para callar. Entrou o Rey da Parabola do Evangelho a ver os convidados, & achou hum á mesa sem a vestidura de festa: mandou que o prendessem, & levassem logo a hum carcere escuro, donde os condemnados sabião a justificar: *Ligatis manibus, & pedibus, mittite eum in tenebras exteriores*. Que faria o miseravel neste caso? Diz o Texto, que emmudecê-

Matth.  
22. 13.

Ibid. 12. *At ille obmutuit*. Pois

homem mal entendido, q̄ fazes? Porque não te postras de joelhos aos pès do Rey? Porque não lhe pedes perdaõ? Este Rey não he como Herodes, que corta cabeças em dia de convites. Pois se he Rey piedoso, porque não pedes? porque emmudeces? Emmudeceo, porque não se atreveo a pedir. De maneira, que posto hum homem entre a morte, & a vida, entre o callar, & o pedir; antes quiz callar cõ certeza da morte, que pedir com interesse da vida. Logo bem digo eu, que por todas as razões he mais penoso nas Religiofas o fallar, que o não fallar; & por esta circumstancia, em animos pouco atrevidos, mostra ser mais rigorosa a Cruz da Religião, que a Cruz de Christo.

J. V.

81 **A** Segunda Circũstancia de rigor, q̄ faz mais pezada a Cruz da Religião, que a Cruz de

de Christo he, que a Cruz de Christo não tirava a vista; mas a Cruz da Religião, ainda que não tira a vida, cerra a vista. A Cruz de Christo não tirou a vista, sendo que tirou a vida; porque estava descuberta em hum monte, onde Christo via o que queria; & assim vio a sua Mãe, & ao Discipulo amado. *Cum vidisset Jesus Matrem, & Discipulum stantem*: mas a Cruz da Religião, ainda q̄ não tira a vida, he Cruz encerrada entre paredes, onde só se póde receber a luz do Ceo, & não se póde ver nada do mundo. Quam estreita circumstancia de Cruz seja esta, entenderão melhor que todos, a meu ver, os Filisteos.

82 Fez Samsão aos Filisteos os mayores agravos, que cabem na mayor crueldade. Em hum anno os matou, roubou-os, destruiu-os, & afrótu-os. Fizerao elles extraordinarias diligencias para o colher às mãos, & depois que o tiverão em seu poder, diz

Tom. 12.

o Texto que lhe tirárao os olhos, & o deixárao vivo. Vivo Samsão? Pois se Samsão matou a tantos Filisteos, porque não matao os Filisteos a Samsão? Porque entenderão q̄ se vingavao delle melhor tirandolhe os olhos, & não tirandolhe a vida. Se os Filisteos tirassem a vida a Samsão, não ficavao vingados; porque Samsão tinha tirado muitas vidas, & muitas vidas não se pagaõ só com hũa. Pois para que o rigor da vingança seja igual ao numero das injurias, que Samsão lhes tinha feito; que fazem? Tiraõ lhe os olhos, & deixaõ-no vivo; porque entenderão q̄ ficava mais castigado vivo sem vista, que morto sem vida. Se matárao a Samsão, morria só hũa vez; mas deixaõ-no sem vista, para morrer tantas vezes, quantas queria ver, & não podia.

83 Bê o entendoo assim o mesmo Samsão. Depois q̄ lhe crecêrao os cabellos, fez q̄ o levasssem ao Templo;

E plo;

Judic.  
16. 28.

plo, & lançando mão ás columnas, dizendo: Assim se vingará Samsão dos olhos, que lhe tiráráo; deu com o Templo em terra, matou-se a si, & a todos quantos alli estavaõ: *Pro amissione duorum luminum, ultionem recipiam.* Demaneira que estimou Samsão tanto menos a vida, que a vista, que só por yingar a vista quiz perder a vida. E se o ver he mais estimado dos homens, que o viver; não ha duvida que he mais facil Cruz aquella em que se vê, & se morre, do que aquella em que não se vê, & se vive. Mais ainda; A Cruz de Christo foi Cruz em que elle perdeu o ver, mas não o ser visto; porém a Cruz da Religião he tal, que nella não só não pôde hã Religiosa ver, mas nem ser vista; por isso tanto mais pezada, quanto vai de estar sepultado a estar morto. Christo na morte perdeu o ver, na sepultura o ser visto: porém em quanto esteve na Cruz, nem perdeu o ser visto, nem o

ver: logo o estar na Cruz da Religião sem ver, nem ser visto, não só he estar crucificado, senão morto, & sepultado. Donde se segue que he mais rigorosa a Cruz, porque he Cruz com accidentes de morte, & com horrores de sepultura.

84 Toda a Paixão de Christo se inclue no Sacramento da Eucharistia. Pois se Christo na Paixão padeceo tanto, & no Sacramento está impassivel; porque hade ser o Sacramento não só hã cifra da Cruz, senão hum epilogo de todos os tormentos e Notai. Christo no Sacramento não pôde ver, nem ser visto pelo impedimento dos accidentes; & he tam grande violencia estar hũ homem vivo sem ver, nem ser visto, que nesse Sacramento se reduzem a compendio todos seus tormentos: *Recolitur memoria passionis ejus.*

aut. A. oiv. 109. n. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116. 117. 118. 119. 120. 121. 122. 123. 124. 125. 126. 127. 128. 129. 130. 131. 132. 133. 134. 135. 136. 137. 138. 139. 140. 141. 142. 143. 144. 145. 146. 147. 148. 149. 150. 151. 152. 153. 154. 155. 156. 157. 158. 159. 160. 161. 162. 163. 164. 165. 166. 167. 168. 169. 170. 171. 172. 173. 174. 175. 176. 177. 178. 179. 180. 181. 182. 183. 184. 185. 186. 187. 188. 189. 190. 191. 192. 193. 194. 195. 196. 197. 198. 199. 200. 201. 202. 203. 204. 205. 206. 207. 208. 209. 210. 211. 212. 213. 214. 215. 216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252. 253. 254. 255. 256. 257. 258. 259. 260. 261. 262. 263. 264. 265. 266. 267. 268. 269. 270. 271. 272. 273. 274. 275. 276. 277. 278. 279. 280. 281. 282. 283. 284. 285. 286. 287. 288. 289. 290. 291. 292. 293. 294. 295. 296. 297. 298. 299. 300. 301. 302. 303. 304. 305. 306. 307. 308. 309. 310. 311. 312. 313. 314. 315. 316. 317. 318. 319. 320. 321. 322. 323. 324. 325. 326. 327. 328. 329. 330. 331. 332. 333. 334. 335. 336. 337. 338. 339. 340. 341. 342. 343. 344. 345. 346. 347. 348. 349. 350. 351. 352. 353. 354. 355. 356. 357. 358. 359. 360. 361. 362. 363. 364. 365. 366. 367. 368. 369. 370. 371. 372. 373. 374. 375. 376. 377. 378. 379. 380. 381. 382. 383. 384. 385. 386. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 393. 394. 395. 396. 397. 398. 399. 400. 401. 402. 403. 404. 405. 406. 407. 408. 409. 410. 411. 412. 413. 414. 415. 416. 417. 418. 419. 420. 421. 422. 423. 424. 425. 426. 427. 428. 429. 430. 431. 432. 433. 434. 435. 436. 437. 438. 439. 440. 441. 442. 443. 444. 445. 446. 447. 448. 449. 450. 451. 452. 453. 454. 455. 456. 457. 458. 459. 460. 461. 462. 463. 464. 465. 466. 467. 468. 469. 470. 471. 472. 473. 474. 475. 476. 477. 478. 479. 480. 481. 482. 483. 484. 485. 486. 487. 488. 489. 490. 491. 492. 493. 494. 495. 496. 497. 498. 499. 500. 501. 502. 503. 504. 505. 506. 507. 508. 509. 510. 511. 512. 513. 514. 515. 516. 517. 518. 519. 520. 521. 522. 523. 524. 525. 526. 527. 528. 529. 530. 531. 532. 533. 534. 535. 536. 537. 538. 539. 540. 541. 542. 543. 544. 545. 546. 547. 548. 549. 550. 551. 552. 553. 554. 555. 556. 557. 558. 559. 560. 561. 562. 563. 564. 565. 566. 567. 568. 569. 570. 571. 572. 573. 574. 575. 576. 577. 578. 579. 580. 581. 582. 583. 584. 585. 586. 587. 588. 589. 590. 591. 592. 593. 594. 595. 596. 597. 598. 599. 600. 601. 602. 603. 604. 605. 606. 607. 608. 609. 610. 611. 612. 613. 614. 615. 616. 617. 618. 619. 620. 621. 622. 623. 624. 625. 626. 627. 628. 629. 630. 631. 632. 633. 634. 635. 636. 637. 638. 639. 640. 641. 642. 643. 644. 645. 646. 647. 648. 649. 650. 651. 652. 653. 654. 655. 656. 657. 658. 659. 660. 661. 662. 663. 664. 665. 666. 667. 668. 669. 670. 671. 672. 673. 674. 675. 676. 677. 678. 679. 680. 681. 682. 683. 684. 685. 686. 687. 688. 689. 690. 691. 692. 693. 694. 695. 696. 697. 698. 699. 700. 701. 702. 703. 704. 705. 706. 707. 708. 709. 710. 711. 712. 713. 714. 715. 716. 717. 718. 719. 720. 721. 722. 723. 724. 725. 726. 727. 728. 729. 730. 731. 732. 733. 734. 735. 736. 737. 738. 739. 740. 741. 742. 743. 744. 745. 746. 747. 748. 749. 750. 751. 752. 753. 754. 755. 756. 757. 758. 759. 760. 761. 762. 763. 764. 765. 766. 767. 768. 769. 770. 771. 772. 773. 774. 775. 776. 777. 778. 779. 780. 781. 782. 783. 784. 785. 786. 787. 788. 789. 790. 791. 792. 793. 794. 795. 796. 797. 798. 799. 800. 801. 802. 803. 804. 805. 806. 807. 808. 809. 810. 811. 812. 813. 814. 815. 816. 817. 818. 819. 820. 821. 822. 823. 824. 825. 826. 827. 828. 829. 830. 831. 832. 833. 834. 835. 836. 837. 838. 839. 840. 841. 842. 843. 844. 845. 846. 847. 848. 849. 850. 851. 852. 853. 854. 855. 856. 857. 858. 859. 860. 861. 862. 863. 864. 865. 866. 867. 868. 869. 870. 871. 872. 873. 874. 875. 876. 877. 878. 879. 880. 881. 882. 883. 884. 885. 886. 887. 888. 889. 890. 891. 892. 893. 894. 895. 896. 897. 898. 899. 900. 901. 902. 903. 904. 905. 906. 907. 908. 909. 910. 911. 912. 913. 914. 915. 916. 917. 918. 919. 920. 921. 922. 923. 924. 925. 926. 927. 928. 929. 930. 931. 932. 933. 934. 935. 936. 937. 938. 939. 940. 941. 942. 943. 944. 945. 946. 947. 948. 949. 950. 951. 952. 953. 954. 955. 956. 957. 958. 959. 960. 961. 962. 963. 964. 965. 966. 967. 968. 969. 970. 971. 972. 973. 974. 975. 976. 977. 978. 979. 980. 981. 982. 983. 984. 985. 986. 987. 988. 989. 990. 991. 992. 993. 994. 995. 996. 997. 998. 999. 1000.

85. **A** Terceira circũstancia ; que faz mais pezada a Cruz da Religião , he , que na Cruz de Christo houve uso do gosto, & exercicio da vontade; mas na Cruz da Religião, nem o gosto tem uso, nem a vontade exercicio. Disse Christo na Cruz, *Sitio*, Tenho sede. Trouxe-raõlhe fel , & vinagre : *Et cum gustasset, noluit bibere* ; & não quiz beber. Desorte que na Cruz teve uso o gosto ; porque provou : *Cum gustasset* ; & teve exercicio a vontade ; porque não quiz : *Noluit* ; porẽm na Cruz da Religião nem o gosto tem uso , porque não ha indifferença para provar ; nem a vontade tem exercicio , porque não ha liberdade para não que rer.

86. Mas a meu ver não he esta a mayor differença de Cruz a Cruz. A mayor differença da Cruz da Religião á Cruz de Christo

he, que na Cruz de Christo esteve a vontade livre , & na da Religião está o entendimento cativo. Manda Deos a Abrahão , que lhe sacrifique o filho. Obedece o Patriarca, & ponderando o Texto esta acção , diz assim : *Credidit Abrahã Deo, & reputatum est illi ad justitiam* : Creio Abrahão a Deos , & ficou por isso com grande reputação de Santo. Reparo naquella palavra *credidit* , dizer o Texto que creio , havendo de dizer, obedeeo. Pois se obedecer he acto de obediencia , & crer he acto de Fè ; porque pondera mais a Escritura a sua Fè , que a sua obediencia ? Respondem os Doutores , que a obediencia de Abrahão teve hũa grande circumstancia da Fè ; porque tendo-lhe prometido Deos , que lhe daria em Isaac grande successão , & mandandolhe que lho sacrificasse , encontrando-se tanto a promessa com o sacrificio, em nada repara , & obedeeo Abrahão. E a razão porque

a Escritura pondera mais a sua fé, que a sua obediencia, he ; porque pela obediencia fugeitou a vontade , & pela Fé cativou o entendimento. E muito mayor foi o sacrificio de Abrahaõ por cativar o entendimento, q̄ por fugeitar a vontade. Matar a seu filho , era vencer repugnancias da vontade : crer a Deos em tal caso, era vencer contradicções do entendimento : & muito mais fez Abrahaõ em sacrificar contradicções do entendimento , que em sacrificar repugnancias da vontade.

87 Daqui se entenderá porque Christo Senhor nosso não quiz beber na Cruz o fel , & vinagre. Christo pelo muito que nos amava , nenhum tormento recusou , de quantos lhe deraõ seus inimigos. Pois se não recusou nenhum dos tormentos , porque não bebe o fel , & vinagre ? Respondo , que os outros tormentos deraõlhos por tormentos ; mas o fel , & vinagre de-

raõlho por alivio. A Cruz deraõlha por Cruz : o fel , & vinagre deraõlho por agua. Os tormentos dados por tormentos podem-se sofrer ; porque são violencia da vontade ; mas tormentos dados por alivio não se podem tolerar ; porque são contradicções do entendimento. Que me dem a mim Cruz por Cruz , tormento he , mas pode-se sofrer, porẽm q̄ me dem fel por agua , he tormento que se não pôde tolerar : taes são os tormentos da Religiaõ, haõvos de dar fel , & haveis de crer que he agua : o gosto ha de dizer que amarga , & o entendimento hade dizer que he doce. Póde haver mayor violencia ? Pois isto he o que se padece na Cruz da Religiaõ.

#### §. VII.

88 **A** Quarta circunſtancia da Cruz, que prometi , não quero ponderar , porque vai faltando o tempo : mas ella he

he tam evidente, que não ha mister ponderação. Estando Christo na Cruz disse: *Pater, in manus tuas commendo Spiritum meum*: Padre, em vossas mãos encomendo meu Espirito. Vedes aqui a ultima circumstancia, em que a Cruz da Religião excede á Cruz de Christo? Na Cruz de Christo houve liberdade para entregar o Espirito nas mãos do Padre; porém na Cruz da Religião, nem para entregar o Espirito nas mãos do Padre ha liberdade. Na Religião tendes hum Padre, a quem entregais o vosso espirito, a quem communicais vossa alma; mas esse Padre não he de vossa eleição. O mayor rigor da ley de Deos he haver de entregar hum homem seu espirito, & manifestar sua alma a outro homem; mas este rigor está tam apertado na Religião, que esse homem, esse Padre não hade ser aquelle, que vós quizeres, se não aquelle que vos assignarem. Pode haver ma-

uo Tom. 12.

yor circumstancia de Cruz? Não ha passar daqui, nem eu direi mais.

§. VIII.

89 **T**Emos já comparada a Cruz de Christo como a Cruz da Religião, para que as almas Religiosas conheçam seu merecimento. Agora para que conheçam sua felicidade, comparemos a Cruz da Religião com a Cruz do mundo. Materia he esta em que o mundo anda muito enganado, como em tudo. Cuida o mundo, que he muito pezada a Cruz da Religião, & a sua he muito mais pezada: *Mibi mundus crucifixus est, & ego mundo.* O mundo, diz S. Paulo, tem-me a mim por sacrificado, & eu a elle: mayor he a sua Cruz, que a minha. E para que vejamos quanto mais pezada he a Cruz do mundo, que a Cruz da Religião, façamos esta segunda comparação pelos mesmos pontos, que fizemos a

Galat. 6.  
14.

E iij

pi-

primeira, mas com brevidade. Primeiramente arguimos a estreiteza da Cruz da Religião, por estar nella Paulo com Christo: *Christo confixus sum Cruci*; mas esta circumstancia, mais he de alivio, que de tormento. Christo não manda tomar a Cruz aos Religiosos, para que estejam nella, senão para que a levem: *Tollat Crucem suam*. E quando a Cruz he para estar, & ter companhia, faz a Cruz mais estreita; porèm quando he para a levar, & ter companheiros, faz a Cruz mais leve. *Serviant ei humero uno*, dizia o Profeta, fallando dos servos de Deos na Ley da Graça: que serviriaõ a Christo com hũ só hombro; porque os Religiosos só poem hum hõbro á Cruz, & Christo põe o outro. Oh ditoso servir! & não o do mundo. Vede por quem, & com quem: com Christo, & por Christo.

9ª Daqui infiro eu; que a Cruz da Religião, ainda que tam pezada, ne-

nhum pezo tem; porque como a Cruz se leva por Christo, & com Christo, hũa parte do pezo alivia a companhia, & a outra parte alivia a causa. Provou Jacob servir quatorze annos por amor de Raquel; & os primeiros sete annos diz a Escritura que padeceo Jacob menos: *Videbantur illi pauci dies*. Nos ultimos sete annos não diz o Texto que Jacob padecesse algũa cousa. Pois pergunto: Jacob não servio muito em todos os quatorze annos, que servio por Raquel? Sim servio, & trabalhou muito, como quem era pastor. Pois se Jacob trabalhou tanto, porque se diz que nos primeiros sete annos padeceo pouco? E se nos primeiros sete annos padeceo esse pouco, porque se não ha de dizer que nos outros sete padecesse muito, ou pouco? A razão he: porque nos primeiros sete annos trabalhou por Raquel, mas sem Raquel; & nos segundos sete annos trabalhou

Matth.

16. 24.

Seph. 3.

2ª

Genes.  
29. 20.

Ibid. v.  
27.

lhou por Raquel , & com Raquel : *Hanc quoque dabo tibi pro opere, quo serviturus es mihi septem annis aliis.* Desorte , que nos primeiros sete annos , Raquel era a causa ; & nos outros sete era causa , & companhia do trabalho ; & como ambos juntos trabalhavaõ , todo o trabalho dos segundos sete annos não foi trabalho. O mesmo digo da Cruz da Religiaõ. He pezada ? Sim , como o officio de Jacob : mas como nesta Cruz se padece por Christo , & com Christo , he Christo a causa , & a companhia. Em quanto causa , alivia hũa parte do pezo ; em quanto companhia , alivia a outra : & ambas aliviaõ todo o pezo , com q̃ vem esta Cruz a não pezar. Quam differentes são as Cruzes do mundo ! Nem as alivia a causa , porque o mundo he hum ingrato ; nem as alivia a companhia , porque o mudo vos poem a Cruz às costas , & deixavos. Ninguem servio ao mundo melhor que Chri-

sto , pois obrou por elle as mais estranhas finezas. Desferrou-se, padeceo , derramou seu sangue , entregou sua vida. E o mundo que alivios lhe deu nestes trabalhos ? Pozhe a Cruz às costas , & deixou-o : *Ompes, relicto eo , fugerunt.* <sup>Math. 26. 56.</sup> Vedes aqui os premios , & ajuda que vos dá o mundo ? ao fim de trinta & tres annos de serviço , poem-vos a Cruz às costas. E mais he de temer o desemparo , que a Cruz. O mesmo he entregarvos á Cruz , que deixarvos todos. E não he ainda esta a mayor circumstancia da fem-razão. Diz o Texto , que sobre estar Christo na Cruz , veyo hum ministro do mundo , & lhe meteo a lança pelo peito. Desorte , mundo , que está este homem morrendo por ti , derramando sangue , & dando a vida , & tu sobre o pôr na Cruz , ainda lhe metes a lança ? Este he , Catholicos , o mundo. Christo morria por elle , & elle matava a Christo. Servi lá ao mundo.

E iij do.

do. Para que he morrer , por quem vos ha de matar ? Mas vamos ás mais circumstancias.

## §. IX.

91 **A** Outra circumstancia, que faz pezada a Cruz da Religião , dissemos , que era fer hũa Cruz, em que não se vê , nem se falla. E eu o entendo tanto ao contrario , que digo , que se no mundo não se fallasse, nem se visse, forão maistoleráveis as suas Cruzes. E se não pergunte-o cada hum a si mesmo, & à sua experiencia. Para fallar ao mudo, que tam mal responde, não fora melhor ser mudos ? Oh bemaventurados os mudos ! porque o mudo está desobrigado de fallar talvez a hum ministro incapaz, que dá a má resposta ; & desobrigado de lisongear ao Principe, que não quer ouvir a verdade ; desobrigado de fazer bom quanto ouve, sustentando a vida á custa da consciên-

cia. Finalmente ; porque não está obrigado a mil desgostos, & a mil arrependimentos ; que de haver callado ninguem se arrependeo, & de haver fallado, sim. Oh bemaventurados os cegos, porque estais livres de ver a cara ao mundo, & tantas falsidades, & erros, como nelle se vem ! Que cousa he ver ao ignorante no lugar do sabio ? ao covarde comendo a praça do valente ? ao entremetido com valimento, ao murmurador bem ouvido, aos bons gemendo, aos máos triunfando, a virtude a hum canto, & o vicio com authoridade ? Oh que entremezes da fortuna ! Oh que tragedias do mundo !

92 Certo, senhores, que para fallar o que aqui se ouve, & para ver o que aqui se vê, melhor he ter vèo para os olhos, & silencio para a boca. Se Eva trouxera vèo nos olhos, & guardára silencio, não botára a perder o mundo, como perdeo. Porque cuidais

dais que se perdeu o mundo ? Porque houve hũa mulher , que quiz fallar , & ver. Fallou Eva com a serpente , & ficou enganada. Vio Eva a arvore, & ficou vencida. Não lhe fora melhor a ella , & a nós todos , não ter boca para fallar , nem olhos para ver ? Estas são as liberdades do mundo , estes seus perigos:

93 Porèm noto , ( & quizera que todos o notassem ) o que fallou Eva , & o que vio. O que fallou, foi sobre o preceito de Deos :

Genef. 3. 2. *Cur praecepit vobis Deus.* O que vio , foi a arvore da Sciencia: *Vidit lignum.* Pois

Ibid. 6. se são taes os perigos da lingua , que fallar aqui sobre os preceitos de Deos basta para perder ao genero humano : & se são taes os perigos dos olhos , que ver as arvores do Paraíso , foi occasião para abrir as portas do inferno ; que artilhadas serão no mundo as praticas livres , em que não se falla dos preceitos ? Que perigolas serão no mundo as vistas lisongeiri-

ras , em que não se olha para as arvores , senão para as Serpentes ? Jacte-se embora o mundo , que se tem Cruzes , são Cruzes em que se vê , & se falla : mas lembre-se o mundo de quantos por hũa palavra perdêraõ a vida , & por hũa vista perdêraõ a alma.

§. X.

94 **S**O parece que na ultima circumstancia he mais facil a Cruz do mundo , que a da Religião : porque na Cruz do mundo , he cada hum senhor da sua vontade ; porèm na da Religião, todos estão sujeitos à vontade alhea.

95 Para isto sei hũa cousa , que parece nova. Digo , que por isto mesmo he mais leve a Cruz da Religião , que a do mundo. Porque mayor cativo he estar sujeito à vontade propria , que à alhea. Peccou o Povo de Israel não querendo obedecer a Deos ; trata Deos de

Pfam.

80. 12.

13.

de castigallo , & diz : Já que os homens não querem fazer minha vontade, ordeno que fação a sua. Expressamente o disse David : *Non audivit populus meus vocem meam , & Israel non intendit mihi : & dimisi eos secundum desideria cordis eorum.* Pois , Senhor , que modo de sentença he este ? Os homens de nenhũa cousa gostão mais , que de fazer sua vontade ; & com nenhũa cousa vos offendem mais , que em não fazer a vossa. pois se estes homens vos offendêraõ , & não quizerão fazer vossa vontade , como lhes permitis por isso , que fação a sua? he isto premio, ou castigo ? Premio , não ; porque não se dá premio por culpas. Castigo? parece q̃ não ; porque não se dão gostos por penas. Pois que he isto ?

96 O mayor tyranno , que ha no mundo, he a vontade de cada hum de nós. Os tyrannos atormentaõ por fora , este tyranno afflige por dentro. Daqui se

argue , que quando Deos quer dar hum castigo , entrega a hum homem nas mãos da sua propria vontade ; por isso lhes deu por castigo , que fizessem a sua. Delorte que he mayor mal estar fugeito aos appetites da vontade propria , que aos imperios da vontade alhea : pois quando a culpa he não querer obedecer á vontade alhea , da-se-lhe por castigo fazer a propria. Veja agora o mundo ; qual he mais rigorosa Cruz , se estar fugeito á vontade propria , ou á vontade alhea. Mas ainda que hũa destas vontades seja mais tyranna que a outra , não ha duvida , que ambas molestaõ : a propria por dentro , a alhea por fóra. Porém a Cruz da Religião he tam suave , que de ambas as cousas livra ao Religioso. Ouvi.

97 Digo que o Religioso está livre de toda a vontade humana : da propria , porque a sua vontade he a do Prelado ; da alhea , porque a vontade do

Prez

Prelado , he de Deos. Assim que o Religioso não está sujeito á vontade humana , senão á Divina. E de estar o Religioso sujeito so á vontade de Deos , que se segue? Segue-se que em premio de despir-se de sua vontade , a está sempre fazendo. Não he paradoxo , senão verdade clara. Que remedio para fazer hum homem sempre sua vontade? O remedio he querer o que Deos quer ; porque em tudo se faz a vontade de Deos ; & se eu quero o que Deos quer , sempre faço minha vontade. Este he o premio dos verdadeiros Religiosos , no qual a sua Cruz leva muita ventagem á do mundo ; porque na Cruz do mundo vivem os homens á sua vontade , a qual em muitas cousas não conseguem , & por isso andão todos descontentes. Na Cruz da Religião em tudo se faz a vontade do Religioso ; porque he força ; que em tudo se faça a vontade de Deos , com quem

elle tem unida a sua.

## §. XI.

98 **M**As vejo que me replicação , que a vontade do Prelado he verdade , que he a de Deos ; mas vem ás vezes passada por taes Prelados , que não póde deixar de ser muy penosa. Deos nosso Senhor no Testamento Velho comumente fallava por Anjos. Assim fallou a Abrahaõ , a Jacob , a Isaac , & a outros. E tal vez fallou de hũa Carça como a Moysès ; tal vez de hũa tempestade , como a Job : *De turbine.* O mesmo costume succeder nos Prelados. Em todos , & por todos nos falla Deos , mas hũa vez falla de hum Anjo , como a Abrahaõ , Isaac , & Jacob ; porque tal vez he o Prelado prudente , benigno , & aprazivel. Outras vezes falla de hũa Carça , ou Espinheiro , como a Moysès ; porque se o Prelado he aspero , & mal acondicionado , nunca vos chegais

Job 38.  
1.

chegais a elle, que não venhais ferido; outras vezes falla de hũa tempestade, como a Job; porque se o Prelado he furioso, como trovaõ, não ha em casa quem se entenda com elle. Pois se a vontade de Deos vem executada por tal homem, que importa que seja de Deos?

99 Muito importa para padecer mais no mundo: porque se cá ha hũa Carça, & hũa tempestade, ha muitos Anjos: porèm se lá ha hum Anjo, ha muitas Carças, & muitas tempestades. Mas quando em tudo o demais fora o mundo como a Religião, ha hũa grande differença no modo de obedecer; porque no mundo se o Superior he Carça, sente-se como Carça, & se he tempestade, como tempestade: mas na Religião não he assim; ainda que o Superior seja Carça, aceita-se como Deos, q̄ assim o fez Moyses: ainda que seja tempestade, aceita-se como Deos, que assim o fez Job. E vai

tanto nesta differença de obedecer, que assim como as obediencias do mundo accrescentaõ novas violências ao sentimento, assim as obediencias da Religião accrescentaõ novos merecimentos ao sacrificio. Mayor fineza he obedecer á voz de Deos pronunciada por hum bruto, que articulada por hum Anjo.

100 Antes digo que chegaõ os obsequios da obediencia em creditos da verdade, onde chegáraõ os erros da Idolatria em descreditos della. A Idolatria chegou a conhecer Divindade nos ventos, plantas, & animaes; & a obediencia dos Religiosos em hũ Elpinheiro, & em hũa tempestade chega a reconhecer a Deos em lua voz.

101 Eia pois, Senhor, deixaime que corra por minha conta esta pleito, & este juizo entre as Cruzes. Façamos todos o mesmo, pois já temos visto que as Cruzes do mundo não tem mais que apparencia de leves; & verdadeiramente

*Exaltação da Santa Cruz.*

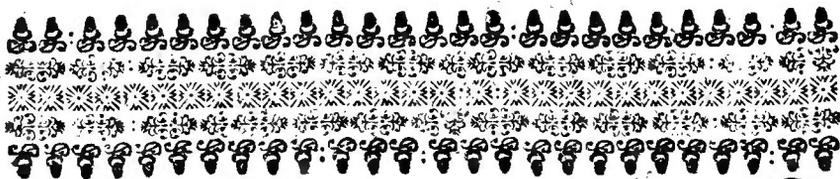
77

te são peçadas: *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras* : fique-le o mundo embora , & atormente sua Cruz aos cegos, que a desconhecem , & aos insensíveis , que a não sentem. E pois a Cruz de Christo , ainda q̄ no exterior esteita , & peçada , he tam larga pela causa , & tam leve pela companhia : atemos

nosso corações a esta Cruz , como prisioneiros do carro de seu mayor triunfo. Seja esta Exaltação a do instrumento sagrado, com que nos remio Christo , para que em seguimento de suas penas , seja este desterro meyo para que cheguemos a gozar suas glorias. Amen.



SER-



# S E R M A Õ

NA DECOLLAÇÃO DE

## S JOAÕ BAPTISTA,

Em Odivelas, anno de 1653.

*Misit Herodes, ac tenuit Joannem, & vincit eum  
in carcere propter Herodiam uxorem Philip-  
pi fratris sui, quia duxerat eam... & decol-  
lavit eum in carcere. Marc. 6.*

§. I.

102



So foi dos an-  
tigos Hebreos,  
(de quem o tō-  
máraõ os Gen-  
tios mais sabios, Gregos, &  
Romanos, & sem perigo  
da Fè, antes com louvor  
dos costumes o deveraõ  
imitar os Christãos.) Ufo

foi, digo, nos famolos cõ-  
vites, não ló laborearem  
as mesas com pratos rega-  
lados, & exquisitos, mas  
tambem com problemas  
discretos, & proveitosos.  
Lembravaõ-se aquelles ho-  
mens que eraõ racionaes,  
& parcialhes cousa indig-  
na de hũa natureza tam  
nobre, que ficassem em  
jejum

jejum as potencias da alma, quando tanto se estudava, & despendia em dar pasto, & delicias aos sentidos do corpo. Entre outros exemplos deste celebre costume ( muito antes de Salamaõ compor para elle as suas Parabolas ) temos o das vodas de Salamaõ, o qual com nome de problema propoz na mesa aos convidados o enigma da sua vitoria, dizendo :

*Propōnam vobis problema.*  
 O mesmo digo eu, & farei hoje. Temos à mesa ElRey; Herodes com os Grandes da sua Corte; & assim como Herodias tomou por sua conta por nella o mais exquisito prato; eu quero que corra pela minha propor o mais proveitoso problema. O prato foi a cabeça do Baptista: o problema não será indigno de que o mesmo Baptista o prègasse.

*Ave Maria.*

§. II.

103 **N** Esta grande tragedia do mayor dos nascidos fazem o primeiro, & segundo papel dous homens, que tambem nascêraõ grandes: hum Herodes, outro Filippe: hum Rey, outro seu irmão: hum sem honra; outro sem consciencia: hum calado, mas sem mulher; outro com mulher, mas não calado. E de toda esta violencia, de todo este escandalo; de todo este vituperio de hum, & outro, não foraõ duas mulheres a causa, senão hũa só, & a mesma, a infame Herodias. A tanto se atreve hũ amor poderoso, a tanto se delibera hũa ambição impotente. Era Herodias no mesmo tempo mulher de Filippe propria, & de Herodes alhea; ambos por ella infelices, ambos por ella afrontados, ambos por ella em diverso modo perdidos. Nesta historia se funda o meu problema, como

Judic.  
 14. 12.

como o de Samsão na lua , & será este : Quaes mulheres são mais perniciosas aos homens, se as proprias, ou as alheas ? Se as proprias, como Herodias era de Philippe ; ou as alheas, como a mesma Herodias era, ou não era de Herodes ? Já sabeis que quem disputa problemas, não tem obrigação de os resolver. E porque cada hum deve seguir a parte que mais lhe contentar, todos devem attenção a ambas.

104. Mas antes que entremos na disputa, vejamos brevemente primeiro quam problematica he a materia. Propoz-se em outro convite, que refere Estras, aquella famosa questão, qual era a cousa mais poderosa do mundo. E huns Filósofos disserão que a mulher ; outros que o vinho. Não me detenho nas razões de cada hum ; mas só reparo na discrepancia dos extremos, & na concordia dos votos. Em que simbolizaõ o vinho, & a mulher, para se

attribuir a ambos o mayor poder ? Simbolizaõ, disserão os mesmos Filósofos, em que o vinho, & a mulher, ambos rendem o dominio de tal forte aos homens, que lhes tiraõ o juizo. Adão, o primeiro pay do genero humano, & Noe, o segundo, ambos perdêraõ o juizo : & quem lho tirou ? Ao primeiro a mulher, ao segundo o vinho. E assim como o vinho para tirar o juizo a hum homem, não importa que seja da sua vinha, ou da vinha do outro ; assim tambem a mulher : tanto lhe pôde tirar o juizo a alhea, como a propria. Demos a Adão outro companheiro. Perdeo Adão o juizo, perdeo o mundo : & por quem ? Por amor de Eva. Perdeo David o juizo, & perdeo o Reyno : & por quem ? Por amor de Bersabè. Bersabè era mulher alhea, Eva era mulher propria. Mas que importou que hũa fosse propria, & outra alhea, se ambas perdêraõ a ambos ?

105 O Espirito Santo, que não pôde errar, diz que as mulheres fazem apostatar da Fè, & idolatrar aos sabios: *Mulieres apostatare faciunt sapientes.* Não diz aos homens, senão aos sabios, que são aquelles homens, que atè sobre as Estrellas tem dominio. Dictou este Oraculo o Espirito Santo por boca de Salamaõ, & no mesmo Salamaõ, que foi o mais sabio de todos os homens, se vio provado. As mulheres Gêntias lhe depravaraõ o juizo de tal sorte, que o famoso edificador do Templo de Jerusaleem, não só adorou os seus Idolos, mas tambem lhe edificou templos. E porque chegou a cahir em tal cegueira hum tal homem? Porque antes de adorar os Idolos, adorava as Idolatras. Primeiro foraõ ellas Idolos de Salamaõ, do que Salamaõ adorasse os seus Idolos. E hũa vez que as mulheres são Idolos, tanto monta que sejam proprias, como alheas.

Tom. 12.

Que importa que o Idolo seja, ou não seja meu, se eu o adoro? Rachel, quando ainda era Gêntia, furtou os Idolos de seu pay Labaõ: & qual dos dous era mais idolatra? Os Idolos, que adorava Labaõ, eraõ seus; os que adorava Rachel eraõ roubados: mas tam idolatra era Rachel adorando os Idolos alheos, como Labaõ os proprios. Daquelles Idolos diz David, que tinham olhos, & não viaõ, ouvidos, & não ouviaõ, boca, & não fallavaõ. Vede, se será o mesmo nos Idolos que fallaõ, que vem, & que ouvem? Tanto importa que sejam proprios, ou alheos, para vos fazerem apostatar.

106 Finalmente o mesmo homem que nos deu o exemplo com o seu problema, sem o dividirmos em dous sujeitos, & sem o declararmos por metáforas, he a mayor prova do nosso. Teve Samsãõ duas mulheres, hũa propria, outra alhea; porque hũa

F era

era legitima , & outra não. A alhea se chamava Dalila , a propria não tem nome na Escritura. E que lhe succedeo com ambas ? Taõ alhea foi do seu amor a alhea , como a propria ; & tam propria para os enganar a propria , como a alhea. Ambas o enganáraõ , ambas lhe foraõ infieis , ambas ingratas , ambas traidoras , ambas cruéis , ambas inimigas. A propria o rendeo com lagrimas , & caricias a que lhe descobriste o segredo do seu enigma , & o revelou a seus competidores , & tomou por marido a hum delles. A alhea comprada por dinheiro lhe roubou com as mesmas artes as chaves do thesouro de seus cabellos , os quaes cortados , & enfraquecido Samsão , o entregou nas mãos dos Filistheos. Estes foraõ os favos , que tirou da boca daquelles dous Leões o sabio , & valente moço ; o qual agora podia trocar o seu problema com o nosso , & perguntar com mayor

razaõ ; quaes mulheres são mais perniciosas ao homem , se as proprias , ou as alheas. Mas já he tempo que entremos na tea da disputa , & discorramos por hũa , & outra parte os fundamentos tam verdadeiros , como fortes , com que ambas se combatem , ou se defendem.

### §. III.

107 **C**omeçando pelas mulheres alheas , qual era Herodias em respeito de Herodes ; a razaõ , a experiencia , as leys de todas as Nações , ainda barbaras , os escandalos particulares , & publicos , a ruina das casas , a infamia das pessoas , as mortes violentas na paz , o sangue correndo a rios nas guerras , a destruição de Cidades , a assolação de Reynos inteiros ; em fim a voz , & consenso do genero humano , continuado por todas as idades do mundo , tudo isto he hum testimunho universal , & de

de mayor authoridade, que a de todos os Escretores, (tambem concordes na mesma opiniaõ) o qual afirma, defende, & sem cõtradiçaõ pronuncia que as mulheres mais perniciosas aos homens são as alheas. As proprias são companheiras no matrimonio, as alheas são complices no adulterio: & sendo o adulterio peccado, & o matrimonio Sacramento, mais parece sacrilegio, que aggravado, a comparaçaõ per si só entre hũas, & outras; quãto mais o pôr em questãõ, & em duvida, quaes sejaõ mais danosas ao homem. O matrimonio foi instituido por Deos no estado da innocencia; o adulterio foi machinado pelo demonio depois da natureza corrupta: o matrimonio ainda antes de ser Sacramento sempre foi licito, honesto, & santo; o adulterio sempre illicito; sempre injusto, sempre abominavel: & sendo qualquer peccado o mayor mal de todos os males, & este

por sua malicia tam grave, que Job professor sõmente da Ley da Natureza, lhe chamou a maxima das maldades: *Que est iniquitas maxima*; quando as mulheres alheas não forãõ occasiãõ, & causa aos homens de outro mal, mais que o peccado; só por este, que sempre he inseparavel do adulterio, se lhes devia em grãõ superlativo, & sobre toda a comparaçaõ o nome de perniciosas.

Job 31.  
28.

108 Para serem perniciosas, & causadoras de gravissimos males as mulheres alheas, não basta serem mulheres; (como indiscretamente dizem muitos sem o respeito, & reverencia devida ao sexo de que todos nascemos) mas o que eu digo he, que basta serem alheas. Alhea era aquella mulher, que David tomou occultamente a Urias, abusando do poder Real: exemplo em que tem mais imitadores, que no de suas virtudes. Mandou Deos ao Profeta

Nathan que lhe fosse estranhar de sua parte hum tam grande, & nelle tam novo excessão: & que fez o Profeta? Para que o Rey em terceira pessoa reconhecesse melhor a fealdade do seu peccado, representou-lho primeiro na parabola, ou accusação de hum poderoso, o qual tomara a hum pobre hũa só ovelha, que tinha, para com ella agazalhar hum peregrino, que se viera hospedar em sua casa. O poderoso era David; o pobre, Urias; a ovelha, sua mulher Bersabê; & o peregrino, o máo appetite, que casualmente, & fóra do que David costumava, se lhe introduzio no coração, & elle o recebeo, como não devera. Mas se o peccado era de adulterio, porque o representou o Profeta em parabola, & figura de furto? Porque o furto, & o adulterio ambos tem o mesmo objecto, que he o alheio. He pensamento de S. Ambrosio em diferente caso, mas muito pro-

prio do presente. Chama o Santo Doutor elegantemente á cubiça luxuria de dinheiro: *Aeris libido*: & S. An profeguindo na mesma metafora, diz que os furtos são adulterios da cubiça: *Aeris libido sic igne suo pascit animum, ut hoc solo à luxuria distet, quòd hæc formarum adultera sit, avaritia terrarum*. Assim como o torpe pòde ser torpe, sem ser adúltero, assim o cubiçoso pòde ser cubiçoso, sem ser ladraõ: mas quando chega a ser ladraõ, logo juntamente he adúltero: & porque? Porque assim o furto, como o adulterio tem por objecto o alheio: o adulterio, a mulher alhea; o furto, a fazenda alhea: & assim como o tomar a mulher alhea he adulterio da torpeza; assim o tomar a fazenda alhea, he o adulterio da cubiça.

109 Vede agora se se infere bem, que ainda que a mulher alhea não fora mulher, só por ser alhea, seria causa de grandes males ao homem. E para que o mes-

o mesmo caso que nos deu a semelhança de hum, & outro adulterio, nos dê também a prova de hum, & outro effeito, ponhamos em paralelo ao mesmo Rey David com El-Rey Achab, & veremos as calamidades, & desventuras a q̄ ambos se condemnarão, hum, porque tomou o alheio, outro, porque tomou a alhea. Tomou Achab a vinha de Naboth; & que se seguiu desta violencia, (para que não percamos o decoro ao nome Real com lhe chamar furto?) Lá disse São Paulo, que hum pequeno fermento corrompe toda a massa: *Modicum fermentum totam massam corrumpit*; & taes são os effeitos do alheio, ainda que a massa com que se junta, ou mistura seja hũa Monarquia inteira. Que comparação tinha a vinha de Naboth com o Reyno de Achab? Mas era alhea, posto que tam pequena. E como se Naboth com as

zera o fogo, assim ardeo em hum momento a casa de Achab, a Coroa, o Reyno, a vida sua, & de sua mulher, a honra, a fama, o estado, a successão, & até os ossos de ambos. E se isto faz o alheio em materia de tam pouco preço; que faria na mais preciosa, na mais prezada, na mais estimada de todas, & que o homem não distingue de si mesmo, qual he a mulher? Diga-o Bersabè: (para que voltemos os olhos à outra parte do paralelo) diga-o Bersabè, que foi a Elena de Israel; & chore-o o Casa de David, que foi a Troya daquella Elena.

110 De Troya fingiraõ os Poetas, que fora fundada pelos Deoses: *Cælitum egregius labor*. Mas depois que nella entrou Elena, roubada a seu marido Menelao por Paris filho d'ElRey Priamo, não lhe valeo a divindade de seus fundadores, para que não ardesse, deixando sepultada em suas cinzas a flor de toda a Asia, & Eu-

Senec.  
in Troa.

ropa, consumida no sitio de dez annos. Tam pernicioso he aos homêes, & tam fatal pôde ser aos mesmos Reynos hũa mulher alhea. A Casa de David he certo que foi fundada pelo verdadeiro Deos, & com os mais altos, & solidos fundamentos de quantas houve, nem haverá no mundo, como aquella, de cuja profapia havia de nascer feito Homem o Filho do mesmo Deos: mas tanto q̄ nella entrou hũa mulher tomada a seu marido, posto q̄ não publica, senão occultamente: este fogo occulto foi o que a abraçou, & destruiu, como notou S. Chrylostomo:

S. Chry-  
lostom.

*Nisi peccatorum scintillas occultasset, domus non conflagraret.* Que desgraças, que infortunios não succedêraõ a David, & àquelle grande Heroe, entre todos os da fama famosissimo, depois deste erro tam lamentavel, & tam chorado por elle? Mas nem os rios de lagrimas, que continuamente cor-

riaõ dos mesmos olhos, com que víra a Bersabè, bastáraõ a apagar o incendio, que com ella se ateou á sua casa, sendo a justiça do mesmo Deos, que a fundára, a quem a hum homem tam amigo, & tam do seu coraçãõ, castigou tam severamente.

III Quatro eraõ as columnas principaes sobre que se sustentava a Casa Real de David: Salamaõ, Adonias, Amon, Absalaõ: & excepto o primeiro, ( que sómente se conservou na promessa, & juramento de Deos ) todos os outros acabáraõ desestrada, & tragicamente; porque Salamaõ matou a Adonias, Absalaõ matou a Amon, & contra o preceito do mesmo David, Joab matou a Absalaõ. Deixo o primeiro filho, que lhe nasceo de Bersabè morto por sentença Divina antes de ter nome. Nem fallo na desgraça de Thamar viva para perpetua dor do pay, & epitafio immortall de sua deshonra. Afron-

Afrontou-a seu proprio irmão Amon com mayor crueldade, que se a matára: mas não parárao aqui as mortes violentas, & lastimosas na Casa de David; porque em quanto durasse no mundo a sua descendencia, sempre a espada da Divina justiça se vertia tinta no seu sangue em castigo, & pena posthuma daquelle peccado. He cousa que de nenhum modo se podera crer, se assim o não dissiera a mesma sentença:

g. o. *Quamobrem non recedet gladius de domo tua usque in sempiternum.* Ah Rey Proteta, que se assim como vieis outros futuros, antevieis os estragos, que com aquella mulher, como nuvem prenhe de rayos, trazieis à vossa casa, & sobre vossa pessoa, antes quereis perder os olhos, que polos nella!

112 Era David Rey unguido por Deos; mas onde esta a Coroa? Lá a leva tyrannicaméte usurpada, & posta sobre a cabeça o impio, & rebelde

Ablalaão, acclamado com tromberas, & seguido de todo o Reyno. Era o valente de Israel, que matava Leões, & Gigantes, & vencia exercitos de Filistheos; & agora vai fugindo pelos montes, de hum moço mais conhecido das damas pelos cabellos, que dos soldados pela espada. Era o venerado, applaudido, & adorado das gentes; & agora apedrejado de Semey, ouve os opprobrios, as injurias, as calumnias, & as maldições de hũa lingua tam vil, & infame, como o mesmo que se atrevia a dizellas. Era o mais rico Monarca de quantos dentro, & fóra de Palestina, accumulárao thesouros; & agora pobre, desterrado, faminto vive das migalhas de Berzellai. Sobre tudo era aquelle Santo varaão, cuja alma por suas virtudes era louvada em Deos: *In Domino laudabitur anima mea;* & agora pelo seu peccado he Deos blasfemado nelle: *Quoniam blasphemare fecisti*

Psalm 33.3

2. Re 12.1

F iij inimicos

Ibid. 11.  
12.

*inimicos Domini.* Ha ainda mais desgraças? Ha ainda mais afrontas? Ha ainda mais castigos sobre David? Ainda. E os que na opiniaõ dos homens são os mais afrontosos. *Ecce ego suscitabo super te malum de domo tua, & tollam uxores tuas, & dabo proximo tuo, & dormiet cum uxoribus tuis in oculis solis hujus: tu enim fecisti abscondite, ego autem faciam verbum istud in conspectu omnis Israel.* Se cuidas David (diz Deos) que com todos estes castigos tens purgado a tua culpa, enganaste. Nem a morte dos filhos, nem a usurpação da Coroa, nem a perda do Reyno, nem o desterro, nem a pobreza, nem a miseria, nem as injurias, & infamias com que te vês não só perseguido, mas abominado de teus vassallos, são bastante satisfação ao teu peccado: *Ecce ego suscitabo super te malum:* ainda te resta por padecer outro mal mayor que todos esses males, que he a pena de Taliaõ: Da-

*bu uxores tuas proximo tuo.* Assim como tu tomaste a mulher alhea, assim permitirei que tomem outros as tuas, & não com a mesma, senão com muito mayor afronta: *Tu enim fecisti abscondite, ego autem faciam in oculis solis hujus in conspectu omnis Israel.* Porque tu tomaste a mulher alhea secreta, & escondidamente, as tuas ferteirão tomadas, & profanadas á vista de todo o mundo, & nos olhos do mesmo Sol.

## §. IV.

113 **V**erdadeiramente, que se não podèrão pintar com cores de mayor horror os danos, & calamidades, de que são causa aos homens, aos Reynos, & ao mundo as mulheres alheas, ou hũa só mulher alhea, que he mais. Mas ainda não està ponderada a mayor circumstancia do caso. Não diz o relatorio da sentença de Deos, notificada pelo Profeta,

feta , quẽ foi condemnado David a todos estes castigos , porque tomou a mulher alhea , senão porque tendo sido alhea , a fez sua , casando-se com ella . Assim o pronuncia expressamente o Texto : *Uxorem illius accepisti in uxorem tibi* , & assim o torna a repetir outra vez com a mesma expressãõ : *Et tuleris uxorem Uriæ Hethæi ; ut esset uxor tua* . E assim o tinha já advertido na historia , & narração do caso . *Misit David , & introduxit eam in domum suam , & facta est ei uxor : & displicuit verbum hoc coram Domino* . Onde se deve notar , que este matrimonio , posto que nas leys Christãs seria illicito , & invalido ; nas leys Hebreas porém não tinha prohibiçãõ algũa : & por isso o mesmo David depois de reconciliado com Deos teve sempre aquella mulher por legitima , & a tratou como tal . Pois se Bersabè , quando David a tomou a Urias , sendo elle vivo, era alhea ,

& depois da sua morte , quando se casou com ella já era propria ; porque se fulminãõ todos os castigos contra David , não tanto pelo adulterio , quanto pelo casamento ? E não tanto por tomar a mulher alhea , quanto pela fazer sua ? Theodoreto fundado nos textos , que allegamos, diz, que delles se colhe que mais sentio Deos o matrimonio de David cõ Bersabè , do que o adulterio : *Tacite significat oratio quòd Deus magis succensuit ob matrimonium , quàm ob prius commissum adulterium* . E do mesmo parecer he Procopio , a Glossa , & outros graves Authores ; com que mais se acrescenta a duvida , ou admiraçãõ de tam extraordinarios castigos .

114 Mas antes que demos a razaõ deste caso , ponhamos à vista d'elle outro por ventura mais admiravel . Entra Abrahaõ no Egypto tendo primeiro concertado com Sara , que se nomee , não por mulher ,

2. Reg.  
12. 9.

Ibid. 10.

2. Reg.  
11. 27.

Theo-  
doret.

mulher, senão por irmã sua. Chega a fama de sua fermosura a El Rey Faraó, & a fim de se casar com ella (como era licito, & usado naquelles tempos) mada que lha leuem ao Paço, & que a Abrahaõ como irmão seu se fação grandes mercês. Executou-se assim com aquella diligencia, com que os appetites dos Reys costumão ser obedecidos; mas o castigo do Ceo ainda foi mais apressado, porque no mesmo ponto, sem offensa da honestidade de Sara, veyo o açoute de Deos sobre Faraó, & sobre todos seus vassallos: *Flagellavit autem Dominus Pharaonem plagis maximis, & domum ejus propter Sarai uxorem Abraham.* As pragas, ou calamidades de que constou o açoute, que a Escritura chama maximas, foram essas: cahio de repente o mesmo Faraó mais morto, que enfermo, com acerbissimas dores, que sem poder aquietar, nem de dia, nem de noite, o ator-

mentavaõ mortalmente. Começaraõ a tumultuar, & rebellar-se os vassallos: ateou se peste em todo o Reyno: esterilizaraõ-se não só os campos, mas com prodigio inaudito, até os animaes, & homens, cessando totalmente em huns, & outros a geraçõ, & uso della: & tudo isto só porque Faraó teve intento de se casar com hũa mulher alhea. Mas se Sara dizia que era irmã de Abrahaõ, & Abrahaõ que era irmão de Sara, & Faraó o suppunha assim, ignorando totalmente que fosse sua mulher; sobre que cahia este açoute do Ceo com tantos, & tam extraordinarios castigos, & não por outra causa, senão por ser Sara mulher de Abrahaõ: *Propter Sarai uxorem Abraham?*

115 Aqui vereis em hum, & outro caso, não só quam perniciosas são aos homens sobre toda a imaginaçõ as mulheres alheas, mas quam pouco basta para serem crimina-

das

das diante de Deos por alheas, ainda que o não pareçaõ. Berfabè, ainda q̄ casada com David, tinha sido mulher de Urias : Sara, ainda que reputada por irmãa, era mulher de Abrahaõ : & posto que David se casara com Berfabè, & Faraõ se queria casar cõ Sara, ambos legitimamente, nem a David o livrou dos castigos o matrimonio, nem a Faraõ o escultou a ignorancia ; a hum, porque a mulher verdadeiramente era alhea; a outro, só porque o tinha sido. Sara, ainda que fosse irmãa de Abrahaõ, podia ser casada, & mulher de outro : & Faraõ foi culpado em não fazer naquelle caso o exame devido. Berfabè, ainda que já era livre pela morte do marido, tinha sido alhea no tempo do adulterio : & David foi culpado em continuar o amor de quem lhe fora occasiaõ do peccado. E estas circumstancias, & considerações, que no juizo dos homens parecem leves, &

veniaes ; no de Deos são tam graves, & tam peçadas como mostraraõ os açoutes, com que as castigou. 20.

116 Oh quantos Reys ; & quantos Reynos se arruinaõ, quantos exercitos, & quantas armadas se perdem, quantas fomes, quantas pestes, & quantos infortunios, & calamidades geraes se padecem, não pelas causas imaginadas que vãmente discorrem os Politicos, mas pelas injurias, que cometem os mayores, ou contra o proprio, ou contra o alheio matrimonio, não sendo necessario que as mulheres sejaõ de outrem, mas bastando que não sejaõ proprias ! Por amor de Dina se perdeu o Principe Sichem, & todo o seu Estado : por amor de Judith se perdeu o General de Nabuchodonosor, & a potencia formidavel dos seus exercitos. E porque ? Não porque em Dina, ou Judith se violasse a fe devida ao thalimo conjugal ; porque Dina era donzella,

donzella, & Judith viuva ; mas bastou que não fossem mulheres proprias , para que desfarmadas de todo o outro poder fossem ambas a occasião , & cada hũa só a causa de tamanhos estragos.

117 O intento de Nabuchodonosor , era sujeitar todo o mundo a seu imperio , & o poder , que ajuntou , & expedio para esta vastissima empreza , era tam superior a todas as forças do mesmo mundo , que não houve Cidade tam forte , nem Reyno tam poderoso , nem Nação tam bellicosa , que se atrevesse a o resistir, sujeitando-se tudo sem guerra , nem batalha , ou de perto só com a vista, ou de longe só com a fama de tam insuperavel potencia. Sahe porèm Judith de Bethulia , & não violentada , ou tomada por força, mas solicitada por amor , & por rogos, ella só, & com a espada do mesmo General Holofernes lhe cortou a cabeça, ella só, & com hum

só golpe , degollou todo o seu exercito, desfarmou todo o seu poder , aniquilou todas as suas vitorias , emmudeceo toda a sua fama , & a converteo em desprezo , confusão , & afronta de toda a Monarquia de Nabuchodonosor.

118 Não era tam poderoso como Nabucho o Principe Sichem , mas de mayor titulo , que Holofernes , com soberania de estado. Vivia nas suas terras, & á sua sombra como peregrino , & estrangeiro Jacob pay de Dina : pediu-lha por mulher Sichem , tendolhe feito primeiro hum daquelles aggravos que costuma desculpar o amor , & sarar o matrimonio : offereceolhe por dote quanto pedisse : veyo em condições tam asperas , & difficultosas , como o mudar de Religião, & circuncidar-se primeiro , não só elle, mas todos seus vassallos. E que se seguiu daqui? Hum engano verdadeiramente injusto , mas hum castigo, se merecido, atroz,

& hum exemplo por todas as suas circumstancias temerolo , & horrendo. No mesmo tempo em que todos voluntariamente se tinhaõ ferido, & no dia em que as dores da circuncisaõ são mais inoportaveis, como nota o Texto, dous irmãos de Dina , Simeão , & Levi, moços , que nenhum delles chegava a vinte & dous annos , entraõ armados pela Cidade , mataõ ao Principe , & a seu pay , & a todos os Sichimitas miseravelmente prezos , & sem se podem defeder por causa das feridas, & força das dores, levaõ cativos todas suas mulheres, & filhos, assolaõ a Cidade, despojaõ as casas , devastaõ os campos. Este foi o desestrado , & lastimoso fim daquelle Principe , & de todo o seu Estado, & vassallos , não tanto por socegar da sua paixãõ, quanto por se apressar na mesma cegueira. Que mais podia desejar Jacob , que casar hua filha com o Principe da ter-

ra em que vivia? Mas por que Sichem , como poderoso , não quiz esperar pela bençaõ do matrimonio, encorreo tam miseravelmente a maldiçaõ , que leva consigo toda a mulher, que não he propria. Com esta maldiçaõ quero dar fim á primeira parte do problema , & para que todos acabem de conhecer quam grande maldiçaõ he, & de todos os modos a temaõ , sobre os dous casos de hua só mulher, acrescento outro de muitas.

119 Desejou ElRey dos Moabitas Balac amaldiçoar os arrayaes, & exercitos do Povo de Deos, ( os quaes ordinariamente se perdem , & tem infelices successos , porque vaõ carregados de maldições ) & o meyo , que para isso tomou , foi rogar por seus Embaixadores ao profeta Balaõ ( profeta, & feiticeiro juntamente ) que os quizesse amaldiçoar. As instruções destes Embaixadores hiaõ acompanhadas de outras de ouro, & prata, que

que também são boa parte da maldição. Mas como Deos hũa, outra, & tres vezes provocado com os sacrificios do máo Profeta lhe não permitisse amaldiçoar o seu Povo; elle q̄ tinha os olhos postos na propina, se desculpou com o Rey de o não poder servir, como desejava, porém que em lugar da maldição, que lhe pedia, lhe daria hum conselho tam effectivo, como ella. Também não he cousa nova haver conselhos, que sejam maldições, & tam vendidos, & comprados, como se forão Oraculos de Profetas. Qual foi pois o conselho de Balaão? Foi que o Rey não sabbisse em campanha com exercito de homens armados, & ordenados, se não com tropas de mulheres mandadas à desfilada; porque tanto que estas chegassem a se avistar com os Capitães, & soldados do exercito de Israel, logo elles se lhe renderião sem duvida debaixo das condições, que quizessem. E

cômetido este grave peccado, ( diz Balaão ) o mesmo Deos que agora me não consentio que eu amaldiçoasse o seu Povo, fará nelle tal estrago, que vós; ó Balac, vos deis por muy satisfeito, & não lhe desejeis mayor maldição. Este foi o conselho do máo profeta, & se aconselhou como máo, também como profeta adivinhou o successo. Sahem as Madianitas em demanda dos arrayaes de Israel, chegão primeiro á vista, & depois à falla, & não com outros feitiços, que lhes dêsse Balaão, senão com os da sua presença, de tal maneira prenderao, & lugeirarao os Capitães, & soldados Israelitas, que se Deos não acodira com prompto, & exemplarissimo castigo, o exercito, a jornada, a terra de Promissão, & tudo se perdera. Foraõ degollados naquelle dia vinte & quatro mil, que a tantos tinha já corrupto a peste das Moabitas. Fazia horror a immensa mortanda-  
de;

de , & cortia o sangue a rios : não se guardou respeito à dignidade, nem foro à qualidade , nem exceção a pessoa : & só houve de differença, que os q̄ a Escritura chama Principes , os mandou Deos enforçar em forcas altas com os rostos voltados ao Sol , para que fossem mais conhecidos , & a sua infamia mais publica. Foi boa maldição esta ? Pois esta he a que nos particulares arruína as casas , & no cômum as Respublicas. Para q̄ os Principes , & os que o não são , se acatelem , & temão : para que ninguem possa duvidar , & fique asfentado por conclusão, que as mulheres mais perniciosas aos homens são as alheas.

120

120 **E**Ntrando na segunda parte do nosso problema à vista da maldição com que acabei a primeira , lembrame que quando se promulgou a

ley na terra de Promissão , foi com tal cerimonia , que as maldições , que na mesma ley se fulminão contra os quebrantadores della , se publicáráo desde o monte Hebal , o qual por isso se chamou o monte das maldições : & do mesmo modo as benções, & felicidades , que se prometem aos que a guardarem , se publicáráo desde o monte Garizim , ao qual , pela mesma causa , chamáráo o monte das benções. Supposto pois que segundo o merecimento dos autos nenhũa injuria faremos às mulheres alheas em lhes chamarmos o monte das maldições ; parece que às proprias , & legitimas lhes he devido o nome de monte das benções , pois estas acompanhão sempre o Sacramento do matrimonio , & sabemos que em sua primeira instituição , ainda antes de ser Sacramento , o abençoou Deos , lançando sua benção a Adão , & Eva : *Masculum , & femina* Genes. 1. 27. *nam creavit eos , benedixit* que

*que illis Deus.* Mas porque Eva correspondeo tão mal às obrigações de seu estado, q̄ em lugar de ajudar o marido à conservação do morgado, que ambos receberão em dote, não só o destruiu, & perdeu a elle; mas com elle a todos nós, como herdeiros, que havíamos de ser seus, posto que ainda não eramos. Todos os trabalhos, & calamidades que padecemos na vida; toda a corrupção, & miserias a que estamos fugeitos na morte, todos os males, penas, & tormentos, que depois da morte nos aguardão, ou em tempo, ou em toda a eternidade, tiverão seu principio, & trazem sua origem desde o peccado, por isso chamado original. De toda esta infelicidade foi causa hũa mulher: & que mulher? Não alhea, mas propria; & não criada em peccado, mas innocente; & formada pelas mãos do mesmo Deus. Nota Theodoro, que todas as maldições ameaçadas, & pro-

metidas no monte Hebal, se comprirão, & executarão no povo, & gente Hebreia; parte na destruição, & excidio de Jerusaleem por Tito, & pelos Romanos; parte pelos Macedonios em tempo de Alexandre Magno; parte por Nabuchodonosor no cativeiro de Babylonia; & parte multiplicadamente pelos Assyrios na invasão de Sennacherib, na de Salmanazar, & nas dos outros Reys inimigos.

121 Mas que comparação, ou semelhança tem os trabalhos, & vexações, posto que tantas, & tam varias, padecidas pelos Hebreos na sua historia, com as immensas, & quasi infinitas, que o genero humano tem padecido, padece, & hade padecer até o fim do mundo, effeitos tudo daquelle primeiro peccado, & daquelle primeira mulher nascida innocente, & sem elle? Todas as dores, todas as enfermidades, todos os desgostos, & infortunios particulares,

ticulares, & geraes, todas as fomes, pestes, & guerras, toda a exaltação de hūas Nações, & cativoiro de outras, todas as mudanças, & transmigrações de gentes inteiras, das quaes ou só ficou a memoria nos nomes, ou tambem elles com ellas se perdērao: todas as destruições de Cidades, & Reynos, todas as tempestades, terremotos, rayos do Ceo, & incendios, & todo o mesmo mundo afogado, & sumido em hum diluvia, que outro principio, ou causa tiveraõ, senão a intemperança, & castigo daquella mulher, não tomada, ou roubada a outrem, senão propria, & dada pelo mesmo Deos ao homem: *Mulier, quam dedisti mihi?*

122 Dira porẽm algum entendimento critico, que a causadora de tantos males foi aquella mulher fatal, primeira, & universal origem do gẽnero humano, & não algũa particular, & do tempo presente, que saõ as de que

Tom. 12.

fallamos. Mas ouça quem assim o imaginar ao anti-quissimo, & doutissimo Tertulliano. Falla ha mais de mil & quatro centos annos com qualquer das mulheres casadas do seu tempo, & diz assim: *Et Evam te esse nescis? E cuidas tu q̃ por nasceres tam longe da primeira mulher, não es tam Eva como ella? Vivit sententia Dei super sexũ istum in hoc sæculo, vivat & reatus necesse est.* Posto que haja tantos seculos; que morreo aquella Eva, vive com tudo em toda a mulher a sentença, com que Deos a condemnou em todo o mesmo lexo; & assim vivirá para sempre, & será immortal nelle, isto he em ti, o castigo da mesma culpa. *Tu es diaboli janua:* Tu es a porta por onde entra o diabo ao homẽ. *Tu es arboris illius resignatrix:* Tu es a que abriste a porta á morte, que naquella arvore estava encerrada, & occulta. *Tu es divina legis prima desertrix:* Tu es a primeira que

Tertul.  
de habit.  
mulieb.  
cap. 1.  
lib. li.

G desprec.

desprezaste, & quebraſte a Ley Divina. *Tu es, quem suafisti, quem diabolus aggredi non valuit: Tu es, a quem te atreveste a persuadir o homem, a quem o demonio não foi ousado a acometer por si mesmo. Tu, imaginem Dei, hominem tam facile elifisti: Tu a quem tam facilmente não só apagaste, mas deformaste, & ateaste a imagem soberana, que Deos nelle tinha impressa. Propter tuum meritorium, id est, mortem, etiam Filius Dei mori habuit: & adornari tibi in mente est supra pelliceas tuas tunicas? Finalmente pelo teu merecimento, isto he, pela morte merecida por ti, houve de morrer o Filho de Deos: & tu com este triste, & formidavel espelho diante dos olhos, não te pejas, nem envergonhas de buscar, & inventar novas, & preciosas galas, com que ornar indecentissimamente as pelles, ou fambenito da penitencia, de que elle te vestio? Tudo isto, que só na primeira Eva se*

podia verificar, applica Tertulliano às de seu tempo, posto que menos vans, que as do nosso, não duvidando chamar a cada hũa, não outra, senão a mesma antiga Eva; nem resuscitada, senão a mesma, que em cada hũa dellas ainda vive, & necessariamente vivirá sempre: *Vivat & reatus necesse est.*

## §. VI.

123. **H** Uma das mais notaveis cousas da Escritura he a vida da mulher de Job. Tinha Deos concedido ao diabo, que naquella grande casa pudesse fazer, ou desfazer contra elle tudo o que seu odio, sua astucia, & maldade julgasse conveniente para o vencer, excepta sómente a vida do mesmo Job: *Veruntamen animam illius serva.* Começou pois o demonio matando, & degollando tudo quanto vivia na mesma familia: os boys, que eraõ quinhentas juntas, & as jumentas-outras

trãas tantas , pelos Sabeos : os camelos , que eraõ tres mil , pelos Chaldeos , divididos em tres esquadras : as ovelhas , que eraõ sete mil , por rayos cahidos do Ceo : mortos juntamente todos os pastores , & criados , que guardavaõ estes grandes rebanhos , excepto fomite hum , que levasse as tristes novas , atè que chegou o ultimo dizendo , que juntos todos os sete filhos , & tres filhas do meſmo Job , convidados á meſta do ſeu Primogenito , batidos os quatro cantos da caſa por hum fortiffimo pè de vento , & cahindo ſobre todos , juntamente ficáraõ mortos , & ſepultados nas ſuas ruinas. Mas o que he mais digno de nota em tam commum , & univerſal eſtrago , he , que entre tantas mortes ficaffe com tudo viva a Senhora da caſa , a mãy dos filhos , & a mulher do pay ? Que morraõ todos os gados , tantos , & de todo o genero : que morraõ os criados , & guardas deſtas riquezas

naturaes , que eraõ os theſouros daquella idade , grande golpe foi da ira , & aſtucia do demonio ; mas todo contra a grandeza da caſa , & opulencia da numeroſa familia , porèm que morrendo todos os filhos , & filhas , atè o meſmo Primogenito , que era o que de mais perto , & mais interiormente tocava à peſſoa do meſmo Job , o demonio com tudo lhe reſervaffe viva a mulher , cuja vida não estava excepuada por Deos , não podendo ſer para alivio , & conſolaçãõ do marido ; qual ſeria a cauſa deſta ſingular indulgencia na impiedade de tam cruel , & empenhado inimigo ? São Baſilio , S. Chryſoſtomo , os dous Gregorios , & todos os Santos Padres , commummete dizem por hũa parte , que a fortaleza , & conſtancia de Job era hũa columna , hum muro , & hũa torre de diamante ; & que aſſim como o demonio ſe não atreveo a acometer a Adãõ por ſi meſ-

S. Baſil.  
S. Chryl.

mo, senão pela primeira Eva; assim agora entendo que para derrubar aquella torre, para arrazar aquella muro, & para dobrar, & torcer aquella columna de diamante, ( que seria mais que desfazela em pò ) não poderia por si mesmo: & por essa razão deixára viva a Job a sua segunda Eva, para que por meyo della perseguido o quebrantasse, ou persuadido o rendesse, que são os dous modos, hum duro, outro brando, com que o demonio ( diz o grande Gregorio ) forte, & suavemente costuma conseguir o q̄ intenta: *Diabolus duobus modis impugnat, tribulatione, ut frangat; persuasione, ut molliat*: & como Job pelo pacto, qua tinha feito com seus olhos: *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine*, estava já livre, & superior a todos os combates das mulheres alheas, ou não suas; só lhe ficava este da propria, que como lhe chama Chrylostomo,

he a lança mais forte do demonio, & o tiro mais certo de todas as suas armas. Mas vejamos, o que fez, & o que disse.

124 Estava Job cuberto de chagas, ou de hũa só chaga, que desde os pès até a cabeça o cobria, & atormentava; não em sua casa, ou na cama, mas no desamparo, & miseria quasi incrível, a que o demonio o tinha reduzido, de hum muladar publico, ajudando a correr com hũa telha o pestifero, & hediondo humor, que das feridas manava; quando chega a propria mulher, & em lugar das lagrimas, & das lastimas com que se devia compadecer de hum homem, & tal homem, quando não fora seu marido, & Rey, tendo-o conhecido em tam diferente estado; quaes toraõ as palavras que lhe disse? *Adbuc tu permanes in simplicitate tua? Benedic Deo, & more-re*. He primor, ou cortesia sagrada da lingua Hebraea, não se atrevendo a pronunciar

Gregor.  
lib. 3. c.  
6.

Job 31.  
1.

Job 2.9.

nũnciar maldiçoens de Deos , em lugar da palavra *maledicere*, amaldiçoar, dizer totalmente a contraria , *benedicere*. He possivel pois, ( diz a infame, & cruelissima mulher conservada viva pelo demõnio , que dentro nella fallava ) he possivel , que ainda posto em tal lugar , que não tem nome a lingua para o pronunciar decentemente , nesse equileo de dor, de afronta, de miseria , de desamparo , a que nunca reduzio a fortuna o mais vil escravo do mundo ; he possivel que ainda ahi te não desenganas? Esta he a gratificaçãõ da tua inñocencia , este o premio , das que tu chamavas boas obras? Pois se tu com ellas offendeste a Deos , & elle assim tas paga ; porque não acabas já de as conhecer? porque não acabas de as amaldiçoar , & ao mesmo Deos offendido? E porque não acabas de acabar a triste , & miseravel vida , entregando o corpo nesse mesmo sepulchro hedion-

Tom. 12.

do aos bichos ; & a alma sacrilega , & obstinada sepultandoa no inferno ? Este he o sentido , como discorre com todos os Padres Olympiodoro , daquellas breves palavras ; & esta a segunda Eva, tanto mais injuriosa a seu marido , do que a primeira a Adaõ , como dizia Tertulliano. Mas ainda nos Textos sagrados temos outra comparaçãõ mais horrivel de hũa mulher , não alhea , mas propria ; & de hum homem não menos Santo, & grato a Deos que Job.

§. VII.

125 **O** Uvindo Tobias , que era cego , a voz de hum animalinho balande , pouco usada na pobreza , & abstinencia de sua casa , advertio como pio , & justo que acato não fosse furto : *Videte ne furtivus sit.* E esta fo palavra exasperou , & ferio tanto o coração de Anna sua mulher ,

Tob. 2.  
21.

G iij      que

Tob. 2.  
22.

que irada não só contra Tobias, mas impia, & injuriosa contra o mesmo Deos, responde desta sorte, diz o Texto, ao marido: *Manifestè vana facta est spes tua, & eleemosynæ tuæ modò apparuerunt.* Agora sim, q̄ já apparecerão manifestamente quaes são as vossas esmolas, & obras de piedade, & o que mais he, a vossa esperança em Deos. Oh ira de mulher, quam facilmente concebes o fogo! Oh lingua de mulher, quam facilmente abrazas a terra, & mais o Ceo! Em duas palavras condemnou Anna todas as virtudes de Tobias, & todos os attributos de Deos. De Tobias as esmolas, as sepulturas dos defuntos, & a todas as obras de misericordia, em que deixando o necessario á propria vida, acodia não só aos proximos vivos, mas tambem aos mortos. Em Deos, arguindo de falla a esperança do marido, condemnou a justiça, a providencia, & o premio

dos Santos. E como Tobias o era, & o mayor da quelles tempos, sentio tanto a injuria, que sua mulher fazia a Deos, & ficou tam envergonhado, & corrido de ter hũa mulher, que debaixo de verdadeira fê affim afrontava as virtudes humanas, & Divinas, que levantando as mãos ao Ceo, porque os olhos não podia, pedio a Deos humilde, & instantemente lhe tirasse a vida: *Et nunc Domine secundum voluntatem tuam fac mecum, & præcipe in pace recipi spiritum meum, expedit enim mihi magis mori, quàm vivere.*

126 Esta foi a resposta de Tobias, da qual dá a razão o Texto, não menos admiravel. Refere toda a causa que Tobias teve para fazer a Deos hũa petição tam extraordinaria, como a de lhe pedir a morte, & diz que o intento da parte de Deos foi: *Ut posteris daretur exemplum patientiæ ejus, sicut & Sancti Job.* Para que os vindou-

ros tivessem outro exemplo de paciencia em Tobias, assim como os passados os haviaõ tido no Santo Job. Mas Job perdeu a riqueza dos gados de todo o genero, em que era mais rico, & opulento que todos os Orientaes. Job perdeu os filhos, & filhas mortas, & sepultados de hum só golpe no mesmo dia. Job, sendo Rey, perdeu a Coroa, a obediencia dos vassallos, & o uso dos proprios membros cõ tam excessivas dores, sem familia, sem casa, sem cama, no ultimo desamparo, na immundicia, nos ascos, & na summa afronta de hum muladar publico. E se nenhum destes trabalhos padeceo Tobias, como foi a sua tentaçãõ, & a sua paciencia semelhante, & de igual exemplo á de Job? Porque o fino da tentaçãõ de ambos, & o que mais vivamete lhes penetrou os corações, foi a crueldade, & impiedade de hũa, & outra mulher propria; não só deshumanas

nas contra seus maridos, mas atrevidas, & blasfemas cõtra o mesmo Deos. Não diga logo Tertulliano, nem cuide alguém que disse muito em chamar Evas a todas as que descenderãõ daquella primeira; porque ainda que foi a causa original de tantos trabalhos, & miserias em seus filhos, foi tam fiel, & demasiadamente amiga de seu marido, que não podendo comer hũa maçã sem lhe dar ametade, ella sem querer o perdeu, & elle querendo se perdeu a si mesmo, por não entristecer, como diz S. Ambrosio, nem se mostrar menos grato às suas delicias: *Ne delicias suas contristaret.*

S. Amb.

cap. VIII.

127 **M**As já he tempo de darmos a razaõ, porque as mulheres proprias sejaõ, ou possaõ ser mais infastas, como diz Seneca, & mais perniciosas ao homem, q̃ as alheas. Notavel foi a

Genef.  
1. 27.

variedade com que Deos desde o principio, ou deu, ou negou as mulheres aos homens. A Adão deu hũa só mulher: *Masculum, & feminam creavit eos.* A Abraão, Isaac, & Jacob concedeo depois, como já tinha permitido a Lamech, que tivessem muitas mulheres: Jacob teve quatro, & duas dellas irmãs: David teve mais de vinte: Salomão seu filho só Rainhas, & essas com pompa, & estado Real, sessenta: & finalmente a todos os Hebreos permitio Moysês o libello de repudio, para que deixando hũa pudessem tomar outra: permitião que Christo emendou, restitubindo o matrimonio á sua antiga singularidade, & pureza, como fora instituido por Deos em Adão, & Eva. Deste ultimo estado, que he hoje o sómente licito na Ley Christãa, infertraõ os Apostolos, que supposto elle, melhor era não casar: *Si ita est causa hominis cum uxore, non expedit nubere.*

Matth.  
9. 10.

Respondeo Christo approvando o sentimento dos Discipulos, que nem todos o entendião assim: *Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est.* V. II. Palavras que se todos se conformassem com ellas, se acabaria brevemente o mundo; mas não he elle tal, que mereça tam honrado, & santo fim. Sendo o matrimonio antigamente só contrato, o mesmo Christo o fez Sacramento, para lhe aliviar o pezo, & as pensões com a força, & virtude da sua graça. Mas ainda assim sendo hoje a mulher hũa só, & por isso livre o homem dos inconvenientes de muitas: qual he, ou será a razão, ou razões, porque do vinculo do matrimonio forme tantos laços a natureza ao homem, & lhe seja tam difficultoso no matrimonio o guardar a devida fé a hũa mulher, & propria e a familiaridade domestica, o trato continuo, o dominio commum de todos os bens, & o serem como duas

duas almas em hum só corpo , como o mesmo Deos lhes disse: *Erunt duo in carne una* ; parece hum concurso de causas , que todas conformemente influem uniaõ , paz , & contentamento: mas de todas, & de cada hũa dellas nasce a mesma difficuldade. O trato domestico, & cõmum de todos os dias descobre pouco , & pouco os defeitos, que causaõ o desfagrado. O ser a mulher a mesma sem a variedade que remediava o repudio , he a occasiã do fastio. Enfastiavaõ-se os Hebreos do Manná , posto q̃ continha todos os sabores ; porque sempre viaõ o mesmo: *Nihil aliud respiciunt oculi nostri nisi Man.* A uniaõ que ao principio do matrimonio eraõ cadeas de ouro , continuadas as faz o tempo de ferro. Com os annos as mesmas cousas deixaõ de ser as mesmas: porque a mocidade se faz velhice, a fermosura fealdade , a saude doencas, & achaques de toda a vida, que na obriga-

ção de se tolerarem, & soffrerem atè a morte, saõ hũ cativeiro inseparavel , que só nella tem o fim.

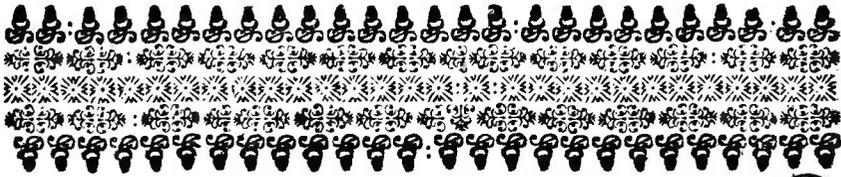
128 Todas estas cousas juntas, & cada hũa per si em hum coração humano, que não he de bronze, fazem nelle por hũa certa força natural , & quasi sem querer a vontade , os mesmos effeitos , que no bronze a continuação do tempo. E não ha duvida, que de todas estas causas divididas, ou juntas, se compoem aquella fortissima , com q̃ a mulher mais como propria , que como mulher ; he tam perigosa , & perniciosã ao homem : mas sobre todas a principal , & por si só poderosa a fazer toda a differença do nosso problema, he ser a mulher propria licita, & a alhea vedada. O ser Herodias mulher alhea , & vedada por Deos , & por isso illicita , era o que o Baptista pregava : *Non licet , non licet tibi* : & como se em lugar destas palavras lhe atearẽ o adulterio , o confirmassem

Matc: 6. 8.

massem no motivo cego , & impio do appetite, obedecendo em muitas cousas ao que ouvia , & ensinava o Prêgador , nesta só com a mesma amoeftação de que era illicita , se endurecia , & obstinava mais. Entre Eva , & Adão em tam poucos dias , ou horas , quantas se conserváraõ no Paraíso, nenhũa destas causas, que dependem da continuação, & do tempo, teve lugar: mas bastou a prohibição do fruto vedado , sendo hum só , & por vedado illicito , para que fosse mais infofrivel a satisfação , & contentamento daquelle felicissimo estado ; que a licita concessão , & faculdade de comerem de todas as outras arvores , sendo a multidão , & a variedade dos gostos dellas quasi infinita. Tal

he a fome ; que não pôde soportar o appetite em hũ só gosto illicito , & vedado; & tal o fastio, que não pôde evitar a variedade , posto que infinita , de todos os concedidos , & licitos. Isto he o que na mesa de Herodes desde hum prato está prêgando a grandes brados a cabeça, & lingua muda do Baptista , prometendo a Filippe, posto que neste mundo offendido , & afrontado , a facilidade da salvação , cõ que no venturoso roubo se vio livre da mulher propria ; & segurando a Herodes , no infelicissimo logro da alhea, a certeza que hoje está experimentando dos tormentos eternos , na differença lómente de ser a mesma mulher , ou licita por propria, ou illicita por alhea.





# S E R M A Õ

## D E

# S. ANTONIO,

Na Dominga infra octavam de Corpus Christi , com  
o Santissimo Sacramento exposto , em S. Luis  
do Maranhão, anno de 1653.

Trans-  
ferio-se  
da festa  
feira  
para o  
Domingo.

*Homo quidam fecit cœnam magnam. Luc. 14. 16.*  
*Vos estis sal terræ : Vos estis lux mundi.*  
*Matth. 5. 13. 14.*

§. I.

129



Admiravel he  
Deos em si mes-  
mo , & admira-  
vel em seus San-  
tos ; & por estas duas ra-  
zões de admiração duas  
vezes admiravel neste grã-  
de dia. David diz que fez

Deos hũa só memoria de  
suas maravilhas ; & eu ho-  
je sou obrigado a dizer q̃  
fez duas. A primeira me-  
moria das maravilhas de  
Deos , he o Santissimo Sa-  
cramento do Altar : *Me-<sup>Psalms</sup>  
moriam fecit mirabilium<sup>110.</sup>  
suorum , escam dedit timen-  
tibus se.* A segunda memo-  
ria

ria de suas maravilhas, he aquella grande maravilha de todas as memorias do mundo, o nosso prodigioso Portuguez Santo Antonio. Ambas estas memorias se vieraõ a enlaçar neste dia. Todas estas maravilhas se vieraõ a encontrar, & acumular nesta festa. E bem era necessaria toda a graça da primeira, & toda a eloquencia da segunda, para satisfazer a tamanhas obrigações. Ora eu prevendo que tinha duas festas para prègar, & querendo reduzi-las, como costume, a hum só discurso, achey-as taõ unidas ambas entre si, & os sужeitos dellas tam semelhantes, & parecidos, que mais trabalho me deu o podellas distinguir, que havellas de ajuntar. Se olhava para aquella Custodia, & considerava as maravilhas do Santissimo Sacramento, parecia-me que via as de Santo Antonio: se voltava os olhos, & os punha neste altar, & considerava as maravilhas, & prodigios de

Santo Antonio; parecia-me que estava vendo as do Santissimo Sacramento. E se não fora pelos accidentes, com ser hum sужeito Divino, & outro humano, quasi me podera persuadir que eraõ o mesmo. Elias era mestre, & Elizeu discipulo: Elias era senhor, & Elizeu servo; mas eraõ tam parecidos ambos nas maravilhas, que só na capa se distinguiã. Deu Elias a capa a Elizeu, & ficou Elizeu outro Elias. Assim o notou São João Chryostomo: *Elias sursum, Elias deorsum*. Não nego que Antonio he servo, & Christo Senhor; não nego que Antonio he discipulo, & Christo Mestre: *Magister, & Domine*; mas Joann. 13. 13. quando olho para aquelle Elias Divino, & para este Elizeu, posto que humano, vejo-os nas maravilhas tam parecidos, vejo-os nos milagres tam equivocados, que só parece que se distinguem na capa. Se Christo daquelle Sacratio tirára a capa dos acciden-

accidentes, & a lançára fôbre Santo Antonio, quasi poderamos adorar nelle outro Sacramento.

130 Outro Sacramêto disse, & melhor dissera o mesmo Sacramento; porque comparadas as maravilhas, que se crem daquella Hostia consagrada, com as maravilhas que se lem, & se vem em S. Antonio, só ha de differença entre hûas, & outras, que na Hostia está o Sacramêto com as cortinas cerradas, em S. Antonio está o Sacramento com as cortinas corridas. Na Hostia estão as maravilhas do Sacramento secretas; em S. Antonio estão publicas. Na Hostia estão escondidas, em S. Antonio manifestas. Na Hostia estão encubertas, em S. Antonio patentes. Na Hostia crem-se, & não se vem; em S. Antonio crem-se, & vem-se. Finalmête na Hostia está o Sacramento com cortinas, em S. Antonio sem cortina. O Manná, figura mayor do Sacramen-

to, fóra da Arca do Testamento estava cuberto com a cortina do Sancta Sanctorum; que cubria todo o Propiciatorio; mas dentro da Arca do Testamento não tinha cortina algũa. E quem he a Arca do Testamento? Já o Papa Gregorio IX. disse que era S. Antonio. Só em S. Antonio está o Sacramento sem cortina, só em S. Antonio estão patentes, & descubertas as maravilhas daquelle sacrosanto mysterio. Em qual daquelles altares cuidais que está o Sacramêto propriamente exposto? Não está exposto naquelle Altar Mayor, senão neste. Exposto, quer dizer manifesto, & declarado. E o Santissimo Sacramento naquella Custodia está defencerrado sim; mas exposto não; porque não está manifesto, nem declarado. Só onde está S. Antonio, está o Santissimo Sacramento propriamente exposto; porque elle he a exposição, & declaração das maravilhas do

do Santíssimo Sacramen-  
to. Valhame Deos, quan-  
ta coula tenho dito, antes  
de começar a dizer ! Ora  
por aqui ha de ir o Ser-  
maõ, seguindo o caminho  
que nos abris, o Euange-  
lho, posto que parece bem  
fechado. E pois havemos

de fallar do Myfterio on-  
de Deos he mais admira-  
vel, & do Santo onde Deos  
se mostrou mais admira-  
vel, recórramos pela gra-  
ça à Mãy tambem admi-  
ravel, *Mater admirabilis.*  
*Ave Maria*

## §. II.

*Vos estis sal terræ : Vos estis lux mundi.*

Luc. 14  
19.

**V**Os sois o sal da ter-  
ra, vós sois a luz do  
mundo. Em dia, em que  
Deos assenta comfigo à  
mefa os homens : em dia  
em que os homens reno-  
vaõ a memoria suavissima  
da Cea de Christo : *Homo*  
*quidam fecit Cœnam ma-*  
*gnam,* muito a tempo vem  
o sal, & muito a tempo a  
luz: o sal para a mefa, a  
luz para a cea. Mas estes  
tempos só em tempo de  
Santo Antonio os logrou  
a Igreja. Em quanto S. An-  
tonio não veyo ao mun-  
do, o Myfterio do Sacra-  
mento do Altar era como

mefa sem sal, & como cea  
sem luz; ( logo direi o por-  
que ) mas depois que S.  
Antonio sahio ao mundo,  
& o assombrou, & escla-  
receo com os prodigios  
de seus milagres, elle foi o  
sal daquella mefa : *Vos estis*  
*sal:* ella foi a luz daquella  
cea : *Vos estis lux.* Mas an-  
tes que eu diga como isto  
he, vejo que me dizeis to-  
dos que não pôde ser. Di-  
zeis que na mefa do San-  
tissimo Sacramento não  
pôde haver sal, nem pôde  
haver luz; porque o sal  
he para o gosto, & a luz  
para a vista : & no myste-  
rio

rio do Sacramento nem tem lugar o sentido de goftar, nem tem lugar o sentido de ver. Não tem lugar o sentido de goftar; porque comemos o Corpo de Christo, mas não o gostamos. Não tem lugar o sentido de ver; porque comemos o Corpo de Christo, & não o vemos.

132 Na parábola do Evangelho de hoje em q̄ hum Principe chamou convidados para hũa grande cea, que fizera: *Homo quidam fecit cœnam magnam*, hum dos convidados disse, que não podia vir, & dous escusáraõ-se. A escusa de hum foi: *Juga boum emi quinque, & eo probare illa*: que comprára cinco juntas de boys, & que as hia provar. A escusa do outro foi: *Villam emi, & necesse habeo exire, & videre illam*: que comprára hũa quinta, & que a hia ver. Toda esta historia, como dizem communmente os Santos Padres, he hũa allegoria do que passa no mysterio da Eu-

charistia. E se tomarmos as palavras destes dous Textos assim como toaõ na nossa lingua, vede que admiravelmente dizem conosco. Hum disse que hia provar: *Eo probare*; outro disse que hia ver: *Necesse habeo videre*; & ambos se escusáraõ do banquete com muito razaõ; porque na Cea do Santissimo Sacramento quem tem appetite de provar, ou quem tem curiosidade de ver; bem póde escusar-se de ir lá; porque naquella mesa secretissima, & sacratissima, onde tudo he occulto, & encuberto, não tem lugar o sentido do gofsto, que he o que prova; nem tem lugar o sentido da vista, que he o que vê. E como não tem lugar naquella mesa, nem o sentido do gofsto, nem o sentido da vista, pelo sentido do gofsto fica excluido o sal, & pelo sentido da vista fica excluida a luz.

133 Tudo isto era assim antes de S. Antonio vir ao mundo; mas depois que

Luc. 14.  
19.

Ibid. 18.

que S. Antonio melho-  
rou, & illustrou o mundo  
com suas maravilhas, já na  
mesa do Sacramento tem  
lugar o sal, porque tam-  
bem tem lugar o sentido  
do gosto: já na Cea do Sa-  
cramento tem lugar a luz,  
porque tambem tem lugar  
o sentido da vista. Antes  
de S. Antonio apparecer  
no mundo, era o Sacra-  
mento só Mysterio da Fè;  
mas depois que veyo ao  
mundo S. Antonio, já o  
Sacramento he tambem  
Mysterio dos sentidos.  
Disputando S. Antonio  
com hum Herege obstina-  
do sobre a verdade do Sa-  
cramento: depois que não  
valêraõ razões, Escritu-  
ras, nem argumentos con-  
tra a sua obstinação, veyo  
a hum partido, que todos  
sabeis: Que elle fecharia  
a sua mula tres dias sem  
lhe dar de comer; que ao  
cabo delles a traria á pre-  
sença de S. Antonio, quan-  
do estivesse com a Hostia  
nas mãos, & que se aquel-  
le animal assim faminto  
deixasse de se arremeçar ao

comer, que elle lhe offe-  
recesse, por adorar, & re-  
verenciar a Hostia, elle en-  
taõ creria, que estava nella  
o Corpo de Christo. Af-  
sim o propoz obstinada-  
mente o Herege, & assim  
o aceitou S. Antonio, não  
só sobre todas as leys da  
razaõ, senão ainda parece  
que contra ellas. O My-  
sterio da Eucharistia di-  
stingue-se de todos os ou-  
tros mysterios, que confes-  
samos, em ser elle por an-  
tonomasia o Mysterio da  
Fè. Os brutos distinguem-  
se dos homens, em que os  
homens governaõ-se pelo  
entendimento, & os bru-  
tos pelos sentidos. Pois se  
o Santissimo Sacramento  
he o Mysterio da Fè, co-  
mo deixa S. Antonio a  
prova delle no testimu-  
nho de hum animal, que  
se governa só pelos senti-  
dos? Porque era S. Anto-  
nio. Antes de S. Antonio  
vir ao mundo, era o San-  
tissimo Sacramento My-  
sterio só da Fè, & só po-  
dia testemunhar nelle o  
entendimento; mas depois  
de

de S. Antonio vir ao mundo , ficou o Sacramento mysterio tambem dos sentidos; & por isso podiaõ já os sentidos dar testimonho nelle: bem se vio nos mesmos dous sentidos de gostar , & ver.

134 Amanheceo o dia aprazado , veyo a mula faminta , & apoz della toda a Cidade de Tolosa ; affim Catholicos , como Hereges , para ver o successo. Posto o bruto á porta da Igreja , apparece S. Antonio com a Hostia consagrada nas mãos ; & o Herege com os manjares do campo , naturaes daquelle animal , que tinha prevenidos. Mas , oh poder da Divindade , & Omnipotencia ! Por mais que o Herege applicava o comer aos olhos & á boca do bruto , elle como se fora racional , dobrou os pès , dobrou as mãos , & metendo entre ellas a cabeça , com as orelhas baixas , esteve prostrado , & ajoelhado por terra , adorando , & reverenciando a seu Creador. Vede se

Tom. 12.

dizia eu bem , que S. Antonio he o sal , & a luz da Mesa do Santissimo Sacramento ; & sal para o sentido do gosto , & luz para o sentido da vista. O Herege tentava aquelle animal pelo sentido da vista , & pelo sentido do gosto : pelo sentido da vista , pondolhe o comer diante dos olhos : & pelo sentido do gosto , quasi metendolhe o comer na boca. Mas aquelles dous sentidos , posto que irracionaes , estavaõ tam suspensos , & tam satisfeitos no manjar Divino , que tinham presente : o sentido do gosto com tal sabor , & o sentido da vista com tal luz , que nem quiz ver com os olhos , nem tocar com a boca o comer , que o Herege lhe offerencia. Confessando porèm a mesma boca , & os mesmos olhos ; confessando o mesmo sentido de gostar , & o mesmo sentido de ver , a verdade , & presenca real de Christo no Sacramento. Julgai agora , se he já o Sacramento mysterio dos

H sentidos.

sentidos. Atè agora dizia a Igreja: *Præstet Fides Supplementum sensuum defectui*: Supra a Fè o que falta aos sentidos; mas á vista de S. Antonio. mude o Hymno, & diga: *Præstet sensus Supplementum Fidei defectui*: Supraõ os sentidos o que faltar á Fè: porque, a Fè, que faltou ao Herege, a suprição os sentidos do animal. O gosto laboreado naquella sal: *Vos estis sal*; a vista alumiada por aquella luz: *Vos estis lux*.

135. Oh que grande passo este para parar aqui o Sermão á vista deste bruto, & deste Herege! A vista deste Herege, que dirá quem tem nome de Catholico? A vista deste bruto, que dirá quem tem nome de homem? A reverencia do bruto, & a irreverencia do Herege, tudo he confusão nossa. O bruto venera sem conhecer; o Herege não venera, porque não conhece. Se o bruto venera o Santissimo Sacramento sem conhecer, eu que sou homem racio-

nal, que conheço, porque tenho tam pouca reverencia? Se o Herege não venera, porque não conhece, & porque não crè; eu que creyo, & que conheço, porque tenho tam pouca reverencia? Ah Portugal! Ah Espanha! que por este peccado te castiga Deos. Quem vio os templos dos Hereges, & o silencio, & respeito, q̄ nelles se guarda, póde chorar mais esta miseria. Nos templos dos Hereges, ainda que exterior, ha reverencia, & falta o Sacramento; nos Templos de muitos Catholicos, ha o Sacramento, & falta a reverencia. Vede qual he mayor infelicidade! Os dous sentidos, que no bruto mostráõ mayor reverencia, são os que em nós mostraõ mayor devassidão. Os olhos, onde está o sentido do ver, a lingua, onde está o sentido do gostar, que he o que fazem na presença do Santissimo Sacramento è Que he o que fallaõ aquellas linguas sacrilegas, quando deverão

deverão venerar aquelle Sacramento com a Oraçãõ, & com o silencio? Que he o que olhaõ, & para onde, aquelles olhos inquietos, & loucos, quando deverão estar enlevados naquella Hostia de amor, ou prègados na terra, de modestia, & de confusaõ. Que fazeis ó Divino sal, & Divina luz do Sacramento? Saboreai como sal estas linguas; alumiai como luz estes depravados olhos. Sarai estas linguas, como sal; posto que linguas tam sacrilegas, mais mereciaõ salmouradas: alumiai estes olhos como luz; posto que olhos tam descompostos, mais mereciaõ ser cegos.

## §. III.

136 **M**As vamos vendo as maravilhas do Sacramento ao favor deste sal, & ao resplendor desta luz; & veremos quam mercedamente demos a S. Antonio o titulo de sal, & luz desta mesa:

*Vos estis sal: vos estis lux.* A primeira maravilha do mysterio do Sacramento he, que estando Christo verdadeira, & realmente no Ceo, esteja por milagre natural deste mysterio, tambem verdadeira, & realmente na terra, & não fô em hum lugar da terra, senão em muitos lugares, sendo hum só, & o mesmo. Isto era o de que se affombrava antigamente o entendimento, & que era necessario á Fè animar-se, & esforçar-se muito para o crer. Mas depois que S. Antonio veyo ao mundo, já o confessaõ, & o sabem atè os sentidos. Duas vezes estava S. Antonio prègando, quando lhe occorreo, que tinha àquella hora obrigação de officio no Coro da sua Religiaõ, & inclinando-se sobre o Pulpito, como quem dormia, no mesmo tempo foi visto, & ouvido no Coro cântar o que lhe tocava. Tambem estava outras duas vezes prègando em Italia, como quem o tinha por

exercício de cada dia ) quando seu pay em Lisboa se vio em dous grandes trabalhos , hum de fazenda, outro de vida. Torna-se a inclinar sobre o Pulpito o milagroso Prêgador, & piedoso filho, & no mesmo tempo apparece ao lado do pay , defendendo sua innocencia , & livrando-o daquellas duas injustiças , que tam antigas são , não só naquelle Reyno. Pois he certo, que por injustiças tira Deos os Reynos a hñas Nações , & os passa a outras : *Regnum à gente in gentem transfertur, propter injustitias.* Mas deixemos de chorar as calamidades dos Portuguezes , & tornemos ás glorias daquelle grande Portuguez , cujas maravilhas chegão a fazer menos admiraveis as do mysterio mais admiravel , & a tirar o merecimento á Fè , pela evidencia dos sentidos. Se os olhos vem que Antonio está em Italia , & em Espanha , em Padua , & em Lisboa, no Pulpito, &

no Coro ; dentro da sua Religiaõ, & fóra della; que muito he que crea a Fè , que está o mesmo Christo em diferentes Provincias , em diferentes Cidades , em diferentes Igrejas , & ainda na mesma Igreja em diferentes Altares ? Se estas maravilhas obrou a Omnipotencia de Deos no servo , que muito que as obrasse no Filho?

137 Mas satisfacemos a hũa duvida curiosa , que com razão póde vir a todos , neste modo de milagres de S. Antonio. Todas as vezes que S. Antonio esteve no mesmo tempo em diferentes lugares , porque razão se inclinava , como dormindo , sobre o Pulpito ? He certo entre os Filosofas , que supposto o primeiro milagre de estar hum homem presente em dous lugares , póde em ambos elles obrar differêtes acções. E he Filosofia esta provada com a experiencia em S. Francisco Xavier , o qual navegando nos mares da India , &

desappa-

desaparecendo o batel da Nao com sete homens por espaço de tres dias, estava o Santo na Nao, & mais no batel, & em ambas as partes fallava, & obrava tudo, o que era necessario para o remedio dos perdidos. Pois se S. Antonio podia estar prègando no Pulpito, & mais cantando no Coro; se S. Antonio podia estar prègando em Italia, & mais avogando por seu pay em Portugal; porque razão quando estava fallando, & acordado em hũa parte, estava sempre callado, & como dormindo na outra? Porque S. Antonio nestes mil gres obrava ao modo de Christo no Sacramẽto; & Christo, no Sacramẽto, estã dormindo. *Comedite amici, & bibite, & inebriamini charissimi: ego dormio, & cor meum vigilat*: Comei amigos; bebi carissimos, que eu durmo. Este Texto entende S. Bernardo, & S. Gregorio Niseno do Santissimo Sacramẽto, & bem o provaõ as palavras no Tom. 12.

antecedentẽs: *Comedite, & bibite*. Diz pois Christo, que comaõ, & que bebaõ: & he de advertir, que aos que manda comer, chama amigos: *Comedite amici*; & aos que manda beber, chama carissimos: *Bibite, & inebriamini charissimi*; porque neste Sacramẽto nẽ todos os que tem licença para comer, & cõmungar a Hostia, tem tambem authoridade para beber o Caliz. Os que tem licença para comer, sãõ os leigos, & a estes chamalhes amigos; porque todos os que haõ de cõmungar, tem obrigaçãõ de ser amigos: & por isso antes do Sacramẽto da Communhaõ precede o da Penitencia, em que nos reconciliamos com Deos, & nos fazemos seus amigos. E os que tem authoridade para tambem beber, sãõ os Sacerdotes, & a estes chamalhes carissimos; porque para os Sacerdotes tomarem o caliz, não só he necessario que tenhaõ com Deos qualquer amizade, senãõ hũa

H iij - ami-

amizade muito particular, muito familiar, & muito affectuosa. Mas não está aqui a duvida. O que faz a difficuldade, são as palavras que se seguem : *Ego dormio , & cor meum vigilat*. Bebei amigos , & comei carissimos : eu durmo , & o meu coração vigia. Que consequencia he dizer que comaõ sua carne , & bebaõ seu sangue, & acrescentar logo que durmo : *Ego dormio* ? Muito grande consequencia, porque Christo no Sacramento está dormindo. Ora vede.

138 Hum homem dormindo, & acordado distingue-se , em que o homem acordado tem uso de seus sentidos ; & o que está dormindo , tem sentidos , mas não tem uso delles. Assim está Christo no Ceo , & no Sacramêto. No Ceo tem o uso dos sentidos, falla , vê , ouve , com os sentidos corporaes. No Sacramento tem os sentidos tam perfeitos , como no Ceo ; mas não tem o uso

delles. E a razão he , como dizem os Theologos ; porque como Christo está na Hostia pelo modo sacramental , a que chamaõ *Ubi definitivo*, todo em todo, & todo em qualquer parte , não tem a organização dos sentidos , & extensaõ , que haõ mister, para obrar. E como Christo no Sacramento não tem uso dos sentidos , com toda a propriedade se diz , que está dormindo debaixo da cortina dos accidentes : *Ego dormio*. E acrescenta : *Et cor meum vigilat* : que ainda q̄ dorme com os olhos , vigia com o coração , porque ainda que Christo no Sacramento nos não vê cõ os olhos exteriores do Corpo , estános vendo , & vigiando sempre com os olhos interiores da Alma , & da Divindade. Ah Christãos , que se daquela Hostia não só nos está Christo vendo , mas vigiando , vede lá como estais nas Igrejas! E como S. Antõnio era hum Santo Eucharístico , hum Santo em que

Deos

Deos depositou as maravilhas do Sacramento, por isso, quando milagrosamente se punha em dous lugares, em hum tinha o uso dos sentidos, como Christo no Ceo; em outro estava dormindo, como Christo no Sacramento: *Ego dormio*. Estes foraõ os primeiros labores, que gostarãõ os sentidos daquelle sal: estes os primeiros resplandores, que recebẽrãõ daquelle luz: *Vos estis sal: vos estis lux*: mas não foraõ só estes.

## §. IV.

139 **O** Utra grande maravilha do Santissimo Sacramento he, que no dia do Juizo todos havemos de resuscitar em virtude sua. No dia do Juizo haõ de resuscitar todos os nossos corpos, tam perfeitos, & inteiros, como hoje vivem. E quem ha de dar esta virtude de resuscitar a tantos corpos depois de feitos, ou desfei-

tos em cinza? O Corpo de Christo sacramentado, q̃ cõmungamos. Assim o disse, & prometeo o mesmo Senhor: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, habet vitam eternam, & ego resuscitabo eum in novissimo die*. Entendẽrãõ-no tanto assim os Christãos da primitiva Igreja, que costumavaõ enterrar os defuntos, huns com o Santissimo Sacramento no peito, outros na boca, em fe, ou esperança de que por virtude daquelle Divino Sacramento haviaõ de resuscitar todos. Donde judiciosamente Tertulliano chamou ao Divino Sacramento, *Semen resurrectionis*, Semen da relurreiçãõ; porque o mesmo he cõmungar, que semear cada hum de nõs dentro em si mesmo aquella virtude Divina, & omnipotente, que no dia do Juizo nos hade tirar outra vez da terra vivos, renascidos, & resuscitados.

140 Isto se vio claramente  
H iij mente

*Joann. 6.55.*

Matth.  
27. 52.  
53.

mente no sepulcro de Christo. Diz o Euangelista que se abríraõ entã as sepulturas, & que resuscitáraõ, & foraõ vistos em Jerusaleem muitos corpos de Santos: *Monumenta aperta sunt; & multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt; & venerunt in Sanctam Civitatem, & apparuerunt multis.* Pois se resuscitáraõ, porque não resuscitáraõ no dia da Resurreiçaõ de Christo, senã no da sua sepultura? Porque no da sua sepultura foi seu Corpo Santissimo lançado à terra, & como semeado; & sendo, como diz Tertulliano, *Semen resurrectionis*, entã naturalmente, como effeito, ou fruto natural, sabíraõ logo muitos resuscitados, sem esperarem pelo dia da Resurreiçaõ: não resuscitando, porque Christo resuscitou; senão porque seu Corpo Santissimo (passemos de hũa metâfora a outra) foi entã comido, & commungado. Eu, diz o mesmo

Senhor, estarei três dias no coraçã da terra, assim como esteve outros tantos Jonas no ventre da Balea: *Sicut fuit Jonas in ventre ceti tribus diebus, & tribus noctibus, sic erit filius hominis in corde terrae.* De maneira que no mesmo tempo esteve Christo sepultado, & comido: sepultado no coraçã da terra tres dias, em respeito de sua Resurreiçaõ, que foi ao terceiro dia depois de resuscitado; & comido, como Jonas no ventre da Balea, em respeito da nossa resurreiçaõ futura, que hade ser no dia do Juizo, depois de comido por nós, & commungado: *Qui manducat meam carnem, habet vitam aeternam, & ego resuscitabo eum in novissimo die.* Assim o notáraõ, sobre o mesmo Texto, com breve, & admiravel propriedade, S. Jeronymo, dizendo: *Monumenta aperta sunt in signum futurae resurrectionis: & com mayor largueza de todo o sentido universal, Santo Ambrosio:*

Matth.  
12. 40.

D. Hier.

Ambr.  
lib. 10.

ſio : *Monumentorum reſe-  
ratio quid aliud , niſi clau-  
ſtris mortis effractis , reſur-  
rectionem ſignificat mortuo-  
rum ?* O meſmo confirmão  
S. Hilario , Beda , Theofi-  
laçto , & Ruperto.

141 Com iſto ſer af-  
ſim , & o prometer Chri-  
ſto tam claramente , hou-  
ve muitos , que negãõ  
eſta verdade ao Santiffimo  
Sacramento , não ſõ da-  
quelles Hereges , que ne-  
gãõ o Sacramento , nem ſõ  
daquelles , que negãõ a  
reſurreiçãõ ; mas de ou-  
tros , que confeſſando a  
reſurreiçãõ , & o Sacra-  
mento , não querem en-  
tender , que a reſurreiçãõ  
haja de ſer por virtude ſua.  
Porẽm depois que S. An-  
tonio ſahio ao mundo , &  
o alumiou com os rayos  
de ſua luz , não ſãõ neces-  
ſarios argumentos para  
provar , & facilitar eſta  
verdade ; baſtaõ os ſenti-  
dos , que o experimentã-  
rãõ , para o perſuadir. Af-  
ſim como no dia do Juizo  
haõ de reſuscitar os mor-  
tos de todas as quatro par-

tes do mundo , & de to-  
dos os elementos , & de to-  
dos os generos de mortes:  
aſſim S. Antonio , como ſe  
a ſua voz tiveſſe a virtude  
da trombeta do Anjo , que  
ſe ha de ouvir no dia do  
Juizo , não ha parte do  
mundo , nem elemento ,  
nem genero de morte , de  
que não tenha reſuscitado  
muitos : huns afogados  
no mar , outros abrazados  
no fogo , outros deſpeda-  
çados no ar , outros ſepul-  
tados na terra : huns de  
mortes naturaes , outros  
de mortes violentas : huns  
de mortes dilatadas , ou-  
tros de mortes repentinas.  
Em fim , não houve gene-  
ro , nem invençãõ de mor-  
te , de que S. Antonio não  
tenha reſuscitado muitas  
vidas. Pois ſe a voz de S.  
Antonio , ſe o toque de  
ſuas mãos , ſe a applicaçãõ  
de ſuas reliquias reſuscita  
tantos mortos ; que mui-  
to faz a Fè em crer , que o  
Corpo de Chriſto ; ou  
Chriſto com todo o Cor-  
po fará o meſmo ? Baſta o  
aceno de hum dedo de An-  
tonio

tonio para resuscitar mortos ; & a virtude de todo o Corpo de Christo não os resuscitará, tendo-o prometido ?

142 Só dirá algum incredulo , ( que isto de resurreições tem muitos ) dirá algum incredulo , que não se faz bom argumento das resurreições do tempo de S. Antonio para as resurreições do dia do Juizo ; porque muito mayor maravilha he resuscitar hum homem depois de muitos centos de annos morto, do que resuscitalo quando acaba de morrer. Não arguis bem. Tanto obra he da Omnipotencia resuscitar hum morto de hum dia , como hum morto de cem annos. E se de hũa resurreição a outra ha algũa ventagem , mayor maravilha he resuscitar hum morto de hum dia , que hum morto de muitos annos. Christo resuscitou tres mortos , Lazaro , o filho da Viuva de Naim , & a filha do Principe Jayro. A filha do

Principe Jayro era morta de poucas horas , porque ainda estava na cama : o filho da Viuva era morto de mais tempo , porque já hia na tumba a enterrar : Lazaro era morto de muito mais tempo ainda , porque já estava sepultado , & penetrado da corrupção. E qual resurreição destas foi mais famola , & admirada ? a do sepultado de muitos dias ? a do que hia na tumba a enterrar ? ou a da que estava ainda na cama , onde tinha espirado ? O mesmo Euangelista o notou , escrevendo só desta ultima resurreição : *Exiit fama hæc in universam terram illam.* Desorte, Matth. 9. 26. que quanto a morte era de menos tempo, tanto mais celebrada foi a resurreição. Tomai a razão por hum exemplo. Se hum Rey tomou hũa Cidade a outro Rey , qual he mayor maravilha , tornarlha a tomar dahi a dez , ou vinte annos , ou tomarlha outra vez no mesmo dia ? Não ha duvida que esta. Assim o enten-

o entendeo David, como grande Capitaõ, da vitoria, & despojos de Siceleg, os quaes tornou a recuperar no mesmo dia em que lhos tinhaõ tomado os Amalecitas, dizendo, & aclamando todos: Esta sim, que he vitoria digna de David: *Dixeruntque, hac est prada David.* Tal foi tambem a de Abrahaõ, vencendo na mesma noite os quatro Reys Gentios vencedores, descativando a Lot, & tornandolhes a tomar todos os despojos da vitoria, que tinhaõ alcançado naquelle dia. Emfim que em serem os mortos resuscitados depois de mais, ou menos tempo, se ha differença, ou vantagem, a tem só aquellas resurreições, em que os mortos são tirados, & como arrancados das mãos da mesma morte, quando ainda as tem ensanguentadas, & mal acaba de os despojar da vida. Assim q̃ por esta parte não tem q̃ se negar ás resurreições de S. Antonio as consequen-

cias que dellas tiraõ os sentidos, para as do Santissimo Sacramento no dia do Juizo.

143 A difficuldade, que tem este ponto, he a que eu agora direi. No dia do Juizo he certo que haõ de resuscitar todos; mas he tambem certo, que não commungáraõ todos; porque não commungáraõ os meninos, nem os Hereges, nem os Gentios, nem os que foraõ antes da vinda de Christo. Logo não havemos de resuscitar todos no dia do Juizo em virtude do Santissimo Sacramento, que cõmungamos. Nego a consequencia; porque basta que o merecimento do beneficio esteja em alguns, para que Christo sacramentado o communique a muitos: assim disse aos Apostolos, que eraõ sómente alguns, que o mesmo caliz, que se dava a elles, se communicaria a muitos: *Qui pro vobis, & pro multis effundetur.* Antes he tal a liberdade de Christo no Sacramento,

Matth.  
26. 28.  
Luc. 22.  
20.

1. Reg.  
30. 20.

Genes.  
14.

cramento ; que basta, que seja devido o beneficio a hum , para que o estenda a todos. Por isso os Theologos com S. João Chrysofotomo chamaõ ao mesmo Sacramento extensãõ da Encarnaçãõ ; porque a Divindade communicada na Encarnaçãõ a hũa só humanidade , no Sacramento a estende Christo , & communica a todos os homens: *In me manet , & ego in illo* ; & assim o fez S. Antonio no mesmo genero de resurreiçãõ. Andavaõ folgando em hum rio de Italia dez meninos , arrebatou-os a corrente , & morreraõ todos. Hum pay , porque tinha recebido o feu por orações de S. Antonio , veyo pedir ao Santo , que lhe tornasse a dar o feu filho. Estava nesta oraçãõ , quando entraõ dançando pela Igreja , não só aquelle menino , senão os outros nove resuscitados. Pois se hum só era o por quem se orou , como resuscita S. Antonio a todos ? Porque basta que ha-

ja merecimentõ em algũ , para que S. Antonio , ao modo do Santissimo Sacramento , estenda o beneficio a todos. Assim estendeo aqui a resurreiçãõ a todos os dez meninos mortos , sendo que a oraçãõ do pay para hum só a pedia. E se isto viraõ os olhos em S. Antonio ; porque o não creará a Fè no Santissimo Sacramento ? Crea-o a Fè , & ajude-se, se lhe he necessario , dos sentidos , que faboreados , & alumiados com estas maravilhas , publicaõ que he S. Antonio o sal , & a luz daquella mesa : *Vos estis sal : vos estis lux.*

J. V.

144 **O** Utra maravilha se creè vulgarmente do Santissimo Sacramento , em que he mais necessario o sal , & a luz , porque verdadeiramente he tal que não só causa algum dissabor ao gosto , & grande horror á vista , senão ainda à imaginaçãõ.

ginação. Não de balde era cerimonia da cea do Cordeiro , figura deste Divino Sacramento, que se commessem com elle algũas amarguras : *Cum lactucis agrestibus*. E que amargura , que disflabor , que horror he este do Santissimo Sacramento ? He amargura misturada com doçura ; mas amargura em fim , & grande amargura : *Mors est malis , vita bonis*. Com este manjar ser vida para huns , he morte para outros. Aquella Hostia , que recebemos , he hum papel fechado , em que vem escripta a nossa sentença , ou de vida , ou de morte. Vede se póde haver mesa mais temerosa que esta. Na mesa da Proposição havia huns paens, que estavam diante do Propiciatorio , os quaes no Texto Hebreo se chamaõ , *Panes facierum* , Paens de faces. Tal he o paõ do Sacramento do Altar , paõ de duas faces : hũa benigna , outra temerosa : hũa amavel , outra terrivel : hũa de miseri-

cordia , oũtrã de justiça : hũa de vida , outra de morte. E paõ , que de hũa face me convida com a vida , de outra me ameaça com a morte : paõ , que sendo triaga , póde ser veneno , & não sei se me ha de dar laude , ou me ha de matar ; vede se póde parecer desabrido.

145 Mas sabeis porque attribuis àquella mesa estes disflabores ? He porque comeis aquelle paõ sem o seu sal , & porque vos chegais àquella Cea sem a sua luz , que he S. Antonio. Tocai esse paõ naquelle sal ; & vede-o àquella luz , & logo conhecereis , que Christo no Sacramento sempre he paõ de vida , & nunca de morte. Hia o pay de S. Antonio a justicar com sentença diffinitiva de morte , por se lhe imputar que havia tirado a outro homem a vida : & quando hia passando junto á Sè de Lisboa , apparece no Adro della S. Antonio , pede á justiça que pare , manda abrig

abrir a sepultura ; onde estava sepultado o morto : diz-lhe o Santo que se levante , & que testimunhe diâte de todos, se era aquelle homem o que o matára. Levantou-se o morto com affombro de todos , & disse que não era aquelle homem o seu matador. Então replicáraõ as justiças a S. Antonio , que lhe perguntasse quem era o matador ; mas o Santo respondeo , que elle viera dar vida ao innocente , & não dar morte a culpados. Pois se S. Antonio , quando vem dar vida , tem por acção indigna de sua pessoa , dar tambem morte , ainda que a vida seja a bons , & a morte a máos ; porque havemos nós de cuidar , que Christo no Sacramento seja morte dos máos , quando he vida dos bons ? Não ha tal cousa. Christo sempre he vida , & nunca morte. He verdade que quando chegamos a cõungar ; ( & isto he só o que quer dizer S. Thomás , & a Igreja ; q̃

por isso eũ dizia ; que S. Antonio he exposiçãõ do Sacramento ) he verdade que quando chegamos a commungar , os bons recebem vida , & os máos encorrem morte : mas dessa morte não he causa o Sacramento. Os bons recebem a vida , porque o Sacramêto lha dá ; os máos recebem a morte , porque elles mesmos se mataõ a si. Desorte , que da vida que recebem os bons , não são causa os bons , senão o Sacramento ; & da morte , que encorrem os máos , não he causa o Sacramento , senão os máos.

146 Amanhece a brãca flor chea do orvalho doce , que destillou nella a Aurora , chega a beber a abelha , & leva mel ; chega a beber a aranha , & leva veneno. Mas donde nasce este veneno , & este mel ? O mel não nasceo da abelha , senão da flor ; o veneno não nasceo da flor , senão da aranha. Nem mais ; nem menos ; está aquelle Sacramento feito hum favo

vo de vida, & de doçura. Chega o justo, & chega o peccador áquelle manjar Divino: o justo leva vida: *Vita bonis*; o peccador leva morte: *Mors est malis*. Mas donde nasceo esta morte, & esta vida? A vida não nasceo do Justo, senão do Sacramento; & a morte não nasceo do Sacramento, senão do peccador. De forte que o Santissimo Sacramento sempre para todos he vida, & nunca morte.

147 E senão, diga-o o mesmo Christo. Lede o Capitulo texto de S. João, que he onde Christo falla do Sacramento, & achareis que nove vezes se chama pão de vida: *Panis enim Dei est, qui de caelo descendit, & dat vitam mundo; Ego sum panis vitae: Ego sum panis vivus, qui de caelo descendit: Panis quem ego dabo, Caro mea est pro mundi vita: Si quis manducaverit ex hoc pane vivet in aeternum: Nisi manducaverit: Carnem filii hominis, non habebitis vitam: Qui*

*manducat meam Carnem, & bibit meum Sanguinem, habet vitam aeternam: Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem: Et qui manducat me, & ipse vivet propter me: Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum.* Pois se Christo diz nove vezes que he pão de vida, porque não diz hũa vez que he pão de morte? Porque Christo he summa Verdade, & não podia dizer o que não era. Disse tantas vezes, que era pão de vida; porque dá vida: não disse que era pão de morte, porque não dá morte. O que sómente disse acerca da morte foi, que era pão de não morte: *Hic est panis, qui de caelo descendit, ut si quis ex ipso manducet, non moriatur: Non sicut manducaverunt Patres vestri Manna, & mortui sunt.* Tam longe está áquelle Divino Mysterio de dar vida, & morte, que antes o fim, para que foi instituido, he para dar vida, & para impedir a morte: *Ut si quis ex ipso manducet,*

Ibid. 56.

Ibid. 59.

cet, non moriatur. Bem affim como neste calo fez S. Antonio, o qual ao morto, que reluscitou, deu vida, & ao pay, que hia para morrer, impedio a morte. Podendo dizer com galharda applicação: *Ego vivo propter Patrē, & ipse vivet propter me.* Vede agora se fica bem clara aquella mal entendida verdade, á vista daquella luz: *Vos estis lux.* Vede se fica bem laboreado aquelle mal entendido dissabor, á vista daquelle sal: *Vos estis sal.*

## §. VI.

148 **F**inalmente por-  
que não nos detenhamos mais, grande maravilha he do Santissimo Sacramento, que sendo Carne, seja meyo para Deos communicar espirito: *Ego sum panis vivus: Verba, quæ ego locutus sum vobis, spiritus & vita sunt.* Grande maravilha do Santissimo Sacramento, que sendo Carne, seja remedio contra as tentações da car-

Joann.  
6.51.64

ne, & faça os homens castos, & puros: *Fru mentum electorum, & vinum germinans virgines.* Grande maravilha he do Santissimo Sacramento, que sendo Carne, que tanto cega, & precipita o entendimento, seja paõ que dá juizo, que dá cifo, & entendimento: *Cibavit illum pane vite, & intellectus.* Mas que muito he, que a Fè crea todas estas maravilhas de Christo sacramentado, se os sentidos as vem em S. Antonio? Que muito, que o Santissimo Sacramento faça estes milagres com a substancia, se S. Antonio os faz com os accidentes? Todas estas maravilhas; que faz o Sacramento, não as faz com os accidentes de paõ, senão com a substancia do Corpo de Christo. Mas estas mesmas maravilhas fallas S. Antonio, não com a substancia, senão com os accidentes de seu Corpo. Se a Carne de Christo no Sacramento dá espirito, S. Antonio só cõ hum asopro, por ser alento

Ecclef.  
15.38

to da sua carne , deu espirito. Estava hum Novoç tentado a deixar a Religião , alloproulhe S. Antonio no rosto , dizendo : *Accipe Spiritum Sanctum* ; & ficou confirmado na vocação. Se a carne de Christo no Sacramento he remedio contra as tentações , & appetites da carne : a Tunica de S. Antonio , por ser tocada na sua, tirou as tentações da carne. Era hum Religioso muy molestado de tentações deshonestas , deulhe S. Antonio a sua Tunica , para que a vestisse , & no ponto que a vestio , não sentio mais tentação. Se a Carne de Christo no Sacramento dá juizo , & entendimento ; o Cordão de S. Antonio , por cingir cô elle a sua carne , deu juizo , & entendimento. Estando o Santo prégando , havia na Igreja hum doudo , que inquietava o auditorio ; lançoulhe o Santo o seu Cordão ao pesçoço , & no mesmo ponto recuperou o entendimento , & ficou se-

Tom. 12.

fudo. Quem não dirá , á vista desta semelhança de maravilhas , que he S. Antonio hum Santo sacramentado ? Pois ainda falta a mais admiravel de todas.

149 A mais admiravel de todas as maravilhas do Santissimo Sacramento he , que dentro de hũa quantidade tam pequena esteja toda a Humanidade , & Divindade de Christo , & que estejaõ estas grâdezas tam grandes, escondidas, & tam encubertas , q̄ de nenhum modo appareção , nem se possaõ ver, nem sentir : *In Cruce latebat sola Deitas , at hic latet simul & humanitas*, diz S. Thomás. Mais disfarçado , & mais encuberto está Deos no Sacramento , do que esteve na Cruz ; porque na Cruz esteve escondida a Divindade , mas a Humanidade esteve patente. No Sacramento a Humanidade , & Divindade , tudo está escondido. Em S. Antonio, ( não o quero dizer com nome tam grande ) naquelle Fradinho

I Menor,

Menor, que alli vedes, havia grandes grandezas humanas, & grandes grandezas Divinas. As grandezas Divinas eraõ as suas virtudes; as grandezas humanas eraõ as suas letras, & a sua sciencia admiravel. E todas estas grandezas, não só estavaõ reduzidas, & refumidas a hum lugetto tam pequeno, mas estavaõ tam encubertas, tam escondidas, & tam sumidas dentro nelle, que ( em quanto Deos as não descobrio ) nenhum sentido humano as podia conhecer, nem descobrir, nem ainda conjecturar. Veyo S. Antonio ao Capitulo Geral, que celebrava em Alfis o Padre S. Francisco, & acabado o Capitulo, repariraõ-se os Prelados por todas as Provincias da Christandade, pedindo cada hum os Religiosos, que lhe parecia os podiaõ ajudar. No cabo ficou só o Santo engeitado, & desestimado de todos, porque ninguem o quiz levar comfigo. Vede quem he o

mundo, ainda onde não ha, nem devia haver mundo, que he a Religião! Mas isto não he maravilha nos homens; em S. Antonio o foi, & a mayor de todas. Se em S. Antonio se conheceraõ suas virtudes, he certo que todos o haviaõ de querer levar por Santo: se em S. Antonio se conheceraõ as suas letras, he certo que todos o haviaõ de querer levar por letrado. Mas estavaõ estas maravilhas todas tam sumidas, & escondidas em S. Antonio, que sendo tam letrado, parecia idiota; sendo tam grande Santo, não parecia virtuolo.

150 O que mais me admira neste caso he, que nem S. Francisco conhecesse o que nelle havia. Que os outros Religiosos o não conhecessem, ainda que muitos eraõ Santos, passe; mas S. Francisco, aquelle Serafim, que não penetrasse o que estava escondido em S. Antonio! Daqui infiro eu, que soube encobrir S. Antonio as suas

suas maravilhas muito mais , do que Christo no Sacramento encobrio as suas. Prove: porque as maravilhas , que estão encerradas no Sacramêto, via-as muito bem S. Francisco. E quando S. Francisco cõ os seus olhos de Serafim pode ver , & penetrar as maravilhas que estão escondidas no Sacramento , não pode ver , nem penetrar as maravilhas q̃ estavaõ escondidas em S. Antonio. E porque ? Porque as de S. Antonio estão mais escondidas. Julgai agora se he S. Antonio sal , & luz da Mesa do Santissimo Sacramento. Sal , pois provado em si , a nenhũa cousa sabe , senão a Sacramento : *Vos estis sal* : Luz , porque visto o Sacramento nelle , tudo o que ha no Sacramento fica alumiado , & descuberto : *Vos estis lux*.

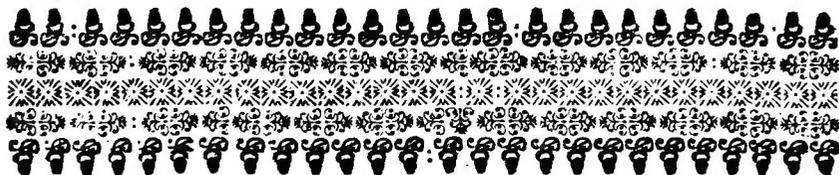
¶ §. VII.

151 **M**Ais tinha que ir por diante ;

mas acabo com pedir a todos com todo o affecto , que devemos a este nosso Santo , & que nõs devemos a nõs melmos , que pois Deos o fez tam maravilhoso , que façamos tambem nossas as suas maravilhas. Aproveitemonos dellas , & não as desperdicemos. Muitos cuidaõ , que se aproveitaõ das maravilhas de S. Antonio, empregando a valia deste Santo para o remedio das cousas téporaes , & isto he desperdiçallas. Se vos adoece o filho , Santo Antonio ; se vos foge o escravo , Santo Antonio ; se mandais a encomenda , Santo Antonio ; se esperais o retorno , Santo Antonio ; se requereis o despacho , Santo Antonio ; se aguardais a sentença , Santo Antonio ; se perdeis a menos miudeza de vossa casa , Santo Antonio ; & tal vez se quereis os bens da alhea , Santo Antonio. Homem houve no Maranhãõ , menos ha de cinco annos, que tendo induzidas duas te-

simunhas para lhe jurarem falso em materia de liberdade, ou cativeiro, no dia em que houverão de jurar, mandou dizer hũa Missa a S. Antonio, para q̃ jurassem contra a verdade; & porque juráraõ como hiaõ instruhidos, veyo o pleiteante a esta mesma Igreja dar as graças ao Santissimo Sacramento, & a S. Antonio. Ha tal barbaria como esta? Ha tal maldade? Basta monstro do inferno, indigno do carácter de Christão, & do nome de homem, que não contente de roubar a liberdade a estas duas creaturas mais livres, que tu, pois não nascêraõ como tu, vassallos do teu Rey, a primeira lição q̃ lhes dêste da doutrina Christãa, foi ensinarlhes a dizer em juizo hum falso testemunho contra si mesmos, fugitando-se a si, & a toda a sua descendencia a perpetuo cativeiro; & para fazeres a Deos complice

nesta tua maldade, lhe offereste o sacrificio do Corpo, & Sangue de seu Filho, & tomaste por mediameiro desta perdição de tua alma o Santo, a quem o mesmo Deos deu o officio de reparar todas as perdidas! Mas para que saiba o mundo, & tome exemplo neste tam escandaloso caso do rigor, com que o castigou a Divina justiça, andando o mesmo homem á caça de cativeiro de Indios no rio das Amazonas, elles lhe tiráraõ a vida ás frechadas, morrendo sem Sacerdote, nem Sacramentos, com tam pouca esperança de sua salvação, antes com manifesta, & clara evidencia da condemnação eterna a quella, que não só com tal cubiça, injustiça, & crueldade, mas com hum sacrilegio tam estolido, inaudito, & barbaro, tinha abusado impiamente do Santo, & do Santissimo.



# S E R M A Õ

DA QUARTA DOMINGA DA  
QVARESMA,

Na Igreja da Conceição da Praya da Bahia, o primeiro que prègou na Cidade o Author antes de ser Sacerdote, anno de 1633.

*Colligite quæ Superaverunt fragmenta, ne pereant.*  
Joann. 6.

§. 1.

152



Omo he uso antigo, & sempre praticado na guerra depois das batalhas, principalmēte vitoriosas, tocar a recoller os exercitos, para que descancem os soldados, & sejaõ vistos, como em triũfo, & conhecidos os ven-  
Tom. 12.

cedores: assim o General supremo da Igreja Militante manda hoje a seus Apstolos, que recolhaõ as reliquias, & fragmentos dos cinco pães, que vencerãõ, para que se não perca no esquecimento a memoria de tam illustre combate: *Colligite quæ superaverunt fragmenta, ne pereant.* Este he com novo, & sublime

Joann. 6. 12.

I iij subline

sublimê pensamento , o sentido das palavras , que propuz , & este o primeiro reparo , que podem fazer nelle os doutos , por não dizer os criticos. A palavra , *superaverunt* , té igualmente dous sentidos naturaes : quando se falla de batalha , significa vencer ; & quando de banquete , ou convite , que he a materia do presente Euangelho , quer dizer , sobejar : logo , fallando com propriedade , parece que havia eude dizer, sobejaraõ , & não , venceraõ. Esta replica pede hũa razaõ ; eu a satisfarei com duas. Hũa das mayores escolas de Marte , que hoje tem o mundo , he a nosta Bahia ; & porque o Mestre unico desta bem exercitada milicia , sobre querer authórizarse com sua illustrissima presença o auditorio , advertio que sendo o dia de banquete , fossem proporcionadas as iguarias ; que outra proporçaõ lhe podia eu achar mais accõmodada aos ouvidos tam

costumados ao som das caxas, & trombetas, senão fazellas tambem bellicas, marciaes, & de guerra ? Taes toraõ as vozes com que o Profeta Isaias, tendo ElRey Balthazar convidado a mil Principes do seu Imperio, lhes tocou não esperadamente a rebate, & que trocassem os pratos com os escudos : *Comedentes, & bibentes : surgite Principes, arripite clypeum.*

Isai. 21.

5.

153. Esta he a primeira razaõ , com que não póde deixar a minha obediencia de responder ao favor do offercimento , que em todas as leys da cortezia devia eu aceitar , como mandado. A segunda , & que pertence á bem fundada duvida dos criticos , não he , como não deve ser , minha , mas de hum tam grande , & judicioso Interprete , como he entre os antigos Padres , o sutilissimo Eusebio Emisleno. As palavras do seu novo , & maravilhoso cõmento

Euseb.

Emislen

são estas : *Non sunt panes nisi*

*nisi quinque, manducantes autem plus millibus quinque:* Os pães são lómente cinco, os que comem são mais de cinco mil. *Illi manducant, panes crescunt:* Os homens comem, os paens crescem. *Certamen fit inter panes, & homines.* Que he isto, senão húa batalha campal entre paens, & homens? E qual o fim della? Milagroso, & que de nenhum modo se podia esperar. *Vincunt panes, superantur homines:* Os paens, sendo comidos, vencem; & os homens, que os co-

mem, são vencidos. Isto disse com tam maravilhoza novidade, como he a do caso, o grande Emilleno: & isto he, com mayor largueza, o que nós ouvitemos em hum só discurso, mas tal, que desde o principio até o fim nos mostre em toda a narração do Evangelho os verdadeiros preceitos de Marte; & o que desde o tomar as armas, até o recolher os despojos, devem desejar os vencedores foldados.

*Ave Maria*

---

*Colligite quæ superaverant fragmenta, ne pereant.*

§. II.

154 **A**ltamente diffe Salamaõ, q as guerras se haõ de governar com o leme: *Gubernaculis tractanda sunt bella.* E qual sera, não digo nas guerras navaes, mas nas terrestres, o leme? Não ha duvida, que he o conselho. Por isso

os cultos da grammatica militar dizem acertadamente, que as batalhas se daõ na campanha, mas as vitorias se alcançaõ no gabinete. Christo Redemptor nosso não perguntava para saber, senão para ensinar; & para ensinar, que nos casos semelhantes

Prov.  
20. 18.

ao presente , se ha de tomar conselho , & de quem. Apontando primeiro para a grande multidão dos que o seguião , perguntou a Philippe : *Unde ememus panes , ut manducent hi ?* Donde compraremos pão , para dar de comer no deserto a tanta gente ? Antes de ouvir a resposta , he muito de notar , a quem Christo fez a pergunta , & a quem a não fez. Parece q' o consultado em primeiro lugar havia de ser Judas , como aquelle que tinha cuidado do provimento , & sustento do Collegio , & era o Thesoureiro das esmolas , de que a sua pobreza se valia : & do mesmo modo parece que se não devia consultar Philippe , por ser entre todos os Discipulos de Christo o menos provecto nas sciencias do seu estudo , segundo o que o mesmo Senhor lhe tinha dito : *Tanto tempore vobiscum sum , & non cognovistis me ? Philippe , qui videt me , videt & Patrem meum.* Mas assim na pes-

soa perguntada , como na que não perguntou , nos deu Christo dous soberanos documentos. Não perguntou a Judas , porque era traydor ; & de hum ministro de pouca fê , & verdade , tal vez se podem dissimular os turcos da fazenda ; mas os segredos da guerra , de que depende a conservação do Estado , por nenhum modo se lhe devem fiar. Consultou porém , & perguntou Christo a Filipe , porque era natural de Bethsaída , & pratico daquelle paiz , de cuja experiencia em qualquer lavrador , ou pastor rustico , depende muitas vezes o acerto das resoluções mais , que da agudeza , & discurso dos sabios , que entendem , mas não adivinhão. Porém Filipe como se vio chamado a Conselho , sendo que só se lhe perguntava o lugar , donde se podia comprar o pão : *Unde ememus panes ;* meteo-se a Ministro , difficultando , & impossibilitando a compra , & exagerrando

Joann.  
6. 5.

Joann.  
14. 9.

Joann.  
6. 7.

rando a summa de dinheiro necessario para ella : *Ducentorum denariorū panes non sufficiunt eis, ut unusquisque modicum quid accipiat.* E se o seu voto se seguira, sem duvida morreria à fome toda aquella multidaõ de homens, como outras vezes acontece pelo mal entendido zelo de Ministros tam acanhados no animo, como Philippe o era na Fè. Não ha votos mais perniciosos na paz, & na guerra, nem mais bem accitos commūmente aos que governaõ o leme, que os que por poupar a fazenda impossibilitaõ as acções, com que o que havia de ser trabalho, he ociosidade, & o que havia de importar muito, se resolve em nada.

155 De Philippe passou o Senhor a S. André, o mais antigo de todo o Apostolado, & por isso com a principal qualidde de Conselheiro. Mas tambem aqui se póde com razão duvidar, porque não consultou antes a S. Pedro.

Direi : S. Pedro era tam destemido, & arrojado, que elle só se atreveo a tirar pela espada, & investir com hum esquadraõ armado de soldados Romanos : & homens de espiritos tam alentados saõ mais para desfazer as difficuldades na execuçaõ, que para cõsultar se se devem, ou não, emprender. Duas partes teve o voto de Santo André, & a primeira de grande juizo, & acerto. Aqui ha, disse, hum moço, que tem cinco paens ; *Est puer unus hęc, qui habet quinque panes.* O voto verdadeiro ha-se de fundar no que he, & no que ha, ou seja muito, ou pouco ; & não votos muy elegantes, & discretos, mas fundados no impossivel, que dizem o que fora bem haver, & não ha, & fora bem ser, & não he. Na segunda parte reconheceo André a difficuldade, & desproporçaõ dos cinco paens para sustentar a tantos mil : *Sed hęc qui l inter tantos ?* E tambem aqui acertou, como

Joann.  
6. 9.

Ibid.

mo

mo bom Conselheiro de guerra, sem advertir porêm qual era o General, debaxo do qual militava. Considerando Christo Senhor nosso esta mesma proporção do numero que háde haver dos combatentes de hũa, & outra parte, disse assim: *Quis Rex iturus committere bellum adversus alium Regem, nos sedens prius cogitat si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se?* Que Rey ha, diz o Senhor, o qual sabendo que vem outro a acometello com hum exercito de vinte mil soldados, não cuida primeiro muito devagar, se pôde sahir só com dez mil a pelear com elle em campanha? Boa consolação, & tam necessaria, como animosa para os Capitaens mais versados na Aritmetica, que na milicia, os quaes dizem, quasi hereticamente, que Deos sempre se costuma pôr da parte onde ha mais molqueteiros. Heresia muitas ve-

zes condemnada na sagrada Escritura, onde se diz, que tam facil he a Deos vencer com poucos, como com muitos: *Non est differentia in conspectu Dei calibrare in multis, vel in paucis.* Mach. lib. 1. 3. 18.

156 Desta sentença de Christo pôde inferir, não digo o nosso temor, mas o nosso cuidado, que ainda que os inimigos, que nos infestaõ, tenhaõ dobradas bocas de fogo, nem por isso devemos recear, ou desconfiar da vitoria. Mas não he isto só o q̄ aquella sentença significa, sendo a nossa guerra puramente defensiva. Quando Christo diz que pôde hum Rey esperar, que com dez mil combatêtes resista, & prevaieça contra o que o acomete com vinte mil, falla expressamente de batalha campal, & guerra em campanha, como se colhe claramente das palavras: *Si possit cum decem millibus occurrere ei: & a nossa guerra, nas circunstancias presentes, pôde com dez mil resistir,*

Luc. 14.  
31.

Luci

resistir ; & defender-se ; não ló de vinte , senão de cem mil ; porque na campanha pelega hum homem contra outro homem de peito a peito ; porèm os q̄ se defendem cubertos , & armados das suas fortificações , com hũa muralha diante , ainda que se-jaõ Pigmeos , em respeito dos outros homés saõ Gigantes. Assim o diz o Profeta Ezechiel da confiança , ou desprezo , com que os soldados da Cidade de Tyro zombavaõ , sendo pigmeos , de todos os seus fitiadores , mostrandolhes ós arcos , & as aljavas penduradas da altura dos muros , donde comparados com os outros homens eraõ Gigantes : *Sed & Pigmei, qui erant in turribus tuis per gyrum : ipsi compleverunt pulchritudinem tuã.*

Ezech.  
27. 11

§. III,

157 **M**As que he o q̄ ouço ? Saõ as trombetas , & caxas da noſſa guerra , do noſſo Eu-

angelho , que tocaõ a arma. Pede Christo os cinco paens ; & com elles nas mãos , & os olhos nos cinco mil homens , diz o Evangelista , que levantando-os ao Ceo deu as graças a Deos, antes de partir, nem distribuir os paens : *Et cum gratias egisset , distribuit discumbentibus.* Joann. 6. 11. Esta anticipada acção nos obriga , posto que já com as armas nas mãos, a reparar nella , & a não passar em silencio , sendo tam nova , & ainda encontrada com a razaõ. As graças daõ-se depois da guerra , da batalha , & da vitoria : entãõ se canta o *Te Deum*, & se fazem as outras solemnidades. Pois se isto, segundo o pensamento q̄ seguimos de Emisseno, era hũa batalha entre os pães, & os homens : *Certamen fit inter panes , & homines* ; como anticipa Christo as graças antes de se dar a batalha ? Porque era sua. Nas guerras de Christo primeiro he o vencer , que o pelejar. Arrebatado S. Joaõ nas

nas visões do Apocalypse ouviu hũa voz , que lhe dizia : *Veni, & vide*: Vem, & vê : abriu os olhos , & vio sobre hum cavallo branco hum mancebo de gentil disposição , armado de arco, & aljava : *Ecce equus albus, & qui sedebat super eum habebat arcum* ; & não tinha bem admirado o ar , & bizzaria , com que o cavalleiro do Ceo vinha sahindo , quando vio , que lhe punhão na cabeça hũa Coroa : *Et data est ei Corona*. Coroa ? Logo já tinha vencido. Mas como tinha vencido , se só trazia na mão o arco , & ainda não tinha disparado as settas ? Porque este galhardo mancebo, como diz Santo Agostinho , era o Verbo Eterno , que sahia do Ceo a conquistar o mundo ; & nas conquistas, & batalhas de Christo , primeiro he o vencer, que o pelejar ; primeiro a vitoria , que a batalha : o mesmo Texto o diz expressamente : *Et exivit vincens, ut vinceret*: Sahio vencedor para vencer :

se vencedor , já tinha vencido ; se para vencer, ainda não tinha dado a batalha. Mas isto mesmo era ser Christo , que só elle, antes de pelejar , vence , & antes de dar a batalha, já he Senhor da vitoria. Por isso estando ainda com os cinco paens nas mãos, antes do famoso , & nunca visto combate , pondo os olhos na multidão , que havia de ser vencida, & levantando-os juntamente com as mãos ao Ceo , dá as graças a Deos , como vencedor.

158 Primeiro que tudo mandou o Senhor a seus doze Apostolos , como a outros tantos Sargentos Mayores de Batalha , que dividissem os cinco mil homens em cem esquadras , cada hũa de cincoenta ; & porque a batalha havia de ser comendo ao modo , & ao uso , com que se punhão á mesa os Hebreos , os fizessem recostar sobre o feno, de que havia muito naquelle deserto. Se o pão se houvesse de

Apoc.  
6. 2.

Apoc.  
6. 2.

de dar juntamente a tanta multidão de homens famintos de três dias, qual feria o tumulto, & labyrintho? Por isso mandou, que se dividissem, & puzessem primeiro em ordem. Multidão desordenada he confusão; com ordem, he exercito. Desordenada serve só de levar despojos ao inimigo; com ordem, na mesma ordem, & em si leva já segura a victoria. Esse he o respeito, porque Salamaõ pintando hum exercito formidavel, & terrivel, não o encareceo pelo numero dos combatentes, ou pelo luzido das armas, senão pela ordem de todo elle: *Terribilis ut castrorum acies ordinata*. Ordenada, & disposta assim a campanha, então repartio Christo aos doze Apostolos os cinco paens, lançandolhes primeiro a sua benção, & divididos em igual proporção com os homens, fahirão os paens ao combate por todos os modos novo, elles cinco, & estes cinco mil.

159 Agora se verá a muita razão, que teve S. André, & a pouca fê com que disse: *Quid hæc inter-tantos?* Quanto à razão: os melmos, que haviaõ de comer se podiaõ rir, ou chorar dos poucos bocados de paõ, com que os Apostolos queriaõ tapar tantas bocas. Quando Josuè, & Caleb tornáraõ de explorar a terra de Promissão, disseraõ que não havia que temer na conquista, porque os filhos de Israel aos Amorreos os podiaõ comer a bocados, como paõ: *Neque timeatis* Num. 14. 28. *populum terræ hujus, quia sicut panem ita eos possumus devorare*. Devorar, disseraõ & engulir, q̄ he muito mais facil que comer, zombando da difficuldade do paõ, em que não ha osso, nem espinha. O mesmo podiaõ dizer neste caso os cinco mil comedores, não havendo para a sua fome paõ, senão tam pouco para tantos. Nem lhes falta o exemplo da Escritura muito mais proprio, & encarecido

recido aos mesmos paens, que haviaõ de ser comidos. Estando em campo, ou tendo inundado todos os campos, contra os Hebreos, o exercito dos Madianitas, cujo numero cõpara o Texto sagrado não menos que às areas do mar: sonhou hum soldado que via cair, & rodar do Ceo hum paõ, o qual dando no mesmo exercito o desbaratava todo, & destruhia: & contando o sonho a hum companheiro, inspirado este por Deos disse com espirito profetico: *Non est hoc aliud nisi gladius Gedeonis*. Isto, que viste, não he outra cousa, senão a espada de Gedeão. E assim foi; podendo dizer os cinco paens daquela batalha, em que agora entravaõ, não só o mesmo, mas com mayor propriedade, & mais ajustada a todas suas circunstancias; porque o paõ, que deſcia do Ceo, segundo a Versão que refere Abulente, não só era hum, senão *canistrum panis*, que vem a

ser a cesta, em que trazia o menino os cinco paens: *Est puer hic, qui hab. t quinque panes*. Os Setenta Interpretes lem: *Mensa panis*, Mesa de paõ; & tal era a que os cinco mil divididos esperavaõ assentados já, ou recostados á mesa: *Discumbentibus*, & todos sem discrepancia, que era paõ de cevada: *Hordeaceus*; & assim o diz o Evangelho: *Ex quinque panibus hordeaceis*. Finalmente Vatablo com novo reparo: *Streptus panis*: & Caetano: *Tremor panis*: Estrôdo, & tremor de paõ. Pois se o paõ era hum, ou tam pouco, que o trazia hum menino em hũa cesta, como se chama estrondo, & tremor de paõ: *Streptus*, & *tremor panis*? Porque tam estrondosa, & tão formidavel havia de ser esta batalha dos cinco paens comidos, contra os cinco mil comedores, de que elles se riaõ, ou choravaõ de ser tam pouco paõ contra tantos homens.

Judic.  
2. 14.

Abul.  
quæst.  
16.

§. IV.

160 **A** Ssim se come-  
çou o comba-  
te , cuidando todos que  
havia de acabar em hum  
momento sendo tantos os  
gastadores , & tam pouco  
o que se havia de desba-  
star. Mas depois que os  
Apostolos começando pe-  
la primeira , acabáraõ pela  
ultima das cem esquadras,  
entaõ comendo todos , se  
ouvio o estrepito , ou  
estrondo da marcha, & pa-  
receo que a terra , & todo  
o delerto tremia : *Strepi-  
tus, & tremor panis*. Passou  
a admiração a espanto , &  
a primeira, & mais que ad-  
mirada foi a natureza Eu ,  
dizia a Natureza , tambem  
lei , & posso fazer do pou-  
co paõ muito paõ ; mas  
isto quando mais apressa-  
damente , em tres mezes.  
Ha-se de arar a terra, ha-se  
de semear, & gradar o tri-  
go , ha de regallo o Ceo ,  
ha de amadurecello o Sol,  
haõ de colhella suando os  
segadores ; posto em pa-

veas na cyra , depois de  
calcado , & limpo , hade  
ser moido , depois amassa-  
do, & leve dado , depois fi-  
nalmente cozido , atè que  
se possa comer. Mas isto  
quando menos , como di-  
zia, em tres mezes ; & or-  
dinariamente desde as ne-  
ves de Dezembro atè as  
calmas de Agosto. Mas  
em hum momento, crescer  
das mãos á boca ! S. Ago-  
stinho diz que crescia nas  
mãos de Christo ; S. Chry-  
lostomo , que nas dos Apo-  
stolos ; S. Hilario , que nas  
dos que comiaõ ; & tudo  
era ; mas principalmente  
nestes ultimos ; porque  
partido o paõ , que a cada  
hum coube , em quanto a  
maõ direita o partia, & le-  
vava à boca , já na esquer-  
da ficava outro tanto , que  
se podia tornar a partir , &  
desta maneira , quanto  
mais partiaõ os comedo-  
res, tanto mais cresciaõ os  
paens comidos. Oh se  
o mundo soubesse enten-  
der, & aprender esta traça  
de multiplicar o paõ ! *Par-*

Thren.

4. 4.

*non erat , qui frangeret eis,* diz Jeremias : Pedirão pão os pequenos , & não havia quem lho partisse. Partisse , diz ; porque a falta de não haver pão he , porque não ha quem o parta , & reparta. Grande prova no mesmo Evangelho. Neste milagre , como veremos , sobejáráo doze alcofas de pão ; em outra semelhante sete ; & porque menos pão naquelle , que neste ?

Matth.  
II.

161 Naquelle eraõ mais os paens , & menos os comedores ; porque eraõ os paens sete , & quatro mil os comedores : neste os paens eraõ cinco , & os comedores cinco mil : logo lá onde os paens eraõ mais , & os comedores menos , haviaõ os paens de crescer mais ; & cá onde os paens eraõ menos , & os comedores mais , haviaõ os paens de crescer menos. E porque não foi assim , senão pelo contrario? Pela razão expressa , & infallivel , que tenho dito. Onde os pães eraõ sete , & os comedores quatro mil ,

foi necessario , q̃ os pães se partissem , & repartissem menos ; & onde se partiraõ , & repartiraõ menos , tambem cresceraõ menos : porẽm no nosso caso , em que os paens eraõ menos , & os homens mais , foi necessario , & forçoso , que os paens se partissem , & repartissem mais , & por isso cresceraõ mais. Não vos cresce o pão em casa , porque o não sabeis partir , & repartir com os que carecem delle. Se o partissem , & repartissem , elle cresceria , assim como cresceo , sendo tam pouco , & os comedores tantos , nesta batalha. Nas outras guerras , huns vivem , outros morrem , & dos vivos são vencedores os mais valentes ; & vencidos os mais fracos : aqui nenhum morreo , porque os comidos só matavaõ a fome dos comedores , mas os mesmos comedores ficando sem fome mais alentados , & inteirinhos foraõ os vencidos ; & os poucos paens comidos , desbaratados , & feitos em

em pedaços, os vencedores: *Vincunt panes, superantur homines.* Hũa das maiores vitórias, que vio o mundo, & na realidade a mayor de todas, foi a de Samsão, quando elle sendo hum só, venceu, & matou a mil: *Percussit mille viros.* Tal foi a vitória de cada hum dos cinco paens, elles só cinco, & cinco mil os vencidos. Mas porque a vitória tanto he mais gloriosa, quanto menos proporcionados os instrumentos, o mesmo Samsão ponderou na sua, que vencera os mil homens com hũa queixada: *In mandibula deleui eos, & percussit mille viros.* Assim o fizeram também, ou fez cada hum dos cinco paens; porque cada hum venceu a mil, & não com queixada alhea: *In mandibula pulli, senão com as mesmas queixadas dos que os comião: Illi manducant; panes crescunt: vincunt panes; superantur homines.*

Tom. 12.

162 Vencida a batalha, & nenhũa tam gloriosamente como esta, mandão os Generaes tocar a recolher os soldados vencedores; & assim mandou Christo a seus Discipulos, que em final da vitória recolhessem as reliquias, & fragmentos della, para que se não perdessem: *Colligite quae superaverunt fragmenta, ne pereant.* Fizerão no assim os Apostolos, & admirase com razão S. João Chrysostomo, que recolhessem cheas doze alcofas, nem mais, nem menos: *Quia nec plus, nec minus fecit superfluum esse.* Doze, & só doze! Bem; porque eraõ doze os Apostolos. Mas porque não treze, para que chegasse também a Christo a sua? Porque era Christo o General. As alcofas tecem-se de palmas, as palmas significão as vitórias, as alcofas cheas de pão, os despojos dellas: & o General de sublimes pensamentos, qual Christo, da vitória só que a honra;

K dos

Judic.  
15. 16.

Ibid.

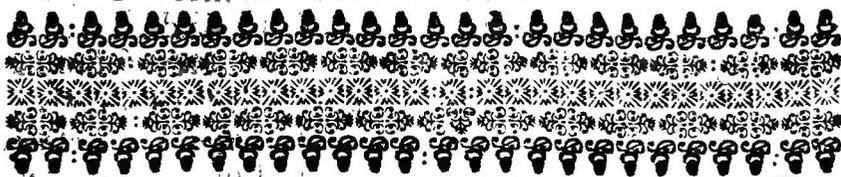
dos interesses della, nada para si, tudo para os seus soldados. Assim o fizeraõ generosamente, sem conhecimento do verdadeiro Deus; hum Agestão, hum Alexandre, hum Vespasiano, & dos que o conheceraõ antes de ser homem; David, Joluè, Jette, Gedeão, Samtaõ, & Judas Machabeo, dos quaes disse com não menos levantado pensamento S. Bernardo: *Nemo eis communicavit in gloria*. Vendo os vencidos o milagre, & parecendo-lhe acção verdadeiramente Real a de hum Capitão, que não só não mata os homens à fome para comer elle, mas mata a fome aos homens, para os vencer; que resolverão entre si? Resolvem, & determinão todos de acclamar a Christo por Rey, ainda que elle o repugnasse: *Ut raperent eum, & facerent eum Regem*. Entendeo-lhe o Senhor os pensamentos, & para ultima prova do seu desinteresse deixando-os com o titulo

de Rey quasi na boca, se retirou só para o monte: *Fugit iterum in montem ipse solus.*

163

**A** Que acaba o Evangelho, & eu tambem tenho acabado o Sermão. Mas se he verdade, nomehe, o que diz Santo Agostinho, que os milagres depois de entendidos fallão: *Habent miracula, sed intelligantur, linguam suam*; ainda que o Evangelista se nos calou, não deixa o milagre de fallar. Ouçamoshe duas palavras. Em Christo Sabe-doria eterna pedir conselho: *Unde ememus panes?* diz que sem conselho nenhuma cousa façamos; porque nenhum homem he tão sabio, que não esteja sujeito a errar. Em ser errado o dos Apostolos, por não recorrerem aos poderes de Christo: *Sed hec quid inter tantos?* diz que elle deve ser o Oraculo, a que em todas nossas duvidas, & difficuldades deve-mos





# S E R M A Õ

D A

## RESVRREIC, A Õ DE C H R I S T O,

Na Matriz da Cidade de Belem do Pará,  
anno de 1658.

*Nolite expavescere: JESUM quaeritis Nazarenum. crucifixum: surrexit, non est hic.*

Marc. 16.

§. I.



164

Que parecidas são as obras de Christo, ainda as que menos se parecê!

As tristes, & as alegres: as dolorosas, & as gloriosas: as de sua morte, & as de

sua Relurreição; todas causão os mesmos effeitos.

Pasmadas deixamos as Marias olhando para o sepulcro de Christo, quando se fechou, & pasmadas por deixarem alli morto a seu Senhor: *Erat autem*

*ibi Maria Magdalene, & altera* Math. 28. 61.

altera Maria sedentes contra sepulchrum. Pasmadas acho hoje outra vez as mesmas Marias no mesmo sepulcro : & pasmadas de o acharem resuscitado : *Nolite expavescere : Jesum queritis : surrexit.* Demaneira que Christo morto faz pasmar com a sua morte : & Christo resuscitado faz pasma com a sua Resurreição , sendo a Resurreição , & a morte duas cousas tam encontradas. Entrárao as Marias no sepulcro , viraõ hum Anjo vestido de neve , & luz , que lhes deu novas da Resurreição do Senhor , a quem buscavaõ morto ; & ficáraõ tam affombradas , & pasmadas do que ouviaõ , & do que viaõ , que por muito tempo não tornáraõ em si de affombro , & de temor , por mais que o Anjo as animava a que não temessem : *Nolite expavescere.* A hora em que isto succedeo tambem tem contradicções no Evangelho. Diz o Evangelista , que quando as Marias vie-

Tom. 12.

raõ ao sepulcro , era muito de madrugada , mas já depois do Sol nascido : *Valde mane , orto jam Sole.* Marc. ibi 2. Se era muito de madrugada , como era já nascido o Sol ? E se era já nascido o Sol , como era muito de madrugada ? Tudo era. Era muito de madrugada ; porque ainda não era nascido este Sol natural , que nos allumia : *Valde mane :* & era já o Sol nascido ; porque já o verdadeiro Sol Christo era resuscitado : *Orto jam Sole.*

165. Nas obras da natureza , & nas obras da graça tem grandes semelhanças a Resurreição de Christo ; mas nenhuma tam semelhante como a do Sol. Poem-se o Sol no seu Occaso , deixa o nosso emisferio escuro , em quanto delce , & vai allumias os Antipodas ; torna outra vez a nascer claro , resplandecente , & coroado de raios : enxugando as lagrimas da Aurora : restituindo a cor , & a fermosura aos campos : despertando as musicas das aves :

k iij douran-

dourando os Ceos, & alegrando a terra. Tal o Divino Sol Christo no dia de sua Resurreição. Anoteceira no Occidente do seu sepulcro amortalhado em nuvens, deixando todo o mundo ás escuras na tristeza de sua Paixão: desceu a visitar, & allumiar os lugares do Limbo, onde os Santos Padres, como desconsolados Antipodas, havia tantos annos estavam esperando a chegada daquelle dia: & voltou outra vez á hora determinada, fazendo Oriente do seu mesmo Occaso: amanhecendo claro, & fermosissimo, vestido, & coroado de resplandores de gloria. Enxugou primeiramente as lagrimas daquelle Aurora Divina a Virgem Santissima: restituhio a cor, & a fermosura á sua Igreja, mudando os lutos, de que estava cuberta pela sua morte, em cores, & galas de festa: trocou as la-

mentaões em musicas alegres, & os seus sentidos em alleluyas: dourou os Ceos como mostraraõ os Anjos, que hoje appareceraõ vestidos de branco, & ouro: finalmente alegrou a terra, dando a todos os homens muy alegres Palchoas: as quaes o mesmo Senhor de a Vossa Senhoria, & a todo este nobre, & muy devoto auditorio, com tâtos dos verdadeiros bês, como o mesmo Author delles deseja. Para q̃ nõs vejamos os verdadeiros meyo, por onde havemos de conseguir, & segurar estes bens, & tiremos desta grande solemnidade o proveito de nossas almas, que ella nos offerece: peçamos áquella Senhora, a quem tocou a melhor, & a mayor parte das glorias deste dia, nos assista nestas memorias delle com o favor de sua graça.

*Ave Maria.*

*Nolite*

S. II.

*Nolite expavescere : JESUM queritis Nazare-  
num, crucifixum : surrexit, non est hic.*

166 **N**ÃO temais, disse o Anjo ás Marias : *Nolite expavescere* ; mas ellas nem por isso deixárao de temer. Antes diz o Evangelista , que fugiraõ do sepulcro não só temendo , mas tremendo :

*At illa exeuntes fugerunt de monumento, invaserat enim illas pavor, & tremor.* Foi tal o seu temor, & assombro, que dizendolhas o Anjo que levassem a nova aos Discipulos, nem a fallar se atrevêraõ de puro medo : *Et nemini quidquam dixerunt, timebant enim.* Notaveis effeitos por certo em tal lugar! Notaveis effeitos com tal nova ! E notaveis affectos em tal dia! Em dia da Resurreição temor? Em dia da Resurreição pavor, & assombro? Alegrias, festas, prazeres são os effei-

tos, & os affectos proprios deste dia; mas temor, & tremor? Notaveis effeitos, torno a dizer, em tal dia! E se repararmos em quem eraõ as que temêraõ, ainda nos admiraremos mais. Eraõ as Marias hûas mulheres tam pouco mulheres, eraõ hûas mulheres tam varonis, hûas mulheres tam homens, que de noite sabiraõ de suas casas, de noite passaraõ pelas portas da Cidade, de noite andaraõ por lugares desertos, & despovoados, & tam medonhos como costumaõ ser os cemeterios dos defuntos, & os lugares onde padecem os justificados. O monte Calvario, chamava-se Calvario, por estar semeado das caveiras, & dos ossos dos que ahi hiaõ a justicar; Pois mulheres tam destemidas, &

K iiij tam

Marc.  
ibi 8.

Ibid.

tam animosas, que vão a estes lugares de noite, quando achão a Christo resuscitado do sepulcro, & quando lhes diz hum Anjo, que resuscitou, temem, & tremem? Sim; porque não ha cousa mais temerosa, & mais tremenda nesta vida: não ha cousa mais para fazer temer, & tremer os coraçõens mais valentes, & animosos, que a certeza da Resurreiçãõ. He certo, & de Fè, que Christo resuscitou: he certo, & de Fè, que eu tambem heide resuscitar: oh que temerosa consideraçãõ! Estas mesmas Marias, quando esta vão defronte do sepulcro de Christo morto, pasmãõ, mas não tremẽrãõ: agora no mesmo sepulcro com Christo resuscitado, pasmãõ, & tremem; porque muito mais he para temer hum resuscitado, que hum morto: muito mais para assombrar he a consideraçãõ da Resurreiçãõ, que a consideraçãõ da morte. Hum sepulcro de Christo com hum *Mir*

*jacet*, Aqui jaz, muito para temer he; mas hum sepulcro de Christo com hum *Non est hic*, não está aqui, porque resuscitou, *surrexit*, muito mais he para temer.

167 Ao menos eu em mim experimento q̄ muito mais temo o resuscitar, que o morrer: muito mais medo me causa a resurreiçãõ, que a morte; antes se temo a morte, he só por medo da resurreiçãõ. E porque? A razãõ he clara. A morte he o fim da vida que acaba: a resurreiçãõ he principio da vida, que não hade acabar: com a morte acaba-se a vida; com a resurreiçãõ começa a eternidade; & muito mais para temer he o principio da eternidade, que o fim da vida. Com o fim da vida acabaõ os males temporaes: com o principio da eternidade podem começar os males eternos: os males da vida tem o remedio na morte, que os acaba; os males da eternidade são males sem remedio, porque

porque ninguém lhes pode dar fim. A mesma terra insensível nos ensinou esta razão na morte, & Resurreição de Christo. Na

Matth.  
17. 51.  
Matth.  
28. 2.

morte: *Terra mota est*; na Resurreição: *Terræ motus factus est magnus*. E porque moveo mais a terra a Resurreição, que a morte? Porque a morte deve fazer muito abalo nos nossos corações de terra: *Terra mota est*; mas a Resurreição muito mayor: *Terræ motus factus est magnus*. E assim se vio por experiencia. A morte de Christo sendo acompanhada de tantos prodigios, não fez mais que: *Omnis turba eorum, qui simul aderant, percutientes pectora sua revertebantur*. Não fez mais, que tornarem para Jerusalem batendo nos peitos os que o guardavaõ na Cruz. Porém na Resurreição: *Exterriti sunt custodes*: temerão, & tremerão aflombrados os que o guardavaõ no sepulcro. A's Marias; *Invasit eas tremor, & pavor*. Os Apo-

stolos no Cenaculo tremendo: *Mulieres ex nostris terruerunt nos*. Em fim tudo medo, & tudo temor. Luc. 2  
22.

## §. III.

168 **P**Ois que havemos de fazer no dia da Resurreição de Christo? entristecemos? tremar? temer? encarrarnos? sepultarnos? meter nos vivos na sepultura, donde Christo sahio? A esta pergunta não se póde responder do Pulpito; do Confessionario sim. Se estais em estado de peccado mortal, temei, & tremei, & causevos grande tristeza a resurreição; mas se estais em graça de Deos, & tendes propósitos firmes de a conservar, alegrai vos, ponde a vossa alma, & o vosso coração muito de festa, & não temais. Assim o disse o Anjo às Marias: *Nolite expavescere*. Notai. Quando o Anjo desceo do Ceo, & revolveo a pedra da sepultura, ficarão aflombrados todos os guardas

Luc. 23.  
48.

Matth.  
28. 4.

guardas do sepulcro , & o Anjo não lhes disse : *Nolite expavescere*; & ás Marias fim. E porque diz ás Marias , que não temão ; & porque não diz o mesmo aos soldados ? Porque as Marias hiaõ buscar a Christo ao sepulcro para o servir : os soldados hiaõ guardar o sepulcro para o perseguir , & para o afrontar. E aquelles q̄ perseguem , & que offendem a Christo : elles he bem que temão na Resurreiçãõ , porèm aquelles que o amaõ , & que o servem , elles não tem que temer : *Nolite expavescere*. Tema Pilatos , que o condemnou : tema Herodes , que o afrontou ; tema Judas , que o vendeo : tema Caifas , que o blasfemou ; & temão todos os que o perseguiraõ , & o crucificáraõ , quando sabem que elle resuscitou , & que elles tambem haõ de resuscitar. Porèm a Magdalena , & as outras Marias : a Magdalena , & as outras Marias , que o buscaõ , & que o servem , que se não podem

apartar delle , ellas não tem que temer : *Nolite expavescere*. Não he esta razão menos que do Anjo : *Nolite expavescere : Jesum queritis Nazarenum*. Se vòs bulcais a Jesu Nazareno , não temais. A energia destas palavras ainda está mais clara em S. Matheus , que neste passo he Cômmentador de S. Marcos : *Nolite timere vos ; scio enim quòd Jesum , qui crucifixus est , queritis*. Não temais vòs : ( notai muito a palavra vòs ) vòs que bulcais a Jesu , não temais ; porèm aquelles , que o não buscaõ : aquelles , que o não amaõ : aquelles , que o offendem , elles temão , & temão em sua Resurreiçãõ. A Resurreiçãõ para elles será morte , & tormento eterno , assim como para vòs será eterna vida , & eterna gloria. Os máos , porque haõ de resuscitar mal , tem muita razão de temer ; mas os bons , que haõ de resuscitar bem , não tem para temer razão algũa.

E que

169 E que grande alegria, & que grande consolação he para hum verdadeiro Christão na festa da Resurreição de Christo considerar que tambem elle hade algum dia resuscitar! Que grande seria a alegria da Magdalena, quando visse a seu irmão Lazaro resuscitado! A nossa alma he a nossa Magdalena: o nosso corpo he o nosso Lazaro. Que alegria será a de hũa alma cõsiderar agora, & ver depois este seu corpo, este seu cõpanheiro resuscitado! Ainda esta cõparação não explica. Que alegria seria a da Virgem Senhora, quando hoje visse resuscitado em tanta fermosura, & gloria a seu bemitissimo Filho! Esta cõparação he a propria. A Magdalena vio seu irmão resuscitado, mas resuscitado para tornar a morrer. A Senhora vio resuscitado a seu Filho, mas para não morrer já mais: *Mors illi ultra non dominabitur.* A Magdalena via a seu irmão resuscitado, mas em

corpo passivel, como o que dantes tinha. A Senhora vio resuscitado a seu Filho em corpo immortal, & impassivel, & ornado com todos os quatro dotes gloriosos. E taes haõ de ser estes nossos costaes de terra depois do dia da Resurreição. Cuidais que estes nossos corpos depois de resuscitados haõ de ser como agora, ainda os de mayor gentileza? De nenhum modo. A Feniz morre Feniz, & resuscita Feniz: o homem entra no banho do Bautifmo homem, & sahe homem: o grão de trigo semea-se trigo, & nasce trigo. Na Resurreição não he assim: *Seminatur corpus animale, surgit corpus spiritale*: o que se semea na terra da sepultura, he hum corpo com condições de corpo; & o que nasce na Resurreição, he outro corpo, ou o mesmo corpo cõ condições de espirito, que saõ os quatro dotes do corpo resuscitado. Havemos de ficar tam diferentes depois de resuscitados, que

1. Co-  
rinth.  
15. 44.

Job 19.  
16. 27.

que he necessario Fè para  
eremos, que seremos en-  
taõ os mesmos. Com esta  
Fè dizia Job: *Scio quòd in-  
novissimo die de terra surre-  
cturus sum: & rursum cir-  
cuundabor pelle mea, & in  
carne mea videbo Deum,  
quem visurus sum ego ipse,  
& non alius.*

170 Estes quatro do-  
tes são os mesmos, com q̃  
Christo hoje resuscitou:  
dote de futilidade, de agili-  
dade, de impassibilidade,  
de claridade. Hũ corpo cõ  
o dote da futilidade se quer  
passar desta Igreja para  
este pateo, não ha mister  
porta; penetra por essa pa-  
rede, assim como o Sol pas-  
sa por hũa vidraça sem im-  
pedimento. Os Judeos  
mandaraõ pòr grandes  
guardas ao sepulcro, para  
que não tirassem delle a  
Christo; & elle com a por-  
ta fechada, & sellada, por  
virtude do dote da futili-  
dade sahio da sepultura. Quã-  
do o Anjo abriu a porta do  
sepulcro, já o Senhor não  
estava nelle; mas abriu-a,  
para que as Marias poder-

sem entrar, & ver. Da mes-  
ma sorte entrou o mesmo  
Senhor no Cenaculo: *Cum* <sup>Jonn.</sup>  
*fores essent clausæ;* com as <sup>20. 19.</sup>  
portas fechadas; porque  
os corpos resuscitados são  
corpos com propriedades  
de espirito, a quem não  
resiste, nem fazem impe-  
dimento as paredes. O se-  
gundo dote he a agilida-  
de; o qual consiste em hũ  
homem poder, quasi em  
hum momento, estar aqui,  
em Lisboa, & na India, &  
noutras mayores distan-  
cias. Christo no dia de ho-  
je appareceu à Magdale-  
na no sepulcro; às Marias  
na caminho de Jerusalem,  
aos Discipulos desespera-  
dos no do Castello de  
Emaús, aos Apostolos no  
Cenaculo, a S. Pedro não  
se sabe onde: & todas estas  
jornadas fez o Senhor, &  
fizera outras muito mayo-  
res em muito poucos mo-  
mentos. Do Ceo Emphyreo  
à terra ha tanta distancia,  
que se do principio do  
mundo lançáraõ de lá hũa  
bolla de chumbo, que cor-  
resse todos os dias oito-  
centas

centas legoas, ainda não teria chegado cá abaixo. E todo este caminho andou o Corpo de Christo resuscitado na sua Ascensão em hum momento. O dote da impassibilidade faz a hũ corpo incapaz de dor, de enfermidade, de morte: *Infer digitum tuum huc, & vide manus meas, & affer manum tuam, & mitte in latus meum.* Resuscitou Christo com as cinco Chagas; mas se quatro o matáram, como está agora vivo com cinco? & principalmente com a Chaga do lado: *Mitte in latus meum?* He porque hum corpo immortal, & impassivel, he incapaz de padecer, & morrer: & são as feridas, & as chagas nelle, como rubis sobre neve, que esmaltaõ a fermosura. O dote da claridade he ficar hũ corpo resuscitado muito mais fermoso, & resplandecente que o Sol. Christo cobrio seus rayos hoje, para poder ser visto, como se escreve de Moyses; porque se o viraõ como elle

era, morrerãõ todos de pasmo, & de contentamento. Aos Apostolos no Cenaculo appareceo no proprio habito, & figura em que andava neste mundo; só com as Chagas de mais: à Magdalena, & aos Discipulos de Emaüs appareceo transfigurado; mas de tal maneira, que o não pôdẽrãõ conhecer, nem pelo rosto, nem pelo vestido; porque à Magdalena se representou como Hortelaõ, & aos de Emaüs, como peregrino. Só no monte Thabor foi visto com o dote de claridade no rosto resplandecente como o Sol, & nos vestidos tam alvos como a neve: *Resplenduit facies ejus sicut Sol: vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.* E que succedeo a S. Pedro? Vio os vestidos de Christo com a mudança da cor, & o rosto soberano com a de rayos semelhantes ao Sol: & bastou esta vista, sendo só de dous accidentes exteriores, para ficar o Apostolo fóra de si:

Joann.  
20. 27.

Matth.

17. 2.

Luc. 9.  
33.

Ibid.

Matth.  
17. 9.

fi: *Nesciens quid diceret*; & não querer mais vida, nem mais gloria: *Bonum est nos hinc esse*. E para que depois entendesse elle, & os outros dous Discipulos, que este era hum dos quatro dotes com que haviaõ de resuscitar, lhes disse o Senhor: *Nemini dixeritis visionem, donec filius hominis à mortuis resurgat*: que guardassem silencio do q̄ viraçõ, atè que o vissem resuscitado. Elles sabõ os dotes gloriofos, com que hoje resuscitou Christo, & com os mesmos haõ de resuscitar estes nossos corpos. *17. 1*: Esta consideraçõ nos deve animar, & consolar muito em nossos trabalhos; considerando que este corpo mortal, que agora padece, virá tempo em que resuscite immorttal, & glorioso. Porque vos parece que padecia Job com tanta alegria tantos trabalhos, perdas de fazenda, de filhos, desgostos da mulher, dores nos ossos, nos nervos, nas ar-

teñas, nos olhos, na cabeça; na respiraçõ: cuberto de chagas, comido de bichos; & com tudo sempre alegre, & sempre contente: porque? Porque trazia hũa Nomina ao peccado com hũas certas palavras, que lhe davaõ fortaleza para sofrer tudo isto. E que palavras eraõ estas? *Scio quòd Redemptor meus vivit, Et in novissimo die de terra surrecturus sum.* Ha Nomina era: *Reposita est hęc spes mea in sinu meo.* Algũs consolãõ-se nos trabalhos com a morte, como Elias: *Patuit anima sua ut moreretur.* Não hade ser assim, senão com a resurreiçõ. Consolar com a morte, he consolaçõ de desesperados; com a resurreiçõ, he de quem espera: *Reposita est hęc spes mea.* Olhava Job para si, & dizia: *Padeces corpo? consolate com a resurreiçõ; que entãõ ferás impassivel: estás feyo, & disforme? contentate, que terás o doze da impassibilidade: estás entrevado. sem te poder bulir:*

Mat. 61

17. 9.

Job 19.

25.

3. Reg.

19. 4.

Job 13. bulir: *Posuisti in nervo per-*  
 27. *dem meam* ? confolate, que  
 terás o dote da agilidade:  
 eftás em hum muladar,  
 porque todos te fechaõ a  
 porta ? confolate, que terás  
 o dote da futiliza, &  
 não traverá para ti porta  
 fechada. E vós meus olhos,  
 não fazeis fenão chorar ?  
 confolai vos, porque vereis  
 a Deos: *In carne mea*  
*videbo Deum.*

que tinhaõ de devaçãõ ;  
 mas o que tinhaõ de obriga-  
 çãõ, fizeraõ-no primei-  
 ro ; terceira : não guardá-  
 raõ o buscalo para o fim  
 do dia, fenão logo no prin-  
 cipio delle ; quarta, & ul-  
 tima : buscaraõ a Christo  
 não reparando em traba-  
 lho, nem em gasto, nem  
 em credito, nem em peri-  
 go, nem em difficuldade.  
 Vejamos tudo breviffima-  
 mente, & comecemos pe-  
 la primeira.

§. IV.

172 **O** Ra fupposto,  
 que para não  
 temermos a refurreiçãõ o  
 meyo he buscar a Christo;  
 que meyo ha para o bus-  
 car feuramente ? O meyo  
 que ha para buscar a Chri-  
 fto feuramente, he fazer  
 o que hoje fizeraõ as Ma-  
 rias. Quatro coufas fize-  
 raõ as Marias hoje buscã-  
 do a Christo ; primeira :  
 buscáraõ a Christo com  
 prefupposto de que bus-  
 cando-o a elle, fe achariaõ  
 a fi ; feconda : buscáraõ a  
 Christo fazendo o que ti-  
 nhaõ de obrigaçãõ, & o

173 A primeira coufa  
 por onde começáraõ as  
 Marias, foi comprar aro-  
 mas para ungirem ao Se-  
 nhor : *Emerunt aromata*, Marc.  
*ut venientes ungerent Je-* 16. 1.  
*sum.* E fe bem fe adverte, já  
 entãõ Christo estava un-  
 gido por Jofeph, & Nico-  
 demos com cem livras de  
 unguentos : *Ligaverunt* Joanh.  
*illud linteis cum aromati-* 19. 40.  
*bus.* Pois fe Christo estava  
 ungido, para que o vem  
 ungir ainda mais ? Ora ve-  
 de. As Marias não vinhaõ  
 ungir a Christo, porque  
 Christo tivesse neccesfida-  
 de de fer ungido; fenão  
 porque

porque ellas tinhaõ necessidade de o ungir. Para Christo estar unguido, bastava que o ungissem Joseph, & Nicodemos; mas para as Marias terem o merecimento de o ungir, não bastava que Joseph, & Nicodemos tivessem unguido a Christo: era necessário que ellas o ungissem tambem; & por isto compraraõ aromas, para o ungirem, depois de tam unguido: *Emerunt aromata, ut venientes ungerent.* De maneira que em certo modo não vieraõ ungir a Christo por amor de Christo; vieraõ ungir a Christo por amor de si. Não porque Christo tivesse necessidade daquella unção; senão porque ellas tinhaõ necessidade daquelle merecimento.

174 Cuidaõ alguns, que fazem grande fineza, & grande serviço a Deos em o servirem. Deos não tem necessidade de nada, nem de ninguem: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges*; não

tem necessidade de. que nõs o sirvamos: nõs he que temos necessidade de o servir a elle. S. Francisco de Borja recebendo em seu serviço os criados da casa de seu pay defunto, & conservando juntamente os que tinha da sua, respondeo aos que lhe diziaõ que eraõ superfluos: *Estos queden; que tengo necesidad dellos: y essotros queden tambien; porque tienen necesidad de mi.* Deste segundo genero he que são todos, os que servimos a Deos. Não se serve Deos de nõs, porque tenha necessidade de nõs; senão, porque nõs temos necessidade delle. Ouçamos ao mesmo Deos: *Nunquid manducabo carnes tauro-<sup>Pfalm.</sup> 49. 11 rum, aut sanguinem hircorum potabo?* Cuidais que me fazeis grande serviço em me offerecer grandes sacrificios? Por ventura hei eu de comer a carne dos vossos bezeros, ou beber o sangue dos vossos cordeiros? Da mesma maneira não tenho necessida-  
de

de do vosso jejum ; porque eu não como o que deixais de comer : nem muito menos tenho necessidade da vossa reza ; porque tenho Anjos , que com melhores vozes continuamente me louvaõ. Finalmente , não hei mister que deis esmola aos pobres ; porque eu os sustentarei com a mesma facilidade , com que sustento as aves do ar , & os bichinhos da terra : mas vòs sois , os que tendes necessidade de dar esmola, de rezar, de jejuar, & de me fazer sacrificios. Assim que havemos de buscar, & servir, & amar a Deos com presuppõsto , que quando o buscamos a elle , nos buscamos, & nos achamos a nós; que , quando o servimos , nos servimos ; quando o amamos , nos amamos ; & quando gastamos com elle , gastamos , & despendemos conosco. Bem se vio nas Márias : compráraõ aromas : & quem se ungiõ com elles ? Ellas , & não Christo ; porq̃ tudo lhes ficou em

Tom. 12.

casa. E o mesmo fora se ungião ao Senhor , como lhe aconteceu a hũa dellas, a Magdalena , que quando ungiõ ao Senhor : *Capillis capitis sui tergebat*, dava cõ as mãos , & recebia outra vez com os cabellos; senão que o recebia melhorado, como tocado em tam soberanas reliquias.

175 Com este presuppõsto havemos de passar ás obras , que são obras de obrigação , & obras de devação ; mas às de obrigação primeiro : *Cum transisset Sabbatum , Maria Magdalene, & Maria Jacobi, & Salome , emerunt aromata , ut venientes ungerent Jesum.* Diz o Euangelista, que depois de passado o Sabbado , madrugáraõ muito as Marias , para vi-rem ungiõ a Christo com os aromas , que tinhaõ comprado , & prevenido. E porque não vieraõ ao Sabbado , senão depois que o Sabbado passou , isto he, ao dia seguinte , que era Domingo ? Porque o Sabbado naquelle tempo , & na-

L quella

Act. 1.  
11.

quella Ley, era dia Santo, & prohibido nelle o caminhar mais que certo numero de passos: *Quod est juxta Hierusalem, Sabbati habens iter.* E como a observancia do Sabbado era de preceito, & o ungir a Christo era devaçãõ, dilatãõ a obra da devaçãõ, para acudir primeiro à do preceito: *Cum transisset Sabbatum.*

176 A' obra do preceito se hade acudir primeiro, & deixar a Deos por amor de Deos, exercitando a obra de seu mayor agrado, & pospondo qualquer outra, ainda que boa, & santa, de que possa ser offendido. Vejamolo em Elias. Estava Elias em hum deserto metido numa cova orando a Deos, & fazendo penitencia, quando por mandado do mesmo Deos lhe apparece hũ Anjo, & lhe diz: *Quid hic agis Elia?* E bem Elias: vós aqui? que he o que fazeis? reprehendeo-o pelo que fazia, & pelo lugar, onde estava: *Quid hic agis?*

Pois estar Elias nũm deserto enterrado vivo numa cova, fazendo penitencia, orando a Deos, & contemplando, he lugar, & açãõ digna de reprehençaõ? Em Elias sim; porque Elias era Profeta d' ElRey Acab, & tinha obrigaçaõ de lhe prègar, & de lhe dizer o que convinha; & estar no deserto era devaçãõ, estar na Corte era obrigaçaõ. E deixar a obrigaçaõ pela devaçãõ, era obra digna de ser reprehendida, & castigada. Deos não quer que o sirvamos com offensa sua. Servir a Deos com offensa de Deos, he offendendo, não he servilo. E quanto ha disto hoje? Vai o outro, gasta quinhentos cruzados na festa de hum Santo, & não paga o que deve, nem aos officiaes que trabalhãõ. Isto não he serviço de Deos. Pagai o que deveis, que he obrigaçaõ; & entãõ fareis festas, que he devaçãõ. Vem-se confessar hũa devota. Jewais? Não. E porque? Desmayos, fraquezas, dores

res de estamago, & outras  
 excusas deste genero. Diz-  
 lhe o Confessor: Minha ir-  
 mã, tratai de vos conser-  
 var na graça de nosso Sen-  
 hor; & para isso enco-  
 mendai-vos muito á Vir-  
 gem nossa Senhora. Ah  
 Virgem Mãe de Deos,   
 nunca eu deixo de lhe je-  
 juar o seu Sabbado! Por  
 isto esperava. Pois vinde  
 cá: não jejuais vespóra de  
 S. Mathias, ou de São  
 Thomè, & jejuais o Sab-  
 bado? Melhor he jejuar  
 vespóra de S. Pedro, & S.  
 Paulo, que jejuar todos os  
 Sabbados: porque o jejum  
 dos Santos Apostolos he  
 preceito; & o jejum do  
 Sabbado he devaçãõ. Mas  
 sabeis porque acudimos  
 antes á devaçãõ, que ao  
 preceito? He porque no  
 preceito faz-se a vontade  
 de Deos; na devaçãõ faz-  
 se a vontade nossa. E nõs  
 queremos antes fazer a  
 nossa vontade, que a de  
 Deos. *In die jejunii vestri*  
*invenitur voluntas vestra*:  
 Nos vossos jejunos fazeis a  
 vossa vontade, diz Deos:

& eu quero quẽ façais a  
 minha. Tudo se pôde, &  
 deve fazer, como fizeram  
 as Marias. Guardáraõ o  
 Sabbado, q̃ era o preceito,  
 & fizeram a sua devaçãõ,  
 & cerimonia ao Domin-  
 go, que era devaçãõ: *Cum*  
*transisset Sabbatum, ut ve-*  
*nientes ungerent Jesum.*

§. V.

177 **S** Im; mas quando  
 se hade fazer?  
 No tempo em que he lici-  
 to, & logo, como fizeram  
 as Marias: *Valde mane*,  
 muito de madrugada, sem  
 o guardar para a tarde.  
 Christo entra em nossas  
 almas, ou nascendo, ou  
 resuscitando: na primeira  
 graça nascendo, na segun-  
 da resuscitando. Nasceo á  
 meya noite ao cantar do  
 gallo, & resuscitou antes  
 de sahir o Sol. E porque?  
 Para q̃ entendamos, q̃ pa-  
 ra Christo nascer, ou re-  
 suscitar em nossas almas,  
 he necessário madrugar,  
 & não o deixar para de-  
 pois. Quem era aquelle

L ij Pay

Pay de famílias, que sahio a alugar os operarios, que haviaõ de trabalhar na sua vinha? & quando sahio a alugalos? O Pay de familias era Christo; o quando, foi muito de madrugada: *Exiit primo mane conduce-re operarios in vineam suam.* Parece que o podêra fazer mais tarde sem nenhum perigo, porque a todas as horas daquelle dia achou sempre os operarios prõptos para trabalharem nella. Porque madruga logo, & tam cedo? Para nos ensinar com seu exemplo. A nossa vinha he a nossa alma; & o que he necessario para a cultivar, & colher della o fruto, que Deos espera de nõs, não o havemos de dilatar, nem tardar em lhe applicar os meynos, senão madrugam como fez o Pay de familias, não aguardando para outras horas, ainda que os meynos sejaõ certos, & não duvidosos, como he a nossa vida. *Ab altitudine diei timebo.* Eu, diz David, sendo hum homem tam

Matth.  
20. 1.

Pfal m.  
51. 14.

pouco medroso, sempre me temi muito do alto dia. E que lhe fazia medo a David entãõ, pois confessã esse temor? Fazialhe medo ser o alto dia o meyo delle, & terem-se passado já tantas horas naquillo que se hade fazer antes de sahir o Sol: *Valde mane.*

178 E que faremos nõs, os que já himos tam perto de elle se nos pór? Fazer como os Discipulos de Emaüs. A tarde daquelle dia mostrou Christo q̄ se queria apartar delles, & seguir seu caminho como peregrino; mas elles não só lhe rogãõ que ficasse alli; mas diz o Evangelista, que por força o obrigãõ a isto: *Coegerunt illum, dicentes: Mane nobiscum, quoniam advesperasit, & inclinata est jam dies.* Miseraveis daquelles; que o guardaõ para o fim da vida, para a ultima hora, & para o ultimo momento do dia! *In articulo diei illius ingressus est Noe in Arcam.* Para o ultimo momento do

Luc. 24  
29.

Genes.  
7. 13.

do dia , em que Noe se havia de embarcar na Arca , & Deos a havia de fechar por fora , esteve Noe esperando com ella aberta. E que lhe succedeo ? Caso verdadeiramente maravilhoso, & digno de grande horror ! Dilatou-se tanto , & esteve esperando , para ver se havia algum , que se convertesse , & quizesse focorrer a Arca ; mas nenhum houve , que chegasse ; porque quem nos annos em que se fabrica a Arca se não converte , não se converte no ultimo artigo. E para que nos não descuidemos, advertimos , que neste dia de nossa vida muitas vezes nos parece que nos restaõ muitas horas : & temos chegado ao ultimo artigo , em que se nos está pondo o Sol. Supponde que estaõ tres homẽs condẽnados à morte , & q̃ mandou ElRey q̃ hũ o lançassem ao mar na altura do Cabo Verde, outro na Linha, outro no Cabo de Boa Esperança ; mas qual houvesse de ser o pri-

Tom. 12.

meiro, o segundo, & o terceiro, q̃ o levasse quem havia de fazer a execuçãõ , em hũa carta cerrada , a qual se abrisse naquelles mesmos lugares. Dizeime : Haveria algum destes homens , que em qualquer altura destas não fosse tremendo ? Pois o mesmo passa comnosco. Todos estamos condemnados á morte : huns para o Cabo Verde , que saõ os q̃ morrem na flor dos annos; outros para a Linha , que saõ os que morrem de meya idade ; outros para o Cabo de Boa Esperança, que saõ os que morrem na velhice; mas em toda a parte havemos de hir com grande medo , por não sabermos quando chegará o nosso Cabo. Pois para isso preparemonos logo em sahindo da barra , que isso he o *primo mane*.

179 Assim o devemos fazer , & assim o fizeraõ as Marias , sem reparar em trabalho , nem em perigo , nem em gasto , nem em discredito , nem finalmen-

L iij te

te em difficuldade algũa. Não reparáraõ em trabalho ; porque se levantáraõ muito de madrugada , fahiraõ de casa , andáraõ pelas ruas da Cidade , & fahiraõ della atè o monte Calvario , & valle do sepulcro. Nem reparáraõ em perigo , que eraõ muitos , pela eicuridade da noite , pelo horror natural dos lugares delertos , & medonhos , & pelo temor das guardas dos muros , & principalmente pelos que guardavaõ a entrada cerrada , & sellada do monumento. Nem reparáraõ em gasto ; porque despendêraõ o dinheiro , & muito dinheiro em comprar os aromas preciosos ; pois hũa , & principal dellas era a Magdalena , tam costumada a despende muito em serviço de Christo. Nem reparáraõ em credito , sendo a Magdalena Senhora tam illustre , & acompanhando as q̄ eraõ mulheres , & mãys de pecadores ; & nem ella , nem as demais em serem vistas

naquelles lugares tam suspeitosos , como saõ á honra , & á virtude os adros , & cemeterios áquellas horas. Finalmente não reparáraõ em difficuldade ; porque dizendo , & duvidando entre si : *Quis revolv* Marc. 16. 3. *vet nobis lapidem* : quem lhe havia de tirar da porta da sepultura a pedra muito mayor que suas forças : *Erat quippe magnus valde* ; nem por isso paráraõ , ou tornáraõ atráz , antes forraõ por diante seguindo animosamente seu intento , & confiando em Deos.

180 O mesmo havemos de fazer nõs ; nem nos engane o mundo com a falla apprehensãõ do descãço ; porque com hum pequeno trabalho alcançaremos descãço eterno. Nã nos engane com os seus fallos perigos ; pois quando muito podem chegar atè a morte desta vida , que necessariamente hade acabar. Nem nos engane com o seu falso interesse ; porque por hũa pequena despeza alcançaremos os inte-

interesses do Ceo. Nem nos engane com a sua falsa honra ; porque por hum pequeno discredito com os homens , alcançaremos eterna gloria entre os Anjos. E finalmente não nos acovarde difficuldade algũa ; porque quanto maiores , tanto mais nos facilita Deus o vencelas. Eu antes quero grandes difficuldades , que as pequenas ; porque as pequenas correm por minha conta , as grandes por conta de Deus. Na resurreiçãõ de Lazaro mandou Christo aos que estavaõ presentes que levantassem a campa da sepultura : *Tollite lapidem*. E porque ? Não seria muito mayor circumstancia de hum milagre , que tantas teve de affombro , sahír Lazaro de dentro estando a sepultura cerrada ? Sim seria : pois porque manda o Senhor , q̄ tirem primeiro a campa , q̄ a cobria ? Porque a campa podiaõ-na tirar os homés ; & resuscitar a Lazaro defunto só Christo podia. Para

nos ensinar , que se fazemos o que está em nossa mãõ , & o que podemos , elle fará o demais , que só elle póde. Bem se vio no calo presente. As Marias reconhecêraõ que de nenhũa maneira podiaõ abalar, nem tirar da porta da sepultura a grande pedra , que a fechava : *Quis revolvat nobis lapidem ? erat quippe magnus valde*. E como ellas tinhaõ feito o que podiaõ para ungir o sagrado Corpo ; tomou o Senhor por sua conta , o que elle só podia fazer. E que foi ? *Angelus enim Dominus revolvit lapidem ; & sedebat super eum*. Acháraõ a sepultura aberta, & a pedra tirada , & hum Anjo , que a tirára , assentado sobre ella , que lhe deu as alegres novas da Resurreiçãõ.

Matth.  
28.2.

Joann.  
11.39.

§. VI.

181 **D**Izeime ; & acabemos com o mayor exemplo. Não vos parece que Christo  
Liiij hoje

hoje resuscitado fez bem em morrer ? Que difficuldades , que trabalhos , que afrontas , & descritos , que amarguras , & dores não experimentou em sua Payxão? As bofetadas , os açoutes , os espinhos da Coroa , o pezo da Cruz , a companhia dos ladroens , as feridas dos cravos , a ancia , a angustia , o tormento mortal de estar pregado , & suspenso ; derramando todo o sangue das veas até lhe faltar a vida , & vender a alma: tudo isto se lhe representava vivamente na Oração do Horto , repugnando a natureza , & pedindo remedio ao Padre tantas , & tam repetidas vezes , se fosse possível. E se o mesmo Padre condescendesse com a sua petição , & elle deixasse a empreza , & vivo sem morrer tornasse para o Ceo ; parecevos , torno a perguntar , q̄ ficaria bem reputado seu credito , & sua honra entre os homês , & Anjos ? & que teria restado ( digamolo assim ) para

lá apparecer entre elles , & cá entre nós ? Mas porque não fez caso de trabalhos , de dores , de ignominias , & afrontas , & da mesma morte tam chea de tormentos ; por isso tam confiadamente apparece hoje a todos resuscitado , & com tantos applausos do Ceo , & da terra , entre os mesmos homens , & Anjos , & muito mais á dextra de seu Eterno Padre será por todas as eternidades glorificado.

182 Isto he o que sobre tudo devemos imitar todos neste soberano Mysterio da Resurreição , lembrandonos sempre , & pôdo como em balança de hũa parte as poucas horas que durarão aquellas penas , & tormentos , & os infinitos seculos , & eternidades sem fim , que ha de durar sua gloria , & a nossa , pela qual padeceo Christo com grande alegria :

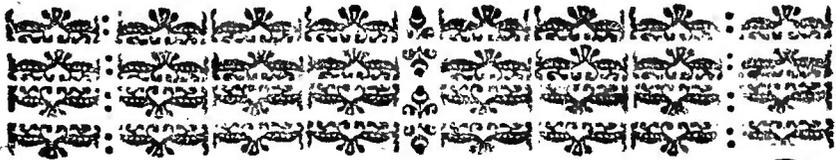
*Proposito sibi gaudio , sustinuit Crucem.* Oh como di-

rá então cada hum de nós fallando consigo , em tanta

ra differença de estado : Oh bemaveturados trabalhos , que me trouxeraõ a tam grande descanso ! Bemaventurada despeza , que me trouxe tam grandes interesses ! Bemaventurado descredito , que me trouxe a tam grande

honra ! Bemaventurados perigos , que me trouxeraõ a tam grande segurança ! E bemaventurada victoria de todas as difficuldades , que me trouxe a hum tam grande premio como he o da Gloria !  
*Ad quam nos, &c.*





# S E R M A Õ

GRATULATORIO , E PANEGYRICO  
na manhã de dia de Reys, sendo presente com  
toda a Corte o Principe nosso Senhor ao *Te*  
*Deum laudamus* , que se cantou na Capella  
Real em acção de graças pelo felicissimo nas-  
cimento da Princeza Primogenita , de que  
Deos fez mercè a estes Reynos na madruga-  
da do mesmo dia do anno de 1669.

---

*Te Deum laudamus , te Dominum confitemur : te  
aeternum Patrem omnis terra veneratur.*

§. I.

183



Dous Coros de  
louvores Divi-  
nos : (muito Al-  
to, & muito Po-  
deroso Principe , & neste  
dia felicissimo Senhor nos-  
so ) A dous Coros de lou-  
vores Divinos , divididos

em alternadas vozes , mas  
concordes em reciproca  
harmonia , cantão hoje a  
Deos este Hymno de ac-  
ção de graças , no Ceo os  
Anjos , & na terra os ho-  
mens. A parte , que toca  
ao Coro dos homens, he o  
verso que propuz : a que  
pertence ao Coro dos An-  
jos,

jõs , he a que se continúa no verso que se segue: *Tibi omnes Angeli , tibi caeli , & unversa potestates.* Este Coro Celestial , & Angelico , que nõs não podemos ouvir , nem acompanhar , ficará ( pois Deos affirm o quiz ) para os nossos gloriosissimos Reys Dom Joaõ , & Dona Luiza , que estão no Ceo ; cuja gloria accidental considero eu hoje muy crecida no felicissimo nascimento da Primogenita de seus netos , novas , & segundas primicias de sua Real descendência. Sendo certo ( como piamente devemos crer ) que lá desde esse throno de mayor magestade , onde reynaõ , estão , nesta mesma hora , lançando mil benções sobre a recém nascida Infante , melhores , & mais efficazes que as de Jacob sobre o primogenito de seus netos , o venturoso Efraim. No Ceo ainda não tenho averiguado se se contentem saudades : mas assim como a sepultura he a terra do esqueci-

mento , assim o Ceo he a Patria da memoria , & das lembranças. A morte , ainda que esfria o sangue , não acaba os parentescos , nem a differença da vida faz mudança nas obrigações do amor. Sonhou Joseph em sua primeira idade , que o Sol , a Lua , & onze Estrelas o adoravaõ : o Sol era seu pay Jacob , a Lua era Rachel sua mãy , as onze Estrellas de mayor , & menor grandeza , eraõ os seus onze irmãos , desde Ruben a Benjamim. Cumprio-se a verdade da profecia , quando reynando Joseph no Egypto , o adoraraõ seus irmãos , & seu pay ; mas não o adorou sua mãy ; porque já era morta Rachel. Pois se Rachel era morta , & não adorou a Joseph com os demais ; como vio Joseph , que sua mãy o adorava ? Porque ainda que o não adorou nesta vida , adorou-o na outra : ainda que o não adorou no Egypto onde Joseph estava , adorou-o lá desde seyo de Abrahaõ

Genef. 37.

Chrysol. Ser. 121,  
Vide Maldon. ad illud Luc. 23.  
*Hodie mecum eris in Paradiso.*

( que

( que era a Bemaventurança daquelles tempos ) aonde estava Rachel. Rachel tambem na outra vida he mãy : Jacob tambem na outra vida he pay. E como a morte não tem jurisdicção nas almas , lá amaõ os pays , & de lá adoraõ aos filhos ; lá se gozaõ de seus bens ; lá se alegraõ com suas felicidades. Renovaõ-se mais em semelhantes occasiões as laudades , & memorias dos nossos bons Reys ; & dizemos com sentimento : Oh se viveraõ ainda hoje , ( como poderaõ ser vivos ) que gloria seria a sua em tam fermoso dia , vendo as felicidades do filho , & neta , do Reyno , & vassallos , que tanto amaraõ ! Mas o engano piadoso desta nossa consideração mais necessita de Fè , que de alivio. Demos o parabem a nossos Reys , não lhes tenhamos lastima. De lá estaõ vendo melhor , o que nós vemos : de lá estaõ gozando melhor , o que nós gozamos : & lá estaõ louvando , &

dando graças a Deos , entre o Coro do Ceo , muito melhor , & mais altamente , do que nós o sabermos fazer neste nosso da terra.

184 O verso que pertence a este Coro , he o que propuz : *Te Deum laudamus , te Dominum confitemur : te æternum Patrem omnis terra veneratur.* As palavras são muito commuas para dia tam particular , & para assumpto tam subido muito vulgares. Mas se o Artifice não estivera tam esquecido do exercicio , & da Arte , sobre alicesses toscos bê se pôde levantar alto , & lustroso edificio : sobre a pedra fundamental d'elle , que he , *Te Deum laudamus* , determino perguntar , ou ponderar tres cousas : Quem louva ? A quem louva ? E porque louva ? Quem louva , somos nós , & toda a terra : nós : *Laudamus* : toda a terra : *Omnis terra veneratur.* A quem louva , he Deos em quanto Deos , & em quanto Senhor : em quanto

to Deos : *Te Deum* : em quanto Senhor : *Te Dominum*. O porque louva, he , porque o Eterno Padre , em quanto Pay , fez hoje pay ao nosso Principe ; & em quãto Eterno , o começa tambem a fazer eterno : *Te Aeternū Patrem*. Não diz mais o canto chaõ das palavras ; nem eu sei dizer mais , do que ellas dizem. O concurso do Euangelho , & do mysterio , em dia tam singular, nada defizem da presente aççaõ de graças , antes a ajudaõ , & acompanhaõ. O Euangelho diz , que offerereãõ os Reys ao Rey nacido, ouro, incenso, & myrrha : *Obtulerunt ei aurum , thus, & myrrham*. E o mysterio foi, que no incenso reconheciaõ a Christo como Deos ; no ouro como Senhor ; na myrrha como mortal : *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortalem*, diz S. Gregorio Papa. Se offerecem adorações de incenso, como a Deos : *Te Deum laudamus* : se offerecem tributos de ouro, co-

mo a Senhor : *Te Dominum confitemur* : se offerecem myrrha de mortalidade ; como a mortal , ao que he immortal , & eterno : *Te Aeternum Patrem omnis terra veneratur*. Vamos ao que promettemos.

§. II.

185 **C**omeçando pela primeira pergunta : quem louva ? Digo , ou torno a dizer , que louvamos nõs , & toda a terra. E toda a terra ? parece que esta voz vem fóra do nosso Coro : que louvamos nõs : *Laudamus* , muita razãõ he ; mas toda a terra : *Omnis terra veneratur* ? Porque ? Que obrigaçãõ tem toda a terra á Primogenita de Portugal , para vir dar graças a Deos pelo seu nascimento ? Se Portugal não conhece esta obrigaçãõ , não se conhece : toda a terra tem a mesma obrigaçãõ de Portugal , porque Portugal he toda a terra. Portugal quanto ao Reyno, he parte de hũa parte

Matth.  
2.

Greg.  
Homil.  
10. in  
Matth.

parte da terra na Europa : mas Portugal quantõ á Monarchia , he hum todo composto de todas as quatro partes da terra , na Europa , na Africa , na Asia , na America. Fazer esta demonstração com os compassos Geometricos em hum mapa , ou esfera do mundo , he muito facil : mas eu hei-a de fazer nas Escrituras sagradas , porque parece difficultoso ; & para que saibamos os Portuguezes quantas obrigações devemos a Deos , & quam antigas.

Genef.  
9. Vide  
S. Amb.  
de Noe  
& Arca  
cap. 33.

186 Desafogado o mundo das aguas do diluvio : erma , & despovoada toda a terra , dividio-a toda Noe em tres partes , & repartio-as entre os tres filhos , que com elle se salvarão na Arca : húa parte deu a Sem , que era o primogenito ; outra a Cham , que era o segundo ; & a terceira a Japhet , que era o ultimo : grande he na ordem da Divina Providencia a ventura dos filhos ultimos : tem Deos por bra-

zaõ, & honra de sua justiça , fazer dos primeiros ultimos ; & de sua grandeza , fazer dos ultimos primeiros. Assim succedeo a Japhet : lançou-lhe a benção seu pay Noe , & disse desta maneira: *Dilatet Deus Japhet* : Filho meu Japhet , Deos te dê a ventura conforme o nome. O teu nome de Japhet , quer dizer , *Dilatatio*, Dilatação : & tal será a tua benção ; porque Deos te dilatará tam estendidamente por toda a terra , que não só lograrás a parte , que coube na tua repartição , senão tambem a de teus irmãos : dominarás as terras de Cham , & habitarás as de Sem : *Dilatet Deus Japhet ; & habitet in tabernaculis Sem : sit servus ejus Chanaan*. Pois se Cham havia de possuir só a sua parte da terra , & não a de Japhet , nem a de Sem : & se assim mesmo Sem havia de possuir só a sua parte , & não a de Cham , nem a de Japhet ; porque razão Japhet havia de possuir a sua, & mais habitar

Princi-  
pe Dom  
Pedro  
filho  
ultimo  
d'ElRey  
D. João

habitar a de Sem, & dominar a de Cham, & por consequencia toda a terra? Porque o primeiro era repartiçãõ, o segundo foi bençaõ: o primeiro era distribuiçãõ da justiça, o segundo foi favor, & privilegio da Providencia. Olhou a Divina Providencia para Japhet com olhos tam benignos, & liberaes, que limitando a seus irmãos certas, & determinadas partes da terra, a elle só o quiz estender, & dilatar por todas as partes della, sem termo, nem limite: *Dilatet Deus Japhet.*

186 Bem está: mas sobre quem cahio esta bençaõ de Noe? Quem logrou esta promessa feita a Japhet? E em quem se cumprio a grandeza de toda esta profecia? Cumpriose no primeiro Portuguez, que houve no mundo, & na sua descendencia, q̃ somos nós. O primeiro Portuguez, que houve no mundo, foi Thubal: sua memoria se cõserva ainda ho-

je, não lôge da fõz do nobre Tejo, na povoaçãõ primeira, q̃ fundou cõ nome de *Cætus Tubal*, & cõ pouca corrupçãõ, Cetuval. Este Thubal, este primeiro Portuguez ( como selè no Capitulo decimo do *Genesis* ) foi filho quinto de Japhet: que tambem he boa a fortuna dos filhos quintos) *Filii Japhet, Gomer, & Magog, & Madai, & Javan, & Thubal.* E finalmente neste filho quinto de Japhet, neste primeiro Portuguez, neste Thubal, se verificou a bençaõ de seu avò Noe, & se cumprio a profecia, & promessa feita a seu pay Japhet; porque lô os Portuguezes, filhos, descendentes, & successores de Thubal, saõ, & foraõ ( sem controversia ) aquelles, que por meyo de suas prodigiosas navegações, & conquistas, com o Astrolabio em hũa mão, & a espada na outra, se estenderãõ, & dilataraõ por todas as quatro partes do immenso glodo da terra. Portuguezes na Europa,

Gen. 10.

Principe D. Pedro filho qui nro.

Faria Epit. p. 1. cap. I. Brito, & alii.

Portu-

Portuguezes na Africa , Portuguezes na Asia, Portuguezes na America : & em todas estas quatro partes do mundo com portos, com Fortalezas , com Cidades , com Provincias, com Reynos, & com tantas Nações , & Reys tributarios. Houve algum filho de Noe , houve algũa Nação outra nas idades , por bellicosa , & numerosa que fosse , & celebrada nas trombetas da fama , que se dilatasse , & estendesse tanto por todas as quatro partes da terra ? Nenhũa. Nem os Assyrios , nem os Persas, nem os Gregos, nem os Romanos. E porque ? Porque esta benção , esta herança , este morgado , este patrimonio era só devido aos Portuguezes, por legitima successão de pays, & avós ; derivado seu direito de Noe a Japhet , de Japhet a Thubal , de Thubal a nós , que somos seus descendentes , & successores.

ção , sou doação ( porque me não ponhão pleito ) com hũa Escritura publica, & tambem sagrada. Os Patriarcas antigos , como eraõ alumiados com elpírito de profecia , punhão a seus filhos taes nomes , que nelles significavaõ a boa , ou má fortuna sua, & de seus descendentes. Assim o fez Adão nos nomes de Caim , & Abel : assim Jacob nos nomes de Joseph , & Benjamin : assim Joseph nos nomes de Efraim , & Manasses. Seguindo este estylo Japhet, houve de pôr nome àquelle seu filho quinto , & chamou-lhe Thubal. Mas que quer dizer Thubal ? Prodigioso caso ! Thubal , como dizem todos os Interpretes daquella primeira lingua , ( que era a Hebraica ) quer dizer : *Orbis* , & *mundanus* : Homem de todo o mundo ; homem de todo o robe ; homem de toda a redondeza da terra. Pois de todo o mundo, de todo o orbe , de toda a redondeza da terra hum homem?

Constat  
ex toto

187 Não posso deixar de confirmar esta ben-

lib. Genes.  
Ambr.  
Theod.  
& alii.  
De benedict.  
Patriarch.  
Euseb.  
10. de præp.  
tat. 2.  
Hieron.  
Damas.  
August.  
Euch.  
Abul.  
Genebr.  
Bellarm.  
Oleastr.  
Sanct.  
Pagn. &  
alii.

homem? Sim: porque este homem era o primeiro fundador de Portugal, era o primeiro Portuguez, era o primeiro pay dos Portuguezes: aquelles homẽs notaveis, que não haviaõ de ser habitadores de hũa só terra, de hum só Reyno, de hũa só Provincia, como os outros homens; senão de todo o mundo, de todo o orbe, de todas as quatro partes da terra. E assim como o Romano se chama Romano, porque he de Roma; & o Grego se chama Grego, porque he de Grecia; & o Alemão se chama Alemão, porque he de Alemanha; assim o Portuguez se chama *Mundanus*, porque he de todo o mundo; & se chama *Orbis*, porque he de toda a redondeza da terra. E como toda a terra he synonymo de Portugal; & os Portuguezes são parte dominadores, parte habitadores de toda a terra; por isso no dia felicissimo, em que o Principe, & Corte de Portugal, em nome, &

Tom. 12.

representação de toda a Monarquia, vem louvar, & agradecer a Deos solemnemente o felice nascimento da sua Primogenita: razão he, & obrigação, que à mesma acção de graças venha, & concorra também toda a terra. Vimos nõs, vimos todos os Portuguezes louvar a Deos: *Laudamus?* pois venha também conosco toda a terra veneralo: *Omnis terra veneratur.*

188 No nascimento de Christo, quando o vierão adorar hoje os Reys do Oriente, cada hum dos Reys representava hũa parte do mundo. O mundo naquelle tempo constava só de tres partes; porque ainda os Portuguezes lhe não tinhaõ acrescentado, & descuberto a quarta. Esse he o mysterio, porque os Reys foraõ sómente tres. O primeiro Cetro representava a soberania de Asia, a segunda Purpura a potencia da Africa, a terceira Coroa a magestade da Europa. *Tres Magi*

Bed. hic  
Ruperr.  
lib. 2. in  
Math.  
D Tho-  
in Care-  
na.

*tres partes mundi significat, Asiam, Africam, Europam:* disse o Veneravel Beda, S. Thomás, & Ruperto. De maneira, que no nascimento de Christo, quando o mundo o vem adorar, hum Rey representa hũa parte do mundo, mas no nascimento da nossa Primogenita, quando Portugal vem adorar ao mesmo Christo, hum só Principe representa todas as quatro partes. Mais tem hoje Christo a seus pès em hum Cetro, do que teve naquella dia em tres Coroas. Se nesta madrugada houvesse de despachar Portugal correys de luz a levar a felice nova por toda a Monarquia, não havia de hir hũa só Estrella, senão quatro Estrellas: hũa Estrella para o Oriente à Asia; outra Estrella para o Occidente à America; outra Estrella para o Setentrião à Europa; outra Estrella para o Meyo dia à Africa. Oh que fermosas Estrellas! Oh que alegres, & festejadas novas para a-

quelles fidelissimos vassallos, tam amantes do seu Reyno, & do seu Rey, espalhados por toda a terra! Mas pois as Estrellas não vão, nem elles podem vir tam depressa: vem em nome de todos elles, & como cabeça de todos, o nosso Monarca em presença, com toda a sua Corte, para que todos louvemos a Deos: *Laudamus*: & em representação, com toda a terra, (em que tanta parte he sua) para que toda o venere: *Omnis terra veneratur*.

## §. III.

189 **T**Emos satisteyto á primeira pergunta, & já sabemos, quem louva. Segue se a segunda: A quem louva? Digo, que louva Portugal, & louva toda a terra a Deos em quanto Deos, & a Deos em quanto Senhor: em quanto Deos: *Te Deum*: em quanto Senhor: *Te Dominum*. Deos he nome de liberalidade; Senhor, he

hê nome de poder : chama-se Senhor, porque pôde ; & chama-se Deos, porque dá. E por isto louvamos a Deos, em quanto Deos, & em quanto Senhor, neste dia, em que deu successão a nossos Principes ; porque lhes deu Deos, o que só Deos pôde dar.

pay, ou dos que o desejaõ ser, & não saõ. A dor do parto, he dor de hũa hora ; a dor de não ter filhos, he dor de toda a vida : antes na mesma morte he mayor dor ; porque haõ de deixar por força os bens, & não tem, a quem os deixem. A dor do parto, como pôderou Christo, he dor que se converte em alegria : a dor de não ter filhos, he dor sem consolação, sem alivio, sem remedio. Finalmente, a dor do parto, he dor, com que pôde a vida ; a dor de não ter filhos, he dor, que mata. Estes saõ os termos, por onde Rachel explicou a sua dor : *Da mihi liberos, alioquin moriar.* Jacob, daime filhos, senão heide morrer. Que responderia Jacob ? *Nunquid pro Deo ego sum?* Rachel, sou eu por ventura Deos ? Discreta resposta ! Demaneira q Rachel diz a Jacob, que lhe dê filhos : & Jacob responde a Rachel, que não he Deos. Como se dissera Jacob: *Dizeime que vos dê filhos,*

Joann. 16.

Gen. 30  
Nūquid  
Deus e-  
go sum,  
aut vice,  
& par-  
te Dei  
fungor ?  
Comel.  
híc.

Gen. 50 190 Carecia Rachel de filhos, & era esta dor para ella a mayor de todas as dores, como verdadeiramente he. Todos os Profetas nas suas comminações, quando querem encarecer muito hũa grande dor, chamaõ lhe dor como dor de parto. David : *Ibi dolores ut parturientis.* Isaias : *Quasi parturiens, dolebunt.* Jeremias : *Dolores ut parturientem.* Mas posto que a dor do parto seja tam encarecida nas sagradas letras, ainda ha outra dor mayor. E qual he ? A dor de não ter essa dor ; a dor de não ter filhos. A dor de parto, he dor da mãy ; a dor de não ter filhos, he dor da mãy, & mais do

Pfal. 47

Isai. 13.

Jerem. 9

1601

24

M ij porque

porque delejais ser mãy ; & eu digovos , que não sou Deos , porque só Deos os póde dar : só Deos os póde dar , porque he Senhor ; & só Deos os dá , quando he servido , porq̃ he Deos. Para ter filhos , não basta só Jacob , & Rachel ; he necessário Jacob , Rachel , & mais Deos. He verdade que Deos não dá filhos sem Jacob , & Rachel ; que por isso instituhio o vinculo sagrado do matrimonio : mas tambem he verdade , que Jacob , & Rachel sem Deos , não podem ter filhos ; porque reservou Deos só para si esse poder como Senhor : *Te Dominum* ; & reservou só para si essa data , como Deos : *Te Deum*. E quando Deos concede hoje ao nosso Principe , o que negou a Jacob ; & á nossa Princeza , o que negou a Rachel ; razão , & obrigação temos de lhe render infinitas graças : de o louvar como Deos : *Te Deum laudamus* : & de o confessar como Senhor : *Te Dominum confitemur*.

191 Grandes mercès de sua liberalidade , em quanto Deos , grandes , & maravilhosos favores de seu poder , em quanto Senhor , tinha Deos feito aos nossos Principes , & ao nosso Reyno até este dia : mas he tanto mayor mercè , & tanto mais relevante favor , o que hoje nos fez na successão , que lhes deu ; que em comparação deste soberano beneficio , em todas estas mercès , sem esta , nenhũa cousa lhes tinha dado ; & em todos estes favores , & outros ainda mayores sem este , nenhũa cousa lhes podia dar. Parece que digo muito : se o não provar , não me creão.

192 Apareceo Deos a Abrahão , satisfeito do bem que o servio , & disse-lhe : *Ego protector tuus*, & *merces tua magna nimis*. Eu desde este dia te tomo de baixo de minha protecção , & sabe que te hei de fazer grãdes mercès. Mercès a mim ? ( respondeo Abrahão ) *Domine Deus , quid dabis mihi ?* Deos , & Senhor

Senhor meu , que tendes vòs que me dar a mim, ou que podeis dar-me ? Esta he a energia literal das palavras. Porém eu heide mostrar a Abrahão , que se implicou nellas. Nas primeiras palavras , *Domine Deus*, confessais, que he Senhor, & Deos: nas segundas, *Quid dabis mihi*, dizeis , que não tem que vos poder dar ? Senão tem que vos poder dar , não he Senhor, & Deos: & se he Senhor, & Deos, darvosha como Deos, o que póde como Senhor. Mas não argumentemos de possível , senão *de facto*. Sabeis , Abrahão , o que vos póde dar Deos? Podedes dar tudo o que vos deu. Deos deu a Abrahão grandes riquezas, deulhe prodigiosas vitorias , deulhe honra, deulhe fama, & sobre tudo , deulhe a terra de Promissão, & a Coroa de Israel , que era hũa Monarquia de doze Reynos. Pois se Deos vos deu tanto , & vos póde dar muito mais ; como dizeis a Deos:

Tom. 12.

Senhor, que me haveis de dar ? Ou , que podeis dar-me ? O mesmo Abrahão se explicou, & me explicou: *Domine Deus , quid dabis mihi ? ego vado absque liberis.* Deos , & Senhor meu, que me haveis vòs de dar? Ou , que me podeis dar, se eu não tenho filhos ? Quando Deos fez aquella promessa a Abrahão , Abrahão não tinha filhos, nem esperança de os ter ; porq̃ Sara era de noventa annos, & elle ainda mais velho: & por isso diz resolutamente a Deos , que não tem que lhe dar ; porque tudo o que Deos dá, ou póde dar nesta vida , senão deu filhos , he como se o não dera. E porque ? Porque o que se me dá a mim para outrem , não se me dá a mim. Esta he a enfase , & alma daquelle *mibi*; conceito , que sois Senhor no poder , & que sois Deos na liberalidade ; mas *mibi ?* a mim , que não tenho filhos ? *Mibi ?* à mim que nem esperança tenho de os ter ? Nenhũa cousa me

*Quid dabis mihi: qua merces ista tua homini cui prolem denegas ; Benedic.*

M iij      póde

pòde dar vossa liberalidade ; nenhũa cousa tem que me dar vosso poder ; porque tudo quanto me derdes a mim , não he para mim , senão para os estranhos , que o haõ de lograr : & isso he dallo a elles , & não a mim. Se vós, Senhor, me tivereis dado filhos , poderíeis dar muito ; mas como não me fizestes em seu tempo esta mercè , já agora por minha incapacidade , não tendes que me dar ; porque nos filhos , que me negastes , me tendes já tirado quanto me derdes.

193 Eis-aqui , Portugal porque eu digo , que se Deos nos não dera successão , por mais mercès q̄ nos tenha feito , nenhũa cousa nos tinha feito ; nenhũa cousa nos tinha dado , nem tinha que nos dar. Seja prova desta pura verdade , a memoria do tempo passado. Tirounos Deos o Reyno por tantos annos : tirounos o Imperio , a soberania , a liberdade : o Imperio trocou-se

em sujeição , a soberania em vassallagem , a liberdade em cativeiro. E quando nos tirou Deos tudo isto ? Quando nos deu hum Rey sem successão : se o Rey naquella infelice batalha tivera successor , perdera-se o Rey , mas não se perdèra o Reyno : mas porque Deos , por nesses peccados , queria tirar ao Rey , & ao Reyno tudo o que lhe tinha dado , por isso lhe não deu successão. Não podèra agora succeder o mesmo ? Não podèra ser hum irmão , como outro irmão ? Sim podèra. E neste caso , em todas as mercès , que Deos nos fez , nenhũa cousa nos tinha feito ; & em todas as felicidades , que nos deu , nenhũa cousa nos tinha dado : antes poderamos dizer com Abrahaõ , que nem tinha que nos dar : *Domine Deus, quid dabis mihi ? ego vado absque liberis.*

194 Alegremos o discursão , que parece hia sendo triste para dia tam de festa. Vede o q̄ digo agora.

Assim

Affim como Deos, se não dera successão , não tinha que nos dar : affim hoje , que nos tem dado successão , já não temos que lhe pedir. O mayor auge , que se pôde imaginar de fortuna , he chegar hum Rey, & hum Reyno a taes circunstancias de felicidade, que não tenha mais que pedir a Deos : & tal he o ponto altissimo , em que hoje se vê Portugal , & seu Principe. O fiador deste segundo pensamento he tam abonado , como o do primeiro.

195 Mandou Deos recontar a David , por boca do Profeta Nathan , as mercês que lhe tinha feito , & notificarlhe tambem, as que de novo lhe determinava fazer : & todas se reduziaõ a estas tres. A primeira, que sendo filho ultimo da casa de seus pays , o puzera no Throno Real de Israel , de que tinha privado a ElRey Saul, & o confirmaria nelle : *Thronus tuus erit firmus jugiter : misericordiam au-*

*tem meam non auferam ab illo , sicut abstuli à Saul. A segunda , que affim como lhe tinha dado maravilhozas vitorias , lhe daria tambem paz universal com todos seus inimigos : Omnes inimicos tuos interfeci à facie tua : & requiem dabo tibi ab omnibus inimicis tuis. A terceira , que lhe daria filho herdeiro , que succedesse em sua casa , para que o mesmo Cetro se perpetuasse por longos annos na sua descendencia : Suscito bo sementuum post te , quod egredietur de utero tuo : & firmabo regnum ejus. Ouvi da , David , esta tam grandiosa relação , como Principe tam pio , & religioso que era , fez o que faz hoje o nosso Principe. Vai-se á Capella Real , ( porque naquelle tempo , como notou Abulense , estava a Arca do Testamento em Palacio , em hum lugar separado , & consagrado a Deos ) prostra-se diante do Divino Propiciatorio , & depois de confessar com humilde reconhecimento*

Abulens.  
hic q.  
II.  
Ut daret gratiarũ actiones Deo, introiit in domum, ubi erat Arca, quia illa erat in quodam loco segregato domus sua.

2. Reg.  
7.

as mercês que da mão de Deos tinha recebido, chegando á do filho successor, disse assim : *Sed & hoc parum visum est in conspectu tuo, nisi loquereris de domo servi tui in longinquum. ista est enim lex Adam, Domine Deus.* E como se foraõ poucas nos olhos de vossa Divina liberalidade as mercês tantas, & tam grandes, que me tendes feito, Senhor; ainda sobre todas ellas, fostes servido de me dar successor, & herdeiro, em que minha casa se conserve, & perpetue; porque esta he a unica consolação daquella dura ley da mortalidade, com que os filhos de Adão nascemos. *Quid ergo,* (ouvi agora a consequencia, & conclusão de David) *quid ergo addere poterit adhuc David, ut loquatur ad te?* Depois desta ultima mercè, que me fizestes, Senhor, já David não tem que vos pedir. Notavel dizer de hum homem, Rey, & Santo! E onde está, David, aquelle *Domine Deus*, que agora acabastes

de confessar? He Senhor; & já não tem que pedir o servo ao Omnipotente Senhor? He Deos; & já não tem que pedir a creatura ao Infinito Deos? Nesta vida não, diz David. Não falla dos bens da graça como Santo; falla dos bens da fortuna, como Rey: & destes achou David, que já não tinha nesta vida que pedir a Deos: *Quasi diceret* (commenta o mesmo Abulente) *cum tanta bona mihi dederis atque promiseris, nihil manet, quod ego petere possim.* Tal era o summo da felicidade humana, em que aquelle graõ Rey se reconhecia, depois de se ver com successão sobre tantas outras mercês do Ceo.

196 Antes desta ultima felicidade, em todas as outras suas, sempre David tinha algũa cousa que pedir a Deos: & senão, vamos subindo hum pouco pelos degraos da sua fortuna, que saõ os mesmos da nossa. Antes de David ser Rey, ainda que era o ultimo

Abul.  
ibid.

ultimo filho da casa de seus pays , animado do fangue Real , que lhe pulsava nas veas , podia pedir a Deos , que lhe desse o Reyno. Depois de David estar sublimado ao Throno Real , adorado , obedecido , & confirmado nelle : *Thronus tuus erit firmus jugiter* ; vendo-se cercado por todas as partes de tantos , & tam poderosos inimigos, podia pedir a Deos, que o livrasse do tumulto das armas , & oppressões da guerra , & lhe desse paz, & delcanço. Depois de David possuir o Reyno quieto , & pacifico , & se ver reconhecido , & respeitado de todos seus inimigos : *Requiem dabo tibi ab omnibus inimicis tuis*, podia ainda pedir a Deos , que lhe desse successão , para q̄ o Reyno , & essas mesmas felicidades se perpetuassem em sua casa , & na posteridade de seus descendentes. Mas depois de Deos lhe conceder esta ultima graça , & lhe dar successor à Coroa para depois

de seus dias : *Suscitabo semen tuum post te, quod egredietur de utero tuo* : vendo-se David com Reyno, com paz , & com successão , parou o desejo , fez alto a fortuna , & resolveo David com ella , & consigo , que já não tinha nesta vida , que pedir a Deos : *Quid addere poterit adhuc David, ut loquatur ad te?*

197 Não fazia conta de applicar o caso , por ser tam semelhante : mas quero que me entendaõ todos , porque não haja algũa ingraticidãõ ; que possa ter escusa com Deos , nem com os homens. O Principe D. Pedro nosso Senhor, que Deos guarde , ( como Davidem tudo ) era o ultimo filho da Real casa de seus pays : o primeiro degrao da sua fortuna foi, porlhe Deos na mão o Centro de Portugal , & assentallo no Throno Real , não depois da morte , senão em vida do Rey , bem assim como David em vida d' ElRey Saul. Quando Sua Alteza tomou as re-  
deas

deas do governo, estava o Reyno opprimido, & carregado de tributos; as Provincias, & campanhas fervendo em armas; os vassallos dentro, & fóra, no mar, & na terra, padecendo os trabalhos, & oppressões das guerras. Aqui subio sua fortuna o segundo degrao. Vem hũa paz, & outra paz, não buscadas, senão trazidas a Portugal; cessaõ as armas, levantaõ-se os tributos, (como tambem os tirou David: *Tulit David frenum tributi de manu Philistim:*) respira o Reyno, descançaõ os povos, colhem-se as novidades, & frutos da terra em tanta abundancia, recolhem-se os cômercios, & riquezas do mar em tantas frotas, em tantos thesouros. Tens mais que desejar? Tens mais que pedir a Deos, Reyno de Portugal? Ainda tinhamos que desejar, ainda tinhamos que pedir; porque nos faltava a ultima, & mayor felicidade de todas, que era a sucessão. Tinha-nos da-

do Deos o Reyno, tinha-nos dado a paz; mas paz sem successão, he guerra; Reyno sem successão, he despojo. Bem o experimentamos, & bem lamentavelmente, no caso d' ElRey D. Sebastião. Tinha-mos naquelle tempo Reyno, tinha-mos naquelle tempo paz; mas a paz, para ser mayor guerra, foi guerra de poucos dias: & o Reyno, para ser mayor despojo, foi despojo de sessenta annos. A paz foi guerra de poucos dias; porque em poucos dias nos vimos fugeitos, sem resistencia: o Reyno foi despojo de sessenta annos; porque sessenta annos estivemos cativos, sem liberdade, & sem honra. No mesmo perigo, na mesma contingencia, no mesmo receyo estavamos até este dia, posto que tam assistidos de felicidades. A successão Real, ainda que entronizada, estava no ultimo fio; o baxel, ainda que tremolando vitoriosas bandeiras, estava sobre hũa

lô amarra. Faltavamos segundo fiador para a vida, faltavamos segunda ancora para a segurança: & tudo isto nos nasceo hoje. Já temos a successão em duas vidas; já temos o Galeão sobre duas amarras. Esta foi a altissima mercê, que hoje nos fez o Ceo; este o ultimo auge, a que hoje vemos subida nossa fortuna: por hũa parte tam necessaria, & por outra tam excessiva; que nem Deos sem ella (em sentença de Abraão) tinha que nos dar: nem nós com ella (em sentença de David) temos, que pedir.

198 A este Deos tam bom vimos louvar como Deos; & a este Senhor tam liberal vimos confessar como Senhor: & vem tambem conosco os Reys do Oriente, ou nós com elles. Canta a Igreja neste dia, como os Reys haviaõ de offerer a Christo seus doens, & acrescentando à Arpa de David duas vozes suas, como se a letra fora composta para o nosso

Coro, diz assim: *Reges Arabum, & Saba dona Domino Deo adducent.* Virão os Reys do Oriente, & offerecerão seus doens a Christo, como a Deos, & como a Senhor: *Domino Deo.* E que doens são, ou haviaõ de ser estes? Isaiás cõmentando a David, diz, que haviaõ de ser ouro, & incenso: o ouro em tributos, como a Senhor, o incenso em adorações, como a Deos: *Omnes de Saba venient, aurum, & thus deferentes.* Os successores destes mesmos Reys do Oriente, que hoje vieraõ ao Presépio de Christo, & os Senhores do comércio destas mesmas drogas ricas, que lhe offereceraõ da Arabia, da Persia, da India, são os Reys de Portugal. E pois herdamos as suas Coroas, bem he que paguemos tambem a Deos os seus tributos. Assim o fazemos hoje, & muito melhor. Ellés offereceraõ o incenso, & nós o cheiro; elles offereceraõ o ouro, & nós o preço. O mais precioso

Ifai. 60.

cioso daquelle ouro , & o mais cheiroso daquelle incenso, eraõ os louvores, que juntamente deraõ a Deos , como acrescenta o mesmo Profeta : *Aurum , & thus deferentes , & laudem Domino annuntiantes.* Tambem vieraõ com *Te Deum laudamus.* Assim q̃ em louvores lhe offerecemos o incenso , como a Deos , & em louvores lhe tributamos o ouro , como a Senhor ; & assim o ouro , como o incenso trazidos tambem de Sabá. De Sabá, que dizer , *De conversione* , Da conversão. E que he, o que acabamos de ver em todo este discurso , senão hũa conversão admiravel de todas as cousas em Portugal? O cativeiro , convertido em liberdade ; a vassallagem , convertida em Reyno ; a guerra convertida em paz : & sobre tudo a esterilidade convertida em successão. Este he pois , o Poderosissimo Senhor , reparador de tantas ruinas ; a quem vimos louvar como Deos : *Te*

*Deum laudamus.* Este he o liberalissimo Deos , Author de tantas felicidades , a quem vimos confessar como Senhor : *Te Dominum confitemur.*

## §. IV.

199. **T**emos ponderado , quem louva , & a quem louva. Resta a ultima pergunta : porque louva ? Este porque , já está respondido em commum , mas não está dito , nem ponderado em particular. Digo , que louvamos em particular a Deos ; porque o Eterno Padre , em quanto Pay , fez hoje pay ao nosso Principe ; & em quanto Eterno , começa hoje ao fazer eterno : *Te, æternum Patrem.* Mas porque razão , ( começando pela primeira parte deste ponto ) porque razão pertence mais este beneficio á Pessoa do Eterno Padre , que á do Filho , ou do Espirito Santo ? Eu o direi. Entre as tres Pessoas da Santissima Trin-

Trindade, o Espirito Santo he Pessoa infecunda; não gera, nem produz: por isso não ha quarta pessoa. O filho he Pessoa fecunda; produz, mas não gera: por isso o Espirito Santo he produzido, & não gerado. Só o Padre Eterno, por propriedade particular, & Nocial sua, tem fecundidade para produzir gerando: por isso só a Pessoa do Padre tem filho. E porque só a Pessoa do Padre pôde gerar, & ter Filho; essa he a razão, porque o beneficio da geração, da successão, & dos filhos, pertence por attribuição particular, & propriissima, só á Pessoa do Eterno Padre. Texto expresso de S. Paulo: *Hujus rei gratiã stectò genua mea ad Patrem, ex quo omnis Paternitas in caelis, & in terra nominatur.* Por esta causa, diz S. Paulo, ( como se fallára por nós, & conosco neste dia ) por esta causa me postro de joelhos diante do Padre, porque delle procede toda

a Paternidade, assim no Ceo, como na terra. De maneira, que não ha Paternidade, nem ser de Pay, ou no Ceo, ou na terra, que não seja derivado do Eterno Padre. No Ceo; porque o Eterno Padre se faz Pay a si mesmo, & tem Filho Deos na terra; porque o Eterno Padre faz aos homens pays, & lhes dá filhos homens. *Paternitas in caelo est generatio Filii: Paternitas in terra est generatio hominum: quæ omnis à Dei Paternitate manat; omnes enim ab eo habent vim generandi, ut sint, & nominentur Patres,* disse, cõmentando a S. Paulo, o Doutor Maximo S. Jeronymo. Assim que ao Eterno Padre deve hoje o nosso Principe o ser pay.

S Hie-  
ronym.  
híc.

Ad E-  
pheb. 3.

200 Mas porque este beneficio, & graça, que nos outros pays he commum, na soberania de tal pay tivesse tambem prerogativas soberanas; que fez o Eterno Padre? Fez, que não só lhe devesse o nosso Prin-

Príncipe a fecundidade da successão, senão também a semelhança da fecundidade. Fez, que fosse pay em tempo, ao modo (quanto pôde ser) com que elle he pay sem tempo. Hũa das grandes differenças, que ha entre a fecundidade Divina, & a fecundidade humana; & entre hũa, & outra geração, he esta. A fecundidade humana, ordinariamente obra com dilatação de tempo, & com tanta dilatação muitas vezes, que ainda quando ha geração, & filhos, vem depois de muito annos. Não assim a fecundidade Divina: no mesmo ponto, em que a primeira Pessoa da Trindade *ab aeterno* he constituhida Pessoa, logo juntamente he Pay; logo juntamente tem filho, sem demora, nem precedencia de tempo, só com prioridade de origem. Computemos agora pelo dia do nascimento da nossa Primogenita, o dia de sua geração, & acharemos phylicamente, que foi prõ-

ptissimo, & que sem vagares de dilatação, nem intervallos de tempo; logo, logo nos fez Deos a mercè, que desejavamos. E porque tam promptamente? Por ventura, para nos livrar das suspensões da duvida, dos receyos da incerteza, dos cuidados da esperança, & ainda de outros pensamentos? Essa só razão bastava; mas não foi só por essa: senão, que quiz o Eterno Padre, (quanto cahe na proporção do creado ao increado) que a fecundidade dos nossos Principes fosse muy semelhante à sua fecundidade; & a geração da nossa Primogenita, muy parecida á do seu Unigenito. O seu Unigenito gerado sem prioridade de tempo, a nossa Primogenita gerada sem dilatações de tempo. Nem fação duvida os tres dias, que contamos sobre os nove mezes; porque esse he o estylo particular, q̃a natureza observa nos partos Reaes, & heroicos. Na formação dos

partos

Sapie nt.

7.  
De deci-  
mo mēse  
inchoato  
intelligit  
ortumSalom.  
Bengus  
de nu-  
meris

n. 45.

*pelo felicissimo nascimento da Princeza.* 191

partos vulgares , gasta a natureza nove mezes , & menos muitas vezes : mas nos partos não sô Reaes , mas heroicos ( ou seja Providencia , ou Magestade ) parece que poem a mesma natureza mais arte , & mais cuidado , & tarda na formação , & perfeição delles , até entrar no mez decimo. Assim o disse de si mesmo ElRey Salamaõ : *Decem mensium tempore coagulatus sum.* Assim o Principe dos Poetas da mãy do feu Augusto : *Matri longa decem tulerunt fastidia menses.* E assim ( o que he mais ) Saõ Joaõ Damasceno , contando os dias da geração , & nascimento temporal do Primogenito do mesmo Padre : *Novem menses complens , decimum attingens , nascitur.*

201 Mas poderá replicar a curiosidade ( por não dizer a ingratitude ) de algum ouvinte máo de contentar : que para esta graça ser inteira , & propria do Eterno Padre , havia de ser Primogenito , o de que

nos fez mercè ; & não Primogenita : porque o mesmo Padre, *Aquo omnis Paternitas in cælis , & in terra*, assim no Ceo, como na terra, só tem Primogenito: Primogenito no Ceo , o Verbo ; Primogenito na terra , Christo. Agradeço o reparo pela reposta ; ou a ferida pelo reparo : ouvi o q̃ a muitos parecerá novidade. Digo , q̃ foi graça propria , & propriissima do Eterno Padre , darnos no primeiro nascimento Primogenita , & não Primogenito ; porq̃ em Deos assim no Ceo, como na terra; assim no Divino , como no humano , primeiro he a Primogenita , que o Primogenito. Fallo pela boca das Escrituras sagradas , & pelos termos de que usão os Authores Canonicos de hum , & outro Testamento. Começemos pelo Ceo. O Ecclesiastico no Capitulo 24. *Ego ex ore Altissimi prodivi Primogenita ante omnem creaturam.* Eil aqui a Primoge-

Virg.  
Eclog.  
4 *Accipiendū*  
*Poetam*  
*de decimo mēse*  
*inchoāto*, ait  
Lacerd.  
Damaf.  
lib.4.de  
Fide c.  
15.

Ecclesiast. 24.  
De Sapia eſſentiali interpretatur S. Gregor. Naz. Tert. Hier. Cornel. Janſ. Coru. Alapid.

pid. Caiet. Tirin. Menoch. Salaz. Oliveri. Bona t. Gordon. & alii. Quam expositionem solum agnoscit litteralé Janlen. Salaz. vero litteralissimam appellat. Eam optime intelliges in sententia communissima PP. & TT. qui integram Dei essentiam constituent in intellectivo radicali à quâ tamquam à radice, & principio virtuali distincto emanat, & prodit sapientia essentialis, ut primû attributû. August. Cytill. Damas. Basilius, Vasq. Molin. Salas, Fonsec. & alii

mogenita. S. Paulo no Capitulo 1. aos Colossenses: *Qui est imago Dei invisibilis Primogenitus omnis creaturæ.* Eis-aqui o Primogenito. De sorte, que já temos em Deos Primogenita, & Primogenito. E qual he primeiro, o Primogenito, ou a Primogenita? Primeiro he a Primogenita. Porque a Sabedoria essencial: o Primogenito he o Verbo, Sabedoria pessoal, & Nocial: & em Deos (como ensinãõ todos os Theologos) primeiro he o essencial, que o Nocial. Por isso a

Primogenita tem antes, & o Primogenito não tem antes. A Primogenita tem antes: *Primogenita ante omnem creaturam*: o Primogenito não tem antes: *Primogenitus omnis creaturæ.* Hũa, & outra sabedoria em Deos são ab eter-

no, antes de todo o creado, mas a sabedoria essencial com prioridade virtual antecedente, ante. Não me detenho em distinguir estas prioridades, & virtualidades, porque fallo entre doutos, & todos sabem, que no Divino, & Eterno, entre antes, & depois, não cabe tempo. Passemos á terra. Na terra também Deos, & o Padre tem Primogenito, & Primogenita; & ainda com mais rigoroso nome, Ad Gal. 4. Psal. 44. Maria Pa- tris Pri- mogenitam vocat. S. Laurét. Justin. Simon. Caff. & RR. pafsim. Gen. 3. Filho, & Filha. O Filho he Christo: *Misit Deus Filium suum*: a Filha he Maria Santissima: *Audi Filia, & vide.* E qual foi primeiro, o Filho, ou a Filha? Não ha duvida, quanto á humanidade, que a Filha foi primeiro, & o Filho depois.

202 E porque, ou para que foi primeiro a Filha, que o Filho? Para que quando viesse o Filho, achasse já quebrada a cabeça, & pizado o veneno da Serpente: *Ipsa conteret caput tuum.* Couza he vulgar

gra na Historia sagrada, & advertida communmente dos Padres, que os Primogenitos, se são filhos, pela mayor parte sahem mordidos, ou abocanhados da fortuna, & tocados de seu veneno, & trazem cõsigo não sei que dezar, ou azar da natureza. Por isso geralmente lemos delles, que foraõ reprovados, ou menos queridos de Deos, que he o mayor azar de todos. O Primogenito de Adão, Caim, desgraciado: o Primogenito de Abrahaõ, Ismael, desgraciado: o Primogenito de Isaac, Esaù, desgraciado: o Primogenito de Jacob, Ruben, desgraciado: o Primogenito de David, Amnon, desgraciado: o Primogenito de Job, não lhe sabemos o nome, mais que pela desgraça; a qual foi tanta, que de hum golpe em sua casa, acabou elle, a casa, & todos seus irmãos. E como este he o fado commum dos Primogenitos, & costuma nacer com elles, ou seguilos a

Tom. 12.

desgraça; para desfazer este azar, & tirar este tropeço á má fortuna, sahe hoje diante com particular Providencia, a nossa Primogenita, franqueando, & deixando o passo livre ao venturoso irmão, que embora vier; para que sendo o segundo no lugar, seja, sem estorvo, o primeiro na felicidade. *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis!* Oh que fermosos são vossos passos, filha do Principe! E porque fermosos seus passos? Porque os soube adiantar ao perigo do irmão, quebrando-lhe o azar de Primogenito. E por isso finaladamente, *in calceamentis*: porque com estes passos adiantados calçou, pizou, & meteo debaixo do pé toda a má fortuna. Com tam bom pé, & com tam ayrosos passos, entra hoje no theatro do mundo, a fazer o primeiro papel, a nossa galharda Princeza: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis filia Principis!*

N

Mas

Gen. 4.

Genef.  
16.

Genef.  
25.  
Genef.

49.  
2. Reg.  
3.

Job 1.

Cant. 7.

Job  
1.  
2.  
3.  
4.  
5.  
6.  
7.  
8.  
9.  
10.  
11.  
12.  
13.  
14.  
15.  
16.  
17.  
18.  
19.  
20.  
21.  
22.  
23.  
24.  
25.  
26.  
27.  
28.  
29.  
30.  
31.

203 Mas para que busco eu satisfaçoens á nossa Primogenita , se ella traz consigo a satisfação? *Vidimus Stellam ejus in Oriente , & venimus adorare eum.* Tanto que os Magos viram a Estrella no Oriente , logo, como sabios, vieraõ adorar o Rey nascido: *Ubi est , qui natus est Rex ?* Porq̃ o nascimento da Estrella , era final certo do nascimento do Rey. Quando a Estrella appareceo no Oriente , ainda o Rey não era nascido , nem concebido ainda; mas do nascimêto da Estrella , que já nascêra , inferiram com evidencia o nascimento do Rey , que havia de nascer. Nasceo a Estrella ? pois após ella nascerà logo o Rey. He magestade do Sol , trazer diante o luzeiro: Sam Chrysofostomo , & Santo Agostinho fundados no texto , *Ab imatu , & infra , secundum tempus , quod exquiserat à Magis* , dizem , que nasceo a Estrella dous annos antes. Nam he ne-

cessario tamanho intervallo. Hoje vemos a Estrella no Oriente , daqui a hũ anno ( fiquem todos avisados ) viremos adorar ao Rey nascido. Galante cousa he por certo , que quizeffemos nõs , contar todas as leys do Ceo, & da terra , que o Sol nascesse primeiro que a Aurora ; & o fruto primeiro que a flor ! Hoje amanheceo em purpuras a Aurora ; após ella sahirá o Sol : hoje desabotoou em mantilhas a bellissima flor ; após ella se seguirá o fruto ; que sempre o fruto vem pegado no pè da flor. Nascêram à fecunda Rebecca dous <sup>Genef.</sup> partos de hum ventre , & <sup>25.</sup> o segundo , que era Jacob, sahio pegado no pè do primeiro. O primeiro parto he a flor do segundo ; & o segundo , como fruto , sahe pegado no pé da flor. Virá o segundo , & felicissimo parto após o primeiro : antes digo, que no primeiro já tem começado a vir ; porque a flor he parto inchoado do fruto!  
Affim

Matth.  
2.

Chryf.  
Homil.  
7. in  
Matth.  
August.  
serm. 7.  
de Epi-  
phan.

Cant. 7.

Affim o entenderão aquelles discretos lavradores , bem ensinados da natureza , quando disserão : *Egrediamur in agrum , & videamus si flores fructus parturiunt.*

204 Deixem nosflos desejos fazer a Deos , que elle sabe melhor fazer , do que nós sabemos desejar. Lá diz o Euangelho dos nosflos mayores : *Na casa de bençam primeiro he a filha , que o varam.* Filha era do Infante Dom Duarte , & não filho , a Sereñissima Senhora Dona Catherina , & nesta filha sustentou Deos a esperança , & depositou o remedio de Portugal. Em quanto não vier o Primogenito , já temos Herdeira : como o primogenito lhe tomar a vanguarda , batalhará Europa , sobre quem a hade levar por Senhora. He Estrella deste dia , que andarão apòs ella nam só hum Rey , senão muitos. E quanta razaó teraó todas as Coroas do mundo, de a pertender para Rai-

nha , pois he Princeza de tantas partes , como já hoje começamos a ver! Muito benigna , muito discreta , muito vigilante, muito liberal , & sobre tudo muito favorecida do Ceo. Tam benigna , & de taõ Real condiçãõ , que em nove mezes , q̃ esteve tam de portas a dentro com a Rainha nossa Senhora , nunca lhe deu a menor molestia. Tam discreta , & de tam alta eleição , que escolheo o melhor , & mayor dia do anno , & mais sem ninguê lho ensinar : porque nunca ouve em Portugal exemplo semelhante. Tam vigilante , & diligente , que sendo hoje dia feriado , madrugou às duas horas depois da meya noite , & espertou toda a casa. Tam liberal , & grandiosa , que para fazer a mayor mercè aos vassallos , sem esperar memoriaes , lhes deu de Reys a si mesma. Finalmente , tam favorecida do Ceo , & da mesma Mãe de Deos , que fazendo a

Nij Rai-

Novena  
que fez  
a Rainha  
visitan-  
do nove  
Igrejas  
de nossa  
Senhora.

Rainha que Deos guarde ; aquella tam devota Novena pela felicidade de seu nascimento ; porque o ultimo dia foi dedicado à Senhora da Estrella , nos deu esta Estrella por Senhora : *Vidimus Stellam ejus*. Esta he a Primogenita , que hoje nalceo a Portugal : esta he a Princeza que hoje nasceo para o mundo : tam digna do pay , a quem se deu , como do Pay , q̄ a deu : *Te Æternum Patrem*.

### S. V.

205 **I** Sto fez o Eterno Padre , em quanto Pay. E em quanto Eterno , que fez ? Fez que o nosso Principe comece tambem hoje a ser eterno por beneficio da successão. Os pays homens , ainda q̄ sejaõ Principes , todos são mortaes ; mas por meyo da vida dos filhos se immortalizão , & por meyo da posteridade da successão se fazem eternos. Falla El Rey

David de si mesmo , & diz assim no Psalmo 60. *Dies super dies Regis adjicies: annos ejus usque in diem generationis , & generationis*. Vós , Senhor , acrescentareis dias sobre os dias do Rey , & por meyo destes dias acrescentados , os seus annos duraráõ de seculo em seculo , & serão eternos. Difficiloso Texto ! He certo , que Deos tem decretado a cada homem o numero dos dias da vida , com hum termo , & hum limite tam preciso , que de nenhum modo podem crescer , nem passar adiante : *Constituisti terminos ejus , qui præteriri non poterunt*. Pois se o numero dos dias decretados de nenhum modo pôde passar adiante , nem crescer ; como diz David a Deos , que acrescentará dias sobre os dias do Rey : *Dies super dies Regis adjicies ?* Que dias acrecetados são estes ? São os dias dos filhos , acrescentados sobre os dias do pay. E por meyo deste acrecetamento de dias a dias.

Job 14.

dias, os annos dos pays ; que pela mortalidade humana crão finitos, pela posteridade da successão vem a ser eternos : *Annos ejus usque in diem generationis, & generationis.* Ajunta-se hũa geração com outra geração, & hũa vida com outra vida ; & desta uniaõ de vidas a vidas successivamente continuadas, se tece o fio daquella eternidade, que faz os annos eternos. Sim : mas esses annos acrescentados, são dos filhos, & não são do pay. Sim são do pay ; que assim o diz o Texto : *Dies super dies Regis adjicies : annos ejus : annos seus :* porque assim os annos do pay, como os dos filhos, todos são do pay.

206 Mas esta composição de annos com annos, & esta uniaõ de dias a dias, como se faz, & quando ? Faz-se no dia do nascimẽto do filho. Porque no dia, em que nasceo o filho, torna o pay a renascer. Antes de o filho nascer, vai a vida do pay caminhando para

o Tom. 12.

o Occaso ; mas no dia, em que nasce o filho, torna a vida do pay a nascer, & por-le no Oriente. Por-metto Deos a ElRey Ezechias, que lhe acrescentaria os annos da vida : *pe-* dio Ezechias final ; & o fi-  
nal foi este : Que o Sol voltasse ao Oriente, & que a sombra subisse dez linhas no Relogio d' ElRey Acház. A duraçãõ da nossa vida mede-se pelo curso do Sol. Pois se o curso do Sol he a medida da vida humana, & Deos queria acrescentar a vida ao Rey ; parece que o Sol havia de hir adiante, & não tornar atrás ; parece que havia de caminhar ao Occaso ; & não voltar ao Oriente. Este he o mysterio, & a estremada pintura do que vou dizendo. O modo natural, com que Deos acrescenta os annos aos homens, he unindo a vida dos filhos, á vida dos pays, & renascendo outra vez os pays no nascimento dos filhos : & por isso a vida dos pays, que seguindo o curso do

Ifai. 38.  
S. Hier.  
Cyril.  
Procep.  
Aym.  
Lyran.  
Hugo  
Adam.  
Cornel.  
Sanch.  
& alii.

Sol vay caminhando ao Occaso ; pelo milagre natural do nascimento dos filhos torna de repête atrás , & se poem outra vez no Oriente. A traça daquelle Relogio de ElRey Achaz era hũa escada fabricada com tal artificio , que a sombra do Sol em cada hora hia descendo hum degrao. Esta escada , ou a sombra della , he a nossa vida : de degrao em degrao vay descendo sempre , & caminhando para o Occaso. Mas a vida dos pays , no dia do nascimento dos filhos , torna outra vez a subir a escada , & a se repor de novo no primeiro degrao. Tal he , com natural maravilha , o estado , em que neste venturoso dia se acha a vida , que Deos guarde , do nosso felicissimo Principe. Hontem á tarde hia pondo Sua Alteza os pès nos degraos vinte & hum da vida : hoje com o nascimento da bellissima Successora , está outra vez reposto no primeiro degrao della , para co-

meçar a viver de novo. Hontem hia subindo o nosso Sol para o Zenith dos annos com passo lento : hoje com o nascimento da nova Aurora , desfazendo subitamente as linhas , que tam felizmente tinha andado , amanhece segunda vez renascido em novo , & reciproco Oriente. Demos logo o parabem nesta duplicada felicidade a nosso Augustissimo Monarca , não só do nascimento da sua Primogenita , senão tambem do seu nascimento ; pois hoje nasce outra vez nella , & com ella : hoje dá novo principio á vida com a sua vida : & hoje começa a contar aquelles felices , & continuados annos , que por meyo de sua Real successão haõ de ser eternos.

207 Conta Moyfes no livro do Genesis os annos das vidas dos antigos Patriarcas : & he muito digno de ponderação o estilo de contar , que segue ; porque faz duas contas : hũa dos annos , que tinhaõ , quando

Gen. 5.

quando lhes nasceo o Primogenito ; & outra dos annos , que tinhaõ , quando morrerãõ. Ponhamos o exemplo em Seth , filho de Adaõ : *Vixit Seth centum , & quinque annis , & genuit Enos. Viveo Seth cento & cinco annos , & gerou a feu Primogenito Enós. Esta he a primeira conta: Et facti sunt dies Seth nongentorum duodecim annorum , & mortuus est. E viveo Seth novecentos & doze annos , & morreo. Esta he a segunda conta. Pois se para ficarem em memoria , & sabermos os annos , que viverãõ os Patriarcas , bastava só esta segunda conta ; porque fez Moyses tambem a primeira ? Porque faz hũa cõta dos annos , em que morrerãõ , & outra dos annos em que lhes nasceraõ os filhos ? Porque os homens , que sãõ pays , tem duas vidas : hũa vida , que acaba ; outra vida , que continua. A vida que acaba , conta-se no dia da morte do pay : a vida que continúa , conta-*

se do dia do nascimento do filho. Porque no dia do nascimento do filho , a vida do filho ata-se com a vida do Pay ; & destas duas vidas assim atadas , ( atando-se tambem entre si as que lhe succedem ) de muitas vidas , que não sãõ perpétuas , se vem a fazer hũa vida perpetuada. São Paulo chamou judiciosamente á morte , desatadura da vida : *Tempus resolutionis meae.* 2. ad Tim. 4. A morte he desatadura da vida ; & o nascimento he atadura das vidas ; porque na morte do pay desata-se hũa vida ; no nascimento do filho ata-se duas. Ata-se a vida do filho com a vida do pay , & destas atadas hũa na outra , seguindo-se vidas a vidas , & annos a annos , os annos do pay , q̃ em si mesmos erãõ mortaes , & finitos , na successãõ dos filhos se fazem immortaes ; & eternos. Este he o attributo daquella eternidade , que o Eterno Padre por meyo da Real successãõ , começa a comunicar hoje ao nosso re-

nascente Príncipe ; fazendo-o sem interposição de morte , Feniz de multiplicadas , & mais felices vidas : para que assim como em quanto Pay , o fez pay ; assim em quanto Eterno , o faça eterno : *Te Æternum Patrem.*

208 A myrrha , que he o ultimo obsequio , que hoje offerecêraõ os Reys a Christo , não significa simplesmente o mortal , senão o mortal immortalizado ; porque a morte mata os corpos , & a myrrha depois de mortos , preservando-os da corrupção , os faz immortaes. Este foi o pensamento ( diz S. Maximo ) com que os Magos sabiamente dedicáraõ a Christo a myrrha , como a Reparador da sua , & nossa mortalidade , professando o mysterio no tributo : *In myrrha , qua exanima solent corpora conservari , præfiguratur carnis nostræ reparatio.* Mas se a mortalidade se repara deste modo pela myrrha , muito melhor se repara pela sucesso: por-

que a myrrha immortaliza o mortal depois da morte ; & a successo immortaliza , & eterniza o mortal cõ novas , & continuadas vidas. Razaõ he logo , que no dia , em que teve principio esta felicidade , nõs todos , & toda a terra comnosco , demos immortaes , & eternas graças ao Eterno Padre , pela immortalidade , & eternidade do nosso Príncipe : pois com os primeiros penhores da felicissima successo , assim como em quanto Pay , o fez pay ; assim em quando Eterno , o começa a fazer eterno : *Te Æternum Patrem omnis terra veneratur.* Acabou-se o verso do nosso Coro , & eu tenho acabado.

### §. VI.

209 **E** Stas são em breve summa ( Corte , Nobreza , & Povo venturoso de Portugal ) as mercês , & felicidades , porque neste illustissimo , & Real Congresso nos ajuntamos todos em solem-  
ne

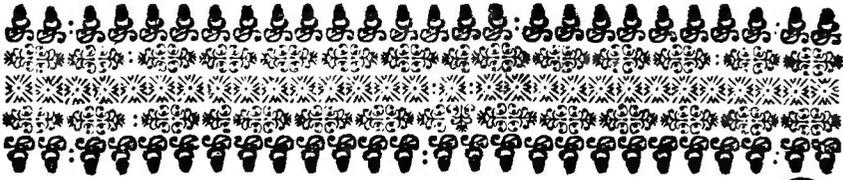
ne acção de graças , a louvar , & glorificar ao supremo Author de todos os bens neste ditosissimo , & tam desejado dia , coroa de todos os que temos visto , tendo visto tantos , & tam grandes. Tres dias notavelmente grandes teve Portugal neste seculo tam cheyo de novidades , em annos a que todos quasi fomos presentes. O primeiro foi o dia da Acclamação : o segundo , o dia das Pazes : o terceiro , este Dia sobre todos felice , do nascimento da nossa Primogenita. No dia da Acclamação , deunos Deos o Reyno duvidoso : no dia das Pazes , deunos o Reyno seguro : no dia de hoje , dá-nos o Reyno perpetuado. No primeiro dia , deunos o Reyno que foi : no segundo , o Reyno que he : neste terceiro , o Reyno que hade ser. No primeiro dia , deunos o Reyno de nossos pays : no segundo dia , deunos o Reyno para nós : neste terceiro , dá-nos o Reyno para nossos des-

cendentes. Os passados já não podem gozar este bé , porque foraõ : os futuros ainda o não podem gozar , porque não saõ : nós somos só , os que o gozamos , porque fomos tam venturosos , que vivemos nesta era. Não sejamos ingratos á hum Deos tam bom , que sem merecimentos nossos , antes sobre tantas offensas , nos faz tam singulares favores. Já que nos ajuntamos ao louvar , louvemolo muito de coração , & louvemolo todos. Assim como o Sol , & a Lua louvaõ a Deos : *Laudate eum Sol* , Psalms.  
*& Luna* ; louvem a Deos 148.  
hoje os nossos soberanos Planetas , & reconheçaõ o fruto da successão , como benignidade das influencias Divinas. Assim como as Estrellas louvaõ a Deos : *Laudate eum omnes Stelle* , Ibidem.  
louve a Deos o bellissimo Luzeiro , que hoje amanheceo nos nossos Horizontes , esclarecendo , & alumian-do com a mesma luz , a que sahe , este feu , & nosso emisferio. Assim como os  
Reynos

Reynos louvãõ a Deos :  
 P<sup>sal.</sup> 67. *Regna terræ cantate Deo* ; louve a Deos o Reyno de Portugal , pois entre todos os do mundo se vê d'elle tam amado , tam favorecido , tam sublimado. Assim como toda a terra louva a Deos :  
 P<sup>sal.</sup> 65. *Omnis terra adoret te , & psallat tibi* ; louvem a Deos todas as partes da terra de nossa Monarquia , & lembrem-se , pois se não podem esquecer , dos trabalhos, das perdas, das oppressões , das ruinas , que padecêraõ por falta de successão.

210 Mas porque todos os louvores humanos são limitados, & as mercês que nos fazeis, Senhor, são infinitas ; louvai vos vós mesmo a vós , infinito Deos , & aceitai em acção de graças tambem infini-

tas , o infinito merecimento desse sacrificio sacrosanto , que hoje vos offerecemos ; pois o instituístes para supprir os defeitos de nosso agradecimento com nome de sacrificio de louvor : *Sacrificium laudis honorificabit me.* Nesse sacrificio de louvor vos louvamos , em quanto creaturas vossas , como a nosso Deos : *Te Deum laudamus* ; nesse sacrificio de louvor vos confessamos , em quanto servos vossos , como a nosso Senhor : *Te Dominum confitemur* ; nesse sacrificio de louvor vos reverenciamos , em quanto filhos vossos , & vos reverenciaremos eternamente como a nosso Pay : *Te Æternum Patrem omnis terra veneratur.*



# S E R M A Õ

D A

## QVARTA DOMINGA DA Q U A R E S M A,

Na Matriz da Cidade de S. Luis do Maranhão,  
anno de 1657.

---

*Ut autem impleti sunt, collegerunt, & impleverunt duodecim cophinos fragmentorum,*  
Joan. 6.

§. I.



211 **B** Em me podeis ouvir hoje desafustadamente, porque vos heide pregar muito á vontade. E justo he que entre tantos discursos tristes, metamos tam-

bem algum menos funesto, para desentastiar a Quaresma. Queixa-se de mim o corpo, que todos os Domingo passados preguei sómente da alma. Deos assim como creou as almas, tambem creou os corpos, antes os corpos primei-

primeiro ; pois porque se não tratará também do corpo algũa vez ? Sou contente. O Sermão de hoje todo será do corpo , & para o corpo. Nos passados tratámos de como havemos de alcançar os bens espirituaes : hoje ensinaremos como se haõ de alcançar , & ainda acrescentar os temporaes.

212 A mayor penção, com que Deos creou o homem , he o comer. Lançai os olhos por todo o mundo , & vereis que todo elle se vem a resolver em buscar o pão para a boca. Que faz o Lavrador na terra , cortando-a com o arado , cavando , regando , mondando , semeando ? Busca pão. Que faz o Soldado na campanha , carregado de ferro , vigiando , pelejando , derramando o sangue ? Busca pão. Que faz o Navegante no mar , içando , amainando , sondando , lutando com as ondas , & cõ os ventos ? Busca pão. O Mercador nas casas de cõtratação , passando letras,

ajustando cõntas , formando companhias ? O Estudante nas Universidades , tomando postillas , revolvendo livros , queimando as pestanas ? O Requerente nos Tribunaes , pedindo , allegando , replicando , dando , promettendo , annullando ? Busca pão. Em buscar pão se resolve tudo , & tudo se applica ao buscar. Os pobres daõ pelo pão o trabalho ; os ricos daõ pelo pão a fazenda ; os de espiritos generosos daõ pelo pão a vida ; os de espiritos baixos daõ pelo pão a honra ; os de nenhum espirito daõ pelo pão a alma ; & nenhum homem ha , que não dê pelo pão , & ao pão todo o seu cuidado. Parece-vos que tenho dito muito ? pois ainda não está discorrido tudo.

213 Tirai o pensamento dos homens , & lançai-o por todas as outras cousas do mundo , achareis que todas ellas estaõ servindo a este fim , ou penção do sustento humano. A este fim nascem as hervas, a este fim

fim crelçem as plantas , a este fim florecem as arvores , a este fim produzem , & amadurecem os frutos , a este fim trabalhaõ os animaes domesticos em casa , a este fim pascem os manfios no campo , a este fim lecriaõ os silvestres nas bre-nhas , a este fim os do mar , & os dos rios nadaõ em suas aguas ; em fim tudo o que nasce , & vive neste mundo , a este fim vive , & nasce. Que digo eu o que vive , & o que nasce ? Os Elementos não são viventes , & a este mesmo fim cançamos , & fazemos trabalhar aos proprios Elementos. O fogo nas forjas , & nas fornalhas , a agua nas levadas , & nas azenhas , o ar nas velas , & nos moinhos , a terra nas vinhas , & nas searas ; & até o Sol , & a Lua , & as Estrellas , não deixamos estar ociosas desta pensão ; porque o que todos aquelles orbes celestes fazem , andando em perpetua roda , & voltando sem nunca descansar , he produzir , & temperar cõ

suas influencias o que hade comer o homem. Hamaís para onde subir? Ainda ha mais. Subi do Ceo acima até o mesmo Deos , & achareis que elle he o que mais occupado está que todos , em nosso sustento ; porque todas as outras cousas , cada hũa trabalha em si : & Deos , ainda que sem trabalho , obra em todas.

214 De maneira , fe-nhores , que a occupaçaõ do Ceo , & da terra , & de todo este mundo , a mayor pensão , o mayor cuidado , & o mayor trabalho dos homens , he buscar o paõ para a boca. Pois isto , porque todos trabalhaõ , heide ensinar hoje o modo , com que se possa alcançar sem trabalho. Todos os homens querem ter paõ , & muito paõ : dous alvitres lhes trago hoje para isso : hum para terem paõ , outro para terem muito. Esta será a materia do Sermaõ. Como he toda do corpo , parecerá a alguem , que não he necessario pedir graça

graça para elle; antes he o contrario; nenhũa materias tem mais necessidade de graça, que aquellas, que tem mais de corpo. Peça-mola ao Espirito Santo por intercessão da Senhora.

*Ave Maria.*

§. II.

215 **P**ROPõem-nos hoje a Igreja aquelle famoso milagre, tam famoso, como sabido, em que com cinco paens, & dous peixes em hum deserto deu Christo de comer a cinco mil homens, afora mulheres, & meninos, & sobejaraõ doze alcofas de paõ. Duas cousas fez Christo neste milagre, deu paõ, & deu muito: deu paõ; porque todos comêraõ à vontade: *Manducaverunt, & saturati sunt*: & deu muito; porque a todos sobejou: *Et tulerunt duodecim cõphinos fragmentorum*. Estas duas cousas, que Christo fez naquelle milagre, saõ as que vos

prometi sem milagre: alvitre para ter paõ: alvitre para ter muito. Vamos ao primeiro.

216 Mas que alvitre vos parece que será este? Que meyo vos parece, que se pôde dar, para hum homem em toda a sua vida ter o paõ certo, sem nunca lhe haver de faltar? Será por ventura ajuntar mais? trabalhar mais? lavrar mais? negociar mais? desvelar mais? poupar mais? mentir mais? adular mais? Alguns cuidaõ, que estes saõ os meyos de ter paõ; mas enganaõ-se. Sabeis qual he o meyo seguro de ter paõ, sem nunca haver de faltar? He seguir a Christo. Assim lhe aconteceu a estes cinco mil homens; porque seguiaõ a Christo, tiveraõ paõ no deserto. Se cinco mil homens com mulheres, & filhos, entraõ sem de repente em hũa grande Cidade, não haveria promptamente, que lhes dar a comer; quanto mais em hum deserto? Em hum deserto porèm se a-

chavaõ estes homens, sem casa, sem venda, & sem dinheiro para comprar o mantimento, ainda que o houvesse, & sobre tudo com fome de tres dias; mas porque seguiaõ a Christo, tiveraõ que comer todos, sem lhes faltar nada. Senhores meus, q̄ tam desvelados andais todos, & tam esfaimados por ter de comer, & por deixar de comer a vossos filhos; segui, & servi a Christo, & eu vos seguro de sua parte, que nem a vós, nem a elles lhes faltará pão.

217 Ora porque este ponto, em que estamos, assim como he muito para delejar, & para aceitar, não he facil de persuadir; eu volo quero mostrar evidente por todos os me-yos, com que se pòde hũa cousa fazer certa. A Escritura sagrada divide-se em livros Historiaes, Sapienciaes, Psalms, Profetas, Euangelhos, Epistolas Canonicas. Com textos de todas estas Escrituras hei de provar primeiramente

o que digo, logo com figuras do Testamento Velho, depois com exemplos, ultimamente com a experiencia Daime attençaõ.

§. III.

218 **C**omeçando pe-  
 los livros Hi-  
 storiaes, no Capitulo vin-  
 te & seis do Levitico diz  
 Deos: *Si in præceptis meis* Levir.  
*ambula veritis, & mandata* 26.3.4.  
*mea custodieritis, dabo vo-* 5.10.  
*bis pluvias temporibus suis:*  
*& terra gignet germen suũ,*  
*& pomis arbores replebun-*  
*tur: & comedetis panem ve-*  
*strum in saturitate: come-*  
*detis vetustissima veterum,*  
*& vetera novis superveniẽ-*  
*tibus projicietis.* Se guardar-  
 des a minha ley, & os  
 meus preceitos, darvos hei  
 a chuva a seu tempo: & os  
 frutos de todo genero se-  
 raõ tantos, que quando  
 colherdes os novos, para  
 os recolher lançareis fora  
 dos celleiros, & das ade-  
 gas os velhos. *Quod si non* Ibid.  
*audieristis me, nec feceritis* 14.19.  
*omnia mandata mea: dabo* 20.  
*vobis*

*vobis caelum desuper sicut ferrum, & terram aeneam: consumetur incassum labor vester, non proferet terra germen, nec arbores poma praebebunt.* Pelo contrario, se me não ouvirdes, nem guardardes meus Mandamentos, o Ceo será para vós de ferro, & a terra de bronze: aralaeis, & trabalhareis de balde; porque as sementeiras não nalceraão, & as arvores não daraão fruto. Isto mesmo repete Deos no livro do Deuteronomio, & em outros muitos lugares dos Historias.

Prov.  
10. 3.

219 Nos Sapienciaes: *Non affliget Dominus fame animam iusti.* Não affligirá Deos com fome a alma do justo. Parece que havia de dizer: Não affligirá o Senhor com fome o corpo do justo; mas não diz senão a alma; porque a fome, & a pobreza afflige o corpo, & mais a alma: ao corpo com a falta do comer, & à alma com o cuidado donde hade vir. E Deos tem tanto cuidado, & provi-

dencia com os que o servem, que não só os sustenta com tal abundancia, que lhes livra o corpo da fome, mas com tal certeza, que lhes livra a alma do cuidado.

220 Nos Psalmos diz assim, Plalmo trinta & tres: *Timete Dominum omnes Sancti ejus, quoniam non est inopia timentibus eum. Divites eguerunt, & esurierunt: inquirentes autem Dominum non minuentur omni bono.* Temei a Deos todos, os que o servis; porque os que o temem, elle os livrará da pobreza. Os ricos empobreceraão, & padeceraão fome; porém os que servem, & temem a Deos, & o buscaão, não sentiráão falta de bem algum. No Plalmo trinta & seis: *Spera in Domino, & fac bonitatem, & pascéris divitiis suis.* Esperai em Deos, & fazei boas obras, & elle vos sustentará com suas riquezas. E dá a razaão no Plalmo trinta & dous: *Ecce oculi Domini super me-tuentes eum, & in his, qui*

Pfalm.  
33. 10.

Pfalm.  
36. 3.

Pfal. 32.  
18. 19.

*Sperant in misericordia ejus , ut eruat à morte animas eorum , & alat eos infame :* Porque os seus olhos estão postos sobre os que o temem , para os livrarem da morte , & os sustentarem no tempo da fome.

221 Nos Profetas ,  
 Ifai. I. 19. 20. *Isaias , primeiro : Si volueritis , & audieritis me , bona terra comedetis : quòd si nolueritis , & me ad iracundiam provocaveritis , gladius devorabit vos.* Se quizerdes servir-me , comereis os bens da terra : & se não quizerdes , & me provocardes a ira , a minha espada vos comerá a vós. Notai o *comedetis* , & o *devorabit* : se me servirdes , comereis : se não me servirdes , fereis comidos. Quantos ha , que não tem que comer , & se andaõ comendo? Pelo Profeta Oseas : *Seminate vobis in justitia , & metite in ore misericordie :* Semeai boas obras , & colhereis misericordias. E quantas ? Quantas vós pedirdes pela boca , que isso que dizer , *in ore misericordie*. Vamos aos

Tom. 12.

Euangelhos. 107.

222 São Mattheus :

*Quærite primum Regnum* Math.

*Eei , & justitiam ejus : &* 6. 33.

*hec omnia adjicientur vobis :*

Buscai primeiro o Reyno

de Deos : & tudo , o que

vos for necessario , vos bus-

cará a vós. *Beati , qui esu-* 5. 6.

*riunt , & sitiunt justitiam ;*

*quoniam ipsi saturabuntur.*

Bemaventurados , os que

tem fome , & sede da justia

ça , isto he da virtude ; que

faz justos ; porque essa fo-

me , & sede se lhes conver-

terá em fartura. Quam er-

rados vão , os q para a ter,

andaõ esfaimados após as

riquezas ! Tende vós fo-

me , & sede do serviço de

Deos , & elle vos sustenta-

rá abundantemente. *Fiat*

*voluntas tua : panem nostrum*

*da nobis hodie.* Façamos

nòs a vontade de Deos , &

elle nos não faltará com o

paõ de cada dia ; porque a

disposiçãõ para ter o *panem*

*nostrum* , he o *fiat voluntas*

*tua.*

223 Finalmente nas

Epistolas Canonicas. São

Paulo ad Romanos Capitu-

O tulo

Math.  
6. 10.  
11.

AdRom.  
8.15.17

tulo oitavo: *Accepistis spiritum adoptionis filiorum: si autem filii, & heredes.* Os que servem a Deos, & estão em graça, são seus filhos adoptivos; se são seus filhos, logo são seus herdeiros. Vede agora se aos herdeiros de Deos todo poderoso, lhes pôde faltar alguma cousa. O mesmo S. Paulo na primeira ad Corinthios: *Omnia vestra sunt: vos autem Christi: Christus autem Dei.* Christo he de Deos; vós sois de Christo: logo todos as cousas são vossas; porque quem serve a Christo, não lhe pôde faltar cousa alguma.

1. Ad  
Cor. 3.  
22.23.

224 Eis aqui como todas as Escrituras conformemente estão dizendo que o meyo mais certo, & mais seguro de ter pão, & de nos não faltarem os bens temporaes, he seguir a Christo, & servir a Deos. Agora quizera eu perguntar pela vossa cubiça à vossa Fè, & pela vossa Fè à vossa cubiça. Se tendes Fè, & tendes cubiça; porque não encaminhais a

vossa cubiça pelos caminhos, que vos ensina a Fè, para assegurar os interesses, que pertendeis? Nem Christãos, nem cubiçosos sabemos ser. Mas he que não temos Fè. Ouvi a S. Pedro Chryfologo: *Homo homini exigua cartula obligatione constringitur: Deus tantis ac tantis voluminibus cavet; & debitor non tenetur?* Ides daqui para Portugal, não embarcais nada com vosco; que haveis de comer? Respondeis: Levo hũa letra de tantos mil cruzados. Pois tendes por certo que não vos pôde faltar pão, porque levais a letra de hum mercador; & não tendes por certo com tantas escrituras de Deos, que vos não hade faltar nada? Apertemos mais este ponto. Na Praça de Londres quereis hir para Leorne, levais letra de hum Hereje: na de Amsterdaõ para Alemanha, levais letra de hum Judeo: na de Veneza para Constantinopla, levais letra de hum Turco; & ides

D. Petr.  
Chry-  
folog.

seguro

seguro de que vós não hade faltar paõ. Pois com as letras de hum Hereje , de hum Judeo , de hum Turco cuidais que ides muito seguro ; & com as de Deos não ? Ah *modica fidei* , que não temos Fè!

§. IV.

225 **V** Amos ás figuras do Testamento Velho. O Manná deu o Deos aos filhos de Israel , quando caminhavaõ para a terra de Promissão , & não quando estavaõ no Egypto. Parece que no Egypto fora mais razão que Deos os soccorresse por afflictos. Ora vede : A terra de Promissão significava o Ceo , o cativo do Egypto significava o peccado ; pois por isso lhes não dá Deos o Manná , senão depois que sahiraõ do Egypto , & quando caminhavaõ para a terra de Promissão ; porque aos que se tiraõ do peccado , & aos que caminhaõ para o Ceo , a esses tem

Deos prometido de sustentar , & de lhes não faltar em nenhum tempo , & em nenhum lugar com o necessario. Oh quantos , & quantas ha neste mundo , que quando vaõ ao Confessionario , choraõ mais as suas pöbrezas , que os seus peccados , devendo ser ás aveças ! Sahi vós do peccado , em que estais ; resolveivos a caminhar para o Ceo , & vereis como vos chovem os bens de Deos , & vos não falta nada. E se estiverdes em lugar , ou em estado , que não possais buscar de comer: o mesmo comer vos buscará a vós , como buscava aos filhos de Israel todos os dias. Mas vós quereis estar no Egypto do peccado , que vos tem cativo , & cativa ha tanto tempo ; quereis caminhar para o inferno a vèlas tendidas , & no cabo que vos faça Deos a matlotagem ? Isso não póde ser : dar volta à vida , deixar o caminho do inferno , & tomar o do Ceo , & vereis como vos não falta

Psalm.  
22.1.

cousa algũa : *Dominus regit me, & nihil mihi deerit.*

226 Segunda figura.

Quiz Isaac dar a benção a Esaú seu Primogenito, & disselhe que fosse primeiro caçar, & que lhe trouxesse algũa cousa. Em quanto Esaú foi ao monte, veyo Jacob, & fingindo ser Esaú, como Isaac era cego, furtoulhe a benção. Abendiçoou pois Isaac a Jacob, & disse desta maneira : *Det tibi Deus de rore caeli, & de pinguedine terræ* Dete Deos das influencias do Ceo, & da abundancia da terra. Levada assim a benção, veyo Esaú com a caça, & conhecendo o engano, pediu ao pay que ao menos lhe dresse outra benção; ao que respondeo o velho, q. outra benção já lha não podia dar, mas para o tôsolar o abendiçoou tam bẽ com estas palavras : *In pinguedine terræ, & in rore caeli, erit benedictio tua.* A vossa benção será da abundancia da terra, & das influencias do Ceo. Notavel caso ! As mesmas pala-

Genes.  
17.28.

Ibid.  
39.40.

vras, que Isaac disse a Jacob, disse tambem a Esaú. A Jacob disse : *De rore caeli, & de pinguedine terræ*; a Esaú disse : *De pinguedine terræ, & de rore caeli.* Pois se em Jacob foraõ benção, como em Esaú o não foraõ, antes maldição ? Ora notai: Ainda que as palavras foraõ as mesmas, a ordem dellas foi trocada. Na benção de Jacob poz no primeiro lugar os bens do Ceo, & no segundo os da terra : *De rore caeli, & de pinguedine terræ*; na benção de Esaú poz primeiro os bens da terra, & depois os do Ceo : *De pinguedine terræ, & de rore caeli.* E eis-aqui em que esteve ser benção a de Jacob, & não ser benção a de Esaú. Os mesmos bens dados por Deos, ou não dados por Deos, são benção, ou maldição.

227 Senhores meus, todos havemos mister os bens da terra, & mais os do Ceo; os da terra para esta vida, & os do Ceo para a outra; & ainda que esta vida he primeiro que a  
outra.

outra ; o buscar os bens dellas hade ser às aveças. Os bens da outra haõ se de buscar no primeiro lugar , & os desta no segundo ; porque nisto consiste termos benção , ou termos maldiçaõ. Quem busca primeiro os bens do Ceo , & depois os da terra , tem benção ; porque logra os da terra , & mais os do Ceo : quem busca primeiro os da terra , & depois os do Ceo , tem maldiçaõ ; porque nem logra os do Ceo , nem os da terra. Eu não vos digo que não busqueis os bens da terra : que isso de os deixar , & de os desprezar , he espirito , que Deos dá só a quem he servido : não vos digo que os não busqueis ; só vos digo que os busqueis por caminho , em que seguramente os possais achar , que he buscando em primeiro lugar os do Ceo , & servindo a Deos. Servi a Deos , & estai seguros que he impossivel faltar o necessario. E senão , vamos aos exemplos.

Tom. 12.

## §. V

228 **Q**uem parece que tinha menos fundamento para ter , q̄ Abrahaõ , a quem Deos mandou sahir de sua Patria , & viver desterrado della ? & com tudo , porq̄ tratou de servir a Deos , & particularmente , porque teve tanta Fè , & obediencia , que chegou a lhe sacrificar seu filho , veyo a ser tam rico , & poderoso , que sendo necessario soccorrer a seu sobrinho Loth , levou só de sua casa trezentos & dezoito criados. Jacob desemparedado , & fugitivo de casa de seu pay ; & com tudo , porque servio a Deos , & particularmente , porque foi tam dado à Oraçaõ , & contemplaçaõ , que chegava a andar a braços com os Anjos , veyo a ter tanta fazenda , como elle mesmo disse , que sabindo da Patria só com o seu bordaõ : *In baculo meo transivi Jordanem* , Geneſ. 32.10. depois se recolheo a ella

O iij com

Ibid.

com a familia de gente, & gados dividido em duas esquadras: *Et nunc cum duabus turmis regredior*. Joseph vendido para o Egypto, & lá escravo; com tudo, porque foi tam casto, que resistio aos requerimentos, & violencias de sua má Senhora, veyo a ter tanto pão, que não só sustentou a seus irmãos, & a toda a casa de seu Pay, senão a todo o Egypto, & a todo o mundo. David da menor familia, & o menor de seus irmãos, como elle mesmo confessava; & com tudo, porque foi grande perdoador de injurias, cresceu a tanta opulência, que os thesouros, de que testou, não se contáráo por mil cruzados, nem por contos, senão por milhoens. Eis-aqui o que fez Deos a estes; & se acaso volo não faz a vós, não he, porque Deos não seja o mesmo, que era: mas porque vós não sois quaes elles toraó. Seja o soldado como foi David: seja o lavrador como foi Jacob: seja o de-

sterrado como foi Abrahaó: seja o desemparrado, & perseguido como foi Joseph; & eu vos prometto que lhes não falte Deos com muitos bens. Mas conclua-mos com a nossa prova, & vamos à experiencia.

## §. VI.

229 **A** Experiência verdadeiramente parece que a tenho contra mim. Porque não ha duvida que vemos muitas pessoas virtuosas, que padecem grandes necessidades: logo não he verdade que o caminho de ter pão he servir a Deos. Primeiramente eu heide crer mais ao testemunho de David, que ao vosso. Olhai o que diz David: *Junior fui, etenim senui, & numquam vidi justum de relictum, nec semen ejus querens panem*: Eu fui moço, & tambem fui velho, & nunca vi hum justo desemparrado, & a sua familia sem o pão para a boca. Se vós tivereis os olhos tam allumiados como David.

*Pfalm.*  
36. 25.

vid, pòde fer que differeis o mefmo. A's vezes os que nós cuidamos que são juftos, não são juftos: às vezes os que nós cuidamos que fervem verdadeiramente a Deos, não o fervem verdadeiramente; & por iffo lhes falta Deos cõ os bens. Serem os homens hũa coufa, & parecerem outra, he facil; faltar a palavra de Deos, he impossivel. Em refoluçãõ: todos aquelles, q̃ parecem bons, & padecem necessidades, he hũa de duas: ou he que o não são; ou he que quer Deos provar se o são.

230 Faz hum criado d'ElRey hũa petiçãõ a Sua Mageftade, & diz desta maneira: Diz Fulano, que elle he cria do da Casa de Voffa Mageftade; & porque ha tanto tempo, que ferve, & não se lhe paga fua moradia: Pede a Voffa Mageftade feja fervido de lha mandar pagar com effeito, & receberã mercè. Responde ElRey pelo feo Mordomo Mór: Prove o foro, & deterirfe,

lheha. O mefmo passa no nofso caso. Serve hum homem, ou hũa mulher a Deos: ve-fe em necessidade: recorre áquelle Senhor: allegalhe com fua palavras, & com fua promeffas, & pedelhe que o foccorra; com tudo vemos que o não foccorre Deos logo, & que padece. Que he isto? He que o mãdou Deos provar os fervices, & está fazendo as fua provanças; & como tiver provado, logo se lhe deferirá com grande abundancia. Christãos, & Christãs da minha alma: fe servis a Deos, & sentis falta do necessario, tende maõ, que vos prova Deos: *Expecta*

*Pfalm.*  
26.14.

*Dominum, vivilater age,* diz o mefmo David, & cõfortetur cor tuum, & sustine Dominum He estylo este da casa de Deos. Vede-o nos mefmos exemplos. Abraão rico por servir a Deos; mas provado primeiro com o desterro: Joseph rico por servir a Deos; mas provado primeiro com o cativoiro:

O iij David

David rico prô servir a Deos ; mas provado primeiro com as perseguições : Jacob rico por servir a Deos ; mas provado primeiro com os trabalhos. E aos do Evangelho lhes succedeo o mesmo. Não lhes deu Christo de comer ao primeiro dia , nem ao segundo , senão ao terceiro : *Quia jam triduo sustinent me.* Depois que provou a constancia , & paciencia , com que o seguiaõ , entãõ lhes deu o paõ milagroso : primeiro os provou , depois os proveo. Em Deos não ha prover sem provar.

231 Sabeis senhores , & senhoras , porque Deos nos não provè bem ? Porque nós provamos mal : & a quem o não serve verdadeira , & constantemente , não tem elle obrigação de sustentar. Somos Christãos , servimos a Deos , vemonos em pobreza , & necessidade ; em lugar de entãõ o servirmos melhor para que nos soccorra , tomamos por meyo de nos

remediar o offê dello. Quãtos , & quantas ha , que tanto que se vem em necessidade , vendem a consciencia , vendem a alma , & às vezes o corpo ? E que faz Deos entãõ ? Como justissimo Juiz em lugar de lhes dar a abundancia , que lhes havia de dar se perseverassem constantemente , tiralhes esse pouco remedio , que tinhaõ , com q̃ fiquem perdidos de todo. Porque assim como o caminho certo de ter paõ he servir a Deos ; assim o caminho certo de se perder o paõ , que se tem , he desservillo. Não vos quero trazer disto mais que dous exemplos em dous Mandamentos , hum da primeira taboa , outro da segunda. Da primeira taboa o terceiro , da segunda o septimo.

232 Diz Deos no septimo Mandamento : Não furtarás ; & vós com cubiça de acrescentar fazenda , ajuntais a alhea à vossa por todas as artes , que podeis. E que se segue daqui ? Que pelo mesmo caso vos tira Deos

Matth.  
6.20.

Deos a que tinheis, & mais a que lhe ajuntastes. Dos thesouros do Ceo dizia Christo taxando os da terra, que não os come a ferrugem, nem a traça, nem os roubaõ os ladrões: *The- sauros in celo: ubi neque ærugo, neque tinea demolitur, & ubi fures non effodiunt.* Quaes sejaõ os ladrões, já o sabemos; mas qual he a ferrugem, & a traça dos bens deste mūdo? A ferrugem he o alheyo. Assim como a ferrugem come, & consume os metaes: assim o alheyo come o proprio, se se lhe ajunta. E qual he a traça, que tambem o roc, & o come? A traça são as traças. Buscáis mil traças, & invenções para ajuntar o alheyo ao vosso; & essas são as que em lugar de volo acrescentar, volo roem, & volo desbarataõ. He o alheyo pontualmente como o vomitorio. Receita-vos o Medico hum vomitorio: & q̃ vos acontece depois que o tomais? Lançailo a elle, & tudo o mais que tinheis

dentro. Assim he o alheyo; guardaivos de o meter no estamago; porque primeiramente não volo hade lograr, & ha vos de puxar, & levar comsigo o mais, que tiverdes nelle. E vede quam pouco basta para fazer estes effeitos. Achab era Rey, tomou a Nabot hũa vinha; & tanto que a vinha se ajuntou ao Reyno, perdeu o Reyno, & mais a vinha. Fez a vinha o que faz o vinho: vomitou-a Achab, & com ella tudo o mais.

233 Conta Tito Livio de hum Principe dos Piczenigos chamado Cures, que querendolhe tomar suas terras Suatislao Principe dos Ruthenos, elle o houve às mãos em hũa emboscada, & mandandolhe tirar a cabeça, fez da sua caveira hũa taça encastoadada em ouro, por onde bebia, com esta letra: *Quere- Livi.lib. 23.cit.a*  
*rendo aliena, propria amisit.* Buscando o alheio, perdeu o proprio. Oh q̃ boa lembrança para a mesa dos Principes, & dos que o não

Livi.lib.  
23.cit.a  
Fabr.  
Dom.8.  
post PÉ-  
recoft.

não são. Se em todas as mesas se bebêra por esta taça, não se comêra em tantas o pão alheyo; & se no Brasil deramos em defenterrar caveiras, em quantas poderamos escrever a mesma letra! Cuja he esta caveira? He de Fulano. Viveo rico, & morreo pobre: testou de muitos mil cruzados, & seus filhos pedem esmola. Pois que foi isto? que ar máo deu por esta fazenda? *Querendo aliena, propria amisit*: Misturou a lua fazenda com a alhea, perdeu a alhea, & mais a sua. Fazenda adquirida com desserviço de Deos, & contra seus Mandamentos! Deos nos livre. O servilo he o verdadeiro caminho de a adquirir, & de a conservar.

234 Vamos ao segundo exemplo da primeira taboa. Diz Deos no terceiro Mandamento: Guardarás os Domingos, & as festas; & vós, porque aquelle dia vos não fique sem grangear fazenda, não mandais à Missa os vossos

escravos, antes mandais; ou quando menos permitis, que trabalhem. Pois sabeis, & desenganaivos, q̄ tudo quanto se trabalha ao Domingo, he destruição de tudo o que se acquire pela semana. Dirvos hei agora hum lugar, que ha muitos annos tenho notado para os homens do Brasil: *Quando fueritis in terra hostili, sabbatizabit, & requiescet in sabbatis solitudinis suae, eo quod non sabbatizaverit in sabbatis vestris, quando habitabatis in ea.* Se fizerdes trabalhar a terra aos dias Santos, eu a entregarei aos inimigos, & então guardará os dias Santos a terra. Perguntemos aos nossos vizinhos da Paraíba, & da Guayana, quanto ha que se não cultivão as suas canas, & que não moem os seus Engenhos. Pois que he isto. He que estão agora as terras, & os Engenhos guardando os dias Santos, que seus donos antigamente lhes não deixavaõ guardar: *Sabbatizabit, & requiescet.* He

Levit.

26.34.

34.

235 He peccado geral do Brasil deitar a moer ao dia Santo. Deos deu á terra hum dia na fomana para descansar : vós não quizestes que descansasse , & louvasse a Deos hum dia ; pois descansará agora toda a fomana, & todo o mez , & todo o anno , & tantos annos. Senhores, porque cuidais que vos morrem as peças ? porque cuidais que vos fogem, & desapparecem? porque cuidais que se arruinaõ, & defabricaõ, & estaõ feitos táperas tantos Engenhos? Eu volo direi: Por descuido, & pouco zelo desta Capitania. Não mandais o vosso escravo ao Domingo á Igreja? pois que faz Deos? Já que vós não obedeceis ao meu preceito, & não quereis que o vosso escravo venha hum dia na fomana á Igreja, eu volo matarei, & virá estar toda a fomana no adro. Sabeis que fazem alli os vossos escravos ? Estaõ para ouvirem as Missas, que vós lhes não fizestes ouvir. Por cu-

biça de lavar, & grangear mais, mandastes trabalhar o vosso escravo ao dia Santo: que faz Deos? Deixa-o fugir para o mato, & que nunca mais appareça: & agora anda folgando sete dias da fomana, porque vós não quizestes que descansasse hum só. Por fazer as seis tarefas redondas, mandastes deitar a moer ao Domingo à tarde: & Deos que faz? Dispoem q̃ tenhais taes perdas no mar, & na terra, que não possais sustentar a fabrica, & que não moais nem hãz só tarefa. Sabeis que faz agora a tápera do Engenho ? Está guardando os dias Santos, que seu dono lhe não deixou guardar.

236 Eis-aqui, Senhores, como anda enganada a vossa cubiça. Cuida que pode avançar fazêda quebrando os Mandamentos de Deos, & he tanto pelo contrario, que não só se não acquire fazenda por este caminho, antes se perde a que estava adquirida. O caminho certo, & seguro

ro de ter fazenda, he fazer o que Deos manda ; o caminho certo , & seguro de ter paõ , he seguir a Christo , como experimentáraõ os do nosso Euangelho: *Manducaverunt , & saturati sunt.*

§. VII.

237 **T**Emos dito o primeiro alvitre, que prometemos, que he como havemos de alcançar o paõ : vamos agora ao segundo , como havemos de alcançar muito. Oh que ponto este para os cubicosos , & para os avarentos ! Se eu os consultasse a elles do remedio para acrecentar paõ, para multiplicar fazenda : huns haviaõ de dizer que negociar ; & melhor que tudo , negociar para o Maranhão ; porque o que em Portugal val dous , aqui se vende por vinte. Este meyo será muito bom , quando no mundo não houver quatro coufas : quando em Zelanda não houver Pe-

chilingues : quando em Argel não houver Turcos : quando na Agulha de marear não houver Suestes : & quando na costa do Maranhão não houver baxios. Mas em quanto ha estas quatro coufas , he muito arriscado modo de ganhar esse.

238 Outros dirão que he bom meyo servir a El-Rey em algum posto grãde , ou muito junto a elle , ou muito afastado delle ; que estes são os postos , em que os homens se aproveitaõ. Dizem que o Rey se hade tratar como o fogo ; nem tam perto , que queime ; nem tam longe , que não aquece. A's aveças hade ser. Do Rey ou muito perto , ou muito longe. Se tendes posto muito perto ao Rey , tudo se vos lugeita , tudo vos vem ás mãos : & se tendes posto muito longe do Rey , tudo vós lugeitais , & em tudo vós meteis a maõ. Este modo de acrecentar fazenda não ha duvida que he muito prompto , & muito effectivo,

effetivo, & tambem me atrevera eu a dizer que era bom, se neste mundo não houvera hũa conta, & no outro mundo outra. Se no outro mundo não houvera inferno, & neste mundo não houvera justiça, era muito bom; mas nesta vida limoeiro, & na outra vida fogo eterno: nesta vida confiscado, & na outra vida queimado, não he bom modo de ganhar.

239 Outros dirão que para ter muito, o melhor remedio he tello, guardar, poupar, não gastar, morrer de fome, & matar a fome; porque dizem que muito mais cresce a fazenda com poupar muito, que com ajuntar muito. Este meyo eu confesso que he muito bom; mas bom para ajuntar fazenda para outros, & não para si; porque o que eu poupo, & o que não gasto, não he meu, he daquelles a quem eu o hei de deixar, & depois o haão de gastar muito alegremente. E poupar, & morrer de fome, para que

outros vivaão, & alardeem, he hũa avareza muy louca.

240 Pois que remedio para acrecentar a fazenda, util, discreta, & muito seguramente? O remedio he muito facil: dar da que tiverdes por amor de Deos. De maneira que ambos os nossos pontos se vem a resumir a Deos. Quereis ter paão? Servi a Deos: quereis ter muito? Dai por amor de Deos. Pois o dar, o tirar de mim he caminho de acrecentar? antes parece caminho de diminuir. Se fora dar por amor dos homens, ou por outro respeito sim, que era caminho de perder o que se dá; mas dar por amor de Deos, não ha mais certa negociação, não ha mais certo modo de ajuntar fazenda. Vede-o no nosso Evangelho *Unde Joann. ememus panes, ut manducent hi?* Perguntou o Senhor, onde achariaão paão, para que comessem todos. Respondéo Santo André, que todos os paens, que havia, não passavaão de cinco:

Ibid. 9.

cinco: *Est puer unus hic, qui habet quinque panes; & comestes, sendo só cinco, quiz Christo dar de comer a todos.* Pois, Senhor, não vedes q̄ tendes doze Discipulos, que sustentar, & que os paens não são mais q̄ cinco? Se tivésseis muito pão, então estavaõ bem essas liberalidades; mas sendo tam poucos? Antes por isso mesmo: se os Apostolos tiveraõ doze paens, então não era necessario mais; porèm como não tinhaõ mais que cinco, era força buscar algum modo de os acrecentar: & não podia haver meyo mais breve, nem mais certo, que dallos aos pobres. E assim foi; que os Apostolos, porque deraõ cinco paens, não só receberaõ doze paens, se não doze alcofas: *Duodecim cõphinos.* Se os Apostolos foraõ de animo avarento, & acanhado, & quizeraõ comer os seus cinco paens, sahira menos de meyo pão a cada hum; mas porque cada hum deu o seu pedaço de pão, ficou

com hũa alcofa cheia. Dizia o Sabio tallando de hũa mulher sabia: *Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit ad pauperem:* Abrio a mão, & estendo as mãos. Mas porque, ou para que? Porque quando abris hũa mão para dar por amor de Deos, he necessario abrir duas para receber: quando o que dais cabe numa mão, o que recebeis não cabe em duas. Assim lhes aconteceu hoje aos Apostolos. O pão, que deraõ (que era o que tocava a cada hum) cabia em tres dedos, & o que recolheo cada hum, não cabia em duas mãos; por isso foi necessario tomarem alcofas: *Duodecim cõphinos.*

241 Tudo temos em hum caso do Testameato Velho. Acabado o diluvio, sahio Noe em terra com seus filhos, & todo os animaes: & lançoulhes Deos a benção, dizendo *Crescite, & multiplicamini super terram:* Crescei, & multiplicai sobre a terra. E que fez Noe? *Ædificavit altare*

Prov. 3.1.20.

Genes. 8.17.

Ibid. 20.

tare

*tare Domino, & tollens de cunctis pecoribus, & volucris mundis obtulit holocausta:* Levantou hum altar, & começou a degollar de todos os animaes, de que era licito fazer sacrificio, & queimou-os sobre elle. Parece que de repente se esqueceo aqui Noe do que Deos tinha dito, & mandado. Não tinha dito Deos que crescessem, & multiplicassem sobre a terra todos os animaes? pois como os degolla Noe, & queima, & sacrifica sobre o altar? Olhai: Noe não matou as rezes para as comer, matou-as para as offerecer, & sacrificar a Deos; & para as cousas crescerem, & multiplicarem, o meyo mais certo, & mais seguro he dallas a Deos.

242 E de que modo as daremos a Deos? Bem-dita seja sua infinita Magestade, & bondade, pois se servio ensinarnos por sua propria boca, o que nem imaginar nos atreveriamos. *Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis mini-*

*mis, mibi fecistis.* Tudo o que dais ao pobre, dailo a mim. Vedes Christãos como podemos dar a Deos tudo; tudo o que damos ao pobre, damolo a Deos; & se quereis que as vossas cousas cresçam, & se multipliquem, reparti-as com os pobres. Dous modos ha no mundo, com que as cousas crescem, & se multiplicam muito: hum natural, ou da arte, como na lavoura; outro industrial, como na mercancia. Na lavoura, semeais hum alqueire de pão, colheis quinze, colheis vinte, & se a terra he muito boa, colheis trinta. Na mercancia, empregastes cinçoenta, ganhastes cento, ganhastes duzentos, & ás vezes mais. Tudo isto tendes na esmola. Dar esmolas he semear, & he negociar, mas com grandes vantagens. Para semear não ha melhor terra, que as mãos do pobre; & para negociar não ha melhor correspondente, que Deos. Não são considerações minhas, tudo he Fê,

&

& sagrada Escriitura. Vamos ao negociar.

## §. VIII.

243 **N**Os Proverbios Capitulo dezanove diz assim o Espirito Santo : *Faneratur Deo, qui miseretur pauperis.* Sabeis que coula he dar esmola ? Quem dá esmola ao pobre, dá a cambio a Deos. Cuida o outro que quando dá esmola, que a dá para a perder, & engana-se, porque a dá a cambio ; & dar a cambio não he perder o que se dá, antes he acrescentallo. Quem dá a cambio, sempre tem o seu capital seguro, & sobre isso recebe as ganancias. Assim lhe acontece a quem dá esmola : segura tudo, o que deu, & sobre isso recebe as ganancias. Mas que ganancias ? não como as dos homens ; porque Deos paga muito melhor. Os homês, se lhes dais dinheiro a cambio, daõvos quando muito a seis & quarto por cento : & Deos não dá a seis

por cento, senão a cento por hum : *Centuplum accipiet, & vitam eternam* ; no outro mundo a vida eterna, & neste, cento por hum. Matth. 19.29.

e 244 Quereilo ver por experiencia ? Ora ouvi hum grão caso. S. João Esmoler mandou dar a hum homê pobre, & honrado quinze livras : deraõ os criados sómente cinco. Ao outro dia veyo hũa mulher com hum escrito de quinhentas livras. Estranhou o Santo o escrito : chamou o Thesoureiro ; perguntoulhe quanto dera. Disse que quinze livras ; mas replicou o Santo: Não pôde ser, que Deos paga cento por hum : & por quinze livras, haviaõ de vir mil & quinhentas, & aqui não vem mais que quinhentas. Confessou então o criado a sua avareza. Ficáraõ todos admirados ; mas muito mais quando ouviraõ o que acrescentou a mulher : Eu, Senhor Bispo, tinha intenção de trazer mil & quinhentas livras, & assim o escrevi

escrevi hontem neste papel ; mas esta manhãa não achei mais que quinhentas com grande admiraçãõ minha , porque não sabia a caula , & agora a sei. Diz-me: Se no monte da Piedade de Roma, ou no banco de Veneza te dera a cento por hum, houvera quem alli não metêra o seu dinheiro ? Pois os pobres são os banqueiros de Deos. Dá-se naquelle banco a cento por hum ; & sendo nós tam amigos de acrescentar, não metemos todo o nosso cabedal naquelle banco. Pois credeme que o banco de Veneza pôde quebrar , como está hoje menos seguro com a guerra do Turco ; & o de Deos não ha de quebrar , nem quebrou nunca.

245 He boa mercancia a esmola ? pois ainda he melhor lavoura. O Ecclesiastes no Capitulo cnze : *Mitte panem tuum super transeuntes aquas : quia post tempora multa invenies illum.* Semeai o vosso paõ em terra regada cõ aguas,

Tom. 12.

& eu vos prometo que , ainda que pareça perdido , o achareis depois. Que terra he esta regada cõ aguas, diz S. Basilio , senão as mãos dos pobres ? Estão os pobres chorando a sua miseria , & regando as suas mãos , assim como a Magdalena regava os pès de Christo ; pois nesta terra assim regada semeai o vosso paõ , & vereis quam abundantemente o recolheis. O Hebreo diz : *Mitte panem tuum super faciem aquarum* : sobre a face das aguas ; & eu digo : sobre a agua das faces. Está a viuva , a donzella honrada padecendo necessid de ; pôde chorar , porque padece ; mas não pôde pedir , porque he nobre : estáõlhe correndo as lagrimas pelas faces abaixo ; pois , *Mitte panem tuum super faciem aquarum* , semeai alli a vossa esmola , semeai alli o vosso paõ , & vereis quam bem vos rende a seara , porque não ha terra mais fertil. Semeai o vosso paõ nesta terra , & vereis que vos rende

P mais

mais de cento por hum. S. Paulino Bispo, antes de o ser foi casado: pediu-lhe esmola hum pobre: disse à mulher que lhe dêsse dous paens, que havia em casa; mas ella não deu mais que hum. Ao outro dia chegou hũa barca de pão mandada ao Santo, & juntamente nova que outra, que vinha com ella, se perdêra. Admirou-se não da que chegou, mas da que se perdêra: a mulher entã confessou que não dera os dous paens, se não hum só. Pois esse, que dêsstes, nos trouxe a barca de pão, que chegou a salvamento; & o que deixastes de dar, meteo no fundo a que se perdeu. Quantas vezes perdeis muito pão, porque não dais hum pão? Nas outras terras colhe-se o trigo aos alqueires, aqui às barcadas.

246 Pois Senhores, se tendes tam boa terra, em que semear, porque a deixais estar muitas vezes erma, & devoluta? S. Joachim, cujo dia celebramos

hojê, repartia a sua fazenda em tres partes, & hũa era para os pobres. Com menos me contento. Aquelle semeador do Evangelho semeou em quatro partes, nas pedras, nas espinhas, no caminho, & na terra boa. Já que se semea tanto nas espinhas, que são os vicios; já que se semea tanto na rua, que he a vaidade; já que se semea tanto nas pedras, que he o q̄ levaõ os ingratos; porque senão semeará a quarta parte na terra boa, que são as mãos dos pobres? porque senão semeará alguma parte dos bens nesta terra boa, que multiplica cento por hum: *Fecit frustum centuplum?* LUC. 8. 8.

### §. IX

247 **O** Ra Senhores, o tempo, em que se faz esta lavoura, he este da Quaresma. Este he o tempo de semear. Não faltaõ pobres. Para que cuidais que se fez a Quaresma? Para duas cousas: para

para jejuar, & para dar esmola. O que agora direi he de S. Agostinho, de S. Ambrosio, & de todos os Doutores. Nos dias, que não são de jejum, comemos duas vezes: jantamos, & ceamos; nos dias, que são de jejum, comemos hũa só vez: jantamos, & não ceamos. E para que? Para que demos aos pobres o q̄ havíamos de cear. Jejuar, & guardar paõ, não he abstinencia, he avareza. Pois assim como a avareza tira o merecimento ao jejum, a esmola lho acrecenta. Demos esmola, & todos q̄ todos a podem dar. Os q̄ tem muito, dem do muito: os q̄ tem pouco, do pouco; & os que não tem, que dar, tenham paciencia de não ter, & desejo de poder dar por amor de Deos.

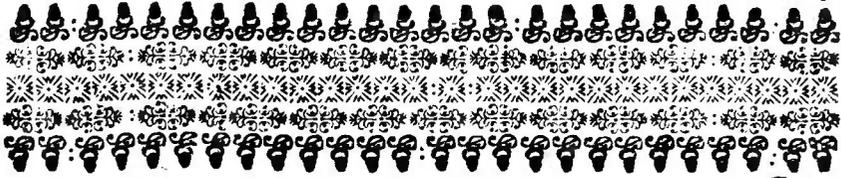
248 Bem sei que ha muita caridade nesta terra; mas não posso deixar de estranhar hũa muito grande falta, que aqui ha. He possivel que numa Cidade tam nobre, & cabeça de hum Estado, não haja hum

Hospital, & que a Misericordia não sirva mais que de enterrar os mortos? Vede o que ha de dizer Christo no dia do Juizo: *Venite benedicti Patris mei, possidete paratum vobis Regnũ: Esurivi enim, & dedistis mihi manducare: sitiivi, & dedistis mihi bibere: hospes eram, & collegistis me: infirmus, & visitastis me.* Matth. 25. 34. 35. 36. Notai primeiro, que não fez menção do enterro dos mortos, porque a principal misericordia he com os corpos vivos: *Esurivi, & dedistis mihi manducare: sitiivi, & dedistis mihi bibere.* Segundo: que fez menção da casa de Hospitalidade para os peregrinos, & enfermos: *Hospes eram, & collegistis me: infirmus, & visitastis me.* Terceiro: que não disse: foraõ enfermos os outros; senão, fui enfermo eu: não disse: foraõ peregrinos os outros; senão, fui peregrino eu, & hospedasteme, & visitasteme: *Hospes eram, infirmus: & collegistis me, & visitastis me.* Pois seria bem

que viesse Christo a esta Cidade com fome, com sede, despido, peregrino, enfermo; & não haver hũa casa, onde o hospedar? Melhor fora não haver na Misericordia Igreja, que não haver Hospital; porque a Imagem de Christo, que está na Igreja, he Imagem morta, que não padece: as imagens de Christo, que são os pobres, são imagens vivas, que padecem. Senão houver outro modo, converta-se a Igre-

ja em Hospital, que Christo ferá muy contente disso. Fazei casa aos pobres, que Deos vos fará casa a vòs: tirai de vossas casas, com que a fazer, que Deos voz lançará sobre ellas hũa benção, como a que hoje lançou sobre o paõ dos Apostolos, com que tudo se acrecente, & se multiplique com grandes augmentos de bens temporaes, & da graça, penhor da Gloria: *Ad quam, &c.*





# S E R M A Õ

DAS CHAGAS DE

# S. FRANCISCO,

Em Lisboa na Igreja da Natividade,  
anno de 1646.

*Si quis vult post me venire, abneget semetipsum :  
tollat Crucem suam, & sequatur me.*

Matth. 16

§. I.

249



E alguem qui-  
zer alistar-se de-  
baixo das mi-  
nhas bandeiras,  
diz Christo Redemptor  
nosso, ha de negar-se a si  
mesmo, tomar a sua Cruz  
às costas, & seguirme.

250 Cinco cousas,  
Tom. 12.

se bem advertimos, faz  
Christo nas palavras de  
ste Texto, as quaes não  
sem grande mysterio no  
dia, & solemnidade em q̃  
as lemos, são nem mais,  
nem menos, contadamen-  
te cinco: duvida hũa, sup-  
poem outra, & aconselha  
tres. Duvida se haverá  
quem o queira seguir: Se

P iij quis

*quis vult post me venire.* Suppoem que todos tem sua Cruz : *Crucem suam.* E aconselha que nos neguemos a nós mesmos ; *Abneget semetipsum* : que tomemos nossa Cruz às costas : *Tollat Crucem suam* : & que vamos em seguimento seu : *Et sequatur me.*

9. II.

251 **S***I quis vult.* Cuidava eu , que não havia cousa mais universal no mundo , que quererem todos salvar-se, mas parece que devem de ser muy poucos os que o querem ; pois Christo poem em duvida , se haverá alguém : *Si quis vult.* O certo he , que todos nós nos queremos salvar , mas salvarnos , como queremos ; & isto não he querer salvação. Quereis saber se vós quereis salvar ? vede se fazeis pela salvação , o que costumais fazer pelo que muito quereis. E se esta he a verdadeira regra do querer , poucos fomos os que

verdadeiramente quere-  
mos salvarnos. Queremos ,  
& não queremos. Em ne-  
nhum entendimento cabe  
esta contradição , & cabe  
nas nossas vontades. *Vult* , Prov. 13.4.  
& *non vult piger* , diz o Es-  
pirito Santo : O homem  
preguiçoso , & irresoluto  
quer , & não quer. Quer ,  
porque quer o fim , *vult* :  
não quer ; porque não  
quer applicar os meyos :  
*Non vult.* Assim somos  
nós : queremos , & não que-  
remos. Queremos hir ao  
Ceo , mas não queremos  
hir por onde se vai para o  
Ceo. No caminho do in-  
ferno se vê isto melhor.  
Ninguem vai ao inferno  
por sua vontade , & nin-  
guem vai ao inferno , senão  
por sua vontade. Por isso  
Christo não duvida do  
querer , senão do querer  
hir apòs elle : *Si quis vult  
post me venire.* O querer ,  
& o seguir hade ser con-  
formemente para a mes-  
ma parte : que hir a von-  
tade para hũa parte , & os  
passos para outra , he não  
querer seguir. Não vistes  
os

os que remão nas Galès , como leuão os olhos em hũa parte, & a proa em outra ? Assim fomos nòs ao remo desta vida. Se perguntarmos aos nossos desejos onde tem os olhos : No Ceo. Se olharmos para nossas acções , onde leuão a proa : No inferno. Eis aqui como queremos.

252 *Abneget semetipsū*: Se alguém quer hir apòs mim , diz o Senhor , negue-se a si mesmo. Por vé-tura que he esta a mais notavel sentença ; que Christo disse. Que quer dizer , que nos neguemos a nòs mesmos ? Quer dizer que nos hajamos conosco , como senão fomos nòs. Eu que me haja comigo , como se não fora eu : vòs , que vos hajais convosco , como senão foreis vòs. Oh que documento tam Divino para o bem , & para o mal ! Se as nossas prosperidades nos vieraõ como se foraõ de outrem , que pouco nos haviaõ de desvanecer ! E se as nossas adversidades as tomaramos co-

mo se não foraõ nossas , q̄ pouco nos haviaõ de molestar ! O verdadeiro amigo dizem que he outro eu : o verdadeiro Christão , diz Christo , que hade ser hum não eu : *Abneget semetipsū*. O verdadeiro amigo , he outro eu ; porque se hade haver nas cousas do amigo , como se foraõ proprias : o verdadeiro Christão , he hum não eu ; porque se hade haver nas cousas proprias , como se foraõ alheas. Ao proximo diz Christo que tratemos como a nòs mesmos ; & a nòs , que nos tratemos como se não foramos nòs. Nestes dous pòtos se encerra toda a perfeiçãõ Euangelica : Aos outros , como se fóra eu ; a mim , como se eu fora outro. E que vida tam desencançada fora a nossa , se assim viveramos ! Que facil fora a paciencia nas injurias ! Que igual a conformidade nos trabalhos ! Que moderado o appetite nas pertençaões ! Que comedido o desejo nos affectos !

Em fim , que senhores fomos de nós mesmos , & da fortuna ! Mas porque não nos despegamos de nós , vimos a andar pegados a tudo ; & por isso nos embarça tudo. Negar-se a si mesmo , dizem que he a mayor fineza : & não sei eu commodidade mayor : dizem que he o mayor affecto de amor de Deos , & eu o tenho pela mayor destreza do amor proprio. Só se sabe querer bem , quem se sabe livrar de si.

253 Ao *abneget semet- ipsum* , ajunta Christo o *tollat Crucem suam*. E que leve será a Cruz , a quem se tiver negado primeiro ! A nossa Cruz não tem mais pezo , que o que nós lhe damos. Se na nossa Cruz nos não levamos a nós , pouco teriamos que levar. Do pezo de si mesmo , & não do da Cruz , se queixava Job : *Factus sum mihi-metipfi gravis*. E não foi Job , o que menos Cruz levou neste mundo. *Tollat Crucem suam*. Sò a nossa Cruz nos manda levar

Christo : bemdito elle seja. E quantos ha , que todos se cançao em levar as Cruzes alheas ? Até nas Cruzes ha ambiçao , onde parece que tinha só lugar a paciencia. Que aliviado andara o Mundo , & que bem governado , se cada hum se contentara com levar a sua Cruz ! Se Deos vos cortou a vossa Cruz pela medida dos vossos hombros , para que quereis tomar outras , com q̃ póde ser que não possais ? Mas he engano natural este , com que nascemos , que sempre ou as Cruzes alheas nos parecem as mais leves , ou os hombros propios os mais robustos. Affás fará cada hum em levar a sua Cruz , sem cançar , nem cair. Christo houve mister quem o ajudasse a levar a sua ; & nós cuidamos , que podemos levar as nossas , & mais as alheas. A causa cuida eu que he ; porque olhamos para os titulos das Cruzes , & não para o pezo dellas. Pois credeme , que as que parec

cem mais para cubiçar, laõ as que tem mais q̄ temer. Não vedes q̄ as mais preciosas, laõ as mais pezadas?

254 *Crucem suam.* Suppoem Christo, que todos tem sua Cruz, & se com olhos desapaixonados dermos hũa volta ao mundo, acharemos que he assim. Que estado ha no mundo desdo mais alto ao mais humilde, desdo mais livre ao mais fugeito, desdo mais abundante ao mais pobre, desdo mais appetecido ao mais desprezado, que ou por fóra, ou por dentro, não tenha sua Cruz? Hũas vemos, outras não vemos; & as menos visiveis saõ ordinariamente as mais pezadas; porque saõ as mais interiores, & as que carregãõ só na alma. He este mundo como o monte Calvario, em que se achaõ todos os estados, & todos com Cruz, como noutra occasiãõ ponderamos. Mas fomos nõs tam mal aconselhados, que não podendo deixar de a levar, (pois todos a temos) so-

fremos o pezo, & perdemos o merecimento; porque a não queremos levar em seguimento de Christo. Se por deixarmos de seguir a Christo, tiramos a Cruz dos hombros, ainda tinha algũa desculpa a nossa ingratiãõ, ou a nossa fraqueza; mas a desgraça he, que quanto mais nos afastamos do seguimento de Christo, tanto mais cresce o pezo á nossa Cruz. Nenhũa cousa quizera no mundo senãõ hũa balança fiel, em que os que seguem a vaidade, & os q̄ seguem a Christo vieraõ pezar suas Cruzes. Oh q̄ enganados se haviaõ de achar huns, & que consolados outros! *Mibi mundus crucifixus est, & ego mundo.* Paulo tem Cruz, & o mundo tem Cruz; mas quanta differença vai da Cruz do mundo á Cruz de Paulo? Se os homens acabaramos de conhecer esta verdade, eu vos prometo, que o mundo trocára a sua Cruz pela Cruz de Paulo. Mas a cegueira he,

Galat.  
6.14.

he , que entre os que tem a profissão de Paulo não falta ( ainda mal ! ) quem queira trocar a sua Cruz , pela Cruz do mundo. Gête duas vezes moftina , que por não levar hũa Cruz com Christo , vem a levar ambas sem Christo.

255 Que differentemente entendeo esta Filosofia aquelle Serafim humano , aquelle vivo crucificado , aquelle Cruz , & Crucifixo de si mesmo , o glorioso Patriarca S. Francisco ! Negou-se a si , tomou a sua Cruz às costas , & seguiu tam de perto a Christo , que de muito chegado , & unido , appareceo hoje como hũa viva estampa sua , com as cinco Chagas abertas. Pasmou o mundo aflombrado de tam nunca vista maravilha : pasmou a natureza , & pasmou a mesma graça : & nós para q̄ possamos tambem pasmar , vamos ponderando claulula por claulula o nosso Texto , sem sahir delle.

## §. III.

256 **A** Primeira em que reparo he , o *Tollat Crucem suam*. Mandanos Christo , que tomemos a nossa Cruz, & o sigamos a elle. O exemplo ha de ser seu , & a Cruz hade ser nossa. E não seria melhor , que assim como a pessoa , a que havemos de seguir, he a de Christo , assim a Cruz , que havemos de levar , fosse tambem de Christo ? Parece que sim : pois porque não diz Christo : Quem me quizer seguir , tome a minha Cruz ; senão , tome a sua : *Tollat Crucem suam*? A razão he ; porque estima Christo tanto a sua Cruz , que a não quer dar a outrem. Como se dissera o Senhor : Quem quizer seguirme , tome a Cruz , mas essa Cruz hade ser a sua , que a minha não a dou a ninguem. Não estimo eu tam pouco os tormentos , & instrumentos de minha Paixão , que os haja de dar a outrem.

Diz

Ifai. 42.  
8.

257 Diz o mesmo Senhor, q̄ a sua gloria não a ha de dar a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo.* Parece difficultoso este Texto; porque Christo offerece a sua gloria a todos os que a quizerem, & dá a a todos os que a ganhão; antes só para nos dar a sua gloria, veyo do Ceo á terra, & a gloria que merecco, foi para nós, & não para si, porq̄ para si não a podia merecer. Pois porque diz que não hade dar a sua gloria: *Gloriam meam alteri non dabo?* Com outro lugar entenderemos este. Antes de Christo entrar na batalha de sua Paixão, fez oração ao Padre, & disse: *Glorifica me Pater*: Padre meu, glorificai-me. Christo não estava glorificado, & não era glorioso desde instante de sua Conceição? Sim era: pois se tinha já a gloria, como pedia ao Padre que lha desse? Direi: Christo Senhor nosso neste mundo tinha duas glorias; hũa gloria que se gozava, ou-

Joann.  
17. 5.  
Ita Sy-  
rus, &  
Arabi-  
cus.

tra gloria que se padecia. A gloria, que se gozava, era a gloria da visãõ, que consistia na bemaventurança de ver a Deos: a gloria, q̄ se padecia, era a gloria da Paixão, que consistia nos tormentos, que Christo padeceo pelos homens; & ainda que Christo teve a primeira gloria desde instante de sua Conceição; a segunda não a teve, senão no dia de sua Paixão: & esta he a gloria, que pedia a seu Padre: *Pater glorifica me.*

258 Mas como pôde ser, que a Paixão de Christo fosse para elle gloria? Esta duvida teve S. Joãõ Chrystomo, & perguntou assim ao mesmo Christo: *Ad Crucem raperis cum prædonibus, & hoc gloriam appellas?* He possivel, Senhor, que ides a ser pregado em hũa Cruz entre dous ladrões, & a isto chamaes gloria? *Ita quidem; pro dilectis enim patior* Sim, responde Christo; he minha gloria essa Cruz, & esses tormentos, porque os padeço

padeço por aquelles , a quem amo. Quem padece muito pelo que muito ama, a sua Cruz he a sua gloria. De maneira que Christo era duas vezes glorioso, hũa vez pela gloria da visãõ, com que sempre via, & gozava a Deos : outra vez pela gloria da Paixaõ, com que padecia pelos homens. E estimava Christo a gloria, que padecia, tanto mais que a gloria, que gozava; que da gloria, que gozava, era tam liberal, que a dava a todos; & da gloria, que padecia, era tam avarento, que a quiz só para si : *Gloriam meam alteri non dabo*. A gloria da visãõ, a gloria de ver a Deos, essa seja gloria vossa, gozai-a todos quãtos quizerdes; mas a gloria da Payxaõ, a gloria de padecer pelos homens, esta he gloria só minha, não a hei de dar a ninguem. Por isso quando falla na Cruz, diz: Tome cada hum a sua, que a minha he só para mim : *Tollat Crucem suam*.

## §. IV

259 **E** Sendo isto affirm, sendo Christo tam avarento ( deixai-mo outra vez dizer com esta palavra ) de seus tormentos, & das glorias de sua Payxaõ, amou o Senhor tanto a S. Francisco, que lhe deu a melhor parte da sua gloria, & a mayor gloria de sua Payxaõ, que taõ as cinco Chagas, que lhe imprimio no corpo. Lingua Serafica era necessaria para ponderar este favor: mas para que a capacidade humana o rasteje de algũa maneira, vede-o que digo. Digo que em conceder Christo a S. Francisco esta parte de sua Payxaõ, o admitio a hũa gloria, a que não quiz admitir, nem aos homens, nem aos Anjos, nem ao mesmo Deos. Ora daimo attençaõ.

260 Vaõ os soldados prender a Christo ao Horro, onde o Senhor estava com seus Discipulos, & dandolhes licença, para que

Joann.  
18. 8.

que o levassem prezo, disse, olhando para os Apóstolos: *Si ergo me queritis, finite hos abire*: Se me buscáis a mim, deixai hir a estes. Pergunto: E porque não deixou Christo que os Judeos prendessem alguns de seus Discipulos, para que morressem juntamente com elle? Não era muy conveniente, que houvesse algum dos que seguiaõ sua doutrina, que dèsse a vida pela verdade della? E que já que havia hum Judas, que o vendeo, houvesse hum Pedro, que o acompanhasse? Se Christo havia de morrer entre dous ladrões, se havia de ter de hũa parte a Dimas, & da outra a Gestas, não fora mais decente, que morrèra entre dous Apóstolos, & que tivera de hũa parte a Joaõ, & da outra parte a Pedro? Logo porque não quiz Christo a nenhum dos Discipulos comfigo em sua Payxaõ? Porque queria toda a Paixaõ para si. Se algum dos Discipulos fora prezo juntamente

com Christo, repartira-se com elle parte do odio dos tyrannos; pois para que as penas, ou a gloria de as padecer seja toda minha, diz o mesmo Christo, vaõ-se os Discipulos embora: *Sinite hos abire*. Foi lança de ambicioso de glorias, não querer companhia nos tormentos. Vede aonde chegou o amor de Christo para com os Discipulos, & aonde não chegou. Chegou a padecer por elles todas as penas da Paixaõ; mas a darlhes parte dessas penas, não chegou a tanto. Que tenha eu por gloria o padecer por meus Discipulos, isso sim; mas que os haja de admitir a serem comigo companheiros dessa gloria, isso não. Só esta exceiçaõ tem a liberalidade de meu amor: *Sinite hos abire*.

261 Mais: Quando o Senhor mandou a S. Pedro, que embainhasse a espada, disse: *An putas quia non possum rogare Patrem meum, & exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones*

Matth.  
26. 53.

*giones Angelorum?* Imaginas, Pedro, que não posso rogar a meu Padre, & me mandará logo do Ceo mais de doze legiões de Anjos? Notavel razão! Não estava mais achado dizer Christo: Embainha, Pedro, a espada: porque para me defender a mim não são necessarias nenhūas armas, & muito menos as tuas? Não vês como só com hūa palavra acabo de prostrar por terra meus inimigos? Pois se esta razão estava tanto á flor da terra, porque vai Christo buscar outra ao Ceo? E porque faz menção dos Anjos nesta occasião? Porque como os Anjos costumão assistir, & ajudar invisivelmente as acções humanas, soubessem os homens por esta advertencia, que nem os Anjos do Ceo admitia Christo á companhia de suas penas. São os Anjos impassiveis por natureza, são espiritos, que não podem padecer corporalmente; & era Christo tam amante das penas de sua

Payxaõ, que até dos impossiveis as ciava. Por isso não quiz ter Anjos por companheiros em sua Payxaõ, porque ainda que lhe não podiaõ participar dos tormentos pela paciencia, podiaõlhe levar parte da gloria pela companhia. Parte da gloria de suas penas nem aos Anjos a dá Christo: *An putas quia non possum rogare Patrem meū, & exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones Angelorum?*

262 Ultimo encarecimento sobre todos. Antes de espirar na Cruz o Senhor, poem os olhos no Ceo, & diz: *Deus meus*, Marc. 15. *Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Deos meu, Deos meu, para que me desamparaste? Todos perguntão aqui, porque razão o Padre desamparou ao Filho, & porque quiz o Filho, que o Padre o deixasse. Mas eu pergunto mais: Porque fez Christo esta queixa de publico? O que passa entre os pays, & os filhos (& muito mais se são

saõ razões de queixa) não he justo, que saya á praça; quanto mais, que onde o Pay era Deos, não lhe era necessario ao Filho fallar, para declarar seu sentimento. Pois porque diz Christo publicamente, que seu Pay o desamparou? Porque quiz o Senhor, que foubesse o mundo, que foi tam só em padecer pelos homens, que nem a companhia de seu proprio Padre aceitou em seus tormentos. A Pessoa do Pay, & a do Filho nenhũa couza tem, que se não communiquem, & que não seja commum entre ambos; mas quiz Christo ser tam singular nas penas de sua Payxaõ, que nem a seu proprio Padre (da maneira que podia ser) quiz ter por companheiro nellas. Tinha Christo dito pouco antes a seus Discipulos: *Me solum relinquatis: & non sum solus, quia Pater mecum est.* Ainda que vós fujais todos, & me deixeis só, eu não ficarei só, porque meu Padre está sempre

comigo. E para que foubessem os Discipulos, que atè em respeito do Padre quiz ser só em sua Paixaõ, por isso disse ao mesmo Padre, que o desamparara: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

263 Pedirme Doutores, que o digaõ? Mais q̄ Doutores vos hei de dar: David, & Isaias, ambos em pessoa de Christo. David: *Singulariter sum ego, donec transeam.* Pfalm. 140. 11 Acheime só, & sem estar alguem comigo, no tempo em que passei desta vida para a outra. Isaias: *Torcular calcavi solus, & de gentibus non est vir mecum.* Ifai. 63. Quando fui espremido no lagar de minha Payxaõ, nenhũa pessoa se achou comigo. Ambos disleraõ bem, mas melhor David. Isaias fazendo mençaõ dos homens, excluiu só aos homens da companhia de Christo em sua Paixaõ: *De gentibus non est vir mecum.* David não fazendo mençaõ de alguem, excluiu a todos: *Singulariter sum ego.* E al-  
fim

Ioann.  
16. 32.

sim foi ; porque Christo na gloria de sua Cruz não foi só hũa só vez , senão rres vezes só: só , sem companhia de homens : *Smite hos abire* : só , sem companhia de Anjos : *Exhibebit mihi plusquam duodecim legiones Angelorum*: só , sem cõpanhia do mesmo Deos: *Deus meus , Deus meus , ut quid dereliquisti me ?*

264 E sobre esta ponderação ( oh affombro da grandeza de Francisco ! ) naquella gloria , em que Christo não admitio a cõpanhia dos homens , nem a dos Anjos , nem a do mesmo Deos , nessa mesma gloria deu tanta parte a S. Francisco , que lhe deu suas proprias Chagas , que he a principal gloria de sua Paixaõ. Prova ? Sim.

265 Quando Christo subio triunfante ao Ceo , os Anjos , que o acompanhavaõ , disseraõ aos que estavaõ de guarda : *Attolite portas , Principes , vestras , & introibit Rex Glorix*. Abri , o Principes , as portas , para que entre o

Rey da Gloria. Estranháraõ elles o termo , & o nome ; & antes de abrirem perguntáraõ : *Quis est iste Rex Glorix ?* Este , que chamaes Rey da Gloria , quem he ? A huns Anjos , & por outros respondeo Santo Agostinho com estas excellentes palavras : *Viderunt cælites cuncti speciosum vulneribus Christum , & admirantes fulgentia divinæ virtutis vexilla talibus concrepant hymnis : Quis est iste Rex Glorix ?* Quer dizer Agostinho , que a causa , porque os Anjos chamaõ Rey da Gloria a Christo , he proque lhe viaõ as cinco Chagas abertas. Grande dizer ! Christo Senhor nosso no dia de sua Ascensão hia vestido dos dotes gloriosos , como Bemaventurado , que era ; mas os Anjos não lhe chamáraõ Rey da Gloria , porque o viraõ glorioso , senão porque o viraõ chagado. Porque mayor gloria eraõ para Christo , & para os Anjos os sinaes de sua Paixaõ , q̃ os dotes de sua bemaventurança.

S. Aug.

turança. E sendo esta gloria das Chagas mayor gloria de Christo, que sua mesma gloria; esta gloria communicou Christo a S. Francisco, & lhe deu a elle, o que prometteo de não dar a outrem; *Gloriam meam alteri non dabo.*

§. V. *Non enim*

266 **M**As se Christo prometteo de não dar sua gloria a outrem, como a deu a São Francisco? A palavra de Deos, ou promettendo, ou negando, he inviolavel; pois porque deu a S. Francisco, o que tinha prometido de não dar a outrem? Porque? Porque S. Francisco não era outrem. Parece paradoxo, mas no nosso Texto o temos, & entra a segunda clausula delle.

267 *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum.* Se alguem me quizer seguir, diz Christo, negue-se a si mesmo. E que quer dizer, negue-se a si

Tom. 12.

mesmo? Quer dizer que cada hum ha de deixar de ser o que he. Nem eu hei de ser eu, nem vós haveis de ser vós. E assim o fez S. Francisco. Negou-se de tal maneira a si mesmo, q̄ deixou totalmente de ser o que dantes era. Pois se Francisco não era Francisco; que era? Era Christo. Claramente por palavras de S. Paulo: *Vivo ego, jam non ego.* Vivo eu, mas já não eu: eis-aqui negar-se a si mesmo. Eu não eu. Pois se vós não sois vós, quem sois? *Vivit verò in me Christus.* Eu sou Christo por transformação. De maneira, que deixou Francisco de ser o que era, & passou a ser o que não era. Por força da abnegação deixou de ser o que era, deixou de ser Francisco: *Vivo ego, jam non ego.* E por força da transformação passou a ser o que não era, passou a ser Christo: *Vivit verò in me Christus.* E como Francisco já não era Francisco, tenão Christo; daqui veyo, que dandolhe o Senhor a gloria

Gal. 2.  
20.

Ibid.

Q gloria

gloria de suas Chagas a não deu a outrem, como tinha prometido: *Gloriam meam alteri non dabo.*

268 Isto não tem exemplo na terra, nem nas cousas humanas; tem-no só no Ceo, & nas Divinas. São Jeronymo entende estas mesmas palavras ditas pelo Padre Eterno: *Gloriam meam alteri non dabo*; & assim ficaõ muito mais difficultosas. E senão, vede. O Eterno Padre he de Fè que dá toda a sua gloria ao Filho, & ao Espirito Santo. Pois como diz, que a não ha de dar a outrem? Porque ainda que o Filho, & o Espirito Santo se distinguem realmente do Padre, saõ a mesma cousa com elle, porque saõ o mesmo Deos. E dar a gloria a quem he a mesma cousa comigo, não he dalla a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo.* O mesmo digo no nosso caso. Diz Christo, que não ha de dar as glorias da sua Paixão a outrem; & com tudo deu-as a S. Francisco; porque como S. Francisco

por força da abnegação deixou de ser Francisco, & por força da uniaõ, ou unidade, passou a ser Christo: ainda que Christo de a sua gloria a Francisco, não a dá a outrem: *Alteri non dabo.*

269 Cuidareis q̄ saõ isto pensamentos; não saõ senão verdades solidas, & Theologia rigorosa. Não a achareis vòs nos Vasques, nem nos Soares, nem nos outros Theologos Escolasticos; mas achalaheis nos que tratáraõ a Theologia mystica, & muito mais nos que a experimẽtáraõ. Lede Dionysio Areopagita, lede Taulero, lede Rusbrochio, lede Cãfil, lede S. Teresa; os quaes todos querem que esta transformação do homem com Deos, seja por uniaõ real, & verdadeira. E senão, explicaime bem aquellas palavras de Christo: *Sicut tu Pater in me, Ioann. & ego in te, ut & ipsi in nobis unum sint.* 17.21. Assim como vós, Pay meu, sois hũa mesma cousa comigo, & eu

eu romulco; assim feiã  
 os homens comnosco a  
 mesma cousa. Poem os Cõ-  
 templativos cinco graos  
 para subir onde chegou S.  
 Francisco: Aniquilação,  
 Conformidade, Trans-  
 formação, Identidade, &  
 Deificação. Por todos estes  
 subio Francisco: subio pe-  
 la Aniquilação, deixando  
 de ser o que era: subio pe-  
 la Conformidade, confor-  
 mando-se com a vontade  
 Divina: subio pela Trans-  
 formação, transforman-  
 do-se em Deos: pela Iden-  
 tidade identificando-se cõ  
 elle; & pela Deificação, fi-  
 cando endeosado todo; ou  
 ficando todo hum Deos.  
 E como era a mesma cousa  
 com Deos, & com Chri-  
 sto, dando-lhe Christo a  
 sua gloria, não a deu a  
 outrem, como tinha pro-  
 metido: *Gloriam meam al-  
 teri non dabo.*

§. VI.

270 **D** Aqui se segue,  
 (& he a ter-  
 ceira clausula do nosso

Texto) q̄ dizendo Chri-  
 sto aos outros que o se-  
 guissem, só a S. Francisco  
 consentio que o igualasse.  
 Ora notai. *Tollat Crucem  
 suam, & sequatur me.* To-  
 me a sua Cruz, & sigame.  
 Pergunto: Porque diz, si-  
 game, & não diz, acompa-  
 nheme? Porque quem se-  
 gue, fica sempre atrás, &  
 quem acompanha, bent  
 pode ir igual; & Christo  
 nas materias de sua Cruz,  
 & Paixão, ainda que que-  
 ria que o seguissem todos  
 por imitação, não queria  
 que alguém se lhe empar-  
 relhasse por igualdade. Mã-  
 da Deos a Abraão que  
 lhe sacrifique seu filho: to-  
 ma Isaac a lenha às costas,  
 sobe ao monte, deixa-se a-

Genes.  
 22. 12

tar para o sacrificio; &  
 quando já o pay hia a del-  
 carregar o golpe, diz Deos:  
*Non extendas manum tuam  
 super puerum.* Tem mão:  
 Não mates a teu filho. E  
 porque não quer Deos q̄  
 se execute o sacrificio, que  
 inda agora tinha mandado  
 fazer? Se he porque tinha  
 prometido, que em Isaac

Qij se

se continuaria a descendência de Abrahão, havia mais que resuscitar outra vez a Isaac? Pois se era tam facil o remedio, porque não quer Deos que Isaac morra? Clemente Alexandrino: *Ut primas partes Verbo cederet.* O sacrificio de Abrahão era figura do sacrificio, & Paixaõ de Christo; pois por isso não permitio Deos, que Isaac chegasse a morrer, para que nas materias da Paixaõ tivesse Christo o primeiro lugar, & não se puzesse Isaac hombro por hombro com elle. Isaac levou a lenha às costas, como Christo levou a Cruz: subio ao monte, como Christo: deixou-se atar para o sacrificio sem fallar palavra, como Christo: se lhe tiráraõ tambem a vida, como a Christo, ficava em tudo com Christo hombro por hombro. Pois para que fique atrás, & não iguale, para que siga, & não emparelhe; morra Christo, & elle fique vivo, & faltethe da Paixaõ a melhor parte;

que só a S. Francisco consente Christo que o iguale; os demais sigaõ, & fiquem atrás: *Si quis vult post me venire.*

271 E senaõ, respondome: Se Christo queria dar Chagas a S. Francisco, porque lhe não deu quatro sómente, ou porque lhe não deu seis, senaõ cinco, nem mais, nem menos? Porque não só lhe quiz dar a imitação, senaõ a perfeita igualdade. Oh que grande favor! Quiz Deos fazer favor a Joseph de q fosse vendido como Christo; mas, se bem repararmos, acharemos que Christo foi vendido por trinta dinheiros, & Joseph só por vinte: *Vendiderunt eum Is-* Genes.  
*maelitis viginti argenteis.* 37. 28.  
Pois se foi figura de Christo, & Christo foi vendido por trinta, porque o vendêraõ a elle por vinte? Ouvi a S. Paschasio: *Quia servus non debebat esse pretiosior Domino suo.* Porque era servo, & não havia de ser igual com seu Senhor. Concedeolhe a imitação  
na

na venda , mas negoulhe a igualdade no preço. Falando porém determinadamente do mesmo Christo : quiz Christo fazer favor a Lazaro de que fosse sepultado , & depois resuscitado , como elle ; mas Christo esteve na sepultura tres dias , & Lazaro quatro. Pois se lhe concedeo que resuscitasse depois de morto á sua imitação ; porque lhe não concede a igualdade nas circunstancias ? Disse-o São Pedro Chryfologo : *Ne æqualis Domino videretur* : porque tivesse differença o servo de seu Senhor. De maneira que Joseph figura de Christo vendido , & Lazaro figura de Christo sepultado : mas Joseph vendido por menos dinheiros , & Lazaro sepultado de mais dias , para que hum por mais , & outro por menos , nenhum igualasse a Christo. Só Francisco o igualou , porque as suas Chagas não foram menos que as de Christo , nem foram mais , senão justamente

Tom. 12.

cinco , nem mais , nem menos. Joseph foi retrato de Christo vendido , mas não foi retrato ao natural ; porque Christo foi vendido por trinta dinheiros , & Joseph só por vinte. Lazaro foi retrato de Christo sepultado , mas não foi retrato ao natural ; porque Christo esteve tres dias na sepultura , & Lazaro quatro. Só S. Francisco foi retrato ao natural de Christo chagado ; porque se Christo teve cinco Chagas , S. Francisco , nem mais , nem menos , teve outras cinco. Francisco igualou , os outros seguirão : *Et sequatur me.*

§. VII.

272 **M**As que Chagas foram estas , que Christo deu a S. Francisco ? A pergunta parece mal fundada , mas a resposta vos dirá que fundamento tem. Todos dizem , que as Chagas , que Christo deu a S. Francisco , foram as Chagas de seu

Q iij Corpo.

Corpo. Eu digo q̄ as Chagas de S. Francisco não foram as Chagas do Corpo de Christo, senão as Chagas da sua alma.

273 Para intelligencia deste tam extraordinario pensamento havemos de suppor duas cousas: primeiramente supponho, que assim como a Humanidade de Christo se compoem de Alma, & Corpo; assim as Chagas de Christo se compoem de Chagas do Corpo, & Chagas da Alma. Esta supposição he de S. Bernardo: *Judei non solum manus, sed & pedes, & latus quoque, & sanctissimi cordis intima furoris lancea perforaverunt, quod jam dudum amoris lancea fuerat vulneratum. As Chagas dos pés, das mãos, & do lado de Christo fellas o odio dos Judeos; mas já as tinha feito o amor dos homens muito tempo antes. O odio fellas no Corpo; o amor tinha-as feito na Alma. Prova o mesmo S. Bernardo o novo pensamento com o pal-*

D. Bern.

so dos Cantares: *Vulnerasti cor meum Soror mea, Sponsa, vulnerasti cor meum.* Feriste-me o coração, Espoza minha, diz Christo à Synagoga, feriste-me o coração. Christo Senhor nosso no lado não teve mais que hũa Chaga; pois se no lado foi ferido hũa só vez, como diz que lho ferirão duas? Porque cada ferida de Christo foram duas feridas, & cada Chaga duas Chagas: hũa, que lhe fez o odio no Corpo; outra, que lhe tinha feito o amor na Alma: *Quid necessarium fuit illud ab inimicis vulnerari, si jam vulneratum est?* Conclue o mesmo S. Bernardo. De maneira q̄ Christo teve Chagas dobradas; hũas no Corpo, outras na Alma.

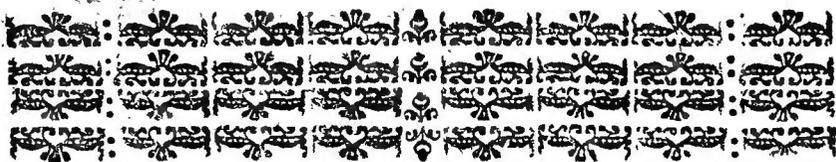
274 A segunda cousa, que havemos de suppor, he, que as Chagas do Corpo de Christo se imprimirão na Alma da Senhora. Esta segunda supposição he de Arnoldo Carnoten-  
se: *Fugientibus Apostolis, in faciem Filii se opposuerat Mater,*

Arnold.  
Carnot.

*Mater, & gladio doloris animæ ejus infixæ vulnerabatur spiritu, & crucifigebatur affectu: & quod in carne Christi agebant clavi, & lancea, hoc in ejus mente compassio naturalis, & affectionis maternæ angustia.* Quer dizer, que fugindo os Apóstolos, a Senhora se poz em pé diante do Filho, retratando-se tam vivamente nelle, que ambos estavaõ crucificados: elle crucificado em carne, ella crucificada em espirito: *Vulnerabatur spiritu, & crucifigebatur affectu.* E como os Crucifixos eraõ dous, as Chagas tambem eraõ duas, ou dobradas: só com esta differença, que as Chagas do Filho faziaõ nas os cravos, & a lança; mas as Chagas da Mãy fazia-as a dor, & a compaixão: *Et quod in carne Christi agebant clavi, & lancea, hoc in ejus mente compassio naturalis, & affectionis maternæ angustia.* Prova o mesmo Arnaldo o seu pensamento com a profecia de Simeão: *Et*

*tuam ipsius animam pertransibit gladius.* Foi tam aguda a espada da Paixão, que tralpassou Corpo, & Alma; mas o Corpo estava em hũa parte, & a Alma noutra; porq̃ o Corpo era de Christo, & a Alma da Mãy: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius.*

275 Desorte (refumindo todo o discurso) q̃ Christo tinha Chagas da Alma, & Chagas do Corpo; & assim como as Chagas do Corpo as imprimio na Alma da Senhora, assim as Chagas da Alma as imprimio no corpo de Francisco. Quiz Christo fazer hũa como encarnação, & uniaõ de suas Chagas em duas creaturas dignas de tanto favor: as Chagas de seu Corpo espiritualizou-as na Alma da Virgem Maria; & as Chagas de sua Alma encarnou-as no corpo de S. Francisco. O corpo naturalmente appeteece unir-se à alma, & a alma naturalmente appeteece unir-se ao corpo. Assim aconteceu às Chagas do Corpo;



# S E R M A Õ

D E

# S. ANTONIO,

Em Roma na Igreja dos Portuguezes , segunda  
parte do impresso no segundo Tomo a  
folhas 126.

Avia-se de prègar no anno seguinte , & por enfermi-  
dade do Author se não prègou.

*Sic luceat lux vestra coram hominibus , ut videant  
opera vestra bona & glorificent Patrem ve-  
strum , qui in calis est. Matth. 5.*

§. I.



**A**ssim como ha  
dias claros , &  
elcuros , assim o  
será o dia de ho-  
je em comparaçã do pas-  
fado. Hoje faz hum anno

( porque assim o pedia a  
ocasiã , & as circumstan-  
cias da solemnidade ) prè-  
guei aos Portuguezes as  
luzes da sua Naçã : ago-  
ra lhes descobrirei a elles, &  
a todos as sombras dessas  
mesmas luzes ; para que se  
veja

veja nõ que disse , & no que direi , que não foi lisonja , ou affectação o louvor, pois eu mesmo, & aos mesmos não callo , nem dissimulo o que nelles se não deve louvar. Inventou a Mathematica aquella famosa Piramide, a qual ferida perpendicularmente do Sol, de tal maneira recolhe em si todas as luzes , que não deixa lugar á sombra. Mas este milagre da natureza só tem semelhante no mayor milagre da graça, Maria sempre immaculada , da qual com tam admiravel propriedade como verdade se diz : *Non habet umbra locum.* Nas outras cousas porém, por mais illustres , & illustradas que sejaõ , nenhũa luz viraõ já mais os olhos humanos tam pura , & tam sincera , que não ande junta com sombras.

280 O dia mais claro, & resplandecente , que amanheceo ao mundo, foi o da Transfiguração de Christo ; porque nelle se vio o monte Tabor allumiado

juntamête com dous Soes , hum no Ceo , outro na terra : no Ceo com o Sol natural , que todos viraõ ; na terra com o Sol do rosto do mesmo Senhor , que só viraõ os que com elle subiraõ ao monte: *Resplenduit facies ejus sicut Sol.* Math. 17. 2. E neste dia tam esclarecido , & neste monte tam allumiado poderia tambem haver sombras? Parece que não ; porque a sombra, que fizesse hum-Sol , a destaria o outro. Com tudo he certo que aquelles mesmos olhos , que pela parte do Ceo , & pela da terra não só estavaõ allumiados , se não cercados de Soes ; no mesmo dia , & na mesma hora se viraõ cubertos de sombras: *Ecce nubes lucida obumbravit eos.* Ibid. 5. Atravesou-se de repente hũa nuvem , que tomando em si a envidura dos rayos de ambos os Soes, se não eclipsou de todo , allombrou hũa , & outra luz ; porque não ha neste mundo luz sem sombra. Estas sombras pois , que sempre seguem , &

& acompanhão a luz , ferão hoje a segunda parte daquellas mesmas luzes , que não sei se com tanto applauso como verdade , inculquei o anno passado aos ouvidos Romanos. Então ouvirão o que somos ; agora ouvirão o que não

deveramos ser. E posto q̄ para persuadir o bem he necessaria mayor eloquencia, que para declamar, ou declarar o mal ; tambem para este triste assumpto me he necessaria a graça.

*Ave Maria*

*Sic luceat lux vestra coram hominibus.*

281 **N**A primeira parte, & panegyrica das duas, em que continuo, & dividido estes dous Sermões, nos mostrou o Evangelho como o nosso Santo Portuguez foi luz do mundo: *Vos estis lux mundi.* Nesta segunda, que como já infinuei, será mais declamatoria, que panegyrica, nos dirá o mesmo Evangelho o modo, com que luzio esta luz: *Sic luceat lux vestra.*

282 Queixava-se o anno passado ( se bem vos lembra ) a sua, & nossa Patria, de se ver deixada de hum filho, & tal filho

como Antonio. Justificava a sua queixa com o exemplo de Joseph, que se mandou levar morto á terra propria ; & agora repete, & aperta a mesma queixa com outro exemplo mais vivo, mais domestico, & mais seu. Lembra-se Lisboa do seu famoso fundador Ulysses, tam amante da terra onde nascera, que sendo natural de Itaca, o mais aspero, & desconhecido lugar de toda Grecia, antepoz a dureza de seus rochedos ás delicias, & grandezas mais celebradas do mundo, & depois de o ter visto, & rodeado todo, o deixou todo por ella.

Tanto

Tanto assim, ( diz Homero ) que prometendo a Deosa Calypso a Ulysses de lhe conceder a immortalidade só com condição, que se deixasse ficar, & viver nas terras, que lhe offerecia; pode tanto com elle o natural amor da sua, que não aceitou hũa tal promessa; querendo antes, ( como pondera Cicero, & depois d'elle o ponderou tambem S. Chryostomo ) querendo antes morrer na terra propria, que ser immortal na estranha. A' vista pois desta fermosa medalha do amor da Patria, cançada para memoria, & exemplo nos primeiros alicesses de sua fundação, & não se podendo já mais esquecer della, pois a traz impressa no nome; como se não queixaria Lisboa, & como se não tornará a queixar da sequidaõ, por não dizer crueldade, com que se vê deixada de hum filho gerado, nascido, & creado, não ló no mais alto lugar, mas no mais interior de si mesma, como

filho do leu coração? Só póde dizer contra isto Antonio, que deixa a Patria por ir buscar o martyrio; & que se mostra menos humano com os de seu proprio sangue, porque o quer derramar todo por Christo. Mas a esta satisfação responderei depois. O que agora só digo sobre o que já disse, he, que assim como S. Antonio foi obrigado a deixar Portugal, para ser Portuguez; assim foi necessario, que se tirasse dentre os Portuguezes, para ser tam grande homem, & tam grande Santo como foi. Hum dos mayores homens, q̄ houve no mundo, foi Abrahão, & a este mādou Deos q̄ sahisse da sua Patria, & de entre os seus para ser mayor. O mayor São de todos os Sãos foi o. Filho de Deos: & nem isto bastou para q̄ podesse obrar na tua Patria as maravilhas, com que assombrou as alheas. Para que nem os naturaes se escandalizem, nem os estranhos estranhem a dif-

ferença

ferença do que hoje direi. Mas vamos ao Evangelho.

§. III.

283 **S** *ic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, & glorificent Patrem vestrum, qui in caelis est.* De tal modo ha de luzir a vossa luz diante dos homens, que vejaõ elles as vossas boas obras, & glorifiquem a Deos. Isto he o que diz Christo a S. Antonio: E isto não o podia fazer hum Portuguez entre Portuguezes. A primeira coula, que se lhe encarrega nestas palavras, he que hade luzir a sua luz: *Sic luceat lux vestra: & luzir Portuguez entre Portuguezes, & muito menos luzir com a sua luz, he coula muito difficullosa na nossa terra. Com a luz alhea vi eu lá luzir alguns; mas com a propria: Lux vestra, nem Santo Antonio, quanto mais os outros. Toda a terra ( porque toda he tocada deste*

vicio) tem opposição com a luz. A Lua quem a eclipsa? A terra; porque chegaõ lá as suas sombras. E o Sol, onde não chegaõ as sombras da terra, quem o escurece, & encobre cada hora a nossos olhos? Tambem a terra. Levanta o Sol com seus rayos os vapores da terra, & elles mesmos vapores; que elle levantou, condensando-se em nuvês, saõ os que o não deixaõ luzir. Tomaõ em si os resplandores do mesmo Sol, & dourando-se com elles ou o escurecem de todo, ou nolo tiraõ dos olhos. Preze-le, ou não se preze o Sol de escurecer as Estrellas do Ceo; que lá estaõ os vapores da terra, que o escureceção a elle.

284: Sendo esta a condição natural de toda a terra, como grosseira em fim, rude, & opaca, & nascida debaixo das trevas: *Terra erat inanis, & vacua, & tenebrae erant super faciem abyssi; nenhũa terra ha com tudo entre todas as do mundo, que mais se opponha*

Genes.

I. I.

opponha à luz, que a Lusitania. Outra etymologia lhe dei eu no Sermao passado, mas como ha vocabulos, que admitem muitas derivações, & alguns, que significão por antifrasi o contrario do que soão; assim o entendo deste nome, posto que tam luzido. O mundo, dizem os Grammaticos, que se chama mundo, *Quia minime mundus*; & a morte Parca, *Quia nemini parcit*. E assim como o mundo se chama mundo, porq̃ he immundo; & a morte se chama Parca; porque a ninguem perdoa; assim a nossa terra se pode chamar Lusitania, porque a ninguem deixa luzir. Não he S. Isidoro, nem Marco Varro o Author desta funesta etymologia, senão a mesma natureza, & o mesmo Ceo com o curso, & occaso de suas luzes. A terra mais occidental de todas he a Lusitania. E porque se chama Occidente aquella parte do mundo? Por ventura, porque vivem alli menos,

Tom. 12.

ou morrem mais os homems? Não; senão porque alli vão morrer, alli acabaõ, alli se sepultaõ, & se escondem todas as luzes do firmamento. Sahe no Oriente o Sol com o dia coroadõ de rayos, como Rey, & fonte da luz: sahe a Lua, & as Estrellas com a noite, como tochas accensas, & scintillantes contra a escuridade das trevas, sobem por sua ordem ao Zenith, dão volta ao globo do mundo, resplandecendo sempre, & allumiando terras, & mares; mas em chegando aos Orizontes da Lusitania, alli se affogaõ os rayos, alli se sepultaõ os resplandores, alli desaparece, & perece toda aquella pompa de luzes.

285. E se isto succede aos lumes celestes, & immortaes; que nos lastimamos, senhores, de ler os mesmos exéplos nas nossas Historias? Que foi hũ Affonso de Albuquerque no Oriente? Que foi hum Duarte Pacheco? Que foi hum D. João de Castro?

R Que

Que foi hum Nuno da Cunha, & tantos outros Heroes famosos, senão hums Astros, & Planetas lucidissimos, que assim como allumiárao com estu-  
pendo resplendor aquelle glorioso seculo, assim escurecêrao todos os passados? Cada hum era na gravidade do aspecto hum Saturno, no valor militar hum Marte, na prudencia, & diligencia hum Mercurio, na altiveza, & magnanimidade hum Jupiter, na Fè, & na Religião, & no zelo de a propagar, & estender entre aquellas vastissimas Gentilidades hum Sol. Mas depois de voarem nas azas da fama por todo o mundo estes Astros, ou indigites da nossa Nação, onde foraõ parar, quando chegárao a ella? Hum vereis privado com infamia do governo, outro prezo, & morto em hum Hospital, outro retirado, & mudo em hum deserto, & o melhor librado de todos, o que se mandou sepultar nas ondas do Ocea-

no, encomendando aos ventos levassem à sua Patria as ultimas vozes, com que della se despedia: *Ingrata Patria non possidebis ossa mea.*

286 Vede agora se tinha eu razão para dizer, que he natureza, ou má condição da nossa Lusitania não poder consentir q̄ luzaõ os que nascem nella. E vede tambem se podia S. Antonio deixar de deixar a Patria, sendo filho de hũa terra, onde se não consente o luzir, & tendolhe mandado Christo, que luzisse: *Sic luceat lux vestra.*

287 Eu não direi que S. João no seu Apocalypse levantou figura aos q̄ nascem em Portugal; mas ha muitos dias que naquellas suas visões de Patmos tenho observado hũa notavel pintura, na qual estaõ retratadas ao vivo as fortunas, ou influencias deste fatal nascimento. *Si* <sup>Apoc. 12.1.2.</sup> *gnum magnum apparuit in* <sup>3.4.</sup> *cælo mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus; & in capite ejus corona Stellarum duodecim*

*duodecimi: & in utero habens, clamabat parturiens. Visum est & aliud signum in cælo: & ecce Draco magnus: & Draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura; ut cum peperisset, filium ejus devoraret.* Esta he em summa a historia da visãõ, na qual diz o Euangelista, q̃ vio primeiramente hũa mulher vestida do Sol, coroadada de Estrellas, & cõ a Lua debaixo dos pès, a qual estava de parto, & dava vozes. E que logo appareceo diante desta mulher hum grande Dragaõ, o qual com a boca aberta estava esperando, que fahisse a luz o filho para lho tragar, & comer, tanto que nascesse. Infelice menino, antes destinado às unhas, & dentes do Dragaõ, que nascido! Mas que Dragaõ, que mulher, & que filho he este? O enigma he tam claro, que pelas figuras sem letra se pôde entender. A mulher vestida de luzes, o mesmo nome diz, q̃ he a Lusitania: as luzes são as que ouvistes o anno

passado; & o ter a Lua debaixo dos pès, he a mayor expressãõ da mesma figura; porque a Lusitania foi a primeira em toda Espanha, que sacudio o jugo dos Sarracenos, & tantas vezes entãõ, & depois meteo debaixo dos pès as Luas Mahometanas. O parto, que a fazia bradar, são os filhos, ou partos da Lusitania, não todos, senão aquelles, com que ella dá brado no mundo. E o Dragaõ finalmente já preparado, & armado para tragar esses filhos, he aquelle mesmo Dragaõ, que Portugal tem por timbre das suas armas; porque he timbre da nossa Nação tanto que sahe à luz quem pôde luzir, tragalo logo, para que não luza. De maneira que a mulher, & o Dragaõ em taõ differentes figuras, hũa humana, outra sem humanidade, ambas vem a ser a mesma cousa; porque como mulher pare os filhos, & como Dragaõ os traga depois de nascidos.

res, que foram descobrir, & informar-se da terra de Promissão, de tal maneira a descreverão, que parece definirão a nossa. Tres cousas disserão, todas grãdes, & notáveis; mas a terceira assombrosa, & terrível, & para todos fugirem de tal terra. Disserão que era tam fértil, & de clima tam benigno, que os rios manavaõ mel, & leite: *Venimus in terram, ad quam misisti nos, que revera fuit lacte, & melle.* Disserão mais, que virão nella homens da geração dos Gigantes: *Stirpem Enoc vidimus ibi.* E sobre estas duas prerogativas tam singulares, a terceira, que acrescentarão, foi, que era hũa terra, que comia, & tragava os seus naturaes: *Terra, quam lustravimus, devorat habitatores suos.* Julgai se quadra bem toda a definição à nossa terra. He tal na benignidade dos ares, na fertilidade dos campos, na affluencia dos rios, que chamando-se antigamente *Lethes*, o que hoje se cha-

ma *Lima*, he opiniaõ de muitos *Authores*, que o temperamento, & delicias da *Lusitania* foram as que derão motivo à fabula dos campos *Elyfios*. Que na mesma terra se conserve a geração dos Gigantes, isto he, de homens mayores q̃ os outros homens, tambem o não póde negar, quem tiver lido as antiguidades do mundo. Basta por exemplo serem os *Lusitanos*, os que com seu Rey *Siculo*, filho de *Luso*, debellarão em *Sicilia* os *Cyclopes*, & deixarão eternizada esta vitoria no mesmo nome de seus habitadores, os quaes desde entãõ se chamãraõ *Siculos*. Mas que importaõ estas excellencias, & outras que se poderão dizer sem lisonja, se o clima, ou constellação natural da mesma terra he tam alhea de humanidade que come seus proprios filhos? Que importa que como mãy seja tam felizmente fecunda nos partos, que os gere de tam eminente estatura; se como

Dragaõ

Num.  
15.28.  
29.33.

Dragão peçonhento , com raiva de os ver tam grandes , os morde , os roe , os abocanha , os ataçalha , & não descança até os engolir , & devorar de todo : *Terra de verat habitatores suos.*

## §. IV.

189 **A**gora sim que já posso responder a S. Antonio , & confutar a sua escusa. De maneira , meu Santo , que deixais Portugal , & vos embarcais para Africa , porque dizeis , que ides buscar o martyrio ? Antes por isso mesmo vos não deveis fahir da vossa Patria. Não tendes vós já encerrado no peito aquelle grande thesouro de sabedoria , & eloquencia , com que depois haveis de esclarecer , & afombrar o mundo , & agora a vossa modestia , & humildade encobre , & dissimula , & quasi contra o conselho deste mesmo Evangelho tem ele cobrido debaixo do meyo alqueire: *Neque enim*

Tom. 12.

*accendunt lucernam , & ponunt eam sub modio? Escusado he logo ir buscar o martyrio incerto por mar em terras estranhas , se o tendes mais breve , & mais seguro na mesma , onde nascestes. Amanheção em Coimbra os resplandores desta Theologia , que depois hade ter a primeira cadeira na segunda Religião , de que tendes tomado o habito : passai com os eccos desta fama a Lisboa , & começai a levar após vós a Corte com a eloquencia mais que humana dessa lingua immortal , & eu vos prometo ( não tanto que ella fallar , senão depois q for fallada ) que não falltem naturaes vossos , que vos fação martyr. Não vos asseguro rodas de navalhas , nem boys de metal , porque la não se martyrizo com tanto engenho. Mas se vos contentais com martyrio mais aparelhado , & mais vulgar , de ferres logo hum S. Sebastião não o duvideis. Todos os rayos , que de si despedir a*

R iij vossa

vossa luz, se hab de converter em settas, que se empreguem em vós. O vosso nome hade ser o applauso de todas as vozes, & o vosso corpo o alvo de todas as settas. Não vos hade valer seres filho de S. Francisco, hũa vez que mostrardes que sois geração de Gigante: *Stirpem Enoc vidimus ibi.*

290. Apareceo Saul no meyo do Povo de Israel em occasião, que estava junto em Cortes, & diz o Texto sagrado, que era de tam alta, & agigantada estatura, que do hombro para cima excedia a todos: *Stetitque in medio populi, & altior fuit uniuerso populo ab humero, & sursum.* E vós Saul sois tam grande na terra onde nascestes, que os mayores, quando muito, vos daõ pelo hombro, & com toda a cabeça sobrepujais a todos? ora esperai pelos effeitos desta vossa tam bizarra estatura, & vereis a fortuna, que com ella vos aguarda. Deuse a fatal batalha dos cam-

pos de Gelboe, & posto que na confusão dos grandes exercitos, quando se combatem, apenas se conhece distincão de homens a homens, como Saul avultava tanto entre a multidão, sobre elle carregou todo o pezo da batalha, & nelle se empregáraõ todas as settas: *Totum pondus praelii versum est in Saul: & vulneratus est vehementer à sagittariis.* Os sete montes daquelle Cidade, em hum dos quaes nasceo S. Antonio, todos são montes de Gelboe. Alli está encantada a fatalidade dos que fez a natureza, ou a fortuna mayores que os outros. Contra elles se armaõ as batalhas, contra elles se tiraõ as settas, & sobre elles descarrega todo o pezo da guerra: porque a enveja, como filha primogenita da soberba, peza para cima, & todos seus tiros se allestaõ contra o mais alto. Não de balde domina sobre Portugal o Sagittario; porq̃ este he o signo, em q̃ lá nascem todos

1. Reg.  
10.23.

1. Reg.  
31.3.

dos os que são apontados com o dedo , para que contra elles se apontem as settas. Esculadamente vai logo provocar as dos arcos Turquescos a Africa , que as tinha tam aparelhadas na Patria , & tam certas na sua propria grandeza.

291. Essa foi , se eu me não engano , a providencia daquella inopinada enfermidade , com que apenas tinha posto os pés S. Antonio nas prayas Africanas , quando foi outra vez obrigado a se embarcar para os ares patrios , como se lhe dissera Deos : Vens buscar o martyrio a Berberia , deixando Portugal , & Lisboa ? Torna, torna para donde vieste , q̄ tambem lá ha Marrocos , & Tituões. Para a terra de seu nascimento mandou Deos tornar o Adaõ : *In terram de qua sumptus es* : & não porque aquella terra da sua Patria fosse mais fádã , senão para que nella morresse com dobrada dor , em pena de ter comido da arvore da Sciencia. Não

havia outra terra para onde o desterrar , senão para aquella mesma , em que nascera ? A sua Patria hade ser o seu desterro ? O tiralo della foi o mayor favor , & o tornar para ella hade ser castigo ? Sim ; porque sendo aquella terra tam felice no primeiro parto , que gerou , o primeiro homem do mundo ; foi tam maldicta no segundo , que não produzio mais que abrolhos , & espinhos contra esse mesmo homem , que della nascera : *Spinas , & tribulos germinabit tibi*. Deixese ficar Antonio no cãpo Damasceno da sua Patria , & se já a tem deixado , torne para ella , que nella achará , se souber o que sabe , quanto hia buscar tam longe. Quando S. Antonio depois de comer da arvore da Sabedoria em tam profundos estudos , se escondeo como Adaõ , bem sabia que na sua Patria tambem he delito o muito saber , posto que não seja por desobediencia , mas por mais obedecer , & servir a

Ibid. 184

Deos. Manifeste pois á sua terra o que sabe, deixe luzir ( pois assim lho manda Christo ) a sua luz , & experimentará logo que esta mesma terra , que o fez o primeiro homem , em lugar de lhe tecer coroas de louro, se arma de espinhos, & abrolhos , com que o martyrizo: *Spinæ , & tribulos germinabit tibi.*

## §. V.

292 **M**As como Deos não queria de Antonio o seu martyrio , a nova providencia de hũa furiosa tempestade o derrotou da Patria , para onde tornava , & o levou a tomar porto em Italia. E porque , ou para que ? Porque Deos lhe tinha mandado que luzisse a sua luz diante dos homens : *Sic luceat lux vestra coram hominibus.* E para a sua luz luzir diante dos homens, era necessario que o mesmo Deos o levasse a terra , onde houvesse homens , diante dos quaes se podesse lu-

zir. Oh terra verdadeiramente bemdita , Patria da verdade , asylo da razaõ , Metropoli da justiça ; que não debalde te escolheo Deos para collocar em ti o seu eterno solio ! Quasi estou para dizer , que aquella figura do Apocalypse , que expliquei enigmaticamente, não só he, ou foi enigma, senão historia, ou profecia literal deste successo de S. Antonio. Dissemos que a mulher vestida de luzes era a Lusitania : dissemos que o Dragaõ , que estava esperando com a boca aberta , para tragar o parto, que della nascesse, era o timbre das suas armas , & a deshumanidade natural , com que trata seus filhos : agora vede como o filho , que entaõ nasceo, & escapou dos dentes do Dragaõ, foi S. Antonio. *Et peperit filium masculum, qui rectorus erat omnes gentes in virgá ferrea, & raptus est filius ejus ad Deum, & ad thronum ejus.* E pario ( continua o Texto ) hum filho varaõ , o qual havia de

de reger todas as gentes com vara de ferro , & logo foi arrebatado da presença da Mãy , & do Dragaõ , & levado a Deos , & ao seu throno.

293 Primeiro que tudo, não faça duvida dizer o Texto que este filho havia de reger as gentes com vara de ferro ; porque he propriedade dos termos , ou titulos, com que na Escritura se descrevem os q̄ Deos elege , & constitue ( como elegeo , & constituhio a S. Antonio ) para Prêgadores univérſaes do mundo : *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus prædicans præceptum ejus : Reges eos in virgâ ferreâ , & tamquam vas figuli confringes eos.* Assim regia , & encaminhava S. Antonio cõ a ley, & preceitos Divinos todas as gentes a que prêgava. E assim confundia , & quebrantava os rebeldes com vara , & efficacia propriamente de ferro : que por isso foi chamado por excellencia Martello das

Heresias , *Perpetuus hæreticorum malleus.* Este filho pois , prodigioso parto da Lusitania , que Deos tinha destinado a tam gloriosos fins , para o livrar assim da mesma Mãy , como das unhas do Dragaõ , de que não podia escapar , depois de sahir à luz do mundo ; diz o Texto , que foi arrebatado com violencia , *raptus est* ; porque o arrebatou do caminho , que levava para a Patria , a violencia da tempestade. E diz mais , que foi levado a Deos , & ao seu throno , *ad Deum , & ad thronum ejus* ; porque a mesma violencia dos ventos o levou a Italia , & a Roma , onde Deos tem seu throno na terra.

294 Já agora , meu Santo , pòde luzir a vossa luz diante dos homens : *Sic luceat lux vestra coram hominibus* ; porque já estais em terra de homens , diante dos quaes se pòde luzir. Tanto vos era necessaria a ausencia de huns , como a presença dos outros. Já os mesmos

meſmos Summos Pontifices vos chamaõ Arca do Teſtamento: já as voſſas vozes ſaõ ouvidas como oraculos: já as voſſas razões, & ſentenças ſaõ recebidas, & veneradas como Divinas. E não porque vòs hoje ſejais outro do q̄ dantes ereis, nem outros os documentos da voſſa doutrina; mas porque tanto vai de lugar a lugar, & de homens a homens, *Coram hominibus.*

295 Esta felicidade de achar S. Antonio homens, diante dos quaes luziſſe a ſua luz, como o Senhor lhe mandava, foi na minha opiniaõ hũa das mayores graças, que o meſmo Senhor lhe concedeo; porque ſendo muito poucos no mundo os homens, que podem luzir; aquelles, diante dos quaes ſe poſſa luzir, ainda ſaõ muito menos. Todos os dias ouvimos no Euangelho de S. Joaõ hũa couſa, em que eu não acabo de reparar. *Fuit homo miſſus à Deo, cui nomen erat Joan-*

*nes: hic venit in teſtimoniũ, ut teſtimonium perhiberet de lumine.* Ouve, diz, naquelle tempo hum homem; mandado por Deos, o qual veyo para ſer teſtemunha, & teſtemunhar da luz. A luz não ha miſter teſtemunhas; porque ella por ſi meſma, & ſem mais prova demoſtra o que he. Quanto mais que a luz, de que fallava o Euangelista, (como elle meſmo acabava de dizer) era a luz verdadeira, & fonte de toda a luz, Chriſto, que allumia todos os homens: *Erat lux* Ibid. 9. *vera, que illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum.* Pois ſe todos os homens viaõ eſta meſma luz, porque foi neceſſario que mandaffe Deos hum homem como o Baptiſta, para que teſtemunhaſſe della? Porque tam raros ſaõ como iſto no mundo os homens, que poſſaõ teſtemunhar da luz. Poder ver a luz, & ſer allumiado della, he de todos os homens: *Que illuminat omnem hominem.* Mas fazer verda-

verdadeiro conceito dessa mesma luz, & dizer, & testemunhar o que ella he, *Ut testimonium perhiberet de lumine*, para isso apenas se acha no mundo hum homem, & esse mandado por Deos: *Fuit homo missus à Deo*. Testemunhar o Baptista de Christo, como discretamente notou São Gregorio Nazianzeno, era allumiar o Sol com hũa candea; & sendo isto hũa cousa, que não só parece superflua, mas ridicula, teve necessidade do Sol desta candea, para que entre os homens houvesse hum, que testemunhasse da sua luz como merecia: *Ut testimonium perhiberet de lumine*.

296 E se quizermos examinar a causa deste effeito tam contrario à natureza da mesma luz, acharemos que todo procede não da luz, senão dos homens. O mesmo S. João o disse: *Lux venit in mundum, & dilexerant homines magis tenebras, quam lucem*. Veyo a luz ao mun-

do, & os homens (quem tal havia de imaginar?) amaraõ mais as trevas, que a luz. Quantas vezes se vê isto no mundo, & eu o tenho visto? Ver aos que luzem, he para rir; & ver os que não luzem, para chorar: *Dilexerunt magis tenebras, quam lucem*. As trevas amadas, veneradas, & applaudidas, como se forão luz, & a luz aborrecida, deestimada, & perseguida, como se fora trevas. Tal he, & tal costuma ser o juizo dos homens, ou seja por ignorancia, ou por malicia. Mas que remedio terá a luz para não ser aborrecida de tal gente? Se he aborrecida, porque veyo ao mundo, *Lux venit in mundum*, vá-se do mundo, & não será aborrecida. Assim o euidava eu, & assim creyo que bastára para com alguns homens, mas não para com todos.

297 Diz Plinio, que os homens do monte Atlante todos os dias amaldiçoão o Sol duas vezes, hũa

Plin.l.  
5.c.8.

hũa quando nasce , & outra quando se poem : *Solem orientem , occidentemque dirá imprecatione intuentur.* O monte Atlante he aquella tam bem opinado entre os homens , que delle se diz , & celebra que sustenta o Ceo com seus hõbros , & que o mesmo Ceo havia de cahir , se aquella forte columna o não sustentára. Pois se com tanto trabalho , & tanto zelo se sustenta neste monte o Ceo , para que não caya ; a melhor joya , & mayor lustre do mesmo Ceo , que he o Sol , como he tam aborrecido , & anatematizado no mesmo monte ? Dirmeheis que tudo isto he fabula , & mentira : & que a verdadeira razã deste odio he ; porque os moradores do monte Atlante são os Ethiopes mais adustos , como mais visinhos , ou menos defendidos do Sol , & por isso aborrecem tanto a luz dos seus rayos , porque aos outros homês allumia , & a elles queima. Mas se isto assim he , como

he ; aborreaõ os do monte Atlante ao Sol , quando nasce , & não quando se poem. Se o recebem com maldições , quando vem , demlhe graças , & louvores , quando se vai. Mas quando vem , & apparece diante destes homês , aborrecido na presença ; & quando se vai , & os deixa , tam bem aborrecido , & perseguido na ausencia : *Orientem , occidentemque ?* Sim ; porq̃ o Sol , ainda q̃ se vai , vai para tornar , *A summo caelo egressio ejus , & occur- sus ejus usque ad summum ejus.* Vá-se pois o Sol , & desappareça de hũa vez para sempre , & logo nem os do Atlante terão quem os queime , nem o Sol quem o injurie.

Pfalm.  
18.6.

## §. VI.

298 **I** Sto he o que fez S. Antonio : não só se foi da sua terra , senão para sempre , & para nunca mais tornar a ella. Nem o Santo podia deixar de o fazer assim ; supposto o preceito

preceito Divino, & o fim, & intento delle. O fim, & intento do preceito de Christo era: *Ut videant opera vestra bona*: que de tal maneira luzisse diante dos homens, que elles vissem suas obras boas, & nada d'isto podia ser se Santo Antonio ficasse na Patria, & quizesse luzir nella. E porque razão, ou semrazão? Por tantas, quantas são as palavras do mesmo preceito: *Ut videant opera vestra bona*. Elle havia de fazer as obras, *Opera vestra*: os homens haviaõ-nas de ver, *Ut videant*: & essas obras vistas haviaõ de ser boas, *bona*: & nenhũa destas cousas podia S. Antonio conseguir entre os da sua Patria, por outras tantas razões. Primeira; porque não havia de poder fazer essas obras: Segunda; porque ainda que as fizesse, não as haviaõ de ver os homens: Terceira; porque ainda que as fizesse, & elles as vissem, não haviaõ de ser boas: *Ut videant opera vestra bona*. Daime agora attençaõ.

299 Primeiramente digo, que aquellas obras, que o Evangelho recomêda a S. Antonio, elle as não havia de fazer, nem as podia fazer na sua Patria, & não por falta de virtude no Santo, senão por defeito, ou esterilidade natural da terra, em que nasceo. Não he cousa nova na natureza haver terras, que são fecundas para as plantas, & estereis para os frutos. São fecundas para as plantas, porque ellas produzem as arvores: & são estereis para os frutos, porque essas mesmas arvores não podem produzir os frutos, em quanto estão nellas. Por esta razão, & experiencia inventou a Agricultura o remedio do transplantar, arrancando, ou desterrando as plantas da terra onde nascêraõ, & passando-as a outras, onde frutifiquem. Isto he o que fez, ou succedeo a S. Antonio, do qual parece que profetizou David, quando no Texto Hebreo, em que fallava, disse: *Erit tamquam*

Pfalm.  
1. 3.

*tamquam lignum ; quod transplantatum est , & fructum suum dabit.* Os milagres, & obras prodigiosas, com que S. Antonio admirava, & convertia o mundo em Italia, & França, eraõ frutos daquella generosa planta, mas transplantada: *Tamquam lignum, quod transplantatum est.* Porque se Deos ( que tambem he Agricultor, *Pater meus Agricola est* ) o deixara ficar na terra onde nasceo, nenhũa dessas maravilhas havia de obrar, nenhum desses frutos havia de produzir, não por defeito da planta, senão por vicio da terra.

300 He a nossa terra, ( porque se não queixe de que lhe digo injurias ) como a Patria de Christo. Obrava Christo Senhor nosso por toda a parte aquella multidaõ de milagres, tantos, tam continuos, & tam estupendos como sabemos; mas tanto que chegava à sua Patria, ( assim como o Manná cellou, tanto que chegou á

terra de Promissaõ ) assim cessava, & se suspendia, & ficava totalmente parada aquella corrente celestial, & benefica de maravilhas; com que soccorria, remediava, & admirava a todos. S. Marcos chegou a dizer que Christo na sua Patria não podia fazer milagre algum: *Abiit in Patriam suam, & non poterat ibi virtutem ullam facere.* Ainda na boca de hum Evangelista parece duvidosa esta proposiçaõ. Christo, em quanto Deos, não era omnipotente por natureza, & em quanto homem, não era tambem omnipotente por communicaçãõ, & por graça? Assim o creè, & confessa a nossa Fè. Pois como he possivel que hum Homem Deos, & por hum, & por outro modo omnipotente, não podesse fazer milagres na sua Patria? Aqui vereis q̃ cousa he a Patria. E se tanta resistencia, & contradiçãõ experimentou a omnipotencia ordinaria; q̃ seria a delegada de S. Antonio?

**Respon-**

Joann.  
15. 1.

Marc. 6.  
1. 5.

Matth.  
13.53.  
Marc.  
6.4.

301 Respondeo Christo a este escandalo com aquella Proverbio universal: *Non est Propheta sine honore, nisi in patria sua*: Não ha Profeta sem honra senão na sua Patria: Desfor-te que toda esta repugnancia, ou todo este impossivel topava na honra. E como he vicio natural da Patria não soffrer, nem poder ver mais honrado a quem nasceo nella; porque a Patria não podia soffrer a honra de Christo, não podia Christo na Patria fazer os milagres. Para os milagres honrarem a Christo na sua Patria, era necessario que os da mesma Patria cressem, que eraõ verdadeiros milagres. Mas elles, diz o Euangelista, eraõ tam duros, & tam incredulos, que não criaõ que hum homẽ seu natural podesse fazer obras sobrenaturaes, & por isso o Senhor as não podia fazer: *Non poterat ibi ullam virtutem facere: & mirabatur propter incredulitatem eorum*. Reparemos muito nesta ultima clausu-

la, & na connexão della com a antecedente. Diz o Euangelista, que não podia Christo fazer milagres na sua Patria, & que o mesmo Senhor se admirava muito, de que a incredulidade dos seus naturaes fosse a causa de não poder fazer os milagres: *Et mirabatur propter incredulitatem eorum*. Pois porque elles não criaõ que Christo podesse, por isso Christo não podia? Sim & o mesmo Mestre Divino declarou o segredo deste impossivel noutra occasiã.

302 Pediolhe hum pay a faude milagrosa para hum filho, dizendo: *Si quid potes, adjuva nos*: Se he que podeis, favoreceime a mim, & a este filho. E o Senhor respondeo: *Si potes credere, omnia possibilia sunt credenti*: Se tu podes crer, tudo he possivel a quem cre. Notai, que não disse, tudo me he possivel a mim, porque sou omnipotente; senão, tudo te he possivel a ti, se cres, que eu posso. E a razão he; porque segun-do

do a disposição condicional da Providencia Divina , para se fazer hum milagre são necessarias duas possibilidades ; hũa activa , da parte de Deos , que faz o milagre, que he a Omnipotencia ; & outra passiva , da parte do homem , a quem se faz , que he a credulidade. E como nos naturaes de Christo faltava esta segunda possibilidade , & pela enveja natural , que nasce com os que nascem na mesma Patria , não podiaõ crer ( nem querer ) que Christo nascido entre elles fizesse milagres ; por isso o mesmo Senhor não podia na sua terra , o que podia em todas : *Non poterat ibi.*

303 Oh Patria tam naturalmente amada , como naturalmente incredula ! Que filhos tam grandes , & tam illustres terias , se assim como nascem de ti , não nascera juntamente de ti , & com elles a enveja , que os affoga no mesmo nascimento , & os não deixa luzir , nem cres-

cer ! Aquelle trigo mal-logrado do Euangelho , que cahio entre espinhas , diz o Texto , que as espinhas , que juntamente nasceraõ com elle , o affogaraõ : *Et Luc. 8. simul exorta spine suffocaverunt illud.* Note-se muito muito o *simul exorta.* Não ha cousa , que mais pique , nem de que mais se piquem os naturaes , que da emulação , & enveja. Estas são as espinhas , que affogaõ logo desde seu nascimento os que nascem na mesma terra : & estas são as que haviaõ de affogar na nossa a S. Antonio , para que não obrasse tóra della o que obrou , nem obraria , senão fugisse della.

304 Mas que muito que houvesse de succeder a S. Antonio com os da sua , o que succedeo ao mesmo Deos , depois que teve Patria ? Impugnavaõ , & contradiziaõ os de Nazareth Patria de Christo a fama das maravilhas do Senhor ; & houve hum , que se atreveo a lhe dizer em presen-  
ça :

Luc. 4.  
23.

ça : *Quanta audivimus facta in Capbarnaum , fac & hic in patria tua.* Isto que ouvimos de vossas maravilhas ao longe , não o veremos ao perto ? Desses milagres tantos, & tam famosos , que fazeis nas outras partes, não fareis tambem algum aqui na vossa Patria ? Não ; & por isso mesmo. Na terra , onde nascem os milagrosos, não nascem, nem se dão os milagres. O que só não póde estorvar a Patria , he , que cheguem lá os eccos da fama , & que de boa , ou má vontade sejaõ ouvidos : *Quanta audivimus.* Assim chegavaõ , & se ouviaõ de longe em Portugal as maravilhas do seu grande Portuguez : & posto que não sei se eraõ tam cridas , & applaudidas entaõ , como mereciaõ ; o que só posso afirmar sem escrupulo , he , que não seriaõ taõ bem ouvidas na terra propria , como elle era ouvido nas estranhas. Ouviaõ , que quando prégava Antonio , cessavaõ todos os outros

Tom. 12.

exercicios mecânicos , civis , & politicos ; porque os Lavradores deixavaõ os arados , os Mercadores as tendas , os Ministros os Tribunaes , os Cortezaõs os Palacios , & os theatros : *Quanta audivimus!* Ouviaõ que se despovoavaõ as Cidades ; & que não cabendo a multidãõ immensa nos Templos , era obrigado a prègar nos campos , & que prègando em hũa só lingua , sendo de diferentes Nações os ouvintes , todos o entendiaõ , como se fallára na lua : *Quanta audivimus !* Ouviaõ , que vestido de burel , & descalço hia cercado de guardas , & defendido de homens armados , os quaes mal podiaõ resistir o pezo , & tumulto das gentes , que concorriaõ a lhe beijar o habito , & roubar algum fio d'elle , como preciosa reliquia : *Quanta audivimus !* Ouviaõ , que se o não queriaõ ouvir os Hereses obstinados , para confundir sua dureza , & rebeldia , hia prègar aos pei-

S xes ;

xes, & que elles chamados da sua voz concorrião de todo o mar em cardumes, grandes, & pequenos, & postos por sua ordem com as cabeças fóra d'agua, como se tiverão o uso de razão, que faltava aos homens, escutavaõ attentos o que o Santo lhes dizia, & assentiaõ a tudo: *Quanta audivimus!* Ouviaõ, que armando-se hũa horrenda tempestade sobre o povo innumeravel, que no campo descoberto ouvia ao Santo, elle os assegurou que ninguem se inquietasse, ou moveffe, & voltado para o Ceo escuro, & medonho, com o aceno lóméte de hũa mão emmudeceo os trovões, apagou os relampagos, & suspendeo as nuvens, as quaes não tiverão licença para chover, senão depois de recolhidos todos a suas casas: *Quanta audivimus!* Ouviaõ, que encomendando-se a Antonio, os cegos viaõ, os surdos ouviaõ, os mancos andavaõ, os mudos fallavaõ, os enternios de

todas as enfermidades farravaõ, & até os mortos, invocado o Santo por boca dos vivos, resuscitavaõ: sendo muito mais admiraveis resurreições as de infinitos peccadores, que mortos, & sepultados em todo o genero de vicios, por força da palavra Divina pronunciada pela boca de Antonio, se convertiaõ à penitencia, & restituiaõ à graça: *Quanta audivimus!* Todas estas, & outras muitas maravilhas se ouviaõ em Portugal, & Lisboa, onde as levava a fama: mas que o mesmo Santo, que tantos, & tam prodigiosos milagres obrava nas terras estranhas, os fizesse tambem na sua: *Fac hic in patria tua*, isso não; porque não podia ser: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.*

305 Vejo com tudo que todos estaõ reclamando contra esta doutrina, & argumentando contra a verdade della, não menos que demonstrativamente, & com a experiencia. Porque

que sabemos, que S. Antonio foi a Lisboa para livrar a seu pay condemnado falsamente por hum homicidio; & que em presença de todo o povo, & Ministros da justiça, que o levavaõ ao supplicio, resuscitou o mesmo morto; & que este declarou a verdade, & depoz juridicamente q̄ não era aquelle o homem, que o matara. Pois se S. Antonio fez este estupendo milagre em Lisboa, & dentro dos muros della, & no adro da mesma Sè, junto às casas, onde o mesmo Santo nasceu; como digo eu, nem posso provar com verdade, que S. Antonio não havia, nem podia fazer milagres na sua Patria? Agradeçovos muito a instancia, que he bem apertada; & tambem espero que me haveis de agradecer a soluçãõ. Respondo, & concedo que S. Antonio fez este milagre, & tambem outro semelhãte em Lisboa; mas o Santo Antonio, que fez os milagres em Lisboa, não

era o nascido em Lisboa. Ora vede. Quando hum Santo apparece realmente em algũa terra distante, pôde ser por hum de dous modos: ou levado lá, como levou o Anjo ao Profeta Abacuc a Babilonia: ou reproduzindo-o Deos, & ficando onde estava, como Christo está no Ceo, & juntamente no Sacramento. Deste segundo modo he que fez S. Antonio os milagres em Lisboa, não levado, senão reproduzido; porque no mesmo tempo ficou, & estava em Italia, prègando, & inclinado sobre o Pulpito, como diz a Historia. E como o Santo, que fez os milagres, era S. Antonio reproduzido, não era Santo Antonio nascido em Lisboa. O Santo Antonio nascido em Lisboa, esse ficou cá em Italia: o que obrou lá o milagre, era o mesmo S. Antonio sim, mas reproduzido, & nascido de novo nas mãos da omnipotencia. De sorte q̄ para S. Antonio fazer mi-

lagres em Lisboa, foi necessario que Deos lhe desse outro segundo, & novo nascimento, & assim segunda vez nascido fizesse o milagre na terra, onde não nascera.

306 Quando chegou aos ouvidos d'ElRey Herodes a fama dos grandes milagres, que Christo obrava, entrou o Rey em hum pensamento notavel. Presumio, & disse, que aquelle homem não era Christo, senão o Baptista resuscitado, & que por isso fazia tantos milagres: *Joannes Baptista surrexit à mortuis, & ideo virtutes operantur in eo.* Consta do Evangelho que o Baptista não fez milagre algum em sua vida: *Joannes nullum signum fecit.* Pois se o Baptista não fez milagres em quanto vivo; donde se colhe, que os faria depois resuscitado? Porque a resurreição he hum segundo nascimento do mesmo homem, que por isso se chama regeneração: & a graça, que não teve o mayor

dos nascidos no primeiro nascimento, era verisimil que a tivesse no segundo. Isto pois que em S. João reproduzido era verisimil, em S. Antonio foi certo. Não porque o segundo nascimento lhe desse a virtude de fazer milagres, que já a tinha; mas porque lhe tirou o impedimento de ser a terra, em que nascera: & como Lisboa não era Patria de Antonio assim reproduzido, por isso pode fazer milagres em Lisboa, o que do outro modo não podia: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.*

### §. VII.

307 **M**As dado, que S. Antonio fizesse milagres na sua Patria; a segunda cousa, que prometi, & digo, he, que os homens da mesma terra não os haviaõ de ver. O que Christo encomenda a S. Antonio no nosso Texto, he, que a sua luz respládeça de tal modo diante

Matth.  
14.2.

Ioann.  
10.41.

té dos homens, que elles vejaõ as suas obras illustres, & gloriosas: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.* E estas obras illustres, & gloriosas, fe o Santo as fizesse na sua Patria, como supponmos, parece que não podiaõ os homens deixar de as ver. O não as verem, só podia ser, ou por falta das obras, ou por falta da luz. Assim o notou S. Agostinho, dando a razão, porque não vemos a Deos, estando elle presente em toda a parte: *Est quod videas, sed non est unde videas.* Para ver he necessario objecto, & luz: o objecto, que he Deos, sempre o temos presente; a luz com que elle se póde ver, essa he a que nos falta, & por isso o não vemos. Mas no nosso caso, nem faltava o objecto, que são obras: *Opera vestra bona:* nem faltava luz, que era a mesma de quem as obra-va: *Sic luceat lux vestra.* Logo como póde ser, que os homens as não vissem?

Tom. 12.

Digo que sim póde ser, & que assim havia de ser, não por falta das obras, nem por falta da luz, senão por falta dos olhos.

308 Nasceo no primeiro dia do mundo a luz, a qual não era outra coula, que hum globo daquelle luminoso accidente creado na segunda, ou terceira região do ar, dentro da qual fazia seu curso dividindo o dia da noite, & dando desde logo à duração composta de ambos, o periodo natural, que hoje observaõ. He porém couza muito digna de admirar, que em quanto aquella primeira luz se conservou no lugar, ou região onde foi creada, não ouve olhos creados, que a vissem; porque nem a terra, & a agua creados no primeiro dia, nem o firmamento no segundo, nem as plantas, & ervas no terceiro tinhaõ olhos. Luzia a luz, & não havia olhos, que a vissem luzir: allumiava ella só o universo, & não havia em todo o universo olhos, que

S iij se

se allumiassem com ella , nem a vissem allumiar : distinguia as noites , & os dias, mas não havia olhos , que notassem a igualdade , & concerto desta distincção , nem se alegrassem com a presença da mesma luz , ou sentissem sua ausencia. Não sei se chame a isto desgraça da luz , se natureza do lugar , ou região , em que nasceo ao mundo. Desenganaivos luz , ainda que sejais a primogenita do Creador , & a primeira de todo o creado , que em quanto não sahires do lugar onde nascestes, não ha, nem haõ de haver olhos , que se ponhaõ em vòs. Sahi , sahi desse berço natural, em que nascestes , passai a outros lugares estranhos , & remontados , & logo tereis olhos , que vos vejaõ , que vos admirem , que vos amem , que vos celebrem , que vivaõ de vòs, & morraõ por vòs. Affim foi. Ao quarto dia da criação tirou Deos a luz da região do ar , onde a creára, repartio-a pelas esferas

celestes com fórma, & nome de Sol , de Lua , & de Estrellas ; & logo no quinto dia , & no sexto se fez o mundo todo em olhos , que se allumiassem com a luz, & a festejassem: olhos no mar, olhos no ar , olhos na terra ; olhos nas aves , olhos nos peixes , olhos nos animaes terrestres ; & sobre tudo olhos no homem , que não só lograsse os resplandores da luz , mas dèsse os devidos louvores ao Creador della. Demaneira , que esta mesma luz, que hoje vemos, & com que vemos todas as cousas , em quanto esteve , & não sahio do lugar , & região , em que nascèra , nem ella se via , nem se viaõ com ella as outras obras admiraveis da Omnipotencia , & não por falta das obras, nem por falta da luz , senão por falta de olhos. E isto he o mesmo , que eu digo , & supponho que havia de succeder a S. Antonio.

309 Hum dos mais famosos milagres, que fez Christo

Christo Senhor nosso, foi o vulgarmente chamado do diabo mudo; porq̄ foraõ quatro milagres em hũ milagre. O miseravel homem era mudo, & fallou: era surdo, & ouviu: era cego, & cobrou vista: era endemoninhado, & ficou livre do demonio. Póde haver mayor fecundidade de milagres? As arvores muito fecundas, como diz a nosssa lingua, daõ os frutos em pinha. Mas vede qual era a terra, onde nasciaõ. Começavaõ a se admirar as turbas à vista de tanto milagre junto; eisque no mesmo ponto chegãõ-se os Escribas, & Fariseos ao mesmo obrador daquelles milagres, & dizemhe assim: *Magister volumus à te signum videre.* Mestre, quizeramos ver hum milagre vòsso. Ha tal pedir, & em tal occasiã, & naquelle mesmo lugar? Não acabavaõ estes homens de ver hum milagre, & quatro milagres? Não. Christo era o que tinha acabado de os fazer; mas elles não ti-

nhaõ acabado, nem ainda começado a os ver: & porque? Não por falta dos milagres, senão por falta de olhos. *Volumus videre: Queremos ver, disseraõ: & disseraõ bem; porque o que lhes faltava, não eraõ milagres que ver, eraõ olhos, com que vissem os milagres. Assim lhe havia de succeder a S. Antonio: a elle não lhe haviaõ de faltar os milagres, mas aos milagres haviaõlhe de faltar os olhos. Logo em tal terra, & entre taes homens não podia o Santo fazer o que Christo lhe mandava; que era luzir de maneira, que os homens o vissem: Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant.*

310 E se me perguntares a razã, porque naquella terra ha tanta falta de olhos, ou de olhos, que vejaõ a luz; nas mesmas palavras a temos. A luz hade luzir: *Sic luceat: os homens haõde a ver: Ut videant: & olhos que vejaõ luzir a luz, não o póde haver em hũa terra, onde*

S iij a mes;

a mesma luz os faz cegar. Ouçamos ao mesmo S. Antonio, que como pratico do Paiz conhecia bem as causas deste terrivel effeito: *Invidus, si esset in caelo, ibi totaliter excæcatur à gloriâ proximi, & à luce beatitudinis ipsorum.* São tam incapazes os olhos do envejoso de ver luzir, (diz S. Antonio) que se hum envejoso fosse ao Ceo, logo havia de ficar totalmente cego; porque a luz da gloria, & bemaventurança do proximo o havia de cegar. Do proximo disse, & não do bemaventurado, com grande elegancia, & energia; porque a enveja sendo dor de olhos, he de olhos, que olhaõ ao perto, (*proximi*) & não ao longe. E se isto em sentença de S. Antonio havia de succeder no Ceo; porque lhe não succederia a elle o mesmo na terra, & mais na sua?

311 Sahio David cõtra o Gigante, applaudio-se a vitoria como merecia, & diz o Texto que desde

aquelle dia nunca mais Saul pode ver a David: *Non rectis ergo oculis Saul aspiciebat David à die illâ,* 1. Reg. 18.9. & deinceps. Vede os contrarios effeitos dequella animosa, & venturosa pedrada. O tiro foi hum, & as feridas duas: ao Gigante ferio na testa, & a Saul quebroulhe os olhos. Tudo lhe sobejou a David para os applausos, só lhe faltáraõ os olhos de qué mais o devia estimar, & applaudir. Mas se Saul era tam envejoso, porque envejou hũa vitoria de David, & não quarenta vitorias do Gigante? *A die illâ,* Desde aquella dia, diz o Texto, que começou a enveja de Saul; & eu cuidava que havia de começar quarenta dias antes. Quarenta dias continuos sahio o Gigante a delafiar elle só os exercitos de Saul; & em todos estes quarenta dias se recolheo para a sua tenda com outros tantos triunfos, não só vencedor das mãos, & das armas, se não dos corações, & do proprio

proprio conhecimento dos Israelitas , não se atrevedo nenhum a fahir a campo com elle , & confessando com o temor a vantagem , que he a mayor victoria de todas. Pois se Saul he envejoso , porque não enveja a Golias , senão a David ? Porque Golias era Filisteo , & David Israelita. Golias era de outra terra , & doutra Nação : David era da sua Patria , & do seu proprio sangue. Por isso não teve coração para o estimar , nem boca para o applaudir , nem olhos para o ver , ou poder ver. Para que se veja , se acharia S. Antonio olhos na sua Patria , que com a luz de suas maravilhas , ( como elle mesmo diz ) se não cegassem de enveja , & totalmente as não vissem : *Totalliter excæcaventur.*

312 Também contra este discurso vejo que pôde haver quem argumente , & também com a mais calificada prova , que he a da experiencia. Todos sabemos quanto Lisboa se hon-

ra de ter hum filho como S. Antonio ; os theatros , & jogos publicos , com que o festeja , os applausos , os panegyricos , os poemas , com que celebra estas mesmas maravilhas , q̄ obrou nas terras estranhas. Logo não he de tam má condição a sua Patria , que não houvesse de estimar as mesmas obras gloriosas , se fossem feitas nella ; nem são tam máos , ou tam cegos os seus olhos , que as não houvessem de ver. Aceito outra vez , & estimo a instancia ; porque tam longe está de impugnar o meu discurso , que antes o confirma mais. Ainda não tendes advertido , que a enveja faz grande differença dos mortos aos vivos , & dos presentes aos passados ? Os olhos da enveja são como os do Sacerdote Helí ; dos quaes diz o Texto sagrado que não podiaõ ver a luz do Templo , senão depois que se apagava : *Oculi ejus caligaverant , nec poterat videre lucernam Dei , antequam extingueretur.* Em quanto

quanto as luzes são vivas , cada reflexo dellas he hum rayo , que cega os olhos da enveja : porém depois que ellas se apagarão , & muito mais se se metem largos annos em meyo, então abre a enveja , como ave nocturna , os olhos ; então vê , o que não podia ver ; então venera , & celebra ellas mesmas luzes , & levanta sobre as Estrellas seus resplandores. Por isso disse com grande juizo S. Zeno Veronense , que todo o envejolo he inimigo dos presentes , & amigo dos passados: *In omnibus se inimicum presentium servat , amicum vero pereun- tium.* Os mesmos que agora amaão , & veneraão tanto a S. Antonio , se viveraão em seu tempo, o haviaão de aborrecer , & perseguir ; & as mesmas maravilhas, que tanto celebraão , & encarecem , se foraão obradas na sua Patria , as haviaão de esquecer , & aniquilar. Não tenho menos fiador desta , que só parece conjectura , que a verdade do mesmo

Christo. He hum lugar da Historia Euangelica , antes de bem entendido, escuro ; mas depois de entendido , singularmente admiravel.

313 Os Escribas , & Fariseos do tempo de Christo , que eraão os mais doutos , & religiosos , em nenhũa cousa se esmeravaão tanto , como em edificar mausoleos aos Profetas , & ornar , & renovar os sepulchros dos Santos antigos. A' vista pois destas fabricas , & do que sobre ellas diziaão, reprehêdo-os o Senhor asperamente , & exclamou contra elles desta maneira: *Vae vobis, Scribae , & Pharisei hypocritae , qui aedificatis sepulchra Prophetarum , & ornatis monumenta justorum , & dicitis : si fuissetis in diebus patrum nostrorum , non essemus socii eorum in sanguine Prophetarum!* Ay de vòs Escribas , & Fariseos hypocritas , q̄ edificais sepulchros aos Profetas , & ornais os monumentos dos justos , & dizeis que se vòs vivereis no tempo de vossos pays , que

Matt  
23.2  
30.

que os perseguirão, & matarão, não haviéis de ser complices nas suas mortes, nem ter parte no seu sangue ! Atèqui parece que não havia materia de reprehensão, senão de louvor; porq̃ tudo era honrar, & venerar os Santos, & detestar o sacrilegio, & tyrannia dos que os tinhaõ perseguido, & morto. Mas o que mais acrecenta a difficuldade, & admiração, he o motivo da mesma reprehensão, que o Senhor prosegue, & a conclusão, que infere daquellas mesmas obras. *Itaque testimonio estis vobismetipsis, quia filii estis eorum, qui Prophetas occiderunt: & vos implete mensuram Patrum vestrorum.* E da qui se prova bem, ( diz o Senhor ) & vós mesmos testemunhais contra vós, que sois filhos, & imitadores daquelles, que matarão os Profetas, & que em edificar, & ornar os seus sepulchros acabais de encher as medidas do que vossos pays começãõ. Não pôde haver mais

notavel consequencia, nem mais difficultoso modo de inferir ! Se o Senhor differa : Vós matais os Profetas, & perseguis os justos, como vossos Pays os matarão, & perseguirão, bem se inferia, que como filhos de seus pays, eraõ tambem seus imitadores. Mas se os Pays matarão os Profetas, & os filhos lhes edificavaõ magnificos sepulchros: se os pays derramãõ o sangue dos justos, & os filhos os veneravaõ, & honravaõ: se os mesmos filhos condemnavaõ o que seus pays tinhaõ feito, & protestavaõ, que se viverãõ no seu tempo haviaõ de fazer o contrario, como affirma a verdade de Christo, que tudo isto era hypocrisia, & falsidade, & que as mesmas obras presentes, posto que tam diversas, eraõ testemunho, & prova de que haviaõ de fazer o mesmo, que seus pays fizeraõ ? Se nas sentenças Divinas pôde haver superlativo, esta verdadeiramente foi Divinissima. Todos aquelles Pro-

tetas 2.

fetas , & Santos antigos , cujos sepulchros agora veneravaõ tanto , tinhaõ sido perseguidos , & mortos por enveja de seus proprios naturaes , como homens em fim mayores , & mais eminentes que os outros na sua Patria : & daqui se seguia , como inferio a summa Verdade , que todo o culto , & veneraçãõ , com que os descendentes daquelles mesmos pays agora os celebravaõ , não era prova de que elles não houvessem de fazer o mesmo , se vivessem no seu tempo : antes provava , & testemunhava contra elles , que tambem os haviaõ de perseguir , & matar ; porque he consequencia propria , & natural da enveja perseguir os presentes , & estimar os passados , matar os vivos , & celebrar os mortos. Assim que todas essas festas publicas , todos esses panegyricos , & applausos , com que hoje celebra Lisboa , & Portugal o seu Portuguez , tam longe estaõ de provar , que no

tempo , em que vivia Santo Antonio , houvessem de fazer o mesmo , que antes saõ testemunhos publicos , & autenticos do contrario : & que essas mesmas maravilhas , que hoje tanto celebra , & festeja a sua Patria , se elle as obrára na mesma Patria , hoje faz quatro centos annos , quando vivo , nem entãõ haviaõ de ser maravilhas , nem haviaõ de luzir como taes , nem haviaõ de ser vistas , quanto mais celebradas ; porque os olhos da enveja saõ como os de Heli , que em quanto se não apagaõ as alampadas , não vem as luzes : *Nec poterat videre lucernam Dei , antequam extingueretur.*

### §. VIII.

314 **T**Emos visto q̃ as obras illustres , & gloriosas , que S. Antonio obrou nas terras estranhas , não as havia de fazer na sua , & que ainda que as fizesse nella , não haviaõ de ser vistas ; agora digo ,

digo, & concludo, que ainda que fossem feitas, & vistas, por isso mesmo não haviaõ de ser boas: *Ut videant opera vestra bona.* A razãõ desta lastimosa verdade em summa he, porque em havendo olhos máos, não ha obras boas. Boa obra era, & canonizada por boa derramar a Magdalena os unguentos preciosos sobre os pès do Salvador: *Opus enim bonū operata est in me.* Mas como eraõ máos os olhos de Judas, logo esta mesma obra boa foi murmurada, & reputada por não boa: *Ut quid perditio hæc?* Boa obra era, & tambem canonizada por boa, a graça, que o pay de familias fez aos ultimos, que vieraõ trabalhar à sua vinha; mas tambem a murmuraraõ, & se escandalizaraõ della os companheiros: *Murmurabant adversus patrem familias.* E porque? Porque ainda que a obra era boa, os olhos eraõ máos. *An oculus tuus nequam est, quia ego bonus sum?* Basta que por-

que eu sou bom, haõde fer os vossos olhos máos? Sim: & não he necessario outro porque. Antes deste mesmo porque, & desta mesma causa resulta outro effeito ainda peyor. Porque eu sou bom, os vossos olhos saõ máos; & porque os vossos olhos saõ máos, eu heide deixar de ser bom. Assim succedeo ao pay de familias; porque elle era bom, & a graça que fez era boa, os olhos, que a viraõ, foraõ máos: & porque os olhos, que a viraõ, foraõ máos, a graça, & quem a fez, deixaraõ de ser bons; & por isso foraõ murmurados. Notai este terrivel, & diabolico circulo, que a enveja faz com causalidade reciproca entre a potencia de ver, & o objecto visto. A vista ou se faz por especies, que o objecto manda à potencia, ou por rayos, que a potencia manda ao objecto: & estas duas opiniões contrarias dos Filosophos, concilliou, & juntou a enveja para fazer

Matth.  
26.10.

Ibid. 8.

Matth.  
20.11.

Ibid. 15.

guerra ao bem ; que não póde ver. Pelas especies , que sahem do objecto , faz que sendo o objecto bom , os olhos sejaõ máos : & pelos rayos , que sahem dos olhos , faz que sendo os olhos máos , o objecto não seja bom. Demaneira que a bondade do objecto faz a maldade da potencia , & a maldade da potencia desfaz a bondade do objecto. Porque eu sou bom, os teus olhos são máos : & porque os teus olhos são máos , eu não heide ser bom. Vede se metidas entre tal casta de olhos , podiaõ ser as obras de S. Antonio boas : *Ut videant opera vestra bona.*

315 E se algum curioso admirado de taes effeitos me perguntar , qual he o segredo desta maldita Filoſofia , respondo que o segredo he , porque os olhos da enveja nunca vê , sem dar olhado. Oh que bello menino ! ( diz o que dá olhado ) & no mesmo ponto se murchou aquella belleza , & o menino defi-

nhou ; até que morreo de todo. Se o olhado chegára ao Ceo , tanto que estes máos olhos se fitassem no Sol , logo aquella immensa , & fermosa luz , que doura , & allumia o universo , se havia de eclipsar , & escurecer. E isto mesmo que o olhado não póde fazer no Sol do Ceo , tem duvida o havia de fazer no Sol da terra , se a luz , & obras gloriosas de S. Antonio fossem vistas na sua Mandoulhe Christo , que a sua luz resplandeceſſe de tal modo diante dos homens , que elles vissem as suas obras boas : *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona:* & se a luz de suas obras, ou as suas obras de tanta luz , com que esclarecia o mundo , fossem feitas , & vistas na sua Patria ; logo a luz havia de ficar eclipsada , & a bondade das obras escurecida ; porque os mesmos olhos , que as vissem , lhes haviaõ de dar olhado ; & as mesmas obras boas , & tam boas , assim vistas ,

Sapient.  
4.12.

ftas , ou olhadas , haviaõ de deixar de fer boas. Não he consideração , ou malicia minha , senão oraculo exprello do Espirito Santo. *Fascinatío nugacitatis obscurat bona.* O olhado dos olhos mãos escurece todas as obras boas. E chama-se este olhado , o olhado da zombaria : *Fascinatío nugacitatis* ; porque os envejofos zombaõ do que haviaõ de admirar , & fazem farça do que deviaõ applaudir. E he traça de desfazer , & desmentir o mesmo bem , que reconhecem , rirem-se por fóra , do que os faz chorar por dentro. Obrigação tinha logo S. Antonio de buscar outros olhos mais benignos , & menos venenosos ; porque se o effeito do olhado he escurecer : *Fascinatío obscurat* ; como podia a luz de S. Antonio luzir : *Sic luceat lux vestra?* E se o que escurece o olhado são as boas obras : *Obscurat bona* : como podiaõ as obras de S. Antonio vistas por taes olhos parecer

boas : *Ut videant opera vestra bona ?*

326 Para q̄ vejamos nas mesmas obras boas , & tam gloriosas de S. Antonio como isto havia , & podia fer ; he necessario que advirtamos primeiro hũa notavel habilidade , & astucia , que usa a enveja para defluzir , & escurecer as boas obras , & para lhes avenennar , & destruir a mesma bondade. E qual vos parece que será esta habilidade , & astucia ? He que nunca olha para toda a obra boa de claro em claro , assim como he em si mesma ; senão que sempre a procura tomar por hum lado , & por aquella parte , ou ponta donde menos claramente se descobre a sua bondade , para ter em que morder ; & que arguir. Balac Rey dos Moabitás , tendo à vista os arrayaes do Povo de Deos , de que era capital inimigo , subornou com grandes promessas ao Profeta Balaam , para que os amaldiçoasse. Subio-se o Profe-  
ta

ta a hum monte, donde se descubriaõ todos os arrayaes, & vio nelles tal ordem, tal concerto, tal grãdeza, & magestade, que em lugar de os amaldiçoar, os abençoou, & disse, & profetizou delles grandes maravilhas. Que faria o Rey ouvindo isto? Queixou-se muito a Balaam de que fizesse tanto pelo contrario o que entre ambos estava concertado: & como elle se escusasse q̃ não podera fallar contra o que vira, nem dizer mal do que lhe parecera mais que bem; o meyo, que de novo lhe offereceo, & aconselhou o Rey, foi este: *Veni mecum in alterum locum, unde partem Israel videas, & totum videre non possis, inde maledicito ei.* Vinde comigo a outro lugar, donde vejais só parte de Israel, & não o possais ver todo, & dahi o amaldiçoareis. Desorte que entendo sagazmente o Rey, que aquillo mesmo, que vendo-se todo, & como he, não se póde amaldi-

çoar; visto só por algum lado, póde ser capaz de maldiçaõ. E este he o ditame, & a astucia da enveja. Olha para as cousas grãdes de modo que se não vejaõ todas, senão algũa parte, & essa a menos luzida; & desta sorte não ha obra boa tam boa, que por mal vista não possa ser maldita.

317 Ninguem fez neste mudo tam boas obras, nem tam manifestas, nem tantas, como o Filho de Deos: *Multa bona opera ostendi vobis ex Patre meo.* Mas vede porque lado as via, & como olhava para ellas a enveja, que por ellas o poz na Cruz. Se tirava a Mattheos do Telonio, & Zacheo das usuras, não dizia que convertia os pecadores, senão que tratava com Publicanos. Se dada vista ao oego de seu nascimento, fazendo hum pequeno de lodo, & pondolho nos olhos; & le ao Paralitico de trinta & oito annos mandava levantar do leito, & tomalo ás co-

tas, não dizia que fazia milagres, senão que quebrantava o Sabbado. Se nas vodas de Caná persuadia o celibato a João, & convidado pelo Fariseo defendia a penitencia da Magdalena, & no banquete do outro Principe reprehendia a soberba dos primeiros lugares, & louvava a modestia, & humildade dos ultimos, não dizia que das mesas fazia escola de virtudes, senão que andava em convites. Se via o concurso das gentes, hũas sobre outras, a tocar as vestiduras sagradas, & receber saude, não dizia que sarava os enfermos, senão que perturbava, & inquietava a Republica. E se deste modo eraõ vistas as boas obras de Christo pelos olhos dos seus naturaes; como veriaõ as de S. Antonio ser boas: *Ut videant opera vestra bona?*

318 Daimo licença q̃ eu me revista hum pouco de humor envejoso, & vede como haviaõ de ser ava-

Tom. 12.

liadas na sua Patria as obras boas, & tam boas de S. Antonio. Quando vissem, que deixava a sobrepeliz, & murça de Santa Cruz, & se passava ao habito de S. Francisco: & que trocava o nome de D. Fernando, pelo de Fr. Antonio; não haviaõ de dizer que buscava mayor asperreza, & humildade, senão que era hum moço vario, & inconstante, & que não podia ser bom espirito, o que deixava a primeira vocação. Quando ouvirem que tendo deixado Portugal para ir buscar o martyrio a Africa, se embarcava outra vez da Africa a Portugal para buscar, & recuperar a saude nos ares patrios, bem se vê o que diriaõ: que os martyrios vistos de perto são muito mais feyos, que de longe: que aquelles fervores de ser martyr, com as aguas do Mediterraneo se tinhaõ apagado: & que malteria coração para dar a vida, quem tam amigo era da saude. A passagem,

T ou

ou arribada a Sicilia , & Italia , claro he , que se havia de attribuir à tempestade , & acaso , & não a mysterio da Providencia , que o levava , onde tanto se queria servir delle. E quando se vísse , que com tam poucos annos de habito , & de idade se punha em campo contra Fr. Elias , que relaxava a pobreza , & primitiva Regra Serafica ; não haviaõ de dizer , que aquillo era zelo da Religião , se não *divisio à capite* : que era desobediente , & rebelde ao seu Geral : que era sedicioso , & perturbador da Ordem : em fim que obra-va como filho de seu pay , & não como filho de São Francisco ; & para mayor energia , & propriedade da satyra , aqui lhe haviaõ de encaixar o sobrenome de Bulhaõ , que tinha deixado no mundo. Quando ouvindo a confissão do outro moço , que tinha pizado a lua mãy , lhe affeou a enormidade daquelle des-cato com tal efficacia , que o moço assombrado se foi

cortar o meismõ pè , não haviaõ de reparar , em que o Santo lho restituhira outra vez milagrosamente ; mas que era tam indiscreto nas reprehensões dos peccadores , que não merecia ter assento no tribunal da benignidade , & misericordia de Christo , & que devia a Religião privalo do Confessionario. Se se dislesse , que homens ; & mulheres se levantavaõ de noite para ir tomar lugar no campo , onde havia de prègar S. Antonio , & que a outra mãy pela mesma causa deixara ló o filhinho , que innocentemente se deitou em hũa caldeira de agua fervendo ; que motivos tam apparentes teria a enveja para dizer , que aquellas prègações , & aquelles concursos mais eraõ para destruição das almas , & das vidas , que para edificação ? Que direi do partido , em que o Santo veyo com os Hereges , de q̄ a mula esfaimada de tres dias , com o pasto natural diante , & o pão do

Cco

Ceo à vista, decidisse a cõtroverfia ? Qual temeridade ( diriaõ ) póde ser mayor , & mais precipitada , que no myfterio mais fagrado da noſſa Fè fiar a demoſtraçãõ da ſua verdade da contingencia de hũ ſucceſſo tam difficuloſo , & do appetite irracional , & da fome irritada de hum bruto ? Outra vez tendo fugido hum Noviço do Convento , mandou o Santo ao demonio , que com hũa eſpada nua o eſperaffe ao paſſar de hũa ponte , & o fizeſſe tornar para donde viera : & não haviaõ de dizer que atè o inferno obedecia a Antonio , ſenão que era homem de taes artes , que tinha trato ſecreto , & familiar com os demonios , & ao menos , que uſava de meynos tam ſuſpeitoſos , que deviaõ ſer delatados ao Santo Officio. Já ſe lhe ſucedeffe entãõ o que depois exprimẽtou Roma na Igreja antiga de S. Pedro , quando o Pontifice mandou , que em lugar de hũa imagem de S.

Antonio , ſe puzeffe a de S. Gregorio ; que diria a piedade , & devaçãõ Portugueza ? Foi o caſo , que ſubindo o Pedreiro para picar a parede , levantou ( diz a Hiſtoria ) o picaõ , & dando o primeiro golpe *incapitio* , no capello do Santo , elle deſpregou a maõ pintada , & deitando a rodar o Pedreiro , & o andaime com hum fracalõ , que fez tremer toda a Baſilica , meteo outra vez a maõ na manga , & defendendo deſta forte o ſeu poſto , ninguem ſe atreveo mais ao tirar delle. E Fradeſinho Menor , que não cede o ſeu lugar nem a hum Santo , como S. Gregorio Papa , nem por mãdado de outro Papa ; & que tanto que lhe tocaõ , & o picaõ , dá com tudo a rodar ; & que à primeira picada não eſpera pela ſegunda , porque não ſabe levar duas em capello ; pintado Portuguez ſerã elle , mas Santo , iſſo não.

319 E ſe as boas obras de S. Antonio aſſim ha-

T ij viaõ

viação de ser, ou assim podia ser interpretadas na sua Patria, ( como ella costuma interpretar, & accusar outras verdadeiramente boas, & tanto mais, quanto mais tem de maravilhosas ) fez muito bem, & andou muito prudente o Santo em as vir obrar em terra, onde fossem estimadas, como merecia, & vistas como Deos lhe mandava: *Ut videant opera vestra bona.* Naquelle seu Cantico triumphal introduz o Profeta Abacuc a Deos sabendo a obrar maravilhas em Babylonia, não por si mesmo, senão por seus Ministros, & instrumentos, & diz estas notaveis palavras: *Deus ab Austro veniet, & Sanctus de monte Pharan: splendor ejus, ut lux erit, cornua in manibus ejus.* Diz como cousa nova, & rara, que será o seu resplendor à medida da sua luz: *Splendor ejus, ut lux erit;* porque ordinariamente vemos grandes resplandores, onde não ha luz, & grandes luzes sem

nenhum resplendor. O proverbio da nossa terra diz: *Nem tudo o que luz he ouro:* melhor diria, se dissesse: *Nem tudo o que he ouro luz:* & como S. Antonio na sua Patria era ouro quando menos arriscado a não luzir, & luz arriscada a não resplandecer; como se havia de expor a estas contingencias, se Christo lhe mandava, que luzisse a sua luz: *Sic luceat lux vestra?* Diz mais o Profeta que esta luz resplandecente levava nas mãos o que ostouros trazem na cabeça: *Cornua in manibus ejus.* E se vos admira a frase, & quereis ouvir a interpretação propria desta, que parece impropriedade; sabei que a palavra *cornua*, referindo-se, como aqui se refere, à luz, quer dizer resplandores. Por isso dos resplandores, que lançava de si o rosto de Moyles, se diz no Texto sagrado: *Cornuta erat facies sua.* E Exod. 34.29. estes resplandores nascião, & estavaõ nas mãos, *in manibus ejus;* porque nas mãos,

mãos , & nãõ obras se haõ de ver, como se viaõ as de S. Antonio : *Ut videant opera vestra bona.* Finalmẽte diz, que esta mesma luz, ou este mesmo Santo , sahio do monte Faran : *Et Sanctus de monte Pharan ;* com grande mysterio; porque o monte Faran , como declaraõ , & tresladaõ os Setenta , he o mesmo , que o monte das sombras , *De monte umbroso :* & para a luz luzir , & os boas obras resplandecerem , he necessario que sayãõ , & se apartem da terra das sombras , onde ellas as podem eclipsar , & escurecer. Por isso S. Antonio sahio da sua cõ Divina prudẽcia , & providencia: & porq̃ esteve fóra da terra das lõbras; por isso a luz das suas obras luzio , & resplandeceo de maneira , que os olhos dos homens poderaõ ver obras de tanta luz : *Sic luceat lux vestra coram hominibus , ut videant opera vestra bona.*

## §. IX.

320 **T** Al foi , senho-  
res , hoje faz hum anno , a luz , & taes saõ hoje as sombras , que nos deraõ materia à primeira , & segunda parte deste Sermaõ , ou destes dous Sermões. O primeiro todo de luz , & o segundo todo de sombras. E tendo eu dado fim, como tenho , a hum , & outro discurso ; que colherei de tam estranho assumpto para dizer ao nosso Santo Portuguez , & a todos os Portuguezes ? A vòs , meu Santo , só digo , que vos dou o parabem , & os devidos louvores , não por outro motivo , senão pelo mesmo , com que se queixava de vòs a Patria , envejo de Italia : & não por outro exemplo , senão pelo mesmo , que ella allegava de Joseph , ao qual mais generosamente antes quizestes emendar , que seguir. Elle mandou tresladar seu corpo do Egypto para a

sua Patria : & quem o poderá livrar de ingrato nesta eleição , & de injusto nesta preferencia ? Na Patria foi perseguido , foi prezo , foi vendido , & para dizer tudo em húa palavra , foi envejado de seus proprios irmãos. No Egypto foi amado , foi estimado , foi adorado , & preferido pela mesma Magestade a todos os naturaes , sendo estrangeiro. E se a Patria, em summa , de livre , & senhor o fez escravo , & o Egypto de escravo Principe ; devendo Joseph eternizar a memoria de tamanhas obrigações , quando menos nos marmores do seu sepulchro ; que as esqueça , as desconheça , & quasi as despreze , pelo amor tam mal merecido da terra indigna , em que nascera ! Não ha duvida que se pôde pôr em questão se foi mais ingrato Joseph com o Egypto , ou a sua Patria com elle. Não assim o ge-

neroso ; & fiel ânimo de Antonio , & por isto antes de Padua , que de Lisboa. Não teve aggravos que perdoar à Patria ; porque os anticipou com fugir della : foi porèm tam reconhecido , & tam agradecido às honras , que recebeu da devação , da piedade , & da nobreza de Italia , posto que terra estranha , que não tendo outra cousa , que lhe deixar ( como aquelle , que tinha deixado tudo ) por prenda de seu amor , por memorial de sua gratidão , & por fiador perpetuo de seu patrocínio , deixou nella o deposito de seus sagrados despojos ; para que tam bem entendaõ todos os que amaõ , veneraõ , & servem a S. Antonio, de qualquer Nação, ou condição ; que sejaõ ; que servem a tam bom pagador , que não sabe dever o que deve ; & que só he natural das suas obrigações , porq̃ não reconhece outra Patria.



# S E R M A Õ

DO

## SS. SACRAMENTO,

Em Santa Engracia , anno de 1642.

*Hic est panis , qui de caelo descendit.*  
Joanni. 6.

§. I.

322



Este he o paõ , q̃ desceo do Ceo , diz Christo Redemptor nosso por S. Joãõ , affirmando a real , & verdadeira presença de seu Corpo Santissimo debaixo das especies sacramentaes. Assim o entende a Igreja, assim o confirmaõ as Escrituras, assim o definem os Concilios, assim o cremos firmemem-

te os fieis Catholicos: mas neste lugar, & nestas circunstancias, na memoria do atrevimento sacrilego, na consideraçãõ da ousadia heretica, que hoje gloriosamente detestamos, quasi parece que não he este o paõ, que desceo do Ceo.

323 Duas cousas teve este caso, ou duas circunstancias considero nelle, hũa da parte de Deos, outra da parte dos homens;

T iij as

as quaes ambas vistas a pouco lume de Fè, parece que deixão duvidosa a verdade deste Sacramento. Que podessem chegar os homens por summa irreverencia a pôr mãos injuriosas na quella Hostia consagrada, & que creamos que está alli Deos! Deos, diante cujo acatamento as potestades do Ceo, as columnas do Firmamento tremem! Deos, cuja Omnipotente Magestade os melmos animaes brutos, dobrando os joelhos irracionaes, adoraõ! Deos, cuja infinita grandeza atè as creaturas insensiveis, dentro na incapacidade do seu ser, confessão mudas, & reconhecem sujeitas! E que aos ministros hereticos de tanta maldade, nem lhes passassem os braços sacrilegos, como ao impio Jeroboão, quando levantou a mão para o Profeta! Nem chovesse sobre elles rayos, & diluvios de fogo o Ceo, como sobre os soldados atrevidos, que intentáraõ

prender a Elias! Nem a terra indignada se abrisse em bocas vingativas, & os tragasse vivos, como a Dathaõ, & Abiron! Nem cahissem subita, & temerosamente mortos, como Ananias, & Zafira aos pés de Pedro! Nem apparecessem feitos pedaços nesta Igreja, como amanheceo o Idolo Dagon à vista da Arca do Testamento! Que tenhaõ tanto atrevimento os homens, & que seja Deos, a quem offendem! Que tenha tanto sofrimento o offendido, & que seja Deos quem não resiste! Suspendem tanto a admiração, & são tam grandes circumstancias estas, que não só deixão passado o juizo, que as considera, se não que vistas com olhos humanos, parece que metem em escrupulos a mesma Fè, & querem fique duvidosa a verdade Divina deste Sacramento.

324 Por parte desta verdade, & em defenſa da Fè Catholica deste mysterio

myfterio determino fahir hoje a campo , ou feja cõtra os erros da heresia , ou feja contra a fraqueza do entendimento humano. E para que a vitoria da Fè fique mais gloriosa vencendo a feus inimigos com suas proprias armas , satisfarei ás admirações do entendimento com os melmos motivos dellas , & focigarei os escrupulos da razaõ pelos melmos fundamentos, de que se levantaõ. O mesmo atrevimento dos homens , & o mesmo sofrimento de Deos neste caso será a prova ( q̃ não quero hoje outra ) da verdade do myfterio , que adoramos. Neste sentido verificarei as palavras do thema , não tomadas absolutamente , senão trazidas

em particular , & applicadas às circumstancias do caso. *Hic est panis , qui de caelo descendit.* Hic , Este , contra o qual se mostraraõ tam atrevidos os homens offendendo-o com injurias. Hic , Este , no qual se mostrou taõ sofrido Deos , não os castigando com prodigios. *Hic est panis , qui de caelo descendit.* Este mesmo , & por isto mesmo , he o verdadeiro paõ , que desceo do Ceo , Christo Deos , & Redemptor nosso. Esta he a materia , sobre que havemos de falar , & ainda que na casa em que estamos de S. Engracia parece que he devida a graça , peçamola ao Espirito Santo por intercessaõ da Mãe da Graça.

*Ave Maria.*

---

*Hic est panis , qui de caelo descendit.*

§. II.

325 **D**O atrevimento dos homês , & do sofrimento de Deos ,

que saõ as duas circumstancias deste caso , prometi confirmar a Fè do Santissimo Sacramento, que adoramos; & as consequencias em

em que me fundo são estas. Prova-se do atrevimento humano ; porque a infidelidade dos Hereses he argumento da nossa verdade. Prova-se do sofrimento Divino ; porque a paciencia de Christo he argumento de sua presença. Os Hereses negão-o ? Logo he verdade. Christo sofre-os ? Logo está presente. Estas duas consequencias são as que havemos de provar. Vamos primeiro ao caso.

326 Consegrou Christo seu Corpo na Cea , deu o pão consagrado a todos os Discipulos , para que o cõungassem. E fallando o Euangelista de Judas , diz assim : *Cum accepisset ille buccellam , exivit continuo. Cum ergo exisset , dixit Jesus : Nunc clarificatus est filius hominis.* Tanto que Judas recebeu o bocado de pão , levantou-se logo da mesa , & sahio do Cenaculo ; & no ponto em que sahio , disse Christo : Agora começã as minhas glorias , agora será manifesta a Fè de minha Divindade ,

agora serei conhecido no mundo , & reverenciado por filho de Deos. Este he o verdadeiro sentido das palavras : *Nunc clarificatus est filius hominis* , & assim as declaraõ conformemẽte todos os sagrados Interpretes. Mas antes que pãderemos a consequencia admiravel deste Texto , he necessario saber como se houve Judas com o Sacramento , quando a elle chegou. Christo Senhor nosso não commungou aos Discipulos , applicando á boca de cada hum o Sacramento , como agora fazemos ; mas como erã todos Sacerdotes , ou alli os consagrava por taes , deulhes o pão sacramentado , para que elles o repartissem entre si : assim o diz o texto de S. Lucas : *Accipite* LUC. 22. *te , & dividite inter vos.* 17. Chegoulhe pois às mãos de Judas a parte , que lhe coube de pão consagrado : & agora pergunto eu : que fez Judas desta sua parte , commungou-a , ou não a commungou ? He opiniaõ de

de Theophylacto, & de muitos Doutores daquelle tempo, que Judas, ainda que recebeu nas mãos o Sacramêto, que o não meteo na boca, nem o cõmungou. E dizem que a isso alludio Christo, quando dando o caliz aos Discipulos, acrecentou aquella palavra *omnes: Bibite ex eo omnes*: Bebei todos; porque não tinhaõ comido todos: os onze sim; Judas não. Supposto pois que Judas tomou nas mãos, como os demais, o Sacramento, & o não cõmungou, como os demais; que fez delle? Diga-o Theophylacto cõ suas mesmas palavras: *Judas panem accepit, sed non comedit; & occultavit illi, ut monstraret Judæis, quòd panem corpus suum vocaret Jesus*. Judas ainda que tomou na mão o paõ consagrado, que Christo deu a todos, não o comeo, nem o cõmungou como os demais, senão levou-o cõfigo furtado, & escondido para o mostrar aos Judeos, & arguir, & condemnar a

seu Mestre; dizendo que aquelle paõ affirmava elle que era seu Corpo. Este foi o fim, & o intento, com que Judas sahio do Cenaculo, não com o Santissimo Sacramento cõmungado, senão roubado, como no caso presente, hão o levando dentro no peito, senão nas mãos: *Cum accepisset buccellam, exivit continuo*.

327 Vamos agora á consequencia de Christo, á vista deste sacrilegio, & desta impiedade de Judas. *Et cum exisset, dixit Jesus*: E tanto que sahio Judas, disse Jesus: *Nunc clarificatus est filius hominis*. Agora ferei conhecido, agora ferei honrado, agora ferei crido, agora ferei glorificado. Ha mais notavel consequencia? Quando Judas nega a verdade do Santissimo Sacramento, quando Judas o leva roubado para com os Judeos zombar delle, & o afrontar, entãõ diz Christo, que está a opinião da sua Fè mais gloriosa, & as glorias de sua Di-

Divindade mais declaradas : *Nunc clarificatus est filius hominis?* Se dissera , q̄ entã ficavaõ escurecidas , mais coherente ficava ; mas affirmar , que mais de claradas ? Sim. Porque ainda que os atrevimentos , & infidelidades dos Hereges se ordenaõ a escurecer , & infamar as glorias da Fè de Christo , por esse mesmo caminho fica ella mais declarada , & mais acreditada. Quanto a authoridade do mysterio perde de respeito , tanto a verdade da Fè ganha de authoridade. Encontraõ-se nos Hereges com hũa gloriosa implicação leus intentos , & nossa Fè ; porque o credito , que lhe negaõ , he credito , que lhe daõ. Negaõlhe o credito , porq̄ a não crem ; daõlhe credito , porque a acreditaõ : quanto por elles menos crida , tanto para com todos mais acreditada. Ouçamos a Origenes , cujas palavras , se eu acerto a ponderallas , são valente testemunho desta verdade.

328 *Post evenientia ex prodigiis , necnon ex transfiguratione præconia , initium glorificandi filii hominis fuit exitus Judæ.* Depois de confirmada a Fè de Christo ( diz Origenes ) com o testemunho dos milagres , & com o testemunho da Transfiguração , quando Judas sahio do Cenaculo , entã a deu o Senhor por verdadeiramente acreditada. Grande dizer , mas difficuloso em Theologia. Os dous mayores fundamentos da nossa Fè , são , primeiro a authoridade Divina , segundo , a manifestação dos milagres. Na authoridade Divina se fūda , como em razão formal de crer ; com os milagres se confirma como com obras sobrenaturaes , testemunhas sem suspeita da mesma authoridade. Assim o escreveo S. Paulo aos Hebreos fallando da nossa Fè : *Quæ cum initium accepisset enarrari per Dominũ ,* Hebr. 2. 3. 4. *ab eis , qui audierunt , in nos confirmata est , contestante Deo signis , & portentis. Cõ estes*

estes dous testemunhos tinha Christo fundado, & confirmado a Fè de sua Divindade, quando Judas sahio da Cea. Com o testemunho dos milagres nos ultimos tres annos da vida, em que obrou tantos como sabemos. Com o testemunho da authoridade Divina na Transfiguração em que foi ouvida claramente a voz do Padre, q̄ dizia: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi complacui*. Este he meu Filho amado, em que muito me agradei. Pois se a Fè da Divindade de Christo estava fundada, & demonstrada com os dous mayores argumentos, & testemunhos della; com o testemunho da Omnipotencia nos milagres, com o testemunho da authoridade Divina na Transfiguração: *Post evenientia ex prodigiis, necnon ex Transfiguratione præconia*; como se diz, que então acabou de ficar acreditada, & declarada, quando Judas sahio do Cenaculo? Quando Judas levou rou-

Matth.  
3.17.

bado o Santissimo Sacramento, para elle, & os Judeos desprezarem como vãa, & negarem a Fè deste mysterio? Não se poderia mais encarecer a verdade do que dizemos. He tam forte argumento, & tam evidente testemunho de nossa Fè a mesma infidelidade dos Hereges, & daquelles principalmente, que neste sacrosanto Mysterio o offendem, & negão, que depois de confirmada com o testemunho dos milagres, com o testemunho da authoridade Divina: *Post evenientia ex prodigiis, necnon ex Transfiguratione præconia*; em quanto lhe faltava o testemunho da infidelidade dos Hereges, em quanto lhe faltava o testemunho dos desprezos, & zombarias de Judas, & dos Judeos, achou Christo que não estava cabalmente acreditada sua Fe, & depois disso, *Nunc clarificatus est Filius hominis: initium glorificandi Filii hominis, fuit exitus Judæ.*

## §. III.

329 **A**gora entraõ as particulares demonstrações, com que prometi provar a evidencia deste mysterio. Os Hereges negão-no ? Logo he verdade. Christo lofre-os? Logo está presente. Começando pela primeira, parece cousa difficultosa, & ainda impossivel, que o erro, & infidelidade, com que os Hereges negão o mysterio da Fè Catholica, seja argumento certo, & consequência infallivel da mesma Fè. Toda a razão formal, & motivo da nossa Fè, como já disse, he a authoridade Divina. Deos disse-o: logo he verdade. Mas que tambem seja motivo de crer os mysterios da Fè, a authoridade, ou asseveração contraria? & que se infira por boa consequencia: o Herege nega-o: logo he verdade? Sim. E a razão, em que se funda esta consequencia, he; porque andaõ os eyxos do lume da razão

tam encontrados nos entendimentos dos Hereges, que crem pelos motivos de negar, & negão pelos motivos de crer. Texto expresso de Christo Redemptor nosso. Fez Christo aquella celebre pergunta aos Judeos: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se vos digo verdade, porque me não credes? Não responderão á questaõ os perguntados, mas o Senhor lhes respondeu no mesmo Capitulo, por estas palavras: *Ego autem si veritatem dico, non creditis mihi.* Sabeis incredulos, porq̃ me não credes? he porque eu vos digo a verdade. Clara sentença, mas difficultosa. A causa formal objectiva, (como fallaõ os Filosofos) ou a razão, & motivo, porque damos credito ás cousas; he o ser, & verdade dellas. Assim o ensina Aristoteles, o dicta o lume natural, & o obra a experiencia de cada hum. Pois se a verdade das cousas he a razão, & o motivo porque os entendimentos

Joann.  
8.46.

Idid.41.

mentos racionais se persuadem a crer ; como diz Christo , que os Judeos o não criaõ , porque lhes dizia verdade : *Si veritatem dico vobis , non creditis ?* A verdade , que he razãõ de crer , pôde ser razãõ de não crer ? Nos entendimentos dos Hereges , sim. Anda tam perturbado o lume racional nos entendimentos dos Hereges , & os dictames do discurso tam encõtrados com as consequencias da razãõ , que crem pelos motivos , porque haviaõ de negar , & negãõ pelos motivos , porque haviaõ de crer : & como o motivo de crer , he a verdade , & o motivo de negar he a mentira ; por isso crem a mentira , só porque he mentira , & negãõ a verdade , só porque he verdade : *Ego autem si veritatem dico , non creditis mihi.* Não he sentido imaginado , senão germano , & literal do Texto ; assim o entende com S. Agostinho , & S. Chrystomo aquelle grande Cõmentador dos Euangeli-

stas , & na minhã õpiniaõ , o mais literal , & mais solido do nosso seculo , o doutissimo Maldonado. *Mihi ideo non creditis , ( diz elle ) quia ego non mendacium , sicut pater vester diabolus , sed veritatem loquor : si enim mendacium loquerer , crederetis utique mihi assueti credere diaboli mendaciis : sed ob hoc ipsum mihi non creditis , ob quod maxime credere deberetis , quia veritatem nimirum vobis dico.* Notem-se muito estas ultimas palavras , nas quaes se diz claramente , que o *propter quod* , & a razãõ formal de crer , he nos Hereges razãõ de negar : *Sed ob hoc ipsum mihi non creditis , ob quod maxime credere deberetis.*

330 Posto que as palavras , & oraculos da boca de Christo sãõ maiores que todo outro testemunho , ou exemplo humano ; para que nós entendamos melhor , & mais claramente o Texto referido , o quero confirmar com dous famosos casos hum do Velho , outro do Novo Testamento ;

stamento. Sahiraõ os filhos de Israel do Egypto com tantos, & tam portentosos milagres, como sabemos: chegarã aos desertos do monte Sinay tres mezes depois; sobe Moyses ao monte a receber de Deos a Ley, & porque se deteve quarenta dias; cançados de esperar, os que agora se não canção depois de mil & seiscentos annos, pedirã a Araõ, que lhes fizesse hum Deos, a quem seguíssem, pois de seu irmão Moyses não sabiaõ o que era feito. Deteve-se Araõ alguns dias; instã forte-mente; pede em fim as arrecadas de ouro suas, & de suas mulheres, & filhos; (segundo o uso da Nação naquelle tempo) as quaes derretidas, & fundidas, sahio a imagem de hum bezerro; & posta esta sobre hum altar, com pregão publico por todos os arrayaes se lhe dedicou solem- nidade para o dia seguinte, dizendo que aquelles eraõ os deoses, que tinhão lib- ertado o povo do cativei-

ro do Egypto: *Hi sunt dii tui Israel, qui te eduxerunt de terra Ægypti.* Atè aqui parece isto fabula, ou farça: o que se segue he, q̄ verdadeiramente adorãõ o bezerro, & lhe offerecẽrã sacrificios, & com jogos, & festas o celebrãõ. Se o não differa assim a Elcriteura sagrada, ninguem podẽra crer tal locura de homens com juizo. Dizeime: quando sahistes libertados da terra do Egypto, & quando foi feito este Deos, a quem vòs chamaes deoses? o bezerro com quatro pès, & duas pontas na testa, foi fundido hontem; do Egypto (como consta do mesmo Texto) ha mais de quatro mezes, que sahistes: pois como podẽ este Deos, ou como podẽrã estes deoses, que ainda não eraõ, libertarvos do Egypto tantos mezes antes? Não eraõ, & podẽrã libertar? não eraõ, & podẽrã fazer tantos milagres? Aquelle ouro, de que forã fundidas estas divindades, não o trazieis pen-  
durado

Erod.  
32.4.

durado das vossas orelhas todo este tempo ? pois como antes de ter fôrma , nem figura , nem vida , nem sentido , nem ser , podêrão obrar o que credes ? Pôde haver mais clara , & manifesta implicação ? Não pôde. E se vós tivereis uso de razão , ao pregoeiro , & ao que mandou apregoar esta nova divindade , haviês de queimar no mesmo fogo , em que ella foi fundida. Mas isto mesmo he serdes vós , como entã começastes a ser , Hereges da verdadeira Fè. Negastes a verdade , & crestes a mais clara , & manifesta mentira ; porque he natural instinto do vosso entendimento , crer pelos motivos de negar , & negar pelos motivos de crer.

331 O caso do Testamento Novo , ainda em certo modo he mais notavel. Mandou o Senado de Jerusalem Embaxadores a S. João Baptista no deserto , pedindolhe que declarasse se era elle o Messias

Tom. 12.

esperado , & prometido na Ley ; porque estavão aparelhados para o adorat , & reconhecer. Foi esta embaxada dos Ministros da Synagoga muito acertada no tempo , mas muito errada na pessoa : foi acertada no tempo ; porque cerradas as hebdomadas de Daniel , & traspassado o Sceptro de Judá aos Romanos , segundo a verdade das profecias , era certo , que estava o Messias no mundo : & foi errada na pessoa ; porque esta embaxada havia de ir dirigida a Christo , & não ao Baptista , como as mesmas profecias , que erã mais vulgares entre os Hebreos , o gritavão claramête. A profecia de Jacob dizia , que o Messias havia de ser do Tribu de Judá : Christo era do Tribu de Judá , o Baptista do Tribu de Levi. A profecia de Micheas dizia , que o Messias havia de nascer em Bethlem , & o Baptista nasceo nas montanhas de Judea. A profecia de Ilaiás dizia , que o

V Messias

Messias havia de dar pès a mancos , vista a cegos, falla a mudos, &c. Christo fez infinitos milagres deste genero , & o Baptista nenhum : *Joannes nullum signum fecit*. Pois se todas as razões dictavaõ que Christo era o verdadeiro Messias , & nenhũa estava por parte do Baptista ; porque se resolvem estes homens a crer , & adorar o Baptista , & não querem reconhecer, antes negão a Christo ? Porque ? Por isso mesmo. Negavão a Christo , porque tinham motivos de o crer ; & criaõ no Baptista , porque tinham motivos de o negar. Erão aquelles de quem diz o Profeta: *Erraverunt ab utero , loquuti sunt falsa* : & quem erra por natureza , não acerta por razão. Se os entendimentos destes homens se governáraõ humana , & desapaxonadamente pelos dictames da razão, crendo, & negando , crieraõ em Christo , & não crerão no Baptista. Mas como elles eraõ infieis , & como taes

procediaõ cega , & irracionalmente , crendo pelos motivos de negar , & negando pelos motivos de crer ; por isso encontráraõ aqui a resolução com os motivos ; & ao Baptista , a quem tinham razão de negar , criaõ ; & a Christo, a quem tinham razão de crer , negavão.

332 E porque os Hereges , ( techemos agora o nosso argumento ) porque os Hereges negão pelos motivos de crer , & crem pelos motivos de negar , bem se segue , que he mayor credito de nossa Fè ser negada por elles , que ser crida. Por isto Christo Senhor nosso mandou calar ao demonio , quando lhe chamava Filho de Deos ; porque ha pessoas , que afrontaõ com os louvores , como cõ as injurias acreditaõ. Tal foi a de Nero, de quem disse Tertulliano , que não podia ter mayor abono a santidade da nossa Fè , que ser perseguida por tam máo homem : *Tali dedicatione damnationis nostre*

*stra etiam gloriamur; qui enim scit illum intelligere, patet non nisi aliquod grande bonum à Nerone damnatum.* São as palavras de Tertuliano mercedoras de virem a tempo que nos poderamos deter em as ponderar. Assim que os erros da perfidia heretica, são argumentos da Fè Catholica; os solecismos da sua infidelidade, são syllogismos da nossa verdade; mas syllogismos, & argumentos, que a Logica de Aristoteles não alcançou, porque se prova nelles o que se nega; antes o mesmo negarse he concluir que se deve conceder. Daqui se entenderá a energia com que S. João Evangelista referio no caso acima a resposta q̄ o Baptista deu aos Embaxadores de Jerusaleem: *Confessus est, & non negavit; & confessus est: quia non sum ego Christus.* Confessou o Baptista, & não negou; & confessou que não era elle Christo. Pergúto: Não bastava dizer, que confessou? para que acre-

centa que confessou, & não negou: *Et confessus est, & non negavit?* He sem duvida pelo que himos dizendo; porque os Sacerdotes, & Levitas, que offereciaõ a Divindade ao Baptista, também confessavaõ a Christo; mas com esta differença, que o Baptista confessava confessando, & elles confessavaõ negando: como se dissera, ou insinuára o Evangelista: Confessou o Baptista a Christo, & também os q̄ negavão o confessáraõ, bem que por differente modo, como com diversa intenção; porque os Judeos, quando negavão, confessáraõ; & o Baptista confessou, & não negou: *Confessus est, & non negavit.*

333 Não se escandalize logo a Fè por se ver negada por Hereges no mayor de seus mysterios; antes se glorie na memoria, & na prelença, vendo-se confirmada com dobrados testemunhos: com o dos Hereges sacrilegos, q̄ injuriosamente a negarão;

D. Petr.  
Dam.

& com a dõs feis Catholicos, que tam firme, tam devota, & tam gloriosamente a confessaõ. Notou S. Pedro Damiaõ advertidamente, que em abono da Divindade de Christo não só testemuharáõ as luzes, mas tambem as trevas: *Habuit testimonium lucis, & habuit testimonium tenebrarum: Habuit testimonium lucis, quia claritas stellæ illustravit Magos; habuit testimonium tenebrarum, quia in morte ejus tenebræ factæ sunt super universam faciem terræ.* Testemunharáõ pela Fè de Christo em seu nascimento as luzes; em sua morte as trevas; as luzes guiando com hũa Estrella aos Magos; as trevas escurecendo com universal eclipse o mundo; mas ainda que com tam differentes effeitos, hũas allumiavaõ, outras escureciãõ, todas conformemente testemuhavãõ. Tam claro testemunho derãõ as trevas cõ seus eclipses, como as luzes com seus resplandores.

O melmo digo do Santissimo Sacramento nesta casa, & neste calo: *Habuit testimonium lucis, & habuit testimonium tenebrarum.* Aqui teve Christo o testemunho das luzes, & aqui teve o testemunho das trevas. As trevas da heresia escurecêrãõ, as luzes da nobreza illustrãõ, que cada hũa havia de obrar como quem era; mas tam illustre testemunho derãõ as trevas escurecendo, como dãõ as luzes illustrando. Grande testemunho he da presença de Christo, que a confesse a mayor nobreza da terra; mas não he menor testemunho dessa mesma verdade, que a negue a mayor cegueira do mundo. As luzes no nascimento arrastãõ as purpuras dos Reys; mas as trevas na morte persuadiraõ os entendimentos dos Filosophos: & assim como daquellas trevas naturaes collegio o Arcopagita, que era Deos o que padecia; assim destas trevas hereticas devemos collegir nõs; que

que he Deos , o que offendêraõ: *Hic est panis , qui caelo descendit.*

## §. IV.

334 **O** Segundo argumento desta verdade de nossa Fè , era o sofrimento Divino ; porque a paciencia de Christo no Sacramento he prova de sua presença. Sofreo Christo que os Hereges puzessem as mãos naquella Hostia , & não os castigou ? Sinal he que está alli presente. Caminhava em hũa corroça a Arca do Testamento para a Cidade de David , & como em hum mão passo estivesse a perigo de cahir , acudio o Sacerdote Oza para a sustentar ; mas apenas tinha applicado a mão , quando cahio em terra subitamente , & dalli o leváraõ para a sepultura. Isto se refere no sexto Capitulo do segundo livro dos Reys : & se da historia do Testamento Velho passarmos à do novo , acharemos no

Tom. 12.

Capitulo dezoito de São Joaõ , que hum ministro do Pontifice levantou sacrilego a mão para Christo , & imprimindo-a com furia no sagrado rosto , ficou vivo , & sem castigo. Notavel desigualdade ! Se porque se atreve a pôr a mão na Arca , morre Oza ; como fica o ministro infame com vida depois de taõ horrendo atrevimento ? Todo o respeito que se devia , & se dava à Arca do Testamento , não era por ser figura do Verbo encarnado ? Pois se as injurias feitas ao retrato assim se castigãõ , como senão castigãõ tambem as injurias feitas á Pessoa ? Porque cá era a Pessoa ; lá era o retrato. Na Arca do Testamento estava Deos por presença figurativa ; na Humanidade de Christo estava Deos por presença real , & verdadeira ; & onde tinha mais verdadeira presença ; ahi havia de dar mayores mostras de paciencia. Não pode soffrer acenos a Arca , porque não tinha de Deos

V iij mais

mais quẽ a figura; pode sofrer injurias em teu rosto Christo, porque tinha de Deos a realidade. Oh Senhor, que bem mostrais, que debaixo desses accidentes de paõ está vossa real, & verdadeira presença! Os Hereges obrãrãõ como quem são; vòs obrastes como quem sois: os homens negãrãõvos, vòs não vos negastes. Cõfagrarãõ os Hebreos Divindade á semelhança bruta de hum bezerro, teve impulsos Deos de castigar tam grande atrevimento assolando-os a todos, como mereciãõ; mas deixou-se vencer a ira Divina das orações de Moyses; não os castigou. Poz os olhos nesta acção S. Paulino, como os podera pôr no caso presente, & vendo os offensores na terra sem castigo, & Deos no Ceo offendido sem vingança, depois de larga admiração resolveo-se assim: *Deum homines negaverunt, & Deus se ipsum non negavit.* O caso he que os homens negãrãõ a Deos,

mas Deos não se negou a si: os homens negãrãõ a Deos; porque idolatrãrãõ: Deos não se negou a si; porque os soffreo. Cuidaria alguẽ que se portou Deos naquella occasiãõ menos cuidadoso dos fóros de sua honra, menos zeloso dos pundonores de sua Divindade; mas não foi assim, diz S. Paulino: não levar da espada cõtra os homẽs, foi defender, & acudir por sua honra poderosamente; porque na paciẽcia, com que os soffreo, refutou a falsidade, com que o negãrãõ. Vòs dizeis que não sou Deos? pois hei de mostrar que o sou, heivos de sofrer: *Deum homines negaverunt, & Deus se ipsum non negavit.*

335 E senãõ, pergunto, & respondame o entendimento mais escrupuloso: Se quando os sacrilegos chegãrãõ a pôr a mãõ na Hostia, fizera Christo algum portentoso milagre, ou derrubando-os por terra, ou enterrando-os vivos, não disseramos que

era argumento grande de sua Divindade, & presença? Sim: pois tanto mostrou Christo a verdade do seu ser, & de sua presença em se deixar maltratar, como se castigára levera, & prodigiosamente os que assim o tratáão. Vieraõ os Judeos prender a Christo Redemptor nõ-lo ao Horto; perguntou-lhes o Senhor a quem buscavaõ, & como dissessem que a Jesu Nazareno, respondeo: *Ego sum*: Eu sou. E foi tam poderosa esta palavra, que no mesmo instante cahiraõ por terra todos os soldados: *Abierunt retrorsum*. Não desistiraõ com este delengano os perfidos Ministros; (que não sabe escarmentar a infidelidade) vendo-os resolutos tornou o Senhor a lhes perguntar quem buscavaõ, & como responderem que a Jesu Nazareno, disse o Senhor: *Dixi vobis, quia ego sum*: Já vos disse q̃ eu sou: & diz ndo isto lhe puzeraõ as mãos, & o prendêraõ: *Cohors ergo, &*

*ministri comprehenderunt Iesum, & ligaverunt eum*. O que aqui pondere, & o em que muito reparo he, que com hum *Ego sum*, derrubou Christo a seus inimigos, & com hum *Ego sum*, lhes deu licença para que puzessem nelle as mãs sacrilegas. Se a palavra, *Eu sou*, foi tam poderosa, que derrubou hum exercito de soldados; porque toma Christo por meyo de se entregar, & se deixar prender, a mesma palavra, *Eu sou*? A razão he; porque quiz ensinar Christo áquelles Hereges, que tanto mostrava ser elle em os soffrer, como mostrava ser elle em os derrubar. Não cuideis, Hereges, que fica menoscabada a verdade de meu ser na temeridade de vossos atrevimentos; porque eu sou, quando vos derrubo; & eu sou, quando vos soffro: quando dou com voſco por terra: *Ego sum*; quando vos dou licença para q̃ me ponhais as mãos tambem, *Ego sum*; porque tanto se prova a

V iij      verda-

Joann.  
18.5.

Joann.  
18.8.

Ibid. 12.

verdade de meu ser nos milagres de minha Omnipotencia, como nas permittões de minha paciencia. *Ego sum*, nos milagres de minha Omnipotencia: *Et abierunt retrorsum: Ego sum*, nos extremos de minha paciencia: *Et manus injecerunt in Jesum.*

## §. V.

336 **A**Ntes se entre a Omnipotencia, & paciencia quizermos fazer comparaçãõ, mais mostra Christo que o he na fortaleza de sofrido, q̃ na grandeza de todo poderoso. Estava Christo pregado na Cruz, chegãõ os Judeos, & fizeraõ-lhe este partido: *Si Filius Dei es, descende de Cruce: Eya Senhor, venhamos a concerto: se sois Filho de Deos, como dizeis, descei dessa Cruz, & creremos que o sois.* Quando isto li, pareceome que o Senhor aceitasse logo o partido; mas eu leyo, que não lhes respondeo palavra, & se

deixou estar crucificado. Pois se Christo não perrendia outra cousa mais que a Fè dos homens, & os homens queriaõ crer, se se descesse da Cruz; porque se não desceo? Deixou descer Christo da Cruz, não por não querer dar motivos de Fè aos homẽs, senão porque lhes quiz dar os mais qualificados. O Senhor estava padecendo na Cruz, elles queriaõ que descesse della; & era menor prova de sua Divindade o descer, que o padecer. S. Athanasio: *Non descendendo, sed permanendo in Cruce Filius Dei agnosci voluit; multo enim magis mors Salvatoris fidem hominibus attulit, quàm descensus attulisset.* Admiravelmente! Não quiz o Senhor descer, para que cressem nelle; mas para que cressem nelle deixou-se padecer; porque muito mais provava ser Filho de Deos padecendo, do que descendo. Descendo, mostrava-se sobrenaturalmente poderoso; padecendo, mostra-

va-se

va-se sobrenaturalmente sofrido ; & mais prova de Divindade eraõ os milagres de sua paciencia, que os milagres de sua Omnipotencia. Bem se vio ; porque depois de mostrar sua Omnipotencia no Horto , derrubando-os , crucificáraõ-no : & depois de mostrar sua paciencia no Calvario , adoráraõ-no : *Verè Filius Dei erat iste* , disse o Capitão dos mesmos soldados. Mal argumenta logo a infidelidade em duvidar da presença de Christo no Sacramento , pelo ver tam sofrido em suas injurias , porque antes da sua paciencia se prova evidentemente sua presença. *Hoc est Corpus meum*. Este he meu Corpo , disse Christo na instituição do Santissimo Sacramento estando com o pão nas mãos ; & sendo hũa cousa tam nova , & tam difficultosa , com q̃ o provou ? Ouvi as palavras seguintes : *Hoc est Corpus meum , quod pro vobis tradetur*. Este he o meu Corpo , que por vós hade

ser entreguê. Allegou as injurias futuras , que os Judcos haviaõ de fazer em seu Corpo , quando affirmava a verdadeira presença , com que o deixava encuberto , & invisivel no Sacramento. Depois de dizer : *Hoc est Corpus meum* , quando parece havia de dar provas de sua presença , deu provas de sua paciencia : *Quod pro vobis tradetur*. Porq̃ a paciencia de Christo he a mais qualificada prova de sua presença. Deume confiança para o dizer assim S. Cyrillo , que em semelhantes palavras filosofou da mesma maneira. O que Christo disse na Cea consagrando seu Corpo, tinha já dito no Capitulo sexto de São João prometendo de o consagrar : *Panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita*. O pão q̃ hei de dar a comer aos homens, he o mesmo Corpo, que hei de entregar à morte pela salvação do mundo. Diz agora S. Cyrillo: *Panis, quem ego dabo ad manducandum, est illa*

Matth.  
27.

Corint.  
11.

S. Cyril.

*illa ipsa caro, quam in morte pro mūdi vita daturus sum; eo enim ipso quod bis dicit dare, indicat se diversis dandi modis loqui; nec enim posterius prioris ( ut quidam putant ) explicatio est, sed potius probatio. Grandes palavras estas ultimas! Quando Christo diz que hade deixar seu Corpo debaixo das especies de paõ, acredita que he o mesmo Corpo, que havia de entregar nas mãos dos homens; & isto, diz S. Cyrillo, não foi explicação de ser, o que deixava, seu Corpo, senão prova de que o era: *Nec enim posterius prioris explicatio est, sed potius probatio.* A evidencia com que padeceo, fez prova da ãnevidencia com que se deixou: encobrem-no os accidentes, descobre-o a paciencia: atè agora era mysterio encuberto, agora he Sacramento manifesto: para que entendamos que se não encontra a magnanimidade de sua paciencia com a verdade de sua presença, antes de hũa se in-*

fere outra. Sofre? pois está presente: *Hic est panis, qui de calo descendit.*

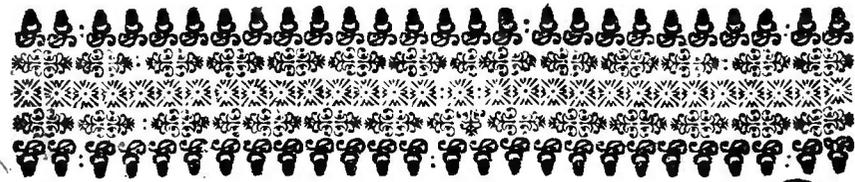
## §. VI.

337 **E** Ste fois, Senhor, este fois; este he o summo de vossa grandeza, este he o summo de vossa Magestade, este he o summo de vosso poder. Pouco conhece a Omnipotencia de vossa Divindade, quem a não reconhece, & adora mais descuberta, & manifesta na vossa paciencia. Podeis desfazer, podeis destruir, podeis alfoliar, podeis aniquilar o mūdo em castigo, & vingança de vossas offensas, & parecendo q̄ este he todo o vosso poder, ainda podeis mais: & que? Podeis perdoar, podeis não castigar, nem vingar estas mesmas offensas. Assim o cre, & canta sem adulação vossa mesma Igreja: *Qui omnipotentiam tuam parcendo maxime, & miserando manifestat.* Vós tois, diz, aquella Omnipotente Divindade,

vindade , que em perdoar , & não castigar , em sofrer , & não vingar , ostenta mais o summo poder de sua Omnipotencia. Muito nos peza de que houvesse entre nós tam pouca Fè , que se atrevesse a offender vossa occulta Magestade debaixo da sombra desses accidentes invisivel. Porém nós que invisivel , & sem a vermos a cremos tam claramente , como se a viramos , em distinguir o castigo da satisfação , imitamos , quanto nos he possível , os primores soberanos de vossa justiça. Assim como castigastes a infidelidade de Adão com a sentença de morte , assim castigou esta o zelo vigilantissimo de Portugal com a morte mais severa. Mas porque Adão , & hum fugeito de

barro não podia satisfazer á infinita Magestade de Deos offendido , assim como mandou Deos seu proprio Filho , para que elle em Pessoa satisfizesse por aquella culpa ; assim o fez , & faz nestes tres dias Lisboa , no modo que lhe he possível. Os Reys , os Principes , a primeira , & mais illustre nobreza são as Deidades cá da terra ; ellas tendes Senhor postradas diante desse Throno , todas com nome de perpetuos Escravos desse sacrosanto mysterio ; para que vossa mesma Magestade offendida , se digne de aceitar a sua Fè , a sua adoração , & o seu profundissimo conhecimento , & obsequio , em satisfação , & desagravo desta offensa.





# S E R M A Õ

DA PRIMEIRA DOMINGA DA

# Q U A R E S M A,

Na Cidade de S. Luis do Maranhão , anno  
de 1653.

*Hæc omnia tibi dabo, si eadens adoraveris me.*

Matth. 4. 9.

§. I.

338



**Q**H que temeroso dia ! Oh que venturoso dia ! Estamos no dia das tentações do demonio , & no dia das vitorias de Christo. Dia , em que o demonio se atreve a tentar em campo aberto ao mesmo Filho de Deos : Si Fi-

lius Dei es ; oh que temeroso dia ! Se até o mesmo Deos he tentado ; que homem haverá , que não tema ser vencido ? Dia , em que Christo com tres palavras venceo, & derrubou tres vezes ao demonio, oh que venturoso dia ! A hum inimigo tres vezes vencido quem não terá esperanças de o vencer ? Tres fo-  
raõ

raõ as tentações, com que o demonio hoje acometeo a Christo : na primeira offereceo : na segunda aconselhou : na terceira pedio. Na primeira offereceo : *Dic ut lapides isti panes fiât:* que fizesse das pedras paõ : na segunda aconselhou : *Mitte te deorsum* : que se deitasse daquella torre abaixo : na terceira pedio : *Si cadens adoraveris me* : q̄ cahido o adorasse. Vede que offertas, vede que côselhos, vede que petições. Offerece pedras, aconselha precipicios, pede cahidas. E com isto ser assim, estas são as offertas, que nós aceitamos, estes os conselhos, que leguimos, estas às petições, que concedemos. De todas estas tentações do demonio, escolhi só hũa para tratar; porque para vencer, & convencer tres tentações, he pouco tempo hũa hora. E quantas vezes para ser vencido del-

las basta hum instante ! A que escolhi das tres, não foi a primeira, nem a segunda, senão a terceira, & ultima; porque ella he a mayor, porque ella he a mais universal, ella he a mais poderosa, & ella he a mais propria desta terra, em que estamos. Não de balde a reservou o demonio para o ultimo encontro, como a lança, de que mais se fiava; mas hoje lha havemos de quebrar nos olhos. Demaneira Christãos, que temos hoje a mayor tentação; queira Deos, que tenhamos tambem a mayor vitoria. Bem sabeis que vitorias, & contra tentações, só as dá a graça Divina; peçamola ao Espirito Santo por intercessão da Senhora; & peçovos que a peçais com grande affecto, porque nos hade ser hoje mais necessaria, que nunca.

*Ave Maria.*

*Hec*

*Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.*

§. II.

339 **Q**ue offereça o demonio mundos, & que peçã adorações ! Oh quanto temos, que temer : oh quanto temos, que imitar nas tentações do demonio ! Ter que temer, & muito que temer nas tentações do demonio, cousa he muy achada, & muy sabida : mas ter nas tentações do demonio que imitar ? Sim ; porquẽ fomos taes os homens por hũa parte, & he tal a força da verdade por outra, que as mesmas tentações do demonio, que nos servem de ruina, nos podem servir de exemplo. Estai comigo.

340 Toma o demonio pela mão a Christo, leva-o a hum monte mais alto q̃ essas nuvens, mostralhe dalli os Reynos, as Cidades, as Cortes de todo o mundo, & suas grandezas,

& dizlhe desta maneira : *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me* : Tudo isto te darei, se dobrando o joelho me adorares. Ha tal proposta ? Vem cá demonio, sabes o que dizes ; ou o q̃ fazes ? He possivel que promete o demonio hum mundo por hũa só adoração ? He possivel que offerce o demonio hum mundo por hum só peccado ? He possivel que não lhe parece muito ao demonio dar hum mundo só por hũa alma ? Não ; porque a conhece, & só quem conhece as cousas, as sabe avaliar. Nòs os homens, como nos governamos pelos sentidos corporaes, & a nossa alma he espirital, não a conhecemos ; & como não a conhecemos, não a estimamos, & por isso a damos tam barata. Porém o demonio, como he espirito,

rito, & a nossa alma tam-  
bem espirito, conhece mui-  
to bem o que ella he; & co-  
mo a conhece, estima-a, &  
estima-a tanto, que do pri-  
meiro lanço offerece por  
hũa alma o mundo todo;  
porque val mais hũa alma,  
que todo o mundo. Vede  
se as tentações do demonio,  
que nos servem de  
ruina, nos podem servir de  
exemplo. Aprendamos se  
quer do demonio a ava-  
liar, & a estimar nossas al-  
mas. Fiquenos, Christãos,  
que val mais hũa alma, que  
todo o mundo. E he tam  
manifesta verdade esta, q̃  
atè o demonio, inimigo  
capital das almas, a não  
póde negar.

341 Mas já q̃ o demõ-  
nio nos dá doutrina, que-  
rolhe eu dar hum quinao.  
Vem cá demonio, outra  
vez. Tu sabio? tu astuto?  
tu tentador? vaite dahi,  
que não sabes tentar. Se  
tu querias que Christo se  
ajoelhasse diante de ti, &  
souberas negociar, tu o  
rendèras. Vasilhe offerecer  
a Christo mundos? Oh q̃

ignorancia! Se quando lhe  
davas hum mundo, lhe ti-  
rãras hũa alma, logo o ti-  
nhas de joelhos a teus pès.  
Assim aconteceu. Quando  
Judas estava na Cea, já o  
diabo estava em Judas:

*Cum jam diabolus misisset in* Joann.  
*cor, ut traderet eum Judas.* 13.2.

Vendo Christo que o de-  
monio lhe levava aquella  
alma, poem-se de joelhos  
aos pès de Judas, para lhos  
lavar, & para o converter.  
Tã, Senhor meu, repara  
no que fazeis: não vedes q̃  
o demonio está assentado  
no coração de Judas? não  
vedes que em Judas está  
revestido o demonio, &  
vós mesmo o dissestes:

*Unus ex vobis diabolus est?* Joann.  
6.71.

Pois será bem que Christo  
esteja ajoelhado aos pès  
do demonio? Christo a-  
joelhado aos pès de Judas,  
astombro he, pasmo he;  
mas Christo ajoelhado,  
Christo de joelhos diante  
do diabo? Sim. Quando  
lhe offerecia o mundo, não  
o pode conseguir: tanto q̃  
lhe quiz levar hũa alma,  
logo o teve a seus pès. Pa-

ra que acabemos de entender os homens cegos, que val mais a alma de cada hum de nós, que todo hū mundo. As cousas estimaõ-se, & avaliaõ-se pelo que custão. Que lhe custou a Christo hūa alma, & que lhe custou o mundo? O mundo custoulhe hūa palavra: *Ipse dixit*, & facta sunt; hūa alma custoulhe a vida, & o sangue todo. Pois se o mundo custa hūa sō palavra de Deos, & a alma custa todo o sangue de Deos; julgai se val mais hūa alma, que todo o mūdo. Assim o julga Christo, & assim o não póde deixar de confessar o mesmo demonio. E só nós fomos tam baixos estimadores de nossas almas, que lhas vendemos pelo preço, que vós sabeis.

342 Espantamonos que Judas vendeu a seu Mestre, & a sua alma por trinta dinheiros; & quantos ha, que andaõ rogando com ella ao demonio por menos de quinze! Os irmãos de Joseph eraõ onze,

& vendêraõ nõ por vinte dinheiros; sabiolhe por menos de dous dinheiros a cada hum. Oh se cõsiderarmos bem os nadas, porque vendemos a nossa alma! Todas as vezes, que hum homem offende a Deos mortalmente, vende a sua alma: *Venumdatus est, ut faceret malum*, diz a Escritura fallando de Achab. Eu, Christãos, não quero agora, nem vos digo que não vendais a vossa alma, porque sei que a haveis de vender; sō vos peço que, quando a venderdes, que a vendais a pezo. Pezai primeiro o que he hūa alma, pezai primeiro o que val, & o que custou; & depois eu vos dou licença que a vendais embora. Mas em que balanças se ha de pezar hūa alma? Nas balanças do juizo humano não; porque são muy fallas: *Mendaces filii hominum in stateris*. Pois em que balanças logo? Cuidarieis q̄ vos havia de dizer que nas balanças de S. Miguel o Anjo, onde as almas se pezaõ;

Pfalm.  
48.5.

3. Reg.  
2. 125.

Pfalm.  
61.10.

zaõ ; não quero tanto : digo que as pezeis nas balanças do mesmo demonio, & eu me dou por contente. Tomai as balanças do demonio na mão : ponde de hũa parte o mundo todo, & da outra hũa alma, & achareis que peza mais a vossa alma, que todo o mundo. *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me:* Tudo isto te darei, se me deres a tua alma. Não lhe tirou com menos bala a Christo, que com o mundo inteiro. Mas já que vos dou licença para vender, ponhamos este contrato do demonio em pratica, & vejamos se he bom o partido.

343 Supponhamos primeiramente que o demonio no seu offerecimento fallava verdade, & que podia, & havia de dar o mûdo: supponhamos mais que Christo não fosse Deos, senão hum puro homem, & tam fraco, que podesse, & houvesse de cahir na tentação. Pergunto: se este homem recebesse o

Tom. 12.

mundo todo, & ficasse senhor delle, & entregasse sua alma ao demonio, ficaria bom mercador? faria bom negocio? O mesmo Christo o disse noutra occasião *Quid prodest homini, si mundum universum lucratur: anima verò suæ detrimentum patiatur?* Matth. 16.26. Que lhe aproveita ao homem ser senhor de todo o mundo, se tem a sua alma no cativo do demonio? Oh que Divina consideração! Alexandre Magno, & Julio Cesar foram senhores do mundo; mas as suas almas agora estão ardendo no inferno, & arderão por toda a eternidade. Quem me dera agora perguntar a Julio Cesar, & a Alexandre Magno, que lhes aproveitou terem sido senhores do mundo, & se acharam que foi bom contrato dar a alma pelo adquirir. Alexandre, Julio, foi bom seres senhores do mundo todo, & estares agora, onde estais? Já que elles me não podem responder, responde-me vós.

Perguntô: Tomareis agora algum de vòs ser Alexandre Magno? Tomareis ser Julio Cesar? Deos nos livre. Como : se foraõ senhores de todo o mundo? He verdade , mas perdêraõ as suas almas. Oh cegueira! E para Alexandre, para Julio Cesar , parecevos máo dar a alma por todo o mundo ; & para vòs parecevos bem dar a alma pelo que não he mundo , nem tem de mundo o nome ? Sabeis de que nasce tudo isto? De falta de consideração ; de não tomares o pezo à vossa alma. *Quid prodest homini ?* Que aproveita ao homem lucrar todo o mundo , & perder a sua alma ? *Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua ?* Ou que cousa ha no mundo , pela qual se possa hũa alma trocar ?

Ibid.

343 Todas as cousas deste mundo tem outra , porque se possaõ trocar. O descanço pela fazenda , a fazenda pela vida , a vida pela honra , a honra pela alma ; só a alma não tem

porque se trocar. E sendo que não ha no mundo cousa tam grande , porque se possa trocar a alma: não ha cousa no mundo tam pequena, & tam vil , porque a não troquemos, & a não demos. Ouvei hũa verdade de Seneca , que por ser de hum Gentio , folgo de a repetir muitas vezes. *Nihil est homini se ipso vilius :* Senec. Não ha cousa para comnosco mais vil , que nós mesmos. Revolvei a vossa casa, buscai a cousa mais vil de toda ella, & achareis que he vossa propria alma. Provo. Se vos querem comprar a casa, o canaveal, o escravo , ou o cavallo , não lhe pñdes hum preço muito levantado, & não o vendeis muito bem vendido ? Pois se a vossa casa, & tudo o que nella tendes, o não quereis dar , senaõ pelo que val ; a vossa alma, que val mais que o mundo todo ; a vossa alma , que custou tanto como o Sangue de Jesu Christo, porq̃ a haveis de vender taõ vil, & tam baxamente ? **Que**

vos

vos fez? que vos delmere-  
ceo a triste alma? não a  
tratareis se quer como o  
vosso escravo, & como o  
vosso cavallo? Se vos per-  
guntão acaso, porque não  
vendeis a vossa fazenda  
por menos do que val, di-  
zeis que a não quereis  
queimar. E quereis quei-  
mar a vossa alma? Ainda  
mal, porque a haveis de  
queimar, & porque hade  
arder eternamente.

344 Ora Christãos,  
não seja assim: aprenda-  
mos ao menos do demonio  
a estimar nossa alma.  
Vejam os que o demonio  
hoje fez por hũa alma a-  
lhea, para que nós nos cor-  
ramos, & confundamos do  
pouco, que fazemos pelas  
proprias. Vai-se o demonio  
ao deserto, esta se nelle  
quarenta dias, & quaren-  
ta noites, como se fora hũ  
Anacoreta: & em todo este  
tempo esteve vigiando, &  
espreitando occasiã, &  
tanto que a teve, não dei-  
xou pedra por mover para  
a conseguir. Vendo que  
não lhe succedia, parte pa-

ra Jerusalem, & sendo tam  
inimigo de Deos, vai-se ao  
Templo, para persuadir a  
Christo que se arrojasse do  
pinaculo: *Mitte te deorsum* Matth. 4. 6.  
Estuda livros, allega Escri-  
turas, interpreta Psalmos:  
*Scriptum est enim, quia An-* Ibid.  
*gelis suis mandavit de te, &*  
*in manibus tollent te, ne for-*  
*te offendas ad lapidem pedem*  
*tuum.* Resistido tambem  
aqui, & vencido segunda  
vez o demonio, nem por  
isso delmaya: corre valles,  
atravessa montes, sobe ao  
mais alto de todos; & só  
por ver se podia fazer ca-  
hir a Christo, não repara  
em dar de hũa só vez o  
mundo todo. E que o de-  
monio faça tudo isto por  
hũa alma alhea; & que fa-  
çamos nós tam pouco pela  
propria! Que se ponha o  
demonio quarenta dias em  
hum deserto para me ten-  
tar; & que eu nos quaren-  
ta dias da Quaresma não  
tome hum quarto de hora  
de retiro para lhe saber re-  
sistir! Que vigie o demo-  
nio, & espreitê todas as  
ocasioens para me conde-

nar; & que deixe eu passar tantas de minha salvação; & occasioens, que hũa vez perdidas, não se podem recuperar! Que vá o demonio ao Templo de Jerusaleem distante tantas legoas, para me despenhar ao peccado; & que tendo eu a Igreja à porta, não me saiba ir meter em hum canto della, como o Publicano, para chorar meus peccados! Que o demonio para me perluadir estude, & allegue os livros sagrados; & q̄ eu não abra hũ só espiritual, para q̄ Deos falle comigo, já q̄ eu não sei fallar cõ elle! Que o demonio vécido a primeira, & segunda vez, insista, & não desmaye para me render, & que se comecei acaso algũa obra boa, à primeira difficuldade desista, & não tenha cõstancia, nem perseverança em nada! Que o demonio para me fazer cahir desça valles, & suba montes; & que eu não dê hum passo para me levantar, tendo dado tantos para me perder! Finalmente que o de-

monio para grangear a minha alma, não repare em dar no primeiro lanço o mundo todo; & que eu estime a minha alma tam pouco, que bastem os mais vis interesses do mundo para a entregar ao demonio! Oh miseria! Oh cegueira!

245 A que diferente preço compra hoje o demonio as almas, do que offerecia por ellas antigamente! Já nesta nossa terra vos digo eu! Nenhũa feira tem o demonio no mundo, onde lhe sayão mais baratas: No nosso Euangelho offereceo todos os Reynos do mundo por hũa alma: no Maranhão não he necessario ao demonio tanta bolta para comprar todas: não he necessario offerecer mundos: não he necessario offerecer Reynos: não he necessario offerecer Cidades, nem Villas, nem Aldeas. Basta acenar o diabo cõ hum tujupã de pindoba, & dous Tapuyas; & logo está adorado com ambos os joelhos;

lhos : *Si cadens adoraveris me.* Oh que feira tam barata ! Negro por alma ; & mais negra ella , que elle ! Esse negro será teu escravo esses poucos dias que viver ; & a tua alma será minha escrava por toda a eternidade, em quãto Deos for Deos. Este he o contrato , que o demonio faz com vosco ; & não só lho aceitais, senão q̄ lhe dais o vosso dinheiro em cima.

§. III.

346 **S**enhores meus ; somos entrados à força do Evangelho na mais grave , & mais util materia, que tem este Estado. Materia , em que vai , ou a salvação d'alma , ou o remedio da vida ; vede se he grave, & se he util. He a mais grave, he a mais importante , he a mais intrincada, & sendo a mais util, he a menos gostosa. Por esta ultima razão de menos gostosa , tinha eu determinado de nunca vos fallar nella; & por isso tambem de não subir ao Pulpito. Subir ao Pulpito pa-

Tom. 12.

ra dar desgosto, não he de meu animo, & muito menos a pessoas , a quem eu desejo todos os gostos , & todos os bens. Por outra parte subir ao Pulpito , & não dizer a verdade, he cõtra o officio, contra a obrigação, & contra a consciencia ; principalmente em mim, que tenho dito tantas verdades, & com tanta liberdade , & a tam grandes ouvidos. Por esta causa resolvi trocar hum serviço de Deos por outro : & ir-me doutrinar os Indios por essas Aldeas.

347 Estando nesta resolução até quinta feira , houve pessoas , a que não pude perder o respeito , que me obrigaraõ a que quizesse prègar na Cidade esta Quaresma. Prometi-o hũa vez , & arrependime muitas ; porque me tornei a ver na mesma perplexidade. He verdade que no juizo dos que tivessem juizo, sempre a minha boa intenção parece que estava segura. Perguntovos : Qual he melhor amigo: aquelle,

X iij

que

que vos avisa do perigo, ou aquelle, que por vos não dar pena, vos deixa perecer nelle? Qual Medico he mais Christo: aquelle, que vos avisa da morte, ou aquelle, que por vos não magoar, vos deixa morrer sem Sacramentos? Todas estas razoes tinha por mim, mas não acabava de me deliberar. Fui à sexta feira pela manhã dizer Missa por esta tenção, para que Deos me alumiasse, & me inspirasse o que fosse mais gloria sua; & ao ler da Epistola me disse Deos, o que queria que fizesse, com as mesmas palavras della, São de Isaias no Capitulo cincoenta & oito.

Isai. 58.

1.

348: *Clama, ne cesses: quasi tuba exalta vocem tuam, & annuntia populo meo scelera eorum.* Brada, ó Pregador, & não cesses: levanta a tua voz como trombeta, defengana a meu povo, annuncia-lhe seus peccados, & diz-lhe o estado, em que estão, Já o pregação do Rey se lançou

com tamborés: agora diz Deos, que se lance o seu com trombetas: *Quasi tuba exalta vocem tuam.* Não vos assebre, senhores, o pregação, que como he pregação de Deos, eu vos prometo que seja mais brando, & mais benigno, que o do Rey. E senão, vede as palavras, que se seguem:

*Me etenim de die in diem querunt, & scire vias meas volunt: quasi gens, que iustitiam fecerit, & iudicium Dei sui non dereliquerit.* E sabes porque quero que defenganes este meu povo, & porque quero que lhe declares seus peccados? Porque são huys homens, diz Deos, que me buscão todos os dias, & sabem muitas cousas em meu serviço, & sendo que tem gravissimos peccados de injustiças, vivem tam defaltados, como se estivessem em minha graça: *Quasi gens, que iustitiam fecerit.* Pois, Senhor, que defengano he o que hei de dar a esta gente, & que he o que lhe hei de annunciar da

da parte de Deos ?

Ibid.

349 Vede o que dizem as palavras do mesmo Texto: *Non ne hoc est magis jejunium, quod elegi? dissolve colligationes impietatis, & dimitte eos, qui confracti sunt, liberos.* Sabeis Christãos, sabeis Nobreza, & Povo do Maranhão, qual he o jejum, que quer Deos de vós esta Quaresma ? Que solteis as ataduras da injustiça, & que deixeis ir livres, os que tendes cativos, & opprimidos. Estes são os peccados do Maranhão : estes são os q Deos me manda que vos annuncie: *Annuntia populo meo scelera eorum.* Christãos, Deos me manda desenganarvos, & eu vos desengano da parte de Deos. Todos estais em peccado mortal: todos viveis, & morreis em estado de condemnação, & todos vos ides direitos ao inferno. Já lá estão muitos, & vós tambem estareis cedo com elles, lenão mudardes de vida.

350 Pois valhame

Deos ! hum povo inteiro em peccado ? hum povo inteiro ao inferno ? Quem se admira disto, não sabe q cousa são cativeiros injustos. Descêrao os filhos de Israel ao Egypto, & depois da morte de Joseph, cativou os ElRey Faraó, & servia-se delles como escravos. Quiz Deos dar liberdade a este miseravel povo, mandou lá Moyses, & não lhe deu mais escolta, que húa vara. Achou Deos que para pôr em liberdade cativos, bastava húa vara, ainda que fosse libertalos de hum Rey tão tyranno como Faraó, & de húa gente tam barbara como a do Egypto. Não quiz Faraó dar liberdade aos cativos; conreção a chover as pragas sobre elle. A terra se convertia em rans: o ar se convertia em mosquitos: os rios se convertiaõ em sangue: as nuvens se convertiaõ em raios, & em catifeos: todo o Egypto affombraõ, & perecendo. Sabeis quem traz as pragas às terras ?

Cativeiros injustos. Quem trouxe ao Maranhão a praga dos Olandezes? Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a fome, & a esterilidade? Estes cativeiros. Insistio, & apertou mais Moyses, para que Faraó largasse o povo; & que respondeo Faraó? Disse hũa cousa, & fez outra. O que disse foi: *Nescio Dominum, & Israel non dimittam.* Não conheço a Deos: não heide dar liberdade aos cativos. Ora isto me parece bem; acabemos já de nos declarar. Sabeis porque não dais liberdade aos escravos mal havidos? Porque não conheceis a Deos. Falta de Fè he causa de tudo. Se vòs tivereis verdadeira Fè, se vòs creereis verdadeiramente na immortalidade da alma, se vòs creereis que ha inferno para toda a eternidade: bem me rio eu que quizeis ir lá pelo cativeiro de hum Tapuya. Com que confiança vos parece que disse hoje o diabo: *Si cælens adoraveris me?* Com a

cônfiança de lhe ter offerecido o mundo. Fez o demonio este discurso: Eu a este homem offereço lhe tudo; se elle he cubiçoso, & avarento, hade aceitar; se aceita, sem duvida me adora idolatrando; porque a cubiça, & avareza são a mesma idolatria. He sentença expressa de São Paulo: *Avaritiam, quæ est simulacrorum servitus.* Tal foi a avareza de Faraó em querer reter, & não dar liberdade aos filhos de Israel cativos, confessando juntamente que não conhecia a Deos: *Nescio Dominum, & Israel non dimittam.* Isto he o que disse.

351 O que fez foi, que fugindo todos os Israelitas cativos, sahe o mesmo Rey Faraó com todo o pòder de seu Reyno para os tornar ao cativeiro; & que aconteceu? Abre-se o mar Vermelho, para que passassem os cativos a pè enxuto; (que sabe Deos fazer milagres para libertar cativos.) Não cuideis que merecêraõ isto os Hebreos

Exod.  
5. 2.

Coloff.  
3. 5.

breos por suas virtudes ; porque eraõ peyores que esses Tapuyas: dahi a poucos dias adoráraõ hum bezerro; & de todos, que eraõ seicentos mil homens, só dous entraraõ na terra de Promissão : mas he Deos tam favorecedor de liberdades, que o que desmereciaõ por máos, alcançavaõ por injustamente cativos. Passados à outra banda do mar Vermelho, entra Faraõ pela mesma estrada, que ainda estava aberta, & o mar de hũa, & outra parte como em muralhas, cahem sobre elle, & sobre o seu exercito as aguas, & affogáraõ a todos. O em que aqui reparo, he o modo com que conta isto Moyfes no seu Canticco: *Operuit eos mare: submersi sunt quasi plumbum in aquis vehementibus. Extendisti manum tuam, & devoravit eos terra: que cahio sobre elles, & os affogou o mar, & os comeo, & engulio a terra. Pois se os affogou o mar, como os tragou a terra? Tudo foi: a-*

quelles homens ; como nõs, tinhaõ corpo, & alma : os corpos affogou-os a agua, porque ficáraõ no fundo do mar : as almas tragou-as a terra ; porque descêraõ ao profundo do inferno. Todos ao inferno, sem ficar nenhum ; porque onde todos perseguem, & todos cativaõ, todos se condemnaõ. Naõ está bom o exemplo? Vá agora a razão.

352 Todo o homem, que deve serviço, ou liberdade alhea, & podendo-a restituir, naõ restitue, he certo que se condemna: todos, ou quasi todos os homens do Maranhão devem serviços, & liberdades alheas; & podendo restituir, naõ restituem : logo todos, ou quasi todos se condemnaõ. Dirmeheis que ainda que isto fosse assim, que elles naõ o cuidavaõ, nem o labiaõ; & que a sua boa fè os salvaria. Negotal; sim cuidavaõ, & sim labiaõ, como tambem vòs o cuidais, & o sabeis ; & se o naõ cuidavaõ, nem o labiaõ :

Exod.  
15.10.  
12.

bião, deverão cuidallo, & sabello. A huns condemna-os a certeza, a outros a duvida, a outros a ignorancia. Aos que tem certeza, condemna-os o não restituírem: aos que tem duvida, condemna-os o não examinarem: aos que tem ignorancia, condemna-os o não saberem, quando tinham obrigação de saber. Ah se agora se abrião essas sepulturas, & apparecêra aqui algum dos que morrerão neste infelice estado, como he certo que ao fogo das suas lavaredas haviéis de ler claramente esta verdade! Mas sabeis, porque Deos não permite que vos appareça? He pelo que Abrahão disse ao rico Avarento, quando lhe pedia que mandasse Lazaro a este mundo: *Habent Moysen, & Prophetas*: não he necessario que vá de cá do inferno quem lhe appareça, & lhe diga a verdade: lá tem a Moyses, & a ley: lá tem os Profetas, & Doutores. Meus irmãos, se ha quem duvide d'isto; ahí

estão as leys, ahí estão os Letrados, perguntelho. Tres Religioens tendes neste estado, onde ha tantos fugeitos de tantas virtudes, & tantas letras, perguntai, examinaí, informaivos. Mas não he necessario às Religioens, ide a Turquia, ide ao inferno; porque não póde haver Turco tão Turco na Turquia, nem demonio tam endemoninhado no inferno, que diga, que hum homem livre póde ser cativo. Ha algum de vós só com o lume natural, que o negue? Pois em que duvidais?

#### §. IV.

353 **V**Ejo que me dizeis: Bem estava isso, se nós tiveramos outro remedio; & com o mesmo Evangelho nos queremos defender. Qual foi mais apertada tentação, a primeira, ou a terceira? Nós entendemos que a primeira; porque na primeira estava Christo com fome

fome de quarenta dias, & offereceolhe o demonio paõ; na terceira offereceolhe Reynos, & Monarquias: & hum homem pôde viver sem Reynos, & sem Imperios, mas sem paõ para a boca, não pôde viver: & neste aperto vivemos nós. Este povo, esta Republica, este Estado não se pôde sustentar sem Indios. Quem nos ha de ir buscar hum pote de agua, ou hum feixe de leaba? Quem nos ha de fazer duas coyas de mandioca? haõ de ir nossas mulheres? haõ de ir nossos filhos? Primeiramente não são estas as apertos, em que vos hei de pôr, como logo vereis; mas quando a necessidade, & a consciencia obriguem a tanto, digo que sim, & torno a dizer que sim: que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos, & que todos nós nos sustentassemos dos nossos braços; porque melhor he sustentar do suor proprio, que do sangue alheyo. Ah fazendas do Maranhão que

se elles mantos, & ellas capas se torçeraõ, haviaõ de lançar sangue! A Samaritana hia com hum cantaro buscar agua à fonte, & foi tam Santa como sabemos. Jezabel era mulher d'El-Rey Achab, Rainha de Israel, & foi comida de cães, & sepultada no inferno, porque tomou a Nabothã vinha, que não lhe chegou a tomar a liberdade. Pergunto: Qual he mulher, levar o cantaro à fonte, & ir ao Ceo como a Samaritana; ou ser senhora servida, & Rainha, & ir ao inferno como Jezabel? Melhor era que nós Adão, & tinha offendido a Deos com menos peccados; & devia ao trabalho de suas mãos o bocado de paõ, que metia na boca. Filho de Deos era Christo, & ganhava com hum instrumento mecanico, o com que sustentava a vida, que depois havia de dar por nós. Faz isto por nós o mesmo Deos, & nós desprezarmos, hemos de fazer outro tanto por guardar a sua ley?

Direis

354 Direis que os vossos chamados escravos são os vossos pés, & mãos; & também podereis dizer que os amais muito; porque os criastes como filhos, & porque vos crião os vossos. Assim he; mas já Christo respondeo a esta replica: *Si oculus tuus scandalizat te, erue eum: & si manus, vel pes tuus scandalizat te, amputa illum.* Não quer dizer Christo que arranquemos os olhos, nem que cortemos os pés, & as mãos; mas quer dizer que se nos servir de escandalo aquillo, que amarmos como os nossos olhos, & aquillo, que havemos mister como os pés, & as mãos, que o lancemos de nós, ainda que nos doa, como se o cortáramos. Quem ha, que não ame muito o seu braço, & a sua mão; mas se nella lhe saltárao erpes, permite que lha correm, por conservar a vida. O Mercador, ou Passageiro, que vem da India, ou do Japão, muito estima as drogas, que tanto

lhe custárao lá; mas se a vida periga, vai tudo ao mar, para que ella se salve. O mesmo digo no nosso caso. Se para segurar a consciência, & para salvar a alma, for necessario perder tudo, & ficar como hum Job; perca-se tudo.

255 Mas bom animo; senhores meus, que não he necessario chegar a tanto, nem a muito menos. Estudei o ponto com toda a diligencia, & com todo o affecto, & seguindo as opiniões mais largas, & mais favoraveis, venho a reduzir as cousas a estado, que entendo que com muito pouca perda temporal, se podem segurar as consciencias de todos os moradores deste Estado, & com muito grandes interesses se podem melhorar suas conveniencias para o futuro. Daimo attençaõ.

356 Todos os Indios deste Estado, ou são os que vos servem como escravos; ou os que moraõ nas Aldeas d'ElRey como livres; ou os que vivem no

Certaõ

Matth.

5.29.

Marc.

9.42.44

Certaõ em sua natural, & ainda mayor liberdade: os quaes por effes rios se vão comprar, ou resgatar, (como dizem) dando o piedoso nome de resgate a hũa venda tam forçada, & violenta, que tal vez se faz com a pistola nos peitos. Quanto à aquelles, que vos servem, todos nesta terra são herdados, havidos, & possuidos de má fê; segundo a qual não farão pouco (ainda que o farão facilmente) em vos perdoar todo o serviço passado. Com tudo, se depois de lhes ser manifesta esta condiçãõ de sua liberdade, por serem creados em vossa casa, & com vossos filhos, ao menos os mais domesticos, espontanea, & voluntariamente vos quizerem servir, & ficar nella; ninguem, em quanto elles tiverem esta vontade, os poderá apartar de vossõ serviço. E que se fará de alguns delles, q̃ não quizerem continuar nesta sujeiçãõ? Estes serão obrigados a ir viver nas

Aldeas d'ElRey, onde tambem vos servirão na fórma, que logo veremos. Ao Certaõ se poderão fazer todos os annos entradas, em que verdadeiramente se resgatem os que estiverem (como se diz) em cordas, para ser comidos: & se lhes commutarã esta crueldade em perpetuo cativeiro. Assim serão tambem cativos todos, os que sem violencia forem vendidos como escravos de seus inimigos, tomados em justa guerra; da qual serão Juizes o Governador de todo o Estado, o Ouvidor gèral, o Vigario do Maranhão, ou Pará, & os Prelados das quatro Religioens, Carmelitas, Franciscanos, Mercenarios, & da Companhia de Jesu. Todos, os que deste juizo sahirem qualificados por verdadeiramente cativos, se repartiraõ aos moradores pelo mesmo preço; porque foraõ comprados. E os que não constar que a guerra, em que foraõ tomados, for justa, que se fará

rá delles? Todos feroão aldeados em novas povoaçoens, ou divididos pelas Aldeas, que hoje ha; donde repartidos com os demais Indios dellas pelos moradores, os servirão em seis mezes do anno alternadamente de dous em dous, ficando os outros seis mezes para tratarem de suas lavouras, & familias. De forte que nesta fórma todos os Indios deste Estado servirão aos Portuguezes: ou como propria, & inteiramente cativos, que são os de corda, os de guerra justa, & os q̄ livre, & voluntariamente quizerem servir, como distemos dos primeiros: ou como mezos cativos, que são todos os das antigas, & novas Aldeas, que pelo bem, & conservação do Estado me consta, que sendo livres, se sujeitáraõ a nos servir, & ajudar ameadade do tempo de sua vida. So resta saber qual será o preço destes, que chamamos mezos cativos, ou mezos livres, com que se

lhe pagará o trabalho do seu serviço. He materia, de que se rirá qualquer outra Nação do mundo, & só nesta terra se não admira. O dinheiro desta terra he pano de algodão; & o preço ordinario porque servem os Indios, & servirão cada mez, são duas varas deste pano, que valem dous tostões. Donde se segue, que por menos de sete reis de cobre servirá hum Indio cada dia. Couisa, que he indigna de se dizer, & muito mais indigna, de que por não pagar tam leve preço, haja homens de entendimento, & de Christandade, que queiraõ condemnar suas almas, & ir ao inferno.

## §. V.

357 **P**ODE haver cousa mais moderada? Pode haver cousa mais posta em razão, que esta? Quem se não contentar, & não satisfazer disto, hũa de duas, ou não he Christão, ou não tem entendimento.

E se

E senão, apertemos o ponto, & pezem os bens, & os males desta proposta.

358 O mal he hum só, que será haverem alguns particulares de perder alguns Indios, que eu vos prometo, que sejaõ muy poucos. Mas aos que nisto repararem pergunto: Morreraõvos já alguns Indios? Fugiraõvos já algũs Indios? Muitos. Pois o que faz a morte, porque o não fará a razaõ? O que faz o successo da fortuna, porque o não fará o escrupulo da consciencia? Se vieraõ as bexigas, & volos leváraõ todos, que haviẽs de fazer? Haviẽs de ter paciencia. Pois não he melhor perdelos por serviço de Deos, que perdelos por castigo de Deos? Isto não tem resposta.

359 Vamos aos bens, que saõ quatro, os mais consideraveis. O primeiro he ficares com as consciencias seguras. Vede que grãde bem este. Tirarseha este povo do estado de peccado mortal: vivireis como

Christãos, confessarvos heis como Christãos, morrereis como Christãos, testareis de vossos bens como Christãos; em fim hireis ao Ceo, não hireis ao inferno, ao menos certamente, que he triste cousa.

360 O segundo bem he, que tirareis de vossas casas esta maldiçaõ. Não ha mayor maldiçaõ numa casa, nem numa familia, que servir-se com supor, & com sangue injusto. Tudo vai para traz: nenhũa cousa se logra: tudo leva o diabo. O paõ, que assim se grangea, he como o que hoje offereceo o diabo a Christo; paõ de pedras, que quãdo se não atravessa na garganta, não se pôde digerir. Vede-o nestes, que tiraõ muito paõ do Maranhão, vede se o digerio algum, ou se se lhe logrou algum? Houve quem se lhe atravessou na garganta, que nem confessar-se pode.

161 O terceiro bem he, que por este meyo haverã muitos resgates, com que

que se tirarão muitos Indios; que doutra maneira, não os haverá. Não dizeis vós que este Estado não se póde sustentar sem Indios? Pois se os Certoens se fecharem, se os resgates se prohibirem totalmente, mortos estes poucos Indios que ha, que remedio tendes? Importa logo haver resgates, & só por este meyo se poderão conceder.

362 Quarto, & ultimo bem; que feita hũa proposta nesta fórma, será digna de ir às mãos de Sua Magestade, & de que Sua Magestade a approve, & a confirme. Quem pede o illicito, & o injusto, merece que lhe neguem o licito, & o justo; & quem requiere com consciencia, cõ justiça, & com razão, merece que lha fação. Vós sabeis a proposta, que aqui fazieis? Era hũa proposta, que nem os vassallos a podiaõ fazer em consciencia: nem os Ministros a podiaõ consultar em consciencia: nem o Rey a podia conce-

der em consciencia. E ainda que por impassivel El Rey tal permitisse, ou dissimulasse: de que nos servia isso, ou que nos importava? Se El Rey permitir que eu jure falso, deixará o juramento de ser peccado? Se El Rey permitir que eu furte, deixará o furto de ser peccado? O mesmo passa nos Indios. El Rey poderá mandar que os cativos sejaõ livres; mas que os livres sejaõ cativos, não chega lá sua jurdição. Se tal proposta fosse ao Reyno, as pedras da rua se haviaõ de levantar contra os homens do Maranhão. Mas se a proposta for licita, se for justa, se for Christãa, as mesmas pedras se poraõ de vossa parte, & quererá Deos que não sejaõ necessarias pedras, nem pedreiras. Todos affirmaremos, todos informaremos, todos ajudaremos, todos requereremos, todos encomendaremos a Deos, que elle he o Author do bem, & não póde deixar de favorecer intentos tan-

to de seu serviço. E tenho dito.

§. VI.

363 **O** Ra Christãos , & senhores da minha alma , se nestas verdades , & defenganos , que acabo de vos dizer , se nesta minha breve proposta consiste todo o vosso bem , & toda a vossa esperança espirital , & temporal ; se só por este caminho vos podeis segurar nas consciencias ; se por este caminho vos podeis salvar , & livrar vossas almas do inferno ; se o que se perde , ainda temporalmente , he tam pouco , & pôde ser q̄ não seja nada ; & as conveniencias , & bens , que dahi se esperão , são tam consideraveis , & tam grâdes : que homem haverá tam máo Christão , que homem haverá tam mal entendido , que homem haverá tam esquecido de Deos , tam cego , tam desleal , tam inimigo de si mesmo , que se não contente

Tom. 12.

de hũa cousa tam justa , & tam util , que a não queira , que a não approve , que a não abrace ? Por reverencia de Jesu Christo , Christãos , & por aquelle amor com que aquelle Senhor hoje permitio ser tentado , para nos ensinar a ser vencedores das tentações ; que metamos hoje o demonio debaixo dos pès , & que vençamos animosamente esta cruel tentação , que a tantos nesta terra tem levado ao inferno , & nos vai levando tambem a nós. Demos esta vitoria a Christo , demos esta gloria a Deos , demos este triunfo ao Ceo , demos este pezar ao inferno , demos este remedio à terra , em que vivemos , demos esta honra à Nação Portugueza , demos este exemplo à Christandade , demos esta fama ao mundo.

364 Saiba o mundo ; saibaõ os Hereges , & os Gentios , que não se enganou Deos , quando fez aos Portuguezes Conquistadores , & Prègadores de

Y seu

seu Santo nome. Saiba o mundo que ainda ha verdade, que ainda ha temor de Deos, que ainda ha alma, que ainda ha concien-  
cia; & que não he o interesse tam absoluto, & tam universal senhor de tudo, como se cuida. Saiba o mundo que ainda ha quem por amor de Deos, & da sua salvação, meta debaixo dos pés interesses. Quanto mais senhores, que isto não he perder interesses, he multiplicallos, he acrescentallos, he semeallos, he dallos à usura. Dizeime Christãos, se tendes Fè: Os bens deste mundo, quem he, que os dá; quem he, que os reparte? Dizeis-me, que Deos. Pois pergunto: Qual será melhor diligência para mover a Deos a que vos dê muitos bens, servillo, ou offendello? Obedecer, & guardar a sua ley, ou quebrar todas as leys? Ora tenhamos Fè, & tenhamos uso de razão.

365 Deos para vos sustentar, & para vos fazer ricos, não depende de

que tendes hum Tapuya mais, ou menos. Não vos pôde Deos dar mayor novidade com dez enxadas, que todas as vossas deligências com trinta? Não he melhor ter dous escravos, que vos vivaõ vinte annos, que ter quatro, que vos morraõ ao segundo? Não rendem mais dez caixas de assucar, que cheguem a salvamento a Lisboa, que quarenta levadas a Argel, ou Zelanda? Pois se Deos he o Senhor das novidades da terra, se Deos he o Senhor dos folegos dos escravos, se Deos he o Senhor dos ventos, dos mares, dos Cossarios, & das navegações; se todo o bem ou mal está fecho na mão de Deos; se Deos tem tantos modos, & tam facéis de vos enriquecer, ou de vos destituir: que locura, & que cegueira he cuidar que podeis ter bem algum, nem vós, nem vossos filhos, que seja contra o serviço de Deos? Faça-se o serviço de Deos, acuda-se à alma, & à concien-  
&

Marth.  
6. 33.

& logo os interesses temporaes estarão seguros : *Quærite primum Regnum Dei , & justitiam ejus , & hæc omnia adjicientur vobis.* Mas quando não fora, nem se seguraraõ por esta via nossos interesses, faça se o serviço de Deos, acuda-se à consciencia, acuda-se à alma , & corte-se por onde se cortar, ainda que seja pelo sangue, & pela vida.

366 Dizeime Christãos: Se vos vireis em poder de hum tyranno , que vos quizesse tirar a vida pela Fè de Christo; que haveis de fazer? Dar a vida, & mil vidas. Pois o mesmo he dar a vida pela Fè de Deos , que dar a vida pelo serviço de Deos. Não ha mais cruel tyranno , que a pobreza, & a necessidade ; & padecer às mãos deste tyranno por não offender a Deos , tambem he ser Martyr , diz S. Agostinho. Nada disto hade ser necessario , como já vos tenho dito ; mas quem he Christão verdadeiro , hade estar com este animo , &

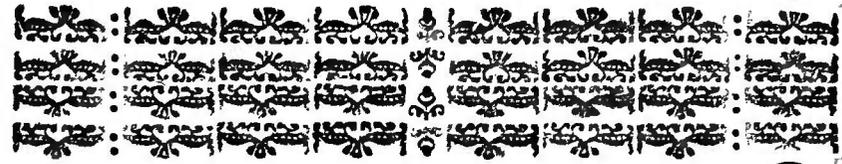
com esta resoluçãõ!

367 Senhor Jesu ; este he o animo , & esta a resoluçãõ , com que estaõ de hoje por diante estes vossos tam fieis Catholicos! Ninguem ha aqui , que queira outro interesse mais; que servirvos : ninguem ha , que queira outra conveniencia mais, que amarvos: ninguem ha, que tenha outra ambiçãõ mais , que de estar eternamente obediente, & rendido a vossos pès. A vossos pès está a fazenda , a vossos pès estaõ os interesses , a vossos pès estaõ os escravos , a vossos pès estaõ os filhos , a vossos pès está o sangue, a vossos pès está a vida; para que corteis por ella ; & por elles , para que façais de tudo , & de todos o que for mais conforme a vossa Santa Ley. Não he assim, Christãos? Assim he ; assim o digo ; assim o digo, & prometo a Deos em nome de todos. Vitoria pois por parte de Christo , vitoria , vitoria contra a mayor tentaçãõ do demonio. Mor-

ra o demonio, morraõ suas  
 tentações, morra o pecca-  
 do, morra o inferno, mor-  
 ra a ambiçãõ, morra o in-  
 teresse; & viva só o servi-  
 ço de Deos, viva a Fè, viva  
 a Christandade, viva a  
 consciencia, viva a alma,  
 viva a Ley de Deos, & o

que ella ordenar, viva  
 Deos, & vivamos todos:  
 nesta vida com muita a-  
 bundancia de bens, princi-  
 palmente os da graça; & na  
 outra por toda a eternida-  
 de os da Gloria. *Ad quam*  
*nos, &c.*





# S E R M A Õ

## DAS CHAGAS DE

# S. FRANCISCO,

### P R E G A D O

Em Roma na Archi-irmandade das mesmas  
Chagas, anno de 1672.

---

*Adimpleo ea, quae desunt passionum Christi in  
carne mea. Coloss. 1.*

§. I.

368



Segunda estãpa  
de Christo cru-  
cificado ( q̄ no  
original Tos-  
cano se diz com proprie-  
dade, & elegancia, que  
naõ cabe na nossa lingua, *Il  
Crucifisso Ristampato* ) por  
ventura com mayor, &  
Tom. 12.

melhor novidade, da quẽ  
prometem as segundas im-  
pressões, serà hoje a mate-  
ria do meu discurso. O dis-  
curso será meu: as palavras,  
nem minhas, nem vossas.  
Naõ minhas, porque de  
lingua estranha; naõ vos-  
sas, porque mal polidas, &  
duramente pronunciadas.  
Mas esta difsonancia tam  
Y iij conhe-

conhecida, a que me obrigastes, se supprirá com vêragem, & ainda com armonia, nas mesmas Chagas de Francisco, que celebramos; se as ouvirdes a ellas, & não a mina.

369 Olhai, senhores, para aquellas Chagas. Oh que silencio! Oh que vozes! Oh que clamores! Aquellas Chagas abertas são cinco bocas: aquelle sangue ardentemente gelado nellas, são cinco linguas, que ferindo os olhos mais cegos, penetraõ os ouvidos mais lurdos. Ou as vejais como Chagas de Christo impressas em Francisco, ou como Chagas de Francisco transformado em Christo: de todo o modo são bocas, são linguas, são vozes. Das Chagas de Christo disse Ruperto:

Rupert. *Quot in Christi corpore plagæ, tot linguæ; & das Chagas de hum pobre chagado, como Francisco, disse Chyfol. Chryfologo: Ut in admonendo divite tot essent pauperis ora, quot vulnera. A estas vozes convido hoje,*

senhores, não os vossos ouvidos, senão os vossos olhos. Quando Deos dava a Ley a Moyfes no monte Sinay, diz o Texto sagrado que o povo todo estava vendo as vozes: *Populus autem videbat voces.* Nota-<sup>Exod. 20. 18.</sup> vel dizer! O ver he acção dos olhos: as vozes são objecto dos ouvidos; pois como se viaõ as vozes? Estava o monte Sinay ardendo em chamas: estava Moyfes transportado em Deos *facie ad faciem*: estava o mesmo Deos feito Escultor imprimindo caracteres nas taboas da Ley: & à vista de hũa vilão tam estupenda, sahiraõ os sentidos humanos fóra de sua esfera; & viaõ os homens com os ouvidos, & ouviaõ com os olhos: *Populus autem videbat voces.*

370 Assim he. Passemos do monte Sinay ao monte Alverno, que vai o amor de monte a monte. Arde o monte todo em labaredas Seraficas: Francisco arrebatado, & extatico de face a face com Christo: Christo

Christo Escultor, Impresor Divino estampando nelle as suas Chagas: Christo fora de si transformado em Frãcisco: Frãcisco fora de si transformado em Christo. Sayaõ logo tambem fora de si os sentidos, & transformando-se os ouvidos em olhos: os olhos ouçaõ, & os ouvidos vejaõ. Os ouvidos, já que não tem que ouvir nas minhas palavras, vejaõ: & os olhos, já que tem tanto que ver nas Chagas de Francisco, ouçaõ. Os olhos ouvirãõ bem, vendo bem: os ouvidos veraõ bem, ouvindo mal. E que haõ de ver, & ouvir? O que disse no principio: A Imagem de Christo segunda vez está-pada. Este he o meu assumpto.

§. II.

371 **M** As porq̃ razaõ; saibamos, quiz Christo restampar as suas Chagas? porq̃ quiz fazer esta segunda escultura, & esta segunda impressãõ dellas; A razaõ está nas palavras,

que tomei por thema: *Adimpleo ea, quae desunt passionum Christi in carne mea.* Aquelle, *ad*, no Texto Original he *re*; *reimpleo*. Quando a primeira impressãõ sahe defectuosa, faz-se segunda impressãõ mais correctã, em que se emendaõ os defeitos da primeira. Isto he, o que fez Christo. Tornou a restampar as suas Chagas em Francisco para emendar nesta segunda impressãõ os defeitos da primeira estampa. *Quae desunt*; eis-ahi os defeitos: *Reimpleo*; eis-ahi a reimpressãõ: *Passionum Christi*; eis-ahi as Chagas: *In carne mea*; eis-ahi o corpo de Francisco. Que este lugar se entenda particularmente das Chagas de Christo, & das Chagas de Christo depois de subir ao Ceo communicadas na terra a hum substituto do mesmo Christo; qual era S. Francisco; assim o dizem S. Joã Chrylostomo, & Theofilão: *Quemadmodum si, Duce* Chryf. Theo-  
*Exercitus abeunte, Subim-* philact.

Y iij perator

*perator in ejus locum constitutus vulnera ipsius recipiat.*

372 Mas vejo que me dizem todos: Defeitos nas Chagas de Christo ? Naquellas Chagas de infinito preço, de infinito valor, de infinito merito, de infinita perfeição, pôde caber algum defeito ? Primeiramente a palavra não he minha, senão de S. Paulo, que fallava com muita Theologia, & com muita reverencia. Isto quer dizer: *Ea, quæ desunt.* E na lingua Grega, em que S. Paulo escreveo, ainda está mais expressa a mesma palavra. Por onde a Versão Syriaca em lugar de *quæ desunt*, trasladou, *defectus: Adimpleo defectus passionum Christi.* Pois que defeitos forão estes das Chagas de Christo ? Claro está que não forão, nem podiaõ ser defeitos do Original, mas forão defeitos da impressão. Na primeira impressão das Chagas de Christo no monte Calvario, se bem se consideraõ todas suas circunstancias, achareis que hou-

ve tres defeitos: hum da parte dos Impressores, outro da parte dos instrumetos, outro da parte das mesmas Chagas impressas. E todos estes defeitos forão correctos, & emendados na estampa do monte Alverno, quando segunda vez se restampáraõ as mesmas Chagas no corpo de Francisco: *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.* Agora vos peço attençaõ.

### §. III.

373 **C**omeçando pe-  
feito da parte dos Impressores: os Impressores das Chagas de Christo no Calvario forão os Ministros da Synagoga, armados de odio, de ira, de enveja, de injustiça, de crueldade. E por esta circumstancia de tanta impiedade, & horror, a mesma Paixaõ de Christo, que da parte do Crucificado era o mais agradável sacrificio: da parte dos crucificadores foi o mais abomi-

Matth.  
27.34.

abominavel sacrilegio. Este foi o fel do Caliz da Paixaõ: *Dederunt ei vinum eum felle mixtum.* Da parte do sacrificio era vinho : da parte do sacrilegio era fel; & por isso o Senhor o não quiz beber: *Cum gustasset, noluit bibere.* E como no Caliz da Paixaõ hia misturado o vinho com o fel : como na impressãõ das primeiras Chagas , pela maldade dos Artifices, o sacrificio foi misturado com o sacrilegio , o amor com o odio , & a innocencia cõ o peccado: este foi o primeiro defeito , que Christo quiz emendar na segũda estampa. Por isso mudou os Artifices ; por isso fez que os Impresores desta segunda estampa fossem hum Serafim transformado em Christo , & o mesmo Christo revestido de Serafim ; para que tudo aqui , & de todas as partes fosse amor ; & para q̃ nós , que não podemos ver as Chagas de Christo em Christo sem horror da impiedade humana, vissemos

as Chagas de Christo em Francisco lò cõ admiracãõ, & pasmo do amor Divino.

374 Este digo que foi o pensamento de Christo , & vede se o provo. Morre , & padece Christo no Calvario , & naõ contente com haver morto , & padecido hũa vez , torna a renovar a mesma Paixaõ , & a mesma morte no Mysterio sacrosanto da Eucharistia. E porque ? O sacrificio da morte de Christo hũa vez padecido não bastava para preço da Redempçaõ, para remedio do mundo , para propiciação do Padre , para exemplo , & exemplar dos homens ? Sim bastava , & sim bastou. Antes essa era a differença do Sacerdocio de Christo ao Sacerdocio de Araõ , como notou S. Paulo : *Hoc enim fecit semel se ipsum offerendo.* Hebr. 7.27. Araõ como Sacerdote sómête homem multiplicava os sacrificios, como se multiplicavaõ os peccados, porém Christo, q̃ era Sacerdote homẽ, & juntamente Deos, q̃ era Sacerdote , & juntamente

mente sacrificio, q̄ era sacrificio offerecido hũa vez jũtamente por todos os peccados do mundo, bastou q̄ nũa sô vez morresse, & hũa sô vez se sacrificasse: *Hoc enim fecit semel seipsũ offerẽdo.*

375 Pois se bastava, & bastou para remedio do mundo, que Christo se sacrificasse, & morresse hũa sô vez; porque renova segunda vez a mesma morte, & a mesma Paixaõ no Sacramento? Disse-o admiravelmente o Profeta Isaias:

Ifai. 25  
6. *Faciet. Dominus in monte hoc convivium pinguium vindemiæ defecatae.* Institubio Christo em fôrma de convite o sacrificio de seu Corpo, & Sangue, diz o Profeta, & tornou a renovar segunda vez no monte Siao a mesma morte, & o mesmo sacrificio, que tinha offerecido no monte Calvario; para que aquelle sacrificio, que lá esteve misturado com fezes, aqui ficasse puro, & defecado: *Convivium pinguium vindemiæ defecatae.* Ora vede. O Sangue derra-

mado no sacrificio da Cruz, era o mesmo Sangue purissimo consagrado no Sacramento; mas esse Sangue na Cruz esteve misturado, & como envolto nas fezes do odio, da maldade, & do peccado sacrilego dos Ministros, que o derramaraõ. Que fez pois Christo para emendar este defeito? Torna a reiterar, torna a renovar segunda vez o mesmo sacrificio, & a mesma morte no Sacramento, sendo o seu amor, & elle por si mesmo o Ministro; para que o Sangue, que na Cruz, por parte dos Ministros impios, fora misturado com fezes, no Sacramento se tirasse em limpo, & ficasse totalmente puro, & defecado: *Vindemiæ defecatae.*

376 Desejei hum Santo Padre, que o dissesse assim; mas darvos hei hum Author, que val por todos os Padres, David. Vio David a Christo com hum Caliz na maõ; & com termos difficulosos de entender diz que este Caliz esta-

Psalm.  
74.9.

va cheyo de vinho puro, & misturado: *Calix in manu Domini vini meri plenus mixto.* Se o vinho do Caliz era puro, *Vini meri*; como era misturado, *Plenus mixto?* & se era misturado, como era puro? Tudo era; porque era o Caliz da Paixão de Christo, o qual foi juntamente puro, & misturado: puro, pela santidade, & innocencia do Sangue de Christo: misturado, pelas fezes do peccado, & maldade dos que o derramáraõ. Este Caliz de sua Paixão vio David q̄ tinha Christo na mão: & que fez o Senhor com elle? Ouvi, & psalmi. *Inclinavit ex hoc in hoc, verumtamen faex ejus non est exinanita.* O que atêgora era hum Caliz, já são dous Calices, ( como advertidamente notou Euthimio ) hum o Caliz da Cruz, outro o Caliz do Sacramento, que em substancia são o mesmo. Tendo pois Christo em hũa mão o Caliz de sua Paixão, toma na outra mão o Caliz, em que ha-

via de confagrar o Sacramento: *Et inclinavit ex hoc in hoc* & lançou, & passou o Caliz da Paixão ao Caliz do Sacramento: *Verumtamen faex ejus non est exinanita*, porêm ficáraõ as fezes de fóra; porque ficou de fóra o peccado, & maldade dos impios Ministros; para que atê aquella parte, que teve na Cruz o odio, a tivesse no Sacramento o amor.

377 O mesmo estilo guardou Christo na legenda impressão das suas Chagas. Assim como lá reieitou a sua Paixão, & a passou ao Sacramento; assim cá reiterou as suas Chagas, & as sacramentou em Frâncisco: & assim como no Sacramento foi elle, & o seu amor o Ministro; assim na impressão das Chagas foi elle, & o seu amor o Artifice: para que aquellas cinco brechas da Divindade; que abertas no Corpo do mesmo Christo, por parte dos executores dellas; foraõ assombradas da fealdade, & horror; purificada

Ibid.

da esta circumstancia no corpo de Francisco, ficalem nelle por outras tantas partes fermosas, & vistas a todas as luzes, amaveis. Se vos não dais por satisfeitos com a paridade, vamos às mesmas Chagas, & seja Christo o Interprete do seu pensamento.

378 Sobe Christo triunfante ao Ceo no dia de sua gloriosa Ascensão; viraõ os Anjos os sinaes vermelhos, de que hia matizado o sagrado Corpo: cuidáraõ ao longe, q̄ eraõ rubis de estranha fermosura; mas divilando de mais perto que eraõ Chagas, perguntáraõ admirados: *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum?* Rey, & Senhor nosso, que he o que vemos? Isto he o que fostes buscar ao mundo? Isto he o que trazeis de lá? Que Chagas são estas? Eu não me admiro do que se admiráraõ os Anjos; admiro-me do que respondeo Christo: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.* São hūas Cha-

gas, diz Christo, que recebi na casa dos q̄ me amavaõ. Na casa dos que me amavaõ? Todos estais vèdo a duvida. O monte Calvario patente, & descuberto, era casa? Os homicidas, ou deicidas deshumanos, que crucificáraõ a Christo, cheyos de odio, de raiva, de vingança, amavaõ a quem tiráraõ a vida? Claro está que não: pois como diz Christo que recebeo as Chagas, *In domo eorum, qui diligebant me*; na casa da quelles, que o amavaõ? Tomára ouvir a reposta; mas eu a darei.

379 Christo recebeo duas vezes as Chagas: hūa vez em carne mortal, outra vez depois de resuscitado. A primeira vez foraõ recebidas num monte por mãos dos que tanto o aborreciaõ: a segunda vez foraõ recebidas numa casa por mãos dos seus mayores amigos. Entrou Christo a portas fechadas na casa, onde estavaõ os Apostolos: & ahi lhe tornou a abrir as Chagas a incredulidade

Zachar.  
13.6.

Ibid.

Joann.  
10. 27.

dulidade devota , & amorosa de Thomè: *Infer digittum tuum buc , & vide manus meas: & affer manum tuam, & mitte in latus meū.* Mete esta mão , & vê bem estas Chagas de minhas mãos , & lado. Esta foi a segunda vez , que se rasgárao as Chagas de Christo. Ouvi a S. Pedro Chryfologo: *Ea vulnera , quæ manus infixit impia , devota dextera nunc resulcat: latus, quod impii militis lancea patrefecit , refodere manus nititur obsequentis.* E como as Chagas de Christo foraõ segunda vez abertas naquella cata , em que estavaõ os Apostolos , que tão to o amavaõ ; por isso Christo disse com toda a verdade : *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.* Está verificada a proposição ; mas a razão não está dada. Se as Chagas foraõ abertas hũa vez no Calvario , & outra vez na casa dos Apostolos ; porque responde Christo com esta segunda abertura das suas Chagas , & não com a pri-

meira ? Porque sendo o dia de seu triunfo, & da sua mayor gala, & magestade , quiz acodir pela fermosura , & pelo decoro das suas Chagas : quiz honrar a obra com o nome do Artifice, por isso calou o odio, & publicou o amor.

380 As Chagas recebidas por mão do odio , ainda que tam Divinas , tinhaõ sombras de fealdade , & de horror ; porèm recebidas por mão do amor , todas , & por todas as partes eraõ bellas , & fermosas. Esta foi a razão , porque Christo respondeo : *His plagatus sum in domo eorum , qui diligebant me.* E este foi o primeiro motivo , porque transformado em hum Serafim de amor , tornou a restampar as mesmas Chagas em Francisco: supprindo desta sorte na segunda estampa o erro, & o defeito , q̃ tinha cometido na primeira o odio dos Impressores: *Adimpleo ea , quæ desunt passionum Christi in carne mea.*

Petr.  
Chryfol

## §. IV.

381 **D**A parte dos instrumêtos (q̄ he a segunda circumstancia, & o segundo defeito) tambem houve muito que emendar na segunda impressão. Os instrumentos, com que a primeira vez se imprimiraõ em Christo as suas Chagas, foraõ os cravos; & a lança. Contra estes dous instrumentos tenho grandes queixas. E bem lenho mais que doro, & bem ferros mais que de ferro, assim vos atreveis contra vosso Deos, contra vosso Creador? porque vos não abrandastes? porque vos não rompestes? porque vos não desfizestes naquella hora? Nos martyrios dos defensores deste mesmo Christo, quantas vezes se rompêraõ os lenhos nas rodas, & nas catastas? Quantas vezes se fizeraõ de cera as lanças, & as espadas? Mas não quero afrontarvos com injurias tam remotas. Neste

mesmo dia, & neste mesmo monte, & em todo o mundo não tremeo a terra? não se rompêraõ as pedras? não se escureceo o Sol? não se rasgou o véo do Templo, confessando todas as creaturas que padecia o Author dellas; Pois a Cruz, & os cravos, a quem o calo tocava de mais perto, porque se não abrandãõ? porque se não espedaçãõ? porque não acompanhaõ na dor, & no sentimento a toda a natureza?

382 Este foi o defeito dos instrumentos na primeira impressão das Chagas de Christo. Mas vede como o emendou Francisco na segunda estampa. Nos pés & mãos de Francisco não só se viaõ as Chagas abertas, mas no meyo de cada hũa dellas estava hum cravo formado da mesma carne, que as traspassava, negro, ou entre negro, & azul da cor de ferro. Mais admiro estes cravos, que as mesmas Chagas. No Cruçifixo Christo padeciaõ

cião as mãos, padeciaõ os pès, padeciaõ as Chagas; mas os cravos duros, & insensiveis não padeciaõ. Porém no Crucifixo Francisco não só os pès, & as mãos, não só as Chagas em carne viva, mas també os cravos padecem. No Calvario quebráraõ-le as pedras mostrando dor; mas não tinhaõ dor, porque eraõ insensiveis: os cravos mais duros que as pedras, nem tinhaõ dor, nem mostravaõ dor, antes causavaõ acerbissimas dores; & porque em Christo causáraõ dores, por isso em Francisco são capazes de dor. Cravos vivos, cravos sensitivos, cravos racionaes, para que conhecendo a razão de sentir, padecessem a dor, & mais a causa. Oh Espirito! Oh amor mais q̃ miraculoso!

383 Apprehendeo o amor de Francisco tam viva, tam forte, tam dolorosamente o tormento, & offensa daquelles cravos, que os transformou, & os informou, & os vivificou

em si mesmo. Não tem parelha esta maravilha: só em Moyles teve hũa semelhãça. Estava Moyles com Deos naquelle monte, onde tambem orou, & jejuou outros quarenta dias como Francisco: reveloulhe Deos o que passava no campo, & no Exercito, & como lá estava o ingratisimo Povo adorando hum bezerro, & publicando a vozes que aquelle era o Deos, que os libertára do Egypto. E que succedeo a Moyles neste caso? Desce Moyles do monte, olhaõ todos para elle, & vem que na testa (fosse a materia qual fosse) lhe tinhaõ nascido, & sahido duas pontas: *Ignorabat quòd cornuta esset facies sua.* Pois duas pontas, & de tam feyo nome na cabeça de Moyles nesta occasião, & não em outra? Sim; porque como era taõ amante de Deos, & tam verdadeiro zelador de sua gloria, transformou em si mesmo os instrumentos das offensas de seu Senhor.

Exod  
34.29.

Como

384 Como o Povo offendiã bruta-mente a Deos idolatrando , & o instrumento bruto desta offensa era hum bezerro com duas pontas na testa ; foi tal a força da dor , do amor , & do zelo de Moyles , que transformou em si , & informou , & vivificou effes mesmos instrumentos na parte mais sensivel de si mesmo: *Quòd facies ejus esset cornuta.* Ah zelador da honra de Deos, mais zelante que Moyles ! Ah amador de Deos , mais amante que Moyles, Francisco ! Do vosso adorado Crucifixo disse o Profeta : *Cornua in manibus ejus* : dando este fero nome áquelles duros cravos ; mas porque elles foraõ duros, & feros , vòs os transformastes em vòs , desafiando a sua dureza no vosso sentimento , & emendando a sua insensibilidade na vossa dor.

385 Assim supprio Frãncisco o defeito dos cravos, & assim també o da Cruz , que foi o segundo instru-

mento , que concorreo du-ramente à impressã das primeiras Chagas. Notou S. Boaventura que os cravos das Chagas de Francisco , não só lhe traspassavaõ as mãos , & os pès , senãõ que da parte opposta estavaõ torcidos , dobrados , & como rebatidos: *Ipsa verò acumina oblonga, retorta, & quasi re-percussa.* Grande mysterio. Os cravos pregaõ-se no Crucificado , mas não se dobraõ , nem se rebatem , senãõ na Cruz : logo São Francisco era o Crucificado , & mais a Cruz juntamente. Mas porque era tambem Cruz? Para emendar o defeito da Cruz de Christo. Na Cruz de Christo padecia o Crucificado, mas a Cruz não padecia. Por isso Francisco se fez a si mesmo Cruz , para ser Cruz padecente. Agora reparai na differença de hũa Cruz a outra Cruz. Na Cruz do Calvario padecia Christo , porque estava em carne mortal; mas a Cruz não padecia , porque era inlen-

Habac.  
3.4.

insensível : na Cruz de Francisco, Christo não padecia, porque estava já immortal, & glorioso ; mas a Cruz padecia , porque era Cruz viva, Cruz sensitiva, Cruz racional: passivel, & verdadeiramente padecente. Assim o disse o mesmo Christo por boca de David , gloriando-se não pouco desta nova Cruz. Ouvi o passo, em que ha muito, que ouvir.

Psal. 68. 3.

386 *Infixus sum in limo profundi, & non est substantia:* Falla o Profeta literalmente de Christo, como entendem todos os Padres, & Interpretes: & diz Christo que se crucificou a si mesmo no barro do profundo: *In limo profundi* Já a Cruz de Christo não he de madeira, senão de barro. E que Cruz de barro, ou que barro feito em Cruz foi este? S. Bernardo diz que foi o barro de Adão: aquelle barro, de que diz o Texto sagrado: *Formavit Deus hominem de limo terræ.* As palavras de Bernardo são estas: *Fortasse*

Genes. 2. 7.

Tom. 12.

*Crux ipsa nos sumus, cui Christus memoratur infixus. Homo enim formam Crucis habet; quam, si manus extenderit, exprimit manifestius. Loquitur autem Christus in Psalmo: Infixus sum in limo profundi: limum quidem nos esse manifestum est, quoniam de limo plasmati sumus.* Demaneira q quando Deos, tomando a natureza humana, unio a si o nosso barro, então diz S. Bernardo que se crucificou Deos em hũa Cruz de barro ; porque se crucificou no homem. A razão porque não póde subsistir a segunda parte desta interpretação, logo a vereis. Que Cruz de barro foi logo esta?

Bernard  
Serm. 4.  
in vigil.  
Nativit.

387 Digo que foi S. Francisco ; porque tendo barro como os outros homens, foi o barro do profundo: *Infixus sum in limo profundi.* Olhar para todo o genero humano, para toda esta massa do barro de Adão: na superficie, & no alto estão os soberbos, barro, que todo se desfaz.

Z em

em vapores: no meyo estaõ os que não são soberbos, nem humildes: no fundo estaõ os humildes: & no mais profundo deste fundo quem está? Francisco, que foi o mais humilde de todos os humildes. Este barro pois do profundo foi a Cruz, em que Christo se crucificou: *Infixus sum in limo profundi*. O mesmo Profeta o declarou, ajuntando a differença individual de Francisco: *Infixus sum in limo profundi, & non est substantia*. Santo Agostinho: *Et non est substantia, id est, non sunt divitiæ; quia ipse ille limus paupertas erat*. Substância quer dizer, riquezas, & bens temporaes. Assim se diz do Prodigio: *Dissipavit omnem substantiam*. E este barro do profundo, em que Christo se crucificou, era tam pobre, que era a mesma pobreza: *Quia ipse ille limus paupertas erat*. Vede se era Francisco, & se he esta a sua differença individual: *Infixus sum in limo profundi, & non est substantia*.

S. Aug.

Luc. 15.  
13.

388 Os que querem engrandecer a semelhança destas duas estampas, dizem: Despi a Francisco, & vereis a Christo: vesti a Christo, & vereis a Francisco. Isto significaõ aquellos dous braços cruzados, hum nũ, outro vestido, ambos chagados. Perdoai-me, senhores: não pintais bem, ou trocai os pensamentos: O braço vestido he o de Christo, o nũ he o de Francisco. Porque? Porque, *non est substantia*. A pobreza de Christo, em quanto exemplar nosso, foi mais conveniente; mas a pobreza de Francisco, em quanto pobreza, foi mais nua, & mais pobre; porque Christo, alẽm do dominio alto de todo o universo, he de Fè, & assim está desinido, que ou em particular, ou em commum, teve dominio de algũas cousas. Mas em Francisco, *Non est substantia*; porque nem em particular, nem em commum, teve dominio de coula algũa. Os vestidos de que despiraõ a Christo

na Cruz, eraõ de Christo: a tunica, de que está vestido Francisco, não he de Francisco. Logo o braço de Francisco he o braço nù, ou se deve tambem despir o braço de Christo. Mas se ambos nùs, ambos chagados, onde acharemos a differença? Só a Fè lha pòde achar, & assim o advertio o mesmo Texto.

389 *Infixus sum in limo profundi, & non est substantia.* Lè o Grego: *Et non est hypostasis.* A differença de hum Crucificado a outro Crucificado, he, que num ha uniaõ hypostatica, no outro não. A Humanidade de Christo, como dizia S. Bernardo, foi a Cruz de barro, em que se crucificou a Divindade; & o corpo de Francisco foi a Cruz tambem de barro, em que se tornou a crucificar a Humanidade de Christo. E para que? Para supprir na segunda Cruz os defeitos da primeira. Porque a primeira Cruz foi hũa Cruz dura, hũa Cruz cruel, hũa Cruz def-

humana, hũa Cruz, que mostrando dor, & sentimento atè as pedras, só ella se mostrou insensivel: seja logo Francisco hũa segunda, & nova Cruz, Cruz sensitiva, Cruz humana, Cruz amorosa, Cruz crucificada, Cruz, que tome em si as dores, Cruz, que não cause as penas, mas as padeça: Cruz em fim, que desfça, & emende os defeitos da primeira: *Adimpleo ea quæ desunt passionum Christi, in carne mea.*

## §. V.

390 **O** Terceiro, & ultimo defeito foi das mesmas Chagas impressas. Porque ainda que as Chagas dos pès, & mãos, toraõ perfeitas Chagas, a Chaga do Lado, que era a que mais pertencia ao coração, foi Chaga imperfeita, & quasi não foi Chaga, nem Christo a estimou tal; porque foi Chaga sem dor. Na ultima hora, & quasi nas ultimas respirações da vida, disse Christo:

Joann.  
19. 28.

sto : *Sitio*: Tenho sede ; & disse , *Sitio* ; diz o Euangelista ; porque sabia o Senhor que já estavaõ acabados todos os tormentos da Paixão , & compridas todas as Escrituras : *Sciens , quia omnia consummata sunt , dixit : Sitio*. Devagar , Senhor meu : Nas Escrituras está profetizado que haveis de padecer o golpe da lança : *Circumdedit me lanceis suis , convulneravit lumbos meos*. Pois se ainda falta a Chaga do Lado , & a ferida da lança ; porque dizeis que está tudo acabado : *Omnia consummata sunt* ? Porque a ferida da lança foi ferida , que a não havia de sentir Christo ; porque a havia de receber depois de morto : & feridas , que se não sentem , ainda que sejaõ no coração , não são feridas. A Chaga do Lado era Chaga sem dor : & Chaga sem dor , não he Chaga. Por isso S. João discreta , & advertidamente não disse que feriraõ o Lado a Christo , senão que lho abrião , co-

Ibid.

Job 16.  
14.

mo agudamente natou S. Agostinho: *Vigilanti ver-  
bousus est , ut non diceret , latus ejus percussit , aut vulneravit*. Não disse que a lança ferio o Lado , senão que o abriu : *Latus ejus aperuit* ; porque feridas , & Chagas , que não doem , não são Chagas , são aberturas : *Aperuit*.

391 Sentio Christo tanto este defeito , ou esta falta de dor na Chaga do seu coração , que não pedindo a seu Padre , que o dispensasse de algum outro tormento , sô do golpe da lança pedio que o livrasse: *Erue à framea , Deus animam meam*. Senhor , livraime da lança , que me ha de rasgar o peito , mas não me ha de causar dor. E que respondeo o Padre a esta petição ? *Framea suscitare super Pastorem meum , & super virum coherentem mihi*. Já que , Filho meu , repugnais tanto essa lança , porque não haveis de sentir o golpe della ; eu vos prometo que assim como vos heide resuscitar a vòs ,  
resul-

S. Aug.

Joann.  
19. 34.Psaln.  
21. 21.Zachar.  
13. 7.

resulcitarei tambem a mesma lança , & a meterei no peito de hum homem muito unido comigo, & Pastor do meu rebanho, para que se suppra na sua dor a falta da vossa. Já que vós não padecesteis a dor da lança da , Francisco a padecerá. Assim foi ; & para que o vejais com os olhos , ponde-os naquelle galhardo mancebo , suspenso entre o Ceo , & a terra, pendente dos braços de hũa enfiha, espirante, alanceado , morto. Bem entendeis que fallo de Absalaõ , figura de Christo crucificado , como dizem cõummente os Interpretes. Figura de Christo , porque filho de David : figura de Christo ; porque o mais fermoso dos homens ; porque morto contra o preceito de seu pay ; & finalmente, porque Absalaõ quer dizer , *Filius patris* , o filho do padre. Nem descompoem o primor da figura os peccados de Absalaõ ; porque Christo na Cruz tinha sobre si todos os pec-

Tom. 12.

cados do mundo ; & particularmente o da delobediencia de Adão.

392 Só Joab parece q̃ a descompoz totalmente ; porque diz o Texto sagrado que pregou tres lanças no peito de Absalaõ :

*Infixit tres lanceas in corde Absalon.* Pois se Absalaõ <sup>2.Reg. 18.14.</sup>

era figura de Christo, & o peito de Christo foi aberto com hũa só lança: *Lancea latus ejus aperuit*; como se vem tres lanças no peito de Absalaõ ? A segunda lança bem suspeito eu qual foi ; porque vejo ao pè da Cruz aquella affligidissima Mãe , a quem disse Si-meão: *Tuam ipsius animam* <sup>Luc.2.</sup>

*pertransibit gladius.* Qual <sup>35.</sup>

foi logo a terceira lança, & qual o peito , que traspassou , & ferio ? Claro está que foi o peito de Francisco ; mas com admiravel propriedade, & differença. A lança, que abriu o peito de Christo, foi hũa só , mas as lançadas foraõ tres : hũa em Christo , outra em Maria , outra em Francisco. A de Christo ferio o

Z iij Corpo,

Corpo , mas não ferio a Alma : a de Maria ferio a Alma , mas não ferio o Corpo : a de Francisco ferio o corpo , & juntamente a alma. Christo recebeu o golpe , mas não sentio a dor : Maria sentio a dor , mas não recebeu o golpe : Francisco recebeu o golpe , & sentio a dor.

393 Mas , Francisco meu , segunda estampa de Christo : não bastará , que se conforme a estampa cõ o original ? Se as vossas Chagas são sensitivas , & racionais, ponhamolas em ração. As quatro , q̃ Christo padeceo , padecei-as : a quinta, que elle recebeu , & não sentio, tende-a embora no peito , mas não a padeçais. Doeivos com Christo vivo , & doloroso ; mas doervos tambem com Christo morto , quando já não padece , nem pôde padeecer dor ? Sim ; porque a primeira dor foi compaixão , a segunda he fineza. Mostráraõ dor , & publicáraõ sentimento na Paixão , & morte de Christo ,

todas as creaturas insensíveis do Ceo, & todas as da terra ; mas com hũa differença por ventura não advertida. O Sol escureceo-se em todas as tres horas , em que Christo esteve vivo na Cruz ; tanto que o Senhor espirou , tirou o capuz o Sol , & tornou-se a revestir de luz , & alegrou o mundo , como dantes :

*A sexta autem hora tenebræ factæ sunt super universam terram, usque ad horam nonam.* A terra não o fez assim : em quanto Christo esteve vivo na Cruz , estiverão suspensas todas as creaturas do mundo inferior ; tanto que o Senhor espirou, treme a terra, quebraõ-se as pedras , abrem-se as sepulturas , rasga-se o veo do Templo : tudo cõfusão , tudo tristeza , tudo dor , tudo sentimento : *Exclamans voce magna emisit Spiritum : & ecce velum Templi scissum est in duas partes : terra mota est : petreæ scissæ sunt : & monumenta aperta sunt.* Pergunto agora : E qual foi mayor de-

Math.  
27. 45.

Ibid. 50.  
51. 52.

monstra-

monstração de amor , a do Ceo, ou a da terra? Em genero de fineza , não ha duvida que a da terra. O Ceo obrou como compassivo : a terra como fina. O Ceo como compassivo ; porque se conducu com quem padecia : a terra como fina : porque se docu de quem já não padecia , nem podia padecer. Como a terra he a patria das dores , não he muito que em se saber doer venceffe ao Ceo.

394 Mas estes extremos, que entre o Ceo, & a terra estiveraõ divididos , ambos se uniraõ, & multiplicaraõ no coração de Francisco , que pôde ensinar amor ao Ceo , & à terra. Não se contentou com o conselho do Apostolo : *Hoc enim sentite in vobis, quod & in Christo Jesu.* Sentio o que Christo sentio , & o que não sentio tambem: padecente com Christo padecente, & padecente com Christo impassivel. Nas quatro Chagas padecete cõ Christo, porq̃ Christo as padeceo ; na quin-

ta Chaga padecente por Christo , porque ainda que Christo a não padeceo, era Chaga de Christo. Este foi o porque. Mas para que ? Para que a dor , que faltou no Lado de Christo, se suprisse na dor do Lado de Francisco : *Adimpleo ea ; que desunt passionum Christi in carne mea.*

## §. VI.

295 **T**Enho acabado o meu discurso , & so quizera que o fim delle fosse o mesmo fim , que teve Christo nesta segunda impressaõ das suas Chagas. Qual foi o fim em respeito de nós , porque tornou a estampar Christo as suas Chagas em S. Francisco ? Só Roma como interprete de todos os Oraculos Divinos , o podia saber dizer, & ella o disse. *Qui frigescente mundo , ad inflammanda corda nostra tui amoris igne , in carne Beatissimi Francisci passionis tue Stigmata renovasti.* Renovou Christo as

Z iij      suas

suas Chagas em Francisco, para que o mundo, que tanto se vai esfriando, se accendesse no fogo do seu amor. Pois para accender, & inflâmar o mundo naquelle fogo, que Christo veyo trazer à terra, não feriaõ mais efficazes as Chagas do mesmo Christo? Não; porque as Chagas de Christo, ainda que accendem por hũa parte, por outra parte esfriaõ. Ao exemplo de Christo posso responder que elle era homem, & Deos; mas eu sou homem sómente. Esta escusa da nossa fraqueza he a que nos esfria. Mas ao exemplo de Francisco, que era homem como eu, não tenho outra reposta, senão arder como elle. São Paulo, que foi o S. Francisco do Apostolado: *Ego stigmata Domini Jesu in corpore meo porto*; que he o que dizia? que imitassemos a Christo, & as suas Chagas? Não: *Imitantes mei estote, sicut & ego Christi*: não dizia que imitassemos a Christo, senão a

elle; porque para imitar a Christo, podia ter algũa escusa a nossa fraqueza; mas para imitar a Paulo, puro homem como nós, não podemos ter nenhũa escusa. Os rayos que despedidos do corpo do Sol não accedem, passados por hũa vidraça ferem logo. Por isso se entrou Christo crucificado naquelle espelho de Francisco: *Ut frigidus mundo, instānaret corda nostra*.

396 E se he necessario que a materia esteja disposta: em nenhũa parte do mundo ha mais aparelhadas disposições, que nos corações de Italia. Grande caso he, & tam glorioso como grande, que imprimindo Christo duas vezes as suas Chagas, ou visivel, ou invisivelmente, ambas estas impressões se fizessem em Italia: as Chagas invisiveis em Catherina de Sena: as Chagas visiveis em Francisco de Assis. Oh gloriola Nação, escolhida, & amada de Christo para se transformar nella!

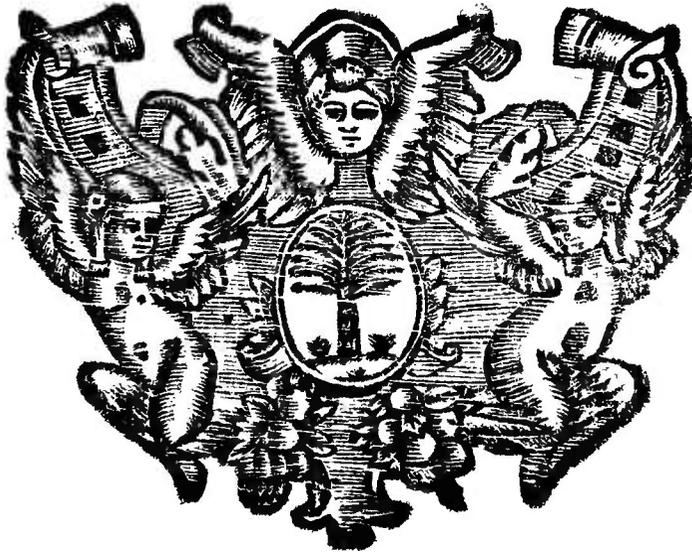
Gal. 6.  
17.

2. Cor.  
4.16.

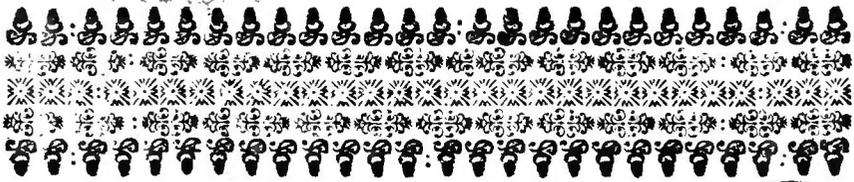
nella ! Esta he aquella unica Nação , na qual se verificou o que tinha profetizado a Sabedoria da Imagem de Christo transformada: *Imago bonitatis illius: & in se permanens omnia innovat , & per nationes in animas sanctas se transfert.* Arda pois Italia neste Divino fogo , & arda Roma ;

que se a cabeça do mundo arder , todo o mundo , por mais frio que esteja , se inflamará. E com esta ultima efficacia de suas Chagas supprirá tambem Frâncisco o effeito , que ainda falta às Chagas de Christo : *Adimpleo ea , quæ desunt passionum Christi , in carne mea.*

Sap. 7.  
2. 7.



SER-



# S E R M A Ò

D E

## S. JOSEPH,

Dia em que fez annos El Rey D. Joáo o IV na  
Capella Real , anno de 1642.

---

*Cùm esset desponsata Mater Iesu Maria Ioseph.*  
Matth. 1. 18.

§. I

397



Uestaó foi muy duvidada entre os antigos, qual dia desta vida era mais felice, se o primeiro, se o ultimo; se o do nascimento, se o da morte. Daqui veyo, que seguindo varias gentes varias opi-

niões, hũas se alegravaõ nos nascimentos, outras os celebravaõ com lagrimas: hũas se entristeciaõ nas mortes, outras as solemni- zavaõ com festas. Chegou finalmête a duvida ao Tribunal d'El Rey Salamaõ, o qual inclinando-se à parte, que parecia menos pro- vavel, resolveo que me- lhor

Ecclef.  
7.2.

lhor he o dia da morte, que o dia do nascimento : *Melior est dies mortis die natiuitatis.* Com isto estar resoluto , & definido assim na Escritura , hoje parece que temos a mesma questão ou concordada , ou resuscitada ; porque estamos por mercê de Deos em hũa dia tam glorioso por hũa morte , tão felice por hum nascimento , que bem se pôde competir dentro em si mesmo , ou a vencer felice suas glorias, ou a vencer glorioso suas felicidades. Consegrou-se este dia ás glorias do Ceo com a morte do mayor Santo , que nelle reyna , o Divino Esposo da Virgem Maria , S. Joseph : & consegrou-se outra vez o mesmo dia ás felicidades de Portugal , com o nascimento felicissimo do mais desejado Rey, & mais benemerito , ElRey nosso Senhor Dom João o IV. para que sobre os trinta & oito , que hoje conta , continue por muitos, & muy compridos annos as prosperidades , que

goza. Morre hoje Joseph , & nasce Sua Magestade. Que ventura tam reciproca ! Nem Joseph morrendo podia deixar no mundo melhor Substituto : nem Sua Magestade nascendo podia entrar no mundo cõ melhor Planeta.

398 Estando Christo Redemptor nosso na Cruz olhou para S. João, o Discipulo amado , & encarregoulhe que tivesse cuidado de servir , & acompanhar a sua Santissima Mãe. Reparaõ alguns Santos em não dar o Senhor este cargo a outro Apostolo , senão a S. João ; porque ainda que em São João concorriaõ todas as qualidades, em algũas era igualado , & em algũa excedido ; & para Mordomo da Rainha dos Anjos todos o excediaõ no attributo da ancianidade. Pois se era mais moço João, & havia outros amados, & mais parentes , porque não escolheu Christo a outro Discipulo, senão a S. João para este officio ? A razão foi ;  
porque

porque o officio de acompanhar, & servir á Senhora, era officio de S. Joseph, em quanto viveo: & para substituir em ausencias de Joseph, quem havia de ser, senão João? Não he menos que de S. Cypriano o pensamento: *Ut non tam Joseph oneretur tanti ministerii praepositura, sed Joannes.* Morrêra Joseph: vagára no mundo aquelle grande lugar; & para substituir em sua morte, para succeder em sua ausência, ninguem havia no mundo que estivesse a caber, senão, quem? João, o amado de Deos. João o amado de Deos substitue a Joseph: *Non tam Joseph, sed Joannes.*

399 E isto quando? No dia de seu nascimento. Parece que não pôde ser; porque nem o Real, nem o nascimento podem competir a S. João aqui. Ora tudo foi. Quando Christo deu a S. João o cuidado de servir á Senhora, as palavras que disse foraõ estas: *Mulier, ecce filius tuus.* Mu-

lher, eff-ahi teu filho. *Dein-* Ibid. 27.  
*de dicit Discipulo: Ecce Mater tua*: João, eil-ahi tua Mãy. Mãy. & Filho, de que maneira? Mãy tinha S. João, mas era Maria Salome: Filho era, mas do Zebedeo. Pois se estes eraõ seus pays, como se chama João filho da Senhora, & a Senhora Mãy de João? He porque João tornou a nascer nesta hora, & nasceu só da Virgem por força das palavras de Christo. Authores houve, & entre elles expressamente S. Pedro Damiaõ, que disseraõ, que assim como as palavras, *Hoc est Corpus meum*, ditas hũa vez por Christo, tiveraõ força para converter o paõ em Corpo do mesmo Christo; assim as palavras, *Mulier, ecce filius tuus*, tiveraõ força para fazer a S. João, & o converterem de filho do Zebedeo em filho de Maria.

400 De maneira, que S. João teve dous nascimentos: hum nascimento natural, com que nasceu filho do Zebedeo; outro nasci-

nascimento sobrenatural, com que nasceo filho da Mãe de Deos. Pelo primeiro nascimento nasceo nas prayas do Tiberiades; pelo segundo nascimento nasceo ao pé da Cruz. Pelo primeiro nascimento nasceo de geração humilde; pelo segundo nascimento nasceo da mais illustre, & Real profapia, que havia no mundo, filho de hũa Senhora, herdeira de hum Rey morto à mão de seus inimigos: *Jesus Nazarenus Rex Judeorum*. Assim nasceo S. João segunda vez, & assi n foi necessario que nasceo, para succeder no lugar de S. Joseph, como succedeo; porque ló se pôde substituir dignamente a morte de Joseph, com que? com o nascimento Real de hum João, o amado de Deos: *Discipulum, quem diligebat: Mulier ecce filius tuus: Non tam Joseph, sed Joannes.*

## §. II.

401 **S**O vejo me podê reparar os curio-

los em fallar no dia de S. Joseph por termos de morte, sendo que mais devia com hum, & outro intento chamarlhe nascimêto; porque assi n chama a Igreja às mortes dos Santos: *Natalitia Sanctorum*. Se eu não fora mais amigo da verdade, que da propriedade, assim o fizera; mas as mortes de outros Santos podem-se chamar nascimentos; a morte de S. Joseph não. As mortes de outros Santos podem-se chamar nascimentos; porque quando morrêrao à vida temporal, nascêrao à vida eterna Não assi n S. Joseph. Como não estava ainda aberta a porta do Ceo, quando São Joseph morreo, não foi o Santo no dia de sua morte à Gloria, senão ao Limbo. Ao Limbo S. Joseph neste dia? Valhame Deos, que duvidolo horoscopo! Não sei eu como poderei provar o que entrei dizendo, que não se podia nascer com melhor Planeta. Dizem os Mathematicos, que nascer com

Bocarto  
in Ana-  
ceph-  
leofim  
Reg.  
Lutit.

com os Planetas debaixo da terra, he prognostico de infelicidades. Pois se S. Joseph neste dia seu o temos todo debaixo da terra, o corpo na sepultura, a alma no Limbo; que influencias podemos esperar deste Planeta em tam funesto sitio? Ora digo que he felicissimo auspicio ter neste nascimento a São Joseph debaixo da terra; porque ainda que os Planetas debaixo da terra tenham perigosas influencias, tiraõ-se por exceiçãõ os Planetas, que são Jofes: os Planetas que são Jofes, para influirem felizmente, haõ de estar debaixo da terra.

402 Estava o Patriarca Joseph em Egypto: morreo; & diz o Texto sagrado, que depois de sua morte, crescêraõ muito os Israelitas em numero, & poder: *Quo mortuo, creverunt filii Israel quasi germinantes multiplicati sunt, ac roborati nimis, impleverunt terram.* Que os filhos de Israel crecessem pelos mere-

cimentos de Joseph, não me admira; antes assim havia de ser, que isso quer dizer Joseph, augmento, & crescimento: *Joseph accrescens.* O que me admira he, que crescessem os Israelitas depois d'elle morto: *Quo mortuo.* Se Joseph quer dizer crescimento, & os filhos de Israel crescêraõ por sua influencia, porq̃ não crescêraõ em sua vida, senão depois de sua morte? A razão he; porque para se lograrem as influencias de Joseph, ha de estar debaixo da terra. Delicadamente o tirou Hugo Cardeal do mesmo Texto. Diz o Texto que: *Creverunt quasi germinantes, crescêraõ os filhos de Israel, assim como crescem as plantas.* Bem dito, diz Hugo: *Uno grano emortuo, multa creverunt:* Crescêraõ os filhos de Israel como as plantas; porque assim como as plantas, para nascerem, & crescerem, he necessario que a virtude de que nascem, se enterre primeiro debaixo da terra: assim pa-

Exod. 1.  
7.

ra que a virtude de Joseph influisse augmentos nos filhos de Israel, foi necessario, que elle morresse, & se enterrasse primeiro: *Quo mortuo creverunt*. Os outros Planetas haõ de estar em cima, mas os Joses debaixo da terra.

403 Grande advertencia de Filo. Pode-se duvidar a razão, porque Joseph se mostrou tam benigno, & fez tantos favores, & mercès a seus irmãos, de quem recebèra tantos agravos. Digo que se póde duvidar; porque bem mostráráõ os primeiros dous irmãos, Caim, & Abel, que não basta a razão de irmandade para abrandar corações. E se hum irmão respeitado mata; hum irmão offendido, que fará? Pois se Joseph estava tam offendido de seus irmãos, como se mostrou tam benigno, & liberal com elles? A razão disse Filo, que foi, por hũas palavras que disseraõ a Joseph os irmãos. Quando lhe deraõ conta de si, disseraõ que eraõ doze; os

dez que alli estavaõ, hum que ficára com o pay, & outro que morrèra, que era o mesmo Joseph. As palavras foraõ estas: *Duodecim fratres sumus: minimus cum patre nostro est, alius non est super*. O menor de todos Benjamin ficou com o pay: o outro que era Joseph, *Non est super*, já não está em cima, está debaixo da terra. Já está debaixo da terra Joseph? Por isso se mostrou tam benigno, & liberal com os irmãos, diz Filo: *Alius non est super, de se loquentes audiens, quid anima habere potuit?* Ouvindo dizer Joseph, que já não estava em cima, senão que estava debaixo da terra, que outra cousa pode fazer, senão amar, favorecer, & influir beneficamẽte liberalidades? Os outros Planetas para influirem benignamente, haõ de estar em cima; mas Joseph quando não está em cima, senão debaixo da terra, como hoje ( assim tem o Hebreo: *Hodie non est super* ) no dia em q̃ não está em

Genes.  
42.13.

em cima, senão debaixo da terra, então influe vida, merces, felicidades, & augmentos.

## §. III.

404 **T**emos visto no nasciméto Real de João o amado, & o sitio do Planeta, em que nasce, debaixo da terra, no mesmo, ou semelhante dia; & porque os dias, como diz David, tambem se fallaõ, & se entendem huns com os outros: *Dies diei eruñtat verbum*; com razaõ perguntará o dia do nasciméto de Sua Magestade ao dia, em que nasce, de S. Joseph, que influencias pôde, ou deve esperar de tam Divino Planeta. A reposta não he como a dos Mathematicos davidosa, & incerta, mas tam certa, & sem duvida, como tudo o que dizem os Evangelistas. Vamos ao nosso Evangelho, que he de São Matheus, no Capitulo primeiro, & ouçatnos com admiravel propriedade o que diz, como se fallára deste

dia, & do nosso caso. *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.* Estava, diz, a Mãy de Jesus, Maria, despolada com Joseph. Onde se deve advertir, que a palavra, desposada, não significa promessa reciproca de vodas futuras, senão verdadeiro, & actual matrimonio por contrato, & palavras de presente, como consta do mesmo Texto: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam;* mas a cortesia do Evangelista não disse, casada, senão despolada; como termo mais decente, & decoroso. O que supposto, era a Senhora já Mãy de Jesu, porque tinha concebido ao Verbo Eterno; mas antes de Mãy, primeiro desposada. E porque? Como era, & havia de ser sempre Virgem, tanto importava ser primeiro desposada, como depois: porque razaõ logo ordenou a Providencia Divina, que não concebesse ao Filho de Deos, senão depois de desposada: *Cum esset desponsata Ma-*

Matth.  
1.20.

ter

ter Jesu? A razão principal he ; porque convinha , & era necessário , que a Conceição , & parto da mesma Virgem estivesse encuberto : *Ut virgineus partus celeretur.* Assim o dizem S. Jeronymo , S. Basilio , S. João Damasceno , S. Ambrosio , S. Bernardo , & he commum dos Santos Padres. Constava da sagrada Escritura pelo oraculo , & testemunho do Profeta Isaias , que o Messias , & Rey prometido para Redemptor do mundo havia de nascer de hũa Virgem : *Ecce Virgo concipiet & pariet filium.* E porq̃ este Rey não só na terra , senão no mesmo inferno , havia de ter muitos emulos , & inimigos , esta era a importancia , & necessidade porq̃ convinha , & tinha ordenado a Divina Providencia , que estivesse encuberto a todos , como com effeito se encobrio no Desposorio , ou Matrimonio da Virgem Santissima com S. Joseph , parecendo que não tinha mais mysterio a Cõ-

Tom. 12.

ceição , & Nascimento daquelle Filho , que o commum , & ordinario dos outros homens.

405 Que semelhança tem agora , ou que propriedade em S. Joseph a providencia de Deos neste mysterio com o nascimento de Sua Magestade , q̃ Deos guarde , no dia do mesmo Santo ? Disse-o Ruperto com hũas palavras , que se lhe pediamos as fizesse de encomenda , não vieraõ mais nascidas ao intento : *Ut esset Sponsus , custosque Beatae Virginis , ac nati ex ea Regis.* Desposa-se Joseph com Maria , & nomeadamente com Maria Mãe de Jesu , porque o fim destes Desposorios foi ler Joseph Esposo da Virgem , & Guarda do Rey nascido : *Custos nati Regis.* Oh grande excellencia ! oh grande gloria ! oh dignidade superior a todos os Santos a de Joseph ! Que os fóros da mesma Omnipotencia nasçaõ debaixo de seu amparo , & que não tendo Christo Anjo da Guarda , porque

Aa he

he Deos, tenha por Custodio hum homem, que he S. Joseph: *Custos nati Regis?* Grande gloria de Joseph, & grande graça tambem do nosso Rey, & Reyno! Que o amasse Deos, & cuydasse do seu remedio, com tam especial providencia, que o patrocínio que deu em seu nascimento ao Rey, que havia de restaurar o mundo; esse mesmo patrocínio desse em seu nascimento ao Rey, que havia de restaurar a Portugal! Hum, & outro nasceo debaixo da mesma protecção, hum, & outro nasceo debaixo da tutela, & amparo de S. Joseph: *Joseph custos nati Regis.*

406 Sendo pois estes dous Reys nascidos ambos Reys, ambos Redemptores, & ambos encubertos; o primeiro, como diz a profecia de Isaías: *Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator.* O segundo prometido pela profecia, & tradição de S. Isidoro a Espanha, não com outro nome, ou antonomasia, se-

não a do Encuberto; vejamos quam particularmente encubrio a hum, & outro, o que a hum, & outro deu Deos por guarda o cuidado, & vigilancia de S. Joseph. A Christo encubrio-o como Esposo de Maria, nove mezes, & treze dias desde sua Conceição até depois de seu Nascimento, em que o descubrio a Estrella no Oriente aos Magos, & os Magos em seguimento della a toda Judea. E como o encubrio? *Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus* LUC. I. 38.

*Altissimi obumbrabit tibi.* A Virgem Senhora nossa tinha dous Espolos, hum Divino, outro humano. O Esposo Divino era o Espirito Santo; o humano, S. Joseph. Do primeiro Esposo era obra o Filho concebido, como disse o Anjo á mesma Virgem: *Spiritus Sanctus superveniet in te*: acrescentando: *Et virtus Altissimi obumbrabit tibi*: que a virtude do Altissimo lhe faria sombra. E que sombra foi esta? ou quem

quem foi esta sombra? For-  
sem duvida o segundo Es-  
poso, a cuja sombra esteve  
a Virgem depois de des-  
posada, & com a sombra,  
& nome de Pay, encubrio  
o que verdadeiramente  
não era seu filho. Assim fi-  
cou o Rey, & Redemptor,  
que havia de ser do mun-  
do, encuberto desde sua  
Encarnação nove mezes  
atè seu Nascimento, &  
treze dias, atè que a Estrel-  
la, & os Magos, & Deos  
por elles o descubrio ao  
mundo: *Ubi est, qui natus*  
*est Rex Judæorum?*

Matth.  
2.2.

407 Mas se S. Joseph  
guardou encuberto a Chri-  
sto nove mezes, & treze  
dias; que comparação tem  
este tempo, que não chega  
a hum anno, com mais de  
trinta & seis annos inte-  
ros em que teve encuberto  
ao Rey encuberto de Por-  
tugal, desde o dia do seu  
nascimento atè o felicissi-  
mo de sua restituição? Ve-  
jo que me respondem, que  
S. Joseph não só encubrio a  
Christo naquelle primeiro  
anno não acabado, mas em

outros, cujo numero cer-  
to se não sabe, sabendo pe-  
lo Anjo que Herodes en-  
tre os Innocentes de Be-  
thlem queria tirar a vida a  
Christo, fugio de Judea  
para o Egypto, & depois  
da morte do mesmo Herodes,  
sabendo tambem por  
aviso do Ceo, que reyna-  
va em Judea Archelao seu  
filho, retirou-se para Ga-  
lilea. Desorte que para en-  
cobrir o primeiro Rey nas-  
cido, tomou por meyo tirallo  
diante dos olhos dos  
dous Reys seus inimigos,  
& escondello em terras es-  
tranhas. Porém para encu-  
brir o segundo Rey não só  
no seu nascimento, nem na  
sua infancia, puericia, ou  
adolescencia, senão na ida-  
de de varaõ perfeito em tão-  
tos annos, a traça com que  
o encubrio a outros dous  
Reys, que não menos lho  
podiaõ tirar a vida, & a  
Coroa, qual seria? Verda-  
deiramente milagrosa, &  
digna da Omnipotencia  
Divina. Dentro na mesma  
Espanha, dentro no mes-  
mo Portugal, & diante

Aa ij dos

dos olhos dos mesmos Reys, escondeo, & encuberto de maneira ao encuberto, que vendo-o, o não viao, nem viraõ. He certo que assim foi, mas duvidoso, como podia ser.

408 No dia da Resurreiçãõ ajuntou-se Christo aos dous Discipulos que hiaõ para Emaús, os quaes em todo aquelle caminho o viaõ, & ouviaõ, sem o conhecerem. Por ventura transfigurou-se Christo, ou mudou as feições de rosto? Por nenhum modo. Pois se eraõ seus Discipulos costumados a vello todos os dias, & agora o estavaõ vendo, & no seu rosto não havia mudança, como o não conheciaõ? Responde o Evangelista: *Oculi eorum tenebantur, ne eum agnoscerent.* A palavra *Tenebantur*, melhor se pôde entender, do que declarar na nossa lingua: *Tenebantur*, estavaõ detidos: *Tenebantur*, estavaõ prezos: *Tenebantur*, estavaõ suspensos: *Tenebantur*, estavaõ em si, & fóra de si, como

extaticõs õs olhos que o viaõ, & não conheciaõ. Fazendo este milagre nos Discipulos a Omnipotencia de Christo; & nos Reys, que tanto podiaõ temer, & acautelar-te do que hoje he nosso, a maõ invisivel de S. Joseph. Delde o principio em que se fizeraõ senhores de Portugal aquelles Reys estranhos; Philippe II. tinha diante dos olhos a Senhora D. Catharina; Philippe III. ao Duque D. Theodosio; Philippe IV. a Sua Magestade, que finalmente lhe tirou da cabeça a Coroa; & vendo-os, não conheciaõ o que nelles deviaõ reccar, & temer, cegando-os S. Joseph com a mesma luz de seus olhos: & cubrindo o seu, & o nosso Encuberto com o descubrir.

409 Assim desempenhou o grande Santo a obrigação, que tinha de encobrir, & provar o nome de encuberto no novo Rey nascido no seu dia: mas ainda lhe falta, ou nos falta hũa mayor consideraçãõ, &

& vigilância, deſte leu empenho. O odio, a emulação, a cautela, o receyo de perder o ganhado em Portugal, que tinhaõ os Reys eſtranhos, a grandeza do poder, & a doçura do poſſuir, podia liſongear, & adormecer todo eſte cuidado; mas da noſſa parte, & em nõs os Portuguezes, alèm da dor do perdido, eſtava com os olhos abertos ao remedio o amor, o deſejo, & a neceſſidade. O amor ainda que he cego para ver, he lince para adivinhar: o deſejo he hum affecto ſempre ardente, & inquieto, que não ſabe ſocegar hum momento: ſobre tudo a neceſſidade da redempção, da liberdade, & de Rey natural, era a que mais apertava os cordeis a eſte tormêto, & tinha com a çoga na garganta todos eſtes affectos. E como podia ſer, que ſendo velles tam vigilantes, & tendo ſempre o direito da Coroa, & a peſſoa do Rey a quem pertencia, diante dos olhos, de

tal forte a encubriſſe S. Joseph, que a ninguem viesſe ao pensamento ſer elle o que o havia de recuperar? Mas em encubrir o noſſo Encuberto, neste grande perigo de o declararem as evidencias, ou conjecturas de algum deſtes affectos, mostrou o Santo, quam alta, & delicadamente obſervou as obrigações do officio de o guardar: *Custos nati Regis*; equivocando milagrolamente hum Rey com outro Rey, & encubriendo hum vivo com outro morto. Perdeõ-le, ou morreo na batalha de Africa El Rey D. Sebaſtiaõ, & poderaõ ranto as ſaudades de hum Rey, que ſe tinha perdido a ſi, & a nõs, que ſem ſe divertirem aonde deviaõ, deraõ em esperar delle, & por ſua vida, & vinda, a noſſa redempção; & eſte foi o altiffimo cõſelho, com que S. Joseph deſbaixo das cinzas do Rey paſſado, & morto, conſervou, & teve encuberto o Rey futuro, & vivo. Não vemos conſervar ſe vivo o

fogo debaixo das cinzas, que o encobrem? Pois assim conservou, & encubrio S. Joseph a vida d' El Rey, que Deos guarde, debaixo das cinzas d' El Rey D. Sebastião defunto. He o que diz expressamente Isaías no Capitulo 61. Promete Deos alli de alegrar os tristes, de consolar os desconsolados, de libertar os cativos, & conclue que pelas cinzas lhe dará a Coroa: *Ut mederer contritis corde: & predicarem captivis indulgentiam: ut consolaver omnes lugentes; & finalmente: Et darem eis coronam pro cinere.* Assim estava Portugal triste, assim estava desconsolado, assim estava cativo, & assim lhe prometia S. Joseph a Coroa perdida debaixo das cinzas do Rey morto reputado por vivo; & assim conservava vivo, & encuberto aquelle, que verdadeiramente havia de restituir aos tristes, desconsolados, & cativos a Coroa perdida. Demaneira que encuberta a verdade debai-

xo do engano, a esperança debaixo da desesperação, a vida debaixo da morte, & a Coroa debaixo das cinzas, aos Principes estranhos, que tudo isto tinham por riso, não lhes dava cuidado o remedio; & os vassallos, amigos, & naturaes, que o tinham, pouco menos, quasi por fê, com milagrosa providencia, enganada a sua dor, o seu amor, o seu desejo, & a sua necessidade, se consolavaõ, & animavaõ da falsa, & equivocada esperança, até que a verdadeira debaixo della encuberta, ao tempo destinado pelo Ceo, lhe trouxe a felicidade que hoje logramos.

§. IV

410 **C**erto que ponderar cabalmente esta felicidade, será causa de não faltar nunca Portugal ao eterno agradecimento a S. Joseph. Que hũa vida, (não sejamos ingratos, por não saber o que devemos

devemos a Deos ) que hũa vida , em que estavaõ fundadas as consequencias , que hoje se lograõ , a pezar da emulaçaõ de dous Reys, debaixo de sua mesma jurdiçaõ se conservasse. ! Que nasça a decima sexta geraçaõ de Portugal tam esperada, & que sendo decima-sexta por tres vias , nem o amor dos naturaes , nem os ciumes dos estranhos em trinta & sete annos o descobrisse ! Vivo a pezar de tantas advertencias politicas, encuberto a pezar de tantas evidencias manifestas ! Grandes milagres da Providencia Divina ; & este segundo , a meu ver , ainda mayor. E senão, pergunto : Qual foi a razãõ , porque ordenou Deos que o Libertador, que havia de ser, de Portugal, se conhecesse tantos annos antes no mundo , não pelo nome de Libertador, senão pelo nome de Encuberto? A razãõ foi ; porque mayor milagre da Providencia era cõ-tervallo encuberto , que fazello Libertador. Fazel-

lo Libertador , foi deliberrarem-se os homens a hũa cousa muito util ; conservallo encuberto , foi cegarem-se os homens a hũa cousa muito manifesta : & mayor milagre he encobrir evidencias ao entendimento, que persuadir conveniencias á vontade. O que todos ponderaõ, o que todos admiraõ , o de que todos fazem mayor caso he, que se unissem, & concordassem as vontades de todo hum Reyno, para fazer o que fizeraõ. Muito foi; mas bem considerado, não foi muito; porque, que muito que as vontades dos homens se persuadissem a hũa cousa tam util, & tam honrosa, como ter Reyno, ter Rey, ter liberdade, viver sem cativoiro , & sem oppressãõ ? Porém que o Author felicissimo de todo este bem necessesse, & vivesse entre nós tam retratado pelos Oraculos Divinos , & ainda nomeado pelo proprio nome , & o tivesse Deos encuberto, sem que o amor, nem a emula-

ção, que são os dous affectos mais linceos, o descubrissem! Que o vissem os olhos, & que guardasse segredo o entendimento! Que suspirassem os desejos, & que não bastassem as mayores advertencias! Disfocado a evidencias, & encuberto a olhos vistos! Este he o mayor milagre, esta a mayor maravilha, mas agora exercitada, & muytos seculos antes já enfiada: por quem? Pelo Author da mesma protecção, S. Joseph.

411 Conta o Texto sagrado no quarto livro dos Reys, Capitulo onze, que em hũa occasião quizerão tirar a vida tyranicamente os herdeiros do sangue Real de Itrael ao menino Joás; porèm que Jozabá o livrou do perigo, & o creou escondidamente: *Abcondit eum, ut non interficeretur*, atè que passados alguns annos, os nobres do povo se unirão, & todos com as armas nas mãos entrarão no Paço Real, & impedindo as

guardas em hum Sabbado, acclamarão por Rey a Joás, & o metèrão de posse do Reyno, que lhe pertencia, lançando do Paço a Athalia, hũa senhora que então governava. Desta maneira refere o Texto este caso, & bem se vê, que he tam proprio do que succedeo em Portugal, que se ao nome de Joás se mudára o s, em m, se pudèra trasladar este Capitulo, & crescer-se em nossas Chronicas. Bem está: mas quem fez isto? a quem se deve esta façanha? quem ha de levar a gloria desta maravilha? Qué? S. Joseph. Diz Isidoro Iolano q̄ Jozabá, a cuja industria deve sua vida, & restituição Joás, foi figura de S. Joseph, Esposo da Virgem: *Joseph profecto in Jozaba praefiguratus est, quae Joas infantem clam nutrit, & aluit, ac Regem Israel tandem constituit*. Hei de construir as palavras ao pé da letra, para mayor gloria de S. Joseph, & mayor evidencia do nosso calo. *Joseph profecto*

feito in Fozaba praefigura-  
tus est. Verdadeiramente  
S. Joseph foi figurado , &  
representado em Jozabá :  
*Quæ Joas Infantem clam  
nutrivit , & aluit* : que  
guardou ao Infante Joás  
vivo, & encuberto: *Ac Re-  
gem Israel tandem constituit*:  
& finalmente o fez Rey de  
Israel, metendo-o de posse  
do Reyno, que lhe tocava:  
E não he isto mesmo , o  
que fez S. Joseph com o  
Rey , & Reyno de Portu-  
gal? Nem o caso pôde ser  
mais proprio ; nem eu  
quero dizer mais nesta  
materia.

412 Estas são as obri-  
gações em que S. Joseph  
tem empenhado a Vossa  
Magestade, Senhor ; & as  
consequencias dellas são ,  
que assim como S. Joseph  
não só foi Salvador do Sal-  
vador, senão também do  
mundo ; assim não foi só  
Salvador do nosso Liber-  
tador, senão também do  
Reyno libertado. Espero  
em Deos que o hey de pro-  
var literalmente. *Benede-  
ctio illius, qui apparuit in*

*rubo, veniat super caput Jo-  
seph.* A benção daquelle ,  
que appareceo na Carça ,  
desça sobre Joseph. Esta  
benção foi lançada ao Pa-  
triarca Joseph , & diz o  
Pelusota , & outros , q se  
comprio em S. Joseph, Es-  
poso da Virgem. E qual  
foi a benção daquelle , que  
appareceo na Carça a  
Moyse? Elle mesmo o dis-  
se : *Vidi afflictionem populi*  
*mei, & descendi ut liberem*  
*eum.* Vi a afflicção do meu  
povo debaixo do poder de  
hum Rey estranho, & des-  
ci do Ceo a libertallo. Pois  
se a benção do que appa-  
receo a Moyse na Carça ,  
he ser Libertador do povo  
oprimido do poder de hū  
Rey estranho , & esta ben-  
ção se comprio em Joseph,  
Esposo da Virgé; digaõme  
agora os Historiadores ,  
quando se comprio esta  
benção , senão na Restau-  
ração de Portugal. Vio o  
Santo as afflicções deste  
povo verdadeiramente seu ;  
& desceo do Ceo a liber-  
tallo, guardando com par-  
ticular providencia a vida  
do

Exod 3.  
7.8.

do nosso felicissimo Liberador, como fez à de Christo, segundo a protecção que tomou em hum, & outro nascimento: *Custos nati Regis*, que foi o fim com que se desposou com a Virgem: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

## S. V.

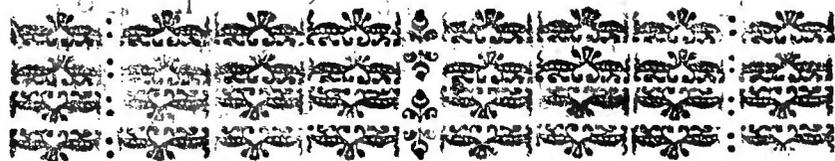
412 **T**enho acabado o Sermão; de todo elle quizera tirar somente hũa cousa, queira o Senhor, que seja tam bem recebida nos animos de todos, como he a todos necessaria & importantissima. O que concludo de todo este discurso he, que deve o Reyno de Portugal tomar solemnemente a S. Joseph por particular Avogado, & Protector de sua conservaçãõ, & augmentos. A razãõ que tenho para isto, he a mais efficaz, que pòde ser: Querer Deos que seja assim, nem nõs devemos querer outra cousa. Sonhou ElRey Faraó que

haviaõ de vir a seu Reyno aquelles quatorze annos de varia fortuna, & dizendo-lhe que importava prevenir-se de algum varaõ de grande prudencia, que superintendesse à conservaçãõ, & remedio do Reyno, *Placuit Pharaoni consilium*, Contentou o conselho ao Rey, & voltando-se para Joseph, disse: *Numquid sapienterem, & consimilem tui invenire potero?* Por ventura, Joseph, posso eu achar algum, que seja mais sabio, mais prudente, & em cujas mãos, & conselho esteja mais segura minha Monarquia? O Cetro, & a Coroa ponho debaixo do vosso patrocinio, mandai, ordenai, despendei não como vassallo, mas como pay. O mesmo digo do nosso calo.

412 Isidoro de Isolani já acima allegado, Author, que ha muitos annos que escreveo, admirando-se muito de que em seu tempo não fosse celebrado na Igreja o glorioso S. Joseph,

Joseph; concludo affirm: *Suscitabit Dominus Sanctum Joseph ad honorem nominis sui, caput, & patronum peculiarem Imperii militantis Ecclesiae.* Este ja embora esquecido por agora S. Joseph, & não seja sua memoria tam celebrada como merece; que Deos levantará este grande Santo a seu tempo, para que seja particular Padroeiro do seu Imperio na Igreja militante: *Patronum peculiarem Imperii militantis Ecclesiae.* Duas cousas havemos de saber para entendimento destas palavras; hũa, quando se começou a celebrar S. Joseph; outra, qual he no mundo o Imperio de Christo. O tempo, em que se começou a celebrar S. Joseph, foi pontualmente depois da perda d'El Rey D. Sebastião de triste memoria, & antes da felicissima restituicão à Coroa d'El Rey D. João nosso Senhor; para que posto entre a ruina do Reyno, & do remedio: compadecido da rui-

na, a remediaste. E o Imperio de Christo qual he? O mesmo Senhor foi servido de no lo explicar, quando disse a nosso Fundador, o Senhor Rey D. Affonso Henrique: *Volo in te, & in semine tuo Imperiũ mihi stabilire.* Quero em vós, & em vossa descendência estabelecer o meu Imperio. Pois se Deos levantano mundo a S. Joseph, quando quer levantar a Sua Magesta de por Rey: se o Imperio de Christo na Igreja militante somos nós; & S. Joseph hade ser particular Padroeiro deste Imperio: que resta, senão, que este tivamente se conclua de nossa parte, que he o constituir, & reconhecer com publica solemnidade a S. Joseph por Protector particular do Reyno de Portugal, & sua conserva- ção; dizendo a este Joseph, o que os Egypcios disserão ao outro: *Salus nostra in manu tua est, respiciat nos tantum Dominus noster, & læti serviemus Regi?*



# S E R M A Õ

D E

## S. ANTONIO,

Panegyrico, & Apologetico, contra o nome, que vulgarmente em Roma, na Igreja dos Portuguezes, se lhe dá de S. Antonino.

*Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur.*  
Matth. 5.

§. I.

413



Esgraça he minha, & nossa, & não sei se diga do mesmo Santo que celebramos, que quando havíamos de levantar trofeos, seja necessario tomar as armas, & defender dentro em Roma, a

quem tanto merecia triunfar nella. Eu, que hoje havia de fazer Panegyricos, sou obrigado a desfazer aggravos. E que aggravos? Os aggravos do nome de S. Antonio em Roma. Em Roma, cabeça, & adoração do mundo, em Roma, máy universal de todos os peregrinos, os aggravos daquelle

quelle peregrino Portuguez, que a pès descalços a visitou com tanta devação; a edificou com tantos exemplos; a illustrou com sua doutrina; & a admirou, & fez admiravel com o prodigio estupendo de seus milagres! Celebra hoje Portugal a Santo Antonio de Lisboa: Italia a S. Antonio de Padua: & já este não era pequeno agravo; mas he força dissimular os menos grandes, para acudir aos maiores. Não de termino disputar com Padua de tam longe: com Roma he o meu pleito, de Roma he a minha queixa, & não menos bem fundada, que no mesmo Texto do Evangelho, que propuz.

414 *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur.* Aquelle, que fizer, & ensinar, (diz Christo) esse terá o nome de Magno. Não póde ser a ley mais clara. Agora digame Roma o nome de Antonio Magno a quem o deu. Não o deu ao Antonio de

Portugal, senão ao Antonio do Egypto. Elle he, o que se nomea, & venera com a antonomasia de Magnus Antonius. Pois se o Evangelho tam conhecida mente promete o nome de Magno aos merecimentos do nosso Antonio, porque lho nega aquella Cidade, que contém em si a regra do mesmo Evangelho? porque lho nega & o dá a outro? Dirmeha por ventura Roma, que o outro Antonio foi muitos annos primeiro: & que quando o nosso veyo ao mundo já o nome estava dado. Mas lembrame a este proposito, o que já disse Tertulliano à mesma Roma: Não fostes vós meu Santo, o que tardastes; senão ella a que se apressou. Argue Tertulliano aos primeiros, que canonizaraõ os Deoses Gentilicos, & diz que ficaraõ sem altares, & sem nome os que melhor o mereciãõ: não porque a Antiguidade os quizesse excluir; senão porque se apressou: *Properavit opinor.*

Fez Deos da guerra a Marte? *properavit*; porq̃ se não se apressára tão to, fora Deos da guerra Scipiaõ. Fez Deos das Musas a Apollo? *properavit*; porque se esperára mais, fora Deos das Musas Homero. Fez Deos da Medicina a Esculapio? *properavit*; porque se aguardára mais tempo, fora Deos da Medicina Hippocrates. Fez Deos das Sciẽcias a Mercurio? *properavit*; porque se não se adiantára tanto, fora Deos das Sciẽcias Aristoteles. Eu não nego, antes venero, & adoro as excellencias do grande Antonio Africano; Sõ tenho para mim que se o mundo, & a cabeça do mundo se não anticipára, pôde ler a grandeza daquelle nome não a consagrára ao da Africa, senão ao da Europa; ao Portuguez, & não ao Egyptio.

415 Mas porque o meu intento não he tirar o direito adquirido, senão defender o tirado: já que o nome de Magno se deu àquelle Antonio; porque

senão havia de dar tambem ao nosso: *Hic magnus vocabitur*? Se entre os Capitães houve hum nome de Magno para Alexandre, & outro para Pompeo: se entre os Pontifices houve hum nome de Magno para Leaõ, & outro para Gregorio: se onde não havia, nem podia haver comparação, houve hum nome de Magno para Christo: *Hic erit Magnus*, & outro para o Baptista: *Erit Magnus coram Domino*; porque senão daria o nome de Magno ao nosso Antonio, assim como se tinha dado ao outro? Vejo que me pôde responder Roma; que os nomes se fizeraõ para distincão das pessoas, & que havendo dous Antonios, ambos Magnos, não se distinguaõ. Venho nisto; mas distinguirá Roma aos Antonios, como distinguio aos Fabios, & aos Valerios. Já que ao primeiro Antonio tinha chamado Magno, ao segundo chamaralhe Maximo. E vede se o merecia. A dous

Luc. 1.  
32.  
Ibid. 15.

Heroes ( como notou Plutarco ) deu Roma o nome de Maximos : a Fabio , porque restituhio as perdas do Imperio: a Valerio, porque reconciliou o povo com o Senado. Pois se Roma dá o nome de Maximo a Fabio , por restituidor das perdas ; porque o não daria a Antonio, que tem por graça, & por officio restituir todas as cousas perdidas ? Tanto o tem por officio, & por obrigação , que na nossa terra o prendemos como devedor, para que as restitua. E se Roma deu o nome de Maximo a Valerio, por reconciliador da plebe com o Senado ; porque o não daria a Antonio, que não só reconciliou com Deos tanta infinidade de almas, que andavaõ fóra de sua graça; mas recõciliou com a mesma Igreja Romana tantos Hereges, tantas seitas, tantos Herefiarças , que por isso lhe chamáraõ Martello das Herefias : *Perpetuus Hæreticorum malleus* ?

416 Mas tam longe

esteve Roma , ( este he o mais duro ponto do meu , & do nosso sentimento ) taõ fóra esteve Roma de dar a Antonio o nome de Magno , ou Maximo , que lhe dá o de Minimo. Por me não atrever a pronunciar tam grande aggravo , o dissimulei atègora. Como chama Roma ao nosso Santo Antonio ? Santo Antonino. Antonino a Antonio ? A Antonio de Lisboa , a Antonio o Portuguez , Antonino ? Esta admiracão , por lhe não chamar desde logo abuso , será hoje a materia do meu discurso, de tal maneira apologetico , que não deixe de ser panegyrico. Lembra da Virgem Senhora nossa da apologia, com que Santo Antonio defendeo a pureza de sua immaculada Conceição , quando ainda tanta necessidade tinha de ser defendida , se dignará assistir poderosamente á que havemos de fazer do mesmo Santo ; & seja esta vez agrãdecimento a graça.

*Ave Maria.*

## §. II.

*Qui fecerit, & docuerit, hic Magnus vocabitur.*

417 **C** Hamar a Santo Antonio Antonio, são dous aggravos em hum aggravo. O primeiro da comparaçãõ : o segundo da preferencia. Não só he aggravo de Antonio o preferirselhe outro, senão tambem o comparar selhe. Mas já que o aggravo he por comparaçãõ, será tambem por comparaçãõ o desaggravo. Não me tenhais por temerario, porque heide fazer hũa comparaçãõ incõparavel. Quereis saber quam grande Santo foi este, a quem chamais Antonino? Olhai para aquelle altar. Foi tam grande Santo Antonio, que Christo diante delle parece pequeno. Fallo da grandeza das obras, & tenho licença do mesmo Christo para o dizer affim.

*faciet.* Algum dos que creem em mim, diz Christo, não só fará as obras, que eu faço, senão ainda mayores. Não mayores de pessoa a pessoa, não mayores de virtude a virtude, não mayores de merecimento a merecimento, que isso não pòde ser; mas de obras a obras, sim. E sendo as obras de Antonio, ainda cõparadas com as de Christo, mayores: *Maiora faciet*; não he muito, que posto Christo à vista de Antonio, parece Antonio o Grande: *Hic Magnus vocabitur.* Não o Grande, comparado Antonio com Antonio; (como vòs o comparais) mas o Grande, comparado Antonio com Christo, como elle quer que o comparemos.

Joann.  
14.12.

*Qui credit in me, opera, quæ ego facio, faciet, & maiora*

418 Seja a primeira prova desta incomparavel comparaçãõ a do mesmo

Euan-

Euangelho. Duas comparações faz Christo neste Euangelho, ambas de luz, mas muito diversas: hũa o Sol, outra a candea. O Sol: *Vos estis lux mundi*; a candea: *Neque accendunt lucernam, & ponunt eam sub modio, sed supra candelabrum*. E estas luzes tam diversas; este Sol, & esta candea, quem são, & a quem signifição? Eu cuidava que o Sol, por ser fonte da luz, era Christo: & que a candea, por ser luz participada, era Antonio. Mas não he assim. A candea he Christo, o Sol he Antonio. Que a candea seja Christo, disse-o Santo Hilario, & tambem Santo Thomás: *Lucerna Christi ponitur supra candelabrum, id est, in ligno per passionem suspensa*. Que o Sol seja Antonio, não só o dizem os melmos Santos, & todos, senão o mesmo Christo: *Vos estis lux mundi*. O Sol aqui não sou eu, sois vós: *Vos estis*. Pois Antonio o Sol, & Christo a candea? Sim. He verdade.

Tom. 12.

que a candea em si he tal candea, q dá a luz ao Sol; & o Sol em si he tal Sol, q recebe a luz da candea; mas comparada luz a luz, effeitos a effeitos, & obras a obras, as de Christo á vista de seu servo Antonio parecem de candea: as de Antonio á vista de Christo seu Senhor parecem de Sol. E porque não cuideis que exagero, lede-o no Texro, & vede-o na experiencia. A esfera da candea diz o Texto que he hũa casa: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt*: a esfera do Sol diz o mesmo Texto que he o mundo todo: *Vos estis lux mundi*. E tal foi a esfera de Christo, tal foi a esfera de Antonio. A missão, q o Eterno Padre sinalou a Christo, como Messias prometido aos Patriarcas, foi a casa de Israel: *Non sum missus nisi ad oves, quae perierunt domus Israel*. Eifahi a esfera da candea, hũa casa: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt*. A missão, que Christo sinalou a Antonio, como successor dos Apo-

Bb stolos;

Matth  
5.14.  
Ibid. 15

D. Hilar.  
D. Tho.

Matth.  
15.24.

Marc.  
16.15.

stolos, foi o mundo todo: *Euntes in mundum universum, predicare omni creaturae.* Eis-ahi a esfera do Sol, o mundo todo: *Vos estis lux mundi;* & como na comparação de missão a missão, & de esfera a esfera, a de Christo he hũa casa, & a de Antonio o mundo todo: não he muito na comparação de luz a luz, & de obras a obras, q̄ Christo, sendo a fonte da luz, pareça cãdea, & Antonio, sendo luz participada, pareça Sol: Christo, sendo o imenso, pareça pequeno, & Antonio, sendo creatura limitada, pareça grande: *Hic Magnus vocabitur.*

§. III.

429 **M**As para q̄ procedamos com distincão na prova desta gloriosa grandeza, dividamos os discursos nas mesmas partes, em que o Evangelho divide os fundamentos della. A dous titulos refere o nosso Texto a grandeza do nome de San-

to Antonio, fazer, & ensinar: *Qui fecerit, & docuerit, hic Magnus vocabitur.* Aos mesmos titulos, & com as mesmas palavras; reduzirã os Euangelistas as maravilhas de Christo: *Cæpit Jesus facere, & docere:* o *facere* entende-se dos milagres, o *docere* da pregação. Ora comparemos o *facere* de Christo com o *fecerit* de Antonio: o *docere* de Christo com o *docuerit* de Antonio; & veremos quanto por hum, & outro titulo merece o nome de Grande: *Qui fecerit, & docuerit, hic Magnus vocabitur.*

Actor.  
1. 1.

420 Começando pelo *fecerit*: quando Christo vivia neste mundo, corriaõ a elle como a fonte da saude todos os enfermos, tocavaõ ao Senhor, & ficavaõ saõs. Morreo Antonio tal dia como hoje, & com o mesmo prodigio todos os enfermos, que tocavaõ o sagrado corpo, immediatamente cobravaõ saude. Grãde maravilha, que obrasse o corpo de Antonio morto, o que obrava o Corpo de

de Christo vivo. Em Christo dava vida a fonte da vida: em Antonio dava vida o despojo da morte. Em Christo dava vida todo Christo: em Antonio dava vida ametade de Antonio, & a menor ametade, o corpo. Elizeu tinha dobrado o espirito de Elias; & em que se vio? pergunta, & responde S. Agostinho. Em que Elizeu morto foi tam milagroso como Elias vivo. Elias resuscitou hum morto, estando vivo: Elizeu resuscitou hũ morto, depois de morto. Eis-alli o Elias, & o Elizeu. Menino, porque estais despido? Porque deu a sua capa a Antonio, & com ella o seu espirito dobrado; por isso era tam milagroso Antonio morto, como Christo vivo. Mas ainda nesta maravilha havia outra maravilha mayor. Como o concurso, & o tropel dos entemos para tocar o corpo do Santo era infinito, huns chegavaõ, outros não podiaõ chegar: mas estes, que não podiaõ chegar, diz Su-

rio, bastava que dejessem tocar o Santo, para ficarem saõs. Demaneira q̃, para receber a faude de Christo, era necessario tocar a Christo: para receber a faude de Antonio, bastava dejesar a faude. Christo dava faude pelo tacto, Antonio pelo desejo. Christo pelo tacto, para fazer mais q̃ Moyles: Antonio pelo desejo, não para fazer, mas fazendo mais que Christo: *Maiora faciet*. Levantou Moyles a Serpente de metal no deserto; & todos os feridos, que olhavaõ para ella, saravaõ logo. Pergunto: E saravaõ tambem os cegos? Não; porque como a faude dependia da vista, quem não tinha olhos, não tinha remedio. Por isso Christo não poz a faude na vista, nem em outro sentido particular, senão no tacto, que he sentido commum. Se Christo puzera a faude no ver, não saráraõ os cegos; se a puzera no ouvir, não saráraõ os surdos; se a puzera no fallar, não saráraõ os mu-

Luc. 6.  
19.

dos; & como queria o Senhor que sarassem todos, poz a saude no tacto, que he sentido universal, & de todos: *Omnis turba querebat eum tangere; quia virtus de illo exibat; & sanabat omnes.* Mas com ser tam universal a saude milagrosa de Christo, ainda a de Santo Antonio era mais universal. A saude de Christo era mais universal que a de Moyses, quanto vai do tacto á vista: a saude de Antonio era mais universal que a de Christo, quanto vai do desejo ao tacto. Para sarar pelo tacto, era necessaria presença, & movimento: para sarar pelo desejo, nem era necessaria presença, nem movimento, bastava a vontade: pelo tacto não podia sarar o tolhido, nem o ausente; pelo desejo o tolhido, & o ausente todos podiaõ sarar, & todos saravaõ. E isto he o que fez Antonio: *Qui fecerit.*

421 Mas deixemos a comparaçãõ de desejo a tacto, vá de desejo a desejo.

Desejou Zacheo ver a Christo: *Querebat videre Iesum;* Luc. 19. mas como a gente fosse muita, & Zacheo era pequeno do corpo, não o podia ver: *Et non poterat præ turba, quia statura pusillus erat.* Oh que boa occasiãõ para Christo fazer hum milagre por hum desejo! Que não conceda Christo milagres ao desejo de Herodes, era desejo de curiosidade; que não conceda milagres ao dos Escribas, & Fariseos, era desejo de malicia; mas ao desejo de Zacheo, que era desejo de devaçãõ! Ea Senhor, veja vos Zacheo milagrosamente, não se diga q̃ loís como os Grandes da terra, que se não deixaõ ver dos pequenos: ou a estatura de Zacheo suba, ou desçaõ as especies do vosso rosto, & veja vos quem tanto deseja vovos. Com tudo não fez este milagre Christo; mas se Zacheo desejara ver a S. Antonio, ainda que tivera hum monte diante, eu estou certo que o havia de ver. Desejou hũa senho-

fa ir ouvir a S. Antonio , que prégava no campo : mas não devia de ler senhora , porque não tinha liberdade : devia de ser alguma pobre mulher, não lhe deu licença seu marido. E que succedeo ? Sem sahir de sua casa , estando tam longe, ouviu o Sermaõ tam distintamente , como se estivera ao pé do pulpito. Fez Antonio por quem o desejava ouvir, o que Christo não fez , por quem o desejava ver. Christo ao devoto não lhe supprio a estatura : Antonio a devota suppriolhe as distancias. As especies do rosto de Christo para satisfazer a hum desejo não se dobráraõ tres dedos : as especies da voz de Antonio para satisfazerem a hum desejo estendêraõ-se duas milhas. E não só a mulher ouviu ao Santo, senão tambem o marido. Christo não quiz dar hum milagre por hum desejo : Antonio por hum desejo fez dous milagres.

422 Mas dirmeheis que tambem Christo alguma

Tom, 12.

vez quiz fazer hum milagre por hum desejo. Por isso na Piscina perguntou ao Paralitico, se desejava a saude: *Vis sanus fieri?* At. <sup>Joann,</sup> <sub>5.6.</sub> *sim he ;* mas vede a differença , ou as differenças. Christo fez milagres por desejos , mas por desejos declarados : Antonio por desejos occultos. Christo ao menos queria ouvir os desejos : Antonio despatchava os desejos sem os ouvir. Christo punha o cumprimento aos desejos , mas com os memoriaes na lingua : Santo Antonio sem sahirem do coração. Mais ainda: o Paralitico alcançou o remedio por hum desejo, mas por hum desejo de trinta & oito annos ; os enfermos de S. Antonio por hum instante de desejo. O desejo do Paralitico, quando Christo nasceo , já havia seis annos, que era desejo: os enfermos de S. Antonio vieraõ depois de Antonio morto, & no ponto, em que tiveraõ desejo, tiveraõ saude. Christo acudiu a hum desejo, mas qua-

Bb iij

do

do já o desejo pudèra ser deſeſperação : Antonio acudia aos deſejos, antes de chegarem a ſer eſperança ; & quem não eſpera que os deſejos ſejaõ grandes , não pôde deixar de ſer grande: *Magnus vocabitur.*

## §. IV.

423 **H**Um milagre fez Chriſto , que foi qualificado pelo mayor milagre do mundo: *A ſeculo non eſt auditum ;* mas neste meſmo milagre deixou Chriſto materia a S. Antonio para fazer outro milagre mayor: *Maiora faciet.* Era hum cego de ſeu nacimiento , fez Chriſto hum pouco de lodo cõ os dedos , pozlho no lugar dos olhos, mandou-o lavar à fonte de Siloe, & cobrou viſta. Todos aqui reparaõ em Chriſto dar viſta com lodo : eu reparo em Chriſto o mandar lavar. Já que Chriſto fez que o lodo deſſe viſta , porque não fez que o lodo não enlodasse? Porque Deos , quan-

do faz milagres por instrumentos naturacs , ainda que eleva as naturezas , não as muda , nem as violenta. A agua do Bautiſmo elevada ſantifica, mas nem por iſſo deixa de molhar. Affim foi o lodo : deu viſta, mas enlodou ; porque eſta he a natureza do lodo. Ouvi hum grande milagre de S. Antonio; & muito mayor ſendo Portuguez. Os Portuguezes enlodaõ ſem lodo : S. Antonio ſendo Portuguez fez que o lodo não enlodasse. Hia hũa ſenhora , ( eſta o era ) hia ouvir a S. Antonio muito perto delle : era inverno : cahio no lodo. Que taes ficariaõ as galas! Diſſelhe o Santo que ſe levantasse : & estavaõ os veſtidos tam limpos, & aſſeados , como quando ſahiraõ da guardaroupa. Nũca ſe vio tam limpo milagre.

424 Nem por ſua propria Eſpola o fez Chriſto. Era a Eſpoſa tam polida , que chamada a grandes iſtancias de Chriſto , lhe Canr. 3. respondeo : *Lavi pedes meos :*

*meos; quomodo inquinabo illos?* E sendo tam ardentes os extremos, com que o Divino Amante suspirava sua presença, deixou passar todo o inverno, & então lhe disse: *Surge amica mea, & veni: jam enim hyems transit.* Já agora, Esposa minha, podeis sair de casa; porque já passou o inverno. Linda paciencia para tam grande amor! Não era mais facil fazer Christo que, ainda que os lodos affogassem os campos, passasse a Esposa por cima delles, sem lhe offenderem hum fio da roupa? Nem com tanto amor fez Christo tal milagre. Que o lodo não enlode, nunca a Omnipotencia de Christo o fez, nem em quanto Homem, nem em quãto Deos. Abrio-se o mar Vermelho, para que passassem os filhos de Israel, & diz o Texto que mandou Deos hum vento abrazador: *Ventum urentem*, para que secasse o lodo. Abrio-se o mar, para que passassem a pè, & secou-se o lodo, para

que passassem a pè enxuto. Pois se a Omnipotencia estava tam liberal de milagres, & a occasião era tam apertada, que já os inimigos lhe vinhaõ batendo nas costas, & Deos queria que não sò passassem a pè, mas a pè enxuto; porque não fez que passassem pelo lodo, sem se enlodarem? Pelo lodo sem se enlodarem? isso não. Professores da limpeza, & da limpeza votada, guardar do lodo: ninguem presume que pôde entrar no lodo, sem se enlodar. Mas este milagre, que não fez Christo, nem com tanto amor, nem com tanta necessidade; nem em quanto Homem, nem em quanto Deos, foi hum acasô de S. Antonio: *Qui fecerit.*

§. V.

425 **M** As tiremonos do lodo, pohnhamonos em Lisboa. Matou-se alli hum homem: accusaraõ ao pay de S. Antonio, sem culpa; & o payor he que lha prováraõ.

Bb iij Conz

Cant. 2.  
10.11.

Exod.  
10.13.

Condemnado à morte, ( q̄  
naquelle bom tempo na  
nossa terra, quem matava,  
morria, & não prevalecia a  
Misericordia contra a Ju-  
stiça, ainda que fosse Pro-  
curador das cadeas hum  
Titulo ) sabio do Limoei-  
ro, & quando chegava já  
perto de sua casa, appare-  
ce no adro da Sè S. Anto-  
nio. Embargos, nunca nin-  
guem os poz tam de rece-  
ber. Neste adro, disse o Sã-  
to, está sepultado o mor-  
to, diga elle mesmo, se o  
matou este homem. Levã-  
tase da sepultura o morto,  
testemunha que não era  
aquelle o matador. Insta a  
Justiça que descubra quem  
era; mas não o consentio  
S. Antonio. Morreo ou-  
tra vez o defunto, resusci-  
tou o vivo, ficou livre o  
innocente, & desappare-  
ceo o Author do milagre.  
O caso da resurreiçãõ de  
Lazaro todos o sabem.  
Comparemos hũa com ou-  
tra, & veremos que onde  
Christo fez hum milagre,  
fez S. Antonio seis mila-  
gres, & maravilhas sem  
contos.

426 Christo teve no-  
vas da enfermidade de La-  
zaro por hum escrito de  
Martha, & Maria: Anto-  
nio teve noticia da morte  
de seu pay por revelaçãõ  
do Ceo; primeiro mila-  
gre. Christo tardou quatro  
dias: Antonio não tardou;  
& sendo Portuguez não  
tarda, segundo milagre.  
Christo do Jordão onde  
estava, a Bethania poz  
quarenta & oito horas;  
Antonio de Italia a Portu-  
gal foi em hũa noite; ter-  
ceiro milagre. Christo mã-  
dou levantar a campa: An-  
tonio não mandou cavar a  
terra; quarto milagre.  
Christo pedio fê a Mar-  
tha, como sempre pedia:  
Antonio pedio fê; quarto  
milagre. Christo com hũa  
resurreiçãõ deu hũa vida:  
Antonio com hũa resur-  
reiçãõ deu tres vidas: hũa  
ao morto, que resuscitou,  
outra ao innocente, que  
não morreo, outra ao cul-  
pado, que não quiz descu-  
brir. Este foi o sexto mila-  
gre; & podèra fer o septi-  
mo desapparecer logo o  
mila;

milagroso : obrar a maravilha, & não querer o applauso. Porque o não perca quem o não quiz, ponderemos mais o caso. Christo disse a Martha : *Ego sum resurrectio, & vita* : Eu sou resurreição, & vida. Christo foi resurreição, & vida : Antonio foi vida, & resurreição. Christo deixou morrer a Lazaro, para resuscitar a Lazaro : Antonio não deixou morrer a seu pay, para o resuscitar depois : resuscitou o morto, para que não morresse o vivo. Christo deu hũa vida, para remediar hũa morte : Antonio deu hũa vida, para conservar outra vida.

427 Houve-se Santo Antonio com seu pay na vida corporal, como Christo com sua Mãe na vida espiritual : não lhe deu por remedio, deulha por preservação. Quasi estava para dizer deste venturoso pay nesta circumstancia : que foi mais venturoso em ter por filho a Antonio, que Adão em ter por filho

a Christo. Adão foi sentenciado à morte : *Morte morieris* ; deulhe a vida seu filho Christo ; mas quando lhe deu ? Depois de executada a sentença. Não assim S. Antonio, meteu-se entre a sentença, & a execução, & deu a vida a quem lhe tinha dado ; podendo dizer com palavras de Christo : o que o mesmo Christo não pôde fazer : *Ego vivo propter Patrem, & ipse vivet propter me.*

Joann.  
6.58.

## §. VI.

428 **I**sto he, o que Santo Antonio em comparação das obras, & milagres de Christo fazia : *Qui fecerit* ; agora seguindo a mesma comparação, passemos do fazer ao ensinar : *Et docuerit*. Prêgava o Santo na Igreja de hum lugar não muito povoado, quando passava por allí acafo hũa tropa de vinte & dous ladrões vandoleiros, cuja crueldade por costume se exercitava em matar, & cuja cubiça por vida, & profissão em roubar quã-  
to

to encontrava. Souberão que estava alli prègando S. Antonio ; & movidos da sua fama, entráráo por curiosidade a ouvir o que dizia. Ao principio se deixáráo levar , & enlevar da graça do Prègador , & depois penetrados pouco a pouco da força , & efficacia de suas razões , se renderáo de tal forte a ellas , que todos sem se fallarem se convertêráo : & confessando seus peccados ao mesmo Santo , & recebendo com promessa da emenda a competente absolvição, assim como tinhão entrado a ouvir peccadores , sahíráo da prègação penitentes. E que direi eu á vista deste calo tam raro em outro menor no numero , mas, por todas as suas circunstancias , mais notavel na pessoa?

429 Hum anno , & trez mezes havia , que Christo Senhor nosso começara a prègar a Judas , quando disse : *Nonne ego vos duodecim elegi, & ex vobis unus diabolus est?* & em

todo este tempo não deixou occasião de lhe bater ao coração , arguindo o máo , & traidor pensamento , com que já traçava a sua venda ; porque já o Senhor se tinha passado de Judea para Galilea , sabendo que os Judeos tratavao de lhe tirar a vida : *Quia Joann. querebant eum Judaei interficere.* Finalmente chegado o dia, em que a morte de Christo, & a traição, & venda de Judas se havia de effectuar, sete vezes (como já tenho notado noutra occasião) o admoestou, & lhe prègou claramente o Senhor, que desistisse de tam impia , & cruel maldade. E sem se deixar render de tam repetidas prègações, como ladrao sahio do Cenaculo, como ladrao concertou a venda , como ladrao recebeo o preço, como ladrao entregou a seu Mestre, & como ladrao rebentou , & morreo impenitente. E que não bastando em mais de hum anno tantos dias , & tantas prègações de Christo para converter

verter hum ladraõ tam al-  
lumiado antes na Fè do  
verdadeiro Deos , & não  
podendo ignorar que o era  
o mesmo Christo : S. An-  
tonio em hum só dia, & cõ  
hũa só prègação , ou parte  
della , converteste vinte &  
dous ladrões , quasi sem  
noticia de Deos , costumados  
a viver de roubos , &  
homicidios !

430 Duas cousas diffi-  
cultão aos homens de se-  
melhante vida a conver-  
saõ, & emenda della: o pe-  
jo de confessar o peccado ,  
& a obrigação de restituir  
o alheyo. Judas já tinha  
confessado o seu peccado:

*Peccavi tradens sanguinem  
Justum* ; mas o alheyo ain-  
da o não tinha restituído ;  
porque ainda que tornou  
a lançar no Templo os  
trinta dinheiros : *Retulit  
triginta argenteos* ; estes di-  
nheiros foraõ o preço da  
venda , mas não a restitui-  
ção do vendido. O que Ju-  
das vendeo , & entregou ,  
foi a liberdade de Christo ;  
& esta não a restituio: an-  
tes , porque vio que o le-

vavaõ atado, & prezo, sem  
se livrar das mãos dos Ju-  
deos , como outras vezes  
tinha feito , desesperado  
se enforcou. O mesmo suc-  
cede a outros ladrões , que  
nem elles se enforcaõ a si ,  
nem a justiça a elles. Facil-  
mente confessão o pecca-  
do ; porq̃ roubar o alheyo  
já não he acção tam vil , &  
afrentosa , depois que a  
nobreza , & dignidade dos  
que a usaõ , a tem feito  
quasi honra. Mas tendo  
tantas artes , & ardís para  
tomar o alheyo na vida ;  
encomendaõ a restitução  
a seus herdeiros , & nenhũ  
tem valor para a fazer por  
si mesmo na morte.

431 Dous ladrões te-  
ve Christo na morte , que  
nem tinhaõ necessidade  
de confessar a culpa , nem  
obrigação de restituir. Es-  
tes foraõ aquelles dous, em  
meyo dos quaes o Senhor  
foi crucificado. Não ti-  
nhaõ necessidade de con-  
fessar a culpa ; porque o  
pregaõ , & o supplicio a  
manifestava : nem obriga-  
ção de restituir o alheyo ;  
porque

Matth.  
27.4.

Ibid. 8.

porque pregados a hum pao nús , & despídos , a mesma desnudez , & impossibilidade os desobrigava da restituicão. E com tudo desejava Christo converter a ambos , & offerecendo por elles todo o seu sangue , ló converteo a hũ. Caso horrendo , estupendo , tremendo , & digno , se não houvera outra causa , de na terra se quebrarem as pedras , & no Ceo se escurecer o Sol. He possível que hum homem condemnado à morte , & tal morte , sem honra , sem remedio , sem esperança , nem de vida , mais que duas horas , em hum monte cuberto de caveiras , pregado em hũa Cruz , com tantas mortes , & a sua , & de seu companheiro á vista , se não queira converter! O mayor dia , que houve no mundo , foi aquelle , em que o filho de Deos actualmente estava remindo o genero humano desde Adão até o ultimo homem ; & q̃ este estando tam junto a Christo , & Christo prometendo o Pa-

raiso ao companheiro , & o companheiro com o seu exemplo , & palavras pregandolhe a Fè , & a salvacão ; & sobre tudo , que correndo do Corpo do Salvador quatro fontes de misericordia em seu sangue , por obstinacão da propria vontade se não queira aproveitar delle ! Mas era ladraõ : & he tal , tam cruel , tam impio , & tam deshumano o exercicio de hum homem a outro de sua propria natureza despojar de seus trabalhos , & suores , tirandolhe tal vez a vida , que não ha dureza de marmore tam dura , nem de diamante tam impenetravel , ainda ao mesmo Sangue de Christo , como a de hum tal coração. Se Christo convertèra estes dous ladrões , ainda a conversão de S. Antonio ficava superior em vinte ; se convertèra tambem a Judas , em dezanove : mas quando Christo no mayor dia , & na mayor açcãõ de sua vida , de tres ladrões não converte mais que hum :

homem que de vinte & dous não fique hum só por converter; mas que todos os vinte & dous se convertaõ a hũa pregação de Antonio! bem se deia ver quãto maiores: foraõ suas obras, que as do mesmo Christo, assim como no fazer, no ensinar: *Et docu-*

432 **M** Ais. Prêgava Christo a verdade aos Judeos, mas elles como filhos do pay da mentira, não só a não querião crer, mas de nenhum modo ouvir. Suppunha-os o Senhor creaturas racionais, que eraõ, ou devião ser: & como taes os quiz persuadir com razões, & dous efficazes argumentos. Primeiro: *Qui ex Deo est, verba Dei audit: propterea vos non auditis, quia ex Deo non estis*: quem he de Deos, ouve a palavra de Deos: vós não a quereis ouvir: logo não sois de Deos. E se não sois de Deos, de quem sois? Se-

gunda argumento: Se não sois de Deos logo sois do demonio, & do demonio não servos, & seguidores fomentes, senão filhos: *Vos ex patre diaboli estis*. Responderão: Nós somos filhos de Abraão: & replicando Christo: Se sois filhos de Abraão, fazei obras dignas de tal pay: entãõ sahirão com a sua, & terceira consequencia: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum*: Tomarão pedras para apedrejar o Senhor, o qual escondendo-se dentro em si mesmo, & fazendo-se invisivel, sahio do Templo. Pudera-os cegar, mas teve por melhor fazer-se invisivel, para que com os olhos abertos vissem como espelhos, nas pedras que tinhaõ na mão, a dureza da sua rebeldia. O mesmo succedeo a S. Antonio com os Hereges, cuja vaidade, & soberba não só fazia pouco caso da sua doutrina, mas se retirava, & fogia de a ouvir. E que faria Antonio neste caso? Farlehia tambem

tambem invisível? Não o fofria seu zelo. Vai-se diãte dos mefmos Hereges à ribeira do mar: chama em voz alta aos peixes: Peixes vinde ouvir a palavra de Deos, já que os homens lhe negão os ouvidos. A esta voz ( cousa maravilhosa! ) começou a ferver todo o mar, & os peixes em cardumes, cada qual segundo sua especie, a nadar directamente, aonde os chamava a voz. Os mais pequenos se puzeraõ ordenadamente junto à praya; os outros mais afastados hum pouco; & os mayores, que demandavaõ mayor fundo, no-ultimo lugar: & todos com as cabeças fõra da agua aguardavaõ attentos o para que aquella voz os chamára. Socegado o mar, & quieto todo o auditorio, começou S. Antonio a lhes prègar aquelles beneficios Divinos, que sem os entenderem, tinhaõ recebido da mão de seu Creador. Vós fostes, dizia, as primeiras creaturas sensitivas, que Deos produzio:

os vossos olhos, os primeiros que descobriãõ, & virãõ a luz do mundo: o vosso elemento o segundo, mais vasto que toda a terra, diáfano, transparente, & penetravel: muitos de vossos corpos os mayores de todos os viventes, vestidos huns de escamas prateadas, & douradas, outros de peles de diferentes cores, asperas, ou lizas. Emfim, parentes em primeiro grao do sublime corro das aves, nascidas na mesma patria das aguas, onde muitas desprezando as alturas do ar, vivem juntamente com vosco; pelo que todos deveis infinitas, & continuas graças ao Creador. Tudo isto viaõ, & ouviaõ os Hereges pasmados, & attonitos do silencio, & attençaõ, com que os peixes mostravaõ por seu modo assentir a tudo, o que o Santo prègava: desfazendo-se pouco a pouco, & abrandando-se as pedras, que tinhaõ nas mãos, como os Judeos, mas nos corações obstinados.

Hum

434 Hum chamado Bonivilho, o mais sabio, & ardente disputador de sua Seita, era o que mais admirava o que estava vendo; & quasi não cria. Notava que Antonio para os ensinar a crer, os não mandava como Salamaõ à escola das formigas, ou das abelhas, animaes, ou bichinhos, que na pequena esfera de seu corpo, & na grande astucia de seu engenho, imitaõ as mais bem ordenadas Republicas; mas os ensinava com o exemplo dos peixes, cujo confuso governo he totalmente despótico; & tyrnico: comendo os grandes aos pequenos, os maiores aos grandes, & os mesmos maiores sendo comidos de outros de tam portentosa grandeza, que os podem engulir, & devorar de hum bocado. Era mais que admiravel nesta condiçaõ de comunidade a ordem, quietação, & socego, com que não só atendiaõ ao que o Santo prègava, mas depois de receberem sua ben-

ção; sem se lembarem da fome, ou costume, se apartavaõ em paz, & se retirava cada especie no seu cardume ao lugar, donde alli tinhaõ vindo. Assim dentro da Arca de Noe olhava o Lobo para o Cordeiro, & o Falcaõ para a Pombo com tal temperança do instinto, & appetite natural, como esquecidos do que eraõ, ou tinhaõ sido antes.

435 Penetrado pois Bonivilho, como Mestre dos demais, desta consideração, & comunicando-a aos companheiros, todos, ou quasi todos cederaõ da sua dureza, convertendo-se, & pedindo perdaõ ao Santo. Christo Senhor nosso de pescadores de peixes fez pescadores de homens: mas S. Antonio fez pescadores dos homens não os peccadores, senão os peixes. E aquelle foi o dia, em que o mar fez o mais fermoso lanço na terra, do que a terra o tinha feito nunca com as redes no mar. Sendo admiravel a diffe-

differença; com que no  
 mesmo caso, de não serem  
 ouvidos dos homens, se  
 houeraõ no modo de en-  
 finar o supremo Mestre, &  
 o grande Discipulo. Chri-  
 sto escondeo-se em si mel-  
 mo: Antonio não se escô-  
 deo. Christo fez-se invisí-  
 vel; Antonio fez que vis-  
 sem todos, & ouvissem,  
 como era ouvido. Christo  
 sahio-se do Templo: Anto-  
 nio não se sahio da cam-  
 panha; ou da estacada.  
 Christo desenganou-se de  
 não reduzir com razões a  
 homens racionais: Anto-  
 nio resolveo-se a conven-  
 cer racionais com animaes  
 brutos, & sem razão. Chri-  
 sto deixou de gastar, &  
 multiplicar palavras como  
 os que as não queraõ ou-  
 vir: & Antonio persuadio  
 aos mesmos com aquelles  
 animaes, que entre todos  
 são mudos, & com o seu  
 silencio. Emfim os Judeos  
 ficáraõ deixados com as  
 pedras na mão; & os He-  
 reges com a dureza dos  
 corações convertida de pe-  
 dras em homens. Assim o

tinha Deos prometido por  
 Ezequiel aos reduzidos de  
 Babylonia: *Auferam ab eis* Ezech.  
*cor lapideum, & dabo eis cor* II. 19.  
*carneum.*

J. VIII.

436 **T**Endo mostra-  
 do S. Antonio  
 a maioria do seu ensinar;  
 & docuerit, primeiro em  
 homens, & depois em bru-  
 tos; só lhe resta em quem  
 fazer clara a mesma demô-  
 stração. Em quem? Não em  
 outrem, senão no mesmo  
 demonio.

437 Aflobrado o  
 demonio, & raivoso das  
 maravilhas, com que San-  
 to Antonio entre Catholi-  
 cos, & Hereges, despovoa-  
 va o inferno, determinou  
 (quem tal imaginára!) des-  
 armalo. Tinha o Santo re-  
 duzido a lição da sagrada  
 Escritura a hum livro de  
 lugares communs, & ma-  
 terias particulares, do qual  
 se valia, principalmente  
 quando havia de prègar  
 sem novo estudo, & de re-  
 pente. Este livro lhe desap-  
 pareceo

pareceo da cella , & houve mister S. Antonio outro S. Antonio , que perdido lho deparasse. Porque estas graças de Deos , que os Theologos chamaõ gratis datas , ou he fidalguia dos que as recebem , ou limitação , com que Deos as concede , que nunca as possaõ exercitar consigo , senão com outros. Assim vemos em S. Roque , que tendo a graça de curar todos os apesitados , elle morreo de peste : & em S. Pedro , que dando saude fóra de sua casa a todos , não a deu dentro della a sua sogra , que gravemente estava enferma de febres. E pudèramos allegar aqui ao mesmo Christo , que fazendo tantos milagres em toda a parte , só na sua Patria diz o Euangelista expressamente que não podia: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.* E q̄ foi feito daquelle livro de S. Antonio? Ainda o demonio com mayor astucia lho tinha não tirado , mas persuadido a outrem , que occulta-

Tom. 12.

mente õ furtasse. Foi-se ter com hum Noviço , que devia ser pouco humilde , & de altos , ou altissimos pensamentos , & dissehe interiormente : Não ves a grande fama de Fr. Antonio , que leva todo o mundo apoz si com suas pregações? pois eu te ensinarei meyo , com que faças tua toda a sua fama ; armãdote a ti , & tirandolhe as suas armas a elle : na sua cella tem hum livro , de que tira quanto prèga ; entra lá occultamente , tira-o , & escõde-o onde ninguem te veja , nem o saiba : & logo sabindote da Religiaõ ; pois es Noviço , com o teu talento , de que tanto presumes , & com o seu peculio , serás outro S. Antonio.

438 Pareceo bem ao Noviço o conselho , como inventado , & dado por quem lhe conhecia o humor. Deixa o habito : sahe-se com o livro roubado ; & como pela falta , que fez no Noviciado , fosse conhecida , & averiguada a

Cc sua

lua fugida ; então revelou Deos ao Santo todo o engano do demonio, & o extraordinario modo de tentação , com que o tinha tirado do estado Religioso para o mundo , & posto no caminho certo do inferno. O intento de defarmar a S. Antonio com o furto do livro, foi recebido com riso de todos, os que o ouberão, como se S. Antonio fosse Prégador de cartapacio , & como Arca do Testamento, que era , não tivesse dentro em si mesmo as taboas de ambas as Leys, isto he , de todas as Escrituras , assim da Ley Escrita , como da Graça. O que sentio o Santo estranhamente compadecido como Pay , & Pastor , foi a perda daquella ovelha. E como nos parece que procuraria reduzi-la ao rebanho? Por ventura phiria elle a bucalo , como o seu zelo tam facilmente acudia aos mais estranhos? Não: mandaria ao menos algum Religioso dos mais antigos, & espirituaes , que com ver-

dadeiros conselhos o reduziſſe outra vez? Tambem não. Finalmente encontraria esta empreza a hum par de Leigos, robustos , & de boas mãos, que, quando não quizesse por vontade, o trouxessem por força? Nem isso fez o Santo ; porque em calo tam extraordinario quiz que fosse tambem novo , & inaudito o remedio. Quer reduzir , & restituir à Religião o Noviço ; mas não por meyo de outrem , senão do mesmo demonio, que o tinha enganado.

439 Christo na ultima tentação disse ao demonio : *Vade retro* : Torna atrás : & assim o fez S. Antonio com notavel propriedade: Já que tu, demonio , foste o que machinaſte desde teu principio toda esta tramoya : *Vade retro* : Torna agora atrás , & pois tu a começaste , & fizeste , tu es , o que a has de desfazer. Já se vê qual feria o desgosto, & raiva do demonio, considerado não só desfeita a lua maquina,

mas

Juxta  
codices  
Græcos,  
& Lati-  
nos a-  
pud  
Maldon.  
in cap. 4.  
Matth.  
v. 10.

mas a afronta de ser pelo mesmo Author della. Não pode porém deixar de obedecer a S. Antonio pelo poder, que tinha sobre todo o inferno. Vai, como finalmente lhe era mandado; espera o Noviço em hũa ponte, donde ou se havia de lançar ao rio, ou tornar atrás: & assim prezo, & ambos envergonhados se vieraõ lançar aos pés de S. Antonio. Oh maravilha nunca vista, & com razão estimada na mesma Escriitura por impossivel!

440 Toda a conversão de hũa alma a Deos, depois de o ter deixado, he sobre toda a natureza; mas nenhũa mais, difficultosa, que a do Religioso. Não lhe dá outro nome a Escriituraagrada que de impossivel:

Hebr. 6. *Impossibile est eos, qui semel sunt illuminati, & prolapsi sunt, rursus renovari ad penitentiam.* E que este impossivel, não só confirmado, mas atado, & reatado com tam particulares circumstancias se desfizesse por meyo do mesmo de-

monio; & tornasse elle a trazer, & meter na Religião o que por tam extraordinarios meynos tinha tirado della! & que isto o não obrasse S. Antonio por si mesmo, ou por outro Religioso, senão por meyo de hum demonio! só na escola de S. Antonio se pôde achar tal modo de ensinar: *Et docuerit.*

## §. IX.

441 **E** Senão, vejamos o que fez Christo, cujo dominio, imperio, & desprezo em tratar os demonios, tam frequentes em seu tempo na Judea, & Galilea, foi verdadeiramente admiravel; mas nenhũa acção sua tam soberana, que possa fazer paralelo a esta de S. Antonio. A acção mais devota, & ao parecer mais santa do demonio, foi a daquelle, que deu em ser Prêgador de Christo, & publicar que era Deos. E que fez entãõ o Senhor? Por ventura converteo, por

Matth.  
4. 9.

Marc.  
1. 25.

por meyo desta prègação do demonio, a todo o mundo, que elle lhe tinha offerecido no deserto: *Hæc omnia tibi dabo?* ou quando menos a hum homem? Nem por pensamento. O que fez, foi não só mandarlhe que se calasse; mas e mudeceo-o totalmente: *Obmutescet.* Não assim S. Antonio. O que Christo não fez por meyo de hum demonio prègador da sua Divindade, fez S. Antonio por outro demonio depravador da sua Religião: não o privou do instrumêto da lingua, antes acrescentou o de hũa espada nua, com que ameaçalte o Noviço fugitivo. Como se dissera: Tu me quizeste desarmar, para tentar o Religioso; pois eu te armarei, para que tu mesmo desfaças o que tinhas feito. Se depois de lançado Adão do Paraíso, puzera Deos por guarda d'elle a mesma Serpente q̃ o tentára, fora grande propriedade, & energia do castigo; mas não fiou Deos

do demonio tal gênero de obediencia. He verdade q̃ tambem deu a espada; mas a quem? A hum Cherubim: *Cherubim, & flammeum gladium*; porque a acção da espada não está na espada, senão na mão de quem a meneia. Mas não foi assim a de S. Antonio. Mete a sua espada na mão do demonio, seguro de que não obraria a espada o que quizesse a mão; senão a mão, posto que muito a seu pezar, o que quizesse a espada. Assim foi; & não em menor, ou menos difficiltofo caso, que em hum já qualificado por impossivel.

Genes.  
3. 24.

442 Emfim que não converteo Christo por meyo do demonio a peccador algum, nem Gentio, nem Christão, & muito menos Religioso. He grãde o numero de Religiosos, não só Noviços, que cada dia deixoão o habito; senão tambem dos Professos, que depois de o serem, Apostatas, & fugitivos renunciaão, & abominaão o que

que votáraõ , & prometê-  
raõ a Deos. E quando al-  
guns se emendaõ , & tor-  
naõ verdadeiramête à Re-  
ligiaõ , quem os conver-  
te ? Converte-os o mesmo  
Christo com os impulsos  
de sua graça , converte-os  
com os indultos de feu Vi-  
gario o Summo Pontifice ,  
converte-os enfim com  
meyos varios , & extraor-  
dinarios de sua Omnipot-  
tencia. Porém que hum  
Religioso pervertido se  
converta à Religiaõ por  
meyo do demonio , & do  
mesmo demonio , que o  
perverteo , & incitou a fa-  
bir della ; esta maravilha só  
S. Antonio a fez neste ca-  
so , acabando de mostrar  
primeiro nos homens , de-  
pois nos brutos , & ulti-  
mamente no mesmo de-  
monio a grandeza , & ma-  
yoria de suas obras , não só  
consideradas em si , mas cõ-  
paradas com o mesmo  
Christo , assim como já vi-  
mos no fazer : *Fecerit* , &  
agora acabamos de ver no  
ensinar : *Et docuerit*.

Tom. 12.

## §. X.

443 **E** Ste he aquelle  
Santo, ou aquel-  
le famoso Heroe entre to-  
dos os Santos , que cha-  
mando-se Antonio , o vul-  
go de Roma acrescentan-  
dolhe hũa letra ao nome ;  
& chamandolhe Antonino,  
de tam grande o fez pe-  
queno. Tirelhe esta letra  
tam injustamente acrecen-  
tada , & ficará reduzido  
( que he o que eu só per-  
tendo ) à sua natural , ou  
sobrenatural grandeza. Af-  
sim tirou Deos a Sarai a-  
quelle ultimo, i, com que a  
fez muito mayor , do que  
era ; & assim tirado a An-  
tonino o ultimo , n, ficará  
restituido ao que he , &  
sempre foi. Elle se fez Me-  
nor por amor de Christo :  
& Christo lhe pagou esta  
grande resoluçaõ com se  
fazer em sua presença me-  
nor que elle. Como se dif-  
feria com o Baptista : *Illum* Joan. 3. 30.  
*oportet crescere , me autem*  
*minui*. E quando Christo  
se diminue , & faz menor  
Ccij que

que Antonio, injustiça manifesta he, por não dizer sacrilegio, que haja quem o diminua, ou reduza a hum nome diminutivo, para lhe tirar não digo já a maioria, senão a igualdade de grande. Será justo q̄ nós lha tiremos, quando o Evangelho lha dá: *Hic Magnus vocabitur?*

444 Só falla com o vulgo Romano a humidade pouco presumida da minha apologia; mas se ella tivera atrevimento para se apresentar aos pés de Sua Santidade, tenho por certo que pacificamente fahiria melhor despachada. O Papa Nicolao IV. tinha collocado a estatua de S. Antonio na mesma ordem, & serie, em que na Basilica de S. João de Laterão se vem as dos Apostolos; & parecendolhe a Bonifacio VIII. que aquelle lugar tam alto não competia a hum Santo de tam pouca antiguidade; como era em seu tempo a de S. Antonio, ordenou que fosse tirada delle, & posta

alli a de S. Gregorio Magno. Eil-aqui como o sobrenome de Magno já então se impugnava a S. Antonio. Mas vejamos como elle o defendeo. Levantá-rao os officiaes os andaimes por ordem de hum Pontífice, para pôrem naquelle lugar outro; & ao primeiro golpe do picaõ, que tocou no capello a S. Antonio, levantou a mão a estatua com tal impulso, que os Pedreiros, & os andaimes com ruido, que afombrou toda Roma, vierão abaixo, tendo-se por grande milagre do mesmo Santo, que todos, os que tinhaõ subido áquella obra, se levantassem vivos, & sem lesão; ficando elle porèm no seu lugar sem ser substituhido por outro, posto que summo, & tam grande Pontífice, como bem declara o titulo, & sobrenome de Magno. E são já tres Pontífices, hum que lho deu, outro q̄ lho quiz tirar, & o terceiro que o não substituhio.

445 Em nossos dias se

se acrescentou a este numero o quarto , que foi Urbano VIII. Houve tambem em Roma quem tivesse por demasiada a devaçã da Escala santa, por onde todas as segundas feiras desde a Aurora até o meyo dia estaõ subindo de joelhos desde o pè do Capitolio até o alto de Ara celi em continua devaçã homens , & mulheres a venerar a Imagem de S. Antonio. Mas que responderia a discreta urbanidade daquelle grande Pontifice? Respõdeo Urbano, que elle não queria pleitos cõ S. Antonio , de que em S. Joã de Latraõ tinha já o aviso. Vede se tenho eu razão de que a minha apologia sahisse com o merecido despacho , se chegasse

a se pôr aos pès de Sua Santidade:

446 Tornando ao vulgo , ( se vulgo se póde chamar o Romano , com que fõ fallo ) para que lhe não pudesse dizer hoje Tertulliano que se apressou em dar o nome de Magno a S. Antonio do Egypto, ( em quem eu tambem o reconheço , & venero ) saiba que nesta tam justa restituicã imitará não menos que ao mesmo Deos , o qual, depois de começar a se povoar o Limbo dos Padres em Abel , esperou dous mil & trezentos annos , para lhe dar o nome de feyo de Abrahã , a quẽ entre todos os Patriarcas era tam devido, como a S. Antonio, pelo que fez , & ensinou, o de Magno : *Hic Magnus vocabitur.*

# LAUS DEO.



# I N D I C E

## DOS LUGARES DA SAGRADA ESCRITURA , que vaó neste Tomo.

### Ex Libro Genesis.

Cap. 1. **I**N principio creavit Deus cœlum , & terram. Pagina 1.

Masculum , & fœminam creavit eos , benedixitque illis Deus. pag 95. & 104.

Cap. 2. Factus est homo in animam viventem. p. 61.

Cap. 3. Mulier quam dedisti mihi. p. 97.

Cur prœcepit vobis Deus. p. 73.

Vidit lignum. Ibid.

Et cum audisset vocem Dei deambulantis ad auram post meridiem , abscondit se. p. 15.

Cap. 7. In articulo diei illius ingressus est Nec in arcam. p. 164.

Cap. 10. Filii Japhet , Gomer , & Magog , & Madai & Javan , & Thubal. p. 175.

Cap. 11. Non desistent à cogitationibus suis , donec eas opere compleant. p. 43.

Cap. 12. Flagellavit autem Dominus Pharaonem plagis maximis , & domum ejus , propter Sarai uxorem Abraham. p. 90.

Cap. 14. Da mihi animas , cœtera tolle tibi. p. 147.

Cap. 15. Ego protector tuus , & merces tua magna nimis. p. 180.

Cap. 17. Domine Deus quid dabis mihi ; ego vado absque liberis. p. 181.

Det tibi Deus de rore cœli , & de pinguedine terræ. p. 212.

Cap. 20. Abimelech verò non tetigerat eam. Locutus est universa verba hæc in auribus eorum. p. 14.

Ecce mille argenteos dedi fratri tuo : hoc erit tibi in velamen oculorem ad omnes , qui tecum sunt. Ibid.

Cap. 22. Non extendas manum tuam super puerum. p. 243.

Cap. 29. Videbantur illi pauci dies. p. 70.

Hanc quoque dabo tibi pro opere , quo serviturus es mihi septem annis aliis. p. 71. Cap.

Cap. 30. *Da mihi liberos , alioquin  
p. morior . p. 179.*

*Numquid pro Deo ego sum . Ibid.*

Cap. 32. *In baculo meo transivi For-  
danem . p. 213.*

*Et nunc cum duabus turmis regre-  
dior . p. 214.*

*Ex libro Exodi.*

Cap. 3. *Quod rubus arderet , & non  
combureretur . p. 36.*

*Descendi ut liberem eum . p. 37.*

Cap. 5. *Nescio Dominum , & Israel  
non dimittam . p. 328.*

Cap. 12. *Cum lactucis agrestibus . p.  
125.*

Cap. 15. *Operuit eos mare . p. 329.*

*Devoravit eos terra . Ibid.*

Cap. 20. *Populus autem videbat vo-  
ces . p. 342.*

Cap. 32. *Hi sunt Dii tui , Israel , qui  
te eduxerunt de terra Ægypti . p.  
304.*

Cap. 34. *Cornuta erat facies sua . p.  
292.*

*Ex libro Levitici.*

Cap. 26. *Si in præceptis meis am-  
bulaveritis , & mandata mea cu-  
stodieritis , dabo vobis pluvias tem-  
poribus suis : & terra gignet ger-  
men suum , & pomis arbores re-  
plebuntur : & comedetis panem ve-  
strum in saturitate : comedetis ve-  
tustissima veterum , & vetera , no-  
vis supervenientibus , projicietis .  
Quod si non audieritis me , nec fe-  
ceritis omnia mandata mea , dabo  
vobis calum desuper sicut ferrum ,  
& terram æneam : consumetur in  
cassum labor vester : non proferet*

*terra germen : nec arbores poma  
præbunt . p. 207.*

*Quando fueritis in terra hostili , sab-  
batizabit , & requiescet in sabba-  
tis solitudinis suæ , eo quod non sab-  
batizaverit in sabbatis vestris ,  
quando habitabatis in ea . p. 218.*

*Ex libro Numeri.*

Cap. 11. *Nihil aliud respiciunt oculi  
nostri , nisi Man . p. 105.*

Cap. 12. *Et populus non est motus de  
loco illo , donec revocata est Ma-  
ria . p. 20.*

Cap. 13. *Venimus in terram , ad  
quam misisti nos , quæ revera fuit  
lacte , & melle . p. 260.*

Cap. 14. *Neque timeatis populum  
terræ hujus , quia sicut panem , ita  
eos possumus devorare . p. 141.*

Cap. 23. *Veni mecum in alterum lo-  
cum , &c . p. 288.*

*Ex libro Deuteronomii.*

Cap. 5. *Non concupisces uxorem pro-  
ximi tui . p. 13.*

*Ex libro Judicum.*

Cap. 2. *Non est hoc aliud , nisi gladius  
Gedeonis . p. 142.*

Cap. 14. *Proponam vobis problema .  
p. 79.*

Cap. 15. *Percussi mille viros . p. 145.  
In mandibula delevi eos . Ibid.*

Cap. 16. *Pro amissione duorum lu-  
minum , unam ultionem recipiam .  
p. 66.*

*Ex primo Regum*

Cap. 1. *Domine , si respiciens videris  
afflictionem famula tuæ , dederisque  
servæ tuæ sexum virilem : dabo  
eum Domino omnibus diebus vitæ  
ejus . p. 26.* Cap.

Cap. 2. *Visitavit ergo Dominus An-  
nam, & concepit, & peperit tres fi-  
lios, & duas filias. Ibid.*

*Donec sterilis peperit septem. p. 28.*

Cap. 10. *Stetit in medio populi, & al-  
tior fuit universo populo. p. 262.*

Cap. 30. *Dixeruntque : hæc est præda  
David. p. 123.*

Ex secundo Regum

Cap. 7. *Thronus tuus erit firmus ju-  
giter, &c. p. 183.*

Cap. 8. *Tulit David frænum tributi  
de manu Philistiim. p. 186.*

Cap. 11. *Vidit mulierem se lavantem:  
erat autem mulier pulchra valde.  
p. 18.*

*Misit David, & introduxit eam in  
domum suam; & facta est ei uxor :  
& displicuit verbum hoc coram  
Domino. p. 89.*

Cap. 12. *Quamobrem non recedet  
gladius de domo tua, usque in sem-  
piternum. p. 87.*

*Quoniam blasphemare fecisti inimi-  
cos Domini : ecce ego suscitabo su-  
per te malum de domo tua, & tol-  
lam uxores tuas, & dabo proximo  
tuo, & dormiet cum uxoribus tuis  
in oculis solis hujus: tu enim fecisti  
absconditè, & ego autem faciam  
verbum istud in conspectu omnis Is-  
rael. p. 87. & 88.*

*Uxorem illus accepisti in uxorem ti-  
bi. p. 89.*

*Et tuleris uxorem Uriæ Hethæi, ut  
esset uxor tua. Ibid.*

Ex tertio Regum.

Cap. 1. *Erat autem pulcher valde.  
p. 10.*

Cap. 2. *Minimus digitus meus gros-  
sior est dorso patris mei. p. 33.*

Cap. 19. *Petivit animæ suæ, ut more-  
retur. p. 158.*

Cap. 21. *Venumdatus est, ut faceret  
malum. p. 310.*

Ex quarto Regum.

Cap. 9. *Regnavit Jehu. p. 34.*

Ex libro Tobie

Cap. 2. *Videte ne furtivus sit. p. 101.  
Manifestè vana facta est spes tua,  
& eleemosynæ tuæ modò apparue-  
runt. p. 102.*

*Ut posteris daretur exemplum pa-  
tientia ejus, sicut & Sancti Job.  
p. 102.*

Cap. 3. *Et nunc Domine secundum  
voluntatem tuam fac mecum, &  
præcipe in pace recipi spiritum meum:  
expedit enim mihi magis mori,  
quàm vivere.*

Ex libro Job.

Cap. 1. *Numquid considerasti ser-  
vum meum Job. p. 51.*

Cap. 2. *Verumtamen anima in illius  
serva. p. 62. & 98.*

*Adhuc tu permanes in simplicitate  
tua: benedic Deo, & morere. pag.  
100:*

Cap. 7. *Factus sum mihi met ipsi gra-  
vis. p. 232.*

Cap. 13. *Posuisti in nervo pedem  
meum. p. 159.*

Cap. 16. *Circumdedit me lanceis  
suis: convulneravit lumbos meos.  
p. 356.*

Cap. 19. *Scio quod in novissimo die  
de terra surrecturus sum, & rur-  
sum circumdabor pelle mea, & in  
carne*

- carne mea videbo Deum , quem visurus sum ego ipse, & non alius. p. 156.*
- Reposita est hæc spes mea in sinu meo. p. 158.*
- Derelicta sunt tantummodo labia circa dentes meos p. 62.*
- Cap. 31. Quæ est iniquitas maxima. p. 83.**
- Pepigi fœdus cum oculis meis ; ut ne cogitarem quidem de virgine. pag. 100.*
- Cap. 38. De turbine. p. 75.**  
Ex libro Psalmodorum.
- Psal. 15. Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges. p. 160.**
- Psal. 22. Dominus regit me, & nihil mihi deerit. p. 212.**
- Psal. 23. Attollite portas Principes vestras, & introibit Rex gloria. p. 240.**
- Psal. 31. Quoniam tacui, inveteraverunt omnia ossa mea. p. 61.**
- Psal. 33. Timete Dominum omnes Sancti ejus, quoniam non est inopia timentibus eum, &c. p. 208.**  
*In Domino laudabitur anima mea. p. 87.*
- Psal. 36. Junior fui, etenim senui, & nunquam vidi justum derelictum, nec semen ejus quærens panem. p. 214.**
- Psal. 47. Ibi dolores, ut parturientis. p. 179.**
- Psal. 49. Numquid manducabo carnes taurorum, aut sanguinem hircorum potabo. p. 160.**
- Psal. 55. Ab altitudine diei timebo. p. 164.**
- Sacrificium laudis honorificabit me. p. 222.*
- Psal. 80. Non audivit populus meus legem meam, & Israel non intendit mihi ; & dimisit eos secundum desideria cordis eorum. p. 73.**
- Psal. 110. Memoriam fecit mirabilium suorum ; escam dedit timentibus se. p. 107.**
- Psal. 140. Singulariter sum ego, donec transeam. p. 239.**  
Ex libro Proverbiorum.
- Cap. 10. Non affiget Dominus fame animam justi. p. 208.**
- Cap. 19. Fœveratur Deo, qui miseretur pauperis. p. 224.**
- Cap. 20. Gubernaculis tractanda sunt bella. p. 135.**
- Cap. 31. Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit ad pauperem. p. 222.**  
Ex libro Ecclesiastes.
- Cap. 10. Regnum à gente in gentem transfertur propter injustitias. 116.**
- Cap. 11. Mite panem tuum super transeuntes aquas, quia post tempora multa invenies illum. p. 225.**  
Ex Cantico Canticorum.
- Cap. 1. Indica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie. p. 15.**  
*Si ignoras te, ô pulcherrima inter mulieres. p. 16.*
- Cap. 4. Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te. p. 18.**
- Cap. 5. Comedite amici, & bibite, & inebriamini charissimi : ego dormio, & cor meum vigilat. p. 117.**
- Cap. 6. Averte oculos tuos à me ; quia ipsi me avolare fecerunt. p. 7.**  
Pulchra,

- Pulchra, ut Luna, electa, ut Sol.* p. 18.
- Terribilis ut castrorum acies ordinata.* p. 141.
- Pulchra es amica mea, suavis, & decora, sicut Hierusalem.* p. 4.
- Cap. 7. *Egrediamur in agrum, & videamus, si flores fructus parturiunt,* p. 195.
- Cap. 8. *Quæ habitas in hortis, amici auscultant; fac me audire vocem tuam.* p. 63.
- Heu, fuge dilecte mi.* Ibid.
- Ex libro Sapientia.
- Cap. 4. *Fascinatio nugacitatis obscurat bona,* p. 287.
- Ex libro Ecclesiastici.
- Cap. 15. *Cibavit illum pane vita, & intellectus.* p. 128.
- Cap. 19. *Mulieres apostatate faciunt sapientes.* p. 81.
- Ex Prophetia Isaia.
- Cap. 13. *Quasi parturiens dolebunt.* p. 179.
- Cap. 21. *Comedentes, & bibentes surgite Principes: arripite clypeum.* p. 134.
- Cap. 25. *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium vindemia defecata.* p. 346.
- Cap. 42. *Gloriam meam alteri non dabo.* p. 235.
- Cap. 54. *Lauda sterilis, quæ non parit: decanta laudem, & hinni, quæ non pariebas.* p. 30.
- Cap. 58. *In die jejunii vestri invenitur voluntas vestra.* p. 163.
- Cap. 60. *Filii tui de longe venient, & filia tua de latere surgent.* p. 28.
- Cap. 63. *Torcular calcavi solus, & de gentibus non est vir mecum.* p. 239.
- Ex Prophetia Jeremiae
- Cap. 6. *Dolores, ut parturientem.* p. 179.
- Ex Threnis.
- Cap. 4. *Parvuli petierunt panem, & non erat, qui frangeret eis.* p. 143.
- Ex Prophetia Ezechielis.
- Cap. 27. *Sed & Pygmaei, qui erant in turribus tuis per gyrum, ipsi compleverunt pulchritudinem tuam.* p. 139.
- Cap. 28. *Elevatum est cor tuum in decore tuo.* p. 10.
- Ex Prophetia Osee.
- Cap. 10. *Seminate vobis in justitia, & metite in ore misericordiae.* p. 209.
- Ex Prophetia Habacuc.
- Cap. 3. *Deus ab Austro veniet, & Sanctus de monte Pharan, &c.* p. 292.
- Cornua in manibus ejus.* p. 352.
- Ex Prophetia Sophonia.
- Cap. 3. *Serviant ei humero uno.* pag. 70.
- Ex Prophetia Zachariae.
- Cap. 3. *Framea suscitare super Pastorem meum, & super virum coherentem mihi.* p. 356.
- Ecce enim ego adducam servum meum Orientem.* p. 249.
- Cap. 9. *Frumentum electorum, & vinum germinans virgines.* p. 128.
- Cap. 13. *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum.* p. 348.
- Ex primo Machabæorum.
- Cap. 3. *Non est differentia in conspectu Dei cali liberare in multis,*

- vel in paucis. pag. 138.*  
 Ex Divo Matthæo.
- Cap. 1. *David autem Rex genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ. p. 1.*
- Cap. 2. *Obtulerunt ei aurum, thus, & myrrham. p. 173.*
- Cap. 4. *Hæc omnia tibi dabo, si cædens adoraveris me. p. 316.*
- Cap. 5. *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, &c. p. 252.*  
*Vos estis sal terræ: vos estis lux mundi. p. 107.*
- Cap. 9. *Exiit fama hæc in aniversam terram illam p. 122.*
- Cap. 12. *Sicut fuit Jonas in ventre ceti tribus diebus, & tribus noctibus, sic erit filius hominis in corde terræ. p. 120.*
- Cap. 14. *Manducaverunt, & saturati sunt. p. 296.*
- Cap. 16. *Siquis vult post me venire, abneget semetipsum: tollat Crucem suam, & sequatur me. p. 55. & 229.*
- Cap. 17. *Resplenduit facies ejus, sicut Sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba, sicut nix. p. 157. & 253.*  
*Nemini dixeritis visionem donec filius hominis à mortuis resurgat. p. 158.*
- Cap. 9. *Si ita est causa hominis cum uxore non expedit nubere. p. 104.*  
*Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est. Ibid.*
- Cap. 20. *Exiit primo mane conducere operarios in vineam suam. p. 164.*
- Cap. 22. *Ligatis manibus, & pedibus, mittite eum in tenebras exteriores. p. 64.*  
*At ille obmutuit. Ibid.*
- Cap. 24. *Ita ut in errorem inducatur etiam electi. p. 42.*
- Cap. 25. *Dormitaverunt omnes, & dormierunt. p. 32.*  
*Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. Ibid.*
- Cap. 26. *Omnes, relicto eo, fugerunt. p. 71.*  
*An putas, quia non possum rogare Patrem meum, & exhibebit mihi modo plusquam duodecim legiones Angelorum. p. 237.*
- Cap. 27. *Monumenta aperta sunt, & multa corpora Sanctorum, qui dormierant, surrexerunt, & venerunt in Sanctam Civitatem, & apparuerunt multis. p. 120.*  
*Dederunt ei vinum cum felle mixtum. p. 345.*  
*Cum gustasset, noluit bibere. Ibid.*  
*Terra mota est. p. 153.*  
*Verè Filius Dei erat iste. p. 313.*  
*In sepulturam peregrinorum. p. 48.*  
*Prætereuntes blasphemabant. p. 19.*
- Cap. 28. *Erant autem ibi Maria Magdalene, & altera Maria, sedentes contra sepulchrum. p. 148.*  
*Terræmotus factus est magnus. pag. 153.*  
*Exterriti sunt custodes. p. 153.*  
*Angelus enim Domini revolvit lapidem, & sedebat super eum. pag. 167.*
- Ex Divo Marco.
- Cap. 6. *At illi putaverunt phantasma esse. p. 45.*  
 Non

- Non licet tibi.* p. 105.
- Cap. 7. *Non est bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus.* p. 49.
- Cap. 8. *Quia jam triduo sustinent me.* p. 216.
- Cap. 15. *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me.* p. 238.
- Cap. 16. *Misit Herodes, ac tenuit Joannem, & vinxit eum in carcere propter Herodiadem uxorem Philippi fratris sui, quia duxerat eam, & decollavit eum in carcere.* p. 78.
- Emerunt aromata, ut venientes ungerent Jesum.* p. 159.
- Nolite expavescere: Jesum quaeritis Nazarenum, crucifixum: surrexit, non est hic.* p. 148.
- Quis revolvat nobis lapidem; erat quippe magnus valde.* p. 166.
- Cum transisset Sabbatum, Maria Magdalene, & Maria Jacobi, & Salome emerunt aromata, ut venientes ungerent Jesum.* p. 161.
- Valde mane, orto jam Sole.* pag. 149.
- At illae exeuntes fugerunt de monumento; invaserat enim illas pavor, & tremor.* p. 151.
- Et nemini quidquam dixerunt; timebant enim.* Ibid.
- Ex Divo Luca.
- Cap. 7. *Capillis capitis sui tergebat.* p. 161.
- Cap. 9. *Nesciens quid diceret.* p. 158.
- Bonum est nos hic esse.* Ibid.
- Cap. 10. *Domine non est tibi curae, quod soror mea reliquit me solam ministrare.* pag. 9.
- Cap. 12. *Expectantibus Dominum suum, quando revertatur à nuptiis.* p. 34.
- Si sciret Paterfamilias qua hora fur veniret.* Ibid.
- Qua hora non putatis, Filius hominis veniet.* Ibid.
- Sint lumbi vestri praecincti, & lucernae ardentes in manibus vestris.* p. 36.
- Praecinget se, & faciet illos discumbere.* Ibid.
- Perfodi domum suam.* p. 41.
- Cap. 14. *Homo quidam fecit cenam magnam.* p. 107 110. & 111.
- Fuga boum emi quinque, & eo probare illa.* Ibid.
- Villam emi, & necesse habeo exire, & videre illam.* Ibid.
- Quis Rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat, si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se.* p. 138.
- Cap. 22. *Accipite, & dividite inter vos.* p. 298.
- Cap. 23. *Blasphemabat eum.* p. 19.
- Omnis turba eorum, qui simul aderant, percutientes pectora sua revertebantur.* p. 153.
- Pater in manus tuas commendo spiritum meum.* p. 69.
- Hodie mecum eris in Paradiso.* pag. 19.
- Nos quidem justè, nam digna factis recipimus; hic verò nihil mali gefit.* Ibid.
- Damine memento mei, cum veneris*

- ris in regnum tuum. Ibid.*
- Cap. 24. *Mulieres ex n stris terruerunt nos. p. 153.*
- Coegerunt illum dicentes: Mane nobiscum, quoniam advesperascit, & inclinata est jam dies p. 164.*
- Ex Divo Joanne.
- Cap. 1. *Confessus est, & non negavit. &c. p. 307.*
- Cap. 6. *Ut autem impleti sunt, collegerunt, & impleverunt duodecim cophinos. p. 203.*
- Ut raperent eum, & facerent eum regem. p. 146.*
- Colligite, quæ superaverunt, fragmenta, ne pereant. p. 133.*
- Ducentorum denariorum panes non sufficiunt eis, ut unusquisque modicum quid accipiat. p. 137.*
- Est puer unus hîc, qui habet quinque panes. Ibid. & 222.*
- Sed hæc quid inter tantos. Ibid.*
- Et cum gratias egisset, distribuit discumbentibus. p. 139.*
- Unde ememus panes, ut manducent hi? p. 136. & 221.*
- Qui manducat meam Carnem, & bibit meum Sanguinem, habet vitam æternam; & ego resuscitabo eum in novissimo die. pag. 119. & 120.*
- Verba, quæ ego locutus sum vobis, spiritus, & vita sunt. p. 128.*
- Panis enim Dei est, qui de cælo descendit, & dat vitam mundo. p. 127.*
- Ego sum panis vivus, qui de Cælo descendi. p. 127.*
- Panis, quem ego dabo, caro mea est pro sæculi vita. Ibid. & 313.*
- Siquis manducaverit ex hoc pane vivet in æternum. Ibid.*
- Nisi manducaveritis carnem filii hominis non habebitis vitam. Ibid.*
- Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem. Ibid.*
- Et qui manducat me, ipse vivet propter me. Ibid.*
- Qui manducat hunc panem, vivet in æternum. Ibid.*
- Hic est panis, qui de cælo descendit, ut siquis ex ipso manducet, non moriatur. Ibid, & 295.*
- Non sicut manducaverunt Patres vestri manna, & mortui sunt. Ibid.*
- Cap. 8. *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi. p. 302.*
- Cap. 11. *Tollite lapidem. p. 167.*
- Cap. 12. *Nunc judicium est mundi: nunc princeps hujus mundi ejicitur foras: & ego, si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum. p. 54.*
- Cap. 13. *Cum accepisset ille buccellam, continuo exivit, &c. p. 298.*
- Magister, & Domine p. 108.*
- Cap. 14. *Tanto tempore vobiscum sum, & non cognovistis me: Philippe, qui videt me, videt & Patrem meum. p. 136.*
- Cap. 15. *Pater meus agricola est. p. 270.*
- Cap. 16. *Me solum relinquatis, sed ego non sum solus, quia Pater mecum est. p. 239.*
- Cap. 17. *Glorifica me Pater. pag. 235.*

Cap. 18. *Ego sum.* p. 311.  
*Si ergo me queritis, finite hoc abire.*  
 p. 237.

Cap. 19. *Ligaverunt illud linteis*  
*cum aromatibus.* p. 159.

*Sitio.* p. 67. & 356.

*Et cum gustasset, noluit bibere.*  
*Ibid.*

*Cum vidisset Jesus Matrem, &*  
*Discipulum stantem.* p. 65.

*Os non comminuetis ex eo.* p. 62.

*Non fregerunt ejus crura.* *Ibid.*

*Milites ergo acceperunt vestimenta*  
*ejus, & tunicam.* p. 35.

Cap. 20. *Cum fores essent clausae.* pag.  
 156.

*Infer digitum tuum huc; & vide*  
*manus meas: & affer manum*  
*tuum, & mitte in latus meum.* p.  
 157.

Ex libro Actuum.

Cap. 1. *Quod est juxta Hierusalem,*  
*Sabbati habens iter.* p. 162.

Ex Epistola ad Romanos.

Cap. 4. *Credidit Abraham Deo, &*  
*reputatum est illi ad justitiam.* p.  
 67.

Cap. 6. *Mors illi ultra non domina-*  
*bitur.* p. 155.

Ex prima ad Corinthios.

Cap. 1. *Judæis quidem scandalum:*  
*gentibus autem stultitiam.* p. 56.

Cap. 5. *Modicum fermentum totam*  
*massam corrumpit.* p. 85.

Cap. 13. *Tunc autem facie ad fa-*  
*ciem.* p. 6.

Cap. 15. *Seminatur corpus animale,*  
*furgit corpus spiritate.* p. 155.

Tom. 12.

Ex Secunda ad Corinthios

Cap. 11. *Hoc est Corpus meum, quod*  
*pro vobis tradetur.* p. 313.

Ex Epistola ad Galatas.

Cap. 2. *Christo confixus sum Crucem.*  
 p. 60.

*Vivo ego, jam non ego: vivit vero*  
*in me Christus.* p. 241.

Cap. 5. *Qui carnem suam crucifixe-*  
*runt cum vitis, & concupiscentiis*  
*suis.* p. 55.

Cap. 6. *Mibi mundus crucifixus est;*  
*& ego mundo.* p. 69. & 233.

Ex Epistola ad Ephesios.

Cap. 3. *Hujus rei gratia flecto genua*  
*mea ad Patrem, ex quo omnis pa-*  
*ternitas in cælis, & in terra nomi-*  
*natur.* p. 189.

Ex Epistola ad Philippenses.

Cap. 3. *Nunc autem & flens dico*  
*inimicos Crucis Christi.* p. 56.

Ex Epistola ad Colossenses.

Cap. 2. *Adimpleo ea, quæ desunt*  
*passionum Christi, in carne mea*  
 p. 341.

Cap. 3. *Avaritiam, quæ est simula-*  
*crorum servitus.* p. 328.

Ex secunda ad Timotheum.

Cap. 4. *Tempus resolutionis meæ.* p.  
 199.

Ex Epistola ad Hebræos.

Cap. 7. *Hoc enim fecit semel se ipsum*  
*offerendo.* p. 345.

Cap. 12. *Proposito sibi gaudio susti-*  
*nuit Crucem.* p. 168.

Dd

Ex

Ex libro Apocalypsis.

Cap. 6. Ecce equus albus, & qui sedebat super eum habebat arcum. p.

149.

Et data est ei corona. Ibid:

Et exiit vincens, ut vinceret.

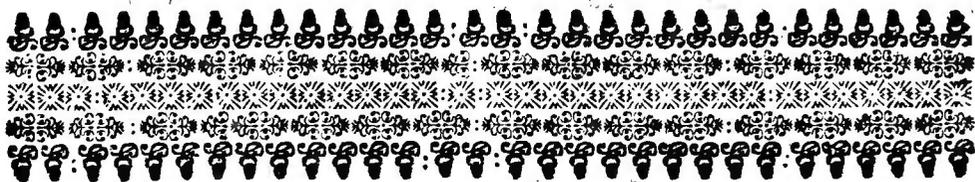
Ibid,

Cap. 7. Vidi alterum Angelum habentem signum Dei vivi p. 250.

Cap. 12. Signum magnum apparuit in celo: Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, &c. pag.

258.





# I N D I C E

## D A S C O V S A S M A I S N O T A V E I S , que estão neste Tomo.

*Os numeros não significão folha , nem pagina, nem  
columna, senão o numero marginal.*

### A

*Acabar.* **O**S homens edificação começando pelos alicesses, & acabando pelas abobadas: Deos começa pelas abobadas, & acaba pelos alicesses. Num. 1.

*Acção.* As acções de Christo, posto que encontradas, todas fazem os mesmos effeitos. num. 164.

*Acquirir.* Varios modos, com que a avareza quer acrescentar os bens, todos inuteis. 227. 228.

Qual seja só o modo seguro de adquirir. 230.

*Adorar.* Quem adora a idolatra,

adorará os seus Idolos. 105.

*Adulterio.* Assim como tomar a mulher alhea he adulterio da torpeza: assim tomar a fazenda alhea he adulterio da cubica. 108.

*Alhea.* David, & Acab ambos infelicissimos, hum, porque tomou o alheyo, & o outro, porque tomou a alhea. 110. 111. 112: 113.

Castigos extraordinarios, & admiraveis, com que Deos destruhio as mayores potencias do mundo por mulheres alheas, ou porque o eraõ, ou só

Dd ij porque

- porque o tinhaõ sido. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116.
- Albeyo.* Vide supra verbo *Alheya.* 110.
- Alma.* Offerêce o demonio hum mundo por hũa alma; porque a conhece. 340.
- Amor.* Quem ama muito, atè perigos impossiveis teme. 48.
- Quem padece muito pelo que muito ama, a sua Cruz he a sua gloria. 258.
- Elpera quem serve: teme quem ama. 44. 45.
- Quem chegou a temer impossiveis, chegou a amar quanto he possivel. 48.
- Amor proprio.* Só se sabe querer bem, quem se sabe livrar de si mesmo. 252.
- Anio.* Mayor fineza he obedecer á voz de Deos pronunciada por hum bruto, que articulada por hum Anjo. 99. No *Te Deũ laudamus* se dão graças a Deos a dous Coros: na terra os homens: no Ceo os Anjos. 183.
- E á este coro pertencem os Avòs na alegria do nascimento dos Netos. Ibid.
- Antiguidade.* Grande parte do cõselheiro a antiguidade. 155.
- Antigo.* Os Antigos nos nomes, que deraõ aos Deeses, se apresli: õ mais. 414.
- Antonio.* Milagre dos peixes, com que S. Antonio converteo aos que o não queriaõ ouvir: & Christo não oonverteo aos q̃ o não queriaõ ouvir com a efficacia de suas palavras. 432. 433. & deinceps.
- Os milagres de S. Antonio maiores que os de Christo; porque S. Antonio obrava morto, o que Christo obrava vivo. 420.
- Diferença de S. Antonio a Christo fazendo milagres por hum desejo. 421. 422.
- Para receber de Christo a faude era necessario tocar a Christo; & para a receber de S. Antonio, bastava só desejar a faude. 419.
- Em S. Antonio está o Santissimo Sacramento propriamente exposto; porque S. Antonio he a exposiçaõ do Santissimo Sacramento. 130. 131. 132.
- Calo notavel de hũa Missa dita a S. Antonio para se conseguir hũa grande maldade. 151.
- S. Antonio em muytos lugares no mesmo tempo como Christo no Sacramento. 136.
- Mayor maravilha de S. Antonio encubrir a sua virtude; sendo tam Santo, & a sua sabedoria, sendo tam douto. 149. 150.
- Apear.* Quando o Ceo anda prodigiolo, a huns poem a pè, a outros em coche. 38.
- Apologia.* Materia apologetica do Sermaõ de S. Roque. 43.

*Applauso.* Os applausos presentes com que celebramos a S. Antonio, são prova de que não havíamos de crer, nem ver as suas obras, quando elle as fez. 313.

*Armas.* Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bẽs. 55.

*Arrojado.* Homens arrojados são mais para vencer as difficuldades, que para consultar se se hão de emprender. 155.

*Atlante.* Os moradores do monte Atlante amaldiçoão o Sol, quando nasce, & quando se poem. 297.

*Atrevimento.* Do atrevimento dos homens, & do sofrimento de Deos no Sacramento, se confirma a Fè deste mysterio. 325.

*Avareza.* Varios modos, com q̃ a avareza quer acrescentar os bens, todos inuteis. 222. 228. O modo seguro de acrescental-os he dar pelo amor de Deos. 230.

*Avò.* Vide verbo *Anjo.* 99.

*Authoridade.* Quanto a authoridade do Sacramento perde de respeito, tanto a Fè ganha de authoridade. 327.

## B

*Batalha.* **B**atalha entre os cinco paens, & cinco mil homens, que Christo sustentou no deserto: 153.

*Bersabè.* Bersabè tirada por David a Urias contra todas as leys, foi figura da Virgem Maria; por cuja fermosura quebrou Deos todas as leys, a que estavam sujeitos os filhos de Adão. 16.

*Bem.* Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bens. 55.

*Beneficio.* Basta que o merecimento do beneficio esteja em algũs, para que Christo sacramentado o communique a muitos; & basta que esteja em hum, para que o communique a todos. 143.

*Bens.* Os mesmos bens dados por Deos, ou não dados por Deos, são benção, ou maldiçoão. 226.

*Boca.* O cuidado de todos os homens he buscar o pão para a boca. 111. 112.

*Bons.* Bons, & máos, todos podem servir a Deos. 61.

*Bruto.* Mayor fineza he obedecer à voz de Deos pronunciada por hum bruto, que articulada por hum Anjo. 99.

*Buscar.* Quando buscamos a Deos, nos buscamos, & nos achamos a nós. 124.

## C

*Calar.* **M**Elhor he calar com certeza da morte, q̄ pedir cõ interesse da vida. 80.

*Calvario.* Todos os homens do mundo, ou são justos, ou pecadores, ou penitentes, & todos tem sua Cruz; & por isso o mundo he como o monte Calvario. 69.

*Cambio.* Dar esmola he dar a cambio a Deos. 243.

O cambio de Deos não he a seis & quarto por cento, senão a cento por hum, & muito mais. 244.

*Campanha.* As batalhas dão-se na campanha: as vitórias alcançam-se no gabinete. 154.

*Capa.* Então reyna o Rey, quando os vassallos lhe fazem o throno com as suas capas. 38.

*Capitão.* O verdadeiro Capitão hade querer para si só a gloria da victoria; & para os seus os despojos. 162.

*Caso.* Caso notavel de hũa Missa dita a S. Antonio para se conseguir hũa grande maldade. 151.

*Castigo.* Castigos admiraveis, & extraordinarios, com q̄ Deos

destruio às mayores potencias do mundo pór mulheres alheas; ou só porque eraõ, ou só porque o tinhaõ sido. 109. 111. 113. 114. 115. 116.

*Cativeiro.* Os cativeiros injustos faõ a destruição do Maranhão, & de todas as Conquistas. Prova-se com todas as razões, & propoem-se o remedio facil para os evitar. 350.

Mayor cativeiro he estar lugeito à vontade propria, que à alhea 95.

*Ceo.* Todos queremos ir ao Ceo, & não queremos. 251.

A devação da purissima Conceição assegura o caminho do Ceo. 22.

*Chagas.* As Chagas de S. Francisco vem-se com os ouvidos, & ouvem-se com os olhos. 369.

Christo teve hũas Chagas no Corpo, outras na Alma. 273.

O Serafim S. Miguel prova-se que foi o que imprimio as Chagas em S. Francisco. 277.

Nas Chagas de S. Francisco se emendáraõ os defeitos do Calvario. 337. & deinceps. Primeiro defeito da parte dos instrumentos: segundo da parte dos Ministros: terceiro da parte das mesmas Chagas. Ibid.

*Christão.* O verdadeiro Christão he hum não eu; porque se ha nas cousas proprias como alheas. 252.

*Christo*

*Christo.* Compara-se Christo a Esposo, & a Ladrão, & porque? 39.

Christo no dia de sua Ressurreição, foi o Sol, que amanheceo de madrugada: & em todas as circunstancias daquelle dia foi como o Sol. 165.

As acções de Christo, posto q̄ encontradas, todas fazem os mesmos effeitos. 164.

*Cinto.* O remedio para sustentar as tochas, he apertar os cintos. 35.

*Começar.* Os homens edificação começando pelos alicesses, & acabando pelas abobadas: Deos começa pelas abobadas, & acaba pelos alicesses. 1.

*Companhia.* A Cruz da Religião padece-se por Christo, & com Christo; & como Christo he a causa, & a companhia, isso mesmo a faz muito leve. 90.

*Conceição.* Da fermolura da Virgem se prova a pureza de sua Conceição. Refere-se hum caso famoso. 12.

A devação da purissima Conceição segura o caminho do Ceo. 22. Quanto agradaõ à Virgem Maria os que defendem a pureza de sua Conceição. 21. 22.

Deos na Conceição da Virgem Maria começou pelo fim, isto he, pela graça, & acabou pelo principio, isto he, pela natureza. 2.

Bersabé tirada por David a Urias contra todas as leys, foi figura da Virgem Maria; por cuja fermolura quebrou Deos todas as leys, a que estava sujeitos os filhos de Adão. 16. 17.

*Conselheiro.* He grande parte de côselheiro a antiguidade. 155.

*Conselho.* As guerras se haõ de governar com o conselho, que he o leme das guerras. 154.

Ha conselhos, que são maldições. 119.

*Conservação.* Os Reynos, & os Imperios conservaõ-se como em duas raizes em filhos, & filhas. 29.

De hum Ministro de pouca fê; & verdade tal vez se podem diffimular os furtos da fazenda; mas os secretos da guerra, de que depende a conservação do estado, por nenhum modo se lhe devem fiar. 154.

Para a conservação são mais seguras as raizes do temor, que as da esperanza. 44.

*Consultar.* Não-se de consultar os praticos, posto que rusticos; porque sabem o que os labios não podem adivinhar. 154.

*Converter.* Christo de tres ladrões converteo só hum; & S. Antonio de vinte & dous converteo todos. 431.

S. Antonio por meyo do demônio converte a hum Religio-

- lo ; que o mesmo demônio tinha tirado da Religião. 439.
- Convite.* Uso antiquissimo de se proporem problemas nos côvites. 102.
- Crer.* Os Hereges crem pelos motivos de negar ; & negão pelos motivos de creer. 340. Prova-se com hum exemplo do Testamento Velho , & com outro do Testamento Novo. 331. 332.
- Cruz.* As Cruzes deste mundo são duas : húa espiritual, outra temporal, & qual seja cada húa dellas. 64. 65.
- Quem padece muito pelo que muito ama , a sua Cruz he a sua gloria. 258.
- A Cruz de Christo foi a sua gloria. 257.
- Quiz Christo tanto só para si a gloria da sua Cruz , que nem aos homens , nem aos Anjos , nem ao mesmo Deos quiz por companheiros nella. 259. 260.
- Discorre-se por todos os estados , & a cada hum se affinala a sua Cruz. 71.
- Dous juizos da Cruz : hum , em que hade ser julgada : outro , em que hade julgar. 69. 70.
- Compara-se a Cruz de Christo com a Cruz da Religião , & a Cruz da Religião com a Cruz do mundo 72.
- A Cruz da Religião mais estreita que a Cruz de Christo por quatro razoes. 73. 74.
- A Cruz da Religião padece-se com Christo , & por Christo ; & como Christo he a causa , & a companhia , isto a faz muito leve. 90.
- Cuida o mundo que a Cruz da Religião he muito pezada , & a sua he muito mais pezada. 89.
- A Cruz material esteve cativa na Persia quatorze annos ; a espiritual desde principio do mundo em todas as Nações delle. 66.
- Na Cruz de Christo esteve a vontade livre ; na Cruz da Religião está o entendimento cativo. 86.
- Todos os homens do mundo , ou são justos , ou peccadores , ou penitentes , & todos tem sua Cruz ; por isso o mundo he como o monte Calvario. 69.
- Sem a Cruz de Christo , ninguem se póde salvar: com a nossa Cruz ninguem se póde perder. 65.
- Cubiça.* Assim como tomar a mulher alhea he adulterio da torpeza : assim tomar a fazenda alhea he adulterio da cubiça. 106.
- Nem Christãos , nem racionaes somos ; porque não encaminhamos a nossa cubiça pelos caminhos da nossa Fè ; mas he que não temos Fè. 224.

# D

*Dar.* **T**UDO o que Deos dá nesta vida, he como se o não dera, senão deu filhos: 192.

Deos he mais largo em dar, que nós em pedir. 29.

*Defeitos.* Nas Chagas de S. Francisco se emendãrão os defeitos do Calvario. 373.

Primeiro defeito da parte dos Ministros: segundo da parte dos instrumentos: terceiro da parte das mesmas Chagas. *Ibid.*

*Demonio.* Vide supra verbo *Converter.* 439.

*Deos.* As obras de Deos todas são boas: os instrumentos podem ser máos, & bons. 60.

Quando buscamos a Deos, nos buscamos, & achamos a nós. 174.

Deos he mais largo em dar, que nós em pedir. 29.

Não servimos a Deos, porque Deos tenha necessidade de nós, senão porque nós temos necessidade de o servir. 174.

A quem Deos não dá filhos, nenhuma cousa lhe pôde dar, porque tudo, o que lhe der he como se lho não dêsse, nem he para elle, senão para outrem. 192.

Servir a Deos com offensa de

Deos, não he servilo, he offendelo. 176.

Deos na Conceição de Maria Santissima começou pelo fim, isto he, pela graça, & acabou pelo principio, isto he, pela natureza. 2.

Os homens edificaõ começando pelos alicesses, & acabando pelas abobadas: Deos acaba pelos alicesses, & começa pelas abobadas. 1.

Dar Deos hum filho varaõ a hũa geração esteril, he o olhar, & o ver de Deos. 33.

Mayor fineza he obedecer à voz de Deos pronunciada por hum bruto, que articulada por hum Anjo. 99.

*Despir.* Se o Rey se despe para que os soldados tenham que jugar, quanto mais se deve despir, para que tenham que comer. 41.

*Devação.* Primeiro se hade acudir ás obras de obrigação, que ás de devação. 125. 126.

Acudimos à devação, & não ao preceito; porque na devação fazemos a propria vontade, & no preceito a de Deos. 126.

*Dia Santo.* Tudo o que se trabalha ao Domingo, ou dia Santo he destruição do que se trabalha pela somana. 224.

*Difficuldade.* Homens arrojados são mais para vécer as difficuldades, que para consultar se se haõ de emprender. 155.

As difficuldades pequenas correm por nossa conta : as grandes pelas de Deos. 180.

*Dinheiros.* As armas de Portugal compostas das Chagas de Christo , & dos dinheiros de Judas. 57.

*Dor.* A dor de não ter filhos he mayor que a dor do parto ; & porque ? 190.

## E

*Encarecimento.* **E**ncarecimento da fermosura dos olhos de Maria tal , q̄ divertiriaõ a Christo do cuidado da salvação das almas. 8. 9. E podião ensoberbecer ao mesmo Deos. 10.

*Encuberto.* Joás encuberto , & restituído ao Reyno , que lhe pertencia , com todas as circumstancias d'ElRey D. João o IV. 407.

Grande milagre de S. Joseph em conservar encuberto a ElRey D. João não só aos olhos dos Reys estranhos , senão tambem aos desejos dos Portuguezes. 410.

*Encubrir.* Mayor maravilha de S. Antonio encubrir a sua virtude sendo tam Santo , & a sua sabedoria sendo tam douto. 149.

*Engano.* O zelo pôde ser muito

bom , & pôde ser engano. 52.

*Enigma.* A mulher do Apocalypse vestida do Sol he enigma da Lusitania ; & porque ? 387.

*Entendimento.* Mayor sacrificio he cativar o entendimento , q̄ fugeitar a vontade. 86. 87.

*Enveja.* A enveja faz q̄ os olhos , q̄ vem o bem , não sejam bons. 314.

Os olhos da enveja não vem as luzes , senão depois de apagadas. 313.

Varias obras santas de S. Antonio , que se haviaõ de interpretar mal pela enveja. 318.

O que vendo-se todo não pôde deixar de parecer bem , visto só por algum lado , pôde parecer mal. 316.

Os olhos da enveja nunca vem sem dar olhado. 315.

Os applausos presentes , com que festejamos a S. Antonio , são prova , de que não haviamos de crer , nem ver suas obras , quando elle as fez. 313.

*Esperança.* Para conservação são mais leguras as raizes do temor , que as da esperança. 44.

Espera quem serve : teme quem ama. 44. 45.

*Espirito.* Mayor circumstancia da Cruz da Religiaõ , q̄ da Cruz de Christo , haver de entregar o espirito na mão do Padre ; mas esse Padre não hade ser o que eu escolher , senão o que me derem. 88.

*Esposo.*

*Esposo.* Compara-se Christo a Esposo, & a Ladrão; & porque? 39.

*Estado.* Discorre-se por todos os estados, & a cada hum se affinala a sua Cruz. 71.

*Escritura.* Basta hũa letra de hum Herege, de hum Judeo, de hum Turco, para entendermos, que nos não faltará coufa algũa; & não cremos o mesmo do que Deos nos promete com tantas Escrituras. 224.

*Encaminhar.* Nem Christãos, nem racionaes fomos, porque não encaminhamos a nossa Fè pela cubiça, ou a nossa cubiça pela Fè. 224.

*Esmola.* Quando o que se dá aos pobres cabe em hũa mão, o que se recebe, não cabe em duas. 230.

O cambio de Deos não he a feis & quarto por cento, senão a muito mais. 244.

Dar esmola, he dar a cambio a Deos. 224.

*Eterno Padre.* Porque pertence só ao Eterno Padre dar filhos? 199.

*Eva.* A mulher de Job foi a segunda Eva, & a de Tobias a terceira. 124. 125. 126.

Toda a mulher he Eva, & causa de todos os males. 122. 123.

*Eu.* O verdadeiro Christão he hum não eu: assim como o verdadeiro amigo he outro eu. 225.

*Experiencia.* Prova-se com a experiencia que não pôde faltar Deos a quem o busca: & se tal vez parece que falta Deos ao justo: ou he, porque não he justo: ou porq̃ quer Deos experimentar se o he. 229.

## F

*Fallar.* **O**S milagres tambem fallaõ. 163.

Melhor he emmudecer com certeza da morte, que pedir com interesse da vida. 80.

Se no mundo não se fallasse, nem se visse, toraõ mais toleraveis as suas Cruzes. 92.

Fallar com escuta he mayor pena que não fallar. 78. 79.

*Famosos.* Famosos Varões Portuguezes indignamente tratados da sua Patria. 285.

*Fantasma.* Como ha fantasmas que parecem remedios, assim ha remedios que parecem fantasmas. 53.

*Fazenda.* Ministros que por poupar a fazenda perdem as acções gloriosas. 154.

*Fè.* Alcançar a Fè as vitorias, & pagar a infidelidade os soldos, he Christandade politica. 56.

Quando nasce o filho prometido por Deos, nasce juntamente com elle a fè da promessa Divina. 32.

*Fermosuras*

*Fermosura.* Da fermosura da Virgem se prova a pureza de sua Conceição : refere-se hum famoso caso. 12.

Encarecimento da fermosura dos olhos de Maria tal, que divertiriaõ a Christo do cuidado da salvação das almas. 8. 9. E podiaõ ensoberbecer ao mesmo Deos. 10.

Na fermosura, & perfeição de Maria sempre ha que ver, & que admirar de novo. 5.

Fermosura da Virgem Maria comparada à Jerusaleem da terra ; & porque ? 4.

A fermosura de Maria comparada com a Jerusaleem celeste, porque he tam fermosa, que vista sem Fè, se poderá adorar por Deos. 6.

*Filho.* A quem Deos não dá filho, nenhũa cousa lhe pôde dar, porque tudo o que lhe der não he para elle, senão para outrem. 192.

*Filhos.* Grande he na ordem da Divina Providencia a ventura dos filhos ultimos; & tal he a do nosso Principe. 185.

Os Reynos, & os Imperios conservaõ-se como em duas raizes em filhos, & filhas. 29.

Porque pertence só ao Eterno Padre o dar filhos. 199.

Os annos dos pays, & os dos filhos, todos são dos pays. 205.

Tudo o que Deos dá nesta vi-

da, senão deu filhos, he como se o não derá. 192.

Boa he a fortuna do filho quinto. 186.

*Filhas.* Se em cinco filhos dous são do sexo feminino, os cinco chamaõ-se sete. 30.

Vide supra verbo *Filhos.* 29.

*S. Francisco.* S. Francisco pela abnegação deixou de ser Francisco, & pela transformação passou a ser Christo. 268.

*Frenes.* Frenes donzella de Athenas accusada; & julgada por livre da culpa por sua fermosura. 12.

## G

*Gabinete.* **A**S batalhas daõ-se na campanha, as victorias alcançaõ-se no gabinete. 154.

*Gemeo.* Como pôde ser parto gemeo o de hum só filho. 32.

*Gigantes.* Os que se defendem armados das suas fortificações, ainda que sejaõ Pigmeos, em respeito dos outros homens são Gigantes. 156.

*Gloria.* O verdadeiro Capitaõ hade querer para si só a gloria da victoria, & para os seus os despojos. 162.

*Gosto.* Na Cruz da Religiaõ, nem a vontade tem exercicio, nem o gosto tem uso : & Christo na sua

sua Cruz tinha gosto : *Cum gustasset* : & tinha vontade : *Noluit bibere.* 85.

*Guerra.* De hum Ministro de pouca Fè, & verdade tal vez se podem diffimular os furtos da fazenda ; mas os secretos da guerra de que depende a conservação do Estado , por nenhum modo se lhe devem fiar. 154.

Nas guerras de Christo primeiro he o vencer que o pelejar. 157.

Paz sem successão he guerra. 197.

As guerras haõ-se de governar com o leme , & este leme he o conselho. 154.

## H

*Haver.* **O** Verdadeiro voto ha-se de fundar no que he, & no que ha. 155.

*Herege.* Os Hereges crem pelos motivos de negar : & negaõ pelos motivos de crer. 340.

Prova-se com hum exemplo do Testamento Velho, & cõ outro do Testamento Novo. 331. 332.

*Heregia.* He Heregia condemnada na sagrada Escritura dizer que Deos sempre se poem da parte , onde ha mais molque-teiros. 155.

*Homem.* Não ha para o homem cousa mais vil , que o mesmo homem. 343.

No *Te Deum laudamus* se daõ graças a Deos a dous coros : na terra os homens , no Ceo os Anjos. 183. E a este Coro pertencem os Avõs na alegria do nascimêto dos Netos. *Ibid.* Dous dias do juizo : hum em q os homens haõ de ser julgados ; outro, em que julguem. 68.

## I

*Idolatria.* **A** Idolatria chegou a conhecer Divindade nos ventos , plantas , & animaes : & a obediencia dos Religiosos em hum espinheiro , em hũa tempestade chega a conhecer a Deos em sua voz. 100.

*Idolo.* Quem adora a Idolatria, adora aos seus Idolos. 105.

Tam Idolatra era Raquel dos Idolos alheyos como Labaõ dos proprios. 105.

*Igualar.* Isaac , Joseph , & Lazaro imitáraõ a Christo em sua Paixão ; mas não o igualáraõ. 271.

*Imagem.* Hũa Imagem da Virgem nossa Senhora , prègando-se em sua presença que fora concebida em peccado original , lançou a mão ao manto , & cobrio

- cobrio o rosto. 14.
- Immortalizar.* As vidas dos pays por meyo das vidas dos filhos te immortalizaõ. 215.
- Impossivel.* Quem chegou a temer impossiveis, chegou a amar quanto he possivel. 48.
- Quem ama muito, atè perigos impossiveis teme. 48.
- Infante.* Nas mesmas terras, em que Castella enterrou dous Infantes, nasceraõ outros dous a Portugal. 34.
- Infidelidade.* Alcançar a Fè as victorias, & pagar a infidelidade os soldos, he Christandade politica. 56.
- Inimigo.* Tirar as armas ao inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bés. 55.
- Instrumento.* As obras de Deos todas são boas: os instrumentos podem ser máos, ou bons. 60.
- Joaz.* Joaz encuberto & restituído ao Reyno, que lhe pertencia com todas as circumstâncias d'ElRey D. João o IV. 411.
- João.* S. João por força das palavras de Christo: *Mulier ecce filius tuus*, nasceo naquelle dia. 339.
- Encomendou Christo sua Mãy a S. João, para que substituisse no officio a S. Joseph defunto. 398.
- Job.* A mulher de Job foi a segunda Eva, & a de Tobias a terceira. 124. 125. 126.
- Joseph.* Com quanta razaõ deve o Reyno de Portugal tomar por Protector de sua conservaçaõ a S. Joseph. 412.
- Encomendou Christo sua Mãy a S. João, &c. Vide supra verbo, *João.* 368.
- Os Planetas, que são Jozes para influirem beneficemente, hão de estar debaixo da terra. 491. 402.
- Irmãa.* A utilidade que tem nos Reynos duas irmandades, hũa de irmãos, outra de irmãs. 28.
- Irmão.* Vide supra verbo *Irmãa.* 28.
- Irmandade.* Vide supra verbo *Irmãa.* 28.
- A Ley Escrita foi fundada em hũa irmandade de dous irmãos: & a Ley da Graça em hũa de quatro. E porque? 27.
- Irracionaes.* A quem Deos sustenta com a sua mão, quer que o sirvaõ todas as creaturas racionaes, & irracionaes. 58. 59.
- Ir.* Todos queremos ir ao Ceo, & não queremos. 251.
- Italia.* Foi arrebatado S. Antonio da tempestade a Italia, para viver entre homens, diante dos quaes se pudesse luzir. 293.
- Juizo.* Dous dias do juizo: hum, em que os homens hão de julgar, outro em que hão de ser julgados. 68.

Dous juizos da Cruz : hum , e m que ha de ser julgada ; outro , em que ha de julgar. 69.70.

*Justo.* Prova-se com a experiência , que não póde faltar Deos a quem o busca ; & se tal vez parece que falta Deos ao justo : ou he porque não he justo : ou porque quer Deos experimentar se o he. 229.

## L

*Ladraõ.* **C**hristo de tres ladroens converteo só hum , & S. Antonio de vinte & dous converteo todos. 431.

Compara-se Christo a Esposo , & a Ladraõ : & porque ? 39.

*Ley.* A Ley Escrita foi fundada em dous irmãos: a Ley da Graça em quatro. E porque ? 27.

Bersabè tirada por David a Urias contra todas as leys, foi figura da Virgem Maria, por cuja fermosura quebrou Deos todas as leys , a que estavaõ fugeitos os filhos de Adã. 16. 17.

*Leme.* As guerras se haõ de governar com o leme , & este leme he o contelho. 154.

*Letra.* Basta hũa letra de hum Hereje , de hum Judeo , de hũ Turco , para entendermos , que nos não faltará cousa al-

gũa ; & não cremos o mesmo do que Deos nos promete com tantas escrituras. 224.

*Levantar.* Quando o Ceo anda prodigioso , a huns desce , & os poem a pè ; a outros levanta , & os poem em coche. 38.

*Lingua.* Os outros membros são instrumentos do corpo : a lingua he instrumêto da alma. 77.

*Libertador.* O Rey , que he libertador do Reyno , sustenta-se do seu , & não do que he dos vassallos. 42.

*Lodo.* Santo Antonio fez que o lodo não enlodasse a hũa fenhora ; o que não fez Christo. 423. 424.

*Luzir.* Muy raros são os homens , diante dos quaes se possa luzir. 295.

Para luzir he necessario poupar. 36.

*Lusitania.* A mulher do Apocalypse , vestida de Sol , enigma da Lusitania. E porque ? 287.

A Lusitania está no Occidente do mundo , onde morrem todas as luzes do Ceo. 284.

*Luz.* No lugar , em que nasce a luz , não ha olhos , que a vejaõ. 308.

Hũa luz basta para o remedio : para a segurança são necessarias muitas. 25.

Não ha luz tam illustre no mundo , que rão ande junta com as trevas. 279. 280.

## M

*Mal.* **T** Irar as armas do inimigo, & convertelas contra elle, he fazer de hum mal dous bens. 55.

*Maldição.* Todas as maldições do mundo temporaes, & eternas foraõ causadas por hũa mulher: não alhea, mas propria. 120. 121.

O ouro, & prata são boa parte das maldiçoens. 119.

Ha conselhos, que são maldiçoens. 119.

*Manto.* Porque deu Abimelech a Sará o preço de hum manto. 15. 16.

Hũa Imagem da Virgem nossa Senhora, prégando-se em sua presença que fora concebida em peccado original, lançou mão ao manto, & cubrio o rosto. 14.

*Mão.* Bons, & máos, todos podem servir a Deos. 61.

*Maria.* Da fermosura da Virgem Maria se prova a pureza de sua Conceição. Refere-se hum caso famoso. 12.

A fermosura de Maria comparada com a Jerusalem celeste; porque he tam fermosa, que vista sem Fé se póde adorar por Divina. 6.

Hũa Imagem da Virgem nossa

Senhora, prégando-se em sua presença que fora concebida em peccado original, lançou a mão ao manto, & cobrio o rosto. 14.

Encarecimento da fermosura dos olhos de Maria tal, que divirteriaõ a Christo do cuidado da salvação das almas. 8. 9. E podião ensoberbecer ao melmo Deos. 10.

A fermosura da Virgem Maria comparada à Jerusalem da terra. E porque? 4.

Deos na Conceição da Virgem começou pelo fim, isto he, pela graça: & acabou pelo principio, isto he, pela natureza. 2.

Na fermosura, & perfeição de Maria sempre ha que ver, & que admirar de novo. 5.

*Marias.* Quatro actos de perfeição, com que as Marias buscá-raõ a Christo. 118. & deinceps.

*Maravilha.* Varias semelhanças de S. Antonio ao Sacramento; & qual foi a mayor de todas. 149.

*Martyrios.* Procissão dos martyrios da Paixaõ repartidos por varios estados do mundo. 71.

*Matrimonio.* Razoens de ser a mulher propria mais perniciosá ao homem que a alhea. 127.

*Milagre.* Para S. Antonio fazer milagres na sua Patria, foi necessario ter outro nascimento na Omnipotencia Divina. 305. 306. Não

**Não** pode Christo na sua Patria fazer milagre algum; & porque? 301. 302.

**Diferença** de Santo Antonio a Christo fazendo milagres por hum desejo. 421. 422.

**Os milagres** tambem fallaõ. 163.

**Os milagres** de S. Antonio maiores que os de Christo; porque S. Antonio obrava morto o que Christo obrava vivo. 419. 420.

**Miguel.** O Setafim S. Miguel prova-se que foi o q̄ imprimio as Chagas de S. Francisco. 277.

**Ministro.** De hum Ministro de pouca Fè, & verdade, tal vez se podem diffimular os furtos da fazenda; mas os secretos da guerra, de que depende a conservação do Estado, por nenhum modo se lhê devem fiar. 154.

**Ministros;** que por poupar a fazenda perdem as acções gloriosas. 154.

**Missa.** Caso notavel de hũa Missa dita a S. Antonio para se conseguir hũa grande maldade. 151.

**Mulher.** Problema: Se são mais perniciosas as mulheres proprias, ou as alheas. 103. 104. 105.

**Razoens** porque a mulher propria he mais perniciosa ao homem, que alhea 127.

**Tom. 12.**

**Castigos** extraordinarios, & admiraveis, com que Deos destruhio as mayores potencias do múdo por mulheres alheas: ou só porque o eraõ, ou tinhaõ sido. 109. 110. 111. 112. 113. 114. 115. 116.

**Toda** a mulher he Eva, & causa de todos os males. 122. 123.

**Todas** as maldiçoens do mundo temporaes, & eternas foraõ causadas por hũa mulher, não alhea, mas propria. 120. 121.

**Em** que se symboliza a mulher, & o vinho. 104.

**Mais** perniciosas são as mulheres alheas, que as proprias. 107.

**Morte.** Mais para temer he a resurreiçaõ, que a morte. 166. E porque? 167.

**Mosqueteiros.** He heresia condemnada na sagrada Escritura o dizer q̄ Deos sempre se poem da parte, onde ha mais Mosqueteiros. 155.

**Multidão.** Multidão desordenada he confusaõ: ordenada, he exercito. 158.

**Mando.** Offerece o demonio hum mundo por hũa alma, porque a conhece. 340.

**Cuida** o mundo que a Cruz da Religiaõ he muito pezada; & a sua he muito mais pezada. 8. 9.

**Compara-se** a Cruz de Christo com a Cruz da Religiaõ, & a

Ee Cruz

Cruz da Religião com a Cruz  
do mundo. 72.]

## N

*Nascimento.* Quando nasce o  
filho prometi-  
do por Deos, nasce juntamen-  
te com elle a Fè da promessa  
Divina. 32.

Nas mesmas terras, em que Ca-  
stella enterrou dous Infantes,  
nasceràõ dous a Portugal. 34.

*Negar.* Os Hereges crem pelos  
motivos de negar, & negão pe-  
los motivos de crer. 340. Pro-  
va-se com hum exemplo do  
Testamento Velho, & com  
outro do Testamento Novo.  
331. 332.

*Netos.* No *Te Deum laudamus*, se  
dão graças a Deos a dous Co-  
ros; na terra os homens, no  
Ceo os Anjos. 183. E a este  
Coro pertencem os Avòs na  
alegria do nascimento dos Ne-  
tos. Ibid.

*Nome.* Os Antigos nos nomes,  
que deraõ aos Deoses, se apres-  
fáraõ; devendo-os dar a ou-  
tros, se esperarãõ mais. 414.]

## O

*Obediencia.*

A Idolatria che-  
gou a conheccr

Divindade nos ventos, plantas,  
& animaes: & a obediencia dos  
Religiosos em hum Espinhei-  
ro, & em hũa tempestade che-  
ga a conhecer a Deos em sua  
VOZ. 100. 11

*Obra.* As obras de Deos todas são  
boas; os instrumentos podem  
ser bons, & mãos. 60.

*Occidente.* A Lusitania está no  
Occidente do mundo, onde  
morrem todas as luzes do Ceo.  
284.

*Olhos.* As Chagas de S. Francisco  
vem-se com os ouvidos, & ou-  
vem-se com os olhos. 369.

Os olhos da enveja não vem as  
luzes, senão depois de apaga-  
das. 313.

A enveja faz que os olhos, que  
vem o bem, não sejam bõs. 314.

*Olhado.* Os olhos da enveja nun-  
ca vem, sem dar olhado. 315.

*Olhar.* Dar Deos hum filho va-  
raõ a hũa geração estéril, he o  
olhar, & ver de Deos. 33.

*Omnipotencia.* Começar pelos  
fins, & acabar pelos princípios  
são primores da Omnipoten-  
cia Divina. 1.

*Ordem.* Multidãõ com ordem, he  
exercito; sem ordem, he con-  
fusão. 158.

*Ouro.* O ouro, & prata são boa  
parte das maldições. 119.

*Ouvidos.* As Chagas de S. Fran-  
cisco vem-se com os ouvidos,  
& ouvem-se com os olhos.  
369. *Padre,*

P

*Padre.* **M**ayor circumstancia da Cruz da Religião, que da Cruz de Christo, haver de entregar o espirito na mão do Padre; mas este não ser da propria eleição, senão afinalado por outrem. 88.

*Paens.* Batalha entre os cinco paens, & cinco mil homens, que Christo sustentou com elles. 153.

*Pay.* Os homens, que são pays, tem duas vidas. 207.

As vidas dos pays por meyo da vida dos filhos se immortalizão. 205.

Os annos do pay, & os do filho, todos são do pay. 205.

*Pão.* Remedio certo para ter pão, & industria infalivel para ter muito. 216. Prova-se o primeiro com todas as Escrituras; & finalmente com a mesma experiencia. 218. 219.

A falta do pão provem de que não ha quem o parta, & reparta com os pequenos. 160.

O cuidado de todos os homens he buscar pão para a boca. 211. 212.

*Partir.* Vide verbo *Pão*. 160.

*Parto.* Os partos heroicos participão do mez decimo. 203.

A dor de não ter filhos he ma-

yor que a dor do parto; & porque? 190

Como pôde ser parto gêmeo o de hum só filho? 32.

*Patria.* Para S. Antonio fazer milagres na sua Patria, foi necessario ter outro nascimento na Omnipotencia Divina. 305. Não pode Christo na sua Patria fazer milagre algum: & porque? 301. 302.

No lugar, onde nasce a luz, não ha olhos, que a veção. 308.

*Paz.* Paz sem successão he guerra. 192.

*Pedir.* A quem Deos dá successão, não lhe resta mais que pedir ao mesmo Deos. 196.

Deos he mais largo em dar, que nós em pedir. 29.

*Perigo.* O mayor perigo he quando se teme o remedio. 53.

Quê teme os perigos possiveis, está acautelado: quem teme os impossiveis, está seguro. 50.

O verdadeiro zelo teme o perigo, & trata dos remedios. 46.

*Perfeição.* Quatro actos de perfeição, com que as Marias buscãrão a Christo. 172.

*Peixes.* Milagre dos peixes, com que S. Antonio converteo aos que o não querião ouvir: & Christo não converteo aos que tambem o não querião ouvir com a efficacia de suas palavras. 432. 433.

*Pigmeos.* Os que se defendem armados

- mados das suas fortificaçoens , ainda que sejam Pigmeos , a respeito dos outros homens são Gigantes. 156.
- Planeta.* Os Planetas , que são Jozes , para influirem beneficentemente , hão de estar debaixo da terra. 401. 402.
- Pebres.* Quando o que se dá ao pobre cabe em hũa mão , o que se recêbe , não cabe em duas. 230.
- Portuguez.* O primeiro Portuguez Thubal quer dizer , *Múdanus* , ou *Orbis* ; & porque ? 187.
- Portugal.* O Reyno de Portugal com quanta razão deve tomar por Protector de sua conservação a S. Joseph. 412.
- Famosos Varoens Portuguezes indignamente tratados na Patria. 285.
- A terra de Portugal he como a terra de Promissão nas influências , & em gerar Gigantes : mas tambem na deshumanidade de comer os que nella habitão. 288.
- Poupar.* Para luzir he necessario poupar. 36.
- Prata.* O ouro , & prata são boa parte das maldiçoens. 119.
- Pratico.* Hão-se de consultar os Praticos , posto que rusticos ; porque sabem o que os sabios não podem adivinhar. 144.
- Preceito.* Acudimos á devação , & não ao preceito ; porque na devação fazemos a propria vontade , & no preceito a de Deos. 176.
- Primeiro se hade acudir ás obras de preceito , que ás de devação. 175. 176.
- Primeiro.* Tem Deos por braço ; & honra de sua justiça fazer dos primeiros ultimos , & dos ultimos primeiros. 185.
- Primores.* Tem Deos por primores de sua Omnipotencia começar pelos fins , & acabar pelos principios. 1.
- Primogenita.* Em Deos primeiro he a Primogenita , que o Primogenito. 202.
- Primogenito.* Vide verbo *Primogenita*. 202.
- Principe.* Grande he na ordem da Divina Providencia a ventura dos filhos ultimos , & tal he o nosso Principe. 185.
- Problema.* Ufo antiquissimo de se proporem problemas nos convites. 102.
- Problema: Se são mais perniciosas as mulheres proprias , ou as alheas. 103. 104. 106.
- Procissão.* Dos mysterios da Paixão repartidos por varios estados do mundo. 71.
- Prodigio.* Quando o Ceo anda prodigioso , a huns poem a pé , a outros em coche. 38.
- Promessa.* Quando nasce o filho prometido por Deos , nasce junta

juntamente com elle a Fè da promessa Divina. 32.

*Propria.* Razoens porque a mulher propria he mais pernicioza ao homem , que a alhea. 127.

*Provar.* Em Deos não ha prover , sem provar. 230.

*Prover.* Vide verbo *Provar.* 230.

*Providencia.* A quem Deos sustenta com a sua mão , quer que o sirvaõ todas as creaturas racionaes , & irracionaes. 58. 59.

## Q

*Quatro.* **N** Umero de quatro venturoso. 27.

*Quinto.* Boa he a fortuna do filho quinto. 186.

## R

*Rachel.* **T** Aó idolatra era Rachel dos Idolos atheyos, como Labaõ dos proprios. 105.

*Racionaes.* A quem Deos sustenta com a sua mão , quer que o sirvaõ todas as creaturas racionaes, & irracionaes. 58. 59.

*Rey.* O Rey libertador sustenta-se do seu , & não do que he dos vassallos. 42.

Se o Rey se despe , para que os

soldados tenhaõ que jugar ; quanto mais se deve despir, para que tenhaõ que comer. 41.

Porque não farão os vassallos pelo Rey , o que o Rey faz pelos vassallos. 41.

Os vassallos haõde dar ao Rey as capas dadas, & não tornalas a tomar. 40.

Entaõ reyna o Rey , quando os vassallos lhe fazem o throno das suas capas. 38.

*Reyno.* Os Reynos , & os Imperios conservaõ-se como em duas raizes em filhos , & filhas. 29.

*Religiaõ.* Na Cruz de Christo esteve a vontade livre : na Cruz da Religião está o entendimento cativo. 86.

Compara-se a Cruz de Christo com a Cruz da Religião ; & a Cruz da Religião com a Cruz do mundo. 72.

Cuida o mundo que a Cruz da Religião he muito pezada , & a sua he muito mais pezada. 89.

A Cruz da Religião padece-se por Christo , & com Christo ; & como Christo he a causa , & a companhia , isso a faz muito leve. 90.

A Cruz da Religião mais estreita que a de Christo por quatro razoens. 73. 74.

*Religioso.* Todo o Religioso está livre da vontade humana ; & porque? 97.

O Religioso em premio de se despir da propria vontade , a está sempre fazendo. 97.

*Remedio.* Como ha fátalmas, q̄ parecê remedios , assim ha remedios, q̄ parecem fantalmas. 53.

O mayor perigo he , quando se teme o remedio. 53.

O verdadeiro zelo teme os perigos, & trata dos remedios. 46.

*Repartir.* A falta de paó nasce de que não ha quem o reparta aos pequenos. 160.

*Refurreição.* Todos havemos de resuscitar em virtude do Sacramento ; que por isso se chama *Semen resurrectionis*. 140. 141.

Muito mais para temer he a refurreição , que a morte. ; & porque? 166. 167.

Quatro dotes gloriosos , com que Christo resuscitou. 170.

Devem temer , & tremer da Refurreição de Christo , os que o offendem , & não os que o buscao. 168.

Não ha cousa mais para temer nesta vida , que a certeza da refurreição. 166.

Havemos de ficar tam diferentes depois de resuscitados, que he necessario Fè para crer que seremos os mesmos. 169.

Christo no dia da sua Refurreição foi o Sol , que amanheceo de madrugada : & em todas as circunstancias daquelle dia foi Sol. 165.

Mayores movimentos causou na terra a Refurreição , que a morte de Christo. 167.

*Reverencia.* Nos templos dos Hereges ha reverencia , posto que exterior , & não ha Sacramento , & nos dos Catholicos ha o Sacramento, & falta a reverencia. 153.

## S

*Sacramento.* **S**anto Antonio em muitos lugares no mesmo tempo , como Christo no Sacramento. 136.

Basta que o merecimento do beneficio esteja em alguns , para que Christo sacramentado o communique a muitos. E basta que esteja em hum , para que o communique a todos. 143.

Christo no Sacramento está dormindo. 137.

Do atrevimento dos homens , & do sofrimento de Deos no Sacramento se confirma a Fè deste mysterio. 325.

Em S. Antonio está o Sacramento propriamente exposto ; porque S. Antonio he a exposição do Santissimo Sacramento. 130. 131. 132.

Nos templos dos Hereges ha reverencia , posto que exterior, & não há Sacramento ; & nos

nos dos Catholicos ha Sacramento , & falta a reverencia. 135.

O Sacramento sempre , & para todos he vida , & para nenhum morte. 146.

Quanto a authoridade do Sacramento perde de respeito , tanto a Fè ganha de authoridade. 327.

Todos havemos de refuscitar em virtude do Sacramento ; & por isso se chama , *Semen resurrectionis*. 140. 141.

Varias semelhanças de S. Antonio ao Sacramento ; & qual foi a mayor de todas. 149.

*Saude*. Para receber de Christo a faude , era necessario tocar a Christo ; para a receber de S. Antonio , bastava desejala. 419.

*Segurança*. Quem teme os perigos possiveis , está acautelado : quem teme os impossiveis , está seguro. 50.

O melhor meyo de conservar a seguridade , he temela. 50.

Húa luz basta para o remedio ; para a segurança são necessarias muitas. 25.

Hum só successor he estado perigolo , & não seguro. 26.

*Semelhança*. Varias semelhanças de S. Antonio com o Sacramento , & qual foi a mayor de todas. 149.

*Sentidos*. Antes de S. Antonio vir

ao mundo , era o Sacramento só mysterio de Fè : depois de S. Antonio , he tambem mysterio dos sentidos. 133. 134.

*Serpente*. A Serpente de Moyfes dava saude só pela vista : Christo pelo tacto : S. Antonio pelo delejo. 419. 420.

*Servir*. Servir a Deos com offensa de Deos , não he servilo , he offendelo. 126.

Não servimos a Deos , porque tenha necessidade de nós , senão porque nós temos necessidade de o servir a elle. 144.

*Sete*. Se em cinco filhos , dous são do sexo feminino , os cinco chamaõ-se se sete. 30.

*Silencio*. He tam grande tormento o callar , que calla até os offos. 75.

Melhor he emmudecer com certeza da morte , que pedir com interesse da vida. 80.

Fallar com escuta he mayor pena , que callar. 78. 79.

São mais excessivos os rigores do silencio , que os da morte. 76.

*Sinco*. Se em cinco filhos dous são do sexo feminino , os cinco chamaõ-se sete. 30.

*Sol*. Christo no dia da sua Resurreição foi o Sol , que amanheceo de madrugada. E em todas as circumstancias daquelle dia foi Sol. 165.

Osmoradores do Atlante amaldiçoão

- dição ão Sol , quando nasce , & quando se poem. 292.
- Soldados.* Se o Rey se despe para que os soldados tenhaõ que jugar ; quanto mais se deve despir , para que tenhaõ que comer. 41.
- Sombra.* Não ha luz tam illustre que nõ mundo não ande junta com as sombras. 279.
- Succesão.* Paz sem succesão he guerra. 197.
- A quem Deos dá succesão , não lhe resta mais que pedir ao mesmo Deos. 196.
- Successor.* Hum só succesor he estado perigoso , & não seguro. 26.

## T

- Te Deum.* **N**O *Te Deum laudamus* se daõ graças a Deos a dous coros : na terra os homens , no Ceo os Anjos. 183.
- E a este coro pertencem os Avõs , na alegria do nascimento dos Netos. Ibid.
- Temor.* Devem temer , & tremer da Resurreição de Christo , os q̃ o offendem ; mas não os que o buscão. 168.
- O melhor meyo de conservar a seguridade, he temela. 50.
- Para a conservação saõ mais seguras as raizes do temor , que as da esperanza. 44.
- Não ha cousa mais para temer nesta vida , que a certeza da resurreição. 166.
- Espera quem serve , teme quem ama. 44. 45.
- Tentação.* As mesmas tentações , que nos servem de ruina , nos podem servir de exemplo. 339.
- Terra.* Mayores movimétos causou na terra a Resurreição , que a morte de Christo. 162.
- Terra de Promissão.* A terra de Portugal he como a terra de Promissão nas influencias , & em gerar Gigantes : mas tambem na deshumanidade de comer seus habitadores. 288.
- Thubal.* O primeiro Portuguez Thubal quer dizer, *Mundanus* , ou *Orbis*. 187.
- Tobias.* A mulher de Job foi a segunda Eva , & a de Tobias a terceira. 124. 125. 126.
- Tochas.* Porque manda Christo que os servos do Euangelho estejaõ todos com as tochas acesas nas mãos ? 25.
- Remedio para sustentar as tochas apertar os cintos. 35.
- Tyranno.* O mayor tyranno do mundo he a vontade propria. E porque? 96.

## V

- Vassallo.* **P**orque não farão os vassallos pelo Rey, o que

- que o Rey faz pelos vassallos. *Vontade.* O Religioso em premio de se despir da propria vontade, a está sempre fazendo. 97.
41. *Vencer.* Nas guerras de Christo primeiro he o vencer, que o pelejar. 152.
- Ver.* Dar Deos hum filho varaõ a húa geraçõ esteril, he o olhar, & o ver de Deos. 33.
- Se no mundo não se fallasse; nem se visse, foraõ mais toleraveis as suas Cruzes. 91.
- O que vendo-se todo não pôde deixar de parecer bem; visto só por algum lado, pôde parecer mal. 316.
- Vida.* O Sacramento sempre, & para todos he vida, & para nenhum morte. 146.
- Mayor tormento he carecer da vida, que da vida. 82. 83. 84.
- Os homens, que são pays, tem duas vidas. 267.
- Vileza.* Não ha para o homem cousa mais vil, que o mesmo homem. 343.
- Vinho.* Em que se symboliza a mulher, & o vinho. 104.
- Ultimo.* Tem Deos por brazaõ, & honra de sua justiça fazer dos primeiros ultimos; & de sua grandeza, fazer dos ultimos primeiros. 135.
- O mayor tyranno do mundo he a propria vontade. 96.
- Mayor cativo he estar sujeito a vontade propria, que a alheia. 25.
- Mayor sacrificio he cativar o entendimento, que sujeitar a vontade. 86. 67.
- Todo o Religioso está livre da vontade humana; & porque? 97.
- Na Cruz da Religiaõ nem a vontade tem exercicio, nem o gosto tem uso; & Christo na sua Cruz, teve gosto: *Cum gustasset;* & teve vontade: *Non sinit habere.* 85.
- Voto.* O voto verdadeiro ha-se de fundar no que he, & no que ha. 155.

# Z

- Zelo.* O Verdadeiro zelo teme os perigos, & trata dos remedios. 46.
- O zelo pôde ser muito bom, & pôde enganar-se. 52.

FINIS.



**LISBOA,**

Na Officina de **MIGUEL DESLANDES,**

Impressor de Sua Magestade.

**M. DC. XCIX.**









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).